Os Tempos dos Gentios Reconsiderados

A Cronologia e a Volta de Cristo

Carl Olof Jonsson

A idéia de que os "tempos dos gentios" mencionados em Lucas 21:24 constituem um período de 2.520 anos, tem levado a especulação e desapontamento entre muitos que esperaram a volta de Cristo durante os últimos dois séculos. Como se originou e se desenvolveu esta crença? O que revelam os fatos históricos e bíblicos?

PRIMEIRA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

OS
TEMPOS DOS GENTIOS
RECONSIDERADOS

Carl Olof Jonsson

Primeira Edição em Português

Devido ao assunto tratado neste livro, os textos bíblicos são usualmente citados da *Tradução do Novo Mundo* (representada pela abreviatura *TNM*), que é publicada pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (dos EUA). As abreviaturas para outras versões bíblicas em português, citadas no texto principal ou nas notas de rodapé, são:

ALA	*Almeida Revista e Atualizada*
ALF	*Bíblia – Com Ajudas Adicionais – Alfalit*
ARC	*Almeida Revista e Corrigida*
BEG	*Bíblia de Estudo de Genebra*
BEP	*Bíblia Sagrada – Edição Pastoral*
BJE	*A Bíblia de Jerusalém*
BLH	*A Bíblia na Linguagem de Hoje*
BMD	*Bíblia Mensagem de Deus*
CBC	*Bíblia Sagrada - Centro Bíblico Católico*
NVI	*Nova Versão Internacional*
TEB	*Tradução Ecumênica – Edição Brasileira*
THO	*Bíblia de Referência Thompson*

OS TEMPOS DOS GENTIOS RECONSIDERADOS

Primeira Edição em Português – 2008

Baseada na Quarta Edição Revisada e Ampliada, em inglês.
© 2004 Commentary Press, Atlanta, Geórgia – EUA

Tradução: Miguel Servet Jr.
Revisão: Carlos M. Silva

Índice

	Prefácio à Quarta Edição em Inglês	v
	Introdução	1
1	A História de Uma Interpretação	27
2	Cronologia Bíblica e Secular	84
3	Os Períodos de Reinado dos Reis Neobabilônicos	103
4	A Cronologia Absoluta da Era Neobabilônica	180
5	Os Setenta Anos para Babilônia	226
6	Os "Sete Tempos" de Daniel 4	278
7	Tentativas de Neutralizar a Evidência	332
	Apêndice	
	Ao Capítulo 1	365
	Ao Capítulo 2	368
	Ao Capítulo 3	375
	Ao Capítulo 4	390
	Ao Capítulo 5	394
	Ao Capítulo 7	413
	Índice de Assuntos	446
	Referências Bíblicas	455

PREFÁCIO À QUARTA EDIÇÃO EM INGLÊS

A QUESTÃO dos "tempos dos gentios" é atualmente crucial para milhões de pessoas. Cristo usou essa frase em uma única ocasião, como parte da resposta à pergunta de seus discípulos sobre sua vinda futura e o fim dos tempos. Nos séculos que se seguiram, desenvolveram-se numerosas interpretações e aplicações cronológicas da expressão dele.

Ao passo que este livro apresenta uma visão notavelmente ampla do assunto, focaliza sobretudo uma interpretação proeminente, que num sentido bem real marca para milhões de Testemunhas de Jeová a época em que elas vivem, provê o que elas consideram como um poderoso critério para julgar o que constitui "as boas novas do Reino", as quais Cristo disse que seriam pregadas, e funciona para elas como um padrão para testar a validade da reivindicação de qualquer organização religiosa quanto a representar Cristo e os interesses de seu Reino. Um fato incomum é que a fundação desta interpretação é "emprestada", uma vez que, conforme o autor documenta, originou-se quase meio século antes de a própria organização religiosa delas começar a surgir no cenário mundial.

Raramente uma única data desempenhou um papel tão penetrante e definido na teologia de uma religião como a data focalizada por esta interpretação: a data 1914. Mas há uma data por trás desta, sem o apoio da qual 1914 perde todo o significado que lhe é atribuído. Essa data anterior é 607 A.E.C. e é na associação que a religião das Testemunhas faz dessa data com um evento específico — a destruição de Jerusalém por Babilônia — que está o ponto crucial da questão.

Aqueles dentre nós que participaram na edição desta obra e que, mais de trinta anos atrás, fazíamos parte do departamento de redação e editorial da sede internacional das Testemunhas de Jeová em Brooklyn, Nova Iorque, podemos recordar o efeito bem impactante que nos causou a chegada de um tratado sobre os "tempos dos gentios", da autoria de Carl Olof Jonsson, da Suécia, em agosto de 1977. Não só o volume da documentação, mas, principalmente o peso da evidência, deixou-nos um tanto desconcertados. Estávamos, com efeito, sem

saber o que fazer com relação ao material. Esse tratado tornou-se depois a base para o livro de Carl Olof Jonsson *Os Tempos dos Gentios Reconsiderados*, agora em sua quarta edição.

Quando lemos este livro hoje, tornamo-nos beneficiários de mais de três décadas de pesquisa profunda e cuidadosa. Não só a enorme quantidade de tempo, mas também os meios de acesso às fontes de informação que tornaram possível um estudo tão intensivo assim, são algo que muito poucos de nós teriam à disposição. O autor fez uso não só de instalações tais como o Museu Britânico, mas também manteve contato direto e teve a ajuda de membros de seu pessoal, bem como de assiriólogos de diversos países.

A pesquisa nos conduz a uns dois milênios e meio no passado. Muitos de nós podemos encarar aqueles tempos como "primitivos" e desta forma pode ser uma surpresa perceber como certos povos antigos eram avançados, os escritos deles não abrangendo simplesmente eventos históricos e dinastias monárquicas, mas lidando também com documentos comerciais datados, tais como livros-razões, contratos, inventários, escrituras de venda, notas promissórias, títulos, e itens semelhantes. Seu entendimento de astronomia, dos movimentos progressivos e cíclicos dos corpos lunares, planetários e estelares, numa época em que não existiam telescópios, é extraordinário. À luz da declaração de Gênesis, segundo a qual esses luminares celestes servem "para marcar os dias, os anos e as estações", isto assume real significado, particularmente em um estudo no qual a cronologia desempenha um papel central.[1] Com exceção dos relógios atômicos modernos, nada ultrapassa esses corpos celestes em precisão na medição do tempo.

Quanto à qualidade da pesquisa acerca do período neobabilônico, o professor de assiriologia Luigi Cagni escreve:

> Vez após vez durante minha leitura [do livro de Jonsson] fui sobrepujado por sentimentos de admiração e profunda satisfação pela maneira como o autor lida com argumentos relacionados com o campo da Assiriologia. Isto é especialmente verdadeiro no caso da abordagem dele sobre a astronomia de Babilônia (e do Egito) e sobre a informação cronológica encontrada em textos cuneiformes do primeiro milênio A.E.C., fontes que ocupam uma posição central na argumentação de Jonsson.
>
> ... A seriedade e o cuidado dele evidenciam-se em ter ele mantido contato freqüente com assiriólogos que têm competência especial nos campos da

[1] Gênesis 1:14, *BLH.*

astronomia e cronologia babilônicas, tais como os professores H. Hunger, A. J. Sachs, D. J. Wiseman, Sr. C. B. F. Walker do Museu Britânico e outros.

Com respeito ao campo com que sou mais particularmente familiarizado, ou seja, os textos econômico-administrativos dos períodos neobabilônico e aquemênida, posso dizer que Jonsson os avaliou mui corretamente. Eu o testei durante a leitura do livro. Quando terminei a leitura, tive de admitir que ele passou magnificamente no teste.[2]

Os leitores da primeira ou segunda edição deste livro encontrarão aqui muitas novidades. Seções inteiras, incluindo alguns capítulos novos, foram acrescentadas. Contribui para a legibilidade do livro a inclusão de cerca de trinta ilustrações, incluindo cartas e outros documentos. Muitas das ilustrações são raras e sem dúvida serão novas para a maioria dos leitores.

A pesquisa original por trás do livro colocou inevitavelmente o autor em curso de colisão com a organização Torre de Vigia e — como era de se esperar — levou à sua excomunhão como "apóstata" ou herege em julho de 1982. Esta história dramática, não contada nas primeiras duas edições, é apresentada agora na seção da Introdução intitulada "A expulsão".

A abordagem sobre a cronologia do período neobabilônico foi grandemente ampliada. As sete linhas de evidência contra a data de 607 A.E.C., apresentadas nas duas primeiras edições, foram desde então mais que duplicadas. A evidência dos textos astronômicos forma um capítulo à parte. O conjunto da evidência apresentada nos Capítulos 3 e 4 é realmente enorme e revela um desacordo com a cronologia da Torre de Vigia para este período antigo, refutando-a de maneira incontestável.

Apesar da riqueza de informação de fontes seculares antigas, este livro permanece primariamente bíblico. No capítulo "Cronologia Bíblica e Secular" esclarece-se um mal-entendido comum e grave acerca de como chegamos a uma "cronologia bíblica", assim como também a idéia errônea de que a rejeição da data 607 A.E.C. da Torre

[2] Trecho do prefácio à edição italiana de *Os Tempos dos Gentios Reconsiderados*, por Luigi Cagni, professor de assiriologia na Universidade de Nápoles, Itália. O Professor Cagni era, entre outras coisas, um dos principais peritos nas tabuinhas de Ebla, os cerca de 16.000 textos cuneiformes que foram escavados desde 1975 no palácio real da antiga cidade de Ebla (nome árabe atual: *Tell Mardikh*), na Síria. Luigi Cagni morreu em janeiro de 1998.

de Vigia significa colocar a cronologia secular acima dessa "cronologia bíblica".

Estamos confiantes que a leitura deste livro sem igual ajudará muitos a adquirir um conhecimento mais preciso do passado e também uma perspectiva mais esclarecida em relação ao próprio tempo em que vivem, além de uma incrementada apreciação da confiabilidade e historicidade das Escrituras.

Os Editores.

O MUNDO ANTIGO: MESOPOTÂMIA

FONTE: *BEG* – Apêndice, Mapa 6 (Adaptado)
Sociedades Bíblicas Unidas, 1995

OS TEMPOS DOS GENTIOS RECONSIDERADOS

INTRODUÇÃO

O DESENGANADOR e por vezes dramático processo que levou à decisão de publicar este tratado poderia encher um livro inteiro. Todavia, por uma questão de espaço, esse contexto só pode ser abordado aqui brevemente.

As Testemunhas de Jeová são instruídas a depositar grande confiança na Sociedade Torre de Vigia[*] e sua liderança. Todavia, perto do fim de meus vinte e seis anos como Testemunha de Jeová ativa, os sinais indicativos de que essa confiança era enganosa tinham se acumulado. Até o final eu tinha esperado que os líderes da organização encarassem honestamente os fatos referentes à sua cronologia, ainda que esses fatos se provassem fatais para algumas das doutrinas centrais e alegações típicas de sua organização. Mas quando finalmente me dei conta de que os líderes da Sociedade — evidentemente por motivo de política organizacional ou "eclesiástica" — estavam determinados a perpetuar o que, em última análise, equivale a uma fraude contra milhões de pessoas, fazendo isto por suprimir informação que eles consideraram e continuam a considerar indesejável, parecia-me não haver outra saída a não ser publicar minhas descobertas, dando assim a todo indivíduo que se preocupa com a verdade uma oportunidade de examinar a evidência e tirar suas próprias conclusões.

Cada um de nós é responsável pelo que sabe. Se alguém tem disponível informação que outros precisam para chegar a uma correta compreensão de sua situação na vida — *informação que é, além disso, sonegada de tais pessoas pelos seus líderes religiosos* — então seria moralmente errado permanecer em silêncio. Torna-se obrigação desta

[*] ***NOTA DO TRADUTOR***: No Brasil, por questões legais, o nome da entidade jurídica é "Associação das Testemunhas Cristãs de Jeová" (ATCJ). As menções que este livro faz à "Sociedade Torre de Vigia" referem-se primariamente à organização matriz, em Nova Iorque, EUA.

pessoa disponibilizar tal informação para todos os que querem saber a verdade, por mais dolorosa que esta possa ser. Essa é a razão da publicação deste livro.

O papel da cronologia no ensino da Sociedade Torre de Vigia

Poucos estão plenamente cientes do papel bem central que a cronologia desempenha nas alegações e ensinos da Sociedade Torre de Vigia. Mesmo muitas das Testemunhas de Jeová não estão completamente apercebidas da conexão indissolúvel entre a cronologia da Sociedade e a mensagem que elas pregam de porta em porta. Ao serem confrontadas com as muitas evidências contra sua cronologia, algumas Testemunhas de Jeová tendem a subestimar isto como algo que elas podem de qualquer maneira dispensar. "Afinal de contas, cronologia não é tão importante assim", dizem elas. Muitas Testemunhas prefeririam nem mesmo discutir o assunto. Então, quão importante é, exatamente, a cronologia para a organização Torre de Vigia?

Um exame da evidência demonstra que *ela constitui o próprio fundamento para as reivindicações e mensagem deste movimento religioso*.

A Sociedade Torre de Vigia alega ser o "canal exclusivo" e "porta-voz" de Deus na terra. Resumindo seus ensinos mais distintivos: Ela afirma que o reino de Deus foi estabelecido no céu em 1914, que os "últimos dias" começaram naquele ano, que Cristo retornou invisivelmente naquele momento para "inspecionar" as denominações cristãs, e que ele por fim rejeitou todas, exceto a Sociedade Torre de Vigia e seus associados, a quem designou em 1919 como seu único "instrumento" na terra.

Por aproximadamente setenta anos, a Sociedade usou as palavras de Jesus em Mateus 24:34 sobre "esta geração" para ensinar claramente e de modo inflexível que a geração de 1914 não passaria de modo algum até que viesse o fim completo na "batalha do Armagedom", quando todos os humanos vivos, exceto os membros ativos da organização Torre de Vigia, seriam destruídos para sempre. Milhares de Testemunhas de Jeová da "geração de 1914" tinham plena esperança de estarem vivas para ver e sobreviver a esse dia do juízo final e então viverem para sempre no paraíso na terra.

1914 – a geração que não passaria

Conforme as décadas passavam, deixando 1914 cada vez mais distante no passado, esta afirmação foi se tornando mais difícil de defender. Passados *80 anos*, a afirmação tornou-se praticamente absurda. Assim, na edição de 1º de novembro de 1995 da *Sentinela* (páginas 10 a 21), adotou-se uma nova definição da frase "esta geração", definição esta

que permitiu à organização "desligá-la" da data de 1914 *como ponto de partida*. Apesar desta mudança monumental, eles ainda retiveram a data 1914 — na realidade eles *não puderam agir de outro modo* sem desmontar seus principais ensinos referentes à "segunda presença" de Cristo, o início do "tempo do fim", e a designação de sua organização como o único instrumento de Cristo e canal exclusivo de Deus na terra. Embora reconheçam agora que "esta geração" se define por suas *características* em vez de por um período cronológico (com ponto de partida específico), eles ainda encontraram uma maneira de inserir 1914 em sua nova definição. Fizeram isto por incluir na definição um fator acrescentado arbitrariamente, a saber, que a "geração" é composta por "aquelas pessoas que vêem o sinal da presença de Cristo, mas que não se corrigem", resultando na sua destruição. Como o ensino oficial continua a ser que o "sinal da presença de Cristo" tornou-se visível *a partir de e após 1914*, isto permite que essa data continue como parte essencial da definição de "esta geração".

Assim, todos estes fatores confirmam o papel altamente crucial que 1914 desempenha no ensino da Sociedade Torre de Vigia. Uma vez que, como é óbvio, a própria data não consta na Bíblia, qual é a origem dela?

Essa data é o resultado de um cálculo cronológico, segundo o qual os chamados "tempos dos gentios", mencionados por Jesus em Lucas 21:24, constituem um período de 2.520 anos, que teve início em 607 A.E.C. e terminou em 1914 E.C.[1] *Este cálculo é a verdadeira base da mensagem principal da religião*. Afirma-se que até mesmo o evangelho cristão, as "boas novas" do reino (Mateus 24:14) está fortemente associado com esta cronologia. Portanto, o evangelho pregado por outros professos cristãos nunca foi o *verdadeiro evangelho*. *A Sentinela* de 1º de novembro de 1981 disse na página 17:

> Compare a pessoa sincera a espécie de pregação do evangelho do Reino feita pelos sistemas religiosos da cristandade, durante todos os séculos, com a

[1] As designações "A.E.C." (Antes da Era Comum) e "E.C." (Era Comum) costumeiramente usadas pelas Testemunhas de Jeová, correspondem a "A.C." e "A.D." São freqüentemente usadas em literatura acadêmica, especialmente por autores judaicos, e foram adotadas pela Sociedade Torre de Vigia, conforme será visto nas citações das publicações da Torre de Vigia subseqüentes. A bem da consistência, estas designações, A.E.C. e E.C., são geralmente usadas neste livro, exceto nos casos em que se *cita* matéria que usa as designações A.C. e A.D.

> feita pelas Testemunhas de Jeová desde o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918. Não são iguais. A das Testemunhas de Jeová é realmente "evangelho", ou "boas novas", *sobre o reino celestial de Deus, estabelecido pela entronização de seu Filho, Jesus Cristo, no fim dos Tempos dos Gentios em 1914*. [o itálico é meu.]

De acordo com isto, *A Sentinela* de 1º de novembro de 1982, disse que "dentre todas as religiões do mundo, as Testemunhas de Jeová são os únicos hoje que proclamam às pessoas estas 'boas novas'." (Página 10) Qualquer Testemunha de Jeová que tente subestimar o papel da cronologia no ensino da Sociedade, simplesmente não percebe que está minando radicalmente a principal mensagem da religião. Essa "subestimação" não é aprovada pela liderança da Torre de Vigia. Pelo contrário, *A Sentinela* de 1º de abril de 1983, páginas 11 e 12, enfatizou que "o fim dos Tempos dos Gentios, na última metade de 1914, ergue-se ainda corretamente numa base histórica como *uma das verdades fundamentais do Reino à qual nos* ***temos*** *de apegar hoje."*[2]

A dura verdade é que a Sociedade Torre de Vigia encara a rejeição da cronologia que aponta para 1914 como um pecado que tem conseqüências fatais. Afirma-se que o estabelecimento do reino de Deus no fim dos "tempos dos gentios" é "o mais importante evento de nossos tempos", diante do qual "todos os demais eventos perdem a importância."[3] Aqueles que rejeitam o cálculo incorrem na ira de Deus. Entre estes, estão "os clérigos da cristandade" e seus membros que, por não endossarem essa data, são acusados de terem rejeitado o reino de Deus e por isso "serão destruídos na iminente "grande tribulação."[4] Membros das Testemunhas de Jeová que questionem ou rejeitem abertamente o cálculo, correm o risco de serem tratados de maneira muito severa. Se não se arrependerem e não mudarem de idéia, serão desassociados e classificados como "apóstatas" iníquos, que "vão, ao

---

[2] Itálico e ênfase acrescentados. O ex-presidente da Sociedade Torre de Vigia, Frederick W. Franz, na consideração matinal da Bíblia com a família da sede, em 17 de novembro de 1979, afirmou de modo ainda mais enérgico a importância da data 1914, dizendo: "O único propósito da nossa existência como Sociedade é anunciar o Reino estabelecido em 1914 e soar o aviso da queda de Babilônia, a Grande. Temos uma mensagem *especial* a transmitir." (*Em Busca da Liberdade Cristã*, Raymond Franz, Atlanta: Commentary Press, 1991, págs. 32 e 33, em inglês).

[3] *A Sentinela* de 1º de janeiro de 1988, págs. 10 e 11.

[4] *A Sentinela* de 1º de setembro de 1985, págs. 18 e 19.

morrerem, . . . para a Geena", sem qualquer esperança de uma ressurreição futura.[5] Não faz qualquer diferença se estas pessoas continuam a acreditar em Deus, na Bíblia e em Jesus Cristo. Quando um dos leitores de *A Sentinela* escreveu e perguntou, "Por que desassociaram (excomungaram) as Testemunhas de Jeová por apostasia a alguns que ainda professam crer em Deus, na Bíblia e em Jesus Cristo?", a Sociedade respondeu, entre outras coisas:

> A associação aprovada com as Testemunhas de Jeová requer a aceitação de toda a série dos verdadeiros ensinos da Bíblia, inclusive as crenças bíblicas singulares das Testemunhas de Jeová. O que incluem tais crenças? . . . *Que 1914 marcou o fim dos Tempos dos Gentios e o estabelecimento do Reino de Deus nos céus, bem como o tempo da predita presença de Cristo.* [o itálico é meu][6]

Portanto, nenhuma pessoa que rejeita o cálculo segundo o qual os "tempos dos gentios" terminaram em 1914 é aprovada pela Sociedade como uma das Testemunhas de Jeová. Aliás, mesmo aquele que abandona *secretamente* a cronologia da Sociedade e possa ainda ser *oficialmente* considerado como uma das Testemunhas de Jeová, na realidade já rejeitou a mensagem essencial da Sociedade Torre de Vigia e, segundo o próprio critério da organização, não faz mais realmente parte do movimento.

Como começou esta pesquisa

Não é, pois, tarefa fácil uma Testemunha de Jeová questionar a validade deste cálculo profético básico. Para muitos crentes, principalmente num sistema religioso fechado como a organização

---

[5] *A Sentinela* de 1º de outubro de 1982, pág. 27. Em *A Sentinela* de 15 de julho de 1992, página 12, tais dissidentes são descritos como "inimigos de Deus" que "odeiam Jeová intensamente". Portanto, as Testemunhas são incentivadas a "odiar" essas pessoas "com ódio consumado." Esta exortação foi repetida em *A Sentinela* de 1º de outubro de 1993, página 19, onde se afirma que "o mal está tão entranhado" nos "apóstatas" que "se tornou parte inseparável da sua constituição." Chegou-se a dizer às Testemunhas para pedirem que Deus os mate, em imitação ao salmista Davi, que orou acerca dos seus inimigos: "Oh! que tu, ó Deus, matasses ao iníquo." Desta maneira as Testemunhas "deixam que Jeová execute a vingança." Esses ataques rancorosos a ex-membros da organização refletem uma atitude que é diametralmente oposta àquela recomendada por Jesus em seu Sermão do Monte. — Mateus 5:43-48.

[6] *A Sentinela* de 1º de abril de 1986, págs. 30 e 31.

Torre de Vigia, o sistema doutrinal funciona como uma espécie de "fortaleza" dentro da qual eles podem procurar abrigo, sob a forma de segurança espiritual e emocional. Se qualquer parte dessa estrutura doutrinal é questionada, tais crentes tendem a reagir emocionalmente; adotam uma postura defensiva, sentindo que sua "fortaleza" está sob ataque e que sua segurança está ameaçada. Este mecanismo de defesa torna muito difícil para eles escutarem e examinarem *objetivamente* os argumentos relacionados ao assunto. Inconscientemente, sua necessidade de segurança emocional tornou-se mais importante para eles do que seu respeito pela verdade.

É extremamente difícil contornar esta atitude defensiva, tão comum entre as Testemunhas de Jeová, e encontrar mentes abertas e dispostas a escutar — ainda mais quando uma doutrina tão básica como a cronologia dos "tempos dos gentios" está sendo questionada. Pois esse questionamento abala as próprias fundações do sistema doutrinal das Testemunhas e freqüentemente faz com que Testemunhas de todos os níveis se tornem beligerantemente defensivas. Eu experimentei repetidamente essas reações desde 1977, quando apresentei pela primeira vez a informação contida neste livro ao Corpo Governante das Testemunhas de Jeová.

Este estudo começou em 1968. Na época eu era um "pioneiro" ou evangelista em tempo integral para as Testemunhas de Jeová. No decorrer de meu ministério, um homem a quem eu estava dirigindo um estudo bíblico desafiou-me a comprovar a data que a Sociedade Torre de Vigia tinha escolhido para a desolação de Jerusalém pelos babilônios, a saber, 607 A.E.C. Ele indicou que todos os historiadores assinalavam esse evento como tendo ocorrido cerca de vinte anos depois, em 587 ou 586 A.E.C. Eu estava bem ciente disto, mas o homem queria saber as razões porque os historiadores preferiam esta última data. Eu disse que a datação deles com certeza não passava de uma suposição, baseada em fontes e registros antigos que eram deficientes. Assim como outras Testemunhas, eu presumia que a datação que a Sociedade faz da destruição de Jerusalém em 607 A.E.C. era baseada na Bíblia e, portanto, não podia ser contradita por aquelas fontes seculares. Contudo, prometi ao homem que verificaria o assunto.

Em resultado disso, empreendi uma pesquisa que acabou sendo muito mais extensa e minuciosa do que eu esperava. Ela continuou

periodicamente por vários anos, desde 1968 até o fim de 1975. Nessa ocasião, o crescente peso da evidência contra a data 607 A.E.C. forçara-me a concluir, relutantemente, que a Sociedade Torre de Vigia estava errada.

Mais tarde, por algum tempo após 1975, discuti a evidência com alguns amigos chegados, também dados à pesquisa. Como nenhum deles conseguiu refutar a evidência demonstrada pela informação que eu reunira, decidi desenvolver um tratado elaborado sistematicamente sobre toda esta questão, para enviar à sede da Sociedade Torre de Vigia, em Brooklyn, Nova Iorque.

O tratado foi preparado e enviado para o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová em 1977. Este livro, que é baseado naquele documento, foi revisado e ampliado durante o ano de 1981 e depois foi publicado numa primeira edição em 1983. Ao longo dos anos que se passaram desde 1983, foram feitas muitas novas descobertas e observações relevantes para o assunto, e as mais importantes dentre elas foram incorporadas nas duas últimas edições. Por exemplo, as sete linhas de evidência contra a data 607 A.E.C., apresentadas na primeira edição, foram agora mais que duplicadas.

Correspondência com a sede da Torre de Vigia

Em 1977 comecei a corresponder-me com o Corpo Governante a respeito da minha pesquisa. Logo se tornou muito evidente que eles não conseguiam refutar a evidência apresentada. Na verdade, eles nem sequer fizeram qualquer tentativa nesse sentido até 28 de fevereiro de 1980. Enquanto isso, porém, fui avisado repetidamente para não revelar minhas descobertas a outros. Por exemplo, numa carta do Corpo Governante, datada de 17 de janeiro de 1978, foi-me dado o seguinte aviso:

> Contudo, não importa quão forte possa ser a argumentação em apoio desses pontos de vista, eles devem, por enquanto, ser encarados como sua opinião. Não é algo sobre o qual o irmão deva falar ou tentar divulgar entre outros membros da congregação.[7]

[7] Nunca se dão os nomes dos autores das cartas escritas pela Sociedade Torre de Vigia. Em vez disso, usam-se símbolos internos. O símbolo "GEA", no canto superior esquerdo desta carta, mostra que o autor foi Lloyd Barry, um dos membros do Corpo Governante.

Em adição, numa carta datada de 15 de maio de 1980, eles disseram:

> Temos certeza que o irmão compreende que não seria apropriado da sua parte começar a divulgar os seus pontos de vista e conclusões sobre cronologia que sejam diferentes daqueles publicados pela Sociedade, de modo a causar sérias questões e problemas entre os irmãos.[8]

Eu aceitei esse conselho, pois a impressão que me deram foi que os meus irmãos espirituais na sede da Torre de Vigia precisavam de tempo para reexaminar todo o assunto de maneira abrangente. Na primeira resposta ao meu tratado, datada de 19 de agosto de 1977, eles declararam: "Lamentamos que o volume de trabalho aqui não nos tenha permitido até agora dar a ele [ao tratado] a atenção que gostaríamos." E na carta de 17 de janeiro de 1978, escreveram:

> Ainda não tivemos a oportunidade de examinar este material, pois outros assuntos urgentes estão ocupando nossa atenção. Contudo, analisaremos este material quando tivermos a oportunidade.... Pode ter certeza de que seus pontos de vista serão examinados por irmãos responsáveis.... Na ocasião apropriada esperamos analisar o seu tratado e avaliar o que está contido nele.

A julgar por estas declarações e outras similares, os representantes da Torre de Vigia na sede de Brooklyn pareciam dispostos a examinar de modo honesto e objetivo a informação apresentada a eles. Todavia, em muito pouco tempo a questão tomou um rumo bem diferente.

Interrogatório e difamação

No início de agosto de 1978, Albert D. Schroeder, um membro do Corpo Governante, teve uma reunião na Europa com representantes dos escritórios das filiais européias da Torre de Vigia. Nessa reunião, ele disse à assistência que havia uma campanha em andamento, tanto dentro da organização como fora dela, para derrubar a cronologia da

[8] O símbolo "EF" mostra que o escritor desta carta foi Fred Rusk, do Departamento de Redação. Para ler a correspondência completa veja: http://user.tninet.se/~oof408u/fkf/english/corr.htm

TELEPHONE (212) 625-1640

WATCH TOWER
BIBLE AND TRACT SOCIETY
OF PENNSYLVANIA

CABLE WATCHTOWER

124 COLUMBIA HEIGHTS, BROOKLYN, NEW YORK 11201, U.S.A.

GEA:ESB January 17, 1978

Carl Olof Jonsson
Hjeltegatan 14
S-662 00 AMAL
Sweden

Dear Brother Jonsson:

To hand is your letter of December 12, 1977, and also the treatise that you have prepared entitled "The Gentile Times Reconsidered."

We have not had the opportunity of examining this material as yet, as other urgent matters are occupying our attention. However, we will look into this material when we have the opportunity.

We appreciate your sincerity in wanting to set forth your views. However, no matter how strong the argumentation may be in support of these views, they must, for the present, be regarded as your personal viewpoint. It is not something that you should talk about or try to advance among other members of the congregation. We mention this because you state in your letter that several brothers have examined your treatise and that "we are all eagerly looking forward to your comments."

As you can appreciate, what you state in your treatise amounts to a radical departure from the present understanding of chronology by Jehovah's Witnesses. We are sure that you can appreciate that if changes of importance are made they should be made in an orderly way, even as was the case in the first century, with central direction being given. (Acts 15:1, 2) We are also sure that you appreciate that for individuals to advance and advocate such changes would have, not a unifying effect, but a divisive one producing confusion. We mention this to you in view of the fact that the treatise you sent contains a statement on the front page describing it as "prepared by Jehovah's Witnesses, for Jehovah's Witnesses." To say that something is "prepared by Jehovah's Witnesses" implies that it has the sanction of Jehovah's Witnesses as a body, and we are sure you realize that this is not the case with the treatise at hand. This could give a false impression and we are confident that this is not your desire. You can be assured that your views will be examined by responsible brothers, and that if doctrinal change should be made at some time it will come through the proper channels. This is important in preserving the unity of Jehovah's organization.

It is hoped that you will observe the counsel supplied above. In due course we hope to look into your treatise and evaluate what is contained therein.

Please be assured of our warm love and best wishes.

Your brothers,

Watch Tower B. & T. Society
OF PENNSYLVANIA
For the Writing Committee
of the Governing Body

TRADUÇÃO DA CARTA:

Prezado Irmão Jonsson:

Temos em mãos sua carta de 12 de dezembro de 1977, e também o tratado que preparou, intitulado "Os Tempos dos Gentios Reconsiderados."

Ainda não tivemos a oportunidade de examinar este material, pois outros assuntos urgentes estão ocupando nossa atenção. Contudo, analisaremos este material quando tivermos a oportunidade.

Apreciamos sua sinceridade em querer definir seus pontos de vista. Contudo, não importa quão forte possa ser a argumentação em apoio destes pontos de vista, eles devem, por enquanto, ser encarados como sua opinião. Não é algo sobre o qual o irmão deva falar ou tentar divulgar entre outros membros da congregação. Mencionamos isto porque o irmão diz em sua carta que vários irmãos examinaram o seu tratado e que "todos aguardamos ansiosamente vossos comentários."

Conforme pode reconhecer, o que o irmão declara no seu tratado equivale a um abandono radical do entendimento atual que as Testemunhas de Jeová têm da cronologia. Temos certeza de que compreende que se forem feitas mudanças importantes, deveriam sê-lo de modo ordeiro, exatamente como foi o caso no primeiro século, com orientação proveniente de uma fonte central. (Atos 15:1, 2) Temos também certeza de que compreende que indivíduos promoverem e advogarem essas mudanças teria, não um efeito unificador, e sim divisório, que produziria confusão. Mencionamos-lhe isto pelo fato de o tratado que o irmão enviou conter uma declaração na primeira página descrevendo-o como "preparado por Testemunhas de Jeová, para Testemunhas de Jeová." Dizer que algo é "preparado por Testemunhas de Jeová" significa que tem a aprovação das Testemunhas de Jeová como um corpo, e temos certeza de que o irmão percebe que este não é o caso do tratado em questão. Isto poderia dar uma falsa impressão e estamos seguros de que este não é o seu desejo. Pode ter certeza de que seus pontos de vista serão examinados por irmãos responsáveis e que se em algum momento tiver de ser feita uma mudança doutrinal, ela virá através dos canais apropriados. Isto é importante para preservar a unidade da organização de Jeová.

Esperamos que o irmão acate o conselho dado acima. Na ocasião apropriada, esperamos analisar o seu tratado e avaliar o que está contido nele.

Enviamos-lhe o nosso amor caloroso e os melhores cumprimentos.

Seus irmãos,

Sociedade Torre de Vigia de
Bíblias & Tratados da Pensilvânia
Comissão de Redação do Corpo Governante

Sociedade a respeito de 607 A.E.C. — 1914 E.C.[9] *No entanto, a Sociedade não tem qualquer intenção de abandoná-la*, disse ele.

Três semanas depois, em 2 de setembro, fui convocado para uma audiência perante dois representantes da Sociedade Torre de Vigia na Suécia, Rolf Svensson, um dos dois superintendentes de distrito do país, e Hasse Hulth, um superintendente de circuito. Disseram-me que tinham sido encarregados pelo escritório da filial da Sociedade de fazer essa audiência porque "os irmãos" na sede de Brooklyn estavam profundamente preocupados com o meu tratado. Mais uma vez, fui avisado que eu não deveria divulgar a informação que tinha reunido. Rolf Svensson também me disse que a Sociedade não precisava nem queria que Testemunhas de Jeová individuais se envolvessem em pesquisas deste tipo.

Em parte devido a esta reunião, renunciei à minha posição como ancião na congregação local das Testemunhas de Jeová e também a todas as minhas outras tarefas e designações na congregação e no circuito. Fiz isto na forma de uma longa carta, dirigida ao corpo local de anciãos e ao superintendente de circuito, Hasse Hulth, na qual expliquei resumidamente os motivos para a posição que tomei. Logo se tornou amplamente conhecido entre meus irmãos Testemunhas em várias partes da Suécia que eu tinha rejeitado a cronologia da Sociedade.

Nos meses seguintes, eu e outros que tínhamos questionado a cronologia começamos a ser condenados em particular, bem como das tribunas dos Salões do Reino (locais de reuniões congregacionais) e em assembléias ou convenções das Testemunhas. Fomos caracterizados publicamente nos termos mais depreciativos, como "rebeldes", "presunçosos", "falsos profetas", "pequenos profetas que criaram sua própria cronologiazinha" e "hereges". Fomos chamados de "elementos perigosos nas congregações", "escravos maus", "blasfemadores", bem como "imorais, que são contra a lei". Em

[9] Além do meu tratado, que veio de dentro da organização, Schroeder poderia estar pensando em duas publicações (ambas em inglês), escritas por pessoas que não eram Testemunhas e que atacavam a cronologia da Sociedade: *As Testemunhas de Jeová e a Especulação Profética*, de Edmund C. Gruss (Nutley, N.J.: Cia. Publicadora Presbiteriana e Reformada, 1972), e *1914 e a Segunda Vinda de Cristo*, de William MacCarty (Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1975).

particular, alguns dos nossos irmãos Testemunhas, incluindo vários representantes viajantes da Sociedade Torre de Vigia, também insinuaram que estávamos "possuídos por demônios", que tínhamos "inundado a Sociedade com críticas" e que "já deveríamos ter sido desassociados há muito tempo". Estes são apenas alguns exemplos da ampla difamação que tem continuado desde então, embora nunca tenham sido mencionados publicamente nossos nomes, por motivos legais óbvios.

Que essa óbvia difamação não era somente uma ocorrência local, mas tinha a aprovação do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová, torna-se evidente pelo fato de que declarações similares foram impressas na revista *A Sentinela*.[10]

Esta descrição da situação que se desenvolveu não foi feita com o objetivo de criticar as Testemunhas de Jeová como indivíduos. Estas pessoas normalmente são gentis e sinceras nas suas crenças. Em vez disso, a descrição foi feita para ilustrar quão fácil é um indivíduo cair involuntariamente vítima das reações psicológicas irracionais, descritas anteriormente nesta introdução. Numa carta para Albert Schroeder, datada de 6 de dezembro de 1978, descrevi o novo rumo dos eventos, chamando atenção para o triste fato de que embora meu tratado tenha sido elaborado com a maior ponderação e enviado à Sociedade com

[10] Abandonar o cálculo 607 A.E.C. - 1914 E.C. significa abandonar também aquelas interpretações baseadas nele, como a idéia de que o reino de Deus foi estabelecido em 1914 e que a "presença invisível" de Cristo começou naquele ano. Com respeito às Testemunhas de Jeová que não podem aceitar tais idéias, *A Sentinela* de 1º de março de 1980 declarou na página 13: "Pessoas *que são contra a lei* até mesmo têm tentado penetrar na verdadeira congregação cristã, argumentando que a 'prometida presença' do Senhor não ocorrerá nos dias atuais . . . Os desta espécie estão incluídos no aviso de Jesus, registrado em Mateus 7:15-23: "Vigiai-vos dos *falsos profetas* que se chegam a vós em pele de ovelha, mas que por dentro são lobos vorazes. . . . [Naqueles dias] eu lhes confessarei então: Nunca vos conheci! Afastai-vos de mim, vós *obreiros do que é contra a lei*.". Em adição, *A Sentinela* de 1º de fevereiro de 1981 disse na página 19: "Pedro estava também falando sobre o perigo de se ser 'desviado' por alguns dentro da congregação cristã, que se tornariam '*ridicularizadores*', fazendo pouco do cumprimento das profecias a respeito da 'presença' de Cristo e adotando uma atitude *desafiadora da lei* para com o 'escravo fiel e discreto', o Corpo Governante da congregação cristã e os anciãos designados." [Os itálicos são meus.] Veja também o parágrafo 11 na mesma página e o parágrafo 14 na página 20 da mesma edição da revista.

toda a sinceridade, eu me tornara vítima de calúnia, difamação e atentado moral:

> Quão trágico é, pois, observar o desenvolvimento de uma situação na qual a atenção é desviada da questão levantada — a validade da data 607 A.E.C. — e dirigida para a pessoa que a levantou, e *ela* — não a questão — ser encarada como o problema! Como é possível que uma situação como essa se tenha desenvolvido em nossa organização?

A resposta a esta pergunta, à qual a Sociedade nunca respondeu oficialmente, encontra-se no mecanismo psicológico de defesa descrito pelo Dr. H. Dale Baumbach:

> Indivíduos inseguros, quando confrontados com um problema que expõe sua insegurança, respondem instintivamente tentando destruir aquilo que atinge sua insegurança ou banindo o problema para o recôndito da mente.[11]

Espera-se que a consciência deste mecanismo de defesa ajude aqueles leitores que estão associados com as Testemunhas de Jeová a examinar a evidência apresentada neste trabalho com a devida consideração e mente aberta.

Posteriormente, a Sociedade Torre de Vigia tentou refutar a evidência contra a data 607 A.E.C., mas isto só foi feito depois de um representante especial do Corpo Governante na Suécia ter escrito à Sociedade pedindo-lhes que providenciassem uma resposta *ao conteúdo* do tratado que lhes fora enviado, dizendo-lhes que o autor ainda estava à espera de uma resposta. Este representante era o coordenador da obra da Sociedade na Suécia, Bengt Hanson.

Hanson veio me visitar em 11 de dezembro de 1979, para discutir a situação que se havia desenvolvido. Durante a nossa conversa, ele pôde perceber que era a *evidência* contra a data 607 A.E.C. que eu tinha apresentado à Sociedade — não eu, meus motivos ou atitude — que constituía a verdadeira questão. Se a evidência contra a data 607

---

[11] *Spectrum*, Vol. 11, Nº. 4, 1981, pág. 63, em inglês. (Este periódico foi publicado pelas Associações de Fóruns Adventistas, Box 4330, Takoma Park, Maryland, EUA) A revista *Despertai!* de 22 de março de 1985 explicou de forma similar que esse comportamento é sinal de "uma mente fechada", dizendo: "Para exemplificar, se não pudermos defender nossos conceitos religiosos, talvez verifiquemos que atacamos implacavelmente os que questionam nossas crenças, não com argumentos lógicos, mas com termos depreciativos ou com insinuações. Isto sabe a preconceito e a uma mente fechada." (Página 4; compare também com a *Despertai!* de 22 de maio de 1990, pág. 12.)

A.E.C. era *válida*, então isto era um problema que devia ser de igual preocupação para qualquer Testemunha na organização. Em tais circunstâncias, minha atitude pessoal e motivos eram tão irrelevantes como os de outras Testemunhas.

Em resultado disto, no início de 1980 Hanson escreveu uma carta ao Corpo Governante, explicando a situação, dizendo-lhes que eu ainda estava esperando uma resposta para a evidência que reunira contra a cronologia deles. E assim, finalmente, quase três anos depois de eu ter enviado a eles o material da pesquisa, numa carta datada de 28 de fevereiro de 1980, foi feita uma tentativa de atacar *a questão*, em vez de *o questionador*.

Todavia, grande parte da argumentação apresentada limitou-se a uma repetição de argumentos anteriores, encontrados em vários lugares na literatura da Sociedade Torre de Vigia, *argumentos esses que já tinham sido demonstrados como insatisfatórios no tratado*. Em uma carta datada de 31 de março de 1980, respondi aos argumentos deles e acrescentei duas novas linhas de evidência contra a data 607 A.E.C. Assim, a Sociedade não só falhou em defender eficazmente sua posição, como também a evidência contra ela tornou-se consideravelmente mais forte.

A Sociedade não fez qualquer tentativa adicional de lidar de modo abrangente com o assunto até o verão setentrional de 1981, quando apareceu uma pequena discussão sobre ele no "Apêndice" do livro *"Venha o Teu Reino"* (páginas 186-190). Esta última discussão não acrescentou qualquer novidade aos argumentos anteriores e, para qualquer um que tenha estudado cuidadosamente o assunto da cronologia antiga, parece ser nada mais que uma débil tentativa de manter uma posição insustentável por esconder fatos. Isto é claramente demonstrado no último capítulo deste livro, intitulado "Tentativas de Neutralizar a Evidência". O conteúdo do "Apêndice" da Sociedade Torre de Vigia, porém, convenceu-me finalmente de que *os líderes desta organização evidentemente não estavam dispostos a deixar os fatos interferirem em doutrinas fundamentais e tradicionais*.

"Esperando em Jeová"

Deve-se notar que enquanto os representantes da Sociedade sentem-se perfeitamente à vontade para publicar qualquer argumento *favorável* à sua cronologia, eles têm ido a grandes extremos para tentar manter as

Testemunhas de Jeová em grande ignorância quanto ao peso enorme da evidência *contrária a ela*. Desse modo eles não só me avisaram repetidamente para não compartilhar com outros a minha evidência contra a data 607 A.E.C., como também apoiaram a ampla difamação de toda e qualquer Testemunha de Jeová que tenha questionado a cronologia da organização. Esta maneira de proceder não é apenas injusta para com aqueles que questionaram; é também muito injusta para com as Testemunhas de Jeová em geral. Elas têm o direito de ouvir *ambos* os lados da questão e conhecer *todos* os fatos. É por isso que decidi publicar *Os Tempos dos Gentios Reconsiderados*.

É interessante que vários argumentos foram apresentados por representantes da Sociedade Torre de Vigia para justificar a posição segundo a qual fatos e evidência contrários aos seus ensinos não deveriam ser divulgados entre as Testemunhas de Jeová. Uma das linhas de raciocínio é a seguinte: Jeová revela a verdade *gradualmente* através da sua classe do "escravo fiel e discreto", a quem Cristo designou "sobre todos os seus bens". (Mateus 24:47, *TNM*) Esta classe do "escravo" se expressa através daqueles que supervisionam a publicação e a redação da literatura da Torre de Vigia. Desta forma, nós deveríamos *esperar em Jeová* — em outras palavras, esperar até que a organização publique "novas verdades". Qualquer um que "corra à frente" da organização é então *presunçoso*, pois pensa que sabe mais do que "o escravo fiel e discreto".

Todavia, esse argumento é inválido *se as suposições da Sociedade referentes à cronologia bíblica estiverem erradas*. Como assim? Porque o próprio conceito de que é possível identificar hoje uma "classe do escravo fiel e discreto" a quem Cristo, como o "amo" na parábola de Mateus 24:45-47, designou "sobre todos os seus bens", baseia-se inquestionavelmente no *cálculo cronológico* segundo o qual o "amo" chegou em 1914 e fez essa designação poucos anos depois, em 1919. Se, conforme se mostrará nesta obra, os tempos dos gentios *não* terminaram em 1914, então desaparece a base para a afirmação de que Cristo regressou nesse ano, e os líderes da Torre de Vigia não podem reivindicar que foram designados "sobre todos os seus bens" em 1919. Se este é o caso, eles não podem nem mesmo alegar legitimamente que têm o monopólio designado por Deus para publicar "a verdade".

Deve-se notar também que é o "amo" da parábola quem, ao chegar, decide quem é "o escravo fiel e discreto", *não os escravos por si mesmos*. Assim, um grupo de indivíduos alegarem — na ausência do "amo" — que são "o escravo fiel e discreto", elevando a si mesmos sobre todos os "bens" do amo, *é em si mesmo uma presunção extrema*. Por outro lado, dificilmente um indivíduo que não atribui a si mesmo qualquer posição elevada poderia ser encarado como presunçoso se publicar informação que contradiz alguns dos ensinos da Sociedade Torre de Vigia.

É claro que "esperar em Jeová" é a obrigação de todo cristão. Infelizmente, a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, assim como muitos outros movimentos apocalípticos, tem "anunciado" vez após vez que chegou o tempo para o cumprimento das profecias de Deus, fazendo isto em todos os casos sem levar em conta os "tempos e épocas" do próprio Deus para o seu cumprimento. Este tem sido sempre o caso, desde os primórdios da década de 1870.

Quando os líderes do movimento da Torre de Vigia persistiram em ensinar por aproximadamente 55 anos (1876-1931) que Cristo tinha voltado invisivelmente em 1874, estavam eles estabelecendo um exemplo de "esperar em Jeová"?

Quando ensinaram que o "restante" da igreja de Cristo seria mudado (1 Tessalonicenses 4:17), primeiro em 1878, depois em 1881, depois em 1914, depois em 1915, depois em 1918 e depois novamente em 1925, eles "esperaram em Jeová"? [12]

Quando ensinaram que o fim do atual sistema de coisas viria em 1914, depois em 1918-20, depois em 1925, depois por volta de 1941-42, e depois novamente em 1975, estavam "esperando em Jeová"?[13]

Se 1914 não é o ponto em que terminam os "tempos dos gentios" como a Sociedade Torre de Vigia continua a defender, então as numerosas aplicações "proféticas" atuais advindas disso são provas

---

[12] *A Torre de Vigia* (em inglês) de 1º de fevereiro de 1916, pág. 38; 1º de setembro de 1916, págs. 264 e 265; 1º de julho de 1920, pág. 203.

[13] *Está Próximo o Tempo* (= Vol. 2 da série *Estudos das Escrituras*, publicado em inglês em 1889), págs. 76-78; *O Mistério Consumado* (= Vol. 7 de *Estudos das Escrituras*, publicado em inglês em 1917), págs. 129, 178, 258, 404, 542; *Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão* (1923), págs. 52, 53 (edição portuguesa) ou págs. 110-112 (edição brasileira); *A Sentinela* (em inglês) de 9 de setembro de 1941, pág. 288; *Despertai!* de 22 de abril de 1967, pág. 20; *A Sentinela* de 1º de novembro de 1968, págs. 659 e 660.

adicionais de que a Sociedade *ainda* não está disposta a "esperar em Jeová". À luz disso, e sob tais circunstâncias, parece um tanto descabido a Sociedade aconselhar outros a "esperar em Jeová". Aquele que quer *genuinamente* esperar em Jeová não se pode limitar a esperar até que os líderes da Sociedade Torre de Vigia estejam prontos para fazer isso. Se, depois de cuidadosa consideração da evidência, esta pessoa chegar à conclusão de que a Sociedade Torre de Vigia produziu, dentro da estrutura de sua cronologia, um "cumprimento" claramente arbitrário da profecia bíblica no nosso tempo, então ela precisa parar de tentar *impor* persistentemente essa posição arbitrária a outros como uma crença obrigatória. Só assim se poderia dizer que ela está devidamente pronta para começar a "esperar em Jeová".

A expulsão

Por mais de um século, as publicações da Torre de Vigia têm estado repletas de críticas pesadas e contínuas aos erros e males de outras denominações cristãs. Embora muitas vezes estas críticas sejam genéricas e superficiais, não raro são objetivas. A literatura da Torre de Vigia tem denunciado freqüentemente a intolerância mostrada no passado por várias igrejas contra membros dissidentes. "A Cristandade tem tido seus fanáticos — desde pessoas que incendiaram a si mesmas em protesto político até *aqueles que agiram de modo intolerante para com os que tinham conceitos religiosos diferentes dos seus.*", observou *A Sentinela* de 15 de julho de 1987, página 28. Este tipo de intolerância encontrou uma terrível expressão na Inquisição, que foi estabelecida pela Igreja Católica Romana no século 13 e durou mais de seis séculos.

A palavra "Inquisição" é derivada da palavra latina *inquisitio*, que significa "exame". É descrita resumidamente como "um tribunal estabelecido pela Igreja Católica Romana para descobrir e punir hereges e apóstatas".[14] Qual era a situação das pessoas sob este intolerante governo clerical? *A Sentinela* de 1º de setembro de 1989 explica na página 3:

> Ninguém tinha a liberdade de adorar como desejasse, ou de <u>emitir opiniões que conflitassem com as do clero</u>. Tal intolerância clerical gerou um

[14] Enciclopédia sueca *Nordisk Familjebok*, Vol. 11 (Malmö: Förlagshuset Norden AB, 1953), pág. 35.

> clima de medo em toda a Europa. A igreja instituiu a Inquisição para eliminar indivíduos que ousassem sustentar conceitos diferentes.

Estas declarações poderiam dar a impressão de que a Sociedade Torre de Vigia, em contraste com a Igreja Católica Romana na Idade Média, age com tolerância para com membros que "sustentam conceitos religiosos diferentes dos seus" e defende o seu direito de expressarem opiniões conflitantes com os ensinos da organização. Entretanto, a verdade é que esta organização adota exatamente a mesma atitude da Igreja Católica medieval para com membros que sustentam opiniões religiosas diferentes. "Acautele-se dos que procuram apresentar suas próprias opiniões contrárias", avisou *A Sentinela* de 15 de março de 1986, página 17. Respondendo à pergunta por que "desassociaram (excomungaram) as Testemunhas de Jeová por apostasia a alguns que ainda professam crer em Deus, na Bíblia e em Jesus Cristo", a Sociedade Torre de Vigia disse:

> Os que expressam tal objeção salientam que muitas organizações religiosas que afirmam ser cristãs permitem conceitos dissidentes. . . . Entretanto, tais exemplos não constituem nenhuma base para nós fazermos o mesmo. . . . Ensinar conceitos dissidentes ou divergentes não é compatível com o verdadeiro cristianismo.[15]

A Sociedade Torre de Vigia até mesmo estabeleceu tribunais inquisitoriais similares àqueles organizados pela Igreja Católica Romana na Idade Média, sendo a única diferença essencial que as "comissões judicativas" da Sociedade não têm autoridade legal para torturar *fisicamente* as suas vítimas. Eu sabia que as conclusões a que chegara resultariam posteriormente em ser julgado e expulso por esse "tribunal da inquisição", se eu não deixasse a organização por minha própria iniciativa antes disso. Mas eu também sabia que em ambos os casos as conseqüências seriam as mesmas.

Depois de vinte e seis anos como Testemunha de Jeová ativa, eu estava agora, em 1982, disposto a deixar a organização Torre de Vigia. Estava muito claro para mim que isto significaria uma ruptura completa com o inteiro mundo social do qual eu fizera parte durante todos aqueles anos. As regras da Sociedade Torre de Vigia exigem que as Testemunhas de Jeová cortem todos os contatos com aqueles que deixam de pertencer à organização, quer isto aconteça devido à

[15] *A Sentinela* de 1º de abril de 1986, págs. 30 e 31.

desassociação, quer seja por renúncia voluntária. Eu sabia que não só perderia praticamente todos os meus amigos, como também todos os meus parentes que estavam dentro da organização (três dos quais tinham mais de setenta anos, incluindo um irmão e duas irmãs e suas famílias, primos e suas famílias, etc.). Eu seria encarado e tratado como "morto", embora minha "execução" física tivesse de esperar até a iminente "batalha do Armagedom", uma batalha na qual as Testemunhas esperam que Jeová Deus aniquile para sempre todos os que não estão associados com a sua organização.[16]

Já por algum tempo, eu vinha tentando preparar-me emocionalmente para esta ruptura. Meu plano era publicar o meu tratado como uma despedida pública do movimento. Entretanto, não consegui aprontar o material para publicação antes de chegar uma carta do escritório da filial da Sociedade Torre de Vigia na Suécia, datada de 4 de maio de 1982. A carta era uma convocação para um interrogatório perante uma "comissão judicativa" formada por quatro representantes da Sociedade, que tinham sido designados, dizia a carta, para "averiguar qual é a sua atitude em relação à nossa crença e organização."[17]

Dei-me conta de que meus dias dentro da organização estavam agora contados e que talvez não conseguisse aprontar meu tratado para publicação a tempo. Numa carta ao escritório da filial, tentei adiar a reunião com a comissão judicativa. Indiquei que, como eles sabiam

---

[16] As regras da desassociação (excomunhão) são abordadas, por exemplo, na *Sentinela* de 15 de dezembro de 1981, páginas 16-27, e na *Sentinela* de 15 de abril de 1988, páginas 26-31. Com respeito à destruição pendente do atual sistema mundial, *A Sentinela* de 1º de setembro de 1989 diz na página 19: "Apenas as Testemunhas de Jeová, os do restante ungido e os da "grande multidão", qual organização unida sob a proteção do Organizador Supremo, têm esperança bíblica de sobreviver ao iminente fim deste sistema condenado, dominado por Satanás, o Diabo.". (Compare também com *A Sentinela* de 15 de setembro de 1988, páginas 14 e 15)

[17] Provavelmente a ação foi tomada a pedido da sede em Brooklyn, Nova Iorque. Conforme Raymond Franz, que foi membro do Corpo Governante até maio de 1980, escreveu-me depois, numa carta datada de 7 de agosto de 1982: "Suponho que havia concluído antecipadamente que a Sociedade tomaria ação em relação a você. No meu próprio caso, senti que era só uma questão de tempo até que eles fizessem algo a meu respeito, não importa quão moderada fosse a postura que eu mantivesse. Eu não duvidaria de que no seu caso o escritório da filial contatou Brooklyn e foi incentivado a tomar ação."

muito bem, a base para a minha "atitude em relação à nossa crença e organização" consistia na evidência que eu apresentara contra a cronologia da Sociedade, e se eles queriam sinceramente mudar minha atitude, tinham de começar pela quantidade de evidência que era a *base* para minha atitude. Por isso, pedi que se permitisse aos membros da comissão fazer um exame completo do meu tratado. Depois disso, poderíamos razoavelmente ter uma reunião significativa.

Mas nem o escritório da filial nem os quatro membros da comissão judicativa mostraram qualquer interesse no tipo de discussão que eu havia proposto, e nem mesmo comentaram as condições que eu estabelecera para ter uma reunião significativa com eles. Numa breve carta, eles simplesmente repetiram a convocação para o interrogatório com a comissão. Parecia-me óbvio que eu já tinha sido julgado de antemão e que o julgamento para o qual eu tinha sido convocado seria apenas uma farsa macabra e sem sentido. Por isso, optei por não ir ao interrogatório e conseqüentemente fui julgado e desassociado na minha ausência em 9 de junho de 1982.

Tentando ganhar tempo, apelei da decisão. Uma chamada "comissão de apelação" de quatro novos membros foi designada e mais uma vez repeti numa carta as condições que achava razoáveis para ter uma conversa significativa com eles. A carta nem sequer foi respondida. Portanto, em 7 de julho de 1982 a nova comissão reuniu-se para outro julgamento simulado na minha ausência e, como se esperava, ela apenas confirmou a decisão da primeira comissão. Em ambos os casos a única questão "judicativa" considerada foi, obviamente, esta: Eu concordava totalmente ou não com o ensino da Torre de Vigia? A questão de saber se as razões para minha posição eram *válidas*, foi simplesmente tratada como irrelevante.

São as conclusões destrutivas para a fé?

Conforme indicado anteriormente, as conclusões a que se chega neste trabalho abalam as principais alegações e as interpretações apocalípticas da Sociedade Torre de Vigia. Portanto, tais conclusões poderiam causar alguma agitação entre as Testemunhas de Jeová, e os líderes da Sociedade temiam claramente que sua disseminação romperia a unidade do seu rebanho. Eu estava bem apercebido de que os meus esforços seriam interpretados pelos representantes da Torre de Vigia como uma tentativa de destruir a fé e romper a unidade da

"verdadeira congregação cristã". Mas a fé deveria corretamente estar em harmonia com a verdade, com os fatos, e isto inclui os fatos históricos. Assim, senti-me confiante de que publicar os fatos sobre o assunto em questão não perturbaria a paz e a unidade entre aqueles que são verdadeiramente cristãos. A verdadeira unidade é baseada no *amor* entre eles, pois o amor é o "perfeito vínculo de união". — Colossenses 3:14.

Por outro lado, existe também uma falsa unidade, baseada, não no amor, mas no medo. Essa "unidade" é típica das organizações autoritárias, tanto políticas como religiosas. É uma unidade *mecanicista*, imposta pelos líderes dessas organizações, que querem manter a sua autoridade e controle sobre os indivíduos — uma unidade que não depende da verdade. Nessas organizações, os indivíduos relegam para as autoridades centrais o seu direito e responsabilidade de pensar, falar e agir livremente. Como a evidência e as conclusões que são apresentadas neste trabalho derrubam as pretensões autoritárias da Sociedade Torre de Vigia, é possível que a publicação deste trabalho possa ser uma ameaça à unidade *imposta* dentro desta organização. Mas a *verdadeira* unidade baseada no amor entre os indivíduos cristãos, cuja "comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo", certamente não será afetada por isto. — João 17:21-23; 1 João 1:3, *NVI*.

Assim, mesmo que as pretensões proféticas e interpretações da Sociedade Torre de Vigia se mostrem sem fundamento, nada de *real* valor se perderá quando estas coisas se dissolverem e desaparecerem. Um cristão ainda tem a Palavra de Deus, a verdadeira fonte de verdade e esperança. Cristo ainda é seu Senhor, sua única esperança de uma vida futura. E ele ainda continuará a desfrutar de paz e unidade cristã, com seu Pai, com Jesus Cristo e com aqueles indivíduos na terra que se tornarão seus verdadeiros irmãos e irmãs. Mesmo que ele tenha sido expulso de um sistema religioso autoritário por aceitar aquilo que vê claramente como sendo verdade, Cristo não o abandonará, pois ele disse: "... onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles". (João 9:30, 34-39; Mateus 18:20, *NVI*) A resposta à pergunta: "Para onde iremos sem a organização?" ainda é a mesma da época dos apóstolos, quando Pedro disse: "Senhor, *para quem*

havemos de ir? *Tu* tens declarações de vida eterna". (João 6:68) É Cristo, não uma organização, quem tem "declarações de vida eterna".[18]

Ao longo dos anos que passaram desde que esta pesquisa começou, vim a conhecer pessoalmente ou por carta, um crescente número de Testemunhas de Jeová em diferentes níveis da organização Torre de Vigia, que examinaram profundamente a questão da cronologia e chegaram independentemente às mesmas conclusões que são apresentadas neste livro. Alguns destes homens tentaram muito arduamente defender a cronologia da Sociedade, antes de serem forçados pela evidência bíblica e histórica a abandoná-la. Entre esses estão membros da comissão de pesquisa da Torre de Vigia encarregada de produzir o dicionário bíblico da Sociedade, *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*. A seção sobre cronologia nesta obra, nas páginas 322 a 348 [382-399, no primeiro volume da edição em português] ainda é a abordagem mais hábil e abrangente sobre a cronologia da Torre de Vigia que já foi publicada por essa organização.[19] No entanto, o indivíduo que escreveu o artigo em questão por fim apercebeu-se que a data da Sociedade para a queda de Jerusalém diante dos babilônios, 607 A.E.C., não podia ser defendida, e mais tarde ele a abandonou por completo, junto com todos os cálculos e ensinos baseados nela. Numa carta que me escreveu, ele declarou:

---

[18] Nos comentários da Sociedade Torre de Vigia sobre este texto, a "organização" substituiu Cristo como sendo a quem devemos ir para encontrar "vida eterna". Veja, por exemplo, *A Sentinela* de 15 de agosto de 1981, pág. 19 e 1º de agosto de 1982, pág. 31.

[19] *Ajuda ao Entendimento da Bíblia* foi publicado por completo em inglês em 1971 [a edição em português tem 4 volumes. Os primeiros três foram publicados em 1982 e o quarto em 1983]. Uma edição ligeiramente revisada em dois volumes foi publicada em inglês em 1988 [em português são três volumes, publicados entre 1990 e 1992]. A novidade mais importante é a inclusão de ajudas visuais (mapas, imagens, fotografias, etc.), todas em cores. Contudo, o nome do dicionário foi mudado para *Estudo Perspicaz das Escrituras* evidentemente porque os três principais autores, Raymond Franz, Edward Dunlap e Reinhard Lengtat, deixaram a sede em 1980 e dois deles, Franz e Dunlap, foram desassociados devido às suas opiniões divergentes. Em *Estudo Perspicaz das Escrituras*, mais da metade do conteúdo do artigo original sobre "Cronologia" foi cortado (veja o Vol. 1, págs. 601-622), sendo a razão provável a informação sobre o assunto, apresentada no tratado enviado à sede em 1977, bem como um reconhecimento da fragilidade das alegações da organização.

Ao desenvolver o verbete 'Cronologia' para *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, o período neobabilônico, que se estende desde o reinado de Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, até o reinado de Nabonido e a queda de Babilônia, apresentou um problema particular. Como Testemunhas de Jeová, estávamos obviamente interessados em encontrar e apresentar alguma evidência, por menor que fosse, em apoio do ano 607 A.E.C. como sendo a data para a destruição de Jerusalém no décimo oitavo ano de Nabucodonosor. Eu estava bem ciente do fato de os historiadores invariavelmente indicarem uma data vinte anos depois, situando o início do reinado de Nabucodonosor em 605 A.E.C. (seu ano de ascensão), em vez de 625 A.E.C., a data usada nas publicações da Torre de Vigia. Eu sabia que a data 607 A.E.C. era crucial para a interpretação da Sociedade a respeito dos 'sete tempos' de Daniel capítulo quatro apontarem para o ano 1914 E.C.

Esse esforço exigiu uma grande quantidade de pesquisa. Na época (1968), Charles Ploeger, um membro do pessoal da sede da Torre de Vigia, foi designado como meu assistente. Ele passou muitas semanas procurando nas bibliotecas da cidade de Nova Iorque por quaisquer fontes de informação que pudessem dar alguma validade à data 607 A.E.C. como o momento da destruição de Jerusalém. Fomos também à Universidade Brown entrevistar o Dr. A. J. Sachs, um especialista em textos astronômicos relacionados com os períodos neobabilônico e adjacentes. Nenhum destes esforços produziu qualquer evidência em apoio da data 607 A.E.C.

Devido a isto, quando escrevi o artigo sobre 'Cronologia' dediquei uma parte considerável da matéria a esforços para mostrar as incertezas existentes nas fontes históricas antigas, incluindo não só fontes babilônicas, como também egípcias, assírias e medo-persas. Embora eu ainda acredite que alguns dos pontos apresentados quanto a tais incertezas sejam válidos, sei que a argumentação surgiu de um desejo de manter uma data para a qual simplesmente não há evidência histórica. Se a evidência histórica contradissesse realmente alguma declaração clara da Bíblia, eu não hesitaria em considerar o relato bíblico como mais confiável. Mas apercebi-me de que a questão não é uma contradição de uma declaração clara das Escrituras, mas sim contradição de uma *interpretação* que é atribuída a certas partes das Escrituras, dando-lhes um significado que não está na própria Bíblia. As incertezas que se encontram em tais interpretações humanas são certamente iguais às incertezas que se encontram nos relatos cronológicos da história antiga.[20]

Agradecimentos

Antes de concluir esta introdução, eu gostaria de agradecer às muitas pessoas bem informadas, ao redor do mundo, algumas das quais ainda

[20] Raymond Franz, ex-membro do Corpo Governante, escreveu esta carta, datada de 12 de junho de 1982.

eram Testemunhas de Jeová na época em que este tratado foi escrito, e que, pelo seu encorajamento, sugestões, críticas e perguntas, contribuíram grandemente para este tratado. Entre estes, devo mencionar primeiramente Rud Persson, de Ljungbyhed, Suécia, que participou no trabalho desde uma fase inicial e que, mais do que qualquer outra pessoa, ajudou-me nestes aspectos. Outros amigos com os mesmos antecedentes, especialmente James Penton e Raymond Franz, foram de grande ajuda em preparar o livro para publicação por aprimorarem meu inglês e a gramática.

Com respeito à seção ideo-histórica (capítulo 1), meus contatos com o perito sueco Dr. Ingemar Lindén estimularam meu interesse e iniciaram a minha pesquisa nesta área. Alan Feuerbacher, de Beaverton, Oregon (agora em Fort Collins, Colorado) forneceu documentos importantes para esta seção. Para os capítulos sobre cronologia neobabilônica (capítulos três e quatro), os contatos com autoridades em textos cuneiformes babilônicos foram de incalculável ajuda. Isto se aplica particularmente ao Professor D. J. Wiseman, da Inglaterra, que é um dos principais peritos no período neobabilônico; Sr. C. B. F. Walker, curador adjunto do Departamento de Antiguidades do Oriente Próximo, do Museu Britânico, em Londres, agora aposentado; Professor Abraham J. Sachs, dos EUA; Professor Hermann Hunger, da Áustria, que desde a morte de Abraham Sachs, em 1983, é o principal perito em textos de observações astronômicas de Babilônia; Dr. John M. Steele, de Toronto, Canadá, e Dra. Béatrice André, do Museu do Louvre em Paris. Por fim, nas seções exegéticas (capítulos 5 a 7), diversos competentes lingüistas e hebraístas compartilharam gentilmente comigo seus conhecimentos, especialmente o Dr. Seth Erlandsson, de Västerås, Suécia; Dr, Tor Magnus Amble e Dr. Hans M. Barstad, ambos de Oslo, Noruega, e o Professor Ernst Jenni, de Basiléia, Suíça.

Acima de tudo, porém, meus agradecimentos vão para o Deus da Bíblia, que no Velho Testamento, da época de Moisés em diante, leva o nome pessoal Iavé ou Jeová, mas que encontramos no Novo Testamento e do qual nos podemos aproximar como nosso Pai celestial, pois esta pesquisa foi feita sob a oração constante pela sua ajuda e entendimento. Toda a honra cabe a Ele, pois sua Palavra de verdade é que foi a base deste estudo. Embora certas teorias religiosas e interpretações se tenham provado insustentáveis e tiveram de ser

rejeitadas, sua Palavra profética foi confirmada, vez após vez, durante a pesquisa bíblica e histórica relacionada com o assunto em consideração. Esta experiência fortalecedora da fé foi uma bênção real e duradoura para mim. Minha esperança é que o leitor seja abençoado de modo similar.

Carl Olof Jonsson
Göteborg, Suécia, 1982
Revisado em 1998 e 2004

1

A HISTÓRIA DE UMA INTERPRETAÇÃO

TODA IDÉIA tem um início. Todavia, é muito comum as pessoas acreditarem numa idéia e desconhecerem completamente seus antecedentes, origem e desenvolvimento. Ignorarem essa história pode fortalecer a convicção de que a idéia é verdadeira, mesmo que não seja. Como ocorre em outros casos, esta ignorância pode prover um solo fértil para o fanatismo.

É verdade que conhecer o desenvolvimento histórico de uma idéia não necessariamente a contradiz, mas tal conhecimento habilita-nos a melhorar nosso julgamento sobre sua validade. Um exemplo claro de uma idéia — neste caso, uma interpretação — obscurecida pela ignorância é um conceito amplamente defendido a respeito dos "tempos dos gentios" mencionados por Cristo em Lucas 21:24:

> Cairão a fio da espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles. — *BEG*

Milhões de pessoas internacionalmente vieram a aceitar a crença de que estas palavras proféticas decididamente apontam e estão ligadas a uma data específica do século vinte, e até mesmo baseiam nisso seus planos para o presente e suas esperanças futuras. Qual é a história dessa crença?

O "princípio ano-dia"

A duração do período chamado de "tempos dos gentios" (traduzido como "os tempos designados das nações" na *Tradução do Novo Mundo* da Sociedade Torre de Vigia) tem sido calculada por alguns expositores, incluindo a Sociedade Torre de Vigia, como sendo 2.520 anos. Este cálculo é baseado no chamado "princípio ano-dia". Segundo

Extraído da revista *Despertai!* de 22 de abril de 1974, pagina 18.

O cálculo dos "tempos dos gentios" como um período de 2.520 anos, começando em 607 A.E.C. e terminando em 1914 E.C., é a base cronológica da mensagem apocalíptica pregada mundialmente pela Sociedade Torre de Vigia.

---

este princípio, em profecias bíblicas relacionadas com o tempo, *um dia sempre representa um ano*, "exatamente como num mapa uma polegada pode representar cem milhas."[1] Na Bíblia há duas passagens em que períodos proféticos são contados explicitamente dessa maneira: Números 14:34 e Ezequiel 4:6.

No primeiro texto, como punição pelos seus erros, os israelitas tiveram de vaguear pelo deserto durante quarenta anos, contados segundo o número de dias que os espiões haviam espionado a terra, ou seja, quarenta dias, "um dia por um ano".

No segundo texto, Ezequiel recebeu a ordem de se deitar sobre o seu lado esquerdo durante 390 dias e sobre o seu lado direito durante 40 dias, levando profeticamente os erros de Israel e Judá cometidos durante os anos que correspondem numericamente a esses dias, "um dia por um ano".

Deve-se notar, porém, que estas interpretações específicas são fornecidas a nós pela própria Bíblia. A expressão "um dia por um ano"

---

[1] *A Fé Profética dos Nossos Pais*, LeRoy Edwin Froom (em inglês - Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1948), Vol. II, pág. 124.

não é declarada em parte alguma como um princípio geral de interpretação que se aplica também a outros períodos proféticos.

O desenvolvimento do conceito de que o princípio ano-dia pode ser realmente aplicado a *qualquer* profecia bíblica relacionada com tempo, tem uma longa história. A natureza aleatória de sua aplicação durante essa história certamente revela algo quanto à sua confiabilidade.

O uso do princípio por eruditos judaicos

Os rabinos judaicos foram os primeiros a aplicar este modo de contar o tempo profético em outras referências, além das duas citadas, e eles fizeram isto com as "setenta semanas" de Daniel 9:24-27, na qual o primeiro versículo diz: "Setenta semanas são decretadas para teu povo e para tua cidade santa, para acabar com a transgressão, pôr fim ao pecado, e para expiar a iniqüidade, para trazer justiça eterna, para selar a visão e o profeta e para ungir o lugar santíssimo."[2]

Apesar disto, o fato é que a aplicação "ano-dia" só foi expressa como um *princípio* geral no primeiro século E.C., pelo famoso rabino, *Akiba ben José* (c. 50-132 E.C.).[3]

Passaram-se centenas de anos e foi só no início do *nono século* que vários rabinos judaicos começaram a estender o princípio ano-dia a outros períodos de tempo no livro de Daniel. Estes incluíam as 2.300 "noitinhas e manhãs" de Daniel 8:14, e os 1.290 dias e 1.335 dias de

---

[2] Embora esta profecia fale em *semanas*, isto por si só não significa que ela dê margem para uma aplicação do "princípio ano-dia". Para um judeu, a palavra hebraica para "semana", *shabû'a*, nem sempre significa um período de *sete dias* como em português. *Shabû'a* significa literalmente um "(período de) sete", ou uma "héptada". Os judeus tinham também uma "semana" (*shabû'a*) de *anos*. (Levítico 25:3, 4, 8, 9) É verdade que quando se referia a "semanas de *anos*", a palavra para "anos" era geralmente acrescentada. Mas no hebraico antigo esta palavra era freqüentemente omitida, por estar subentendida. Quando a referência era a "semanas de *dias*", a palavra para "dias" podia às vezes ser acrescentada, como na outra passagem de Daniel em que se menciona *shabû'a*. (10:2, 3) Portanto, Daniel 9:24 afirma simplesmente que "setenta *períodos de sete* são determinados", e a partir do contexto (a alusão aos "setenta anos" no versículo 2) pode-se concluir que "setenta períodos de sete *anos*" é a idéia que se pretendia transmitir. É por causa desta evidente conexão textual — e não por causa de algum "princípio ano-dia" — que algumas traduções em inglês (*Moffatt*, *Goodspeed* e outras) dizem "setenta semanas de anos" em Daniel 9:24.

[3] Froom, Vol. II, págs. 195, 196.

Daniel 12:11, 12, sendo todos os quais encarados como tendo implicações messiânicas.

O primeiro destes rabinos, *Nahawendi*, considerava as 2.300 "noitinhas e manhãs" de Daniel 8:14 como anos, contando-os desde a destruição de Siló (que ele datou em 942 A.E.C.) até o ano 1358 E.C. Ele esperava que o Messias viesse nesse ano.[4]

Nahawendi foi logo seguido por outros, tais como *Saadia ben José*, do mesmo século, e *Salomão ben Jeorão*, do décimo século. Este último aplicou o princípio ano-dia aos 1.335 dias de Daniel 12:12. Contando-os desde o tempo de Alexandre o Grande, ele chegou ao ano 968 E.C. como a data para a redenção de Israel.

O famoso rabino *Rashi* (1040-1105), encerrou os 2.300 anos-dias em 1352 E.C., data na qual ele achava que o Messias viria.

Abrão bar Hiyya Hanasi (c. 1065-1136) especulou que os períodos de 2.300, 1.290 e 1.335 anos terminariam em diferentes datas no século quinze. O fim dos 2.300 anos-dias, por exemplo, foi fixado em 1468 E.C.[5]

Até mesmo no século dezenove, muitos outros eruditos judaicos continuaram a usar o princípio ano-dia para marcar datas para a vinda do Messias.

Ao longo desses dez séculos, os métodos que os eruditos rabínicos usaram ao aplicar o princípio ano-dia foram variados e as datas a que chegaram foram diferentes. Todavia, qualquer que tenha sido o método usado, uma coisa é certa: todas as datas finais passaram sem se cumprirem as predições.

Se o uso do princípio ano-dia era relativamente comum entre as fontes judaicas desde os primeiros séculos, será que este foi também o caso entre os expositores bíblicos cristãos?

Uma questão de maior interesse é a seguinte: Será que a história do uso desse princípio entre a comunidade cristã — e os resultados obtidos — demonstram um *contraste*, ou seguem um *padrão similar*? Qual tem sido o resultado?

---

[4] *Ibid.*, pág. 196. Nahawendi também contou os 1.290 dias de Daniel 12:11 como sendo um período de anos, começando com a destruição do segundo templo [70 E.C.] e chegando com isso à mesma data, 1358 E.C.

[5] *Ibid.*, págs. 201, 210, 211.

O "princípio ano-dia" entre os expositores cristãos

Conforme vimos, o rabino Akiba ben José apresentou o método ano-dia como um princípio já no primeiro século E.C. Todavia, durante os mil anos seguintes não encontramos qualquer aplicação do método — dessa maneira, como *princípio* — entre os eruditos cristãos.

É verdade que vários expositores do quarto século em diante sugeriram um significado *místico* ou *simbólico* para os 1.260 dias de Revelação, mas antes do século 12 eles *jamais* aplicaram a regra ano-dia a esses dias, nem a qualquer outro período de tempo, com a única exceção dos 3 dias e meio de Revelação 11:9. Esse período foi interpretado como *3 anos e meio* por vários expositores, o primeiro dos quais tendo sido *Vitorino*, no quarto século.[6] Isto, é claro, estava longe de ser uma adoção da *regra* ou *princípio* ano-dia.

Joaquim de Flora (c. 1130-1202), abade do mosteiro cisterciense de Corace, Itália, foi mui provavelmente o primeiro expositor *cristão* que aplicou o princípio ano-dia aos diferentes períodos de tempo de Daniel e de Revelação. Isto foi enfatizado durante o século 19 por *Charles Maitland*, um opositor destacado dessa idéia, em várias obras e artigos. Por exemplo, ao refutar os que defendiam que os 1.260 dias de Revelação 11:3 eram 1.260 *anos*, Maitland concluiu, após uma investigação cuidadosa, que "nunca se ouviu falar no mundo" desse sistema dos 1260 anos "até que um abade irrefletido sonhou isso em 1190."[7]

Embora muitos aderentes do princípio ano-dia no século dezenove tentassem refutar a declaração de Maitland a respeito da novidade do princípio, todas as tentativas deles fracassaram. Depois de um exame muito abrangente de todas as fontes disponíveis, até o mais erudito dos oponentes de Maitland, o Reverendo *E. B. Elliott*, teve de admitir que "durante *os primeiros quatro séculos*, os dias mencionados nas profecias de Daniel e do Apocalipse a respeito do Anticristo eram interpretados literalmente como *dias*, não como *anos*, pelos Pais da Igreja Cristã."[8] Assim, ele teve de concordar com Maitland quanto a

---

[6] *Horæ Apocalypticæ*, E. B. Elliott, 3.ª ed. (em inglês - Londres, 1847), Vol. III, págs. 233-240.

[7] *A Escola de Interpretação Profética dos Apóstolos*, Charles Maitland (em inglês - Londres, 1849), págs. 37, 38.

[8] E. B. Elliott, *Horæ Apocalypticæ*, 3.ª ed. (Londres, 1847), Vol. III, págs. 233.

Joaquim de Flora ter sido o primeiro escritor cristão a aplicar o princípio ano-dia aos 1.260 dias de Revelação 11:3, dizendo:

> Ao fim do século 12, Joaquim Abbas, como acabamos de ver, fez uma primeira e tosca tentativa nesse sentido: e no século 14, o wycliffita *Walter Brute* seguiu seu exemplo.[9]

Joaquim, que foi provavelmente influenciado por rabinos judaicos, contou os 1.260 "anos-dias" desde a época de Cristo e acreditava que terminariam brevemente, numa "era do Espírito". Embora ele não tenha fixado uma data específica para isto, parece que aguardava ansiosamente o ano 1260 E.C. Depois de sua morte, esse ano veio "a ser considerado pelos seguidores de Joaquim como a data fatídica que iniciaria a nova era, tanto que quando ela passou sem qualquer acontecimento notável, alguns deixaram de acreditar em todos os ensinos dele."[10]

As obras de Joaquim deram início a uma nova tradição de interpretação, na qual o "princípio ano-dia" era a própria base das interpretações proféticas. Durante os séculos seguintes foram fixadas inúmeras datas para o segundo advento de Cristo, sendo a maioria delas edificadas com base no princípio ano-dia. Na época da Reforma (no século 16), Martinho Lutero e a maioria dos outros reformadores acreditavam nesse princípio, e ele era amplamente aceito entre os eruditos protestantes até bem dentro do século dezenove.

O princípio é aplicado aos tempos dos gentios

Como vimos, Joaquim de Flora aplicou o princípio ano-dia aos 1.260 dias de Revelação 11:3. O versículo anterior converte este período em meses, declarando que "as nações . . . pisarão a cidade santa por

---

[9] *Ibid.*, pág. 240. O falecido Dr. LeRoy Edwin Froom, que foi um defensor moderno da teoria ano-dia, chegou a uma conclusão similar em sua extensa obra de quatro volumes, *A Fé Profética dos Nossos Pais*. No Volume I (1950), página 700, ele diz: "Até então, durante treze séculos, as setenta semanas tinham sido geralmente reconhecidas como semanas de anos. Mas os primeiros mil anos da Era Cristã não produziram quaisquer aplicações adicionais do princípio entre os autores cristãos, exceto um ou dois vislumbres dos 'dez dias' de Revelação 2:10 como sendo dez anos de perseguição, e os três dias e meio de Revelação 11 como três anos e meio. Mas agora Joaquim aplicava pela primeira vez o princípio ano-dia à profecia dos 1260 dias."

[10] Froom, Vol. I, pág. 716.

quarenta e dois meses." (Revelação 11:2, *TNM*) Uma vez que esta predição acerca da "cidade santa" é bem parecida com as palavras de Jesus em Lucas 21:24 de que "até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles" (*ALA*), alguns dos seguidores de Joaquim logo começaram a associar os "tempos dos gentios" com este período calculado, no qual os 1.260 dias tornaram-se 1.260 anos.

Todavia, como eles acreditavam que Revelação 11:2, 3 e 12:6, 14 trata da igreja cristã, Jerusalém ou a "cidade santa" geralmente era interpretada como significando a igreja de Roma.[11] Por isso, eles achavam que o período dos "tempos dos gentios" era o período de aflição da igreja, sendo o fim desta aflição originalmente esperado para 1260 E.C.

Entretanto, outros acreditavam que a "cidade santa" era a cidade literal de Jerusalém. O bem conhecido médico escolástico *Arnold de Villanova* (c. 1235-1313), identificou os tempos dos gentios com os 1.290 dias de Daniel 12:11, convertendo-os de 1290 dias para 1290 anos. Contando-os desde a extinção dos sacrifícios judaicos após a destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 E.C., ele esperava o fim dos tempos dos gentios no século quatorze. As cruzadas ainda estavam ocorrendo na época dele e Arnold associou-as com a aguardada expiração dos tempos dos gentios no futuro próximo, argumentando que, a menos que o fim dos tempos dos gentios estivesse próximo, como poderia o "povo fiel" reconquistar a Terra Santa dos infiéis? [12]

Ao final do século quatorze, *Walter Brute*, um dos seguidores de John Wycliffe na Inglaterra, ofereceu ainda outra interpretação. Segundo ele, os "tempos dos gentios" eram o período em que a igreja cristã era dominada por ritos e costumes pagãos. Ele defendia que esta apostasia começou depois da morte do último apóstolo, por volta de 100 E.C. e continuaria por 1.260 anos. Este período, e também os 1.290 "anos-dias", que ele contava desde a destruição de Jerusalém, 30

---

[11] *Ibid.*, págs. 717, 723, 726, 727. A informação aqui é baseada na obra *De Seminibus Scripturarum*, fol. 13v, col. 2 (conforme abordada por Froom), que foi escrita em 1205 A.D. O manuscrito é conhecido como Vat. Latin 3813.

[12] *Tractatus de Tempore Adventus Antichristi* ("Tratado Sobre o Tempo da Vinda do Anticristo"), de Arnold de Villanova, parte 2 (1300); reimpresso em *Aus den Tagen Bonifaz VIII*, de Heinrich Finke (Münster in W., 1902), págs. CXLVIII-CLI, CXLVII. (Veja também Froom, Vol. I, págs. 753-756.)

anos antes (em 70 E.C.), já tinham expirado em seus dias. Ele escreveu:

> Agora, se qualquer homem observar as *Crônicas*, descobrirá que depois de a destruição de *Jerusalém* ter acabado e depois de a forte mão do povo santo ter sido completamente dispersa, e depois do estabelecimento da abominação; quer dizer, o Ídolo da Desolação de *Jerusalém*, dentro do lugar Santo, onde o Templo de Deus estava antes, passaram-se 1290 dias, tomando um dia por um ano, como geralmente se faz nos Profetas. E os tempos do povo Pagão estão cumpridos, sob cujos Ritos e Costumes Deus tolerou que a Cidade Santa fosse pisoteada durante quarenta e dois meses.[13]

Uma vez que, segundo seus cálculos, os tempos dos gentios já tinham expirado, Brute achou que a segunda vinda de Cristo devia estar *muito próxima*.

Mudando constantemente as datas

O tempo passou e deixou para trás as muitas datas apocalípticas marcadas, sem se cumprirem as predições associadas a elas. A esta altura, contar os 1.260 ou os 1.290 anos desde a destruição de Jerusalém em 70 E.C., ou desde a morte dos apóstolos, não podia mais produzir resultados significativos. Por isso, o *ponto de partida* teve de ser adiantado para uma data posterior.

Grupos perseguidos e tachados de heréticos pela Igreja Romana logo começaram a identificar os 'gentios pisoteadores' com o *papado de Roma*. Estes grupos perseguidos geralmente viam a si mesmos como "a verdadeira igreja" — representada em Revelação 12 como uma mulher que teve de fugir para "o deserto" por "mil duzentos e sessenta dias", o período do pisoteamento da Jerusalém espiritual. (Revelação 12:6, 14) Esta interpretação lhes permitia agora adiantar o *ponto de partida*, do primeiro século para algum momento do *quarto século*, quando ocorreu o aumento da autoridade por parte da Igreja Romana.

Esta interpretação "ajustada" era muito comum entre os reformadores. *John Napier* (1550-1617), eminente matemático e estudante de profecias escocês, iniciou o período por volta de 300 ou

---

[13] Extraído de *Registrum Johannis Trefnant, Episcopi Herefordensis* (que contém os autos do julgamento de Walter Brute por heresia), conforme traduzido em *Atos e Monumentos*, de John Foxe, 9.ª ed. (em inglês - Londres, 1684), Vol. I, pág. 547. (Veja também Froom, Vol. II, pág. 80.)

316 E.C., e trouxe o fim dos tempos dos gentios para a última metade do século dezesseis.[14]

Mais tempo se passou e o ponto de partida foi mais uma vez adiantado, desta vez para o *sexto* ou *sétimo* séculos, período em que os papas tinham realmente alcançado uma posição de autoridade. *George Bell*, por exemplo, escrevendo na *Revista Evangélica*, de Londres, em 1796, contou os 1.260 anos desde 537 ou desde 553 E.C., e predisse a queda do Anticristo (o Papa) em "1797 ou 1813."[15] A respeito dos 1.260 anos, Bell diz:

> A cidade santa será pisoteada pelos gentios, ou papistas, que, embora sejam cristãos de nome, são gentios na adoração e na prática; adorando anjos, santos e imagens e perseguindo os seguidores de Cristo. Estes gentios removem o sacrifício diário e estabelecem a abominação que causa a desolação da igreja visível de Cristo durante o período de 1260 anos.[16]

Isto foi escrito em 1795, em meio à Revolução Francesa. Pouco tempo depois o Papa foi aprisionado pelas tropas francesas e forçado a ir para o exílio (em fevereiro de 1798). É muito interessante que estes eventos espantosos na França e na Itália tenham sido até certo ponto "preditos" com quase um século de antecedência por vários expositores, sendo o mais conhecido deles o pastor escocês, *Robert Fleming Jr.* (c. 1660-1716).[17] Com certeza, muitos acharam que estes importantes eventos históricos tinham confirmado a exatidão das suas predições! Por causa disto, o ano de 1798 foi logo amplamente apontado entre os comentaristas bíblicos como sendo a data em que terminavam os 1.260 anos.

Esta idéia — com algumas diferenças secundárias — foi adotada também por Charles Taze Russell e seus seguidores. E ela ainda é prevalecente entre os Adventistas do Sétimo Dia.

---

[14] *Uma Plena Descoberta de Toda a Revelação de São João*, John Napier, (em inglês - Edimburgo, 1593), págs. 64, 65. (Veja Froom, Vol. II, pág. 458.)

[15] "A Queda do Anticristo", G. Bell, *Revista Evangélica* (em inglês - Londres), 1796, Vol. 4, pág. 54. (Veja Froom, Vol. 2, pág. 742.) Embora publicado em 1796, o artigo foi escrito em 24 de julho de 1795.

[16] G. Bell, *Ibid.*, pág. 57. (Veja Froom, Vol. II, pág. 742.)

[17] *A Ascensão e a Queda do Papado*, Robert Fleming Jr. (em inglês - Londres, 1701), pág. 68. (Para comentários adicionais sobre esta predição, veja o Capítulo 6, Seção D: "1914 em perspectiva.")

Convulsões políticas e sociais estimulam as especulações proféticas

A Revolução Francesa de 1789-1799 teve um impacto extraordinário, que se estendeu muito além das fronteiras francesas. Após a violenta remoção da monarquia francesa e a proclamação da República em 1792, novos líderes extremistas não só causaram um período de terror e caos na própria França, como também inauguraram um período quase ininterrupto de guerras de conquista, que durou até 1815, quando o Imperador Napoleão I foi derrotado em Waterloo. As caóticas conseqüências da Revolução na Europa e em outras partes do mundo despertaram interesse intensificado no estudo profético, principalmente porque algumas destas convulsões tinham sido parcialmente preditas por expositores das profecias.

Os historiadores reconhecem que a Revolução Francesa marca um momento decisivo na história do mundo. Ela pôs fim a uma longa era de relativa estabilidade na Europa, desarraigando a ordem estabelecida e mudando profundamente o pensamento político e religioso.

Comparando as guerras da Revolução Francesa e de Napoleão Bonaparte com a anterior Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e a posterior Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o historiador Robert Gilpin diz sobre estas três guerras que "*cada uma delas foi uma guerra mundial* envolvendo quase todos os estados do sistema [internacional] e, pelo menos em retrospecto, pode ser considerada como tendo constituído *um momento decisivo na história humana*."[18]

Outro historiador bem conhecido, R. R. Palmer, ao discutir o papel importante da Revolução Francesa na história moderna, diz:

> Mesmo hoje, em meados do século vinte, apesar de tudo o que aconteceu no período de vida de homens que ainda não são velhos, e até mesmo . . . nos Estados Unidos ou em qualquer outra parte de um mundo no qual os países da Europa não mais gozam de sua anterior posição de liderança, ainda é possível dizer que *a Revolução Francesa no fim do século dezoito foi o momento decisivo da civilização moderna*.[19]

O resultante desarraigamento de instituições políticas e sociais européias bem antigas levou muitos a crer que estavam realmente

---

[18] "A Teoria da Guerra Hegemônica", Professor Robert Gilpin, *Revista de História Interdisciplinar* (publicada em inglês em Cambridge, MA e Londres, Inglaterra), Vol. 18:4, primavera [setentrional] de 1988, pág. 606. (Ênfase acrescentada.)

[19] R. R. Palmer em seu prefácio à obra de George Lefebvre *O Advento da Revolução Francesa* (em inglês - Nova Iorque: Vintage, 1947), pág. v.

vivendo nos *últimos dias*. Homens de muitas formações — ministros, políticos, advogados e leigos — envolveram-se em estudo de profecia. Foi produzido um volumoso conjunto de literatura sobre as profecias, surgiram muitos periódicos proféticos e foram realizadas conferências proféticas em ambos os lados do Atlântico.

O reavivamento apocalíptico começou na Inglaterra, mas logo se espalhou para o continente europeu e para os Estados Unidos da América, culminando nesse país no bem conhecido movimento milerita. Com base nas interpretações de Daniel 8:14, as predições então desenvolvidas apontavam geralmente para 1843, 1844 ou 1847 como sendo a época do segundo advento de Cristo.

Foi nesta atmosfera febril que nasceu uma nova interpretação dos tempos dos gentios, na qual, pela primeira vez, *o muito usado número de 1.260 anos, foi duplicado para 2.520 anos.*

A tabela apresentada na página seguinte mostra os resultados que o método "ano-dia" de contar períodos de tempo proféticos produziu ao longo de um período de sete séculos. Embora quase todos os trinta e seis eruditos e expositores proféticos alistados estivessem trabalhando a partir do mesmo texto básico das Escrituras, referente aos 1.260 dias, eles muito raramente concordaram com os mesmos pontos inicial e final para o cumprimento do período. As datas *finais* para os tempos dos gentios estabelecidas por eles ou pelos seus seguidores vão desde 1260 E.C. até 2016 E.C. Contudo, todos apresentaram o que lhes pareciam ser razões convincentes para chegar às suas datas. Quais foram então os resultados de se ter duplicado este número que tem sido relacionado com a declaração de Jesus a respeito dos "tempos dos gentios"?

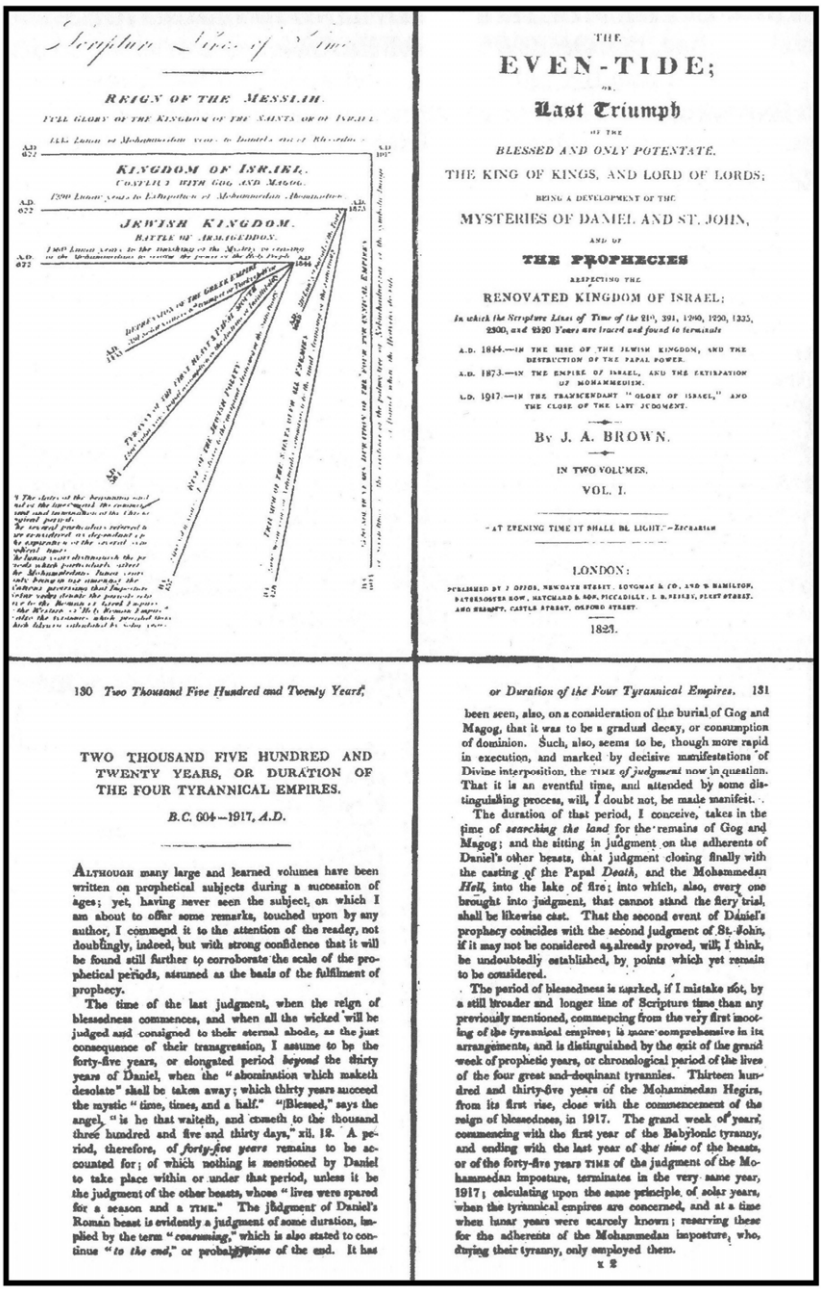
John Aquila Brown

Na longa história da especulação profética, *John Aquila Brown*, da Inglaterra, desempenha um papel destacado. Embora não tenha sido encontrada qualquer informação biográfica sobre Brown até agora, ele influenciou fortemente o pensamento apocalíptico de sua época. Ele foi o primeiro expositor que aplicou os supostos 2.300 anos-dias de

TABELA 1: AS MÚLTIPLAS E VARIADAS APLICAÇÕES DOS 1.260 ANOS

Expositor	Data da Publicação	Aplicação (todas são datas E.C.)	Observações
Joaquim de Flora	1195	1-1260	
Arnold de Villanova	1300	c.74-1364	Tempos dos Gentios = 1290 anos
Walter Brute	1393	134-1394	
Martinho Lutero	1530	38-1328	Tempos dos Gentios = 1290 anos
A. Osiander	1545	412-1672	
J. Funck	1558	261-1521	
G. Nigrino	1570	441-1701	
Arécio	1573	312-1572	
John Napier	1593	316-1576	
D. Pareus	1618	606-1866	
J. Tillinghast	1655	396-1656	
J. Artopaeus	1665	260-1520	
Cocceius	1669	292-1552	
T. Beverley	1684	437-1697	
P. Jurieu	1687	454-1714	
R. Fleming Jr.	1701	552-1794	1260 anos de 360 dias
Idem	1701	606-1848	= 1242 anos julianos
William Whiston	1706	606-1866	
Daubuz	1720	476-1736	
J. Ph. Petri	1768	587-1847	
Lowman	1770	756-2016	
John Gill	1776	606-1866	
Hans Wood	1787	620-1880	
J. Bicheno	1793	529-1789	
A. Fraser	1795	756-1998	1242 anos julianos
George Bell	1796	537-1797	
Idem	1796	553-1813	
Edward King	1798	538-1798	
Galloway	1802	606-1849	1242 anos julianos
W. Hales	1803	620-1880	
G. S. Faber	1806	606-1866	
W. Cuninghame	1813	533-1792	
J. H. Frere	1815	533-1792	
Lewis Way	1818	531-1791	
W. C. Davis	1818	588-1848	
J. Bayford	1820	529-1789	
John Fry	1822	537-1797	
John Áquila Brown	1823	622-1844	1260 anos lunares

A tabela apresenta uma amostra das muitas aplicações diferentes dos 1.260 e 1.290 “anos-dias”, desde Joaquim de Flora em 1195 até John Aquila Brown em 1823. Seria fácil ampliar a tabela para incluir expositores posteriores a Brown. Contudo, a tabela termina nele, pois nesta época começou a surgir outra interpretação dos tempos dos gentios, na qual os 1.260 anos foram duplicados para 2.520 anos.



Scripture Lines of Time

REIGN OF THE MESSIAH.

KINGDOM OF ISRAEL.

JEWISH KINGDOM.

THE

EVEN-TIDE;

OR,

Last Triumph

OF THE

BLESSED AND ONLY POTENTATE,

THE KING OF KINGS, AND LORD OF LORDS;

BEING A DEVELOPMENT OF THE

MYSTERIES OF DANIEL AND ST. JOHN,

AND OF

THE PROPHECIES

RESPECTING THE

RENOVATED KINGDOM OF ISRAEL;

In which the Scripture Lines of Time of the 210, 391, 1260, 1290, 1335, 2300, and 2520 Years are traced and found to terminate

A.D. 1844.—IN THE RISE OF THE JEWISH KINGDOM, AND THE DESTRUCTION OF THE PAPAL POWER.

A.D. 1873.—IN THE EMPIRE OF ISRAEL, AND THE EXTIRPATION OF MOHAMMEDISM.

A.D. 1917.—IN THE TRANSCENDANT "GLORY OF ISRAEL," AND THE CLOSE OF THE LAST JUDGMENT.

By J. A. BROWN.

IN TWO VOLUMES.

VOL. I.

"AT EVENING TIME IT SHALL BE LIGHT."—ZECHARIAH

LONDON:

PUBLISHED BY J. OFFOR, NEWGATE STREET, LONGMAN & CO., AND W. HAMILTON, PATERNOSTER ROW, HATCHARD & SON, PICCADILLY, E. B. PEISLEY, FLEET STREET, AND HEARNEY, CASTLE STREET, OXFORD STREET.

1823.

130 *Two Thousand Five Hundred and Twenty Years,*

TWO THOUSAND FIVE HUNDRED AND TWENTY YEARS, OR DURATION OF THE FOUR TYRANNICAL EMPIRES.

B.C. 604—1917, *A.D.*

ALTHOUGH many large and learned volumes have been written on prophetical subjects during a succession of ages; yet, having never seen the subject, on which I am about to offer some remarks, touched upon by any author, I commend it to the attention of the reader, not doubtingly, indeed, but with strong confidence that it will be found still further to corroborate the scale of the prophetical periods, assumed as the basis of the fulfilment of prophecy.

The time of the last judgment, when the reign of blessedness commences, and when all the wicked will be judged and consigned to their eternal abode, as the just consequence of their transgression, I assume to be the forty-five years, or elongated period *beyond* the thirty years of Daniel, when the "abomination which maketh desolate" shall be taken away; which thirty years succeed the mystic "time, times, and a half." "Blessed," says the angel, "is he that waiteth, and cometh to the thousand three hundred and five and thirty days," xii. 12. A period, therefore, of *forty-five years* remains to be accounted for; of which nothing is mentioned by Daniel to take place within or under that period, unless it be the judgment of the other beasts, whose "lives were spared for a season and a TIME." The judgment of Daniel's Roman beast is evidently a judgment of some duration, implied by the term "*consuming*," which is also stated to continue "*to the end*," or probably *time* of the end. It has

or Duration of the Four Tyrannical Empires. 131

been seen, also, on a consideration of the burial of Gog and Magog, that it was to be a gradual decay, or consumption of dominion. Such, also, seems to be, though more rapid in execution, and marked by decisive manifestations of Divine interposition, the TIME *of judgment* now in question. That it is an eventful time, and attended by some distinguishing process, will, I doubt not, be made manifest.

The duration of that period, I conceive, takes in the time of *searching the land* for the remains of Gog and Magog; and the sitting in judgment on the adherents of Daniel's other beasts, that judgment closing finally with the casting of the Papal *Death*, and the Mohammedan *Hell*, into the lake of fire; into which, also, every one brought into judgment, that cannot stand the fiery trial, shall be likewise cast. That the second event of Daniel's prophecy coincides with the second judgment of St. John, if it may not be considered as already proved, will, I think, be undoubtedly established, by points which yet remain to be considered.

The period of blessedness is marked, if I mistake not, by a still broader and longer line of Scripture time than any previously mentioned, commencing from the very first mooting of the tyrannical empires; is more comprehensive in its arrangements, and is distinguished by the exit of the grand week of prophetic years, or chronological period of the lives of the four great and dominant tyrannies. Thirteen hundred and thirty-five years of the Mohammedan Hegira, from its first rise, close with the commencement of the reign of blessedness, in 1917. The grand week of years, commencing with the first year of the Babylonic tyranny, and ending with the last year of the *time* of the beasts, or of the forty-five years TIME of the judgment of the Mohammedan imposture, terminates in the very same year, 1917; calculating upon the same principle of solar years, when the tyrannical empires are concerned, and at a time when lunar years were scarcely known; reserving these for the adherents of the Mohammedan imposture, who, during their tyranny, only employed them.

x 2

O livro de John Aquila Brown *O Anoitecer* (em inglês - Londres, 1823), no qual pela primeira vez os "sete tempos" de Daniel 4 foram explicados como significando 2.520 anos.

Daniel 8:14 de forma que terminassem em 1843 (depois 1844).[20]

Esta veio a ser uma data chave para o movimento do Segundo Advento.[21] Ele foi também o primeiro que chegou a um período profético de 2.520 anos.

O cálculo de Brown dos 2.520 anos baseou-se em sua exposição dos "sete tempos" que faziam parte do sonho de Nabucodonosor sobre a árvore derrubada, em Daniel capítulo 4. Foi publicado originalmente em inglês em 1823 em sua obra de dois volumes *O Anoitecer; ou, Último Triunfo do Abençoado e Único Potentado, o Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores*.[22] Ele diz especificamente que foi o primeiro a escrever sobre o assunto:

> Embora tenham sido escritos muitos volumes extensos e eruditos sobre assuntos proféticos durante a sucessão das eras; ainda assim, *já que nunca vi alguém tratar do assunto* sobre o qual vou fazer algumas observações, eu recomendo este livro à atenção do leitor, não com dúvida, mas com forte convicção de que mais ainda se descobrirá para confirmar a tabela dos períodos proféticos, que se supõe serem a base do cumprimento

[20] Brown publicou originalmente sua cronologia num artigo do mensário londrino *O Observador Cristão*, de novembro de 1810. Segundo o seu entendimento dos tempos dos gentios, os "gentios pisoteadores" eram os maometanos (ou muçulmanos), e por isso ele encarava os tão freqüentemente comentados 1.260 anos como sendo anos *lunares* maometanos, correspondendo a 1.222 anos *solares*. Ele contava este período de 622 E.C. (o primeiro ano da era muçulmana da *Hégira*) até 1844, data na qual ele esperava a vinda de Cristo e a restauração da nação judaica na Palestina. — *O Anoitecer*, J. A. Brown, Vol. 1 (1823), págs. vii, xi, 1-60.

[21] Esperava-se que o segundo advento ocorreria durante o ano 1843/44, contado de primavera a primavera [setentrional] como se fazia no calendário judaico. Argumentou-se que os expositores nos Estados Unidos chegaram à data 1843 como sendo o fim dos 2.300 anos independentemente de Brown. Embora isso *possa* ser verdade, não pode ser provado, e é interessante que *O Observador Cristão*, de Londres, Inglaterra, um periódico iniciado em 1802 que tratava freqüentemente de profecias, tinha também uma edição americana publicada em Boston, que publicava simultaneamente artigo por artigo da edição britânica. Portanto o artigo de Brown sobre os 2.300 anos poderia ter sido lido por muitos nos Estados Unidos já em 1810. Logo depois disso, a data 1843 começou a aparecer em exposições proféticas americanas.

[22] Publicado em Londres; a matéria pertinente encontra-se no Vol. II, págs. 130-152.

da profecia.[23]

Em sua interpretação, Brown divergia de outros expositores posteriores por jamais associar os "sete tempos" do sonho de Nabucodonosor com os "sete tempos" da punição profética aplicada contra Israel, em Levítico 26:12-28. "Nabucodonosor foi um tipo", escreveu Brown, "dos três reinos sucessivos que haveriam de surgir." Sobre os "sete tempos," ou anos, da aflição de Nabucodonosor, ele disse:

> [Estes] seriam, portanto, considerados como uma grande semana de anos, formando um período de dois mil quinhentos e vinte anos, e abrangendo a duração das quatro monarquias tirânicas; ao fim do qual elas aprenderão, assim como Nabucodonosor, na "época e tempo" dos dois julgamentos, que *"o Altíssimo governa no reino dos homens, e dá o governo a quem Ele quiser"*.

Brown calculou os 2.520 anos contando-os desde o primeiro ano de Nabucodonosor, 604 A.E.C., até o ano de 1917, quando "a plena glória do reino de Israel será aperfeiçoada."[24]

---

[23] Alguns talvez estejam inclinados a contestar esta afirmação, tendo em conta a tabela nas páginas 404 e 405 do livro de Froom *A Fé Profética dos Nossos Pais* (em inglês), Volume IV. É verdade que esta tabela *parece* mostrar *James Hatley Frere* como o primeiro a escrever sobre os 2.520 anos, em 1813. Mas a parte da tabela que está mais à direita, na página 405, intitulada "Datação de outros períodos de tempo", não tem qualquer relação direta com a coluna "Data de publicação", na página 404. Ela simplesmente diz qual era a posição geral do autor com respeito a outros períodos de tempo. Ademais, Frere nunca sustentou que os tempos dos gentios (ou "sete tempos") constituem um período de 2.520 anos. Em seu primeiro livro sobre profecias, *Um Exame Conjunto das Profecias de Daniel, Esdras e S. João* (em inglês - Londres, 1815), ele não comenta Daniel 4 nem Lucas 21:24. A "cidade santa" de Revelação 11:2 é explicada por ele como sendo "a igreja visível de Cristo" sendo que "durante o período dos 1260 anos, a totalidade desta cidade é pisoteada pelos gentios, com exceção dos pátios interiores do seu templo." (página 87) Muitos anos depois, Frere calculou os tempos dos gentios como um período de 2.450 anos, de 603 A.E.C. a 1847 E.C. Veja por exemplo, seu livro *A Grande Revolução Continental, Que Marca a Expiração dos Tempos dos Gentios A.D. 1847-8* (em inglês - Londres, 1848). Note especialmente as páginas 66-78. É claro que John A. Brown estava bem familiarizado com os muitos escritos contemporâneos sobre profecias, e Frere era um dos expositores mais bem conhecidos na Inglaterra. Assim, não parece haver qualquer razão para duvidar da própria afirmação de Brown de sua primazia no que se refere aos 2.520 anos.

[24] *O Anoitecer*, Vol. II, págs. 134, 135; Vol. I, págs. XLIII, XLIV.

O próprio Brown não associou este período com os tempos dos gentios de Lucas 21:24. Entretanto, o cálculo dele para os 2.520 anos, bem como o fato de tê-los baseado em Daniel capítulo 4, desempenharam desde então um papel chave em certas interpretações modernas desses tempos dos gentios.

Os 2.520 anos são associados com os tempos dos gentios

Não demorou muito para que outros expositores começassem a identificar o novo cálculo de 2.520 anos com os "tempos dos gentios" de Lucas 21:24. Mas, assim como no caso dos 1.260 dias, eles apareciam com resultados diferentes.

Nas *Conferências Proféticas de Albury Park* (realizadas anualmente em Albury, próximo a Guildford, sul de Londres, Inglaterra, de 1826 a 1830), os "tempos dos gentios" foi um dos tópicos considerados. Desde as primeiras discussões em 1826, eles foram associados ao período de 2.520 anos por *William Cuninghame*. Ele escolheu como ponto de partida o ano em que as dez tribos [de Israel] foram levadas ao cativeiro por Salmaneser (ano este que ele datou em 728 A.E.C.), chegando assim à data final ou terminal 1792 E.C., uma data que já tinha passado naquele momento.[25]

Muitos comentaristas bíblicos contavam os "sete tempos dos gentios" a partir do cativeiro de Manassés, que eles datavam em 677 A.E.C. Obviamente, isto era feito para que os tempos dos gentios terminassem na mesma data que tinha sido atribuída antes aos 2.300 dias-anos, ou seja, em 1843 ou 1844.[26] Em 1835, *William W. Pym*

---

[25] *Diálogos Sobre Profecia*, Henry Drummond (em inglês - Londres, 1827), Vol. I, págs. 33, 34. Neste relatório das discussões em Albury, são dados nomes fictícios aos participantes. Cuninghame ("Sophron") chega aos 2.520 anos por duplicar os 1.260 anos, e não por fazer referência aos "sete tempos" de Daniel 4 ou Levítico 26. Para apoiar isto, ele se refere à autoridade de *Joseph Mede*, um expositor que viveu no século 17. Embora Mede tenha sugerido que os tempos dos gentios poderiam se referir aos quatro reinos que começaram com Babilônia, ele nunca afirmou que o período era 2.520 anos. (*As Obras*, Mede, Londres, 1664, Livro 4, págs. 908-910, 920, em inglês.) Numa discussão posterior, "Anastasius" (Henry Drummond) associa os 2.520 anos com os "sete tempos" de Levítico 26 e, "retificando" o ponto inicial de Cuninghame de 728 para 722 A.C., ele chega a 1798 E.C. como sendo a data final. (*Diálogos*, Vol. I, págs. 324, 325)

[26] *John Fry* (1775-1849) estava entre os que faziam isto, em seu livro *Profecias Não Cumpridas das Escrituras*, publicado em inglês em 1835.

publicou sua obra *Uma Palavra de Aviso nos Últimos Dias* (em inglês), na qual finalizou os "sete tempos" em 1847. É interessante que ele elabora seu cálculo dos 2.520 anos dos tempos dos gentios com base tanto nas "sete vezes" mencionadas em Levítico 26 como nos "sete tempos" de Daniel 4:

> Em outras palavras, os julgamentos adversos expressos por Moisés, que devem durar pelos sete tempos, ou 2520 anos; e os julgamentos revelados a Daniel, que devem terminar com a purificação do santuário depois de uma parte do número maior 2.520.[27]

Outros, contudo, aguardavam ansiosamente 1836 E.C., um ano fixado em bases completamente diferentes pelo teólogo alemão *J. A. Bengel* (1687-1752), e tentaram finalizar os "sete tempos" nesse mesmo ano.[28]

Para ilustrar o estado de contínuas mudanças então existente, *Edward Bickersteth* (1786-1850), reitor evangélico de Watton, Hartfordshire, tentou diferentes pontos iniciais para os "sete tempos dos gentios", chegando a três datas finais diferentes:

> Se contarmos o cativeiro de Israel como se iniciando em 727 antes de Cristo, o primeiro cativeiro de Israel sob Salmaneser, o período terminaria em 1793, quando irrompeu a revolução Francesa: e se começarmos por 677 antes de Cristo, o cativeiro deles sob Esar-Hadom (o mesmo período em que Manassés, rei de Judá, foi levado ao cativeiro,) (2 Reis 17:23, 24; 2 Crôn. 33: 11,) o período terminaria em 1843: ou, se contarmos a partir de 602 antes de Cristo, que foi o destronamento final de Jeoiaquim por Nabucodonosor, o período terminaria em 1918. Todos estes períodos podem ter uma referência a eventos correspondentes no seu término, e são dignos de séria consideração.[29]

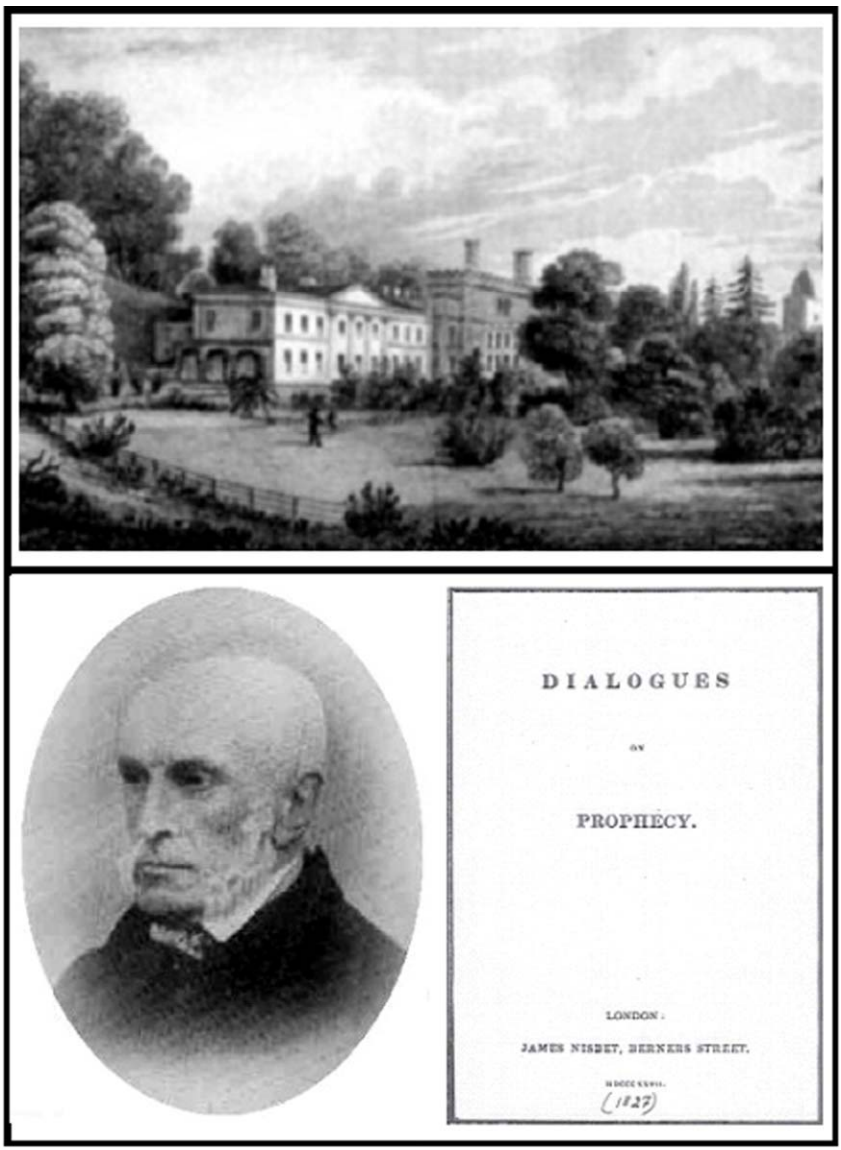
Um dos milenaristas mais bem conhecidos e eruditos do século 19 foi *Edward Bishop Elliott* (1793-1875), titular da Igreja de Marcos, em Brighton, Inglaterra. É ele quem menciona pela primeira vez a data

---

[27] Trecho encontrado na página 48 de sua obra. Citado em Froom, Vol. III, pág. 576.

[28] Assim fez *W. A. Holmes*, chanceler de Cashel, em seu livro *O Tempo do Fim*, publicado em inglês em 1833. Ele datou o cativeiro de Manassés sob Esar-Hadom em 685 A.E.C., e contando os 2.520 anos a partir dessa data, finalizou os "sete tempos" em 1835-1836.

[29] Edward Bickersteth, *Uma Ajuda das Escrituras*, publicado originalmente em inglês em 1815. Depois de 1832 Bickersteth começou a pregar sobre as profecias, o que também influenciou edições posteriores de *Uma Ajuda das Escrituras*. A citação é extraída da vigésima edição (Londres, 1850), pág. 235.



NO ALTO: **A residência Albury Park, próxima a Guildford, sul de Londres, local das *Conferências Proféticas de Albury Park*, 1826-1830. Nestas conferências foram desenvolvidas certas idéias que 50 anos depois viriam a se tornar elementos centrais da mensagem da Sociedade Torre de Vigia, particularmente, *os tempos dos gentios como um período de 2.520 anos e a idéia da segunda vinda de Cristo como sendo uma presença invisível*.**

EMBAIXO: **Henry Drummond, proprietário de Albury Park e anfitrião das conferências, que também publicou relatórios anuais das discussões (*Diálogos Sobre Profecia)*.**

1914. No seu monumental tratado *Horæ Apocalypticæ* ("Horas com o Apocalipse") ele contou pela primeira vez os 2.520 anos de 727 A.E.C. a 1793 E.C., mas acrescentou:

> Naturalmente, se for calculado desde a própria ascensão de Nabucodonosor e invasão de Judá, em 606 A.C., o fim será bem mais tarde, em 1914 A.D.; apenas meio século, ou período de jubileu depois de nossa provável data para o início do Milênio [que ele tinha fixado em "por volta de 1862 A.D."].[30]

Um fator que deve ser notado aqui é que na cronologia de Elliott, 606 A.E.C. era o *ano de ascensão* de Nabucodonosor, enquanto na cronologia posterior de Nelson H. Barbour e Charles T. Russell, 606 A.E.C. era a data atribuída à destruição de Jerusalém por Nabucodonosor no seu *18º ano*.

O movimento milerita

As principais obras britânicas sobre profecias foram extensivamente reimpressas nos Estados Unidos e influenciaram fortemente muitos escritores americanos sobre o assunto. Entre estes estava o bem conhecido pregador batista *William Miller* e seus associados, que apontavam para 1843 como a data da segunda vinda de Cristo. Estima-se que pelo menos 50.000 e talvez tantas quantas 200.000 pessoas vieram a aceitar as interpretações de Miller.[31]

Praticamente todas as posições que eles sustentavam sobre as várias profecias, tinham sido ensinadas por outros expositores anteriores ou contemporâneos. Miller estava simplesmente seguindo outros ao finalizar os "tempos dos gentios" em 1843. Na Primeira Conferência Geral, realizada em Boston, Massachusetts, em 14 e 15 de outubro de 1840, um dos discursos de Miller abordava a cronologia bíblica. Ele dizia que os "sete tempos," ou 2.520 anos, estendiam-se de 677 A.E.C.

---

[30] E. B. Elliott, *Horas com o Apocalipse*, 1ª ed. em inglês (Londres: Seeley, Burnside e Seeley, 1844), Vol. III, págs. 1429-1431. O trabalho de Elliott teve cinco edições (1844, 1846, 1847, 1851 e 1862). Nas duas últimas ele não mencionou diretamente a data 1914, embora ainda sugerisse que os 2.520 anos poderiam ser contados desde o início do reinado de Nabucodonosor.

[31] David Tallmadge Arthur, *"Saí de Babilônia": Um Estudo do Separatismo e Denominacionalismo Milerita*, 1840-1865 (tese de doutorado em inglês, não publicada, Universidade de Rochester, 1970), págs. 86-88.

a 1843 E.C.[32] A segunda vinda de Cristo era esperada o mais tardar em 1844.

A data predita durante tanto tempo e por tantas pessoas, com suposto apoio bíblico, veio e se foi, sem o cumprimento de quaisquer das expectativas baseadas nela.

Depois do "Grande Desapontamento" de 1844, alguns, e entre eles o próprio Miller, confessaram abertamente que a época estava errada.[33]

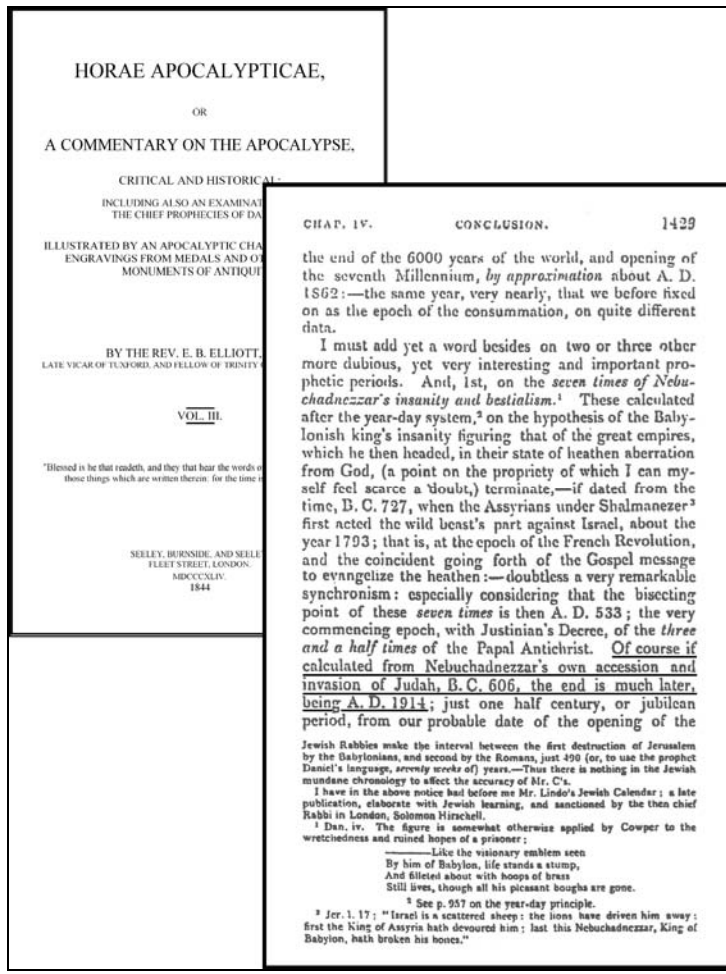
Outros, contudo, insistiram que a época em si estava certa, mas o evento esperado estava errado. Expressando o que veio a se tornar uma justificativa familiar, eles tinham esperado "a coisa errada na época certa."

Esta posição foi tomada por um grupo que mais tarde veio a ser conhecido como Adventistas do Sétimo Dia. Eles afirmaram que Jesus, em vez de descer à terra em 1844, entrou no lugar mais sagrado do santuário celestial como sumo sacerdote da humanidade, para

---

[32] William Miller, *"Uma Dissertação sobre Cronologia Profética"* no *Primeiro Relatório da Conferência Geral de Cristãos à Espera do Advento do Senhor Jesus Cristo* (em inglês - Boston, 1842), pág. 5. Outros mileritas que enfatizavam os 2.520 anos incluíam Richard Hutchinson (editor de *A Voz de Elias*) em um panfleto em inglês de 1843, *O Trono de Judá Perpetuado em Cristo*, e Filêmon R. Russell (editor do *Jornal e Arauto Cristão*), no número de 19 de março de 1840 desse periódico, em inglês. Os 2.520 anos também aparecem em tabelas usadas por evangelistas mileritas. (Veja Froom, Vol. IV, págs. 699-701, 726-737.)

[33] "Que estive enganado quanto ao tempo, confesso abertamente; e não tenho o desejo de defender minha atuação a não ser dizendo que agi com motivações puras, e isso resultou em glória para Deus. Estou convicto de que Deus perdoará os meus enganos e erros...." (*Apologia e Defesa de William Miller*, Boston, 1845, págs. 33, 34, em inglês.) *George Storrs*, que tinha sido um dos líderes na última fase do movimento milerita, o chamado "movimento do sétimo mês," no qual o advento fora finalmente marcado para 22 de outubro de 1844, foi ainda mais franco. Não só confessou e lamentou aberta e repetidamente o seu erro, como também declarou que Deus não tinha estado no movimento "tempo específico", que eles tinham sido "hipnotizados" por mera influência humana e que "a Bíblia não ensina de maneira alguma um tempo específico." (Veja D. T. Arthur, *op. cit.*, págs. 89-92.)



HORAE APOCALYPTICAE,

OR

A COMMENTARY ON THE APOCALYPSE,

CRITICAL AND HISTORICAL:

INCLUDING ALSO AN EXAMINAT
THE CHIEF PROPHECIES OF DA

ILLUSTRATED BY AN APOCALYPTIC CHA
ENGRAVINGS FROM MEDALS AND O
MONUMENTS OF ANTIQUI

BY THE REV. E. B. ELLIOTT,
LATE VICAR OF TUXFORD, AND FELLOW OF TRINITY

VOL. III.

"Blessed is he that readeth, and they that hear the words o
those things which are written therein: for the time i

SEELEY, BURNSIDE, AND SEELE
FLEET STREET, LONDON.
MDCCCXLIV.
1844

CHAP. IV. CONCLUSION. 1429

the end of the 6000 years of the world, and opening of the seventh Millennium, *by approximation* about A. D. 1862:—the same year, very nearly, that we before fixed on as the epoch of the consummation, on quite different data.

I must add yet a word besides on two or three other more dubious, yet very interesting and important prophetic periods. And, 1st, on the *seven times of Nebuchadnezzar's insanity and bestialism.*[1] These calculated after the year-day system,[2] on the hypothesis of the Babylonish king's insanity figuring that of the great empires, which he then headed, in their state of heathen aberration from God, (a point on the propriety of which I can myself feel scarce a doubt,) terminate,—if dated from the time, B. C. 727, when the Assyrians under Shalmanezer[3] first acted the wild beast's part against Israel, about the year 1793; that is, at the epoch of the French Revolution, and the coincident going forth of the Gospel message to evangelize the heathen:—doubtless a very remarkable synchronism: especially considering that the bisecting point of these *seven times* is then A. D. 533; the very commencing epoch, with Justinian's Decree, of the *three and a half times* of the Papal Antichrist. Of course if calculated from Nebuchadnezzar's own accession and invasion of Judah, B. C. 606, the end is much later, being A. D. 1914; just one half century, or jubilean period, from our probable date of the opening of the

Jewish Rabbies make the interval between the first destruction of Jerusalem by the Babylonians, and second by the Romans, just 490 (or, to use the prophet Daniel's language, *seventy weeks of*) years.—Thus there is nothing in the Jewish mundane chronology to affect the accuracy of Mr. C's.

I have in the above notice had before me Mr. Lindo's Jewish Calendar; a late publication, elaborate with Jewish learning, and sanctioned by the then chief Rabbi in London, Solomon Hirschell.

[1] Dan. iv. The figure is somewhat otherwise applied by Cowper to the wretchedness and ruined hopes of a prisoner;

——Like the visionary emblem seen
By him of Babylon, life stands a stump,
And fillets about with hoops of brass
Still lives, though all his pleasant boughs are gone.

[2] See p. 957 on the year-day principle.

[3] Jer. l. 17; "Israel is a scattered sheep; the lions have driven him away; first the King of Assyria hath devoured him; last this Nebuchadnezzar, King of Babylon, hath broken his bones."

Horas Com o Apocalipse, Vol. III (1844), de E. B. Elliott

E. B. Elliott foi mui provavelmente o primeiro expositor a contar os "tempos dos gentios" de 606 A.E.C. a 1914 E.C. Deve-se notar, porém, que na cronologia dele o ponto inicial, 606 A.E.C., era o *ano de ascensão* de Nabucodonosor, enquanto que na cronologia de Barbour e Russell este era o *décimo oitavo ano* do reinado de Nabucodonosor. Portanto, suas cronologias eram conflitantes, embora acidentalmente tenha acontecido de as datas resultantes serem as mesmas.

TRADUÇÃO DO TRECHO SUBLINHADO: **Naturalmente, se for calculado desde a própria ascensão de Nabucodonosor e invasão de Judá, em 606 A.C., o fim será bem mais tarde, em 1914 A.D.**

A tabela “1843”

usada por *William Miller* (no encaixe) e por seus associados ao apresentarem a mensagem sobre 1843. Miller apresentou quinze “provas” diferentes em apoio da sua data 1843, a maioria das quais sendo cálculos baseados nos vários períodos de anos-dias, incluindo os 2300 e os 2520 anos-dias.

introduzir o dia da expiação antitípico.[34] Este grupo, que se separou dos demais "Segundo Adventistas" no final da década de 1840, causou a primeira grande divisão dentro do movimento original.

Alguns líderes mileritas que também apoiavam a data 1844 — entre eles *Apollos Hale*, *Joseph Turner*, *Samuel Snow* e *Barnett Matthias* — afirmavam que *Jesus tinha realmente vindo* como Noivo em 1844, embora de maneira espiritual e invisível, "não por descer pessoalmente do céu, mas *por assumir o trono espiritualmente*." Em 1844, diziam eles, o "reino deste mundo" foi dado a Cristo.[35]

Ramificações do movimento milerita

Assim, depois de 1844 o movimento milerita do "Segundo Advento" fragmentou-se gradualmente em vários grupos adventistas.[36] Uma multiplicidade de novas datas começaram a aparecer: 1845, 1846, 1847, 1850, 1851, 1852, 1853, 1854, 1866, 1867, 1868, 1870, 1873, 1875, e assim por diante, e estas datas, cada uma tendo seus promotores e seguidores, contribuíram para uma fragmentação ainda maior. Um líder do Segundo Adventismo, *Jonathan Cummings*, declarou em 1852 que tinha recebido uma "nova luz" sobre a cronologia, e que se devia esperar o segundo advento em 1854. Muitos mileritas juntaram-se a Cummings e, em janeiro de 1854 deram início a um novo periódico, o *Crise Mundial* (em inglês), em defesa da nova data.[37]

Outros fatores além das datas começaram a desempenhar um papel na composição do movimento do Segundo Advento. Até o presente

---

[34] Para uma abordagem esclarecedora sobre o desenvolvimento desta doutrina, veja *A Última Trombeta. Um estudo histórico-genético de alguns capítulos importantes na formação e desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, do Dr. Ingemar Lindén (em inglês - Frankfurt-sobre-o-Meno, Las Vegas: Peter Lang, 1978), págs. 129-133. Anos depois a doutrina foi modificada para significar que o chamado "juízo investigativo" dos crentes — mortos e vivos — começou em 22 de outubro de 1844.

[35] Froom, Vol. IV, pág. 888. Uma discussão detalhada destas interpretações é apresentada pelo Dr. D. T. Arthur, *op. cit.*, págs. 97-115.

[36] Em 1855 um proeminente Segundo Adventista, J. P. Cowles, estimou que havia "umas vinte e cinco divisões do que havia sido antes o corpo unificado do Advento." (Veja D. T. Arthur, *op. cit.*, pág. 319.)

[37] *A História da Mensagem do Segundo Advento*, Isaac C. Wellcome (em inglês - Yarmouth, Maine, Boston, Nova Iorque, Londres, 1874), págs. 594-597.

momento, eles são características distintivas entre vários movimentos que se desenvolveram a partir do Segundo Adventismo, incluindo a Igreja Adventista do Sétimo Dia, as Testemunhas de Jeová e certas denominações da Igreja de Deus. Estes fatores incluem a doutrina da imortalidade condicional — não inerente — da alma, com o conseqüente dogma de que o destino final dos rejeitados por Deus é a destruição ou aniquilamento, não o tormento consciente. A crença trinitarista também se tornou uma questão entre alguns setores dos Segundo Adventistas. (Para mais detalhes acerca destes desenvolvimentos e seus efeitos em contribuir para a divisão entre as ramificações dos movimentos mileritas, veja o Apêndice ao Capítulo 1.)

A maior parte destes desenvolvimentos já tinha ocorrido quando Charles Taze Russell, ainda em sua adolescência, começou a formação de um grupo de estudo da Bíblia em Allegheny, Pensilvânia. Do fim da década de 1860 em diante, Russell entrou cada vez mais em contato com alguns dos grupos Segundo Adventistas que se haviam desenvolvido. Ele estabeleceu estreitas relações com alguns dos seus ministros e leu alguns dos seus jornais, incluindo o *Examinador da Bíblia* de George Storrs. Gradualmente, Russell e seus associados adotaram muitos dos ensinos centrais desses grupos, incluindo suas posições condicionalistas e anti-trinitaristas e a maior parte das suas interpretações sobre a "era vindoura." Por fim, em 1876 Russell também adotou uma versão revisada do sistema cronológico desses grupos, envolvendo a idéia de que os 2.520 anos dos tempos dos gentios expirariam em 1914. Portanto, em todos os aspectos essenciais, o movimento dos Estudantes da Bíblia de Russell pode ser descrito como mais uma ramificação do movimento milerita.

Qual foi então a fonte mais *imediata* do sistema cronológico que Russell, o fundador do movimento da Torre de Vigia, adotou, incluindo não só o período de 2.520 anos para os tempos dos gentios com término em 1914, como também o ano 1874 para o início de uma presença invisível de Cristo? Essa fonte foi um homem chamado Nelson H. Barbour.

Nelson H. Barbour

Nelson H. Barbour nasceu perto de Auburn, Nova Iorque, em 1824. Ele juntou-se ao movimento milerita em 1843, aos 19 anos de idade.

Ele "perdeu sua religião" por completo depois do "Grande Desapontamento" em 1844 e foi para a Austrália, onde se tornou mineiro durante a corrida do ouro ali.[38] Depois, em 1859, retornou à América passando por Londres, Inglaterra. Em um retrospecto, Barbour conta como foi que seu interesse nos períodos de tempo proféticos foi novamente despertado durante esta viagem:

> O navio partiu da Austrália levando a bordo um irmão adventista [o próprio Barbour], que tinha perdido sua religião e que tinha estado por muitos anos em escuridão total. Para aliviar a monotonia de uma longa viagem no mar, [um] capelão inglês propôs uma leitura sistemática das profecias; com o que o irmão concordou prontamente; por ter sido um milerita em anos anteriores, ele sabia muito bem que havia argumentos que deixariam o capelão *perplexo*, muito embora a época tivesse passado.[39]

Durante esta leitura Barbour achou que tinha descoberto o erro crucial na contagem de Miller. Por que Miller iniciou os 1.260 "anos-dias" de Revelação capítulo 11 em 538 E.C. e iniciou os 1.290 e os 1.335 anos-dias de Daniel 12 *trinta anos depois*, em 508 E.C.? Não deveriam os três períodos começar na mesma data? Sendo assim, os 1.290 anos terminariam em 1828 e os 1.335 anos terminariam — não em 1843, mas — em 1873. "Chegando a Londres [em 1860], ele foi à biblioteca do Museu Britânico e, entre muitas outras obras extensas sobre as profecias, encontrou *Horas com o Apocalipse*", de Elliott, na qual o autor havia reproduzido uma tabela, "A Cronologia do Mundo Segundo as Escrituras", elaborada por seu amigo, o Reverendo *Christopher Bowen*. A tabela mostrava que 5.979 anos desde a criação do homem terminavam em 1851.[40] Somando-se 21 anos aos 5.979 anos, Barbour descobriu que *6.000 anos* terminariam em 1873. Ele encarou isto como uma notável e excitante confirmação do seu próprio cálculo do período de 1.335 anos.

Ao voltar para os Estados Unidos, Barbour tentou despertar o interesse de outros Segundo Adventistas em sua nova data para a vinda do Senhor. De 1868 em diante ele começou a pregar e a publicar suas

---

[38] *Evidências da Vinda do Senhor em 1873; ou o Grito da Meia-Noite*, Nelson H. Barbour, 2ª ed. em inglês (Rochester, N.I., 1871), pág.32.

[39] *Ibid*., pág. 32.

[40] *Ibid*., pág. 33; E. B. Elliott, *Horas com o Apocalipse*, 4.ª ed. em inglês (Londres: Seeleys, 1851), Vol. IV; folha avulsa anexa à pág. 236. O livro de Elliott nessa época, 1860, era uma obra padrão que defendia 1866 como a época da vinda do Senhor.

descobertas. Vários artigos dele sobre cronologia foram publicados no *Crise Mundial* e no *Tempos do Advento Cristão*, os dois principais jornais da Associação Cristã do Advento. Em 1870 ele publicou também o panfleto de 100 páginas *Evidências da Vinda do Senhor em 1873; ou o Grito da Meia-Noite*, cuja segunda edição (em inglês) foi citada acima.[41] Em 1873 ele iniciou um periódico mensal de sua autoria, intitulado *O Grito da Meia-Noite, e Arauto da Manhã* (em inglês), cuja circulação chegou a 15.000 cópias em três meses.[42] Quando o ano marcado de 1873 estava quase terminando, Barbour adiou o tempo do segundo advento para o outono setentrional de 1874.[43] Mas quando esse ano também passou, Barbour e os seus seguidores ficaram muito preocupados:

> Quando 1874 chegou e não havia qualquer sinal visível de Jesus nas nuvens literais e numa forma carnal, houve uma reavaliação geral de todos os argumentos sobre os quais o 'Grito da Meia-Noite' tinha sido baseado. Como

[41] *Arauto da Manhã*, de Nelson H. Barbour (Rochester, Nova Iorque), setembro de 1879, pág. 36, em inglês. Na realidade, a nova data de Barbour para o segundo advento foi adotada por um crescente número de Segundo Adventistas, principalmente da Igreja Cristã do Advento, com a qual Barbour evidentemente se associou durante vários anos. Uma razão para esta prontidão em aceitar a data 1873 foi que esta não era uma novidade para eles. Conforme Barbour indica em *Evidências* ... (págs. 33, 34), o próprio Miller mencionara 1873 depois do fracasso de 1843. Antes de 1843, vários expositores na Inglaterra tinham finalizado os 1.335 anos em 1873, como por exemplo, John Fry em 1835 e George Duffield em 1842. (Froom, Vol. III, págs. 496, 497; Vol. IV, pág. 337) Já em 1853 o adventista da "era vindoura", Joseph Marsh, de Rochester, Nova Iorque, concluiu, assim como outros expositores antes dele, que o "tempo do fim" era um período de 75 anos que começara em 1798 e terminaria em 1873. (D. T. Arthur, *op. cit.*, pág. 360) Em 1870 o bem conhecido pregador do Advento Cristão, Jonas Wendell, incluiu a cronologia de Barbour no seu folheto *A Verdade Presente; ou, Alimento na Época Devida* (em inglês - Edinboro, PA, 1870). O crescente interesse na data fez com que a Igreja Cristã do Advento promovesse uma conferência especial de 6 a 11 de fevereiro de 1872 em Worcester, Massachussets, para se examinar o tempo da vinda do Senhor e especialmente a data 1873. Muitos pregadores, incluindo Barbour, participaram nas discussões. Conforme relatado no periódico *Tempos do Advento Cristão* de 12 de março de 1872, "O ponto no qual parecia haver alguma unanimidade geral era o fim dos mil trezentos e trinta e cinco anos em 1873." (pág. 263 em inglês).

[42] *O Grito da Meia-Noite, e Arauto da Manhã*, Nelson H. Barbour, (Boston, Massachussets) Vol. I: 4 de março de 1874, pág. 50, em inglês.

[43] "A Época 1873", N. H. Barbour, *Tempos do Advento Cristão*, 11 de novembro de 1873, pág. 106, em inglês.

> não se conseguiu encontrar qualquer falha ou imperfeição, isto levou a um exame crítico das Escrituras que pareciam ter relação com a maneira da vinda de Cristo, e logo se descobriu que esperar a segunda vinda de Jesus na carne era o erro . . . .[44]

Uma "presença invisível"

Um dos leitores do *Grito da Meia-Noite*, B. W. Keith (que depois foi um dos contribuintes da revista *A Torre de Vigia de Sião*),

> . . . estivera lendo cuidadosamente o capítulo 24 de Mateus, usando a 'Emphatic Diaglott', uma nova e muito exata tradução palavra por palavra do Novo Testamento [traduzida e publicada por Benjamim Wilson em 1864]; quando chegou aos versículos 37 e 39 ficou muito surpreso ao descobrir que o texto diz o seguinte: 'Como os dias de Noé, assim será a *presença* do Filho do homem'.[46]

Keith descobriu assim a palavra grega *parousia*, geralmente traduzida por "vinda," traduzida aqui por "presença." Uma idéia amplamente difundida entre os expositores nessa época era que a segunda vinda de Cristo ocorreria em *duas fases*, a primeira das quais seria invisível.[45] Poderia ser o caso de Jesus *já ter* vindo no outono setentrional de 1874, embora de modo *invisível*, e estar *invisivelmente presente* desde então?

Para Barbour, esta explicação não só parecia atraente, como também uma vez que ele e seus associados não haviam conseguido encontrar falhas em seus cálculos, encararam-na como solução para o seu problema. A data estava certa, embora as suas expectativas tivessem sido erradas.

---

[44] *A Torre de Vigia de Sião*, outubro e novembro de 1881, pág. 3 (=*Reimpressões*, pág. 289, em inglês).

[45] Esta idéia sobre a volta de Cristo foi originalmente apresentada por volta de 1828 por um banqueiro e expositor de profecias em Londres, *Henry Drummond*. Ela tornou-se logo muito popular entre os expositores de profecias durante o resto do século, especialmente entre os darbistas, que fizeram muito para popularizá-la. Foi muito discutida nos principais periódicos milenaristas; na Inglaterra, na *Revista Trimestral de Profecia* (1849-1873) e em *O Arco-Íris* (1864-1887), e nos Estados Unidos no *Tempos Proféticos* (1863-1881). O principal editor deste último periódico (que também era amplamente lido em círculos adventistas, incluindo o de C. T. Russell e seus associados) era o bem conhecido ministro luterano Joseph A. Seiss. — Um exame da origem e da difusão da idéia da "presença invisível" encontra-se na revista *A Jornada Cristã* (em inglês - Christian Renewal Ministries, San Jose, CA), Vol. 1:2, 1988, págs. 37-59, e Vol. 2:1, 1989, págs. 47-58.

Mais uma vez, isto foi visto como um caso de se ter esperado "a coisa errada na época certa":

> Dessa forma, era evidente que, embora a *maneira* na qual eles tinham esperado Jesus estivesse errada, ainda assim o tempo, conforme indicado pelo 'Grito da Meia-Noite', estava correto, e o Noivo *veio* no outono setentrional de 1874 . . . .[46]

Entretanto, a maioria dos leitores do *Grito da Meia-Noite, e Arauto da Manhã* não pôde aceitar esta explicação, e os 15.000 leitores rapidamente "reduziram-se para cerca de 200." O próprio Barbour estava convencido de que a manhã do Milênio já tinha começado a alvorecer, e por isso achou que *Grito da Meia-Noite* já não era um título conveniente para o seu periódico. Ele comentou: "Alguém pode me informar como é que se pode dar um 'Grito da Meia-Noite' pela *manhã*?"[47] Desse modo, o jornal, que tinha deixado de ser publicado em outubro de 1874, foi reiniciado em junho de 1875 como *Arauto da Manhã*, dispensando assim a primeira parte do título anterior.

Em um dos primeiros números (o de setembro de 1875), Barbour publicou o seu cálculo dos tempos dos gentios, fazendo-os terminar em 1914 E.C.[48] (Veja a página seguinte.)

---

[46] *A Torre de Vigia de Sião*, fevereiro de 1881, pág. 3, e outubro-novembro de 1881, pág. 3 (= *Reimpressões*, págs. 188 e 289), em inglês.

[47] *Ibid.*, abril de 1880, pág. 7 (=*Reimpressões*, pág. 88), em inglês.

[48] Na realidade, Barbour já tinha feito alusão a esse cálculo na edição de junho de 1875 do *Arauto da Manhã*, ao declarar que os tempos dos gentios começaram no fim do reinado de Zedequias em 606 A.C., embora não tenha mencionado diretamente a data final (pág. 15). Na edição de julho, ele declarou que os tempos dos gentios "continuariam ainda por *quarenta anos*." Embora isto pareça apontar para 1915, as edições posteriores deixam claro que Barbour tinha em mente o ano de 1914. A edição de agosto contém um artigo sobre "Cronologia" (págs. 38-42), mas os tempos dos gentios não são discutidos. A data 1914 é mencionada diretamente pela primeira vez na edição de setembro de 1875, na qual se encontra a seguinte declaração na página 52: "Creio que embora a dispensação do evangelho termine em 1878, os judeus só serão restabelecidos na Palestina em 1881; e que os "tempos dos gentios," ou seja, seus sete tempos proféticos de 2.520 anos ou o dobro de 1.260 anos, que tiveram início em 606 A.C., quando Deus entregou tudo nas mãos de Nabucodonosor, só terminarão em 1914 A.D.; ou daqui a 40 anos." Uma longa discussão do cálculo foi então publicada na edição de outubro de 1875, págs. 74-76.

Vol. 3. SEPTEMBER, 1875. No. 4

HERALD OF THE MORNING

52

to ans
I be
and th
God.
to be
adven
took u
has a
I be
the na
the we
only a
to the
is, for
I be
forevo
tinuall
end of
ing of
of all
is calle
it begi
in the
and a
this ti
tion of
ing of
transla
ing of
nect t

The seed of the woman shall bruise the serpent's head.

Come thou and all thy house, into the ark.

Now the Lord had said to thy country; into a land that thee shall all families of Abram, get thee out of I will shew thee; and in the earth be blessed.

And ye shall be unto Me a kingdom of priests.

"Take off the diadem: I will overturn, overturn it shall be no He come whose and I will give remove the crown: overturn it, and more until right it is: it Him."

PATRIARCHAL AGE

KINGDOM OF ISRAEL

GENTILE TIMES

D. GOGSWELL, Dansville, N. Y., *Corresponding*

J. H. PATON Almont, Mich *Editors.*

N. H. BARBOUR, Editor, ROCHESTER N Y.

One Copy per annum, 60 Cents; Four Copies to one address, $2.00

I believe that though the gospel dispensation will end in 1878, the Jews will not be restored to Palestine, until 1881; and that the "times of the Gentiles," viz. their seven prophetic times, of 2520, or twice 1260 years, which began where God gave all, into the hands of Nebuchadnezzar, 606 B. C.; do not end until A. D. 1914; or 40 years from this.

Arauto da Manhã de setembro de 1875, no qual N. H. Barbour publicou pela primeira vez o ano 1914 como sendo o fim dos 2.520 anos.

TRADUÇÃO DO PARÁGRAFO EM DESTAQUE:

"Creio que, embora a dispensação do evangelho termine em 1878, os judeus só serão restabelecidos na Palestina em 1881; e que os "tempos dos gentios," ou seja, seus sete tempos proféticos de 2.520 anos ou o dobro de 1.260 anos, que tiveram início em 606 A.C., quando Deus entregou tudo nas mãos de Nabucodonosor, só terminarão em 1914 A.D.; ou daqui a 40 anos"

Charles Taze Russell

Em 1870, *Charles Taze Russell*, enquanto era um homem de negócios de 18 anos de idade em Allegheny, Pensilvânia, formou uma classe para estudo da Bíblia, juntamente com seu pai Joseph e alguns amigos.[49] O grupo foi formado em resultado dos contatos de Russell com alguns dos ex-mileritas mencionados anteriormente, especialmente Jonas Wendell, George Storrs e George Stetson.

Wendell, um pregador da Igreja Cristã do Advento de Edinboro, Pensilvânia, visitou Allegheny em 1869 e por acaso Russell foi a uma de suas reuniões, ficando fortemente impressionado pela crítica de Wendell à doutrina do inferno de fogo. Russell tinha sido educado como calvinista, mas abandonara sua herança religiosa pouco tempo antes, devido às suas dúvidas quanto às doutrinas da predestinação e do inferno de fogo. Ele estava numa séria crise religiosa nessa época e até questionava se a Bíblia era realmente a palavra de Deus. Sua reunião com Wendell e sua leitura posterior da revista de Storrs, *Examinador da Bíblia* (em inglês), restaurou sua fé na Bíblia. Os artigos publicados nesta revista parecem ter sido discutidos regularmente no grupo de estudo de Russell.

Embora Russell soubesse que alguns adventistas, incluindo Jonas Wendell, esperavam a vinda de Cristo em 1873, ele próprio rejeitou todo o conceito das marcações de tempo e fixação de datas. Daí, em 1876, ele começou a modificar sua posição:

> Foi por volta de janeiro de 1876 que minha atenção foi especialmente atraída para o assunto do tempo profético, conforme se relaciona com estas

[49] Os pais de Charles, Joseph L. e Ann Eliza (Birney) Russell, eram ambos de origem escocês-irlandesa. Eles deixaram a Irlanda durante a grande fome irlandesa de 1845-1849, quando um milhão e meio de pessoas morreram de fome e outro milhão emigrou para o exterior. Joseph e Eliza estabeleceram-se em Allegheny em 1846, onde Charles nasceu em 1852, sendo o segundo de três filhos. Como Eliza morreu por volta de 1860, Joseph teve de cuidar da educação dos filhos. Quando jovem, Charles passava a maior parte do seu tempo livre na loja de roupas de seu pai, e numa idade precoce tornou-se parceiro de negócios de Joseph. A bem sucedida companhia deles, "J. L. Russell & Son, Gents' Furnishing Goods", tornou-se por fim uma cadeia de cinco lojas em Allegheny e Pittsburgh. — Para notas biográficas adicionais sobre Russell, veja *Apocalipse Adiado. A História das Testemunhas de Jeová*, de M. James Penton, (Toronto, Buffalo, Londres: Editora da Universidade de Toronto, 1985, 1997), págs. 13-15, em inglês.

> doutrinas e esperanças. Aconteceu do seguinte modo: Recebi um jornal intitulado *Arauto da Manhã*, enviado por seu editor, o Sr. N. H. Barbour.[50]

Russell diz que ficou surpreso ao descobrir que o grupo de Barbour tinha chegado à mesma conclusão que o seu próprio grupo acerca da *maneira* da volta de Cristo — que ela seria "como o ladrão, e não na carne, mas como um ser espiritual, invisível aos homens."

Russell escreveu imediatamente a Barbour a respeito da cronologia, e mais tarde naquele ano de 1876 fez arranjos para se encontrar com ele em Filadélfia, onde Russell tinha compromissos de negócios naquele verão. Russell queria que Barbour lhe mostrasse, "se fosse capaz, que as profecias indicavam 1874 como a data na qual a presença do Senhor e 'a colheita' começaram." "Ele veio," diz Russell, "e fiquei satisfeito com a evidência."[51]

É evidente que durante estes encontros Russell aceitou não só a data 1874, como também *todos* os cálculos cronológicos de Barbour, incluindo seu cálculo dos tempos dos gentios.[52] Enquanto ainda estava em Filadélfia, Russell escreveu um artigo intitulado "Os Tempos dos Gentios: Quando Terminam?" que foi publicado no periódico *Examinador da Bíblia* de George Storrs, na edição de outubro de 1876. Referindo-se aos "sete tempos" de Levítico 26:28, 33 e Daniel 4, na página 27 do *Examinador*, ele determina a duração dos tempos dos gentios como sendo 2.520 anos, que começaram em 606 A.E.C. e terminariam em 1914 E.C. — exatamente as mesmas datas a que Barbour tinha chegado e que começara a publicar um ano antes, em 1875.

---

[50] *A Torre de Vigia de Sião*, 15 de julho de 1906, págs. 230, 231 (=*Reimpressões*, pág. 3822), em inglês.

[51] *Ibid*. Num "Suplemento à Torre de Vigia de Sião" de duas páginas, enviado "Aos leitores do 'Arauto da Manhã'" com o primeiro número de *A Torre de Vigia de Sião e Arauto da Presença de Cristo* de 1º de julho de 1879, Russell apresenta um relato de seu encontro com Barbour e com seu associado John Paton em 1876 e sua colaboração posterior durante os três anos seguintes em espalhar a "mensagem da Colheita," e explica porque teve de terminar a colaboração com Barbour e começar sua própria revista.

[52] Isto é também indicado pelo próprio Russell, que declara: "... quando nos reunimos pela primeira vez", ele tinha muito a aprender de mim sobre a plenitude da *restauração* baseada na suficiência do resgate dado por todos, assim como eu tinha muito a aprender dele sobre *cronologia*." — *A Torre de Vigia de Sião*, 15 de julho de 1906, pág. 231 (=*Reimpressões*, pág. 3822), em inglês.

Aguardando ansiosamente 1914

O que significaria, exatamente, o fim dos "tempos dos gentios" para a humanidade? Embora se tivesse proclamado que ocorreram eventos monumentais em 1874, relacionados com a vinda de Cristo, dizia-se que todos estes foram invisíveis, ocorrendo no domínio espiritual, não sendo vistos por olhos humanos. Será que ocorreria o mesmo no caso da terminação dos tempos dos gentios em 1914, ou haveria uma mudança visível, tangível, para a terra e para a sociedade humana sobre ela?

No livro *Está Próximo o Tempo*, publicado em inglês em 1889 (mais tarde chamado de Volume II dos *Estudos das Escrituras*), Russell afirmou que existia "evidência bíblica provando" que a data 1914 "será o limite extremo do governo dos homens imperfeitos." Quais seriam as conseqüências disto? Russell enumerou suas expectativas para 1914 em sete pontos:

> Em primeiro lugar, Que nessa data o Reino de Deus... terá obtido pleno controle, universal, e que será então 'erigido', ou firmemente estabelecido, na terra.
>
> Em segundo lugar, Provará que aquele a quem pertence o direito de tomar o domínio estará então presente como novo governante da terra...
>
> Em terceiro lugar, Provará que algum tempo antes do fim de 1914 A.D. o último membro da Igreja de Cristo divinamente reconhecida, o 'sacerdócio real,' 'o corpo de Cristo,' será glorificado juntamente com a Cabeça...
>
> Em quarto lugar, Provará que dessa época em diante Jerusalém não será mais pisoteada pelos gentios, mas levantar-se-á do pó do desfavor divino, para a honra; porque os 'Tempos dos Gentios' estarão cumpridos ou completos.
>
> Em quinto lugar, Provará que nessa data, ou antes, a cegueira de Israel começará a ser eliminada; pois sua 'cegueira parcial' continuaria apenas '*até* que a plenitude dos gentios tenha entrado' (Rom. 11:25)...
>
> Em sexto lugar, Provará que o grande 'tempo de tribulação tal como nunca houve desde que existem nações,' atingirá sua culminação num reinado mundial de anarquia ... e os 'novos céus e nova terra' com suas bênçãos pacíficas começarão a ser reconhecidos pela humanidade agitada por problemas.
>
> Em sétimo lugar, Provará que *antes dessa data* o Reino de Deus, organizado em poder, estará na terra e então golpeará e esmagará a

> imagem gentia (Dan. 2: 34) - e consumirá completamente o poder destes reis."[53]

Estas eram realmente predições bem ousadas. Será que Russell acreditava realmente que todas estas coisas notáveis ocorreriam dentro dos vinte e cinco anos seguintes? Sim, acreditava; na verdade, ele acreditava que sua cronologia era de *Deus*, não apenas dele mesmo. Em 1894 ele escreveu a respeito da data 1914:

> Não vemos qualquer razão para mudar os números — nem poderíamos mudá-los se quiséssemos. *Estas são, como cremos, datas de Deus, não nossas*. Mas tenham em mente que o fim de 1914 não é a data do *início*, mas do *fim* do tempo de tribulação.[54]

Assim, pensava-se que o "tempo de tribulação" deveria começar alguns anos *antes* de 1914, "não depois de 1910," atingindo seu clímax em 1914.[55]

Todavia, em 1904, apenas dez anos antes de 1914, Russell mudou de opinião sobre este assunto. Em um artigo na edição de 1º de julho de 1904 da *Torre de Vigia de Sião*, intitulado "Anarquia universal — logo antes ou depois de outubro de 1914 A.D.", ele argumentou que o tempo de tribulação, com sua anarquia mundial, começaria *depois* de outubro de 1914:

> Agora esperamos que a culminação anárquica do grande tempo de tribulação que precederá as bênçãos milenares será depois de outubro de 1914 A.D. — muito rapidamente depois disso, em nossa opinião — 'em uma hora,' 'subitamente,' porque não se deve esperar que 'os nossos quarenta anos' de colheita, terminando em outubro de 1914 A.D., incluam o terrível período de anarquia que as Escrituras indicam ser o destino da cristandade.[56]

Esta mudança levou alguns leitores a pensar que poderia haver também outros erros no sistema cronológico — um leitor até sugeriu que a cronologia do Bispo Ussher poderia estar mais correta ao datar a destruição de Jerusalém como tendo ocorrido em 587 A.E.C. em vez

---

[53] *Está Próximo o Tempo*, C. T. Russell (=Vol. II da série Aurora do Milênio; mais tarde chamada de *Estudos das Escrituras*), Pittsburgh: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1889, págs. 77, 78, em inglês. Algumas das predições foram ligeiramente alteradas em edições posteriores.

[54] *A Torre de Vigia de Sião*, 15 de julho de 1894 (=*Reimpressões*, pág. 1677), em inglês.

[55] *Ibid*., 15 de setembro de 1901 (=*Reimpressões*, pág. 2876), em inglês.

[56] *Ibid*., 1º de julho de 1904, págs. 197, 198 (=*Reimpressões*, pág. 3389).

de em 606 A.E.C. Isto faria os 2.520 anos terminar por volta de 1934 em vez de em 1914. Mas Russell reafirmou fortemente a sua crença na data 1914, referindo-se a outros alegados "paralelos de tempo" que apontavam para 1914:

> Não temos conhecimento de qualquer razão para mudar um número: fazer isso estragaria as harmonias e paralelos tão notáveis entre a era judaica e a era do evangelho.[57]

Respondendo a outro leitor, ele disse:

> A harmonia dos períodos proféticos é uma das provas mais fortes da exatidão de nossa cronologia bíblica. Eles ajustam-se uns aos outros como as rodas dentadas de uma máquina perfeita. *Mudar a cronologia, mesmo em um ano que seja, destruiria toda esta harmonia,* — de tão exatas que são as várias provas reunidas nos *paralelos* entre as eras judaica e cristã.[58]

Estes argumentos foram apoiados adicionalmente por artigos escritos pelos irmãos Edgar, da Escócia.[59]

Dúvidas crescentes

Assim, em 1904 Russell ainda estava tão convicto da exatidão de suas datas como em 1889, quando escreveu que o entendimento destas características do tempo era a *"selagem na testa"* mencionada em Revelação 7:3.[60]

Entretanto, à medida que a data 1914 se aproximava, Russell tornou-se cada vez mais cauteloso em suas declarações. Respondendo à pergunta de um estudante da Bíblia em 1907, ele disse que "nunca alegamos que nossos cálculos são infalivelmente corretos; nunca alegamos que eram *conhecimento*, nem que eram baseados em evidência, fatos ou conhecimento incontestáveis; nossa alegação sempre tem sido que eles são baseados na *fé*."[61]

---

[57] *Ibid*., 1º de outubro de 1904, págs. 296, 297 em inglês (=*Reimpressões*, págs. 3436, 3437).

[58] *Ibid*., 15 de agosto de 1904, págs. 250, 251 em inglês (=*Reimpressões*, pág. 3415).

[59] *Ibid*., 15 de novembro de 1904, págs. 342-344 em inglês; 15 de junho de 1905, págs. 179-186 em inglês (=*Reimpressões*, págs. 3459, 3460, 3574-3579). Ênfase acrescentada.

[60] C. T. Russell, *Está Próximo o Tempo*, pág. 169 em inglês.

[61] *A Torre de Vigia de Sião*, 1º de outubro de 1907, págs. 294, 295 em inglês (=*Reimpressões*, pág. 4067).

As datas já não pareciam qualificar-se como “datas de Deus”, como ele tinha declarado treze anos antes; agora elas podiam ser falíveis. Russell até considerou a possibilidade de 1914 (e 1915) passarem, sem que ocorressem *quaisquer* dos eventos esperados:

> Mas, suponhamos um caso que está longe das nossas expectativas: suponhamos que 1915 A.D. passe com os assuntos mundiais completamente serenos e com evidência de que os ‘próprios eleitos’ não tenham sido todos ‘mudados’ e sem a restauração do Israel natural ao favor sob o Novo Pacto. (Rom. 11:12, 15) E então? Não provaria isso que nossa cronologia está errada? Sim, certamente! E não seria isso um profundo desapontamento? Realmente seria! ... Que golpe isso seria! Uma das cordas de nossa ‘harpa’ estaria completamente partida! Entretanto, queridos amigos, nossa harpa ainda teria todas as outras cordas afinadas e disso nenhuma outra agremiação do povo de Deus na terra pode se gabar.[62]

Outro ponto de incerteza era se deveria ser incluído um ano zero (entre 1 A.E.C. e 1 E.C.) no cálculo ou não. Este assunto tinha sido mencionado por Russell já em 1904, mas ganhou importância conforme o ano de 1914 se aproximava.

A data 1914 havia sido obtida simplesmente subtraindo-se 606 de 2.520, mas gradualmente se percebeu que não existe ano zero na contagem do tempo de nosso calendário atual. Conseqüentemente, de 1º de outubro de 606 A.E.C. até o início de janeiro de 1 E.C., são apenas 605 anos e três meses, e do início de janeiro de 1 E.C. até outubro de 1914 são apenas 1913 anos e 9 meses, perfazendo um total de 2.519 anos, não 2.520. Isto significaria que os 2.520 anos terminariam em outubro de 1915, em vez de em outubro de 1914.[63] Mas quando a guerra na Europa irrompeu em agosto de 1914, parecia evidentemente uma má ocasião para corrigir este erro. Ele foi mantido.

---

[62] *Ibid*.

[63] *A Torre de Vigia*, 1º de dezembro de 1912, em inglês (=*Reimpressões*, págs. 5141, 5142). Como a Primeira Guerra Mundial irrompeu em 1914 e este ano foi mantido como *o fim* dos tempos dos gentios, o ponto inicial desses tempos precisava ser recuado um ano, de 606 para 607 A.E.C. para preservar o total de 2.520 anos. Embora alguns seguidores da Sociedade tivessem indicado este fato muito cedo (veja, por exemplo, a nota de rodapé da página 32 do livro dos irmãos John e Morton Edgar, *As Passagens da Grande Pirâmide*, 2ª ed. em inglês, 1924) este ajuste necessário só foi feito pela Sociedade Torre de Vigia em 1943, quando foi apresentado no livro *A Verdade Vos Tornará Livres* [publicado em português em 1946], página 242. Veja também o livro *Está Próximo o Reino*, 1953, pág. 184. Para detalhes adicionais, veja o próximo capítulo deste livro, página 92.

Em 1913, com 1914 às portas, a cautela com respeito a esse ano tinha aumentado. No artigo "Tornai Manifesta a Vossa Moderação", que apareceu na edição de 1º de junho de 1913 da revista *A Torre de Vigia*, Russell alertou seus leitores contra gastar "tempo e energia valiosos em conjecturar o que ocorrerá neste ano, no próximo ano, etc." A confiança dele no esquema de acontecimentos que tinha publicado antes já não era evidente: "Estas são as boas novas da graça de Deus em Cristo — quer a igreja seja completada antes de 1914 quer não."[64] Ele expressou-se ainda mais vagamente na edição de 15 de outubro do mesmo ano:

> Estamos esperando pelo tempo em que o governo do mundo será entregue ao Messias. Não podemos dizer que pode não ser em outubro de 1914 ou em outubro de 1915. É possível que *nosso cálculo relacionado com isso esteja errado em vários anos*. Não podemos dizer com certeza. Não sabemos. É uma questão de fé, não de conhecimento.[65]

Antes, 1914 tinha sido uma das "datas de Deus", e "mudar a cronologia, mesmo em um ano que seja, destruiria toda esta harmonia." Mas agora eles "poderiam estar errados no cálculo relacionado com isso em vários anos," e nada poderia ser dito "com certeza" sobre o assunto. Esta foi uma verdadeira *reviravolta!* Se isso era realmente "uma questão de fé," podemos apenas nos perguntar *em que* ou *em quem* essa fé era baseada.

A fé vacilante do próprio Russell em sua cronologia manifestou-se adicionalmente na revista *A Torre de Vigia* de 1º de janeiro de 1914, na qual ele declarou: "Como já foi indicado, não estamos de modo algum confiantes de que este ano, 1914, testemunhará mudanças tão radicais e rápidas na dispensação como esperávamos."[66] O artigo "Os Dias Estão Próximos", na mesma edição, é especialmente revelador:

> Se mais tarde for demonstrado que a igreja não está glorificada por volta de outubro de 1914, tentaremos ficar contentes com a vontade do Senhor, qualquer que seja ela.... Se 1915 passasse sem a transferência da igreja, sem o tempo de tribulação, etc., isso pareceria uma grande calamidade para alguns. Não seria assim conosco.... Se na providência do Senhor *o tempo tivesse de chegar vinte e cinco anos depois*, então seria essa a nossa vontade.... Se

---

[64] *A Torre de Vigia*, 1º de junho de 1913, págs. 166, 167 em inglês (=*Reimpressões*, pág. 5249).

[65] *Ibid*., 15 de outubro de 1913, pág. 307 em inglês (=*Reimpressões*, pág. 5328). Ênfase acrescentada.

[66] *Ibid*., 1º de janeiro de 1914, págs. 3, 4 em inglês (=*Reimpressões*, pág. 5373).

> outubro de 1915 passasse e nos encontrássemos ainda aqui, com as coisas continuando exatamente como estão no presente, e o mundo aparentemente fazendo progresso no sentido de resolver conflitos, e não houvesse qualquer tempo de tribulação à vista, e a igreja nominal ainda não estivesse federada, etc., diríamos que evidentemente estivemos enganados em alguma parte de nosso cálculo. Nesse caso, faríamos cuidadoso exame adicional das profecias, para ver se poderíamos encontrar um erro. E então pensaríamos, *Estivemos esperando a coisa errada no tempo certo*? A vontade do Senhor pode permitir isto.[67]

Novamente, na edição de 1º de maio de 1914 — esquecendo suas declarações anteriores sobre as "datas *de Deus*" e sobre a "evidência bíblica *provando*" que os desenvolvimentos preditos ocorreriam em 1914 — Russell disse a seus leitores que "nestas colunas e nos seis volumes de ESTUDOS DAS ESCRITURAS expusemos tudo o que tem relação com os tempos e as épocas *numa forma experimental*; quer dizer, não positivamente, não alegando que sabíamos, mas meramente com a sugestão de que 'isto e aquilo' parece ser o ensino da Bíblia."[68]

Dois meses depois, Russell parecia estar a ponto de rejeitar completamente sua cronologia. Respondendo a um colportor, que quis saber se os *Estudos das Escrituras* estariam em circulação depois de outubro de 1914, "já que o irmão [Russell] tem algumas dúvidas quanto ao cumprimento completo de tudo o que se espera por volta ou antes de outubro de 1914," Russell respondeu:

> Acreditamos que estes livros estarão à venda e serão lidos durante anos no futuro, contanto que a era do Evangelho e seu trabalho continue.... Não tentamos dizer que estes pontos de vista são infalíveis, mas expusemos os processos de raciocínio e de cálculo, deixando a cada leitor o dever e o privilégio de ler, pensar e calcular por si mesmo. *Essa será uma questão interessante daqui a cem anos*; e se alguém conseguir calcular e raciocinar melhor, ainda estará interessado no que apresentamos.[69]

Assim, por volta de julho de 1914 Russell parecia pronto a aceitar a idéia de que a data 1914 era provavelmente um fracasso, e que seus escritos sobre o assunto seriam meramente de interesse histórico para os estudantes da Bíblia cem anos depois!

---

[67] *Ibid*., págs. *4*, 5 (= *Reimpressões*, pág. 5374). Ênfase acrescentada.

[68] *Ibid*., 1º de maio de 1914, págs. 134, 135 em inglês (=*Reimpressões*, pág. 5450). Ênfase acrescentada.

[69] *Ibid*., 1º de julho de 1914, págs. 206, 207 em inglês (=*Reimpressões*, pág. 5496). Ênfase acrescentada.

Reações ao irrompimento da guerra

Com a deflagração da guerra na Europa em agosto de 1914, a confiança vacilante de Russell na cronologia começou a se recuperar. Embora a própria guerra não se encaixasse exatamente no padrão dos eventos preditos — que o "tempo de tribulação" seria uma luta de classes entre o capital e o trabalho, levando a um período de anarquia mundial — ele viu na guerra o prelúdio dessa situação:

> Acreditamos que o Socialismo é o fator principal na guerra atualmente em curso, a qual será a maior e mais terrível guerra da terra — e provavelmente a última.[70]

Mais tarde em 1914, ele escreveu:

> Achamos que a atual angústia entre as nações é meramente o princípio deste tempo de tribulação.... A anarquia que se seguirá a esta guerra será o verdadeiro tempo de tribulação. Nossa opinião é que a guerra enfraquecerá de tal maneira as nações que em seguida haverá uma tentativa de introduzir idéias socialistas, e que isto será enfrentado pelos governos - [etc., levando a uma luta de classes e anarquia mundiais].[71]

Assim como outros autores milenaristas, Russell acreditava que o término dos tempos dos gentios significaria uma restauração da nação judaica na Palestina. Porém, perto do fim de 1914 a Palestina e Jerusalém ainda estavam ocupadas por gentios. Parecia óbvio que a restauração não começaria a ocorrer em 1914 como tinha sido predito. Assim, na edição de 1º de novembro da revista *A Torre de Vigia*, Russell tentou reinterpretar o fim dos tempos dos gentios como significando o fim da *perseguição* aos judeus:

> O pisoteamento dos judeus cessou. Por todo o mundo os judeus estão agora livres — até mesmo na Rússia. Em 5 de setembro, o Czar da Rússia emitiu uma proclamação a todos os judeus do Império Russo; e isto foi antes de os tempos dos gentios terem terminado. Ela determinou que os judeus poderiam ter acesso aos mais altos postos no exército russo, e que a religião judaica deveria ter a mesma liberdade que qualquer outra religião na Rússia. Onde é que os judeus estão sendo pisoteados agora? Onde é que estão sendo submetidos à humilhação? Atualmente eles não estão sendo perseguidos de

[70] *Ibid*., 15 de agosto de 1914, págs. 243, 244 em inglês (=*Reimpressões*, pág. 5516).
[71] *Ibid*., 1º de novembro de 1914, págs. 327, 328 em inglês (=*Reimpressões*, pág. 5567).

> modo algum. Acreditamos que o pisoteamento de Jerusalém cessou, porque acabou o tempo para os gentios pisotearem Israel.[72]

Todavia, o alívio para os judeus na Rússia e em outros lugares, mencionado por Russell, acabou por ser apenas temporário. Ele não podia, naturalmente, prever as violentas perseguições que sobreviriam aos judeus na Alemanha, na Polônia e em outros países durante a Segunda Guerra Mundial.

Desde a deflagração da Primeira Guerra Mundial até sua morte em outubro de 1916, a restaurada confiança de Russell em sua cronologia permaneceu inabalável, conforme se evidencia pelos seguintes trechos de vários números da revista *A Torre de Vigia* durante esse período:

> *1º de janeiro de 1915:* "*. . .* a guerra é a que foi predita nas Escrituras como associada com o grande dia do Deus Altíssimo — 'o dia de vingança de nosso Deus.'"[73]

> *15 de setembro de 1915:* "Traçando a cronologia das Escrituras até os nossos dias, descobrimos que estamos agora vivendo exatamente na aurora do grande sétimo dia da grande semana do homem. Isto é abundantemente corroborado pelos eventos que ocorrem agora à nossa volta o tempo todo."[74]

> *15 de fevereiro de 1916:* "Em ESTUDOS DAS ESCRITURAS, Vol. IV, indicamos claramente as coisas que estão ocorrendo agora, e as condições piores ainda por vir."[75]

> *15 de abril de 1916:* "Cremos que as datas se mostraram muito corretas. Cremos que os tempos dos gentios terminaram e que Deus está agora permitindo que os governos gentios se destruam, para preparar o caminho para o reino do Messias."[76]

> *1º de setembro de 1916:* "Ainda nos parece claro que o período profético que conhecemos como Tempos dos Gentios, terminou cronologicamente em outubro de 1914. O fato de ter começado o

---

[72] *Ibid*., págs. 329, 330 em inglês (=*Reimpressões*, pág. 5568).
[73] *Ibid*., 1º de janeiro de 1915, págs. 3, 4 em inglês (=*Reimpressões*, pág. 5601).
[74] *Ibid*., 15 de setembro de 1915, págs. 281, 282 em inglês (=*Reimpressões*, pág. 5769).
[75] *Ibid*., 15 de fevereiro de 1916, págs. 51, 52 em inglês (=*Reimpressões*, pág. 5852).
[76] *Ibid*., 15 de abril de 1916 (=*Reimpressões*, pág. 5888).

> grande dia da ira sobre as nações marca um bom cumprimento de nossas expectativas."[77]

Em novembro de 1918, porém, a Primeira Guerra Mundial terminou subitamente — sem ser seguida por uma revolução socialista e anarquia mundiais, como tinha sido predito. O último membro da "Igreja de Cristo divinamente reconhecida" não tinha sido glorificado, a cidade de Jerusalém ainda estava sendo controlada pelos gentios, o reino de Deus não tinha esmagado "a imagem gentia", e os "novos céus e nova terra" não podiam ser vistos em parte alguma pela humanidade afligida por problemas. Nem sequer uma das sete predições enumeradas no livro *Está Próximo o Tempo* se tornara realidade.[78] Para se dizer o mínimo, os "Estudantes da Bíblia" do Pastor Russell estavam confusos.

No entanto — embora não estivesse entre as predições — algo *tinha* ocorrido: A Guerra Mundial. Poderia afinal de contas ser o caso de o tempo estar certo, muito embora as predições tivessem falhado? A explicação a que os Adventistas recorreram depois de 1844 e que também foi usada por Barbour e por seus associados depois de 1874 — segundo a qual eles tinham esperado "a coisa errada na época certa" — parecia agora ainda mais apropriada.[79] Mas como podia a época estar certa, se tinham falhado todas as predições baseadas nela? Durante anos, muitos dos seguidores de Russell sentiram profunda perplexidade por não terem ocorrido os eventos preditos. Após um lapso de alguns anos, *J. F. Rutherford*, o sucessor de Russell como presidente da Sociedade Torre de Vigia, começou a explicar, passo a passo, o que "realmente" havia se cumprido de 1914 em diante.

No discurso "Está Próximo o Reino do Céu", do congresso de Cedar Point realizado de 5 a 13 de setembro de 1922, Rutherford disse à assistência que o Reino de Deus *tinha sido realmente estabelecido*

---

[77] *Ibid*., 1º de setembro de 1916, págs. 263, 264 em inglês (=*Reimpressões*, pág. 5950).

[78] Veja as páginas 58 e 59 deste capítulo. Por muito tempo depois de 1914, sustentou-se que o "tempo de tribulação" (Mateus 24:21, 22) tinha começado realmente naquele ano, mas esta interpretação foi por fim abandonada pela Sociedade Torre de Vigia em 1969. (Veja *A Sentinela* de 15 de julho de 1970, págs. 433-439.)

[79] *A Fé em Marcha*, A. H. Macmillan (em inglês - Nova Iorque: Prentice Hall, Inc., 1957), pág. 48.

em 1914, não na terra, e sim *nos céus invisíveis*![80] E três anos depois, em 1925, ele aplicou Revelação 12 a este evento, dizendo que o Reino de Deus tinha *nascido no céu em 1914*, segundo esta profecia.[81]

Antes, as predições da *Torre de Vigia* tinham sido todas referentes a uma óbvia e claramente visível tomada do governo da terra por Cristo. Agora isto era apresentado como algo invisível, evidente apenas para um grupo seleto.

Também no congresso de Cedar Point em 1922, Rutherford apresentou pela primeira vez a interpretação de que "em 1918, ou próximo disso, o Senhor veio ao seu templo (espiritual)."[82] Antes, Russell e seus associados tinham interpretado que a ressurreição celestial ocorrera em 1878. Mas em 1927 Rutherford transferiu esse evento para 1918.[83] De maneira semelhante, no início da década de 1930 Rutherford mudou a data do início da *presença invisível de*

[80] *Novos Céus e Uma Nova Terra* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, publicado em português em 1957), págs. 232, 233 (parágrafo 16). Até 1922, ou seja, por quarenta anos, os Estudantes da Bíblia tinham acreditado e ensinado que o reino de Deus começara a ser estabelecido no céu em 1878. Daí, este evento foi transferido para 1914. — Veja *Está Próximo o Tempo* (= Vol. II de *Aurora do Milênio*), 1889, pág. 101, em inglês.

[81] Veja o artigo "O Nascimento da Nação" em *A Torre de Vigia* de 1º de março de 1925, em inglês.

[82] *A Torre de Vigia* de 1º de outubro de 1922, pág. 298; 1º de novembro de 1922, pág. 334.

[83] *Do Paraíso Perdido ao Paraíso Recuperado* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1959), pág. 192, parágrafos 30-32.

Cristo de 1874 para 1914.[84]

Assim Rutherford gradualmente substituiu as predições fracassadas por *uma série de eventos invisíveis e espirituais* associados com os anos 1914 e 1918. Noventa anos depois de 1914, as "explicações" de Rutherford ainda são defendidas pelas Testemunhas de Jeová.

Resumo

A interpretação dos "tempos dos gentios" como sendo 2.520 anos, que começaram em 607 A.E.C. (originalmente 606 A.E.C.) e terminaram em 1914 E.C., não foi alguma revelação divina feita ao Pastor Charles Taze Russell no outono setentrional de 1876. Pelo contrário, esta idéia tem uma longa história de desenvolvimento, com suas raízes bem recuadas no passado.

Ela teve sua origem no "princípio ano-dia," inicialmente proposto pelo rabino Akiba ben José no primeiro século E.C. Do nono século em diante, este princípio foi aplicado aos períodos de tempo de Daniel por vários rabinos judaicos.

Entre os cristãos, Joaquim de Flora, no século 12, foi provavelmente o primeiro a adotar a idéia, aplicando-a aos 1.260 dias de Revelação e aos três tempos e meio de Daniel. Depois da morte de Joaquim, seus seguidores logo identificaram o período de 1.260 anos com os tempos dos gentios de Lucas 21:24, e esta interpretação era

---

[84] Por volta de 1929 a Sociedade Torre de Vigia ainda ensinava que "a segunda presença do Senhor Jesus Cristo começou em 1874 A.D." (*Profecia*, Brooklyn, Nova Iorque: Associação Internacional dos Estudantes da Bíblia, 1929, pág. 65, em inglês.) É difícil determinar com precisão quando foi feita a transferência da segunda vinda de 1874 para 1914. Por algum tempo encontram-se declarações conflitantes nas publicações. Talvez a primeira indicação de uma mudança seja a declaração na *revista A Idade de Ouro* de 30 de abril de 1930, página 503 em inglês, segundo a qual "Jesus tem estado presente *desde o ano de 1914*." Porém, *A Torre de Vigia* de 15 de outubro de 1930, diz um tanto vagamente na página 308 que "o segundo advento do Senhor Jesus Cristo ocorreu *por volta de 1875*." Daí, em 1931, o folheto *O Reino, a Esperança do Mundo* [em inglês - Em português foi intitulado *O Reino de Deus é a Felicidade do Povo*], indica novamente que a segunda vinda ocorreu em 1914. E em 1932 o folheto *O Que é Verdade?* diz claramente na página 48, em inglês: "A profecia da Bíblia, completamente apoiada pelos fatos físicos em cumprimento dela, mostra que *a segunda vinda de Cristo ocorreu no outono do ano de 1914*."

então comum entre grupos classificados como hereges pela igreja de Roma durante os séculos seguintes, incluindo os reformadores.

Conforme o tempo foi passando e as explicações anteriores se mostravam erradas, sem se cumprirem as expectativas, o ponto inicial dos 1.260 (ou 1.290) anos foi progressivamente adiantado, para fazer com que os períodos sempre terminassem no futuro próximo.

O primeiro a chegar a um período de 2.520 anos foi evidentemente John Aquila Brown, em 1823. Embora o cálculo dele se baseasse nos "sete tempos" de Daniel 4, ele não igualou esses períodos com os "tempos dos gentios" de Lucas 21:24. Mas isto foi feito logo em seguida por outros expositores. Fixando o ponto inicial em 604 A.E.C., Brown chegou ao ano 1917 como a data final dos sete tempos. Usando pontos iniciais diferentes, outros comentaristas bíblicos nas décadas seguintes chegaram a várias datas finais diferentes. Alguns escritores, que faziam experiências com os "ciclos dos jubileus" bíblicos, chegaram a um período de 2.450 (ou 2.452) anos (49x49+49), que eles defendiam ser o período dos tempos dos gentios.

A tabela acompanhante apresenta uma *seleção* de aplicações dos 2.520 (e 2.450) anos feitas por vários autores durante o século dezenove e no início do século vinte. Na verdade os cálculos foram tão numerosos, que provavelmente seria difícil encontrar um único ano entre 1830 e 1930 que não tenha sido indicado em algum cálculo como sendo a data final dos tempos dos gentios! Por isso, não admira que vários expositores tenham apontado para 1914 ou outros anos próximos desta data, tais como 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1922 e 1923. A data 1914 mui provavelmente teria afundado no mar das outras datas fracassadas e já estaria agora esquecida, se por acaso a Primeira Guerra Mundial não tivesse irrompido naquele ano.

TABELA 2: APLICAÇÕES DOS 2.520 (OU 2.450) ANOS

Expositor	Data	Publicação	Aplicação AEC-EC	Comentários
John Aquila Brown	1823	O Anoitecer...	604-1917	= "Sete tempos" de Daniel 4
William Cuninghame	1827	Diálogos Sobre Profecia, Vol. 1	728-1792	Relatório das conferências proféticas de Albury Park
Henry Drummond	1827	Idem	722-1798	
G. S. Faber	1828	O Calendário Sagrado de Profecia	657-1864	
Alfred Addis	1829	Céu Aberto	680-1840	
William Digby	1831	Um Tratado Sobre os 1260 Dias	723-1793	
W. A. Holmes	1833	O Tempo do Fim	685-1835	
Matthew Habershon	1834	Uma Dissertação ...	677-1843	
John Fry	1835	Profecias Não-Cumpridas...	677-1843	
William W. Pym	1835	Uma Palavra de Alerta...	673-1847	
William Miller	1842	Primeiro Relatório...	677-1843	
Th. R. Birks	1843	Os Fundamentos da Profecia Sagrada	606-1843	Tempos dos Gentios = 2.450 anos
Edward B. Elliott	1844	Horas Com o Apocalipse, Vol. III	727-1793	
Edward B. Elliott	1844	Idem	606-1914	Uma segunda alternativa
Matthew Habershon	1844	Uma Exposição Histórica	676-1844	
Matthew Habershon	1844	Idem	601-1919	Uma segunda alternativa
William Cuninghame	1847	O Cumprimento...	606-1847	Tempos dos Gentios = 2.452 anos
James Hatley Frere	1848	A Grande Revolução Continental	603-1847	Tempos dos Gentios = 2.450 anos
Robert Seeley	1849	Um Atlas de Profecia	606-1914	Contados desde "606 ou 607"
Robert Seeley	1849	Idem	570-1950	Uma segunda alternativa
Robert Seeley	1849	Idem	728-1792	Uma terceira alternativa
Edward Bickersteth	1850	Uma Ajuda das Escrituras	727-1793	Outro de seus cálculos era 677-1843
Robert Seeley	1850	Idem	602-1918	
Anônimo	1856	A Torre de Vigia	727-1793	Um panfleto

Richard C. Shimeall	1859	Nossa Cronologia Bíblica	652-1868	
J. S. Phillips	1865	O Arco-Íris, 1º de março	652-1867	Um periódico londrino editado por William Leask
"J. M. N."	1865	O Arco-Íris, 1º de abril	658/47-1862/73	
Frederick W. Farrar	1865	O Arco-Íris, 1º de novembro	654-1866	
Anônimo	1870	Os Tempos Proféticos, dezembro	715-1805	Um periódico editado por Joseph A. Seiss *et al.* Estes são alguns exemplos; o escritor apresenta doze alternativas diferentes!
Anônimo	1870	Idem	698-1822	
Anônimo	1870	Idem	643-1877	
Anônimo	1870	Idem	606-1914	
Anônimo	1870	Idem	598-1922	
Joseph Baylee	1871	Os Tempos dos Gentios	623-1896	
"P. H. G."	1871	Revista Trimestral de Profecia, abril	652/49-1868/71	Um periódico londrino editado por Horácio Bonar
Edward White	1874	Nossa Esperança, junho	626-1894	Periódico londrino editado por Wm. Maude
N. H. Barbour	1875	**Arauto da Manhã**, setembro e outubro	606-1914	Periódico publicado por Nelson H. Barbour
C. T. Russell	1876	**Examinador da Bíblia**, outubro	606-1914	Editado por George Storrs
E. H. Tuckett	1877	O Arco-Íris, agosto	651/50-1869/70	
M. P. Baxter	1880	Quarenta Maravilhas Vindouras, 5.ª ed.	695-1825	
M. P. Baxter	1880	Idem	620-1900	Uma segunda alternativa
H. Grattan Guinness	1886	Luz Para os Últimos Dias	606-1915	Estas são apenas algumas das suas muitas análises diferentes
H. Grattan Guinness	1886	Idem	604-1917	
H. Grattan Guinness	1886	Idem	598-1923	
H. Grattan Guinness	1886	Idem	587-1934	
W. E. Blackstone	1916	Semanário Evangélico, 13 de maio	606-1915	Este artigo resume suas opiniões conforme publicadas muitos anos antes
W. E. Blackstone	1916	Idem	595-1926	
W. E. Blackstone	1916	Idem	587-1934	

Quando, lá em 1844, E. B. Elliott sugeriu 1914 como uma possível data final para os tempos dos gentios, ele computou os 2.520 anos desde o *ano de ascensão* de Nabucodonosor, que datou em 606 A.E.C. Entretanto, N. H. Barbour computou os 2.520 anos desde a desolação de Jerusalém, no *18º* ano do reinado de Nabucodonosor. Mas, como em 1875 Barbour datou este evento em 606 A.E.C., ele também chegou a 1914 como a data final. Uma vez que as cronologias deles não só conflitavam entre si, como estavam também em conflito com a cronologia historicamente estabelecida para o reinado de Nabucodonosor, o fato de terem chegado ao mesmo ano final foi simplesmente uma coincidência, demonstrando quão arbitrários e infundados seus cálculos realmente eram.

O cálculo de Barbour foi aceito por C. T. Russell no encontro deles em 1876. Barbour tinha então 52 anos de idade, enquanto Russell tinha 24 — ainda muito jovem. Embora seus caminhos se tenham separado novamente em 1879, Russell não abandonou os cálculos de Barbour referentes a datas, e desde essa época a data 1914 tem sido o ponto central nas explicações proféticas entre os seguidores de Russell.

Suplemento ao capítulo 1, a partir da terceira edição em inglês:

A informação apresentada neste capítulo tem estado disponível às Testemunhas de Jeová desde 1983, quando a primeira edição deste livro foi publicada em inglês. Além disso, a mesma informação foi resumida por Raymond Franz no capítulo 7 de sua obra amplamente conhecida, *Crise de Consciência*, publicada em inglês no mesmo ano. Assim, em 1993 — 10 anos depois — a Sociedade Torre de Vigia finalmente se viu obrigada a admitir que nem o cálculo dos 2.520 anos nem a data 1914 se originaram com Charles Taze Russell, como tinha sido defendido até então. Mais ainda, a Sociedade agora admite também que falharam as predições de Russell e de seus associados, referentes a 1914.

Estas admissões encontram-se nas páginas 134-137 de *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, um livro sobre a história do movimento, publicado pela Sociedade Torre de Vigia em 1993. Antes de 1993 transmitia-se a impressão de que Russell tinha sido o primeiro a publicar o cálculo dos 2.520 anos, apontando para 1914, fazendo isto pela primeira vez na edição de outubro de 1876 da revista *Examinador da Bíblia*, de George Storrs. Dizia-se também que,

com décadas de antecedência, Russell e seus seguidores predisseram o irrompimento da Primeira Guerra Mundial em 1914 e outros eventos associados com a guerra. Assim, o livro anterior sobre a história da organização, *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* citou algumas declarações muito genéricas feitas no livro *O Plano das Eras* (publicado em inglês em 1886) sobre o "tempo de tribulação" (que originalmente se acreditava estender-se de 1874 a 1914) e afirmou:

> Embora isto ainda fosse décadas antes da primeira guerra mundial, é surpreendente *quão exatamente os eventos que finalmente ocorreram foram realmente previstos*. (Ênfase acrescentada.)[85]

Similarmente, *A Sentinela* de 1º de fevereiro de 1972 fez as seguintes afirmações pretensiosas na página 84:

> As testemunhas de Jeová, à base da cronologia bíblica, já em 1877 apontavam para o ano de 1914 como sendo de grande significado. . . .
>
> Veio então o ano momentoso de 1914 e com ele a Primeira Guerra Mundial, o transtorno mais amplo da história até aquele tempo. Trouxe consigo matança, fome, pestilência e quedas de governos, sem precedentes. *O mundo não esperava eventos tão horríveis como ocorreram. Mas as testemunhas de Jeová esperavam tais coisas, e outros reconheceram que as esperavam....*
>
> *Como podiam as testemunhas de Jeová saber com tanta antecedência o que nem os próprios líderes do mundo sabiam? Apenas por meio do espírito santo de Deus, que lhes dava a conhecer tais verdades proféticas.* É verdade que alguns afirmam hoje que tais acontecimentos não eram tão difíceis de predizer, visto que a humanidade por muito tempo tem conhecido diversas tribulações. Mas, se aqueles acontecimentos não eram tão difíceis de predizer, *por que não o fizeram todos os políticos, líderes religiosos e peritos de economia? Por que diziam ao povo o contrário?* (Ênfase acrescentada.)

Infelizmente para a Sociedade Torre de Vigia, nenhuma destas afirmações está de acordo com os fatos históricos. Quer isso seja deliberado ou resultado de ignorância, cada uma delas representa uma grave distorção da realidade.

Em primeiro lugar, embora existissem várias predições nas publicações da Torre de Vigia sobre o que ocorreria em 1914, *nenhuma delas tinha qualquer similaridade com uma predição do irrompimento de uma guerra mundial naquele ano.*

---

[85] *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (Brooklyn, Nova Iorque: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1959), pág. 31, em inglês.

Em segundo lugar, os líderes políticos e religiosos, *ao contrário* das declarações feitas na *Sentinela* citada acima, já esperavam *muito antes de 1914* que mais cedo ou mais tarde uma grande guerra *irromperia* na Europa. Já em 1871, *Otto von Bismarck*, o primeiro Alto Chanceler do Império Alemão, declarou que a "Grande Guerra" viria algum dia. Por décadas antes de 1914, os jornais diários e os semanários ocupavam-se constantemente com o tema. Para citar apenas um exemplo dentre muitos, o número de janeiro de 1892 do altamente respeitado semanário inglês *Preto e Branco*, explicou numa introdução editorial a um folhetim sobre a vindoura guerra:

> O ar está cheio de rumores de Guerra. As nações européias estão plenamente armadas e preparadas para a mobilização imediata. *As autoridades concordam que uma GRANDE GUERRA deve irromper no futuro imediato*, e que esta Guerra será travada sob condições novas e surpreendentes. Todos os fatos parecem indicar que o vindouro conflito será o mais sangrento da história e envolverá conseqüências marcantes para o mundo inteiro. O incidente que precipitará o desastre pode ocorrer a qualquer momento.[86]

I. F. Clarke, em seu livro *Vozes Profetizando Guerra 1763-1984* (em inglês), explica até que ponto a Primeira Guerra Mundial "estava sendo preparada na realidade e na ficção":

> De 1871 em diante, as principais potências européias preparavam-se para a grande guerra que Bismarck tinha dito que viria um dia. E por cerca de meio século, enquanto os gabinetes gerais dos ministérios discutiam sobre armas, estimativas e táticas, a história da guerra por vir era um tema dominante no campo da ficção especulativa.... O período desde a década de 1880 até o longamente esperado irrompimento da guerra seguinte em 1914 viu o surgimento do maior número destas histórias sobre conflitos vindouros que já havia aparecido na ficção européia.[87]

Portanto, as pessoas daquela época não podiam evitar ser expostas a constantes predições sobre uma vindoura guerra na Europa. A questão não era *se* a Grande Guerra irromperia, mas sim *quando*. Neste particular havia lugar para especulações e muitos contos e novelas fictícias sugeriam datas diferentes. Às vezes datas específicas eram indicadas até nos próprios títulos dos livros, como por exemplo, *Europa in Flammen. Der deutsche Zukunftskrieg 1909* [*A Europa em*

---

[86] Citado por I. F. Clarke em *Vozes Profetizando Guerra 1763-1984* (em inglês - Londres: Editora da Universidade de Oxford, 1966), págs. 66, 67.

[87] *Ibid*., pág. 59.

Chamas. A Vindoura Guerra Alemã de 1909], de Michael Wagebald, publicado em 1908, e *A Invasão de 1910*, de W. LeQueux, publicado em inglês em 1906.

Políticos e estadistas também tentaram algumas vezes determinar o ano específico do irrompimento da grande guerra que se esperava. Um dos mais sortudos foi *M. Francis Delaisi*, um membro da Câmara Francesa de Deputados. Em seu artigo *"La Guerre qui Vient"* [*A Vindoura Guerra*], publicado no periódico parisiense *La Guerre Sociale* em 1911, ele discutiu extensivamente a situação diplomática, concluindo que "uma guerra terrível entre a Inglaterra e a Alemanha está se configurando." Conforme mostram os trechos de seu artigo apresentados a seguir, algumas de suas previsões políticas revelaram-se notavelmente exatas:

> Está se configurando um conflito que fará o horrível massacre da Guerra Russo-Japonesa [em 1904-1905] parecer uma brincadeira de criança, em comparação.
>
> Em 1914 as forças [navais] da Inglaterra e da Alemanha serão quase iguais.
>
> Um corpo do exército prussiano avançará em marchas vigorosas para ocupar Antuérpia.
>
> Nós, os franceses, teremos de travar o combate nas planícies belgas.
>
> Todos os jornais imprimirão em cabeçalhos tão grandes como sua mão estas palavras proféticas: VIOLADA A NEUTRALIDADE DA BÉLGICA. O EXÉRCITO PRUSSIANO MARCHA SOBRE LILLE.[88]

Na esfera religiosa, eram especialmente os "milenaristas" que apresentavam predições da proximidade do fim do mundo. Este movimento incluía milhões de cristãos de diferentes quadrantes, batistas, pentecostais, e assim por diante. O Pastor Russell e seus seguidores, os "Estudantes da Bíblia," eram apenas um pequeno ramo deste amplo movimento. Um fator comum a todos eles era sua visão pessimista do futuro. Em seu livro *Armagedom Agora!*, Dwight Wilson descreve a reação deles quando irrompeu a Grande Guerra em 1914:

> A guerra em si mesma não foi um choque para estes oponentes do otimismo pós-milênio; eles não só esperavam o apogeu da era no

[88] Citado por Theodore Graebner em seu livro *A Guerra à Luz da Profecia. "Foi Predita?" Uma Resposta ao Milenarismo Moderno* (em inglês - St. Louis, Mo.: Concordia Publishing House, 1941), págs. 14, 15.

> Armagedom, como também antecipavam ‘guerras e rumores de guerras’ como sinais da proximidade do fim.[89]

Wilson então prossegue citando um deles, R. A. Torrey, deão do Instituto Bíblico de Los Angeles que, em 1913, um ano antes do início da guerra, escreveu em seu livro *A Volta do Senhor Jesus* (em inglês): “Falamos de desarmamento, mas todos nós sabemos que ele não virá. Todos os nossos atuais planos de paz acabarão na mais terrível das guerras e conflitos que este velho mundo já viu!”[90]

Conforme Theodore Graebner diz no seu livro *A Guerra à Luz da Profecia* (em inglês), a guerra de 1914 mal tinha começado e uma grande hoste de escritores de várias procedências religiosas se levantou, alegando que a guerra tinha sido predita:

> Logo foi dado o anúncio por vários pesquisadores: “ELA FOI PREDITA”. Imediatamente, milhares de cristãos bíblicos se interessaram. Imediatamente também, outros se puseram a discutir sobre Gogue de Magogue, Armagedom, as Setenta Semanas, 666, 1.260, etc., e logo os periódicos religiosos, neste país e no estrangeiro, continham a mensagem, anunciada com maior ou menor convicção, “ELA FOI PREDITA”. Apareceram panfletos e tratados promulgando a mesma mensagem, e logo estavam no mercado vários livros, com 350 páginas cada, que não só continham muita ‘prova’ circunstancial para suas afirmações, como também anunciavam da mesma forma o momento exato em que a guerra terminaria, quem seriam os vencedores, e o significado da guerra para a Igreja Cristã, que agora (segundo se dizia) estava para entrar em seu período milenar.[91]

Graebner, que se sentiu induzido a examinar um grande número destes argumentos, concluiu, depois de uma investigação muito extensa, que:

> . . . todo o aglomerado de literatura milenarista que floresceu durante a Primeira Guerra Mundial — e foi um aglomerado tremendo — foi definitiva, completa e absolutamente refutada *pelos acontecimentos*. Nem num único ponto a Primeira Guerra Mundial se desenrolou como seria de esperar depois de se ler os intérpretes quiliastas [milenaristas]. Nem [um] único deles predisse o desfecho da guerra. Nem [um] único deles predisse a entrada dos Estados Unidos. Nem [um] único deles predisse a Segunda Guerra Mundial.[92]

---

[89] Dwight Wilson, *Armagedom Agora!* (em inglês - Grand Rapids: Baker Book House, 1977), págs. 36, 37.
[90] *Ibid*., pág. 37.
[91] Graebner, *op. cit.*, págs. 8, 9.
[92] *Ibid*., págs. 9, 10.

As especulações do Pastor Russell sobre a vindoura grande guerra na Europa não diferiam consideravelmente das feitas pelos escritores de novelas e expositores milenaristas contemporâneos. Na *Torre de Vigia de Sião* de fevereiro de 1885, ele escreveu: "Nuvens tempestuosas estão ficando espessas sobre o velho mundo. Isto faz parecer que uma grande guerra européia é uma das possibilidades do futuro próximo."[93]

Dois anos depois, comentando sobre a situação prevalecente no mundo, ele concluiu na edição de fevereiro de 1887: "Tudo isto parece indicar que no próximo verão [1888] estará em andamento uma guerra que poderá envolver todas as nações da Europa."[94] Na edição de 15 de janeiro de 1892, ele adiou a guerra para "por volta de 1905", *frisando ao mesmo tempo que esta Grande Guerra nada tinha que ver com 1914 e com as expectativas ligadas a essa data*. Em 1914 ele esperava — não uma guerra européia geral — mas o clímax da "batalha do Armagedom" (que ele achava que tinha começado em 1874), quando todas as nações da terra seriam esmagadas e substituídas pelo reino de Deus. Ele escreveu:

> Os jornais diários, os semanários e os mensários religiosos e seculares, estão continuamente discutindo as perspectivas da guerra na Europa. Eles notam as queixas e ambições das várias nações e predizem que a guerra é inevitável num dia não muito distante, que ela pode começar a qualquer momento entre as grandes potências, e que as perspectivas são de que ela por fim envolverá a todas....
>
> Mas, apesar destas predições e dos bons motivos que muitos vêem para fazê-las, não compartilhamos delas. Ou seja, não achamos que as perspectivas de uma guerra européia geral sejam tão manifestas como geralmente se supõe.... Mesmo que uma guerra ou revolução irrompesse na Europa antes de 1905, nós não a consideramos como parte das severas tribulações preditas. . . . [A] nuvem da guerra, escura como nunca, vai se precipitar com toda a sua fúria destrutiva. Porém, considerando-se o intervalo aproximado que se exige para os eventos preditos, não esperamos esta culminação antes de 1905, apesar do rápido progresso neste sentido que é agora possível.[95]

A amplamente esperada Grande Guerra finalmente veio em 1914. Mas provavelmente ninguém tinha predito que ela viria naquele ano. Mesmo que alguém tenha feito isso, tal pessoa não foi Charles Taze

---

[93] *Reimpressões*, pág. 720.
[94] *Reimpressões*, pág. 899.
[95] *Reimpressões*, págs. 1354-1356.

Russell ou algum dos seguidores dele. Os eventos bem diferentes que ele e seus associados "Estudantes da Bíblia" tinham atribuído a essa data não ocorreram. Assim como as predições de muitos outros escritores milenaristas contemporâneos, as predições de Russell foram "definitiva, completa e absolutamente refutadas *pelos acontecimentos*."

Afirmar depois, como a Sociedade Torre de Vigia fez repetidamente até 1993, que eles, e somente eles, tinham predito "exatamente" o irrompimento da guerra em 1914 e outros eventos "por meio do espírito santo de Deus", e que "todos os políticos, líderes religiosos e peritos de economia... diziam ao povo o contrário", é comprovadamente uma grosseira distorção dos fatos históricos.

Conforme explicado anteriormente, algumas dessas pretensiosas alegações foram finalmente abandonadas em 1993, no novo livro *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*. O livro foi apresentado nas assembléias de distrito das Testemunhas de Jeová daquele ano como uma "visão cândida" da história do movimento. Todavia, as admissões são inseridas num contexto mínimo de informação que é, além disso, apresentada de maneira tão apologeticamente tendenciosa e deturpada que muitas vezes esconde mais do que revela.

É verdade que a Sociedade finalmente admite que Russell obteve seu cálculo dos tempos dos gentios de Nelson H. Barbour, que o tinha publicado um ano antes de Russell, "nas edições de *Herald of the Morning* [*Arauto da Manhã*], de agosto, setembro e outubro de 1875".[96] No parágrafo anterior o livro até procura alistar os expositores do século 19 que apresentaram o cálculo dos 2.520 anos em apoio da data 1914. Esta impressão é reforçada ainda mais na frase em negrito, à esquerda do parágrafo: "**Entenderam que 1914 estava claramente marcado pelas profecias bíblicas.**" Todavia, a apresentação da história está estritamente limitada a poucos expositores cuidadosamente selecionados, cujos cálculos são parcialmente obscurecidos, ajustados e arranjados de modo a criar a impressão de que o cálculo dos 2.520 anos *apontava unicamente para 1914. Não se mencionam quaisquer das muitas outras datas finais a que chegaram os expositores anteriores a Russell*. Desse modo, embora se diga que

[96] *Testemunhas de Jeová - Proclamadores do Reino de Deus* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993), pág. 134.

John A. Brown tenha obtido os 2.520 anos "já em 1823", a aplicação particular que ele fez do período é completamente escondida e distorcida nas frases subseqüentes:

> Mas ele não discerniu claramente a data em que o período profético começou, ou quando terminaria. Contudo, *relacionou esses "sete tempos" com os Tempos dos Gentios de Lucas 21:24*.[97]

Muito pelo contrário, conforme se mostrou anteriormente neste capítulo, Brown declarou expressamente sua *firme convicção* de que o período dos 2.520 anos começou em 604 A.E.C. e terminaria *em 1917*. Ademais, embora a Sociedade tenha colocado a declaração em itálico, Brown *não* relacionou os 2.520 anos com os Tempos dos Gentios de Lucas 21:24, porque, conforme foi indicado antes neste capítulo, ele defendia que os tempos dos gentios mencionados neste texto eram 1.260 anos (lunares), não "sete tempos" de 2.520 anos. De modo que as duas declarações sobre o cálculo de Brown são comprovadamente falsas.

Além de John A. Brown, a Sociedade menciona no mesmo parágrafo Edward B. Elliott e Robert Seeley, ambos os quais mencionaram 1914 como uma das datas possíveis para o fim dos "sete tempos". Na verdade, porém, ambos *preferiam* 1793 (mais tarde mudado para 1791 por Elliott) como a data final.[98]

Por fim, afirma-se que uma publicação com título não mencionado, editada por Joseph Seiss e outros apresentava cálculos que indicavam 1914 como uma data importante, "embora o raciocínio contido se

---

[97] *Ibid*., pág. 134.

[98] A Sociedade Torre de Vigia não apresenta qualquer referência específica. E. B. Elliott publicou originalmente seus cálculos em *Horas Com o Apocalipse*, 1ª ed. (Londres: Seeley, Burnside e Seeley, 1844), Vol. III, págs. 1429-1431, em inglês. Robert Seeley publicou seus cálculos em *Um Atlas de Profecia: Sendo as Profecias de Daniel e S. João* (em inglês - Londres: Seeley's, 1849), pág. 9. Veja também a nota de rodapé 30 do capítulo 1.

tarde, chamou-se atenção para isso mediante o subtítulo "Arauto da Presença de Cristo" que aparecia na capa da revista *Zion's Watch Tower.*

O reconhecimento de que a presença de Cristo seria invisível tornou-se um importante fundamento sobre o qual se basearia o entendimento de muitas profecias bíblicas. Aqueles primeiros Estudantes da Bíblia entenderam que a presença do Senhor devia ser de interesse primário para todos os verdadeiros cristãos. (Mar. 13:33-37) Estavam vividamente interessados na volta do Amo e atentos ao fato de que tinham o dever de divulgar isso, mas ainda não discerniam bem todos os pormenores. Contudo, foi realmente notável o que o espírito de Deus bem no início já os habilitou a entender. Uma dessas verdades dizia respeito a uma data muito significativa apontada nas profecias bíblicas.

Fim dos Tempos dos Gentios

O assunto sobre cronologia bíblica tinha sido por muito tempo de grande interesse para os estudantes da Bíblia. Comentaristas haviam apresentado vários conceitos sobre a profecia de Jesus a respeito dos "tempos dos gentios" e do relato do profeta Daniel sobre o sonho de Nabucodonosor dum toco de árvore que ficou atado por "sete tempos". — Luc. 21:24, *Al*; Dan. 4:10-17.

Entenderam que 1914 estava claramente marcado pelas profecias bíblicas.

Já em 1823, John A. Brown, cuja obra foi publicada em Londres, Inglaterra, calculara *os "sete tempos" de Daniel 4 como sendo de 2.520 anos de duração.* Mas ele não discerniu claramente a data em que o período profético começou, ou quando terminaria. Contudo, *relacionou esses "sete tempos" com os Tempos dos Gentios de Lucas 21:24.* Em 1844, E. B. Elliott, um clérigo britânico, chamou atenção para *1914 como possível data* do fim dos "sete tempos" de Daniel, mas apresentou também um conceito alternativo que apontava para o tempo da Revolução Francesa. Robert Seeley, de Londres, em 1849, considerou o assunto de modo similar. O mais tardar em 1870, uma publicação de Joseph Seiss e seus associados, impressa em Filadélfia, Pensilvânia, apresentava cálculos que *indicavam 1914 como data importante,* embora o raciocínio contido se baseasse numa cronologia que C. T. Russell mais tarde rejeitou.

Depois, nas edições de *Herald of the Morning,* de agosto, setembro e outubro de 1875, N. H. Barbour ajudou a harmonizar pormenores indicados por outros. Usando a cronologia compilada por Christopher Bowen, um clérigo da Inglaterra, e publicada por E. B. Elliott, Barbour identificou *o início dos Tempos dos Gentios com a remoção do Rei Zedequias do reinado, conforme predita em Ezequiel 21:25, 26,* e apontou para *1914 como marcando o fim dos Tempos dos Gentios.*

Em princípios de 1876, C. T. Russell recebeu um exemplar de *Herald of the Morning.* Ele escreveu prontamente para Barbour e daí passou algum tempo com ele em Filadélfia durante o verão, quando consideraram, entre outras coisas, os tempos proféticos. Pouco depois, num artigo intitulado "Os Tempos dos Gentios: Quando Terminam?" Russell também raciocinou sobre o

Página 134 de *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus* (1993), o novo livro da Sociedade Torre de Vigia sobre a história da organização.

baseasse numa cronologia que C. T. Russell mais tarde rejeitou."[99]

Todavia, o fato é que isto se aplica *aos quatro* expositores mencionados pela Sociedade. *Todos eles usaram uma cronologia que datava a desolação de Jerusalém em 588 ou 587 A.E.C.* (não em 606 A.E.C. como nos escritos de Russell). Brown só chegou a 1917 como a data final porque contou os 2.520 anos desde o *primeiro ano* de Nabucodonosor (604 A.E.C.) em vez de computar a partir do seu 18º ano, como fizeram Barbour e Russell. E os outros três expositores chegaram a 1914 por contarem desde o *ano de ascensão* de Nabucodonosor, que eles dataram em 606 A.E.C. (em vez de em 605 A.E.C., a data estabelecida por historiadores modernos).[100]

Embora todos eles baseassem seus cálculos em cronologias que foram rejeitadas por Russell e seus seguidores, a Sociedade alega que estes expositores "entenderam que 1914 estava claramente marcado pelas profecias bíblicas". Como eles "entenderam" isso "claramente" usando cronologias que a Sociedade ainda diz serem falsas é realmente

---

[99] A publicação com título não mencionado é a revista *Os Tempos Proféticos* (em inglês). O cálculo foi apresentado no artigo "Tempos Proféticos. Uma Investigação sobre as Datas e Períodos da Profecia Sagrada", escrito por um colaborador anônimo e publicada na edição de dezembro de 1870, págs. 177-184. O autor, nas páginas 178 e 179, apresenta *12 pontos iniciais diferentes para os tempos dos gentios, estendendo-se de 728 a 598 A.E.C., chegando desse modo a 12 diferentes datas finais, que vão de 1792 a 1922 E.C.***!** O ano de 1914 é a penúltima destas datas finais. O cálculo que aponta para 1914 é contado a partir do *ano de ascensão* de Nabucodonosor, que o autor, assim como Elliott e Seeley, fixa em 606 A.E.C. Assim, ele também seguiu uma cronologia que data a destruição de Jerusalém em 588 ou 587 A.E.C., não em 606 A.E.C. como nos escritos de Russell, ou em 607 A.E.C., como em publicações posteriores da Torre de Vigia.

[100] Conforme mostrado neste capítulo, Barbour e Russell também iniciaram os tempos dos gentios em 606 A.E.C., embora defendessem que esta era a data da desolação de Jerusalém no *décimo oitavo* ano de Nabucodonosor. A data 606 A.E.C. não é mencionada em parte alguma do livro *Proclamadores*, provavelmente porque hoje a Sociedade usa 607 A.E.C. como ponto inicial. De forma que recordar aos leitores a data anterior poderia parecer confuso, especialmente para aqueles que jamais ouviram falar dela. O modo como a Sociedade, em 1944 (no livro *Está Próximo o Reino* [publicado em português em 1953], pág. 175) manobrou para alterar o ponto inicial de 606 para 607 A.E.C. e ainda reter 1914 como a data final, tem uma estranha história particular, que foi recontada no folheto *A Sociedade Torre de Vigia e a Cronologia Absoluta* (em inglês - Lethbridge, Alberta, Canadá, 1981), da autoria de "Karl Burganger" (um pseudônimo que usei na época). Veja também o próximo capítulo, págs. 90-98.

intrigante. Naturalmente, para um leitor descobrir esses raciocínios inconsistentes, teria de verificar as obras destes expositores. O problema é que os autores da Sociedade geralmente evitam dar referências específicas. Esta prática torna virtualmente impossível que a grande maioria dos leitores descubra os métodos sutis que são usados para defender interpretações insustentáveis e esconder evidência embaraçosa.

Conforme já mencionado, a Sociedade, ao contrário das afirmações passadas, reconhece no novo livro que as predições associadas a 1914 falharam. Como se mostrou neste capítulo, as predições bem específicas e claras sobre 1914 foram resumidas em sete pontos nas páginas 76-78 do Vol. II de *Aurora do Milênio*, publicado originalmente em inglês em 1889. Estas predições foram apresentadas lá em termos nada incertos. A discussão está repleta de palavras e frases tais como "fatos", "prova", "evidência bíblica", e "verdade estabelecida". Por exemplo, que 1914 presenciaria "a desintegração do governo dos homens imperfeitos" é apresentado como "um fato firmemente estabelecido pelas Escrituras."[101]

O que faz o novo livro de história da Sociedade com as afirmações pretensiosas e com os termos bem categóricos que apareciam originalmente no contexto destas predições? Elas são totalmente atenuadas ou escondidas. Referindo-se à mencionada abordagem sobre os tempos dos gentios no Vol. II do *Aurora do Milênio* — mas sem citar qualquer das *verdadeiras afirmações* que se fizeram — a Sociedade pergunta: "Mas o que significaria o fim dos Tempos dos Gentios?" A surpreendente resposta que se dá é que os Estudantes da Bíblia "não estavam plenamente seguros do que aconteceria"!

Embora algumas das predições sejam brevemente mencionadas, a Sociedade evita cuidadosamente chamá-las de "predições" ou "profecias". Russell e seus associados nunca "predisseram" ou "previram" coisa alguma, nunca alegaram apresentar "prova" ou "verdade estabelecida". Eles só "pensaram", "sugeriram", "esperavam" ou "passaram a esperar sinceramente" que isto ou aquilo ocorreria, mas "não estavam plenamente seguros."[102] Assim as predições são

[101] *Está Próximo o Tempo* (=Vol. II de *Aurora do Milênio*, mais tarde chamado de *Estudos das Escrituras*), Pittsburgh: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1889, págs. 76-102, em inglês.

[102] *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus* (1993), página 135.

embaladas numa linguagem que disfarça completamente a verdadeira natureza da ativa mensagem apocalíptica proclamada ao mundo pelos Estudantes Internacionais da Bíblia por mais de um quarto de século antes de 1914. É claro que disfarçar as predições presunçosas com essas palavras e frases vagas e despretensiosas, torna mais fácil admitir "humildemente" que elas falharam.

2

CRONOLOGIA BÍBLICA E SECULAR

QUANDO DEFENDEM que a data 607 A.E.C. é o momento da desolação de Jerusalém e ponto de partida para calcular a duração dos tempos dos gentios, os representantes da Sociedade Torre de Vigia afirmam que estão confiando na Bíblia. Eles alegam que os que datam a desolação em 587 ou 586 A.E.C. estão confiando em fontes seculares em vez de na Bíblia. O autor anônimo do "Apêndice ao Capítulo 14" do livro *"Venha o Teu Reino"*, por exemplo, declara:

> Estamos dispostos a ser guiados principalmente pela Palavra de Deus, em vez de por uma cronologia que se baseia primariamente em evidência secular ou que discorda das Escrituras.[1]

Obviamente, essas declarações tentam criar a impressão de que aqueles que rejeitam a data 607 A.E.C. para a desolação de Jerusalém não têm realmente fé na Bíblia. Mas será que essas declarações apresentam uma descrição justa do assunto? Ou são apenas acusações santimoniosas, destinadas a desacreditar a personalidade cristã daqueles que discordam, não das Escrituras, mas das datações da Sociedade Torre de Vigia? Ou será que é até o caso de os próprios defensores da cronologia da Sociedade não terem realmente compreendido a verdadeira natureza da cronologia bíblica?

A natureza da cronologia bíblica

Hoje as pessoas lêem ou usam os termos A.C. e D.C. (que correspondem a A.E.C. e E.C.) e geralmente não se preocupam com a origem destas especificações. Na realidade, a "Era Cristã", na qual se datam os acontecimentos em relação ao ano do nascimento de Cristo, é uma elaboração muito recente. Conforme está bem estabelecido, o

[1] *"Venha o Teu Reino"* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1981), pág. 190.

sistema só foi introduzido no sexto século E.C. pelo monge e erudito romano Dionísio Exíguo. Todavia, outros 500 anos se passariam antes de esta nova era ser aceita no mundo católico em geral como um sistema de datação.

Como a Bíblia foi escrita muito antes da época de Dionísio Exíguo, é claro que ela não fornece qualquer data de acordo com nossa Era Cristã. Assim, embora a Sociedade Torre de Vigia date o batismo de Jesus em 29 E.C., o 20º ano de Artaxerxes I em 455 A.E.C., a queda de Babilônia em 539 A.E.C., e a desolação de Jerusalém em 607 A.E.C., nenhuma destas datas se encontra na Bíblia. A Bíblia só fornece *datações relativas*. O que isso quer dizer?

Considere este exemplo relevante: Em 2 Reis 25:2 a desolação de Jerusalém é datada no "décimo primeiro ano do Rei Zedequias", o último rei de Judá. O versículo 8 diz-nos adicionalmente que isto ocorreu no "décimo nono ano do Rei Nabucodonosor, rei de Babilônia".

Mas quando foi isso? Quão distante foi da nossa própria época? Quantos anos antes da Era Cristã isso ocorreu? O fato é que a Bíblia *não dá qualquer informação que, por si mesma, ligue estas datas à nossa Era Cristã*.

Similarmente, os livros dos Reis e das Crônicas falam sobre os reis que governaram em Israel e Judá, desde Saul, o primeiro rei, até Zedequias, o último. Diz-nos quem sucedeu quem, e durante quantos anos cada um deles governou. Somando os períodos de reinado desde Saul até Zedequias, podemos medir o período de tempo aproximado (existem muitos pontos incertos) entre estes dois reis. Desta maneira, descobrimos que o período das monarquias hebraicas abrangeu aproximadamente 500 anos. Mas ainda não encontramos resposta para a pergunta: *Em que ponto da corrente do tempo este período começou e em que ponto terminou?*

Se a Bíblia tivesse continuado a dar uma série contínua e ininterrupta de anos de reinado, desde Zedequias e chegando até o começo da Era Cristã, a pergunta seria respondida. Mas Zedequias foi o último da seqüência de reis judaicos e o reinado dele terminou séculos antes da vinda de Cristo. A Bíblia também não dá qualquer informação adicional que nos revele diretamente a duração do período desde o "décimo primeiro ano" de Zedequias (quando Jerusalém foi desolada) até o início da Era Cristã. Assim, temos um período de

aproximadamente 500 anos, o período das monarquias hebraicas, mas não nos é dito quão distante da nossa época foi esse período, nem como pode ser fixado em relação à nossa Era Cristã.

Se a Bíblia tivesse preservado descrições datadas e detalhadas de eventos *astronômicos*, tais como eclipses solares e lunares, ou as posições dos planetas em relação a diversas estrelas e constelações, isto tornaria nosso problema mais fácil. Os astrônomos modernos, com seu conhecimento dos movimentos regulares da lua e dos planetas, são capazes de calcular as posições que estes corpos celestes tinham no céu estrelado há milhares de anos. Mas o fato é que a Bíblia não fornece informação deste tipo.

Portanto, a Bíblia por si só não mostra como suas datações cronológicas podem ser relacionadas com nossa própria era. Uma cronologia que está, neste sentido, "flutuando no ar" é simplesmente o tipo de cronologia chamada *cronologia relativa*. Só se a informação bíblica nos fornecesse o intervalo exato desde o tempo de Zedequias até a nossa própria era — ou através de uma lista de duração de reinados completa e coerente ou por meio de observações astronômicas detalhadas e datadas — é que teríamos uma *cronologia absoluta*, isto é, uma cronologia que nos dá o intervalo exato desde o último ano de Zedequias até a nossa própria época.[2] Parece evidente que os próprios escritores da Bíblia não estavam preocupados em fornecer isto, estando simplesmente concentrados em outros assuntos. Então, a que fonte podemos recorrer para fazer a conexão com a contagem da nossa era?

---

[2] O Dr. Michael C. Astour explica: "Cronologia absoluta significa datar reinados, guerras, tratados, destruições, reconstruções e outros eventos conhecidos por meio de registros escritos e arqueológicos, em termos da moderna contagem do tempo ocidental, i.e., em anos A.C." (*A História Hitita e a Cronologia Absoluta da Idade do Bronze*, Partille, Suécia: Paul Åströms förlag, 1989, pág. 1, em inglês.) Essa cronologia é geralmente mais bem estabelecida com a ajuda de registros de antigas observações astronômicas. Conforme o renomado perito em astronomia antiga, Professor Otto Neugebauer, coloca, "uma 'cronologia absoluta' [é] uma cronologia baseada em datas fixadas astronomicamente, em contraste com uma 'cronologia relativa', que só nos diz a duração de certos intervalos, por exemplo, o total de anos de reinado numa dinastia." — *Uma História da Astronomia Matemática Antiga*, Livro VI (em inglês - Berlim - Heidelberg - Nova Iorque: Springer-Verlag, 1975), pág. 1071.

Existe "cronologia bíblica" sem fontes seculares?

Apesar da natureza *relativa* das datas bíblicas, ainda assim não é impossível datar eventos mencionados na Bíblia. Se conseguirmos sincronizar a cronologia da Bíblia com a cronologia de outro país, cuja cronologia possa por sua vez ser fixada em relação à nossa Era Cristã, então é possível converter a cronologia *relativa* da Bíblia numa cronologia *absoluta*. Contudo, isto significa que temos de depender de *fontes extrabíblicas*, isto é, *fontes históricas seculares*, para datar eventos mencionados na Bíblia.

E não temos alternativa. Se quisermos saber quando ocorreu, em relação à nossa própria época, um evento mencionado na Bíblia — seja a data da queda de Babilônia, a data da desolação de Jerusalém por Nabucodonosor, a data da reconstrução do templo no reinado de Dario I, ou qualquer outra data que seja — *então somos obrigados a recorrer às fontes históricas seculares*. Este é o fato simples que toda pessoa que crê na Bíblia tem de aceitar, goste ou não. A verdade simples é que — no que se refere à ligação com a contagem da nossa Era Cristã — *sem fontes seculares não existe cronologia bíblica, não há como fazer datações de acontecimentos bíblicos em termos de anos "A.E.C." ou "E.C."*

Isto também significa, é claro, que falar em usar a "cronologia da Bíblia" como uma forma unilateral e independente de medir o tempo, através da qual a exatidão de alguma data possa ser estabelecida, é simplesmente fechar os olhos à realidade. Quando, por exemplo, algumas Testemunhas apontam o fato de os historiadores modernos datarem a queda de Babilônia em 539 A.E.C. e depois afirmam que "a cronologia da Bíblia está *de acordo* com esta data", elas mostram que não entenderam realmente o que significa a natureza *relativa* da cronologia bíblica. Onde é que a Bíblia especifica uma *data* para a queda de Babilônia? Uma Testemunha pode fazer referência à profecia de Jeremias sobre os "setenta anos" que findaram com a queda de Babilônia. Mas em que *data* esses setenta anos *começaram*, de maneira que possamos contar para frente até seu término? Nenhuma é fornecida. Como a Bíblia não fornece qualquer data, nem sequer uma data *relativa* específica, para a queda de Babilônia, a afirmação de que a Bíblia "*concorda*" com a datação secular deste evento em 539

A.E.C., é completamente sem sentido.[3] E é igualmente sem sentido e enganoso afirmar que a data secular da desolação de Jerusalém, 587 ou 586 A.E.C., *discorda* da cronologia da Bíblia, pois a data absoluta desse evento também não é fornecida na Bíblia.

E quanto aos 70 anos de Jeremias 25:11, 12 e 29:10, nos quais as Testemunhas baseiam tão fortemente sua cronologia? As Testemunhas, com muita naturalidade, apóiam a afirmação da Sociedade Torre de Vigia de que estes 70 anos se referem ao período da desolação de Jerusalém, contado desde o 18º ano de Nabucodonosor até o regresso dos exilados judaicos no 1º ano de Ciro (isto é, seu primeiro ano completo ou *de reinado*, após seu ano *de ascensão*, que começou em 539 A.E.C.). Em resultado deste ponto de vista, o intervalo de tempo entre as datas que os historiadores estabeleceram para estes dois eventos — 587/86 e 538/37 A.E.C. — parece ser muito curto, com uns 20 anos a menos. Por isso, a Sociedade Torre de Vigia opta por rejeitar uma das duas datas. Eles poderiam rejeitar a data do 18º ano de Nabucodonosor (587/86 A.E.C.) ou rejeitar a data do primeiro ano do

[3] Segundo fontes seculares, Babilônia foi capturada pelas tropas do rei persa Ciro no 17.º ano de Nabonido, que se tornaria, desta maneira, o "ano de ascensão" de Ciro. (Para informações sobre o sistema babilônico de ano de ascensão, veja o Apêndice ao Capítulo 2.) Apesar de a queda de Babilônia ser mencionada várias vezes na Bíblia, o evento não é datado em qualquer ano de reinado específico, nem no de Nabonido (que nem sequer é mencionado), nem no de Ciro. Tanto Isaías (capítulos 13, 14, 21, 45, 47, 48) como Jeremias (capítulos 25, 27, 50, 51) predisseram a queda de Babilônia, mas *nenhum deles deu qualquer data para o evento*. Daniel, no capítulo 5, versículos 26-28, predisse que a queda de Babilônia era iminente. Depois, nos versículos 30 e 31, ele declara que "naquela mesma noite" Belsazar (o filho de Nabonido) foi morto e sucedido por "Dario, o medo". Mas quem foi "Dario, o medo"? A Sociedade Torre de Vigia admite que a identificação histórica deste personagem "é incerta". A sugestão (do Professor D. J. Wiseman) de que "Dario o medo" é apenas outro nome para o próprio Ciro é rejeitada. (*Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1, Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1990, pág. 660) Além disso, apesar de Daniel 6:28 mencionar "o reino de Dario" e o "reino de Ciro, o persa", e Daniel 9:1 mencionar o "primeiro ano" de "Dario ... da descendência dos medos", a Bíblia não fornece a duração do reinado de "Dario o medo", nem indica se o reinado dele deve ou não ser inserido entre a queda de Babilônia e o primeiro ano de Ciro. Assim, embora a Bíblia declare (em 2 Crônicas 36:22, 23 e Esdras 1:1-4) que os exilados judaicos foram libertados "no primeiro ano de Ciro", ela não mostra *quanto tempo depois da queda de Babilônia* isto ocorreu. Portanto, a Bíblia não fornece nem mesmo uma data *relativa* para a queda de Babilônia.

reinado de Ciro (538/37 A.E.C.). Eles rejeitam a primeira data, 587/86 A.E.C. Com que base rejeitam *essa* data e não *a outra*?

Não há qualquer razão *bíblica* para esta escolha. Conforme já foi indicado, a própria Bíblia não concorda nem discorda de qualquer destas duas datas, que são expressas em termos da contagem do tempo da Era Cristã. Ademais, a Bíblia simplesmente não fornece meios para decidirmos qual das duas datas é a melhor, em termos de ser firmemente estabelecida. Em que base, então, deveria a escolha ser feita — supondo-se que a interpretação da Sociedade sobre os 70 anos esteja correta?

O método mais lógico, seguro e erudito seria aceitar a data que é mais claramente estabelecida pelas fontes históricas extrabíblicas. Pois estas fontes **fornecem** a informação necessária para fazer a conexão com a contagem do tempo da Era Cristã. E, como se demonstrará nos próximos dois capítulos, estas fontes mostram de forma muito definitiva que, das duas datas que estão sendo consideradas, a cronologia do reinado de Nabucodonosor é muito mais bem estabelecida por documentos astronômicos e outros do que a cronologia do reinado de Ciro. De modo que, se fosse realmente necessário fazer uma escolha, e um cristão que crê na Bíblia se visse diante destas alternativas, a escolha natural deveria ser manter a data 587/86 A.E.C. e rejeitar a data 538/37 A.E.C.

Entretanto a Sociedade Torre de Vigia prefere a escolha *oposta*. Se a razão para isto não se deve à própria Bíblia favorecer uma destas datas em lugar da outra, e certamente não é porque a evidência histórica o faça, qual é a *verdadeira* razão para a escolha deles?

Lealdade à Bíblia — ou a uma especulação profética?

Se, de acordo com o que eles afirmam, o período de 70 anos da profecia de Jeremias deve realmente ser contado desde o 18º ano de Nabucodonosor até o 1º ano de Ciro, a Sociedade Torre de Vigia deveria logicamente ter começado por 587/86 A.E.C. como sendo historicamente *a mais confiável* das duas datas. Contando para frente 70 anos a partir dessa data chega-se a 518/17 A.E.C. como sendo o primeiro ano de Ciro, em vez de 538/37. Isto seria *tão bíblico* e realmente *mais sábio* do que reter 538/37 A.E.C. e rejeitar 587/86 (data esta que tem o apoio documental e astronômico mais forte).

Por que, então, a Sociedade Torre de Vigia rejeita 587/86 A.E.C. em vez de rejeitar 538/37?

A resposta é óbvia. A data 587/86 A.E.C. está em conflito direto com a cronologia da Sociedade Torre de Vigia para os "tempos dos gentios". Nessa cronologia, sua data 607 A.E.C. para a desolação de Jerusalém é o ponto inicial indispensável. Sem a data 607 A.E.C. a Sociedade não poderia chegar a 1914 E.C. como sendo o ponto terminal. E como esta data é a própria *pedra fundamental* das pretensões e mensagem profética da organização Torre de Vigia, não se permite que nada a contradiga, *nem a Bíblia nem os fatos históricos*. No fundo, portanto, não é questão de lealdade à Bíblia nem de lealdade a fatos históricos. A escolha da data tem outro motivo bem diferente: *Lealdade a uma especulação cronológica que se tornou uma condição vital para as pretensões divinas da organização Torre de Vigia*.

Nos próximos dois capítulos será demonstrado que toda a cronologia neobabilônica é firmemente estabelecida por pelo menos *dezessete linhas de evidência diferentes*. Assim, a data 587/86 para o 18º ano de Nabucodonosor (e para a desolação de Jerusalém) e a data 538/37 para o primeiro ano de Ciro, estão *ambas* corretas. Que nenhuma destas datas está em conflito com os 70 anos de Jeremias (Jeremias 25:11, 12 e 29:10) será demonstrado num capítulo posterior.

O colapso do ponto de partida original

Repetindo: *Sem fontes seculares não existe cronologia absoluta para datar eventos nas Escrituras*. A própria Sociedade Torre de Vigia teve de se conformar com este inevitável e embaraçoso fato. Assim, a primeiríssima coisa que a Sociedade se viu obrigada a fazer, *para ter qualquer cronologia bíblica*, foi voltar-se para as fontes *seculares* e selecionar uma data na qual sua cronologia pudesse se basear. A data que eles escolheram é a data que os historiadores estabeleceram para a queda de Babilônia, *539 A.E.C.* Esta data secular é, portanto, a própria fundação do que a Sociedade apresenta como sua "cronologia bíblica". Por que a Sociedade a escolheu como base para sua cronologia? E como foi que os historiadores chegaram a esta data?

Quando Charles Taze Russell inicialmente adotou a "cronologia bíblica" de Nelson H. Barbour, a base secular sobre a qual essa cronologia havia sido estabelecida era 536 A.E.C. — não 539 A.E.C. Acreditava-se que 536 A.E.C. era a data, não da queda de Babilônia, e

sim *do primeiro ano de Ciro*. Somando os "setenta anos" a 536, eles obtiveram 606 A.E.C. como sendo a data para a desolação de Jerusalém, e subtraindo 606 de 2.520 (supostamente o número de anos dos tempos dos gentios), chegaram a 1914.

Originalmente Barbour afirmou que a data 536 A.E.C. era obtida da antiga lista de reis conhecida como "Cânon de Ptolomeu".[4] Com o tempo, porém, descobriu-se que não era este o caso. Esta lista de reis não só aponta para *538 A.E.C.* como sendo o primeiro ano completo de Ciro, mas também *para 587 A.E.C. como sendo a data para o 18.º ano de Nabucodonosor*, o ano da desolação de Jerusalém. Quando estes fatos chegaram ao conhecimento de Russell, ele rejeitou a lista de reis e começou a atacar seu suposto originador, Cláudio Ptolomeu. Porém, ele ainda acreditava que 536 A.E.C. era uma data geralmente aceita para o primeiro ano de Ciro, declarando:

> Pode-se dizer que *todos os estudantes de cronologia* concordam que o primeiro ano de Ciro foi o ano 536 antes do começo da nossa era *Anno Domini*.[5]

Com o passar do tempo, alguns Estudantes da Bíblia descobriram que esta afirmação também não era verdadeira. Numa carta pessoal

---

[4] Por exemplo, na página 194 do seu livro *Os Três Mundos, ou o Plano de Redenção* (em inglês - Rochester, Nova Iorque, 1877), Barbour afirmou: "O fato de que o primeiro ano de Ciro foi 536 A.C. é baseado no cânon de Ptolomeu, apoiado pelos eclipses por meio dos quais as datas das eras grega e persa foram definidas. E a exatidão do cânon de Ptolomeu é agora aceita por todo o mundo científico e literário."

[5] *A Torre de Vigia de Sião*, 15 de maio de 1896, págs. 104, 105, 113 (= *Reimpressões*, págs. 1975, 1980. Ênfase acrescentada), em inglês. — É verdade que muitos cronologistas cristãos do passado, incluindo o arcebispo James Ussher e Sir Isaac Newton, dataram o primeiro ano de Ciro em 536 em vez de em 538 A.E.C. A razão para isto foi a aplicação que eles fizeram dos "setenta anos" de Jeremias 25:11, 12 e Daniel 9:2 ao período desde o primeiro ano de Nabucodonosor até a captura de Babilônia por Ciro. Isto parecia estar em conflito com o "Cânon de Ptolomeu", que dá apenas 66 anos para este período (604-538 A.E.C.). Para chegar aos 70 anos, o primeiro ano de Nabucodonosor era freqüentemente recuado de 604 para 606 A.E.C., enquanto que o primeiro ano de Ciro era adiantado para 536 A.E.C. Os dois anos, de 538 a 536 A.E.C., eram atribuídos a "Dario, o medo". A descoberta de milhares de tabuinhas cuneiformes da era neobabilônica na década de 1870, derrubou completamente estas teorias, como foi indicado já em 1876 por Sr. George Smith. (Veja "George Smith e as Tabuinhas de Egibi", S. M. Evers, *Iraque*, Vol. LV 1993, pág. 113, em inglês.).

para Russell, datada de 7 de junho de 1914, um de seus associados mais íntimos, Paul S. L. Johnson, indicou-lhe que quase todos os historiadores defendiam 538 A.E.C. como sendo o primeiro ano de Ciro. "Consultei uma dúzia de enciclopédias", escreveu ele, "e todas, exceto três, apresentam 538 A.C. como sendo a data."[6] Russell, porém, ignorou esta informação, e Joseph F. Rutherford, seu sucessor como presidente da Sociedade Torre de Vigia, fez o mesmo.

Foi só em 1944, no livro "*Está Próximo o Reino"*, que a Sociedade Torre de Vigia finalmente abandonou a data 536 A.E.C. Gradativamente, o primeiro ano de Ciro foi recuado, primeiro para 537 A.E.C. e depois, cinco anos mais tarde, para 538 A.E.C., a data indicada pelo "Cânon de Ptolomeu".[7]

Para manter 1914 como a data final dos tempos dos gentios, tiveram de ser feitos outros "ajustes". Para começar, ainda que o primeiro ano de Ciro tenha começado em meados de 538 A.E.C., a Torre de Vigia argumentou que este decreto que permitiu aos judeus regressar do exílio (Esdras 1:1-4) foi emitido *perto do fim* do seu primeiro ano de reinado, isto é, no início de 537 A.E.C. Nesse caso, os judeus que partiram de Babilônia não poderiam ter chegado a Jerusalém antes do outono daquele ano. Somando 70 anos a 537, a desolação de Jerusalém foi então fixada em 607 A.E.C. em vez de 606. Em seguida, foi finalmente reconhecido o fato de que nenhum "ano zero" é incluído no início da nossa Era Cristã.[8] Assim, do outono (hemisfério norte) de 607 A.E.C. até o início da nossa era, passaram-se apenas 606 anos e três meses; e se este período for subtraído dos 2.520 anos, ainda se chega a 1914 como sendo a data final. Assim, fizeram com que três "erros" diferentes se cancelassem entre si e o resultado foi o mesmo! Cada um dos ajustes foi feito com o objetivo de manter a data 1914.

Todavia, mover a base secular da "cronologia bíblica" da Sociedade Torre de Vigia para lá e para cá desta maneira arbitrária dificilmente

---

[6] Esta carta foi publicada como um Apêndice à reimpressão de Paul S. L. Johnson do segundo volume de *Estudos das Escrituras* (em inglês - Filadélfia, PA., EUA, 1937), págs. 367-382. Veja especialmente a pág. 369.

[7] *"Está Próximo o Reino*" (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, publicado em português em 1953), pág. 175; *A Sentinela* (em inglês) de 1º de novembro de 1949, pág. 326.

[8] Este problema tinha sido notado já em 1904, mas o erro nunca foi corrigido. Veja *A Torre de Vigia* (em inglês) de 1º de dezembro de 1912, pág. 377 (=*Reimpressões*, págs. 5141, 5142). Veja também a página 61 deste livro.

inspirava confiança. Por isso, desde então, o primeiro ano de reinado de Ciro (538 A.E.C.) não foi mais enfatizado como o ponto inicial "firmemente estabelecido". Em vez disso, a ênfase foi transferida para a data que os historiadores tinham estabelecido para a queda de Babilônia, 539 A.E.C. Esta data logo foi chamada de "data absoluta" nas publicações da Torre de Vigia. Mas *por que razão* esta data particular foi considerada como uma "data absoluta"?

539 A.E.C. — a "Data Absoluta para as Escrituras Hebraicas"?

A princípio, em 1952, a Sociedade Torre de Vigia explicou que a data 539 A.E.C. para a queda de Babilônia tinha sido "firmemente estabelecida" pela tabuinha cuneiforme conhecida como *Crônica de Nabonido*.[9] Evidentemente por esta razão pensou-se que esta data poderia ser usada como a nova base para a cronologia A.E.C. da Sociedade. Por isso, nas duas décadas seguintes o ano 539 A.E.C. não só foi descrito como uma "data absoluta", mas como *"a data absoluta proeminente para o período A.C. das Escrituras Hebraicas"*.[10] Qual é a realidade sobre isso? Será que a evidência histórica justifica esta linguagem impressionante e o que revela isso quanto ao entendimento dos escritores da Torre de Vigia sobre cronologia secular?

A Crônica de Nabonido: Este documento cuneiforme data a queda de Babilônia no "dia 16" do "mês de tasritu", evidentemente no 17º ano de Nabonido. Infelizmente, o texto está danificado, e as palavras para "17º ano" estão ilegíveis. Mas mesmo que estas palavras tivessem sido preservadas, a crônica não nos teria dito nada além do fato de que Babilônia foi capturada no dia 16 de tisri (correspondente ao *tasritu* babilônico) do 17º ano de Nabonido. *Esta informação por si mesma não pode ser traduzida para 539 A.E.C.* Há necessidade de evidência

---

[9] Veja *A Sentinela* de janeiro de 1953, pág. 14 § 22 "Esta data", disse *A Sentinela* (em inglês) de 1º de fevereiro de 1955, página 94, "torna-se absoluta em virtude da descoberta arqueológica e decifração da famosa *Crônica de Nabonido*, que dá por si mesma a data para a queda de Babilônia e cujo número os especialistas determinaram ser igual a 13 de outubro de 539 A.C., segundo o calendário juliano dos romanos."

[10] *A Sentinela* de 1º de fevereiro de 1955 (em inglês), pág. 94. (Ênfase acrescentada.) O livro *"Toda a Escritura É Inspirada por Deus e Proveitosa"* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, publicado em português em 1966) designou similarmente 539 A.E.C. como a "Data Absoluta Para as Escrituras Hebraicas." (pág. 271).

secular *adicional* para situar o 17º ano de Nabonido dentro da contagem do tempo da nossa era, permitindo-nos atribuir-lhe uma data expressa em termos dessa contagem.

Apesar disto, as publicações da Torre de Vigia continuaram a dar a impressão de que a Crônica de Nabonido por si mesma fixava a data *absoluta* para a queda de Babilônia.[11] Foi só em 1971, num artigo intitulado "O testemunho da Crônica de Nabonido", que se admitiu finalmente que esta tabuinha não estabelece o ano da queda de Babilônia. Citando a data fornecida na crônica (o dia 16 de tasritu), o escritor do artigo declara francamente: "Mas fornece a Crônica de Nabonido em si mesma uma base para se determinar o ano deste acontecimento? Não."[12]

Embora a principal testemunha em apoio da "data absoluta para as Escrituras Hebraicas" tivesse sido retirada desse modo, a Sociedade não estava disposta a fazer mais uma mudança na base secular da sua "cronologia bíblica". Por isso, tinham de ser encontradas e convocadas outras testemunhas. No mesmo artigo da *Sentinela* citada acima, foi feita uma referência a duas novas fontes que viriam a "sustentar" a data absoluta 539 A.E.C.:

> Também outras fontes, inclusive o cânon de Ptolomeu, indicam o ano 539 A. E. C. como a data da queda de Babilônia. Por exemplo, *historiadores antigos tais como Diodoro, Africano e Eusébio*, mostram que o primeiro ano de Ciro como rei da Pérsia corresponde à *Olimpíada 55, ano 1* (560/59 A. E. C.), ao passo que o último ano de Ciro é situado na *Olimpíada 62, ano 2* (531/30 A. E. C.)... Tabuinhas cuneiformes atribuem a Ciro uma regência de

[11] Por exemplo, *A Sentinela* de 15 de fevereiro de 1969, pág. 106, parágrafo 13, declarou: "A fixação de 539 A.E.C. como *o ano* em que ocorreu este evento histórico baseia-se num documento de pedra conhecido como a Crônica de Nabonido (Nabunaid)." (Ênfase acrescentada.) Compare também com *A Sentinela* de 1º de novembro de 1968, pág. 656, parágrafo 20.

[12] *A Sentinela* de 15 de novembro de 1971, pág. 700 (ênfase acrescentada). Quando se descobriu que a Crônica de Nabonido não estabelece 539 A.E.C. como uma "data absoluta", este termo foi abandonado nas publicações da Torre de Vigia. Em *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, 539 é chamado de "ponto fundamental" (pág. 385). Em *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1, pág. 613 é chamado de "ponto fixo ou data fundamental". Em outros momentos afirma-se simplesmente que "os historiadores calculam" ou "sustentam" que Babilônia caiu em 539 A.E.C. — Veja *"Venha o Teu Reino"* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1981), pág. 136, parágrafo 26 e pág.186, parágrafo 1.

> nove anos sobre Babilônia. Isto se harmoniza com a data aceita para o início de sua regência sobre Babilônia em 539 A. E. C.[13]

Assim, as novas fontes de confirmação consistiam em (1) *o Cânon de Ptolomeu* e (2) *datas da Era Olímpica grega citadas por antigos historiadores*. Pode alguma destas fontes estabelecer 539 A.E.C. como uma "data absoluta" sobre a qual a cronologia bíblica pode ser firmemente estabelecida?

O **Cânon de Ptolomeu**: Conforme já foi mostrado, Russell inicialmente sustentou sua cronologia fazendo referência ao Cânon de Ptolomeu. Mas, quando ele descobriu que a data 536 A.E.C. para o primeiro ano de Ciro não era apoiada pelo Cânon, ele o rejeitou. E embora a Torre de Vigia finalmente tenha recuado o 1º ano de Ciro para 538 A.E.C., em harmonia com o Cânon de Ptolomeu, a cronologia da Sociedade ainda está em conflito com o Cânon em outros pontos.

A soma das durações que o Cânon dá para os reinados dos reis neobabilônicos anteriores a Ciro, por exemplo, aponta para 587 A.E.C., não para 607 A.E.C., como sendo a data da desolação de Jerusalém no 18º ano do reinado de Nabucodonosor. Ademais, a Sociedade Torre de Vigia rejeita também os números dados pelo Cânon de Ptolomeu para os reinados de Xerxes e Artaxerxes I.[14] Usar

---

[13] *A Sentinela* de 15 de novembro de 1971, pág. 700. (Ênfase acrescentada.) Esta declaração foi também incluída no dicionário bíblico da Sociedade Torre de Vigia, *Ajuda ao Entendimento da Bíblia* (1982), pág. 319. Ainda é mantida na edição revisada de 1990 (*Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1, pág. 608).

[14] Segundo o Cânon de Ptolomeu, Xerxes reinou por 21 anos (485-464 A.E.C.) e Artaxerxes I por 41 anos (464-423 A.E.C.). Para ter o 20º ano de Artaxerxes I fixado em 455 em vez de 445 A.E.C., a Sociedade fixa o início do reinado dele 10 anos antes, desse modo fazendo-o durar 51 anos em vez de 41. Como isto deslocaria *uns 10 anos para trás todas as datas anteriores a Artaxerxes I*, incluindo a data da queda de Babilônia, a Sociedade *subtraiu 10 anos do reinado de Xerxes apenas, fazendo-o durar 11 anos em vez de 21!* A única razão para estas mudanças é que elas são necessárias para a aplicação particular da Sociedade para as "setenta semanas" de Daniel 9:24-27. Esta aplicação foi originalmente sugerida pelo teólogo jesuíta Dionísio Petávio em *De Doctrina Temporum*, uma obra publicada em 1627. Muitos outros captaram a idéia, incluindo o arcebispo anglicano James Ussher, no mesmo século. Em 1832 o teólogo alemão E. W. Hengstenberg incluiu uma longa defesa dela em sua bem conhecida obra *Christologie des Alten Testaments*. Todavia, desde então, a idéia tem sido completamente refutada por descobertas arqueológicas. Isto foi demonstrado num estudo à parte, publicado na internet:
http://br.geocities.com/mentesbereanas/crono.htm

o Cânon para apoiar 539 A.E.C. enquanto ao mesmo tempo se *rejeita* a sua cronologia para períodos *anteriores* e *posteriores* a esta data seria totalmente inconsistente.

Evidentemente percebendo isto, a Sociedade Torre de Vigia logo no ano seguinte rejeitou mais uma vez o Cânon de Ptolomeu, declarando que "a própria finalidade do Cânon torna impossível por meio dele o datar absoluto."[15] Se isto era verdade, então é claro que a Sociedade não podia usar o Cânon em apoio da data 539 A.E.C.

Com o Cânon de Ptolomeu assim removido, a base secular da "cronologia bíblica" da Sociedade agora dependia inteiramente da confiabilidade da segunda testemunha, *a contagem das olimpíadas gregas*. Que dizer da contagem desta era olímpica? De que maneira ela fixa a queda de Babilônia em 539 A.E.C. e até que ponto se pode confiar nas datas olímpicas citadas por antigos historiadores?

A Era Olímpica: O primeiro ano assinalado para esta era é 776 A.E.C. Por isso, este ano é designado como "Ol. I,1", isto é, o primeiro ano da primeira Olimpíada. Mas isto não quer dizer que os primeiros *Jogos* Olímpicos ocorreram em 776 A.E.C. Fontes antigas indicam que estes jogos começaram a ser realizados muito antes. Nem significa que já em 776 A.E.C. os gregos haviam começado uma era baseada nos Jogos Olímpicos. *Na verdade, não se pode encontrar qualquer referência à Era Olímpica em toda a literatura antiga até o terceiro século A.E.C.!* Conforme indicado pelo professor Elias J. Bickerman, "a numeração das Olimpíadas foi introduzida por Timeus ou por Eratóstenes."[16] E o Dr. Alan E. Samuel especifica: "O sistema de contagem das Olimpíadas, originado por Filisto, foi posteriormente usado num contexto histórico por Timeus, e desde então encontramos cronologias históricas baseadas nas Olimpíadas."[17] Timeus Sicilo escreveu uma história da Sicília, sua terra natal, em 264 A.E.C., e Eratóstenes, um bibliotecário na famosa biblioteca de Alexandria, no Egito, publicou sua *Cronografia* algumas décadas depois.

Assim, o sistema de contagem das Olimpíadas, da mesma forma que a Era Cristã, foi introduzido *mais de 500 anos* depois do ano

---

[15] *Despertai!* de 8 de novembro de 1972, pág. 28.

[16] *A Cronologia do Mundo Antigo*, Elias J. Bickerman, edição revisada em inglês (Londres: Tâmisa e Hudson, 1980), pág. 75.

[17] *Cronologia Grega e Romana,* Alan E. Samuel, (München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1972), pág. 189.

escolhido como ponto inicial dessa era! Como foi que os historiadores gregos conseguiram estabelecer a data da primeira Olimpíada bem como outras datas (por exemplo, o primeiro ano de Ciro) centenas de anos depois? Que tipo de fontes estavam à disposição deles?

Eles estudaram *listas de vencedores* dos jogos quadrienais, mantidas em Olímpia. Mas infelizmente essas listas não tinham sido mantidas continuamente desde o início. Como o Dr. Samuel indica, a primeira lista foi "redigida por Hípias no fim do quinto século A.C.", isto é, por volta de 400 A.E.C.[18] "No período helenístico, a lista de vencedores estava completa e razoavelmente consistente e o esquema da cronologia estava estabelecido e aceito."[19] Mas era a lista confiável? Samuel continua: "Saber se tudo isto estava certo, ou se os eventos tinham sido corretamente atribuídos aos anos, é outra história." Indicando que "o perspicaz Plutarco [c. 46 — c.120 E.C.] tinha suas dúvidas", ele prossegue alertando que "nós também deveríamos ter muitas dúvidas quanto à evidência cronográfica das Olimpíadas que seja muito anterior ao meio ou início do quinto século [isto é, antes de 450 ou 500 A.E.C.]."[20]

Todavia, a confiança da Sociedade Torre de Vigia na contagem das Olimpíadas é ainda mais ilusória. Pois, ao passo que eles aceitam as datas olímpicas fornecidas por historiadores antigos para o reinado de Ciro, eles rejeitam as datas olímpicas fornecidas por estes historiadores para o reinado de Artaxerxes I, apesar do fato de o reinado deste estar *bem mais próximo* da nossa época. Assim, quando Júlio Africano, em sua *Cronografia* (publicada por volta de 221/22 E.C.), data o 20º ano de Artaxerxes no "4º ano da 83ª Olimpíada", correspondendo a 445 A.E.C., esta data é rejeitada pela Sociedade Torre de Vigia em favor de 455 A.E.C., como foi mencionado anteriormente (nota de rodapé 14 deste capítulo).[21] Assim, como no caso do Cânon de Ptolomeu, a Sociedade usa novamente uma testemunha que em outros momentos é

---

[18] A. E. Samuel, *op. cit.*, pág. 189.

[19] *Ibid.*, pág. 190.

[20] *Ibid.*, pág. 190. Bickerman (*op. cit.*, pág. 75) concorda: "A confiabilidade da parte inicial da lista dos vencedores olímpicos, que começa em 776 AC, é duvidosa."

[21] *Os Pais Antenicenos*, A. Roberts e J. Donaldson, Vol. VI (Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., reimpressão de 1978 em inglês), pág. 135.

completamente rejeitada, e isto pela única razão de que naquelas áreas a evidência é desfavorável aos seus ensinos.

Mesmo que a Sociedade Torre de Vigia fosse totalmente consistente no uso que faz da contagem das Olimpíadas, o problema é que essas datações olímpicas preservadas por Diodoro, Africano e Eusébio, as quais indicam 539 A.E.C. como a data da queda de Babilônia, não podem ser usadas isoladamente para estabelecer essa data como absoluta, sobre a qual possamos basear a cronologia das Escrituras Hebraicas. Isto se deve ao fato simples, já apresentado, de que o sistema de contagem das Olimpíadas só foi realmente instituído no terceiro século A.E.C. — ou três séculos *depois* da queda de Babilônia.

A astronomia e o ano 539 A.E.C.

A discussão precedente sobre as tentativas infrutíferas da Sociedade de estabelecer uma base secular para sua "cronologia bíblica" particular, resume o conteúdo de um folheto publicado em 1981, *A Sociedade Torre de Vigia e a Cronologia Absoluta*.[22] Talvez tenha sido esta exposição que — direta ou indiretamente — motivou os escritores da Sociedade a fazer outra tentativa de estabelecer a data 539 A.E.C. De qualquer maneira, publicou-se uma nova discussão sobre a data em 1990, no dicionário bíblico revisado da Sociedade, *Estudo Perspicaz das Escrituras*, no qual os autores tentam agora fixar a data *astronomicamente*.

Conforme já foi explicado (na nota de rodapé 2 deste capítulo), uma cronologia absoluta é geralmente mais bem estabelecida com a ajuda de datas fixadas astronomicamente. Nas décadas de 1870 e 1880, escavações em Babilônia desenterraram um grande número de textos cuneiformes contendo descrições de eventos astronômicos datados das eras babilônica, persa e grega. Estes textos fornecem numerosas datas absolutas para estes períodos.

O texto astronômico mais importante da era neobabilônica é o chamado "diário", um registro de cerca de *trinta* observações astronômicas datado do 37º ano de Nabucodonosor. Esta tabuinha, que é mantida no Museu de Berlim (onde é denominada *VAT 4956*),

---

[22] *A Sociedade Torre de Vigia e a Cronologia Absoluta*, Karl Burganger (em inglês - Lethbridge, Canadá: Christian Koinonia International, 1981), págs. 7-20. Veja a página 81 deste livro, nota 100.

estabelece 568/67 A.E.C. como a data absoluta para o 37º ano de Nabucodonosor. Esta data obviamente indica que seu *18º ano*, durante o qual ele desolou Jerusalém, corresponde a 587/86 A.E.C. Isso é 20 anos depois de 607 A.E.C., a data atribuída a esse evento pela Sociedade Torre de Vigia. Uma abordagem detalhada sobre este e outros textos astronômicos é apresentada no capítulo quatro deste livro.

Portanto, a preocupação da Sociedade Torre de Vigia é de algum modo evitar o uso desse texto antigo desfavorável e encontrar uma maneira de estabelecer a data 539 A.E.C. *independentemente* dele, evitando assim um conflito com a evidência acompanhante fornecida pelo texto, que anula 607 A.E.C. como a data para a queda de Jerusalém. A qual evidência astronômica eles recorrem?

Strm. Kambys. 400: O texto astronômico denominado *Strm. Kambys. 400* é o texto usado agora pela Sociedade Torre de Vigia para estabelecer a data 539 A.E.C. É uma tabuinha datada do sétimo ano de Cambises, filho de Ciro.[23] Fazendo referência a dois eclipses lunares mencionados no texto — eclipses que os peritos modernos "identifica[ram] com os eclipses lunares visíveis em Babilônia em 16 de julho de 523 AEC e em 10 de janeiro de 522 AEC.", — a Sociedade conclui:

> De modo que esta tabuinha especifica o sétimo ano de Cambises II como tendo início na primavera setentrional de 523 AEC. Esta data é confirmada pela astronomia.[24]

A que nos leva isto? Se 523/22 A.E.C. foi o sétimo ano de Cambises, então seu *primeiro ano* foi com certeza 529/28 A.E.C. e o ano anterior, 530/29 A.E.C., foi com certeza o *último ano* de seu predecessor, Ciro. Todavia, para chegar à data da queda de Babilônia precisamos também saber a duração do reinado de Ciro. Para isto, a Sociedade é obrigada a aceitar a informação encontrada em outro tipo de textos cuneiformes, as *tabuinhas comerciais*, isto é, documentos datados de transações comerciais e administrativos. Sobre estes, eles declaram:

---

[23] Este texto, que é denominado *Strm. Kambys. 400*, não é exatamente um "diário" em sentido estrito, embora esteja relacionado de perto com este grupo de textos.

[24] *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1 (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1990), pág. 607.

> A mais recente tabuinha datada no reinado de Ciro II é do 5.° mês, do 23.° dia do seu 9.° ano... Visto que o nono ano de Ciro II como rei de Babilônia foi 530 AEC, seu primeiro ano, segundo este cálculo, foi 538 AEC, e seu ano de ascensão foi 539 AEC.[25]

Assim, para estabelecer a data 539 A.E.C., a Sociedade aceita sem questionar várias fontes seculares antigas: (1) uma tabuinha astronômica babilônica e (2) tabuinhas comerciais babilônicas datadas do reinado de Ciro. No entanto, nas páginas seguintes do mesmo artigo (páginas 608-610) outros documentos *exatamente do mesmo tipo* — textos astronômicos e tabuinhas comerciais — *são rejeitados porque apóiam a data 587 A.E.C. para a destruição de Jerusalém!*

Se as críticas da Sociedade a estes diários astronômicos (principalmente ao fato de eles serem cópias posteriores de um original) fossem válidas, essas críticas se aplicariam com igual força ao *Strm. Kambys. 400,* que é favorecido por eles. Assim como o *VAT 4956*, o *Strm. Kambys. 400* é uma cópia de um original mais antigo. Na verdade, dificilmente poderíamos chamá-lo de cópia. O eminente perito em textos astronômicos, F. X. Kugler, indicou já em 1903 que esta tabuinha é apenas parcialmente uma cópia. O copista estava evidentemente trabalhando a partir de um texto muito deficiente, e por isso tentou preencher as *lacunae* ou falhas no texto com seus próprios cálculos. Assim, na melhor das hipóteses, somente uma parte do *Strm. Kambys. 400* contém observações. O restante são acréscimos feitos por um copista bem inexperiente, de um período muito posterior. Kugler comentou que *"nenhum dos textos astronômicos que conheço apresenta tantas contradições e enigmas não solucionados como o Strm. Kambys. 400.* "[26]

Em contraste, o *VAT 4956* é um dos diários mais bem preservados. Embora ele também seja uma cópia posterior, os peritos concordam que é uma reprodução fiel do original.

Há alguma evidência de que os eclipses lunares mostrados em *Strm. Kambys. 400*, mencionados no livro *Estudo Perspicaz das Escrituras*

---

[25] *Ibid.*, pág. 607.

[26] "Eine rätselvolle astronomische Keilinschrift (Strm. Kambys. 400)", Zeitschrift für Assyriologie, de Franz Xaver Kugler, Vol. 17 (Strasburg: Verlag von Karl J. Trübner, 1903), pág. 203. Para uma transcrição e tradução do texto, veja Sternkunde und Sterndienst in Babel, Buch I, de F. X. Kugler, (Münster, Westfália: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 1907), págs. 61-75.

foram calculados em vez de terem sido observados.[27] O ponto que queremos frisar aqui não é a validade ou falta de validade dessas observações particulares mas sim que, enquanto aplica certo critério como base para *rejeitar* a evidência do *VAT 4956*, a Sociedade Torre de Vigia não permite que o *mesmo critério* afete a sua *aceitação* do *Strm. Kambys. 400* porque vê este documento como dando aparente apoio a suas afirmações. Esta repetida inconsistência é resultante da mesma "agenda secreta" de tentar proteger uma data sem apoio histórico.

Na realidade, para fixar a data da queda de Babilônia, é muito mais seguro começar pelo reinado de Nabucodonosor e contar *para frente*, em vez de começar pelo reinado de Cambises e contar *para trás*. A data 539 A.E.C. para a queda de Babilônia foi, de fato, originalmente determinada deste modo, conforme é indicado pelo Dr. R. Campbell Thompson em *História Antiga - Universidade de Cambridge* (em inglês):

> A data 539 para a queda de Babilônia foi calculada a partir das últimas datas dos contratos de cada rei deste período, contando-se desde o fim do reinado de Nabopolassar em 605 A.C., ou seja, Nabucodonosor, 43: Evil Merodaque, 2: Neriglissar, 4: Labashi-Marduque (somente a ascensão): Nabonido, 17 = 66.[28]

Entretanto, a Sociedade Torre de Vigia aceita apenas *o produto* deste cálculo (539 A.E.C.), mas rejeita o próprio cálculo e seu ponto inicial, porque estes contradizem a data 607 A.E.C. A Sociedade rejeita os textos astronômicos em geral e o *VAT 4956* em particular; por outro lado, é obrigada a aceitar o mais problemático — o *Strm.*

---

[27] O Dr. John M. Steele resume a opinião atual dos peritos sobre o *Strm. Kambys. 400* nas seguintes palavras: "É muito imprudente basear qualquer conclusão referente aos registros babilônicos apenas nesta tabuinha, uma vez que ela não se enquadra em qualquer das categorias comuns de texto. Em particular, não há certeza se este texto contém observações ou cálculos dos fenômenos que registra... Há também debate quanto a se os dois eclipses lunares foram observados ou calculados." — John M. Steele, *Observações e Predições de Períodos de Eclipses Pelos Astrônomos Primitivos* (= *Archimedes,* Vol. 4 Dordrecht/Boston/Londres: Kluwer Academic Publishers, 2000), pág. 98, em inglês.

[28] "O Novo Império Babilônico", R. Campbell Thompson, *História Antiga — Universidade de Cambridge,* J. B. Bury, S. A. Cook, F. E. Adcock, Vol. III (Cambridge: Editora da Universidade de Cambridge, 1925), pág. 224 em inglês, nota de rodapé 1.

Kambys. 400. Certamente seria difícil encontrar um exemplo mais notável de erudição inconsistente e enganosa.

Conforme se demonstrou acima, 539 A.E.C. não é um ponto de partida lógico para estabelecer a data da desolação de Jerusalém. As datas mais confiáveis neste período (no 6.º século A.E.C.) que podem ser estabelecidas como absolutas, situam-se muito antes, dentro do reinado de Nabucodonosor, um reinado que é ligado diretamente à nossa era pelo *VAT 4956* e por outros textos astronômicos.

Ademais, a Bíblia fornece um *sincronismo direto* entre o reinado de Nabucodonosor e a desolação de Jerusalém. Conforme já foi indicado, 2 Reis 25: 8 declara explicitamente que esta desolação ocorreu no "décimo nono ano do Rei Nabucodonosor."[29] Em contraste, a Bíblia não fornece nenhum sincronismo direto deste tipo para a queda de Babilônia.[30]

Mas isto não é tudo. Os períodos de reinado dos reis neobabilônicos (conforme citados acima pelo Dr. R. Thompson com base nas tabuinhas comerciais) desde o primeiro rei, Nabopolassar, até o último, Nabonido, podem ser firmemente estabelecidas de várias maneiras diferentes. Na verdade, a cronologia deste período pode ser estabelecida através de pelo menos *dezessete* linhas de evidência diferentes! Esta evidência será apresentada nos próximos dois capítulos.

---

[29] O "19º" ano aqui corresponde evidentemente ao "18º" ano segundo o sistema babilônico de contagem de anos de reinado dos reis. Na Assíria e em Babilônia, o ano em que um rei assumia o poder era contado como seu "ano de ascensão", ao passo que seu primeiro ano começava sempre em 1º de nisã, o primeiro dia do ano seguinte. Como será discutido adiante, Judá nesta época não aplicava o "sistema de ano de ascensão", mas contava o ano de ascensão como sendo o primeiro ano. Veja o Apêndice ao Capítulo 2.

[30] Veja a nota de rodapé 3 deste capítulo.

3

OS PERÍODOS DE REINADO DOS REIS NEOBABILÔNICOS

PODE-SE ACREDITAR nas idéias mais estranhas, não porque haja qualquer evidência mostrando que elas são *verdadeiras*, e sim por haver pouca ou nenhuma evidência para mostrar que tais idéias são *falsas*. Por muitos séculos, acreditou-se que a terra era plana, simplesmente porque esta idéia não podia ser testada e refutada facilmente. Muitas idéias que foram associadas a profecias bíblicas também pertencem definitivamente a esta categoria. É evidente que estas incluem algumas que foram associadas à declaração de Jesus sobre os "tempos dos gentios" em Lucas 21:24.

Por exemplo, em parte alguma a Bíblia diz de maneira explícita:

1) Que Jesus, ao falar destes "tempos dos gentios", estava pensando nos "sete tempos" de loucura de Nabucodonosor mencionados no livro de Daniel, capítulo 4;
2) Que estes "sete tempos" eram sete *anos*;
3) Que estes "anos" não eram simples anos civis babilônicos, e sim "anos proféticos" de 360 dias cada, totalizando desta forma 2.520 dias;
4) Que estes 2.520 dias não se aplicaram apenas ao período da demência de Nabucodonosor, mas teriam também um cumprimento *maior*;
5) Que neste cumprimento maior os *dias* devem ser contados como *anos*, de forma tal que obtenhamos um período de 2.520 anos, e
6) Que este período de 2.520 anos teve início quando Nabucodonosor, em seu 18º ano de reinado, desolou a cidade de Jerusalém.

Nenhuma destas seis suposições pode ser confirmada por declarações bíblicas claras. Na realidade, elas nada mais são que uma

série de conjecturas. No entanto, ao passo que a Bíblia não aborda ou sequer menciona qualquer destas idéias, ela também nunca diz explicitamente que são falsas.

Porém, quando se alega em seguida o que constituiria a *sétima suposição* da série, a saber: Que a desolação de Jerusalém por Nabucodonosor ocorreu em 607 A.E.C., chegamos a um ponto da linha de raciocínio que *pode* ser posto à prova e refutado.

Isto se dá porque a cronologia do período neobabilônico não está entre as suposições que não possam ser testadas.

Como será demonstrado neste e no próximo capítulo, a duração do período neobabilônico foi firmemente estabelecida atualmente por pelo menos dezessete linhas diferentes de evidência, *quatorze* das quais serão discutidas com certo detalhamento nestes dois capítulos.

No capítulo anterior foi indicado que a validade da interpretação profética da Sociedade Torre de Vigia referente à data 1914 está intimamente relacionada com a duração do período neobabilônico.[1] Esse período terminou quando Babilônia foi capturada pelos exércitos do rei persa Ciro em 539 A.E.C., que é uma data reconhecida e confiável.

No primeiro ano de seu reinado sobre Babilônia, Ciro emitiu um decreto permitindo que os judeus retornassem a Jerusalém. (2 Crônicas 36:22, 23; Esdras 1:1-4) Segundo a Sociedade Torre de Vigia, isto encerrou o período de setenta anos, mencionado em Jeremias 25:11, 12; 29:10; Daniel 9:2 e 2 Crônicas 36:21.

---

[1] O termo "*neobabilônico*" refere-se geralmente ao período que começou com o reinado de Nabopolassar (datado de 625 - 605 A.E.C.) e terminou com Nabonido (555 - 539 A.E.C.). Deve-se notar, porém, que muitos estudiosos aplicam o termo "neobabilônico" a um período mais extenso. O *Dicionário Assírio* (em inglês - editado por I. J. Gelb et al, Chicago: Instituto Oriental, 1956–), por exemplo, inicia o período em 1150 A.E.C. e o finaliza em algum momento do quarto século A.E.C. Neste livro o termo se limita à dinastia babilônica que começou com Nabopolassar e terminou com Nabonido.

Se, como a Sociedade sustenta, o restante judaico retornou a Jerusalém em 537 A.E.C., o período de dominação babilônica teria começado setenta anos antes, ou seja, em 607 A.E.C.[2] E uma vez que a Sociedade Torre de Vigia defende que este período de setenta anos é um período de *desolação completa* de Judá e de Jerusalém, afirma-se que 607 A.E.C. foi o ano em que Nabucodonosor, em seu décimo oitavo ano de reinado, destruiu Jerusalém. (2 Reis 25:8; Jeremias 52:12, 29) Presume-se que este evento deu início aos 2.520 anos, período que é chamado de "tempos dos gentios" e que teria começado no ano 607 A.E.C.

[2] O primeiro ano de Ciro estendeu-se da primavera setentrional (1º de nisã) de 538 à primavera setentrional de 537 A.E.C. Se Esdras seguiu o método judaico de contar o ano de ascensão como o primeiro ano, ele pode ter considerado 539/38 como o primeiro ano de Ciro. De qualquer maneira, a evidência é que Ciro emitiu seu decreto não muito tempo depois da queda de Babilônia. O chamado *Cilindro de Ciro* mostra que, logo após a conquista de Babilônia, Ciro emitiu um decreto permitindo que os diversos povos que haviam sido deportados para Babilônia voltassem para seus países de origem. (*Textos Antigos do Oriente Próximo Relacionados com o Velho Testamento* [sigla em inglês: ANET], editado por James B. Pritchard, Princeton, Nova Jersey: Editora da Universidade de Princeton, 1950, pág. 316.) É bem provável que o decreto que permitiu aos judeus retornarem a Jerusalém fez parte desta libertação geral dos povos exilados. Conforme se mostra no livro de Esdras, os judeus que acataram imediatamente o decreto começaram a se organizar para a viagem de regresso (Esdras 1:5-2:70), e "no sétimo mês" (tisri, que abrange parte de setembro e parte de outubro) eles tinham se instalado em suas cidades de origem. (Esdras 3:1) O contexto parece indicar que isso ainda foi no "primeiro ano de Ciro" (Esdras 1:1-3:1). Por isso, a maior parte das autoridades conclui que o retorno deles ocorreu no outono de 538 A.E.C. e *não* em 537 como insiste a Sociedade Torre de Vigia. (Veja, por exemplo, a discussão do Dr. T. C. Mitchell em *História Antiga – Universidade de Cambridge*, 2ª ed. em inglês, Vol. III:2, Cambridge: Editora da Universidade de Cambridge, 1991, págs. 430-432; também a discussão completa da historicidade do decreto de Ciro, feita por Elias Bickerman em *Estudos da História Judaica e Cristã* [em inglês], Leiden: E.J. Brill, 1976, págs. 72-108.) A Sociedade Torre de Vigia, porém, não pode aceitar a data 538 A.E.C. para o retorno, uma vez que tal data recuaria o início de seu período de setenta anos para 608 A.E.C. Isto, é claro, destruiria seu cálculo dos tempos dos gentios.

Todavia, este ponto inicial está em contradição com diversos fatos históricos.*

A. OS HISTORIADORES ANTIGOS

Até a última parte do século dezenove, a única maneira de determinar a duração do período neobabilônico era consultando os antigos historiadores gregos e romanos. Esses historiadores viveram centenas de anos depois do período neobabilônico, e infelizmente as declarações deles freqüentemente se contradizem.[3]

Os que são considerados como os mais confiáveis são: 1) *Beroso* e 2) o(s) compilador(es) da lista de reis comumente conhecida como *Cânon de Ptolomeu*, às vezes também chamada mais apropriadamente de *Cânon Real*.

Parece apropriado começar nossa discussão com uma breve apresentação destas duas fontes históricas, pois, embora nenhuma delas *por si mesma* proveja evidência conclusiva para a duração do período neobabilônico, o antigo testemunho que dão é certamente digno de consideração.

---

[3] Estes historiadores antigos incluem *Megástenes* (3º século A.E.C.), *Beroso* (c. 250 A.E.C.), *Alexandre Polistor* (1º século A.E.C.), *Eusébio Pânfilo* (c. 260-340 E.C.), e *Geórgio Sincelo* (parte final do 8º século E.C.). Para uma avaliação oportuna dos números fornecidos por estes historiadores antigos, veja *Nabonido e Belsazar*, de Raymond Philip Dougherty, (em inglês - New Haven: Editora da Universidade de Yale, 1929), págs. 8-10; cf. também *Imagens de Nabucodonosor*, de Ronald H. Sack, (em inglês - Selinsgrove: Editora da Universidade de Susquehanna; Londres e Toronto: Editora das Universidades Associadas, 1991), págs. 31-44.

* A matéria que será abrangida neste capítulo e no próximo inclui muita informação de natureza técnica, acompanhada por documentação detalhada. Ao mesmo tempo em que isto contribui para reforçar a base das datas estabelecidas, tal exposição faz-se também necessária devido às tentativas por parte de algumas fontes de desacreditar a evidência histórica, ao apresentarem informação que tem aparência de validade, ou mesmo de erudição, mas que, ao ser examinada, prova-se inválida e com freqüência superficial. Alguns leitores podem achar o exame dos dados técnicos muito árduo. Aqueles que não acharem necessário saber todos os detalhes podem passar diretamente para os resumos no final de cada um destes dois capítulos. Estes resumos dão uma idéia geral da discussão, da evidência apresentada e das conclusões derivadas desta evidência.

A-1: Beroso

Beroso foi um sacerdote babilônico que viveu no terceiro século A.E.C.

Por volta de 281 A.E.C. ele escreveu uma história de Babilônia em grego conhecida como *Babiloníaca* ou *Caldaica* que dedicou ao rei selêucida Antíoco I (281 – 260 A.E.C.), cujo vasto império incluía Babilônia. Depois Beroso deixou Babilônia e fixou-se na ilha ptolemaica de Cós.[4]

Infelizmente os escritos dele se perderam, e tudo o que se sabe sobre tais escritos provém de vinte e duas citações ou paráfrases que outros escritores antigos fizeram de sua obra, e de onze declarações que escritores clássicos (judeus e cristãos) fizeram sobre Beroso.[5]

As citações mais extensas tratam dos reinados dos reis neobabilônicos e encontram-se nas obras *Contra Apião* e *Antiguidades Judaicas*, de Flávio Josefo, ambas escritas na parte final do primeiro século E.C.; na *Crônica* de Eusébio e em sua obra *Preparação para o Evangelho*, ambas do início do quarto século E.C., e em outras obras antigas.[6] Sabe-se que Eusébio citou Beroso indiretamente por meio do erudito greco-romano Cornélio Alexandre Polistor (do primeiro século A.E.C.).

Embora alguns eruditos tenham presumido que Josefo também só tomou conhecimento de Beroso através de Polistor, não há evidência que confirme isto. Outros eruditos concluíram que Josefo tinha uma cópia da obra de Beroso à mão, e recentemente o Dr. Gregory E. Sterling argumentou fortemente que Josefo citou diretamente da obra

---

[4] *Reallexikon der Assyriologie*, Erich Ebeling e Bruno Meissner, Vol. II (Berlim e Leipzig: Walter de Gruyter & Co., 1938), págs. 2, 3.

[5] Uma tradução com uma abordagem extensa sobre estes fragmentos foi publicada por Paul Schnabel em *Berossos und die Babylonisch-Hellenistische Literatur* (Leipzig e Berlim: B. G. Teubner, 1923). A primeira versão inglesa completa dos fragmentos restantes da obra de Beroso foi publicada por Stanley Mayer Burstein em *A Babiloníaca de Beroso. Fontes do Antigo Oriente Próximo, Vol.* 1, fascículo 5 (Malibu, Califórnia: Publicações Undena, 1978).

[6] Veja *Contra Apião*, de Flávio Josefo, Livro I: 19-21; *Antiguidades Judaicas*, Livro X:XI, 1. A *Crônica* de Eusébio só está preservada em uma versão armênia e em uma versão latina, com exceção dos trechos preservados na *Cronografia* do cronista bizantino Geórgio Sincelo (final do oitavo e início do nono século E.C.). Todas as obras citadas aqui estão em inglês.

de Beroso.[7] Os eruditos concordam que as citações preservadas mais confiáveis da obra de Beroso são as feitas por Flávio Josefo.[8]

Onde Beroso obteve sua informação sobre os reis neobabilônicos?

Segundo suas próprias palavras ele "traduziu muitos livros que tinham sido preservados com bastante cuidado em Babilônia e que abrangiam um período de mais de 150.000 anos."[9] Estes "livros" incluíam relatos de reis lendários de "antes do Dilúvio" com períodos de reinado muito exagerados.

Sua história das dinastias após o Dilúvio até o reinado do rei babilônico Nabonassar (747–734 A.E.C.) está também muito longe de ser confiável e contém evidentemente muita matéria fictícia e períodos de reinado exagerados.

O próprio Beroso indica que foi impossível apresentar uma história confiável de Babilônia *anterior a Nabonassar*, uma vez que esse rei "juntou e destruiu os registros dos reis anteriores a ele para que a lista dos reis caldeus começasse por ele."[10]

Todavia, apesar destes problemas, para períodos posteriores, e

---

[7] *Historiografia e Autodefinição*, Gregory E. Sterling, (em inglês - Leiden, Nova Iorque, Köln: E. J. Brill, 1992), págs. 106, 260, 261.

[8] Burstein, por exemplo, diz: "Os mais antigos são os elaborados por Josefo no primeiro século D.C. com base nas seções referentes ao segundo e particularmente ao terceiro livro da *Babiloníaca*, o último dos quais provê realmente *nossa melhor evidência acerca da abordagem de Beroso sobre o período neobabilônico.*" (Op. *cit.*, págs. 10, 11; ênfase acrescentada.) A longa citação que Josefo faz sobre a era neobabilônica em *Contra Apião* está mais bem preservada em *Preparação para o Evangelho*, de Eusébio, Livro IX, capítulo XL. (em inglês - Veja a discussão de H. St. J. Thackeray em *Josefo*, Vol. I [Biblioteca Clássica Loeb, Vol. 38:1], Londres: William Heinemann, e Nova Iorque: G. P. Putnam's Sons, 1926, págs. xviii, xix.) Por isso, a transmissão textual deficiente da *Crônica* de Eusébio não tem qualquer relevância para nosso estudo. A Sociedade Torre de Vigia, em seu dicionário bíblico *Estudo Perspicaz das Escrituras* (Vol. I, pág. 607), dedica somente um parágrafo a Beroso. Quase todo o parágrafo consiste em uma citação da *Historiografia Assíria* (em inglês) de A. T. Olmstead, na qual ele lamenta a tortuosa história da preservação dos fragmentos de Beroso através da *Crônica* de Eusébio (conforme a nota de rodapé 6 deste capítulo). Embora isto seja verdade, é irrelevante para nossa discussão, como já foi dito.

[9] Burstein, op. *cit.*, pág. 13. A versão armênia da *Crônica* de Eusébio apresenta "2.150.000 anos" em vez de "150.000", o número preservado por Sincelo. Acredita-se que nenhum destes é o numero original apresentado por Beroso. (Burstein, pág., 13, nota 3.)

[10] Burstein, *op. cit.*, pág. 22.

especialmente para o crítico período neobabilônico, foi estabelecido que Beroso usou as geralmente muito confiáveis crônicas babilônicas, ou fontes similares a estes documentos, e que ele registrou cuidadosamente o conteúdo delas em grego.[11] Os números que ele apresenta para os reinados dos reis neobabilônicos concordam substancialmente com os números que constam em outros documentos cuneiformes antigos.

A-2: O Cânon Real

O *Cânon de Ptolomeu* ou, mais apropriadamente, o *Cânon Real* é uma lista de reis e os períodos de seus reinados, começando pelo reinado de Nabonassar em Babilônia (747–734 A.E.C.), e seguindo pelos governantes babilônicos, persas, gregos, romanos e bizantinos

A lista de reis foi incluída nas *Tabelas Práticas*, elaboradas pelo famoso astrônomo e geógrafo *Cláudio Ptolomeu* (70 – 165 E.C.), que finalizou a lista com o imperador romano contemporâneo Antonino Pio (138-161 E.C.).[12] É por isso que ela veio a ser conhecida como *Cânon de Ptolomeu* (Veja a página seguinte.). Todavia, há evidência de que listas reais deste tipo eram usadas muito antes da época de Cláudio Ptolomeu.

A razão por que a lista de reis não poderia ter se originado com Cláudio Ptolomeu é que uma tabela deste tipo era um pré-requisito

---

[11] Burstein indica que, embora Beroso tenha cometido vários erros surpreendentes e tenha sido pouco rigoroso no tocante às suas fontes, "os fragmentos evidenciam que *ele escolheu boas fontes, mui provavelmente de uma biblioteca em Babilônia, e que ele registrou cuidadosamente os conteúdos destas em grego.*" (Burstein, op. *cit.*, pág. 8. Ênfase acrescentada.) Robert Drews, em seu artigo "As Crônicas Babilônicas e Beroso", publicados em *Iraq*, Vol. 37, parte 1 (Primavera setentrional de 1975), chega à mesma conclusão: "Não pode haver dúvida de que as crônicas estavam entre estes registros." (pág. 54) Isto foi demonstrado por uma comparação cuidadosa das declarações de Beroso com as crônicas babilônicas. Paul Schnabel também conclui: "Que em toda parte ele usou registros cuneiformes, principalmente crônicas, fica evidente vez após vez." — Schnabel, *op. cit.* (veja a nota de rodapé 5, neste capítulo), pág. 184.

[12] Os três manuscritos mais antigos das *Tabelas Práticas* de Ptolomeu, que contêm a lista de reis, datam do oitavo ao décimo século. Veja Leo Depuydt, "'Mais Valioso do Que Todo o Ouro': O Cânon Real de Ptolomeu e a Cronologia Babilônica", na *Revista de Estudos Cuneiformes*, Vol. 47 (1995), págs. 101-106 (em inglês). A lista de reis foi continuada por astrônomos posteriores a Ptolomeu bem dentro do período bizantino.

para a pesquisa e para os cálculos feitos pelos astrônomos babilônicos e gregos. Sem isto eles não teriam como datar os eventos astronômicos que seus cálculos indicavam ter ocorrido no passado distante.

Encontraram-se fragmentos antigos de listas reais deste tipo, escritas em papiro.[13] O renomado perito em astronomia babilônica, F. X. Kugler, concluiu que o chamado Cânon de Ptolomeu "evidentemente foi elaborado por um ou mais peritos em astronomia e cronologia babilônica, e por meio do uso na escola de Alexandria passou com êxito por rigorosos testes indiretos."[14] O Dr. Eduard Meyer escreveu de modo similar sobre o cânon em 1899, argumentando que, "uma vez que ele fazia parte da matéria tradicional de conhecimento dos astrônomos, foi transmitido de erudito para erudito; *nem mesmo Hiparco* [do 2º século A.E.C.] *poderia ter passado sem a lista babilônica*."[15]

Esta é a razão por que o Professor Otto Neugebauer chamou a expressão "Cânon de Ptolomeu" de *inapropriada*:

> É inapropriado chamar tais tabelas cronológicas de 'cânon ptolemaico.' O 'Almagesto' de Ptolomeu nunca conteve um cânon deste tipo (apesar das afirmações contrárias, feitas freqüentemente na literatura moderna), mas sabemos que uma βασιλεων χρονογραφια [crônica de reis] foi incluída em suas 'Tabelas Práticas'. . . . Por outro lado, não há qualquer razão para pensar que cânones reais para fins astronômicos não existissem muito antes de Ptolomeu.[16]

---

[13] *Almagesto de Ptolomeu*, G. J. Toomer (em inglês - Londres: Gerald Duckworth & Co., 1984), pág. 10, nota de rodapé 12. Os fragmentos, porém, são posteriores a Ptolomeu.

[14] *Sternkunde und Sterndienst in Babel*, Franz Xaver Kugler, II. Buch, II. Teil, Heft 2 (Münster, Westfália: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 1924), pág. 390. Traduzido do alemão.

[15] *Forschungen zur alten Geschichte*, Eduard Meyer, Zweiter Band (Halle a. S.: Max Niemeyer, 1899), págs. 453-454. Traduzido do alemão. Ênfase acrescentada.

[16] "'Anos' nos Cânones Reais'", Otto Neugebauer, *A Locust's Leg. Estudos em Honra de S. H. Taqizadeh*, editado por W. B. Henning e E. Yarshater (em inglês - Londres: Percy Lund, Humphries & Co., 1962), págs. 209, 210. Compare também com *Uma História Política da Babilônia Pós-Cassita, 1158-722 A.C.,* J. A. Brinkman (em inglês - Roma: Pontifício Instituto Bíblico, 1968), pág. 22.

	Namen der Regenten	ἔτη [Jahre]	ἐπισυναγωγή [Summe]
1. Babyl.-Assyrische.	Ναβονασσάρου	ιδ (14)	ιδ (14)
	Ναδίου	β (2)	ις (16)
	Χινζήρος καὶ Πώρου	ε (5)	κα (21)
	Ἰλουλαίου	ε (5)	κς (26)
	Μαρδοκεμπάδου	ιβ (12)	λη (38)
	Ἀρκεανοῦ	ε (5)	μγ (43)
	(ἀβασίλευτα)	β (2)	με (45)
	Βιλίβου	γ (3)	μη (48)
	Ἀπαραναδίου	ς (6)	νδ (54)
	Ῥηγεβήλου	α (1)	νε (55)
	Μεσησιμορδάκου	δ (4)	νθ (59)
	(ἀβασίλευτα)	η (8)	ξζ (67)
	Ἀσαραδίνου	ιγ (13)	π (80)
	Σαοσδουχίνου	κ (20)	ρ (100)
	Κινηλαδάνου	κβ (22)	ρκβ (122)
	Ναβοπολασσάρου	κα (21)	ρμγ (143)
	Ναβοκολασσάρου	μγ (43)	ρπς (186)
	Ἰλλοαρουδάμου	β (2)	ρπη (188)
	Νηριγασολασσάρου	δ (4)	ρϟβ (192)
	Ναβοναδίου	ιζ (17)	σθ (209)
2. Persische.	Κύρου	θ (9)	σιη (218)
	Καμβύσου	η (8)	σκς (226)
	Δαρείου πρώτου	λς (36)	σξβ (262)
	Ξέρξου	κα (21)	σπγ (283)
	Ἀρταξέρξου πρώτου	μα (41)	τκδ (324)
	Δαρείου δευτέρου	ιθ (19)	τμγ (343)
	Ἀρταξέρξου δευτέρου	μς (46)	τπθ (389)
	Ὤχου	κα (21)	υι (410)
	Ἀρωγοῦ	β (2)	υιβ (412)
	Δαρείου τρίτου	δ (4)	υις (416)
	Ἀλεξάνδρου Μακεδόνος	η (8)	υκδ (424)
3. Makedonische (griech.)	Φιλίππου τοῦ μετ' Ἀλέξανδρον τὸν κτίστην	ζ (7)	υλα (431)
	Ἀλεξάνδρου ἑτέρου	ιβ (12)	υμγ (443)
	Πτολεμαίου Λάγου	κ (20)	υξγ (463)
	Φιλαδέλφου	λη (38)	φα (501)
	Εὐεργέτου	κε (25)	φκς (526)
	Φιλοπάτορος	ιζ (17)	φμγ (543)
	Ἐπιφάνους	κδ (24)	φξζ (567)
	Φιλομήτορος	λε (35)	χβ (602)
	Εὐεργέτου δευτέρου	κθ (29)	χλα (631)
	Σωτῆρος	λς (36)	χξζ (667)
	Διονύσου νέου	κθ (29)	χϟς (696)
	Κλεοπάτρας	κβ (22)	ψιη (718)
4. Römische.	Αὐγούστου	μγ (43)	ψξα (761)
	Τιβερίου	κβ (22)	ψπγ (783)
	Γαίου	δ (4)	ψπζ (787)
	Κλαυδίου	ιδ (14)	ωα (801)
	Νέρωνος	ιδ (14)	ωιε (815)
	Οὐεσπασιανοῦ	ι (10)	ωκε (825)
	Τίτου	γ (3)	ωκη (828)
	Δομιτιανοῦ	ιε (15)	ωμγ (843)
	Νέρουα	α (1)	ωμδ (844)
	Τραιανοῦ	ιθ (19)	ωξγ (863)
	Ἀδριανοῦ	κα (21)	ωπβ (884)
	Αἰλίου Ἀντωνίνου	κγ (23)	ϡζ (907)

Cânon Real ("Cânon de Ptolomeu")

A lista de reis começa pelo reinado de Nabonassar em Babilônia (747-734 A.E.C.) e termina com o imperador romano Antonino Pio (138-161 E.C.). De *Handbuch der matematischen und technischen Chronologic*, F. K. Ginzel, Vol. I (Leipzig, 1906), pág. 139.

De modo que o cânon, ou lista de reis, estava em uso séculos antes de Cláudio Ptolomeu. Foi transmitido e atualizado de uma geração de eruditos para a seguinte.

Deve-se observar que o cânon não apresenta apenas uma lista consecutiva de reis e de seus períodos de reinado; em uma coluna à parte há um *breve resumo* dos reinados individuais, desde o primeiro rei, Nabonassar, até o fim da lista. Este sistema provê uma dupla verificação dos números individuais, confirmando que eles foram copiados corretamente de um erudito para o próximo. (Veja o "Cânon Real", na página anterior.)

De que fonte o(s) compilador(es) do Cânon Real obtiveram a lista de reis? Evidentemente ele foi compilado de fontes similares àquelas usadas por Beroso. Friedrich Schmidtke explica:

> Com respeito à dependência das fontes, o Cânon de Ptol[omeu] certamente extraiu em grande medida sua matéria das Crô[nicas] Bab[ilônicas]. Isto fica evidente a partir da característica αβασιλευτα ετη [anos de intervalo entre reinados] 688-681 que se encontra também na Crônica (III, 28), ao passo que a Lista de Reis "A" mostra, em vez disso, Senaqueribe nesta parte, bem como nos dois αβασιλευτα ετη [anos de intervalo entre reinados] 704–703. O Cânon de Ptolomeu assim como a Crônica reflete aqui a tradição babilônica de não reconhecer Senaqueribe como rei legítimo, uma vez que ele saqueou e destruiu Babilônia.[17]

Há também alguma evidência de que o Cânon Real reflete não só as crônicas babilônicas, mas também as antigas listas babilônicas de reis, compiladas pelos escribas babilônicos. Assim os eruditos concluíram que ele se baseou em crônicas babilônicas e listas de reis, provavelmente através de fontes intermediárias, *mas evidentemente independentes de Beroso*.[18] Esta é uma conclusão muito importante,

---

[17] *Der Aufbau der Babylonischen Chronologie*, Friedrich Schmidtke (Münster, Westfália: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 1952), pág. 41. Traduzido do alemão.

[18] Burstein, por exemplo, indica que o cânon "representa uma tradição babilônica existente por volta do primeiro milênio A.C. que é independente de Beroso, como se pode observar na ordem e nas formas dos nomes dos reis." (*Op. cit.*, pág. 38) Na mesma página Burstein dá uma tradução do cânon que, infelizmente, contém dois erros. No caso dos anos de reinado apresentados para Nabucodonosor, "23", é uma grafia errada de "43"; e o nome "Illoaroudamos" no cânon corresponde a "Avil-Marduque", não "Labashi-Marduque". Para uma publicação confiável do cânon, veja, por exemplo, *A Cronologia do Mundo Antigo* (em inglês), de E. J. Bickerman, edição revisada (Londres: Tâmisa e Hudson, 1980), págs. 109-111.

uma vez que os números dados no cânon para os reis neobabilônicos concordam significativamente com os números anteriores de Beroso.

Temos assim duas testemunhas independentes que refletem a duração da era neobabilônica estabelecida nas crônicas antigas, e apesar de tais crônicas só estarem parcialmente preservadas em tabuinhas cuneiformes, os números que apresentam para os períodos de reinado dos reis neobabilônicos dão toda a evidência de terem sido fielmente transmitidos por Beroso e pelo Cânon Real.[19]

TABELA 1: OS REINADOS DOS REIS NEOBABILÔNICOS SEGUNDO BEROSO E O CÂNON REAL

NOME	BEROSO	CÂNON REAL	A.E.C.
Nabopolassar	21 anos	21 anos	625-605
Nabucodonosor	43 anos	43 anos	604-562
Avil-Marduque*	2 anos	2 anos	561-560
Neriglissar	4 anos	4 anos	559-556
Labashi-Marduque	9 meses	—	556
Nabonido	17 anos	17 anos	555-539

* Chamado de Evil-Merodaque em 2 Reis 25:27 e em Jeremias 52:31.

[19] Das duas fontes, o Cânon Real é evidentemente a melhor testemunha. Conforme indica o Professor J. A. Brinkman, o cânon "é de precisão conhecida e elogiável". (*Op. cit.* [nota de rodapé 16 deste capítulo], pág. 35). Descobertas modernas de crônicas babilônicas, listas de reis, textos astronômicos, etc., escritas em tabuinhas cuneiformes podem ser apresentadas como estando em completa concordância com o cânon para todo o período que vai do oitavo ao primeiro século A.E.C. A evidência disto é brevemente discutida em "Os Fundamentos da Cronologia Assiro-Babilônica", de C. O. Jonsson, *Revista de Cronologia & Catastrofismo*, Vol. IX (em inglês - Harpenden, Inglaterra: Sociedade de Estudos Interdisciplinares, 1987), págs. 14-23.

O Cânon Real omite Labashi-Marduque, pois sempre computa apenas anos *inteiros*. O curto reinado de Labashi-Marduque de apenas alguns meses caiu no último ano de Neriglissar (que foi também o ano de ascensão de Nabonido).[20] Desse modo, o Cânon Real, pôde deixá-lo de fora.

Se estas listas estiverem corretas, o primeiro ano de Nabucodonosor seria 604/603 A.E.C. e seu décimo oitavo ano, quando ele devastou Jerusalém, seria 587/86 A.E.C., não 607 A.E.C. como na cronologia da Torre de Vigia.

[20] Conforme mostrado por documentos cuneiformes contemporâneos, Neriglissar morreu no primeiro mês de seu quarto ano de reinado (em fins de abril ou princípio de maio). Seu filho e sucessor, Labashi-Marduque, foi assassinado em uma rebelião após reinar por aproximadamente dois meses. O número dado por Beroso através de Josefo, "9" meses, é geralmente considerado como um erro de cópia de "2" meses no escrito original, devido aos sinais (letras) gregos para "9" (θ) e "2" (β) serem muito parecidos. (*Cronologia Babilônica 626 A.C.-75 A.D.*, R. A. O Parker e W. H. Dubberstein, Providence: Editora da Universidade Brown, 1956, pág. 13, em inglês.) A Lista de Reis de Uruque (discutida a seguir) apresenta um reinado de três meses para Labashi-Marduque, o qual indubitavelmente se refere à cidade de Uruque, onde, segundo as tabuinhas comerciais, ele foi reconhecido como rei por três meses incompletos (nisanu, ayaru e simanu). — *O Reinado de Nabonido, Rei de Babilônia, 556-539 A.C.*, Paul-Alain Beaulieu (em inglês - New Haven e Londres: Editora da Universidade de Yale, 1989), págs. 86-90.

Mas mesmo que estas listas representem verdadeiramente os períodos de reinado apresentados nas crônicas neobabilônicas originais, como sabemos que a informação cronológica contida originalmente nestas crônicas é confiável? Como podem os períodos de reinado dos reis serem convertidos em uma "cronologia absoluta"?[21]

[21] Conforme indicado no capítulo anterior, uma cronologia absoluta é mais bem estabelecida com a ajuda de datas fixadas astronomicamente. Cláudio Ptolomeu, em sua famosa obra *Almagesto*, registra um grande número de observações astronômicas antigas, muitas das quais são descrições detalhadas de eclipses lunares. Um destes é datado no quinto ano de Nabopolassar e foi identificado com um que ocorreu em 621 A.E.C. Se este foi o quinto ano de Nabopolassar, seus 21 anos de reinado seriam fixados entre 625-605 A.E.C. O primeiro ano de seu filho e sucessor, Nabucodonosor, teria começado então em 604 A.E.C. e seu 18º ano (quando ele devastou Jerusalém) em 587. Todavia, alguns eruditos questionaram a confiabilidade das observações astronômicas registradas por Ptolomeu. Em seu livro sensacionalista, *O Crime de Cláudio Ptolomeu* (em inglês - Baltimore e Londres: Editora da Universidade Johns Hopkins, 1977), o Dr. Robert R. Newton alegou que Ptolomeu falsificou, não só um grande conjunto de observações que ele diz ter feito por si mesmo, como também diversas observações que ele registra de períodos anteriores. (A evidência é, contudo, que todas as observações para períodos anteriores registrados por Ptolomeu foram obtidas do matemático grego Hiparco [do segundo século A.E.C.], que por sua vez obteve-as diretamente dos astrônomos babilônicos. Veja o artigo de G. J. Toomer, "Hiparco e a Astronomia Babilônica", em *Um Estudo Científico Humanista em Memória de Abraham Sachs*, editado por E. Leichty, M., deJ. Ellis, & P. Gerardi, Filadélfia, 1988, págs. 353-362, em inglês.) Ao supor que Ptolomeu foi o originador do "Cânon de Ptolomeu", Newton também achou que a suposta falsificação de Ptolomeu pode ter chegado ao ponto de *inventar* os períodos de reinado nesta lista de reis. Mas como a lista de reis não foi uma criação de Ptolomeu, Newton estava errado nisto. Nas edições anteriores deste livro as alegações de Newton e o debate resultante que elas causaram em periódicos acadêmicos foram discutidos até certo ponto. Esta divagação do assunto principal foi omitida nesta edição não só por motivo de espaço, mas também porque as observações registradas por Ptolomeu são realmente de pouca importância para nossa discussão. Deve-se notar, porém, que "muito poucos historiadores de astronomia aceitaram as conclusões de Newton em sua totalidade". — Dr. James Evans no *Diário para a História de Astronomia*, Vol. 24 Partes 1/2, 1993, págs. 145, 146, em inglês. (O Dr. Newton faleceu em 1991.) Um artigo sobre R. R. Newton e o Cânon Real está publicado em inglês na Internet: http://user.tninet.se/~oof408u/fkf/english/epage.htm

B. OS DOCUMENTOS CUNEIFORMES[*]

Hoje, os historiadores não precisam de Beroso nem do Cânon Real para estabelecer a duração do período neobabilônico. A duração deste pode ser firmemente estabelecida de muitas outras maneiras, graças aos numerosos documentos cuneiformes deste período que foram descobertos.

É um fato notável que foram escavados mais documentos cuneiformes do período neobabilônico do que de qualquer outra era pré-cristã. Foram encontrados literalmente *dezenas de milhares* de textos, consistindo principalmente de documentos comerciais, administrativos e jurídicos, mas há também documentos históricos tais como crônicas e inscrições reais.

Mais importante é a descoberta de textos cuneiformes *astronômicos* que registram observações datadas da lua e dos planetas para o período. A maior parte deste material está escrita no idioma acadiano e foi desenterrado na Mesopotâmia desde meados do século dezenove.

O primeiro grupo de documentos que nos interessa pertence à categoria apresentada no subtópico seguinte, sendo que outros grupos serão apresentados em subtópicos posteriores.

B-1: Crônicas, listas de reis, e inscrições reais

a) Crônicas Neobabilônicas

Uma crônica é uma forma de narrativa histórica que abrange uma sucessão de eventos.

[*] "Cuneiforme" refere-se à escrita "em forma de cunha" usada nestas antigas tabuletas de argila. Os sinais eram impressos na argila úmida com uma vara pontiaguda ou palheta (estilo).

Foram descobertas várias crônicas cuneiformes que abrangem partes da história neobabilônica, sendo que todas elas são mantidas no Museu Britânico, em Londres. Provavelmente a maior parte delas consiste de cópias (ou extratos) de documentos originais escritos na época dos eventos.[22]

A tradução mais recente delas foi publicada por A. K. Grayson em *Crônicas Assírias e Babilônicas*[23] Grayson subdivide as crônicas babilônicas em duas partes, sendo a primeira destas chamada de Série de Crônicas Neobabilônicas (*Crônicas 1-7*). A *Crônica 1* (= B.M. 92502) começa pelo reinado de Nabonassar (747–734 A.E.C.) e termina com o ano de ascensão de Samas-sum-iuquin (668 A.E.C.). As *Crônicas 2–7* começam pelo ano de ascensão de Nabopolassar (626 A.E.C.) e prosseguem até o início do reinado de Ciro (538 A.E.C.).

[22] O Professor D. J. Wiseman diz: "Os textos da Crônica Neobabilônica são redigidos com escrita pouco elaborada, do tipo que não permite por si só qualquer datação precisa, o que pode significar que eles foram escritos em qualquer período desde a época quase contemporânea aos próprios eventos até o final do domínio aquemênida [331 A.E.C.]." (*Crônicas dos Reis Caldeus* [em inglês - Londres: Curadores do Museu Britânico, 1961], pág. 4) O Professor J. A. Brinkman é um pouco mais específico, declarando que as cópias existentes das crônicas Neobabilônicas são "ligeiramente anteriores ao *Historiai* [*Histórias*] de Heródoto" que foi escrito por volta de 430 A.E.C. ("A Crônica Babilônica Revisitada", J. A. Brinkman, em *Delongando-se em Palavras. Estudos Literários do Antigo Oriente Próximo em Honra de William L. Moran*, editado por T. Abusch, J. Huehnergard, e P. Steinkeller [Atlanta: Editora dos Acadêmicos, 1990], págs. 73, 85, em inglês.) O Dr. E. N. Voigtlander diz que as cópias das crônicas neobabilônicas parecem originárias do reinado de Dario I (*Uma Pesquisa da História Neobabilônica*, Voigtlander [em inglês - tese de doutorado não publicada, Universidade de Michigan, 1963], pág. 204, nota 45.) A Crônica 1A tem um colofão no qual se declara explicitamente que o texto foi copiado (de um original mais antigo) no 22º ano de Dario I (500/499 A.E.C.).

[23] *Crônicas Assírias e Babilônicas*, A. K. Grayson (em inglês - Locust Valley, Nova Iorque: J.J. Augustin Publisher, 1975). Esta obra será daqui em diante denominada *ABC*.

Em que consistem estas "crônicas?" Com respeito ao conteúdo das crônicas, Grayson explica:

> A narrativa é dividida em parágrafos, sendo cada parágrafo geralmente dedicado a um ano de reinado. O texto refere-se apenas a assuntos relacionados com Babilônia e, em particular, com seu rei, e os eventos, que são quase exclusivamente de natureza política e militar, são narrados de modo muito sucinto e objetivo.[24]

A maior parte destas crônicas está incompleta. As partes preservadas (realmente existentes) das Crônicas 2-7 abrangem os seguintes anos de reinado:

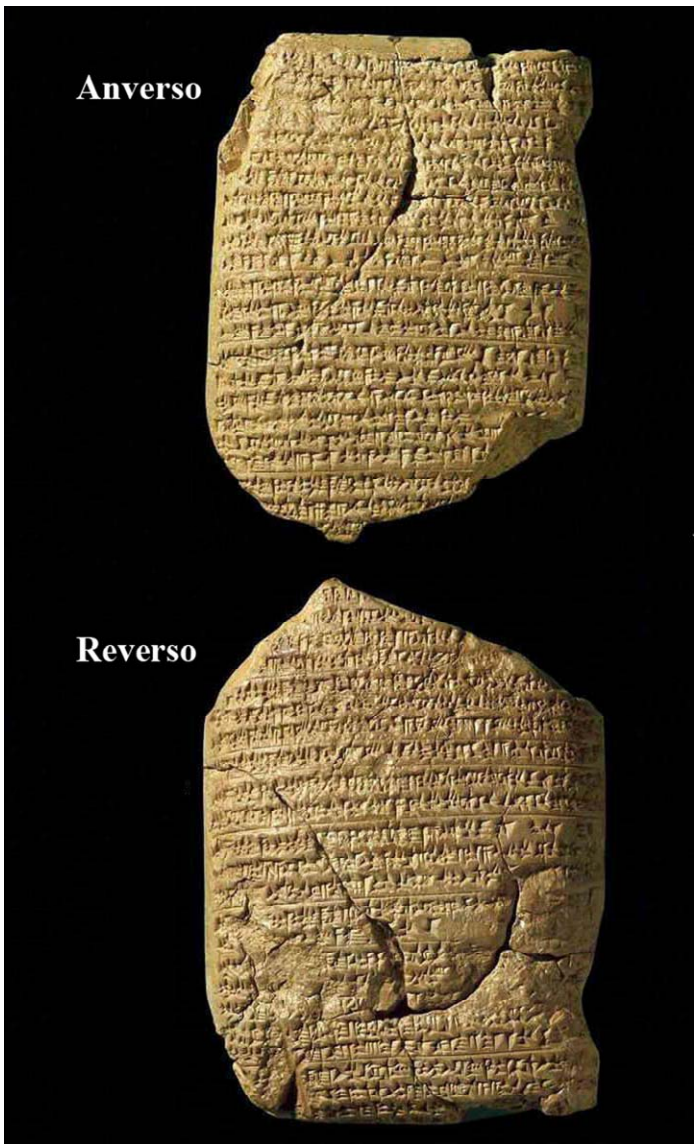
TABELA 2: PARTES PRESERVADAS DAS CRÔNICAS NEOBABILÔNICAS 2-7

CRÔNICA nº	REGENTE	ANOS DE REINADO ABRANGIDOS
2 = B.M. 25127	Nabopolassar	Ano de asc. – 3
3 = B.M. 21901	Nabopolassar	10 – 17
4 = B.M. 22047	Nabopolassar	18 – 20
5 = B.M. 21946	Nabopolassar	21
Idem	Nabucodonosor	Ano de asc. – 10
6 = B.M. 25124	Neriglissar	3
7 = B.M. 35382	Nabonido	1 – 11
Idem	Nabonido	17

Ao todo, o Período Neobabilônico (625–539 A.E.C.) abrange um total de oitenta e sete anos de reinado. Como se pode ver na tabela acima, menos da metade deste período é abrangido pelas partes preservadas das crônicas. Ainda assim, algumas informações importantes podem ser obtidas com base nelas.

A *Crônica 5* (B.M. 21946) mostra que Nabopolassar governou Babilônia por vinte e um anos, e que foi sucedido por seu filho Nabucodonosor. Essa parte do texto diz:

[24] A. K. Grayson em *Reallexikon der Assyriologie und vorderasiatischen Archäologie* (daqui em diante abreviado para *RLA*), editado por D. O. Edzard, Vol. VI (Berlim e Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1980), pág. 86.

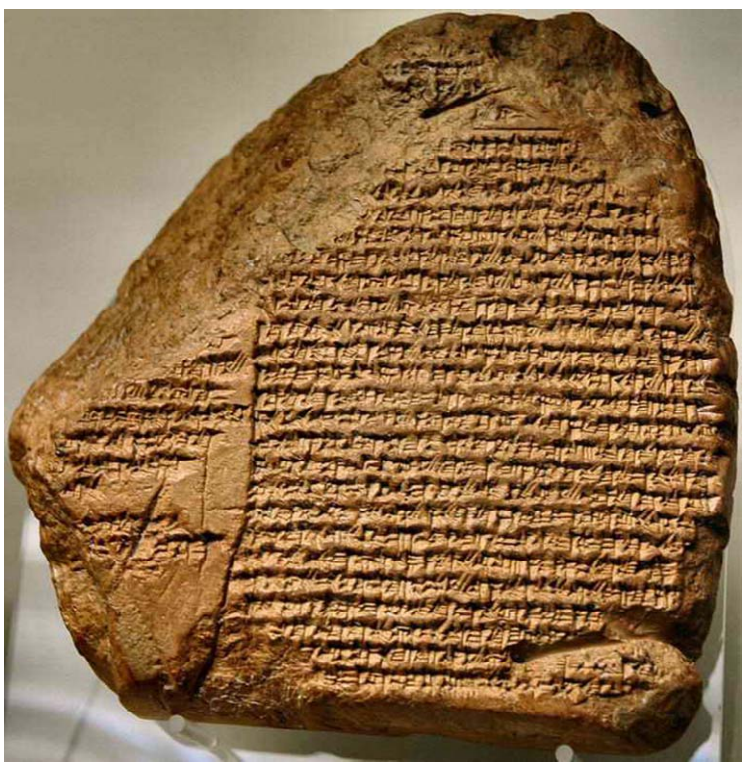


Crônica Babilônica BM 21946

Esta crônica abrange o período desde o 21º ano de Nabopolassar (605/04 A.E.C.) até o 10º ano de Nabucodonosor (595/94 A.E.C.). Foto usada por cortesia de D. J. Wiseman (apresentada em seu livro *Nabucodonosor e Babilônia*, Figura VI).

> Por vinte e um anos Nabopolassar governou Babilônia. No dia oito do mês de ab ele morreu. No mês de elul Nabucodonosor (II) retornou a Babilônia e no primeiro dia do mês ele ascendeu ao trono real em Babilônia.[25]

A última crônica (B.M. 35382), a famosa Crônica de Nabonido, abrange o reinado de Nabonido, que foi o pai de Belsazar. Infelizmente esta crônica está danificada. Falta a parte que abrange do décimo segundo ao décimo sexto ano do reinado de Nabonido, e o trecho onde sem dúvida estavam as palavras "décimo sétimo ano" está danificada.[26]



Crônica de Nabonido,
que contém o relato da queda de Babilônia.
Foto usada por cortesia dos Curadores do Museu Britânico

[25] *ABC*, Grayson (1975), págs. 99, 100.
[26] *Ibid.* pág. 109.

Todavia, é notável que, para o sexto ano, declara-se que Ciro, rei de Anxã, derrotou o rei medo Astíages e capturou Ecbátana, capital da Média.[27] Se Nabonido governou por dezessete anos e se ele foi destronado por Ciro em 539 A.E.C., seu primeiro ano deve ter sido 555/54 A.E.C. e seu sexto ano, quando Ciro conquistou a Média, deve ter sido 550/49 A.E.C.

Na realidade, a Sociedade Torre de Vigia concorda com estas datações. O motivo é que a base secular de sua cronologia, 539 A.E.C., como data para a queda de Babilônia, está diretamente conectada com o reinado de Ciro. O historiador grego Heródoto, do quinto século A.E.C., diz que o período completo do reinado de Ciro foi de vinte e nove anos.[28] Como Ciro morreu em 530 A.E.C., em seu nono ano de reinado sobre Babilônia, o primeiro ano dele como rei de Anxã deve ter começado por volta de 559 A.E.C., ou cerca de três anos antes de Nabonido ascender ao trono em Babilônia.

Suponhamos agora que vinte anos devam ser acrescentados à era neobabilônica, o que se requer caso a destruição de Jerusalém seja fixada em 607 em vez de 587 A.E.C., e que acrescentemos estes vinte anos ao reinado de Nabonido, fazendo-o durar trinta e sete anos, em vez de dezessete. O primeiro ano dele seria então 575/74 A.E.C. em vez de 555/54. O sexto ano de Nabonido, quando Astíages foi derrotado por Ciro, seria então recuado de 550/49 para 570/69 A.E.C.

Todavia, essas datas são impossíveis, uma vez que Ciro só ascendeu ao poder por volta de 559 A.E.C., como foi mostrado acima. É claro que ele não poderia ter derrotado Astíages dez anos antes de subir ao poder! Esta é a razão de a Sociedade datar corretamente esta batalha em 550 A.E.C., indicando assim que o período de dezessete anos para o reinado de Nabonido está correto, como defendem todas as

---

[27] *Ibid.*, págs. 106, 107. "Sexto ano" também está apagado, mas como o registro para cada ano está separado do próximo ano por uma linha horizontal, e como o relato da derrota de Astíages aparece logo antes do registro para o sétimo ano, é muito evidente que ele se refere ao sexto ano. – *Anxã* era uma cidade e também um nome arcaico da província na qual ela se situava, Parsa (Persis), que fica no Golfo Pérsico a sudeste de Babilônia. Na época em que Ciro ascendeu ao poder, Anxã (Parsa) era um reino tributário medo.

[28] *Historiai* de Heródoto I:210-216. Outros historiadores antigos tais como Ctésias, Dínon, Diodoro, Africano e Eusébio concordam de modo geral com esta duração do reinado de Ciro. — Veja *Estudo Perspicaz das Escrituras* (1990), Vol. 1, pág. 608.

autoridades e escritores clássicos.[29]

Embora as crônicas disponíveis não forneçam uma cronologia completa do período neobabilônico, a informação preservada nelas apóia as datas para os períodos de reinado dos reis neobabilônicos apresentadas por Beroso e pelo Cânon Real.

Como a evidência já apresentada indica fortemente que *ambas* as fontes derivaram sua informação das crônicas babilônicas de maneira *independente* entre si, e como os números que dão para os reinados neobabilônicos *estão de acordo*, é lógico concluir que a informação cronológica dada originalmente nas crônicas neobabilônicas foi preservada sem alterações por Beroso e pelo Cânon Real.

Porém, mesmo que se aceite a conclusão acima, será que podemos confiar na informação apresentada nestas crônicas babilônicas?

Menciona-se freqüentemente que os escribas assírios distorceram a história com o objetivo de glorificar seus reis e deuses. "É um fato bem conhecido que em inscrições reais assírias nunca se admite abertamente um sério revés militar."[30] Às vezes os escribas falsificaram a narrativa por mudarem a data de uma derrota e incluí-la no relato de uma batalha posterior.[31] Será que as crônicas neobabilônicas fazem o mesmo com a história? O Dr. A. K. Grayson, uma famosa autoridade em crônicas assírias e babilônicas, conclui:

> Ao contrário dos escribas assírios os babilônicos não deixam de mencionar as derrotas babilônicas nem tentam transformá-las em vitórias. As crônicas

---

[29] *Estudo Perspicaz das Escrituras,* Vol. 1 (1990), págs. 511, 608; Vol. 3 (1992), pág. 257. Que Astíages foi derrotado em 550 A.E.C. pode ser também confirmado de outras maneiras. Se, conforme declara Heródoto (*Historiai* I:130), Astíages reinou na Média por trinta e cinco anos, o reinado dele teria começado em 585 A.E.C. (550+35=585). Ele foi o sucessor do pai dele, Ciaxares, que morreu logo após uma batalha contra Aliates da Lídia, batalha esta que, segundo Heródoto (*Historiai* I:73, 74), foi interrompida por um eclipse solar. De fato, um eclipse solar total visível naquela área ocorreu no dia 28 de maio de 585 A.E.C., o qual é geralmente identificado com esse mencionado por Heródoto. — *História do Irã – Universidade de Cambridge*, I. M. Diakonoff, Vol. 2 (em inglês - Cambridge: Editora da Universidade de Cambridge, 1985), págs. 112, 126; cf. M. Miller, "As antigas datas persas segundo Heródoto"], *Klio*, Vol. 37 (Berlim: Akademie-Verlag, 1959), pág. 48.

[30] "Assíria e Babilônia", A. K. Grayson, *Orientalia*, Vol. 49, Fasc. 2, 1980, pág., 171, em inglês. Veja também *Vetus Testamentum*, de Antti Laato, Vol. XLV:2, abril de 1995, págs. 198-226.

[31] *Ibid*, Grayson (1980), pág. 171.

> contêm um registro razoavelmente confiável e representativo dos eventos importantes de cada período considerado.[32]

Temos então motivo para certeza de que os números referentes aos reinados dos reis neobabilônicos, fornecidos nestas crônicas e preservados até nossa época – graças a Beroso e ao Cânon Real – representam os verdadeiros períodos de reinado destes reis. Esta conclusão será confirmada, vez após vez, na discussão à frente.

b) Listas de reis babilônicos

Uma *lista de reis* cuneiforme difere de uma crônica porque a primeira é geralmente uma lista de nomes de reis, bem como os anos de reinado, semelhante ao Cânon Real posterior.

Embora tenham sido desenterradas várias listas de reis, tanto da Assíria como de Babilônia, somente uma delas abrange a era neobabilônica: a Lista de Reis de Uruque, mostrada na figura que segue. Infelizmente, como se pode ver, ela está muito mal conservada, e faltam algumas partes. Apesar disso, como será demonstrado, ela tem valor histórico definido.

As partes preservadas abrangem os períodos de Kandalanu a Dario I (647–486 A.E.C.) e, no lado reverso, de Dario III a Seleuco II (335–226 A.E.C.). Ela foi evidentemente elaborada em algum momento após o reinado de Seleuco II com base em fontes mais antigas.

---

[32] *Ibid, pág.* 175. Isto não significa que as crônicas sejam registros infalíveis. Conforme o Dr. J. A. Brinkman mostra, "a ausência de preconceito nacionalista não garante confiabilidade efetiva; e as crônicas babilônicas têm seu quinhão de erros comprovados." Ainda assim, ele concorda que as crônicas contêm um registro essencialmente confiável de eventos e datas para o período entre o oitavo e o sexto séculos A.E.C.: "Para o período de 745 a 668, estes documentos alistam governantes e datas exatas de reinado em Babilônia, Assíria, e Elão. Após esse período, a apresentação é deficiente, em parte por causa das lacunas no registro; mas estes textos ainda fornecem a maior parte do contexto cronológico preciso, que dá base para o conhecimento atual da queda do Antigo Império Assírio, a ascensão do Império Neobabilônico, o reinado de Nabonido, e a transição para o domínio persa." — Brinkman em *Delongando-se em Palavras* (veja a nota de rodapé 22, neste capítulo), nota 148. Para comentários adicionais sobre a confiabilidade das crônicas neobabilônicas, veja o Capítulo 7 deste livro: "Tentativas de Neutralizar a Evidência".

(Anverso)

Lacuna

(1)	MU x x x	[. . .]
(2)	*šá-niš*	x(?) [(. . .)]
(3)	MU 21	=*K[an-da]-la-an*
(4)	MU 1	=^{d}*Sîn$_2$-šumu-lîšir$_2$*
(5)	*u*	=^{d}*Sîn$_2$-šarra-iš-ku-un*
(6)	MU 21	=^{d}*Nabû-apla-uṣur*
(7)	[M]U 43	=^{d}*Nabû-kuṭurrî-uṣur* (II)
(8)	[M]U 2	=*Amīl-^{d}Marduk*
(9)	[MU] ⌜3⌝ 8 ITI	=^{d}*Nergal$_2$-šarra-uṣur*
(10)	[(. . .)] 3 ITI	=*La-ba-ši-^{d}Marduk*
(11)	[MU] ⌜17(?)⌝	=^{d}*Nabû-nā'id*
(12)	[MU x]	[=*K]ur-raš* (II)
(13)	[MU x]	[=*Kambu-z]i-i*
(14)	[MU x]	[=*Daria-m]uš* (I)

Lacuna

(Reverso)

Lacuna

(1)	[*š*]*u*(?)-[*m*]*u šá-nu-ú*	=*Ni-din-^{d}B[ēl(?)]*
(2)	[M]U 5	=*Da-ra-a-mu[š]* (III)
(3)	MU 7(?)	=*A-lik-sa-an-dar* (III)
(4)	MU 6	=*Pi-il-ip-su* (III)
(5)	MU 6	=*At-tu-gu-un*
(6)	MU 31	=*Si-lu-ku* (I)
(7)	MU 22	=*An-ti-'u-ku-su* (I)
(8)	MU 15	=*An-ti-'u-ku-su* (II)
(9)	[MU] ⌜20⌝	=*Si-lu-k[u]* (II)

Lacuna

Lista de Reis de Uruque (W 20030, 105)

Conforme reproduzida por J. van Dijk em *UVB* 18 (Berlim 1962), tabuinha 28a. A transcrição à direita é de A. K. Grayson em *RLA* VI (1980), página 97.

A Lista de Reis de Uruque foi descoberta durante as escavações em Uruque (a moderna Warka, ao sul do Iraque) em 1959-60 juntamente com cerca de 1.000 outros textos cuneiformes (na maior parte textos comerciais) de diversos períodos.[33]

A parte preservada do anverso (frente ou lado principal), a qual inclui o período neobabilônico, fornece a seguinte informação

[33] A primeira transcrição e tradução do texto, que incluiu uma discussão extensa do Dr. J. van Dijk, foi publicada em 1962. – *UVB*, J. van Dijk (= *Vorläufiger Bericht über die von dem Deutschen Archäologischen Institut unter der Deutschen Orient-Gesellschaft aus Mitteln der Deutschen Forschungsgemeinschaft unternommenen Ausgrabungen in Uruk-Warka*), Vol. 18, Berlim, 1962, págs. 53-60. Uma versão inglesa da tradução de van Dijk (da lista dos reis) é publicada por J. B. Pritchard, *O Antigo Oriente Próximo* (em inglês - Princeton, Nova Jersey: Editora da Universidade de Princeton, 1969), pág. 566. Outra transcrição mais recente de A. K. Grayson foi publicada em 1980. – *RLA*, A. K. Grayson (veja a nota de rodapé 24 e a imagem acima), Vol. VI (1980), págs. 97, 98.

cronológica (partes danificadas ou faltantes são indicadas por aspas ou parêntesis):[34]

LISTA DE REIS DE URUQUE
(anverso)

21 anos	K(anda)lanu
1 ano	Sin-shum-lishir e Sin-shar-ishkun
21 anos	Nabopolassar
43 (a)nos	Nabucodonosor
2 (a)nos	Avil-Marduque
'3'(anos) e 8 meses	Neriglissar
(...) 3 meses	Labashi-Marduque
'17[?]' (anos)	Nabonido

Como se pode ver, os nomes dos reis e os números preservados para o período neobabilônico estão de acordo com os de Beroso e do Cânon Real: A Nabopolassar se dão 21 anos, a Nabucodonosor 43 anos, e a Avil-Marduque (Evil-Merodaque) 2 anos. A única divergência é o período de reinado de Labashi-Marduque que se estabelece como 3 meses contra os 9 meses estabelecidos por Beroso. O número menor está sem dúvida correto, como se pode comprovar através dos documentos comerciais que foram descobertos.[35]

Em contraste com o Cânon Real, que apresenta apenas anos inteiros, a Lista de Reis de Uruque é mais específica, dando também o número de meses para os reinados de Neriglissar e Labashi-Marduque. Os números danificados referentes a Neriglissar e Nabonido podem ser restaurados (reconstituídos) como sendo "3 anos e 8 meses" e "17 anos", respectivamente. Os textos comerciais indicam também que o reinado de Neriglissar foi de três anos e oito meses (agosto de 560 a

[34] Baseado na transcrição de Grayson em *RLA* VI (1980), pág. 97.

[35] Veja a nota de rodapé 20 deste capítulo. De qualquer maneira, o reinado de Labashi-Marduque foi abrangido pelo quarto ano de Neriglissar, que também foi o ano de ascensão de Nabonido, não afetando a duração total da era.

abril de 556 A.E.C.).[36]

Assim, mais uma vez verificamos que os números de Beroso e do Cânon Real são confirmados por este documento antigo, a Lista de Reis de Uruque. Admitidamente, esta lista de reis foi composta (com base em documentos mais antigos) mais de 300 anos depois do fim da era neobabilônica. À base disso, alguém poderia argumentar que os erros dos escribas podem ter conduzido a isto.

Assim é importante perguntar: Há algum registro histórico preservado *da própria era neobabilônica* que estabeleça sua cronologia? Sim, há, como logo será comprovado.

c) *Inscrições reais*

Inscrições reais de diversos tipos (inscrições de construções, inscrições votivas, anais, etc.) das próprias eras assíria e babilônica foram encontradas em abundância.

Em 1912 uma tradução alemã das inscrições neobabilônicas conhecidas nessa época foi publicada por Stephen Langdon, mas desde então foram descobertas muitas outras inscrições do período em questão.[37] Por isso, uma nova tradução de todas as inscrições reais neobabilônicas está sendo elaborada.[38]

Esta é uma tremenda tarefa. Paul-Richard Berger estima que foram encontradas aproximadamente *1.300 inscrições reais* do período neobabilônico, um terço das quais estando intactas, sendo a maioria

---

[36] *UVB* 18, J. van Dijk (veja a nota de rodapé 33 deste capítulo), página 57. Como Neriglissar morreu em seu quarto ano de reinado, o governo dele normalmente teria sido contado cronologicamente como quatro anos, de acordo com o sistema babilônico de ano de ascensão. A Lista de Reis de Uruque diverge de tal método neste ponto, dando informação mais específica. Conforme van Dijk indica, "a lista é mais precisa que o Cânon [Real] e confirma completamente os resultados da pesquisa." — *Archiv für Orientforschung*, ed. E. Weidner, Vol. 20 (Graz, 1963), pág. 217. Para informação adicional sobre o mês da ascensão de Neriglissar e a Lista de Reis de Uruque, veja o Apêndice ao Capítulo 3.

[37] *Die neubabylonischen Königsinschriften*, Stephen Langdon (=*Vorderasiatische Bibliothek*, Vol. IV) (Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1912).

[38] O primeiro dos três volumes planejados foi publicado em 1973 como *Die neubabylonischen Königsinschriften* (= *Alter Orient und Altes Testament*, Vol. 4/1), de Paul-Richard Berger, (Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1973).

delas dos reinados de Nabopolassar e Nabucodonosor.[39]

Para a cronologia que nos interessa, três das inscrições são especialmente valiosas. Todas são documentos originais do reinado de Nabonido.[40] Como podem elas ajudar a estabelecer a data crítica para a destruição de Jerusalém?

Vimos que, para defender a data 607 A.E.C., a Sociedade Torre de Vigia questiona a confiabilidade da duração do período neobabilônico, apresentada por Beroso e pelo registro do Cânon Real (freqüentemente chamado de Cânon de Ptolomeu), alegando que estão faltando 20 anos. A primeira das inscrições reais a serem discutidas, chamada de Nabonido nº. 18, confirma a duração do reinado desse rei tal como se apresenta naquelas fontes antigas.

A segunda tabuinha cuneiforme, Nabonido nº. 8, estabelece claramente a *duração total* dos reinados dos reis neobabilônicos até Nabonido, e permite-nos saber tanto o ano em que teve início o reinado de Nabucodonosor como o ano crucial no qual ele desolou Jerusalém.

A terceira, Nabonido nº. 24, fornece a duração do reinado de cada rei neobabilônico desde o primeiro, Nabopolassar, até o nono ano do último rei, Nabonido (Belsazar era evidentemente um co-regente com

---

[39] Aproximadamente 75 por cento destes documentos foram encontrados em Babilônia durante as escavações minuciosas de R. Koldewey em 1899-1917. (Berger, *Ibid*., págs. 1-3) Conforme explica o Dr. Ronald Sack, só do reinado de Nabucodonosor sobreviveu "praticamente uma montanha" de inscrições reais. (*Imagens de Nabucodonosor* [em inglês - Selinsgrove: Editora da Universidade de Susquehanna; Londres e Toronto: Editora das Universidades Associadas, 1991], pág. 26.) Seis das inscrições são do reinado de Avil-Marduque, oito do reinado de Neriglissar, e aproximadamente trinta do reinado de Nabonido. (Berger, op. *cit.*, págs. 325-388.)

[40] Em 1989 Paul-Alain Beaulieu, em sua tese de doutorado *O Reinado de Nabonido* (em inglês), incluiu um novo catálogo com descrições detalhadas das inscrições reais do reinado de Nabonido. — *O Reinado de Nabonido, Rei de Babilônia 556 - 539 A.C.*, Paul-Alain Beaulieu (em inglês - New Haven e Londres: Editora da Universidade de Yale, 1989), págs. 1-42.

seu pai Nabonido no momento da queda de Babilônia).[41]

Seguem-se os detalhes de cada uma destas tabuinhas cuneiformes:

(1) Nabon. nº. 18 é uma inscrição cilíndrica de um ano não especificado de Nabonido. Cumprindo o desejo de Sin, o deus-lua, Nabonido dedicou uma de suas filhas (chamada En-nigaldi-Nana) a este deus como sacerdotisa no templo de Sin em Ur.

O fato importante aqui é que um *eclipse lunar*, datado no texto em 13 de ululu e observado na vigília da alvorada, levou a esta dedicação. Ululu, o sexto mês no calendário babilônico, correspondia a partes de agosto e setembro (ou, às vezes, a partes de setembro e outubro) em nosso calendário. A inscrição diz explicitamente que a lua "se pôs enquanto estava eclipsada", ou seja, o eclipse começou antes e

[41] Infelizmente, os eruditos organizaram ou numeraram as inscrições de maneira diferente, o que pode gerar alguma confusão. Nos sistemas de Tadmor, Berger, e Beaulieu as três inscrições são listadas como segue:

	Tadmor 1965:	Berger 1973:	Beaulieu 1989:
(1)	Nabon. nº 18	Nbd Zyl. II, 7	nº 2
(2)	Nabon. nº 8	Nbd Stl. Frgm. XI	nº 1
(3)	Nabon. nº 24	(faltante)	(Estela de Adade-Gupi)

O arranjo de Beaulieu é cronológico: A nº 1 foi escrita no primeiro ano de Nabonido, a nº 2 em seu segundo ano e a nº 13 depois do ano 13, possivelmente no ano 14 ou 15. (Beaulieu, *op. cit.*, pág. 42.) Na lista de Tadmor, as inscrições de Nabonido são numeradas na ordem de sua publicação, começando com os quinze textos publicados por Langdon em 1912. (Hayim Tadmor, "As Inscrições de Nabonido: Arranjo Histórico" em *Estudos em Honra de Benno Landsberger em seu 75º aniversário* [= *Estudos Assiriológicos* nº 16], ed. H. Güterbock & T. Jacobsen, Chicago: Editora da Universidade de Chicago, 1965, págs. 351-363, em inglês.) Os sistemas de Tadmor, Berger, e Beaulieu, por sua vez, diferem do de H. Lewy em *Archiv Orientální*, Vol. XVII, Praga, 1949, págs. 34, 35, nota 32. Na discussão apresentada aqui serão usados os números de Tadmor.

terminou depois do nascer do sol.[42] O fim do eclipse, portanto, foi invisível em Babilônia.

Qual é a importância de tudo isso?

Quando estão disponíveis detalhes suficientes sobre um eclipse lunar e se sabe que ele ocorreu dentro de certo intervalo restrito de tempo no passado, os movimentos astronômicos são tão precisos que a data de um eclipse específico numa região particular pode ser determinada com precisão. Uma vez que os detalhes aqui satisfazem este requisito, em que momento do reinado de Nabonido ocorreu o eclipse descrito na tabuinha?

Em 1949 Hildegard Lewy examinou o eclipse e descobriu que apenas uma vez durante o reinado de Nabonido ocorreu um eclipse naquela época do ano, isto é, em 26 de setembro de 554 A.E.C. (segundo o calendário juliano).[43] O eclipse começou aproximadamente às 3 horas da madrugada e durou aproximadamente três horas. Se Nabonido reinou por dezessete anos e o primeiro ano dele foi 555/54 A.E.C., como é geralmente aceito, o eclipse e a dedicação da filha de Nabonido ocorreram no segundo ano de seu reinado (554/53 A.E.C.).

Uma notável confirmação desta datação foi revelada vinte anos depois, quando W. G. Lambert publicou sua tradução de quatro fragmentos de uma inscrição do reinado de Nabonido que ele chamou de *Crônica Real*. A inscrição estabelece que a dedicação da filha de Nabonido ocorreu logo antes do terceiro ano dele, sendo obviamente

---

[42] Esta parte do texto diz, segundo a tradução de Beaulieu: "Por causa do desejo por uma sacerdotisa *entu*, no dia 13 do mês de ululu, o mês (cujo nome sumeriano significa) 'trabalho das deusas', a lua foi eclipsada e se pôs enquanto estava eclipsada. Sin pediu uma sacerdotisa *entu*. Assim (foi) seu sinal e sua decisão." (Beaulieu, op. *cit.*, pág. 127) A conclusão de que este eclipse lunar indicou que Sin havia pedido uma sacerdotisa, baseou-se evidentemente na série de tabuinhas astrológicas *Enuma Anu Enlil*, o "Escrito Sagrado" dos astrólogos assírios e babilônicos, que regularmente dava base às suas interpretações de eventos astronômicos em sua antiga coleção de presságios. Um eclipse lunar visto na vigília da manhã de 13 de ululu é expressamente interpretado nestas tabuinhas como uma indicação de que Sin deseja uma sacerdotisa. — Veja H. Lewy, "O Antecedente Babilônico da Lenda de Kay Kâûs", *Archiv Orientální*, Vol. XVII (ed. por B. Hrozny, Praga, 1949), págs. 50, 51.

[43] H. Lewy, *op. cit.*, págs. 50, 51.

no segundo, exatamente como Lewy tinha concluído.[44]

Assim, o eclipse lunar de 13 de ululu, fixa definitivamente o segundo ano de Nabonido em 554/53 A.E.C. e o primeiro ano dele em 555/54, dando assim uma confirmação muito forte aos números para o reinado de Nabonido estabelecidos por Beroso e pelo Cânon Real.[45]

(2) Nabon. nº. 8, ou Estela de Hila, foi descoberta em fins do século 19 nas vizinhanças de Hila, cerca de 24 quilômetros a sudeste das ruínas de Babilônia.[46]

A inscrição "consiste em um relatório sobre o ano de ascensão e sobre o início do primeiro ano de reinado de Nabonido" e, à base da

---

[44] "Uma Nova Fonte Sobre o Reinado de Nabonido", W. G. Lambert, *Archiv für Orientforschung*, Vol. 22 (ed. por Ernst Weidner, Graz, 1968/69), págs. 1-8. A conclusão de Lewy foi confirmada por outros eruditos. (Veja por exemplo Beaulieu, *op.cit*, págs. 127-128.) O eclipse de 26 de setembro de 554 A.E.C., foi examinado em 1999 pelo Professor F. Richard Stephenson de Durham, Inglaterra que é um dos principais peritos em eclipses antigos. Ele diz:

> "Meus detalhes computados são os seguintes (períodos fracionados em décimos de hora):
>
> (i) Início às 3,0 h[oras], hora local, altitude lunar 34 gr[aus] a SO.
> (ii) Fim às 6,1 h[oras], hora local, altitude lunar -3 gr[aus] a O.
>
> Assim, o eclipse terminaria aproximadamente 15 minutos depois de a lua se pôr. Um eclipse intensamente penumbroso pode possivelmente ser visível por bem poucos minutos e há sempre a possibilidade de refração anômala no horizonte. Eu julgaria, porém, que a lua se pôs realmente eclipsada naquela ocasião." — Carta de Stephenson a Jonsson, datada de 5 de março de 1999.

[45] Alguém poderia argumentar que é possível encontrar outro eclipse lunar de posicionamento helíaco em 13 de ululu, vários anos antes, que combine com a descrição dada por Nabonido, talvez cerca de vinte anos antes, com o fim de adaptar a observação à cronologia da Sociedade Torre de Vigia. Todavia, modernos cálculos astronômicos comprovam que nenhum eclipse lunar deste tipo, visível em Babilônia, ocorreu nesta época do ano nos vinte anos anteriores, *ou mesmo cinqüenta anos antes* do reinado de Nabonido! O mais próximo eclipse lunar deste tipo ocorreu cinqüenta e quatro anos antes, no dia 24 de agosto de 608 A.E.C. Portanto, o eclipse lunar descrito em *Nabon. nº. 18*, só pode ter sido esse de 26 de setembro de 554 A.E.C. Para mais informações sobre a identificação de eclipses lunares antigos, veja o Apêndice ao Capítulo 4: "Alguns comentários sobre eclipses lunares antigos."

[46] Uma tradução do texto foi publicada por S. Langdon em 1912, *op. cit.* (nota de rodapé 37 deste capítulo), págs. 53-57, 270-289. Para uma tradução inglesa, veja *Antigos Textos do Oriente Próximo* (citado daqui em diante como *ANET*), editado por James B. Pritchard (em inglês - Princeton, N. J.: Editora da Universidade de Princeton, 1950), págs. 308-311.

evidência interna, pode-se comprovar que ela foi escrita quase na metade do primeiro ano de reinado dele (no outono setentrional de 555 A.E.C.).[47]

A informação fornecida neste documento, ajuda-nos a estabelecer a *duração total do período desde Nabopolassar até o início do reinado de Nabonido.* Como ela possibilita isto?

Em várias de suas inscrições reais (nº. 1, 8, 24 e 25 na lista de Tadmor) Nabonido diz que num sonho que teve em seu *ano de ascensão*, os deuses Marduque e Sin mandaram-no reconstruir *Ehulhul*, o templo do deus-lua Sin, em Harã. Relacionado com isto, o texto em discussão (Nabon. nº. 8) fornece uma parte muito importante da informação:

> (Quanto a) Harã (e) Ehulhul que jaziam em ruínas por 54 anos por causa de sua devastação pelos medos (que) destruíram os santuários, aproximou-se o tempo para a reconciliação com o consentimento dos deuses, 54 anos, quando Sin deveria voltar ao seu lugar. Quando ele voltou ao seu lugar, Sin, o senhor do diadema, lembrou- se de sua posição elevada, e (sobre) todos os deuses que deixaram sua capela com ele, ou seja, Marduque, o rei dos deuses que ordenou o seu ajuntamento.[48]

Sabemos a data em que o templo Ehulhul em Harã foi arruinado pelos medos com base em duas fontes confiáveis diferentes:

A *Crônica 3* babilônica (B.M. 21901) e a inscrição de Harã *Nabon. H 1, B,* também conhecida como *Estela de Adade-Gupi* (Nabon. nº. 24 na lista de Tadmor). A crônica diz que no "décimo sexto ano" de Nabopolassar, no mês de marchesvã (partes de outubro e novembro), "os uman-manda (os medos), [que] tinham vindo [ajud]ar o rei de Acade, reuniram seus exércitos e marcharam para Harã [contra Assur-Ubal]it (II) que tinha ascendido ao trono na Assíria. . . . O rei de Acade chegou a Harã e [. . .] capturou a cidade. Ele levou o vasto despojo da

[47] A Col. IX menciona a visita de Nabonido ao sul de Babilônia logo após o festival do Ano-Novo. Esta visita é também documentada em textos do arquivo de Larsa datados dos primeiros dois meses do primeiro ano de Nabonido. — Beaulieu, *op. cit.*, págs. 21, 22, 117-127.

[48] Traduzido por Beaulieu, *op. cit.*, pág. 107.

cidade e do templo."[49] A Estela de Adade-Gupi dá a mesma informação:

> Visto que no 16º ano de Nabopolassar, rei de Babilônia, Sin, o rei dos deuses, estava irado com sua cidade e seu templo e foi para o céu — a cidade e as pessoas que (estavam) nela foram arruinadas.[50]

Assim é óbvio que Nabonido computa os "cinqüenta e quatro anos" desde o décimo sexto ano de Nabopolassar até o começo de seu próprio reinado quando os deuses lhe ordenaram que reconstruísse o templo.[51]

Isto está em excelente concordância com os números para os reinados neobabilônicos dados por Beroso e pelo Cânon Real. Como Nabopolassar reinou por vinte e um anos, decorreram *cinco anos* do décimo sexto ano até o fim de seu reinado. Depois disso Nabucodonosor reinou por *quarenta e três anos*, Avil-Marduque por

---

[49] *ABC*, Grayson (1975), pág. 95. Não se dá o mês exato da destruição do templo, mas como a crônica diz mais adiante que o rei de Acade foi para casa no mês de adar (o décimo segundo mês, correspondendo a fevereiro/março), a destruição deve ter ocorrido em algum momento entre outubro de 610 e março de 609 A.E.C., provavelmente perto do fim deste período.

[50] "As Inscrições de Harã Referentes a Nabonido", C. J. Gadd em *Estudos Anatolianos*, Vol. VIII, 1958, pág., 47 (em inglês). Que o templo de Ehulhul foi *arruinado* neste momento é confirmado por outras inscrições, incluindo o *Cilindro de Sipar* (Nº. 1 na lista de Tadmor), que diz: "(Sin) irou-se contra essa cidade [Harã] e o templo [Ehulhul]. Ele despertou os medos, que destruíram esse templo e o transformaram em ruínas." — Gadd, *Ibid.*, págs. 72, 73; Beaulieu, *op. cit.*, pág. 58.

[51] A reconstrução do templo de Ehulhul é mencionada em vários textos que não se harmonizam facilmente. Devido a alguma incerteza nas inscrições, não está claro se o templo de Harã foi completado no início do reinado de Nabonido ou depois de sua permanência de dez anos em Teima, na Arábia. O problema foi extensivamente discutido por vários estudiosos. É bem provável que o projeto tenha sido iniciado nos primeiros anos do reinado de Nabonido, mas não pôde ser totalmente concluído até depois do retorno dele de Teima, talvez em seu décimo terceiro ano de reinado ou depois. (Beaulieu, op. *cit.*, págs. 137, 205-210, 239-241.) "Os diferentes textos seguramente se referem a fases diferentes do trabalho", diz o Professor Henry Saggs em sua análise do problema. (*Povos do Passado: Babilônios*, H. W. F. Saggs [em inglês], Londres: Curadores do Museu Britânico, 1995, pág. 170) De qualquer maneira, todos os eruditos concordam que Nabonido conta os cinqüenta e quatro anos desde o décimo sexto ano de Nabopolassar até seu próprio ano de ascensão quando a "ira" dos deuses "[por fim] se acalmou", segundo a Estela de Hila (coluna vii), e "ordenou-se" a Nabonido que reconstruísse o templo. Para mais comentários sobre a Estela de Hila, veja o Apêndice.

dois e Neriglissar por *quatro anos* antes de Nabonido assumir o poder (os poucos meses de Labashi-Marduque podem ser desconsiderados).

Somando-se estes anos de reinado (5+43+2+4) nós obtemos *cinqüenta e quatro anos* — exatamente como Nabonido diz em sua estela.

Se, como foi estabelecido, o primeiro ano de Nabonido foi 555/554 A.E.C., o décimo sexto ano de Nabopolassar deve ter sido 610/609, seu primeiro ano 625/624 e seu vigésimo primeiro e último ano 605/604 A.E.C. O primeiro ano de Nabucodonosor foi então 604/603, e seu décimo oitavo ano, quando ele devastou Jerusalém, foi 587/586 A.E.C. — não 607 A.E.C. Estas datas concordam inteiramente com as datas obtidas à base dos números de Beroso e do Cânon Real.

Por conseguinte, a estela em questão acrescenta seu testemunho no estabelecimento da duração total dos reinados de todos os reis neobabilônicos anteriores a Nabonido. A força desta evidência — produzida exatamente durante a própria era neobabilônica — dispensa qualquer consideração adicional.

(3) Nabon. nº. 24, também conhecida como *Inscrição de Adade-Gupi*, existe em duas cópias. A primeira foi descoberta em 1906 por H. Pognon em Eski Harã, sudeste da Turquia, nas ruínas da antiga cidade de Harã (conhecida como Harã no tempo de Abraão). A estela, agora no Museu Arqueológico de Ancara, é uma inscrição tumular, evidentemente composta por Nabonido para sua mãe, Adade-Gupi.

O texto não só inclui um esboço biográfico da mãe de Nabonido, abrangendo o período desde o rei assírio Assurbanipal até o nono ano de Nabonido (quando ela morreu), mas fornece também o período de reinado de cada um dos reis neobabilônicos, excetuando-se naturalmente o do próprio Nabonido, que ainda estava vivo. Infelizmente, na primeira cópia a parte do texto que especifica os reinados está danificada, e os únicos *números* legíveis são os quarenta e três anos do reinado de Nabucodonosor e os quatro anos do reinado de Neriglissar.[52]

---

[52] Para uma abordagem extensa sobre a inscrição, veja "Die Basaltstele Nabonids von Eski-Harran", B. Landsberger, em Halil-Edhem *Halil-Edhem Hâtira Kitabi* , Kilt I (Ancara: Turk Tarih Kurumu Basimevi, 1947), págs. 115-152. Uma tradução em inglês está incluída no *ANET* de Pritchard, págs. 311, 312. No *ANET* a tradução da estela H 1, A, col. II diz "6º" ano de Nabonido, o que é um erro de grafia. O texto original diz claramente "9º" ano.

Inscrição de Adade-Gupi (Nabon. nº. 24)

Estela H 1, B, descoberta em Harã em 1956. A imagem mostra o relevo quebrado e partes das colunas I e II. – Extraído de "As Inscrições de Harã Referentes a Nabonido", *Estudos Anatolianos*, de C. J. Gadd, Volume VIII, 1958, em inglês.

Todavia, em 1956 o Dr. D. S. Rice descobriu em Harã três outras estelas do reinado de Nabonido *uma das quais continha uma duplicata da inscrição da estela descoberta em 1906*! Felizmente, as seções da nova estela que contém a informação cronológica não estavam danificadas. A primeira destas seções diz o seguinte:

> Do 20º ano de Assurbanipal, rei da Assíria, quando nasci, até o 42º ano de Assurbanipal, o 3º ano de seu filho Assur-etil-ili, o 21º ano de Nabopolassar, o 43º ano de Nabucodonosor, o 2º ano de Evil-Merodaque, o 4º ano de Neriglissar, durante (todos) estes 95 anos nos quais visitei o templo do grande deus supremo Sin, rei de todos os deuses do céu e do mundo inferior, ele olhou com favor para minhas piedosas boas obras, ouviu minhas orações e

aceitou meus votos.[53]

Deve-se observar que os dois primeiros reis, Assurbanipal e seu filho Assur-etil-ili, foram reis assírios, enquanto os reis seguintes foram reis neobabilônicos. Isto indica que Adade-Gupi viveu primeiro sob o domínio assírio, daí, por causa da rebelião de Nabopolassar e libertação de Babilônia do jugo assírio, ela passou a viver sob o domínio babilônico.[54] A mãe de Nabonido viveu mais de cem anos, e mais adiante o texto dá um resumo completo da longa vida dela:

> Ele [o deus-lua Sin] acrescentou (à minha vida) muitos dias (e) anos de felicidade e manteve-me viva desde o tempo de Assurbanipal, *rei da Assíria*, até o 9º ano de Nabonido, *rei de Babilônia*, o filho que dei à luz, (ou seja) cento e quatro anos felizes (gastos) na devoção que Sin, o rei de todos os deuses, implantou em meu coração.[55]

Esta rainha morreu no nono ano de Nabonido, e o pranto pela mãe falecida é descrito na última coluna da inscrição. É interessante que a

---

[53] C. J. Gadd, *op. cit.*, págs. 46-56. Gadd traduziu a inscrição em 1958 e chamou a nova estela de *Nabon. H 1, B*, para distingui-la da estela de Pognon que ele chamou de *Nabon. H 1, A*. A citação feita aqui é da tradução de A. Leo Oppenheim em *O Antigo Oriente Próximo. Nova Antologia de Textos e Imagens*, James B. Pritchard, Vol. II (em inglês - Princeton e Londres: Editora da Universidade de Princeton, 1975), págs. 105, 106, col. I:29-33. Como esta passagem é usada como base para o cálculo da idade de Adade-Gupi na col. II:26-29, isto evidentemente quer dizer que o número de reis e seus reinados estão completos. Em outra parte do texto a informação cronológica está repetida (col. II:40-46), mas omite-se o reinado de Avil-Marduque, evidentemente porque o objetivo desta seção é diferente, ou seja, explicar a quais dos reis neobabilônicos Adade-Gupi tinha *servido* obedientemente. Isto é indicado claramente no princípio da seção que diz: "Eu obedeci com todo meu coração e cumpri minha obrigação (como pessoa) durante...", etc. Conforme sugerido por Gadd "ela foi banida, ou ausentou-se", da corte de Avil-Marduque, "sem dúvida por que, não importa quais fossem os motivos, aquele rei ganhou má reputação na tradição oficial." (Gadd, *op. cit.*, pág. 70)

[54] Nabonido e sua mãe descendiam do ramo *setentrional* dos arameus, que logo de início foram tão completamente assimilados pela sociedade assíria que até mesmo seu deus-lua Sin "veio a ser honrado entre os assírios em pé de igualdade com o deus nativo Assur." (*A Escravidão em Babilônia*, M. A. Dandamaev, DeKalb, Illinois: Editora da Universidade Norte de Illinois, 1984, págs. 36-39, em inglês.) Em uma de suas inscrições (Nabon. nº. 9, na listagem de Tadmor), Nabonido fala explicitamente dos reis assírios como "meus ancestrais reais." — H. Lewy, *op. cit.* (na nota de rodapé 42 deste capítulo), págs. 35, 36.

[55] Oppenheim em Pritchard, *op. cit.* (1975), pág. 107, col. II:26-29. Para comentários adicionais sobre a inscrição de Adade-Gupi, veja o Apêndice ao Capítulo 3.

mesma informação é também dada na *Crônica de Nabonido* (B.M. 35382):

> Nono ano: ... No dia cinco do mês de nisã a rainha-mãe morreu em Durkarashu, que (está na) margem do Eufrates, rio acima, em Sipar.[56]

Todos os reinados dos reis neobabilônicos são fornecidos nesta inscrição real, desde Nabopolassar em diante até o nono ano de Nabonido, e os períodos de reinado estão *em completa harmonia com o Cânon Real* — um fato muito significativo, porque a confirmação é proveniente de uma testemunha *contemporânea a todos estes reis neobabilônicos* e intimamente associada com todos eles![57] Mais do que o testemunho individual de qualquer fonte, é a harmonia de todas estas fontes que é muito notável.

Os resultados de nossa discussão dos registros históricos

---

[56] *ABC*, Grayson, pág. 107. Até a última coluna (III 5ff.), a Estela de Adade-Gupi está escrita na primeira pessoa. Mas é evidente que a inscrição foi talhada após a morte dela, sem dúvida por ordem de Nabonido. Esta é a razão por que o Dr. T. Longman III gostaria de classificá-la como uma "autobiografia fictícia" (um método literário conhecido também à base de outros textos acadianos), embora ele acrescente: "Todavia, isto não quer dizer que os eventos e mesmo as opiniões associadas com Adade-Gupi não sejam autênticas." (*Autobiografia Ficcional Acadiana*, Tremper Longman III, [em inglês], Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1991, págs. 41, 101, 102, 209, 210; cf. Beaulieu, *op. cit.*, pág. 209.) Mas é questionável que a inscrição de Adade-Gupi possa, mesmo neste sentido, ser classificada como uma "autobiografia ficcional." Em sua análise do trabalho de Longman, o Dr. W. Schramm aponta que o texto é "essencialmente uma autobiografia genuína. O fato de haver uma adição na col. III 5ff., composta por Nabonido (já vista em *Estudos Anatolianos*, Gadd, 8, 55, sobre a III 5), não dá a ninguém o direito de supor que o texto inteiro seja fictício. É claro que a inscrição foi talhada após a morte de Adade-Gupi. Mas não se pode duvidar que se usou uma apresentação autêntica sobre a história da vida de Adade-Gupi." — *Bibliotheca Orientalis*, Vol. LII, No. 1/2 (Leiden, 1995), pág. 94.

[57] Naturalmente o *Cânon Real* não fornece os reinados dos reis assírios Assurbanipal e Assur-etil-ili. Para o período mais antigo (747 – 539 A.E.C.) o Cânon dá uma lista de reis *de Babilônia*, não da Assíria contemporânea. Os reinados dos reis assírios só são fornecidos quando eles também reinaram diretamente sobre Babilônia, o que se deu, por exemplo, no caso de Senaqueribe que reinou duas vezes em Babilônia (em 704/03–703/02 e em 688/87–681/80 A.E.C.) e no caso de Esar-Hadom, que reinou em Babilônia por treze anos (680/79–668/67 A.E.C.). Durante o período do reinado de Assurbanipal na Assíria, o Cânon fornece os reinados dos reis vassalos contemporâneos em Babilônia, Samas-sum-iuquin (20 anos) e Kandalanu (22 anos).— Compare com Gadd, *op. cit.*, págs. 70, 71.

neobabilônicos são resumidos na tabela seguinte.

TABELA 3: OS REINADOS DOS REIS NEOBABILÔNICOS SEGUNDO OS REGISTROS HISTÓRICOS NEOBABILÔNICOS

NOME DO REI	CRÔNICAS NEOBAB.	LISTA DE REIS DE URUQUE	INSCRIÇÕES REAIS	DATAS A.E.C.
Nabopolassar	21 anos	21 anos	21 anos	625-605
Nabucodonosor	43 anos*	43 (a)nos	43 anos	604-562
Avil-Marduque	2 anos*	2 (a)nos	2 anos	561-560
Neriglissar	4 anos*	‘3’(a) + 8 m	4 anos	559-556
Labashi-Marduque	alguns meses*	3 meses	—	556
Nabonido	‘17 anos	‘17?’ (anos)	17 anos	555-539

***** Estes números nas crônicas só estão preservados por meio de Beroso e do Cânon Real. Veja a discussão neste capítulo.

Como se pode ver à base da tabela, a cronologia neobabilônica adotada por historiadores seculares é apoiada com muita força pelas antigas fontes cuneiformes, algumas das quais foram produzidas durante a própria era neobabilônica. Três linhas diferentes de evidência em defesa desta cronologia são providas por estas fontes:

(1) Embora faltem partes importantes das *Crônicas Neobabilônicas* e alguns números da *Lista de Reis de Uruque* estejam parcialmente danificados, o testemunho *combinado* destes documentos apóia fortemente as cronologias neobabilônicas de *Beroso* e do *Cânon Real*, ambas as quais foram realmente — e de modo independente entre si — derivadas das crônicas e listas de reis neobabilônicas.

(2) A inscrição real *Nabon. nº. 18* e a *Crônica Real* fixa astronomicamente o segundo ano de Nabonido em 554/53 A.E.C. A duração total do período neobabilônico anterior a Nabonido é fornecida por *Nabon. nº. 8*, que dá o tempo decorrido entre o décimo sexto ano de Nabopolassar até o ano de ascensão de Nabonido como sendo de cinqüenta e quatro anos. A estela fixa assim o décimo sexto ano de Nabopolassar em 610/09 e o primeiro ano dele em 625/24 A.E.C. De modo que estas duas inscrições estabelecem a duração de toda a era neobabilônica.

(3) A inscrição de Adade-Gupi apresenta os reinados de todos os reis neobabilônicos, desde Nabopolassar até o nono ano de Nabonido (com exceção do breve reinado de Labashi-Marduque, que durou

apenas alguns meses, podendo ser desconsiderado). Como a Sociedade Torre de Vigia aceita indiretamente que Nabonido reinou por dezessete anos, esta estela sozinha já derruba a data de 607 A.E.C. para a desolação de Jerusalém.

Assim as crônicas babilônicas, a lista de reis de Uruque e as inscrições reais estabelecem firmemente a duração da era neobabilônica. *E isto é só o começo.* Estão para ser apresentadas linhas de evidência mais fortes em apoio da cronologia mostrada na tabela acima. O testemunho adicional delas deveria estabelecer os fatos históricos do assunto além de qualquer questionamento razoável.

B-2: Documentos econômico-administrativos e jurídicos

Foram escavados literalmente centenas de milhares de textos cuneiformes na Mesopotâmia desde meados do século 19.

A esmagadora maioria deles trata de itens econômico-administrativos e de direito privado, tais como notas promissórias, contratos (de venda, arrendamento ou doação de terra, casas e outras propriedades, ou de aluguel de escravos e gado), e registros de ações judiciais.

Grande parte destes textos é *datada* da mesma maneira que as cartas comerciais, contratos, recibos e outros comprovantes na atualidade. A datação é feita por se fornecer *o ano do rei reinante*, o *mês*, e o *dia do mês*. Um texto referente a sal cerimonial dos arquivos do templo Eana, em Uruque, datado do primeiro ano de Avil-Marduque (o Evil-Merodaque de 2 Reis 25:27-30, grafado como Amel-Marduque no idioma acadiano, com o m pós-vocálico pronunciado como w), é apresentado aqui como exemplo:

> Ina-sila trouxe um talento e meio de sal, o *sattukku* regular oferecido no mês de simanfor ao deus Usur-amassu. Dia seis do mês de simanu, do primeiro ano de Amel-Marduque, rei de Babilônia.[58]

Foram desenterrados dezenas de milhares de tais textos datados do período neobabilônico. Segundo o famoso assiriologista russo M. A.

[58] *Amel-Marduque 562-560 A.C.*, Ronald H. Sack (Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1972), pág. 79.

Dandamaev, mais de *dez mil* destes foram publicados antes de 1991.[59] Muitos outros foram publicados desde então, mas a maioria deles ainda não foi publicada. O Professor D. J. Wiseman, outro destacado assiriologista, estima que "provavelmente há uns 50.000 textos, publicados ou não, referentes ao período 627-539" A.E.C.[60]

Assim existe grande número de tabuinhas datadas *para todos os anos da era neobabilônica inteira*. O Dr. Wiseman estima que isso daria uma média de quase 600 textos datados para cada um dos oitenta e sete anos de Nabopolassar até Nabonido, inclusive.

É verdade que entre estes textos há muitos que estão danificados ou fragmentários, estando as datas freqüentemente ilegíveis ou faltantes. Além do mais, os textos não estão distribuídos uniformemente ao longo do período, uma vez que o número aumenta gradualmente e chega ao auge no reinado de Nabonido.

Apesar disso, *todo ano individual ao longo do período inteiro* está

---

[59] O Dr. M. A. Dandamaev declara: "O período de menos de noventa anos entre o reinado de Nabopolassar e a ocupação da Mesopotâmia pelos persas é documentado por dezenas de milhares de textos referentes a economia doméstica e administrativa e direito privado, mais de dez mil dos quais tendo sido publicados até o momento." — *História Antiga – Universidade de Cambridge* 2ª ed., Vol. III:2 (em inglês - Cambridge: Editora da Universidade de Cambridge, 1991), pág. 252.

[60] Carta pessoal de Wiseman a Jonsson, datada de 28 de agosto de 1987. Esta é provavelmente uma estimativa muito conservadora. A coleção mais extensa de textos neobabilônicos é mantida no Museu Britânico, a qual inclui cerca de 25.000 textos datados do período 626-539 A.E.C. A maioria destes pertence à "coleção de Sipar", que contém tabuinhas escavadas por Hormuzd Rassam no local da antiga Sipar (atualmente Abu Habbah) nos anos de 1881 e 1882. Esta coleção foi catalogada recentemente. (*Catálogo das Tabuinhas Babilônicas do Museu Britânico*, E. Leichty et al [em inglês], Vols. VI-VIII, Londres: Publicações do Museu Britânico Ltd, 1986-1988. Estes catálogos serão citados daqui em diante como *CBT*.) Coleções substanciais estão também em Istambul e Bagdá. Muitas outras coleções de documentos neobabilônicos são mantidas em museus e em universidades nos EUA, Canadá, Inglaterra, França, Alemanha, Itália e outras partes do mundo. É verdade que muitas das tabuinhas estão danificadas e as datas estão com freqüência ilegíveis. No entanto, ainda restam hoje *dezenas de milhares* de tabuinhas neobabilônicas com datas legíveis. Em resultado das contínuas escavações arqueológicas que estão sendo efetuadas na área da Mesopotâmia, "o conjunto de fontes escritas expande-se significativamente todo ano. Por exemplo, dentro de uma única temporada de escavações em Uruque, foram descobertos aproximadamente seis mil documentos dos períodos neobabilônico e aquemênida." — *A Escravidão em Babilônia*, M. A. Dandamaev, (DeKalb, Illinois: Editora da Universidade Norte de Illinois, 1984), págs. 1, 2 (em inglês).

abrangido por numerosas, freqüentemente por *centenas* de tabuinhas que são datáveis.

Devido a esta abundância de textos datados, os estudiosos modernos podem não apenas estabelecer a duração do reinado de cada rei, mas também *a época do ano em que cada mudança de reinado ocorreu*, em alguns casos determinando quase o dia!

Os últimos textos conhecidos do reinado de Neriglissar, por exemplo, são datados de 2/I/4 e 6/I?/4 (isto é, dias 2 e 6, mês 1, ano 4, correspondendo a 12 e 16 de abril de 556 A.E.C., calendário juliano), e o primeiro texto do reinado de seu filho e sucessor, Labashi-Marduque, é datado de 23/I/asc. (3 de maio de 556).[61] O último texto do reinado de Nabonido é datado de 17/VII/17 (13 de outubro de 539), ou um dia depois da queda de Babilônia (datada de 16/VII/17 na *Crônica de Nabonido).* A razão para a sobreposição de um dia após a queda de Babilônia explica-se facilmente:

> É interessante saber que a última tabuinha datada de Nabonido, proveniente de Uruque é datada do dia seguinte à queda de Babilônia diante de Ciro. Notícias de sua captura não tinham ainda chegado à cidade ao sul, a cerca de 750 quilômetros de distância.[62]

Tendo em vista esta enorme quantidade de evidência documental, deve-se perguntar: Se vinte anos têm de ser acrescentados à era neobabilônica para situar a destruição de Jerusalém em 607 A.E.C., *onde estão os textos comerciais e administrativos datados desses anos que faltam?*

Quantidades de documentos datados existem para **cada um** dos quarenta e três anos de Nabucodonosor, para **cada um** dos dois anos de Avil-Marduque (Evil-Merodaque), para **cada um** dos quatro anos

---

[61] *Cronologia Babilônica: 626 A.C.–75 A.D.,* R. A. Parker e W. H. Dubberstein (em inglês - Providence: Editora da Universidade Brown, 1956), págs. 12, 13.

[62] *Ibid.*, pág. 13. Um texto do reinado de Nabonido, publicado por G. Contenau em *Textos Cuneiformes, Tomo XII, Contratos Neobabilônicos* I (em francês - Paris: Librarie Orientaliste, 1927), Pl. LVIII, nº. 121, aparentemente dá a ele um reinado de *dezoito* anos. A linha 1 dá a data de "6/VI/17", mas quando ela é repetida na linha 19 o texto é dado como "6/VI/18". Parker e Dubberstein (na pág. 13) presumiram que isso foi "um erro de escrita ou um erro de Contenau." A questão foi resolvida pela Dra. Béatrice André, que, atendendo a meu pedido, confrontou com o original que está no Museu do Louvre em Paris em 1990: "A última linha tem, assim como a primeira, o ano 17 e o erro foi de Contenau." — Carta de Béatrice André a Jonsson, 20 de março de 1990.

de Neriglissar e para **cada um** dos dezessete anos de reinado de Nabonido. Além disso, há muitos textos datados do reinado de Labashi-Marduque, que durou apenas dois meses, aproximadamente.

Se qualquer um dos reinados destes reis tivesse sido mais longo do que os períodos que acabamos de mencionar, grandes números de documentos datados certamente existiriam para *cada um* desses anos extras. Onde estão eles? Vinte anos são aproximadamente um quinto do período neobabilônico. Entre as dezenas de milhares de tabuinhas datadas deste período, deveriam ter sido encontradas muitos *milhares* referentes a esses vinte anos que faltam.

Se uma pessoa lança um dado (de um jogo de dados) dezenas de milhares de vezes sem nunca conseguir um 6, ela logicamente concluiria: "Não há número 6 algum neste dado." O mesmo se aplica aos vinte "anos-fantasmas" da Torre de Vigia que estão faltando e que são procurados inutilmente no período neobabilônico.

Mas suponhamos que vários anos faltantes tenham realmente existido, e que, por algum incrível azar, os muitos milhares de tabuinhas datadas que deveriam estar lá não tenham sido encontradas. Por que ocorre, então, que os períodos de reinado segundo as tabuinhas datadas *que foram descobertas*, concordam com os números de Beroso, do Cânon Real, da Lista de Reis de Uruque, das inscrições reais contemporâneas, bem como com os números fornecidos por todas as outras evidências que ainda serão apresentadas? Por que será que, *qualquer que seja o tipo de fonte histórica considerada*, os anos supostamente "faltantes" são sempre vinte anos exatos? Por que não um período de dezessete anos num caso, treze em outro caso, sete anos em mais outro, ou talvez diferentes anos isolados, distribuídos ao longo do período neobabilônico?

Todo ano são descobertas quantidades adicionais de tabuinhas datadas, e freqüentemente se publicam catálogos, transliterações e traduções de tais textos, mas os vinte anos que faltam nunca aparecem.

Até a improbabilidade tem limite.[63]

A importância dos textos econômico-administrativos e jurídicos para a cronologia do período neobabilônico dificilmente poderia ser exagerada. A evidência fornecida por estes textos datados é simplesmente esmagadora. Os reinados de todos os reis neobabilônicos são abundantemente confirmados por dezenas de milhares de tais documentos, todos eles tendo sido escritos durante esta era. Como se mostra na tabela abaixo, estes reinados estão em completa concordância com o Cânon Real e com os outros documentos discutidos anteriormente.

TABELA 4: A CRONOLOGIA NEOBABILÔNICA SEGUNDO OS DOCUMENTOS ECONÔMICO-ADMINISTRATIVOS E JURÍDICOS

Nabopolassar	21 anos	(625 - 605 AEC)
Nabucodonosor	43 anos	(604 - 562 AEC)
Avil-Marduque	2 anos	(561 - 560 AEC)
Neriglissar	4 anos	(559 - 556 AEC)
Labashi-Marduque	2 a 3 meses	(556 AEC)
Nabonido	17 anos	(555 - 539 AEC)

B-3: Evidência prosopográfica

A *prosopografia* (da palavra grega *prósopon*, que significa "rosto, pessoa") pode ser definida como "o estudo das biografias, especialmente de indivíduos unidos por relações familiares,

[63] Como é costumeiro, certos defensores da cronologia da Sociedade Torre de Vigia fizeram grandes esforços para desacreditar a evidência provida por estas enormes quantidades de tabuinhas cuneiformes datadas. Ao examinar atentamente catálogos modernos de documentos datados da era neobabilônica, eles encontraram uns poucos documentos que aparentemente atribuem reinados mais longos a alguns reis babilônicos alistados no Cânon Real e em outras fontes. Todavia, uma simples verificação nas tabuinhas originais mostrou que a maioria destas datas adicionais são simplesmente erros de cópia, transcrição, ou impressão, cometidos na atualidade. Algumas outras datas adicionais são comprovadamente erros dos escribas. Para uma discussão detalhada destes textos, veja o Apêndice ao Capítulo 3: "Alguns comentários sobre erros de cópia, leitura e escrita em tabuinhas cuneiformes".

econômicas, sociais, ou políticas."[64]

Uma vez que os nomes de muitos indivíduos freqüentemente se repetem nos documentos comerciais e administrativos — em alguns casos centenas de vezes por todo o período neobabilônico — os estudiosos geralmente aplicam o método *prosopográfico* em sua análise destes textos. Tal abordagem não só contribui para a compreensão da estrutura da sociedade neobabilônica e da vida nela, como também provê evidência interna adicional em apoio da cronologia estabelecida para o período.

Das dezenas de milhares de documentos da era neobabilônica, mais da metade são decorrentes de atividades de templo e foram encontrados em *arquivos de templo*, particularmente nos arquivos do templo de Eana em Uruque (o templo da deusa *Istar*) e no templo de Ebabar em Sipar (o templo de *Xamaxe*, o deus-sol). Mas muitos milhares de textos vêm também de arquivos e bibliotecas particulares.

Os mais ricos arquivos particulares são os das casas de *Egibi* e *Nur-Sin*, concentradas na área de Babilônia. Outros arquivos particulares foram encontrados, por exemplo, em Uruque (os filhos de Bel-uxalim, Nabu-uxalim e Bel-supê-muhur), em Borsipa (família de Ea-iluta-bâni), em Larsa (Iti-Xamaxe-balatu e seu filho Arade-Xamaxe) e em Ur (família Sin-ubalit).

Nenhum *arquivo estatal* do período neobabilônico foi encontrado, pois se sabe que nesta época tais documentos (no idioma aramaico) eram escritos sobre couro e papiro, materiais que se decompunham facilmente, dadas as condições climáticas da Mesopotâmia.[65]

Considere agora como o estudo de um dos arquivos disponíveis pode render valiosas informações de natureza cronológica.

a) A casa comercial de Egibi

Sem dúvida o maior arquivo particular do período neobabilônico é o da casa comercial de Egibi. Sobre este empreendimento, Bruno Meissner diz:

---

[64] *Novo Dicionário Mundial de Webster, 3ª edição acadêmica, eds.* V. Neufeldt & D. B. Guralnik (Nova Iorque: Novos Dicionários Mundiais de Webster, 1988), pág. 1080, em inglês.

[65] Para uma pesquisa dos arquivos neobabilônicos, veja o artigo de M. A. Dandamaev em *Arquivos e Bibliotecas Cuneiformes*, editado por K. R. Veenhof (Leiden: Holanda Instituto Histórico-Arqueológico de Istambul, 1986), págs. 273-277.

> Da empresa *Filhos de Egibi* nós possuímos tão grande abundância de documentos, que podemos rastrear quase todas as transações comerciais e experiências pessoais de seus dirigentes, desde a época de Nabucodonosor até a época de Dario I.[66]

Os documentos comerciais da casa de Egibi foram descobertos pelos árabes durante a estação chuvosa do ano de 1875-76, num monte de terra na vizinhança de Hila, uma cidade aproximadamente vinte e cinco quilômetros a sudeste das ruínas de Babilônia. Umas *três ou quatro mil tabuinhas* foram descobertas encerradas em vários potes de barro, semelhantes a potes comuns de água, cobertos no topo por um azulejo e cimentados com betume.

Os descobridores trouxeram as tabuinhas para Bagdá e ali as venderam a um negociante. Naquele mesmo ano George Smith visitou Bagdá e adquiriu para o Museu Britânico cerca de 2.500 destes importantes documentos.

As tabuinhas foram examinadas durante os meses seguintes por W. St. Chade Boscawen, e o relatório dele apareceu em 1878 em *Transações da Sociedade de Arqueologia Bíblica*.[67] Boscawen afirma que as tabuinhas "referem-se às diversas transações monetárias de um banco e agência financeira babilônica, fazendo transações sob o nome de Egibi e Filhos." As tabuinhas "referem-se a toda transação comercial possível; desde o empréstimo de alguns siclos de prata, até a venda ou hipoteca de propriedades inteiras cujo valor é de milhares de *manas* de prata".[68]

Boscawen logo percebeu a importância de rastrear a *sucessão* dos dirigentes da empresa de Egibi e, depois de uma análise mais cuidadosa, ele certificou-se de que as linhas principais da sucessão eram as seguintes:

---

[66] *Babilônia e Assíria*, Bruno Meissner, Vol. II (Heidelberg, 1925), pág. 331. A citação é traduzida do alemão.

[67] "Tabuinhas Babilônicas Datadas e o Cânon de Ptolomeu", W. St. Chad Boscawen em *Transações da Sociedade de Arqueologia Bíblica*, Vol. VI (em inglês - Londres, janeiro de 1878), págs. 1-78. Como Boscawen aponta (*Ibid.*, págs. 5, 6), o próprio George Smith, durante sua permanência em Bagdá em 1876, tinha começado um exame sistemático e cuidadoso das tabuinhas, estudo esse que foi interrompido pela morte prematura dele em Alepo, em agosto daquele ano. O estudo de Boscawen foi evidentemente baseado nos cadernos de Smith. — "George Smith e as Tabuinhas de Egibi", Sheila M. Evers, *Iraq*, Vol. LV, 1993, págs. 107-117.

[68] *Ibid.*, pág. 6. Uma "mana" (mina) pesava aproximadamente 0.5 kg.

Desde o terceiro ano de Nabucodonosor um indivíduo chamado Sula atuou como dirigente da empresa de Egibi e continuou nessa posição por um período de vinte anos, até o vigésimo terceiro ano de Nabucodonosor, quando morreu e foi sucedido por seu filho, Nabu-ahê-idina.[69]

O filho, Nabu-ahê-idina, continuou como gerente comercial durante um período de trinta e oito anos, ou seja, do terceiro ano de Nabucodonosor até o décimo segundo ano de Nabonido, quando foi sucedido por seu filho Iti-Marduque-balatu.[70]

Iti-Marduque-balatu, por sua vez, permaneceu como dirigente da empresa até o primeiro ano de Dario I (521/20 A.E.C.), que foi o vigésimo terceiro ano de sua liderança na empresa. Boscawen resume estas descobertas da seguinte maneira:

> Agora, somando-se estes períodos, obtemos como resultado que do 3º ano de Nabucodonosor II até o 1º ano de Dario Histaspes decorreu um período de oitenta e um anos:
>
> | | |
> |---|---|
> | Sula na chefia da empresa | 20 anos |
> | Nabu-ahê-idina | 38 anos |
> | Iti-Marduque-balatu | 23 anos |
> | | 81 anos |
>
> Isto daria um intervalo de oitenta e três anos do 1º ano de Nabucodonosor até o 1º ano de Dario Histaspes.[71]

O fato significativo é que isto está em exata harmonia com Beroso, o Cânon Real, e os registros históricos neobabilônicos. Contando-se para trás oitenta e três anos desde o primeiro ano de Dario I (521/20 A.E.C.) leva-nos a 604 A.E.C. como o primeiro ano de Nabucodonosor o que se harmoniza completamente com as outras linhas de evidência já apresentadas.

---

[69] *Ibid.*, págs. 9, 10. Sula morreu entre as datas 21/VII/23 (dia/mês/ano) e 15/IV/24 do reinado de Nabucodonosor (entre outubro de 582 e julho de 581 A.E.C.). — "A Ascensão da Casa de Egibi", G. van Driel, *Jaarbericht van het Vooraziatisch-Egyptisch Genootschap*, No. 29 (Leiden, 1987), pág. 51.

[70] Nabu-ahê-idina evidentemente morreu no décimo terceiro ano de Nabonido, ou seja, no ano seguinte àquele em que Iti-Marduque-balatu assumiu os negócios. Veja "Das Haus Egibi," Arthur Ungnad, *Archiv für Orientforschung*, Band XIV (Berlim, 1941), pág. 60, e van Driel, *op. cit.*, págs. 66, 67.

[71] Boscawen, *op. cit.*, págs. 10, 24. George Smith também já tinha chegado a essa conclusão em seu estudo das tabuinhas. — S. M. Evers, *op. cit.* (nota de rodapé 67 deste capítulo), págs. 112-117.

Apenas o arquivo da casa de Egibi já bastaria para estabelecer a duração do período neobabilônico. Com este extenso conjunto de tabuinhas comerciais datadas que estavam no arquivo de uma das famílias de "barões" de Babilônia "haveria muito pouca dificuldade em estabelecer de uma vez para sempre a cronologia deste período importante da história antiga", conforme escreveu Boscawen já em 1878.[72]

A evidência destes documentos não dá qualquer margem para uma lacuna na história neobabilônica de Nabucodonosor em diante, muito menos para uma de vinte anos! O arquivo, que contém tabuinhas datadas até o quadragésimo terceiro ano de Nabucodonosor, o segundo ano de Avil-Marduque, o quarto ano de Neriglissar e o décimo sétimo ano de Nabonido, confirma completamente a cronologia de Beroso e do Cânon Real.

Desde o século passado foram descobertas ainda outras coleções de tabuinhas pertencentes à família de Egibi.[73] Vários estudos sobre a família de Egibi foram produzidos, todos os quais confirmam as conclusões gerais a que chegou Boscawen.[74] Graças à enorme quantidade de textos desta família, os estudiosos conseguiram traçar a história, não só dos dirigentes da empresa, como também de muitos outros membros da casa de Egibi, e foram até mesmo elaboradas árvores genealógicas abrangendo todo o período neobabilônico até

---

[72] Boscawen, *op. cit.*, pág. 11.

[73] Por exemplo, durante as escavações em Uruque em 1959-60, foi descoberto um arquivo pertencente a membros da família de Egibi, contendo 205 tabuinhas que datam desde o sexto ano de Nabonido até o terceiro ano de Dario I. A maioria das tabuinhas era datada como sendo do reinado de Dario. Veja *UVB* 18, de J. van Dijk, (conforme a nota de rodapé 33 deste capítulo), págs. 39-41. O mais antigo texto conhecido da família de Egibi data de 715 A.E.C. *Dessa forma, os documentos comerciais da família aparecem regularmente entre 690 e 480 A.E.C.* — M. A. Dandamaev, *op. cit.* (1984; veja a nota de rodapé 60 deste capítulo), pág. 61.

[74] Alguns dos trabalhos mais importantes são: *Das Haus Egibi in neubabylonischen Rechtsurkunden*, de Saul Weingort, (Berlim: Buchdruckerei Viktoria, 1939), 64 páginas; "Das Haus Egibi", de Arthur Ungnad, *Archiv für Orientforschung*, Band XIV, Heft 1/2 (Berlim, 1941), págs. 57-64; *Das Geschäftshaus Egibi in Babylon in neubabylonischer und achämenidischer Zeit*, de Joaquim Krecher, ("Habilitationsschrift", Universitätsbibliothek, Münster da Westfália, 1970, obra não publicada), ix + 349 páginas e "Os Dotes das Mulheres da Família de Iti-Marduque-Balatu" (em inglês), de Martha T. Roth, *Revista da Sociedade Oriental Americana*, Vol. 111:1, 1991, págs. 19-37, em inglês.

dentro da era persa![75]

O padrão de entrelaçamento das relações familiares que foi estabelecido desta maneira para várias gerações, seria totalmente distorcido se vinte anos adicionais fossem inseridos no período neobabilônico.

b) A expectativa de vida no período neobabilônico

(1) Adade-Gupi:

Conforme se mostrou acima, na discussão sobre a Estela de Harã (*Nabon. H 1, B*), Adade-Gupi, a mãe de Nabonido, nasceu no 20º ano do poderoso rei assírio Assurbanipal, 649/648 A.E.C. Ela morreu no nono ano de Nabonido, em 547/546 A.E.C. à idade de 101 ou 102 anos, um notável período de vida.[76]

O que aconteceria à idade dela se tivéssemos de acrescentar vinte anos à era neobabilônica? Isto necessariamente aumentaria a idade de Adade-Gupi para *121 ou 122 anos*. A única maneira de evitar esta conseqüência seria acrescentar os vinte anos extras ao reinado de seu filho sobrevivente, Nabonido, *após a morte dela*, fazendo o reinado dele ser de trinta e sete anos, em vez de dezessete, algo que os documentos contemporâneos simplesmente não nos permitem fazer.

Este não é o único problema deste tipo que confronta aqueles que

---

[75] Veja por exemplo, *Aus dem Babylonischen Rechtsleben, IV*, J. Kohler & F. E. Peiser, (Leipzig: Verlag von Eduard Pfeiffer, 1898), pág. 22, e M. T. Roth, *op. cit.*, págs. 20, 21, 36. Outra empresa particular, a família *Nur-Sin*, que através de casamento foi incorporada à família de Egibi, foi estudada de modo abrangente por Laurence Brian Shiff em *O Arquivo Nur-Sin: Empresariado Particular em Babilônia (603-507 A.C.)* (em inglês - dissertação de mestrado; Universidade da Pensilvânia, 1987), 667 páginas.

[76] A própria inscrição de Adade-Gupi enfatiza que a idade dela era bem avançada: "Vi meus [tri]netos, até a quarta geração, com boa saúde, e tive (assim) meu quinhão de *idade extremamente avançada*." — "Longevidade: Conceitos Bíblicos e Alguns Paralelos do Antigo Oriente Próximo", de A. Malamat, *Archiv für Orientforschung*, Beiheft 19: *Vorträge gehalten auf der 28. Rencontre Assyriologique Internationale em Viena, 6–10 de julho de 1981* (Horn, Áustria: Verlag Ferdinand Berger & Söhne Gesellschaft M.B.H., 1982), pág. 217. O Dr. Malamat faz também referência a uma tabuinha encontrada em Sultantepe que "categoriza as fases de vida dos 40 aos 90 anos de idade [da seguinte maneira]: 40 – *lalûtu* ('primor da vida'); 50 – *umu kurûtu* ('vida curta'); 60 – *metlutu* ('maturidade'); 70 – *umu arkûtu* ('vida longa'); [80] – *shibutu* ('velhice'); 90 – *littutu* ('idade extremamente avançada')." — A. Malamat, *Ibid.*, pág. 215.

defenderiam a cronologia da Sociedade Torre de Vigia. Muitas pessoas cujos nomes aparecem nos textos comerciais e administrativos do período neobabilônico, podem ser rastreadas de texto para texto, por quase todo o período, às vezes até mesmo dentro da era persa. Descobrimos que algumas destas pessoas — homens de negócios, escravos, escribas — teriam oitenta anos ou noventa anos ou mais, ao fim de suas carreiras. Mas, se tivéssemos de acrescentar vinte anos à era neobabilônica, seríamos também obrigados a acrescentar vinte anos às vidas destas pessoas, fazendo-as ter de 100 a 110 anos de idade — e ainda estarem ativas em suas ocupações. Seguem alguns exemplos.

(2) Apla, filho de Bel-idina:

Um escriba chamado Apla, filho de Bel-idina, que pertencia à casa comercial de Egibi, aparece pela primeira vez como escriba em um texto datado do vigésimo oitavo ano de Nabucodonosor (577 A.E.C.). Depois disso, o nome dele se repete em muitos textos datados dos reinados de Nabucodonosor, Avil-Marduque, Neriglissar, Nabonido, Ciro, Cambises e Dario I.

Ele aparece pela última vez como testemunha em um documento, uma nota promissória, datada do décimo terceiro ano de Dario, 509 A.E.C. Isso significa que a carreira deste escriba pode ser rastreada durante um período de sessenta e oito anos, de 577 a 509 A.E.C. O assiriologista russo M. A. Dandamaev comenta:

> Ele deveria ter, pelo menos, vinte anos quando se tornou escriba. Mesmo se presumirmos que Apla morreu exatamente no mesmo ano em que se faz referência a ele pela última vez ou logo em seguida, ele deve ter vivido aproximadamente 90 anos.[77]

Mas se permitirmos que seja feito o acréscimo de vinte anos à era neobabilônica, não só aumentaríamos a idade de Apla para 110 anos ou mais, como também seríamos obrigados a concluir que nessa idade avançada ele ainda estava ativo como escriba.

---

[77] "Sobre a Expectativa de Vida em Babilônia no Primeiro Milênio A.C.", de Muhammad A. Dandamaev, em *A Morte na Mesopotâmia* (= *Mesopotâmia. Estudos de Copenhague Sobre Assiriologia, Vol. 8*)], ed. Bendt Alster (Copenhague: Akademisk Forlag, 1980), pág. 184.

(3) Idina-Marduque e sua esposa Ina-Esagila-ramat

Dois outros exemplos são o comerciante *Idin-Marduque, filho de Iqixa, da família de Nur-Sin, e sua esposa Ina-Esagila-ramat*. Idin-Marduque aparece pela primeira vez como gerente de suas atividades empresariais em um texto que anteriormente tinha sido datado do oitavo ano de Nabucodonosor (597 A.E.C.). Mas um recente confronto com a tabuinha original revelou que o número do ano está danificado e provavelmente seria o 28º ano (577 A.E.C.). Idin-Marduque aparece em centenas de documentos datados, o último dos quais sendo do terceiro ano de Cambises, 527 A.E.C. Outros documentos indicam que ele morreu pouco antes do quinto ano de Dario I (517 A.E.C.). Se presumirmos que ele tinha apenas vinte anos quando apareceu pela primeira vez como diretor, ele teria cerca de oitenta anos quando morreu.

A esposa de Idin-Marduque, Ina-Esagila-ramat, sobreviveu a seu marido. Ela também estava envolvida em atividades comerciais. Os documentos mostram que ela se casou com Idin-Marduque antes do 33º ano de Nabucodonosor (572 A.E.C.). Então, devemos presumir que ela tinha pelo menos vinte anos quando apareceu pela primeira vez como parte contratante em um texto datado do 34º ano de Nabucodonosor (571 A.E.C.). Ela aparece pela última vez em um texto datado do 15º ano de Dario I (507 A.E.C.) quando teria no mínimo 84 anos.[78]

Novamente, se acrescentássemos vinte anos à era neobabilônica, aumentaríamos a idade de Idina-Marduque para aproximadamente 100 anos e a idade de Ina-Esagila-ramat para no mínimo 104 anos. Seríamos também forçados a defender que ela, a esta idade, ainda estava envolvida ativamente nos negócios.

(4) O profeta Daniel:

A Bíblia também fornece alguns exemplos internos. No ano de ascensão de Nabucodonosor (605 A.E.C.), *Daniel*, então um jovem de talvez 15-20 anos, foi trazido para Babilônia (Daniel 1:1, 4, 6). Ele serviu na corte babilônica até depois do fim do período neobabilônico,

[78] *Die Urkunden des baylonischen Geschäftsmannes Iddin-Marduk,* 1, Cornelia Wunsch (Groningen: Publicações STYX, 1993), págs. 19, 10, notas de rodapé 43, 12, 66.

estando ainda vivo no terceiro ano de Ciro, em 536/35 A.E.C. (Daniel 1:21; 10:1). Nessa época ele deveria ter quase noventa anos de idade. Se outros vinte anos fossem acrescentados a este período, Daniel teria quase 110 anos.

É realmente provável que durante o período neobabilônico as pessoas freqüentemente atingissem idades de 100, 110 ou até mesmo 120 anos? É verdade que às vezes ouvimos falar de pessoas no sul da Rússia ou no norte da Índia que se diz terem 150 anos ou mais. Porém, num exame rigoroso, todas estas afirmações têm sido desmentidas.[79] A mais velha pessoa conhecida nos tempos modernos, foi uma francesa, Jeanne Calment, que nasceu no dia 21 de fevereiro de 1875 e morreu no dia 4 de agosto de 1997, à idade de 122 anos.[80] O recorde desta francesa teria sido igualado por Adade-Gupi, caso essa mulher babilônica tivesse vivido 122 anos, em vez de aproximadamente 102, como indicam os registros antigos.

Considerando-se estes casos já apresentados de vida excepcionalmente longa, podemos apropriadamente perguntar: Temos qualquer razão para crer que o período de vida das pessoas daquela época superasse o das pessoas de hoje?

O assiriologista russo M. A. Dandamaev examinou o período de vida das pessoas em Babilônia do sétimo ao quarto século A.E.C., usando dezenas de milhares de textos comerciais e administrativos como base para sua pesquisa. A conclusão dele é que o período de vida das pessoas daquela época não era diferente do de agora. Em sua exposição, Dandamaev faz referência ao Salmo 90:10: "Os anos de nossa vida chegam a setenta, ou a oitenta para os que têm mais vigor" (*NVI*). Estas palavras eram tão verdadeiras na era neobabilônica como são hoje.[81]

Por conseguinte, as idades extremamente avançadas que seriam criadas por se datar a destruição de Jerusalém em 607 em vez de 587

---

[79] "Em Busca de Matusalém: Estimando os Limites Máximos da Longevidade Humana", S. Jay Olshansky et al, *Ciência*, Vol. 250, 2 de novembro de 1990, pág. 635 (em inglês).

[80] *Guinness Livro dos Recordes 2004.* Segundo alguns relatórios da mídia, este recorde pode ter sido batido por uma mulher em El Salvador, Cruz Hernandez, a qual se diz ter nascido em 3 de maio de 1878, vindo a falecer em 9 de março de 2007, à idade de 128 anos.

[81] M. A. Dandamaev, *op. cit.* (1980), pág. 183.

A.E.C. constituem mais um argumento de peso contra a cronologia da Sociedade Torre de Vigia.

Como se mostrou nesta seção, um exame *prosopográfico* dos textos cuneiformes dá forte apoio à cronologia estabelecida para o período neobabilônico. As carreiras de comerciantes, escribas, administradores de templo, escravos, e outros podem ser acompanhadas por décadas, em alguns casos por quase todo o período neobabilônico e mais além, dentro da era persa. Milhares de documentos datados fornecem um vislumbre detalhado das atividades cotidianas dessas pessoas. Notavelmente, porém, as vidas e atividades dessas pessoas jamais contêm referência a qualquer ano que esteja fora do prazo reconhecido como "período neobabilônico", jamais sobrepõem ou estendem o prazo além desse intervalo, nem apontam para um único ano do período de vinte anos exigido pela cronologia da Sociedade Torre de Vigia.

B-4: Junções de interligação cronológica

Só há dois modos possíveis de estender o período neobabilônico para incluir os vinte anos extras exigidos pela cronologia da Torre de Vigia:

Ou *os reis neobabilônicos conhecidos tiveram reinados mais longos* do que o indicado por todos os documentos discutidos acima, ou havia outros *reis desconhecidos* que pertenceram à era neobabilônica além dos que conhecemos através desses documentos.

Estas duas possibilidades, porém, estão completamente excluídas, não só devido às várias linhas de evidência apresentadas até aqui, e à evidência astronômica que será abordada no próximo capítulo, como também por uma série de textos que fazem a junção inseparável de cada reinado com o próximo ao longo de todo o período neobabilônico. Onze de tais junções de interligação cronológica serão discutidas a seguir.

a) De Nabopolassar a Nabucodonosor

(1) Na discussão anterior das *crônicas neobabilônicas*, uma delas (*Crônica 5*) foi citada como dizendo que Nabopolassar, o primeiro rei neobabilônico, governou "por *vinte e um anos*", que ele morreu "*no dia oito do mês de ab* [o quinto mês]", e que no *primeiro dia do mês seguinte* (elul) seu filho Nabucodonosor "ascendeu ao trono real em Babilônia."

De modo que neste ponto não há qualquer margem para um reinado mais longo de Nabopolassar além da duração reconhecida de vinte e um anos, e nem espaço para um "rei extra" entre ele e Nabucodonosor.

b) De Nabucodonosor a Avil-Marduque

(2) Que Nabucodonosor foi sucedido por seu filho Avil-Marduque (o Evil-Merodaque bíblico) no quadragésimo terceiro ano do reinado de Nabucodonosor é confirmado por um documento comercial, *B.M. 30254,* publicado por Ronald H. Sack em 1972.

Este documento menciona tanto o quadragésimo terceiro ano de Nabucodonosor como o ano de ascensão de Avil-Marduque. Uma moça, Lit-ka-idi, escrava de Gugua, foi "colocada à disposição de Nabu-ahê-idina, o filho de Shula, descendente de Egibi *no mês de ajaru* [o segundo mês], do *quadragésimo terceiro ano de Nabucodonosor*, rei de Babilônia, e (por quem) doze siclos de prata foram dados como fiança." Depois, no mesmo ano, "*no mês de quislimu* [o nono mês], do *ano de ascensão de [Amel]-Marduque*, rei de Babilônia. . . Gugua por vontade própria vendeu Lit-ka-idi para Nabu-ahê-idina pelo valor total de dezenove siclos e meio de prata."[82] Este documento não dá qualquer margem para um reinado mais longo de Nabucodonosor, ou para um "rei extra" entre ele e Avil-Marduque.

(3) No período neobabilônico o rendimento de um campo ou horta era freqüentemente estimado antes da época da colheita. Depois da colheita os trabalhadores do campo deviam entregar a quantia estimada aos proprietários ou compradores. Foram encontrados muitos documentos que registram esses procedimentos.

Um deles, designado como *AO 8561*, inclui estimativas de rendimento de numerosos campos por três anos sucessivos, o quadragésimo segundo e quadragésimo terceiro anos de Nabucodonosor e o primeiro ano de Avil-Marduque. Inclui "também um registro de quais partes desse rendimento foram recebidas de cada pessoa e quais foram distribuídas para cada pessoa ... no mês de

[82] *Amel-Marduque, 562-560 A.C.*, Ronald Herbert Sack (Neukirchen-Vluyn: Verlag Butzon & Bercker Kevelaer, 1972), págs. 62, 63.

quislimu [o nono mês], do ano de ascensão de Neriglissar."[83]

De modo que este documento provê outra junção comum ou conexão entre o quadragésimo terceiro ano de Nabucodonosor e o reinado de Avil-Marduque.

(4) Outro texto semelhante, *YBC 4038*, datado do "dia 15 do mês de adaru [o décimo segundo mês], do ano de ascensão de Amel-Marduque", descreve a partilha mensal de "17.619 litros de cevada" no templo de Eana em Uruque do "43º ano de Nabu-kudurri-usur [Nabucodonosor]" ao "1º ano de Amel-Marduque."[84] Novamente, este texto liga os reinados de Nabucodonosor e de seu sucessor Avil-Marduque de uma maneira que não dá margem para qualquer ano adicional entre os dois.

A própria Bíblia confirma que o ano de ascensão de Avil-Marduque caiu no quadragésimo terceiro ano de seu pai, Nabucodonosor. Pode-se deduzir isso à base das datações fornecidas em 2 Reis 24:12; 2 Crônicas 36:10, e Jeremias 52:28, 31. Uma breve discussão desta evidência está incluída no "Apêndice ao Capítulo 3" (página 380).

c) De Nabucodonosor a Avil-Marduque e a Neriglissar

(5) No período neobabilônico, a contabilidade já era uma atividade antiga, altamente complexa e formalizada.[85] Um exemplo interessante disto é uma tabuinha conhecida como *NBC 4897*. Na realidade, o documento é um *livro-razão*, que tabula o crescimento anual de um

---

[83] *Ibid.*, págs. 41, 116-118. O intervalo de tempo entre uma colheita e a distribuição do rendimento era normalmente curto, sendo de alguns anos no máximo. No caso presente, os rendimentos das colheitas dos três anos foram distribuídos no ano de ascensão de Neriglissar, ou seja, três anos depois das colheitas do primeiro ano. A inserção de vinte anos extras em algum momento entre Nabucodonosor e Neriglissar aumentaria este intervalo de tempo para *vinte e três anos* — uma espera extremamente longa pelos rendimentos, para se dizer o mínimo.

[84] "O Escriba Nabû-bani-ahi, filho de Ibnâ, e a Hierarquia de Eana conforme visto nos Contratos de Uruque", Ronald H. Sack, *Zeitschrift für Assyriologie*, Band 67 (em inglês - Berlim, Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1977), págs. 43-45.

[85] A contabilidade é tão antiga quanto a escrita. De fato, a mais antiga escrita conhecida, a escrita *protocuneiforme*, que surgiu em Uruque (e geralmente datada de aproximadamente 3200 A.E.C.), "restringiu-se quase exclusivamente à contabilidade; era um 'manuscrito de contador'." — *Contabilidade Arcaica*, H. J. Nissen, P. Damerow, & R. K. Englund (em inglês - Chicago e Londres: Editora da Universidade de Chicago, 1993), pág. 30.

rebanho de ovelhas e cabras pertencentes ao templo de Eana em Uruque *por dez anos consecutivos, do trigésimo sétimo ano de Nabucodonosor ao primeiro ano de Neriglissar.*

No começo de cada ano, o número de cordeiros e cabritos nascidos durante o ano é somado, e o número de animais mortos (com base em suas peles) ou pagos aos pastores como salários, é subtraído. Os totais gerais são então registrados nas colunas da extrema-direita. Assim é possível acompanhar o aumento numérico do rebanho ano após ano. O texto mostra que o pastor responsável pelo rebanho, Nabu-ahe-xulim, no intervalo de dez anos conseguiu aumentar o rebanho de 137 ovelhas e cabras para 922 animais.[86]

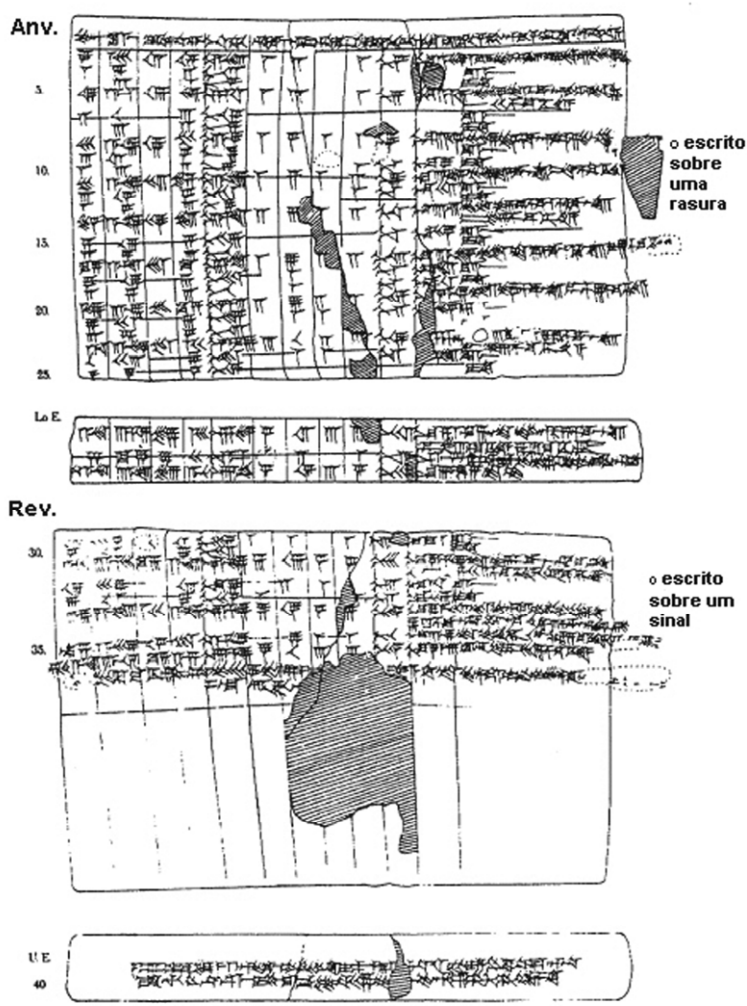
É verdade que o escriba babilônico cometeu algumas inexatidões e erros matemáticos que dificultam parcialmente a interpretação do documento.[87] Todavia, não há qualquer dúvida, de que este é um registro *anual*, uma vez que números anuais são fornecidos para cada ano sucessivo. No registro para o primeiro ano de Neriglissar, por exemplo, a coluna do total geral contém a seguinte informação:

> Total geral: 922, 1º ano de Nergal-sharra-usur, rei de Babilônia, foram recebidos 9 cordeiros em Uruque (e) 3 cordeiros para tosquia.

Informação similar é dada para cada ano do trigésimo sétimo ao quadragésimo terceiro ano de Nabucodonosor, para o primeiro e segundo ano de Avil-Marduque, e, como já citado, para o primeiro ano

[86] "Práticas de contabilização de um rebanho para fins institucionais em Eana", G. van Driel & K. R. Nemet-Nejat, *Revista de Estudos Cuneiformes*, Vol. 46:4, 1994, pág., 47 em inglês. A forma de manutenção de registros usada no texto "envolve acrescentar dados fazendo o confronto entre contas, com o objetivo de comprovar que todas as entradas foram registradas." — *Ibid.*, pág. 47, nota 1.

[87] Os erros ocorrem nos totais, provavelmente porque os escribas tiveram dificuldades na leitura dos números em seus livros-razões. — *Ibid.*, págs. 56, 57.



O "livro-razão" NBC 4897

O documento tabula o crescimento anual de uma manada de ovelhas e cabras pertencentes ao templo de Eana, em Uruque por dez anos consecutivos, desde o 37º ano de Nabucodonosor até o 1º ano de Neriglissar (568-559 A.E.C.). – De G. van Driel & K. R. Nemet-Nejat, "Práticas de contabilização de um rebanho para fins institucionais em Eana", *Revista de Estudos Cuneiformes*, Vol. 46:4, 1994, págs. 48, 49, em inglês.

de Neriglissar.[88]

De modo que este documento não só provê uma confirmação adicional dos períodos de reinado de Nabucodonosor e de Avil-Marduque, como também demonstra que não se pode inserir qualquer rei ou ano adicional entre Nabucodonosor e Avil-Marduque, ou entre Avil-Marduque e Neriglissar.

d) De Neriglissar a Labashi-Marduque

(6) Uma tabuinha cuneiforme na coleção babilônica da Universidade de Yale, *YBC 4012*, não só mostra que Labashi-Marduque sucedeu a Neriglissar como rei, como também que isto ocorreu *no início do quarto ano* do breve reinado do pai dele.

O documento registra que "no mês de adaru [o décimo segundo mês], do 3º ano de Nergal-[sharra-usur], rei de Babilônia" (março-abril de 556 A.E.C.), Muxezibe-Marduque, inspetor do templo de Eana em Uruque, levou uma quantia considerável de dinheiro para Babilônia, em parte como pagamento de mão-de-obra e material para o templo de Eana. Este documento foi redigido aproximadamente dois meses depois do evento a que se refere, evidentemente em Babilônia, antes do retorno de Muxezibe-Marduque a Uruque, e é datado do "dia 22 do mês de ajaru [o segundo mês do ano seguinte], do ano de ascensão de Labashi-Marduque, rei de Babilônia" (1º de junho de 556 A.E.C.).[89]

---

[88] No caso de Nabucodonosor, só são fornecidos os números referentes a ano. Os nomes reais aparecem apenas no primeiro ano de cada rei. Para o trigésimo sétimo, trigésimo oitavo e quadragésimo primeiro anos (de Nabucodonosor) há dois registros cada, e nenhum registro para o trigésimo nono e quadragésimo ano dele. Como foi indicado por van Driel e Nemet-Nejat, "estes erros podem ser explicados facilmente: o resultado da conta para o ano anterior é o ponto de partida para o inventário do ano seguinte. Ou seja, se o 'contador' tinha um arquivo completo, ele encontraria os mesmos dados em tabuinhas que tratam de anos sucessivos: uma vez no término de um texto e outra vez no início do texto seguinte." (*Op. cit.*, pág. 54.) No entanto, do quadragésimo primeiro ano de Nabucodonosor ao primeiro ano de Neriglissar, as datas seguem um padrão regular.

[89] "Alguns Comentários sobre Sin-Idina e Zerija, *quipu* e *shatammu* de Eana em Ereque... 562-56 A.C.", Ronald H. Sack, *Zeitschrift für Assyriologie*, Band 66 (em inglês - Berlim, Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1976), págs. 287, 288. Conforme já mencionado, no sistema babilônico o ano de ascensão de um rei era o mesmo que o último ano de seu antecessor. Segundo o texto, o ano de ascensão de Labashi-Marduque *seguiu-se ao* terceiro ano de Neriglissar. Desse modo, o ano de ascensão de Labashi-Marduque foi também o quarto e último ano de Neriglissar.

Segundo este documento, Labashi-Marduque ascendeu ao trono em algum momento do primeiro ou do segundo mês do quarto ano do reinado de Neriglissar. Isto concorda de perto com a evidência fornecida pelas tabuinhas comerciais, que mostram que a transferência da coroa ocorreu no primeiro mês do quarto ano de Neriglissar. (Veja o "Apêndice ao Capítulo 3", páginas 382, 383.)

e) De Neriglissar a Labashi-Marduque e a Nabonido

(7) Que Neriglissar foi sucedido por seu filho Labashi-Marduque é declarado diretamente por Nabonido em uma das inscrições reais já discutidas, *Nabon. nº. 8* (a *Estela de Hila*). Na coluna iv desta estela, Nabonido relata que o culto da deusa Anunitum em Sipar tinha sido renovado por Neriglissar. Daí, ele prossegue dizendo:

> Depois que se completaram (seus) dias e ele tinha começado a jornada do destino (humano), seu filho Labashi-Marduque, um menor (que) não tinha (ainda) aprendido a se comportar, *sentou-se no trono real* contra a vontade dos deuses e [faltam três linhas neste ponto].[90]

Depois das três linhas que faltam, Nabonido prossegue falando, na próxima coluna, de sua própria entronização, evidentemente como sucessor direto de Labashi-Marduque. Ao fazer isso, ele também diz os nomes de seus quatro antecessores reais: Nabucodonosor e Neriglissar (que ele considerava como reis legítimos), e os filhos deles Avil-Marduque e Labashi-Marduque, respectivamente (os quais ele considerava como usurpadores ilegítimos). Ele declara:

> Conduziram-me para dentro do palácio e todos se prostraram a meus pés, beijaram meus pés saudando-me vez após vez como rei. (Assim) fui elevado ao poder no país por ordem de meu senhor Marduque e (assim) obterei tudo o que desejo — não terei qualquer rival!
>
> Sou o verdadeiro executor das vontades de Nabucodonosor e de Neriglissar, meus antecessores reais! Seus exércitos são confiados a mim, não tratarei suas ordens negligentemente e estou (ansioso) para agradá-los [isto é, executar seus planos].

[90] *Textos do Antigo Oriente Próximo*, James B. Pritchard (em inglês - Princeton, Nova Jersey: Editora da Universidade de Princeton, 1950), pág. 309.

> Avil-Marduque, filho de Nabucodonosor, e Labashi-Marduque, filho de Neriglissar [convocaram] suas [tro]pas e . . . suas . . . elas se dispersaram. As ordens deles (faltam 7 ou 8 linhas neste ponto).[91]

De modo que esta inscrição interliga os reinados de Neriglissar e Labashi-Marduque, e evidentemente também o de Labashi-Marduque e Nabonido. Este texto exclui a possibilidade de inserir um "rei adicional" em algum lugar entre estes três reis.

(8) Alguns documentos *jurídicos* contêm também informação que abrange os reinados de dois ou mais reis. Um exemplo é *Nabon. nº. 13*, que é datado do "dia 12 do (mês) de shabatu [o décimo primeiro mês], do ano de ascensão de Nabonido, rei de Babilônia [2 de fevereiro de 555 A.E.C.]". A inscrição fala sobre uma mulher, Belilitu, que expôs o seguinte caso perante o tribunal real:

> Belilitu, filha de Bel-uxezibe, descendente do mensageiro, declarou o seguinte aos juízes de Nabonido, rei de Babilônia: 'No mês de abu, *do primeiro ano de Nergal-shar-usur* [Neriglissar], *rei de Babilônia* [agosto-setembro de 559 A.E.C.], vendi meu escravo Bazuzu para Nabu-ahê-idina, filho de Sula, descendente de Egibi, por meia mina, cinco siclos de prata, mas ele não pagou em dinheiro e emitiu uma nota promissória.' Os juízes reais (a) ouviram e ordenaram que Nabu-ahê-idina fosse trazido perante eles. Nabu-ahê-idina trouxe o contrato que ele tinha firmado com Belilitu e o mostrou aos juízes, (o qual provava que) ele pagara a prata por Bazuzu.[92]

Faz-se assim referência aos reinados de Neriglissar e de Nabonido. A cronologia universalmente aceita indicaria que tinham passado aproximadamente três anos e meio desde que Belilitu tinha vendido

---

[91] *Ibid.*, pág. 309. Beroso, cuja história neobabilônica, conforme se mostrou, está baseada nas crônicas babilônicas, apresenta um relato similar destes eventos: "Depois de Eveil-maradouchos ter sido assassinado, Neriglisaros, o homem que tinha conspirado contra ele, sucedeu-o no trono e foi rei por quatro anos. Laborosoarchodos [Labashi-Marduque], filho de Neriglisaros, que era apenas uma criança foi o senhor do reino por nove [provavelmente um erro para "2"; veja a nota de rodapé 20 neste capítulo] meses. Devido à maldade dele ter se tornado manifesta de muitas maneiras, houve conspiração e ele foi brutalmente assassinado por seus amigos. Depois que ele tinha sido morto, os conspiradores se reuniram e de comum acordo conferiram o reino a Nabonnedus, um babilônio e partidário da conspiração." — *A Babiloníaca de Beroso. Fontes do Antigo Oriente Próximo*, Vol. 1, fascículo 5, Stanley Mayer Burstein (em inglês - Malibu, Califórnia: Publicações Undena, 1978), pág. 28.

[92] *A Escravidão em Babilônia*, M. A. Dandamaev (em inglês - DeKalb, Illinois: Editora da Universidade Norte de Illinois, 1984), págs. 189, 190.

seu escravo, no primeiro ano de Neriglissar, até o momento em que, no ano de ascensão de Nabonido, ela fez uma tentativa fraudulenta e vã de receber um pagamento em dobro pelo escravo. Mas, se vinte anos fossem adicionados em algum momento entre os reinados de Neriglissar e Nabonido, Belilitu teria esperado *vinte e três anos e meio* antes de trazer seu caso ao tribunal, algo que parece extremamente improvável.

f) De Nabonido a Ciro

Que Nabonido era o rei de Babilônia quando Ciro a conquistou em 539 A.E.C. é comprovado claramente pela *Crônica de Nabonido* (B.M. 35382).[93] A crônica evidentemente datou este evento no "décimo sétimo ano" de Nabonido, mas conforme já foi indicado, esta parte da crônica está danificada e o número do ano está ilegível. Apesar disso, foi encontrado um conjunto inteiro de textos comerciais que provê conexões de interligação cronológica entre o décimo sétimo ano de Nabonido e o reinado de Ciro. Estes incluem as tabuinhas com os números de catálogo *CT 56:219*, *CT 57:52.3*, e *CT 57:56*.[94]

(9) O primeiro dos três documentos (CT 56:219) é datado do *ano de ascensão* de Ciro e os outros dois (CT 57:52.3 e CT 57:56) são datados de seu *primeiro ano*. Mas todas as três tabuinhas se referem também ao "17º ano" do rei anterior, e uma vez que se aceita como fato que Nabonido foi o último rei da linha neobabilônica, antecedendo o rei

---

[93] Já em 1877, W. St. Chad Boscawen encontrou um documento entre as tabuinhas de Egibi, datado do reinado de Ciro "que declarava que o dinheiro foi pago no reinado de 'Nabunaid, *o ex-rei*'." — *Transações da Sociedade de Arqueologia Bíblica,* Vol. VI (em inglês - Londres, 1878), pág. 29.

[94] "CT 55-57" refere-se aos catálogos denominados *Textos Cuneiformes de Tabuinhas Babilônicas no Museu Britânico*, Partes 55-57 (em inglês), que contêm textos econômicos copiados por T. G. Pinches durante os anos de 1892 a 1894 e publicados por Museu Britânico Publicações Ltda. em 1982.

persa Ciro, isto confirma que o reinado de Nabonido durou 17 anos.[95]

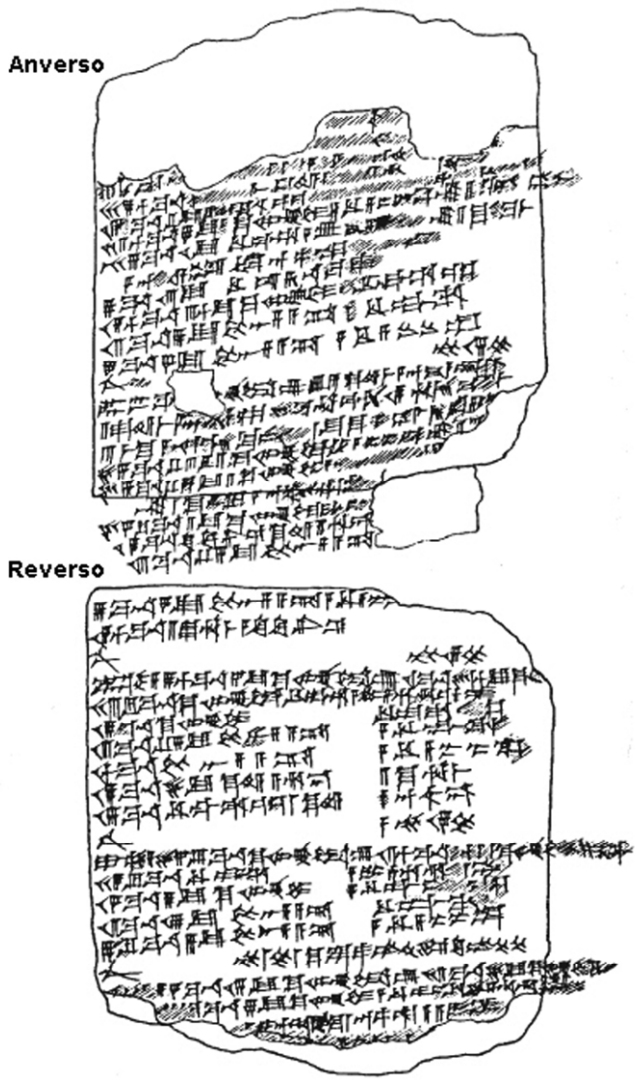
(10) Um dos maiores exemplos gráficos de uma interconexão cronológica entre dois reinados é uma tabuinha cuneiforme que está no museu arqueológico de Florença, conhecida como *SAKF 165*. Conforme indica o Professor J. A. Brinkman, este documento "apresenta um inventário anual de tecidos de lã convertidos em roupas para o culto às estátuas dos deuses de Uruque, inventário este que é único no gênero. . . . Além disso, este inventário abrange os anos cruciais antes e após a conquista persa de Babilônia."[96]

O inventário é organizado cronologicamente e a parte preservada do texto abrange cinco anos sucessivos, do décimo quinto ano de Nabonido ao segundo ano de Ciro, com números de ano dados ao término do inventário para cada ano:

Linhas	3 - 13:	15º ano [de Nabonido]
	14 - 25:	16º ano [de Nabonido]
	26 - 33:	17º ano [de Nabonido]
	34 - 39:	1º ano de Ciro
	40 - :	[2º ano de Ciro]

[95] "Gubaru: Governador ou Rei Vassalo de Babilônia?", Stefan Zawadzki, *Eos*, Vol. LXXV (Wroclaw, Varsóvia, Cracóvia, Gdansk, Lódz, 1987), págs. 71, 81; *Iranianos na Babilônia Aquemênida*, M. A. Dandamaev (em inglês - Costa Mesa, Califórnia e Nova Iorque: Mazda Publishers, 1992), pág. 91; "Ciro 'rei das terras', Cambises 'rei de Babilônia': a co-regência contestada", Jerome Peat, *Revista de Estudos Cuneiformes*, Vol. 41/2, outono de 1989, pág. 209, em inglês. Deve-se notar que uma das três tabuinhas, CT 57:56, é datada do primeiro ano de Cambises, na condição de *co-regente* com Ciro.

[96] "Textos Neobabilônicos do Museu Arqueológico de Florença", J. A. Brinkman, *Revista de Estudos do Oriente Próximo*, Vol. XXV, janeiro-outubro de 1966, pág. 209, em inglês.



Tabuinha de inventário SAKF 165

O texto apresenta um inventário de tecidos de lã para cinco anos seguidos, do 15º ano de Nabonido ao 2º ano de Ciro (541-537 A.E.C.). De Karl Oberhuber, Sumerische und akkadische Keilschriftsdenkmäler des Archäologischen Museums zu Florenz (Innsbruck, 1960). Anverso (no alto) e reverso (embaixo).

Evidentemente o nome real só era dado no primeiro ano de cada rei. Mas como o antecessor imediato de Ciro foi Nabonido, "ano 15", "ano 16" e "ano 17" referem-se claramente ao reinado deste. O inventário do ano seguinte ao "ano 17" termina com as palavras, "1º ano de Ciro, Rei de Babilônia, Rei das Terras" (linha 39). As últimas linhas do registro para o quinto ano do inventário estão danificadas, e pode-se apenas subentender que se referem ao "ano 2" (de Ciro).[97]

(11) Na antiga Mesopotâmia, a presença das deidades nos vários templos era representada por suas estátuas. Em época de guerra, quando uma cidade era tomada, geralmente os templos eram pilhados e as estátuas divinas eram levadas como "cativas" à terra dos conquistadores.

Uma vez que tais capturas eram vistas pelos cidadãos como um presságio de que os deuses haviam abandonado a cidade e queriam sua destruição, quando uma força militar se aproximava eles freqüentemente tentavam proteger as estátuas transferindo-as para um lugar mais seguro.

Foi isto o que aconteceu logo antes da invasão do norte de Babilônia pelos persas em 539 A.E.C., quando segundo a *Crônica de Nabonido,* este ordenou um ajuntamento dos deuses de várias cidades em Babilônia. A mesma crônica relata também que, após a queda de Babilônia, Ciro devolveu as estátuas para suas respectivas cidades.[98]

Conforme abordado pelo Dr. Paul-Alain Beaulieu, há diversos documentos do arquivo do templo de Eana, em Uruque, que confirmam que, no *décimo sétimo* ano de Nabonido, a estátua de Istar (referida nos documentos como "Dama de Uruque" ou "Dama do Eana") foi trazida de barco, rio Eufrates acima, para Babilônia. Mais adiante, estes documentos mostram também que as ofertas regulares para esta estátua de Istar não foram interrompidas durante sua permanência temporária em Babilônia. Foram enviados carregamentos de cevada e de outros tipos de gêneros alimentícios de Uruque para Babilônia, para serem usados no culto dela.

---

[97] *Ibid.*, pág. 209. Uma transliteração da tabuinha é dada por Karl Oberhuber em seu *Sumerische und akkadische Keilschriftdenkmäler des Archäologischen Museums zu Florenz* (= *Innsbrucker Beiträge zur Kulturwissenschaft*, Sonderheft 8, Innsbruck, 1960), págs. 111-113.

[98] *ABC* (1975), A. K. Grayson, págs. 109, 110, em inglês.

Um exemplo disto é dado numa tabuinha que está na Coleção Babilônica da Universidade de Yale, *YOS XIX:94* que é datada do décimo sétimo ano de Nabonido e registra um testemunho antes da assembléia dos nobres de Uruque:

> (Estes são) os *mar bani* [nobres] em cuja presença Zeriya, filho de Ardiya, disse o seguinte: Bazuzu, filho de Ibni-Istar, o descendente de Gimil-Nanaya, trouxe um barco de Babilônia, alugando-o pe[lo valor de. . . . . .], e disse o seguinte: "Eu levarei a cevada para as ofertas regulares da Dama de Uruque para Babilônia." . . . . . .
>
> Cidade do cais de Nanaya, domínio da Dama de Uruque: *Dia 5 do mês de abu [o quinto mês] - Décimo sétimo ano de Nabonido, rei de Babilônia* [= 4 de agosto de 539 A.E.C., calendário juliano].[99]

Estes documentos comprovam claramente que a conquista de Babilônia por Ciro ocorreu no *décimo sétimo* ano de Nabonido, confirmando assim mais uma vez que este foi o último ano do reinado dele.

Os muitos exemplos citados até aqui demonstram que a atividade registrada em um texto às vezes abrange dois reinados sucessivos, conectando-os. Demonstram também que é possível estabelecer a duração de toda a era neobabilônica só com a ajuda de tais "junções cronológicas." Na verdade, os períodos de reinado de alguns reis (Nabucodonosor, Nabonido) são estabelecidos por mais de um texto deste tipo.

C. SINCRONISMOS COM A CRONOLOGIA DO EGITO

Uma excelente prova da exatidão de uma cronologia é quando ela está em harmonia com as cronologias de *outras* nações contemporâneas, desde que estas outras cronologias tenham sido estabelecidas de modo independente e existam *sincronismos*, ou seja, conexões datadas que sirvam para unir as duas ou mais cronologias em um ou mais pontos.

A razão da importância de estas cronologias terem sido estabelecidas de modo independente é porque anulam qualquer tentativa de desacreditar seu valor com base na alegação de que a

---

[99] "Um Episódio na Queda de Babilônia Diante dos Persas", Paul-Alain Beaulieu, *Revista de Estudos do Oriente Próximo*, Vol. 52:4, outubro de 1993, págs. 244, 245; em inglês, cf. também *O Reinado de Nabonido, Rei de Babilônia, 556–539 A.C*, Beaulieu (em inglês - New Haven e Londres: Editora da Universidade de Yale, 1989), págs. 221, 222.

cronologia de certo período em uma nação foi simplesmente estabelecida com a ajuda da cronologia do período correspondente de outra nação.

Para o período neobabilônico há pelo menos quatro de tais sincronismos entre o Egito e os reinos de Judá e Babilônia. Três destes são fornecidos na Bíblia, em 2 Reis 23:29 (onde aparecem o Faraó egípcio Neco e o rei judaico Josias), Jeremias 46:2 (onde aparecem Neco, Nabucodonosor e Jeoiaquim), e Jeremias 44:30 (que cita o Faraó Hofra, o rei Zedequias e Nabucodonosor).

O quarto é dado em um texto cuneiforme, *B.M. 33041* que faz referência a uma campanha contra Amásis, rei do Egito, no trigésimo sétimo ano do reinado de Nabucodonosor.[100] O significado destes sincronismos será esclarecido a seguir.

C-1: A cronologia do período saítico

Os reis que governaram o Egito durante o período neobabilônico pertenceram à *Vigésima Sexta Dinastia* (664-525 A.E.C.). O período desta dinastia é também chamado de *período saítico*, uma vez que seus faraós constituíram a cidade de Saís, no Delta, como capital.

Para que os quatro sincronismos mencionados tenham valor decisivo em nosso estudo, precisa-se mostrar primeiro que a cronologia dessa vigésima sexta dinastia do Egito é estabelecida de modo independente da cronologia neobabilônica *contemporânea*, tendo assim base própria, assim como a neobabilônica.

Isto pode ser estabelecido de uma maneira bem incomum, a respeito da qual o Dr. F. K. Kienitz escreve:

[100] O texto B.M. 33041 foi publicado originalmente por T. G. Pinches em *Transações da Sociedade de Arqueologia Bíblica*, Vol. VII (em inglês - Londres, 1882), págs. 210-225.

> A cronologia dos reis da 26ª dinastia, de Psamético I em diante, é completamente estabelecida por meio de uma série de lápides e colunas sagradas do touro Ápis, as quais especificam a data de nascimento no 'dia x do mês y do ano z do rei A' e a data da morte no 'dia x do mês y do ano z do rei B, bem como o período de vida do [touro ou pessoa] em termos de anos, meses e dias.[101]

Isto quer dizer que, se uma lápide diz que um touro sagrado Ápis ou uma pessoa nasceram no *décimo ano* do Rei A e morreu à idade de vinte e cinco anos no *vigésimo* ano do Rei B, sabemos que o Rei A governou por *quinze anos*.

É a este tipo de evidência contemporânea que o Dr. Kienitz se refere. Uma tradução do levantamento que Kienitz fez deste material é fornecida aqui.[102]

---

[101] *Die politische Geschichte Ägyptens vom 7. bis zum 4. Jahrhundert vor der Zeitwende*, Friedrich Karl Kienitz (Berlim: Akademie-Verlag, 1953), págs. 154, 155. (Traduzido do alemão.) O culto de Ápis já era praticado na Primeira Dinastia do Egito. Quando morriam, os touros Ápis eram mumificados e enterrados num caixão ou (a partir do reinado de Amásis) num sarcófago de granito. O local do sepultamento – que a partir do reinado de Ramsés II passou a ser uma ampla catacumba conhecida como "Serapeum", em Sacara, a necrópole de Mênfis – foi escavada por Mariette em 1851. Desde o princípio da Vigésima Sexta Dinastia, os sepultamentos foram caracterizados por lápides com dados biográficos sobre o touro Ápis, tais como as datas da entronização, da morte e as idades que os touros tinham quando morreram. — "Da fertilidade ao simbolismo cósmico. Esboços da história do culto de Ápis", László Kákosy, *Acta Classica Universitatis Scientiarum Debrecenienses*, Tomo XXVI 1990 (Debrecini, 1991), págs. 3-7.

[102] Kienitz, *op. cit.*, págs. 155, 156. As lápides sob os números 1, 2 e 3 foram traduzidas e publicadas por James Henry Breasted em *Registros Antigos do Egito*, Vol. IV (em inglês - Chicago: Editora da Universidade de Chicago, 1906), págs. 497, 498, 501-503, 518-520. Para as que estão sob os números 4 e 5, veja as referências feitas por Kienitz, *op. cit.*, pág. 156, notas 1 e 2.

Lápide do 1º Ápis da 26ª dinastia

A inscrição mostra que o primeiro Ápis da 26ª dinastia nasceu no 26º ano de Taarca e morreu no 20º ano de Psamético I, à idade de 21 anos, o que mostra que Taarca reinou por 26 anos. Isto é também confirmado por outras inscrições. – De Aug. Mariette, Le Sérapeum de Memphis (Paris: Gide, Libraire-Éditeur, 1857)

1. LÁPIDE DO 3º ÁPIS DA 26ª DINASTIA

Data do Nascimento: Dia 19 do 6º mês do 53º ano de Psamético I
Entronização: Dia 12 do 3º mês do 54º ano de Psamético I
Data da Morte: Dia 6 do 2º mês do 16º ano de Neco II
Data do Sepultamento: Dia 16 do 4º mês do 16º ano de Neco II
Período de Vida: 16 anos, 7 meses e 17 dias,
***Resultado**:* Período de reinado de Psamético = 54 anos.

2. LÁPIDE DO 4º ÁPIS DA 26ª DINASTIA

Data de Nascimento: Dia 7 do 2º mês do 16º ano Neco II
Entronização: Dia 9 do 11º mês do 1º ano de Psamético II
Data de Morte: Dia 12 do 8º mês do 12º ano de Apriés
Data do Sepultamento: Dia 21 do 10º mês do 12º anos de Apriés
Período de Vida: 17 anos, 6 meses e 5 dias,
***Resultado**:* Como se declara em outro lugar que a data da morte de Psamético II foi no dia 23 do 1º mês do 7º ano[103], então o período do reinado de Neco foi de 15 anos e o de Psamético II foi de 6 anos.

3. DUAS LÁPIDES DE UM SACERDOTE CHAMADO PSAMÉTICO

Data de Nascimento: Dia 1º do 11º mês do 1º ano de Neco II
Data da Morte: Dia 28 do 8º mês do 27º ano de Amásis
Período de Vida: 65 anos, 10 meses e 2 dias,
***Resultado**:* Soma dos períodos de reinado de Neco II, Psamético II e Apriés = 40 anos. Como Neco II reinou por 15 anos, e Psamético II por 6 anos, o reinado de Apriés foi de 19 anos.

4. LÁPIDE DE OUTRO PSAMÉTICO

Data de Nascimento: Dia 1º ou 2 do 10º mês do 3º ano de Neco II
Data da Morte: Dia 6 do 2º mês do 35º ano de Amásis
Período de Vida: 71 anos, 4 meses e 6 dias,
***Resultado**:* O mesmo que o do item 3.

5. LÁPIDE DE UM BESMAUT

Ano do Nascimento: 18º ano de Psamético I
Ano da Morte: 23º ano de Amásis
Período de Vida: 99 anos
***Resultado**:* Confirma-se mais uma vez o total de 94 anos para o período dos reinados desde Psamético I até Apriés, inclusive.

[103] Linhas 5/6 da Estela de Ank-nes-nefer-ib-Re. Veja *Ann. Serv. 5*, G. Maspero (1904), págs. 85, 86, e a tradução feita por J. H. Breasted, *op. cit.*, IV, pág., 505.

Conseqüentemente, estas lápides contemporâneas estabelecem de forma conclusiva os períodos de reinado dos primeiros quatro reis da vigésima sexta dinastia do Egito como segue:

Psamético I	54 anos
Neco II	15 anos
Psamético II	6 anos
Apriés (= Hofra)	19 anos

Para os últimos dois reis da vigésima sexta dinastia, Amásis e Psamético III, infelizmente falta material deste tipo. Todavia, tanto o historiador grego Heródoto (c. 484-425 A.E.C.) como o sacerdote e historiador greco-egípcio Maneto (em atividade por volta de 300 A.E.C.) dão quarenta e quatro anos para Amásis e seis meses para Psamético III.[104] E estes períodos de reinado foram confirmados por descobertas modernas, como segue:

No papiro *Rylands IX* (também chamado de "Petição de Petiese") datado da época de Dario I (521-486 A.E.C.), o quadragésimo quarto ano de Amásis é mencionado num contexto que indica que este foi o seu último ano completo de reinado. Cada ano, um profeta de Amon de Teuzoi (chamado Psammetkmenempe) que vivia no Delta do Nilo, costumava enviar um representante para buscar seu salário. Ele fez isto até o *quadragésimo quarto ano* de Amásis. Isto, em si mesmo, não é uma prova decisiva. Mas a "Crônica Demótica", um relato sobre a compilação das leis egípcias escritas sob Dario I, faz também duas menções ao quadragésimo quarto ano de Amásis como algum tipo de ponto terminal. Finalmente, o mesmo número é fornecido em uma

[104] *A História Egípcia* de Maneto, que foi escrita em grego, sendo provavelmente baseada em arquivos de templo, é preservada apenas em extratos de Flávio Josefo e de cronógrafos cristãos, especialmente Júlio Africano, em sua *Cronografia* (c. 221 E.C.) e Eusébio de Cesaréia em sua *Crônica* (c. 303 E.C.). Africano, que transmite os dados de Maneto de modo mais preciso, dá quarenta e quatro anos para Amásis e seis meses para Psamético III. Isto concorda com os números de Heródoto. — *Maneto*, W. G. Waddell (em inglês - Londres: Editora da Universidade de Harvard, 1948), págs. xvi-xx, 169-174.

inscrição de Wadi Hamamat.[105] De modo que o número dado por Heródoto e Maneto é fortemente apoiado por esta combinação de inscrições.

Quanto a Psamético III, a maior data disponível para este rei é o segundo ano. Descobriram-se três documentos (papiros) datados do terceiro, quarto e quinto mês de seu segundo ano. Ainda assim, isto não contradiz de forma alguma a declaração já feita, de que o reinado deste rei abrangeu na verdade apenas *seis meses*. Como assim?

Os egípcios usavam um sistema de ano não-ascensional. Neste sistema *o ano em que um rei assumia o poder* era considerado como o primeiro ano de seu reinado. Psamético III foi destronado pelo rei persa Cambises quando este conquistou o Egito, fato que é normalmente datado em 525 A.E.C. pelas autoridades em cronologia.[106] Naquele momento específico, o ano civil egípcio era quase coincidente com o ano do calendário juliano.[107] Se a conquista de Egito ocorreu no sexto mês do reinado de Psamético III, isto deve

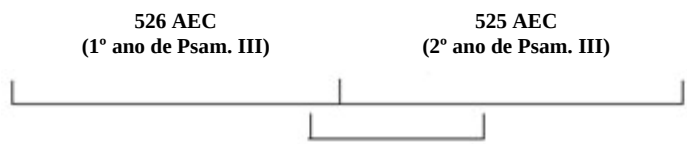
---

[105] *Die Sogenannte Demotische Chronik*, W. Spiegelberg (Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1914), pág. 31; Kienitz, *op. cit.*, pág. 156; e "O Período de Reinado de Amásis e o Início da Vigésima Sexta Dinastia", Richard A. Parker, *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts*, Kairo Abteilung, XV, 1957, pág. 210 em inglês. Durante algum tempo defendeu-se que Amásis morreu em seu quadragésimo quarto ano de reinado e, devido ao sistema de ano não-ascencional egípcio, no qual o ano de ascensão de um rei era considerado como seu primeiro ano de reinado, foram dados a Amásis apenas quarenta e três anos completos. Mas em 1957, no artigo mencionado acima, R. A. Parker demonstrou conclusivamente que Amásis reinou por quarenta e quatro anos completos. Isto naturalmente recuou em um ano os reinados dos reis anteriores da dinastia saítica. Desse modo, o começo da dinastia foi reajustado para 664 em vez de 663 A.E.C., como tinha sido defendido anteriormente. (R. A. Parker, *op. cit.*, 1957, págs. 208-212.) Desde 1957, as conclusões de Parker ganharam aceitação geral entre os estudiosos. — Para informação adicional sobre a contagem não-ascensional, veja o Apêndice ao Capítulo 2: "Métodos de contagem de anos de reinado."

[106] Kienitz, *op. cit.*, pág. 157, nota 2. Esta data é também aceita pela Sociedade Torre de Vigia, como se pode ver em *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1 (1990), pág. 780.

[107] Nos dois anos, 526 e 525 A.E.C., o ano civil egípcio começou em 2 de janeiro do calendário juliano. — "Zur Datierungspraxis in Ägypten unter Kambyses und Dareios I", Winfried Barta, *Zeitschrift für Ägyptische Sprache und Altertumskunde*, Band 119:2 (Berlim: Akademie Verlag, 1992), pág. 84.

ter sido em maio ou junho de 525 A.E.C.[108] Partindo-se desta premissa, seus seis meses de reinado tiveram início ao término do ano anterior, 526 A.E.C., bem possivelmente apenas alguns dias ou semanas antes do fim daquele ano. Embora ele tenha governado durante apenas uma fração daquele ano, esta fração de alguns dias ou semanas já foi considerada como *primeiro* ano de seu reinado de acordo com o sistema *não-ascensional* egípcio. Desse modo, o transcorrer de seu *segundo* ano de reinado começou apenas alguns dias ou semanas depois de sua ascensão ao trono. Embora ele tenha reinado por apenas seis meses, documentos datados até o quinto mês do segundo ano dele são, devido a esta evidência apresentada, algo que naturalmente deveríamos esperar encontrar. A ilustração seguinte esclarece o assunto:



Reinado de Psam. III = 6 meses

Conforme se demonstrou na discussão acima, a cronologia da Vigésima Sexta Dinastia do Egito é solidamente estabelecida de modo independente. Os resultados são resumidos na seguinte tabela:

[108] A época *exata* do ano em que Cambises capturou o Egito não é conhecida. (Compare com "As mais antigas datas persas em Heródoto", de Molly Miller, em *Klio*, Band 37, 1959, págs. 30, 31 em inglês.) — No século dezenove E. Revillout, um dos fundadores da revista erudita *Revue Égyptologique* na década de 1870, alegou que Psamético III reinou por pelo menos dois anos, uma vez que um documento datado do quarto ano de um rei Psamético parecia ter sido redigido no fim da Vigésima Sexta Dinastia. (*Revue Égyptologique*, Vol. 3, Paris, 1885, pág. 191; e Vol. 7, 1896, pág. 139.) Mas, desde então foram descobertos muitos novos documentos que tornam insustentável a teoria de Revillout. O documento refere-se evidentemente a um dos reis mais antigos conhecidos pelo nome de Psamético, ou a um dos reis vassalos posteriores que tinha esse nome. Durante o período saítico houve três reis com o nome Psamético, e também dois ou três reis vassalos com esse nome no quinto século, e às vezes era difícil decidir a qual deles um texto estava fazendo referência. Alguns documentos que uma geração anterior de egiptólogos datou no reinado de Psamético III tiveram de ser redatados depois. — *Lexikon der Ägyptologie*, de Wolfgang Helck & Wolfhart Westendorf (eds.), Band IV (Wiesbaden, 1982), págs. 1172-75.

CRONOLOGIA DA VIGÉSIMA SEXTA DINASTIA:

Psamético I	54 anos	664 – 610 A.E.C.
Neco II	15	610 – 595
Psamético II	6	595 –| 589
Apriés (= Hofra)	19	589 – 570
Amásis	44	570 – 526
Psamético III	1	526 – 525

C-2: Sincronismos com a cronologia do período saítico

Será que a cronologia do período saítico egípcio concorda com a cronologia da era neobabilônica que foi estabelecida acima? Ou, em vez disso, harmoniza-se com a cronologia da Sociedade Torre de Vigia como esta é apresentada, por exemplo, em seu dicionário bíblico *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1, páginas 617 a 621?

Os quatro sincronismos com a cronologia egípcia já mencionados (sendo que os primeiros três provêm da Bíblia) decidem a questão:

> *Primeiro sincronismo — 2 Reis 23:29:* Nos seus dias [isto é, nos dias do rei Josias] subiu Faraó Neco, rei do Egito, contra o rei da Assíria junto ao rio Eufrates, e o Rei Josias passou a sair para enfrentá-lo; mas, assim que o viu, este o entregou à morte em Megido. (*TNM*)

Aqui se mostra claramente que o rei judaico Josias morreu em Megido no reinado do Faraó Neco do Egito. Segundo a cronologia da Sociedade Torre de Vigia, a morte de Josias ocorreu em 629 A.E.C. (Veja *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 2, pág. 604 e Vol. 3, pág. 74.) Mas segundo a evidência histórica clara, o reinado de Neco só começou *dezenove anos depois*, em 610 A.E.C. (veja a tabela acima).[109] Desse modo, a morte de Josias não ocorreu em 629 A.E.C. mas vinte anos depois, em 609.[110]

---

[109] Helck & Westendorf, *op. cit.*, Band IV, págs. 369-71. Neco ascendeu ao trono após a morte de seu pai Psamético I, na primavera ou no verão setentrional de 610 A.E.C., mas, segundo o método retroativo egípcio, seu primeiro ano foi contado a partir do início do ano civil egípcio, que teve início no dia 23 de janeiro do calendário juliano. — W. Barta, *op. cit.*, pág. 89.

[110] Para uma discussão da data exata da morte de Josias, veja a seção final do Apêndice: "Tabelas cronológicas que abrangem os setenta anos."

> *Segundo sincronismo — Jeremias 46:2:* Para o Egito, referente à força militar de Faraó Neco, rei do Egito, que veio a estar junto ao rio Eufrates, em Carquemis, a quem Nabucodorosor, rei de Babilônia, derrotou no quarto ano de Jeoiaquim, filho de Josias, rei de Judá. (*TNM*)

Esta batalha no "quarto ano de Jeoiaquim" é situada no ano 625 A.E.C. pela Sociedade Torre de Vigia (*Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 3, pág. 75.), o que, mais uma vez, não pode ser harmonizado com a cronologia contemporânea do Egito. Mas, se esta batalha em Carquemis ocorreu vinte anos depois, no ano de ascensão de Nabucodonosor, isto é, em junho de 605 A.E.C., segundo todas as linhas de evidência já apresentadas, descobrimos que esta data está em perfeita harmonia com o reinado reconhecido do Faraó Neco, 610–595 A.E.C.

> *Terceiro sincronismo — Jeremias 44:30:* Assim disse Jeová: "Eis que entrego Faraó Hofra, rei do Egito, na mão dos seus inimigos e na mão dos que procuram a sua alma, assim como entreguei Zedequias, rei de Judá, na mão de Nabucodorosor, rei de Babilônia, seu inimigo e aquele que procurava a sua alma". *(TNM)*

Como mostra o contexto (do versículo 1 em diante) estas palavras foram proferidas pouco depois da destruição de Jerusalém e de seu templo, quando o restante da população judaica tinha fugido para o Egito, após o assassinato de Gedalias. Naquele momento o Egito era governado pelo Faraó Hofra, ou Apriés, como Heródoto o chama.[111]

Se Apriés governava o Egito na ocasião em que os judeus fugiram para lá alguns meses depois da desolação de Jerusalém, esta desolação não pode ser datada em 607 A.E.C., porque Apriés só começou o reinado dele em 589 A.E.C. (veja a tabela acima). Mas, se datarmos a desolação de Jerusalém em 587 A.E.C., isto concorda bastante com os anos de reinado estabelecidos historicamente para ele: 589–570 A.E.C.

> *Quarto sincronismo:* Conforme já mencionado, este texto faz referência a uma campanha feita contra o rei Amásis ([Ama]-a-su) no trigésimo sétimo ano de Nabucodonosor. A tradução de A. L. Oppenheim deste minguado fragmento reza como segue: ". . . [n]o 37º

[111] Nas inscrições egípcias o nome dele é transcrito como *Wahibre*. Na versão Septuaginta do Velho Testamento (LXX), o nome está soletrado como *Ouafré*.

> ano, Nabucodonosor, rei de Bab[ilônia], mar[chou contra] o Egito (*Misir*) para travar uma batalha. [Amá]sis (no texto: [. . .]-*a(?)-su*), do Egito, [convocou seu e]xérci[to]. . . [. . .]*ku* da cidade de *Putu-Iaman*. . .regiões distantes que (é situado em ilhas) entre o mar. . . muitos. . . que/os quais (estão) no Egito. . . [le]vando, armas cavalos e [carruage]ns. . . ele chamou para ajudá-lo e. . . fez [. . .] em frente a ele. . . ele confiou. . . .”[112]

Este texto está muito danificado, mas declara definitivamente que a campanha no Egito ocorreu no “trigésimo sétimo ano” de Nabucodonosor, e embora seja verdade que o nome do faraó só esteja parcialmente legível, os sinais cuneiformes preservados parecem ajustar-se apenas a Amásis, e a nenhum outro faraó da vigésima sexta dinastia.

A Sociedade Torre de Vigia data o trigésimo sétimo ano de Nabucodonosor em 588 A.E.C. (*Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1, pág. 779), mas isto foi durante o reinado de Apriés (veja a tabela). Por outro lado, se o trigésimo sétimo ano de Nabucodonosor foi em 568/67 A.E.C., como é estabelecido por todas as linhas de evidência já apresentadas, esta data está em excelente harmonia com o reinado de Amásis (570–526 A.E.C.).

Conseqüentemente, nenhum dos quatro sincronismos com a cronologia egípcia, estabelecida independentemente, concorda com a cronologia desenvolvida pela Sociedade Torre de Vigia. A discrepância nessa contagem da Sociedade está numa constante desarmonia de aproximadamente vinte anos.

É interessante, porém, que todos os quatro sincronismos estão em perfeita harmonia com as datas a que se chegou com base nas outras linhas de evidências que foram discutidas. De modo que estes sincronismos com a cronologia egípcia acrescentam *mais uma* linha de evidência às outras que apontam constantemente para 587 A.E.C. como a data definitiva para a destruição de Jerusalém.

---

[112] Traduzido por A. Leo Oppenheim no *ANET*, de Pritchard (veja nota de rodapé 2 neste capítulo), pág. 308.

RESUMO E CONCLUSÃO

Apresentaram-se neste capítulo sete linhas de evidência contra qualquer possibilidade de datar a destruição de Jerusalém no ano 607 A.E.C., sendo que todas estas linhas de evidência estão de acordo em datar esse evento vinte anos depois. Pelo menos *quatro* destas linhas de evidência são claramente *independentes entre si*.

Consideremos primeiramente as três linhas de evidência que são interdependentes:

(1) Historiadores antigos, as crônicas neobabilônicas e a lista de reis de Uruque

Primeiramente, vimos que no terceiro século A.E.C. o sacerdote babilônico Beroso escreveu uma história de Babilônia, citada por historiadores posteriores, tanto do período A.E.C. como do início da E.C. A validade das datas apresentadas por Beroso em sua história é comprovada por ele refletir fielmente o conteúdo do material histórico agora disponível nas antigas tabuinhas cuneiformes que foram descobertas em Babilônia, particularmente as *Crônicas Neobabilônicas* (uma série de esboços históricos que narram certos episódios referentes ao Império Babilônico, principalmente registros de sucessão real e de campanhas militares empreendidas) e também as *listas reais babilônicas* (particularmente a que veio a ser conhecida como *Lista de Reis de Uruque*) que alista os reis babilônicos por nome juntamente com os anos de reinado deles.

O mesmo ocorre com a fonte conhecida como *Cânon Real*, uma lista de reis babilônicos que, embora só esteja inteiramente preservada em manuscritos das *Tabelas Práticas* de Ptolomeu, datadas do oitavo século E.C. e em manuscritos posteriores, evidentemente parece ter sido a fonte comum na qual se baseou o astrônomo Cláudio Ptolomeu (70-161 E.C.) e outros estudiosos mais antigos, tais como Hiparco, do segundo século A.E.C., quando estes abordaram os eventos datados do período neobabilônico. Embora o Cânon Real tenha evidentemente utilizado fontes comuns às usadas por Beroso — ou seja, as antigas crônicas neobabilônicas e listas de reis — a ordem e o formato dos nomes de reis encontrados no Cânon diferem da apresentação de Beroso, o suficiente para indicar que os dois registros foram desenvolvidos de maneira independente entre si.

Reconhece-se que as *crônicas neobabilônicas* descobertas até agora ainda estão incompletas, e também que alguns dos números referentes aos reinados dos reis neobabilônicos constantes na *Lista de Reis de Uruque* estão danificados e só parcialmente legíveis. Porém, todos os números que *constam* lá e *são* legíveis nestas tabuinhas cuneiformes concordam com os números correspondentes, encontrados tanto nos escritos de Beroso como na listagem do Cânon Real.

Há, portanto, forte razão para crer que a informação cronológica originalmente presente nessas fontes neobabilônicas foi preservada sem alterações por Beroso e pelo Cânon Real. Ambos os registros estão de acordo no tocante à duração total da era neobabilônica. Na área crucial sob investigação aqui, seus números indicam 604/03 A.E.C. como o primeiro ano do reinado de Nabucodonosor, e 587/86 A.E.C. como seu décimo oitavo ano quando ele devastou Jerusalém.

Embora esta evidência seja significativa, permanece o fato de que Beroso e o Cânon Real são fontes secundárias, e até mesmo essas antigas tabuinhas conhecidas como Crônicas Babilônicas e Lista de Reis de Uruque são evidentemente cópias de originais mais antigos. Que evidência, então, dá base para crermos que os registros em questão foram realmente escritos *contemporaneamente* às épocas e aos eventos descritos?

(2) *As inscrições Nabon. nº. 18 e Nabon. nº. 8 (a Estela de Hila)*

Além das Crônicas Babilônicas e listas de reis, há outros documentos antigos que dão evidência de ser, não cópias, mas originais. A inscrição real *Nabon. nº. 18*, datada com a ajuda de outra inscrição conhecida como *Crônica Real* do segundo ano de Nabonido, fixa astronomicamente este ano em 554/53 A.E.C. Como o reinado de Nabonido terminou com a queda de Babilônia em 539 A.E.C., esta inscrição mostra que o período total do reinado dele foi de dezessete anos (555/54 — 539/38 A.E.C.).

A *duração total do período neobabilônico anterior a Nabonido* é fornecida pela inscrição *Nabon. nº. 8* (a Estela de Hila) que diz que o tempo decorrido do décimo sexto ano do primeiro rei, Nabopolassar, até o ano de ascensão do último rei, Nabonido, foi de cinqüenta e quatro anos. Dessa forma, a estela fixa o décimo sexto ano de Nabopolassar em 610/09 A.E.C.

Se este foi o décimo sexto ano de Nabopolassar, o vigésimo

primeiro e último ano dele foi 605/04 A.E.C., o primeiro ano de Nabucodonosor foi então 604/03 A.E.C. e o décimo oitavo ano dele foi 587/86, o ano da destruição de Jerusalém.

(3) Nabon. H 1, B (Estela de Adade-Gupi)

Nabon. H 1, B (a *Estela de Adade-Gupi*) dá os reinados de todos os reis neobabilônicos desde Nabopolassar até o nono ano de Nabonido (com exceção do de Labashi-Marduque, uma vez que o curto reinado dele não afeta a cronologia apresentada). Uma vez que a Sociedade Torre de Vigia aceita indiretamente um reinado de dezessete anos para Nabonido (como se mostrou acima na discussão da *Crônica de Nabonido*), só a *Estela de Adade-Gupi* já derruba a data de 607 A.E.C. para a desolação de Jerusalém e mostra que este evento ocorreu vinte anos depois, em 587 A.E.C.

Podem-se logicamente agrupar estas três linhas de evidência porque não há como estabelecer claramente que os vários documentos envolvidos são completamente independentes entre si. Conforme já se indicou, há razões para crer que tanto em Beroso como no Cânon Real as informações apresentadas foram obtidas de crônicas babilônicas e listas de reis. É possível também que a informação cronológica fornecida nas inscrições reais tenha sido derivada das crônicas (embora isto seja algo que não se pode provar).[113] A sugestão de Grayson, de que as próprias crônicas podem ter sido compostas por meio da informação fornecida nos "diários" astronômicos, foi fortemente contestada por outros estudiosos.[114]

Todavia, esta possível interdependência de algumas destas fontes, não anula o peso da evidência conclusiva que elas provêem. Visto que as *antigas inscrições reais* preservam informação cronológica que é *contemporânea* à própria era neobabilônica, temos todas as razões para aceitar isto como informação *factual* e *verdadeira*. Isto seria verdade mesmo que esta informação fosse baseada em *crônicas* babilônicas

---

[113] "*Assíria e Babilônia*", A. K. Grayson, *Orientalia*, Vol. 49 (1980), pág. 164 em inglês.

[114] *Ibid.*, pág. 174. Cf. *Observações e Predições de Períodos de Eclipse por Astrônomos Antigos*, John M. Steele (em inglês - Dordrecht, etc.: Publicadores Acadêmicos Kluwer, 2000), págs. 127, 128. As observações astronômicas registradas nestes diários devem em todo o caso ser tratadas como linhas de evidência à parte e independentes.

contemporâneas. Pois, embora a cronologia destas crônicas esteja preservada em apenas algumas cópias fragmentárias, em uma lista de reis posterior e também por Beroso e pelo Cânon Real, a *concordância* entre estas fontes posteriores e as antigas *inscrições reais* é impressionante. Esta concordância confirma que os números que estavam nas crônicas neobabilônicas originais foram preservados corretamente nestas fontes posteriores.

Restam então quatro linhas de evidência que dão forte evidência de serem independentes.

(4) Documentos econômico-administrativos e jurídicos

Chegaram às nossas mãos dezenas de milhares de textos econômicos, administrativos e legais do período neobabilônico, que especificam o dia, o mês e o ano do rei reinante. Existe um grande número de tabuinhas datadas para cada ano de todo este período. De modo que a duração do reinado de cada rei pode ser estabelecida por estes documentos, *às vezes quase com precisão de dia*.

Os resultados obtidos concordam de perto com os números fornecidos por Beroso, pelo Cânon Real e pelas crônicas e inscrições reais contemporâneas ao reinado de Nabonido.

Os vinte anos exigidos pela cronologia da Sociedade Torre de Vigia estão totalmente ausentes.

Os documentos comerciais e administrativos são documentos *originais*, *contemporâneos à* própria era neobabilônica o que torna esta linha de evidência extremamente forte. Estes documentos apontam definitivamente para 587/86 A.E.C. como sendo o décimo oitavo ano de reinado de Nabucodonosor, quando ele devastou Jerusalém.

(5) Evidência prosopográfica

O *estudo prosopográfico* das tabuinhas cuneiformes provê vários meios de conferir a precisão da cronologia neobabilônica.

As carreiras de escribas, administradores de templo, escravos, comerciantes e outros, podem ser rastreadas por décadas, em alguns casos por quase todo o período neobabilônico, entrando na era persa. Milhares de documentos datados lançam luz sobre as atividades destas pessoas, incluindo as atividades comerciais, jurídicas, religiosas, familiares e outras. Muitos textos tratam de assuntos que se estendem

por semanas, meses ou até mesmo anos, tais como inventários, arrendamentos de terra ou casas, prestações de dívidas, aluguel de escravos e gado, escravos fugitivos, procedimentos de tribunal, e assim por diante.

As atividades de algumas pessoas podem ser rastreadas por quase toda a vida delas. Mas nunca se encontra um caso em que tais atividades extrapolem os limites cronológicos estabelecidos para o período, fazendo-as pertencer a algum intervalo desconhecido de vinte anos, que a Sociedade Torre de Vigia acrescentaria à era neobabilônica. Na realidade, a inserção destes vinte anos não só distorceria o entendimento das carreiras, atividades e relações familiares de muitos indivíduos, como também daria a muitos deles um período de vida incomum para a época e mesmo para os dias de hoje.

(6) Junções de interligação cronológica

Às vezes um texto pode conter atividades e datas que se cruzam em dois ou mais reinados sucessivos, de maneira tal que conecta cronologicamente tais reinados e exclui qualquer possibilidade de se inserir reis e anos adicionais entre eles.

Conforme foi demonstrado nesta seção específica, existem muitos de tais documentos que interligam cada reinado com o seguinte *ao longo de todo o período neobabilônico*. Embora se tenham apresentado onze documentos deste tipo neste capítulo, um exame atento de dezenas de milhares de tabuinhas não publicadas do período neobabilônico provavelmente multiplicaria o número. Todavia, os que foram apresentados bastam para mostrar que a ajuda de tais "junções cronológicas" já é suficiente para que estabeleçamos firmemente a duração de toda a era neobabilônica.

(7) Sincronismos com a cronologia egípcia contemporânea

A cronologia dos reis egípcios contemporâneos provê um excelente teste da cronologia neobabilônica, uma vez que há quatro sincronismos conectados a ela, três dos quais sendo fornecidos na Bíblia.

Estes sincronismos têm extrema importância, uma vez que a cronologia egípcia contemporânea foi estabelecida *independentemente* das cronologias de outras nações daquela época. No entanto, mostrou-se que a cronologia egípcia está em completa harmonia com os dados

fornecidos por Beroso, pelo Cânon Real, e por todos os documentos cuneiformes discutidos neste capítulo, enquanto uma comparação com a cronologia da Sociedade Torre de Vigia mostra uma constante diferença de aproximadamente vinte anos.

Todos estes quatro sincronismos com a cronologia egípcia refutam a data de 607 A.E.C. para a desolação de Jerusalém e mais uma vez apóiam 587/86 A.E.C. como sendo a data correta para esse evento.

A evidência de todo este material é sobrepujante e certamente deveria ser *conclusiva*. Para a maioria dos estudiosos, apenas *duas ou três* destas sete linhas de evidência já constituiriam prova suficiente da exatidão da cronologia neobabilônica. Para os líderes da Sociedade Torre de Vigia, porém, nem mesmo *sete* linhas de evidência são o bastante para fazê-los mudar de idéia, como se vê pela sua constante rejeição dessa evidência que já lhes foi apresentada.

Já que a cronologia constitui a própria base das principais reivindicações e mensagem da organização, eles evidentemente sentem que muita coisa está em jogo se abandonarem sua cronologia dos tempos dos gentios, a saber, nada menos que a própria posição de autoridade divina que alegam ocupar. Assim, é extremamente improvável que até mesmo *o dobro* do número de linhas de evidência faça qualquer diferença para eles.

Para sermos rigorosos, porém, *sete linhas adicionais* de evidência serão apresentadas em detalhes no próximo capítulo e algumas outras serão descritas brevemente. Como todas são baseadas em antigos textos *astronômicos* babilônicos, a apresentação delas tem o objetivo de converter a cronologia de toda a era neobabilônica naquilo que é chamado de *cronologia absoluta*.

4

A CRONOLOGIA ABSOLUTA DA ERA NEOBABILÔNICA

CONFORME JÁ FOI EXPLICADO no Capítulo 2, uma cronologia absoluta é geralmente mais bem estabelecida com a ajuda de antigas observações astronômicas.

Embora a Bíblia não registre qualquer observação que se possa usar para fins de datação, mencionou-se que em 2 Reis 25:2, 8 a data da desolação de Jerusalém no "décimo primeiro ano do Rei Zedequias", o último rei de Judá, é sincronizada com o "*décimo nono ano do Rei Nabucodonosor*", o desolador babilônico da cidade. Se pudermos fazer a fixação astronômica do reinado de Nabucodonosor em relação à nossa era, é possível estabelecer a data A.E.C. da desolação de Jerusalém.

Neste capítulo será demonstrado que o período neobabilônico *inteiro*, incluindo o reinado de Nabucodonosor, pode ser estabelecido como *cronologia absoluta* com a ajuda de documentos cuneiformes astronômicos encontrados na Mesopotâmia.

O estudo dos documentos astronômicos babilônicos

O estudo dos textos cuneiformes astronômicos começou há mais de cem anos. Nessa época, um dos principais assiriologistas era J. N. Strassmaier (1846-1920). Ele foi um diligente copista dos textos cuneiformes que, a partir de 1870, estavam sendo trazidos em enormes quantidades da Mesopotâmia para o Museu Britânico.

Strassmaier descobriu que grande parte dos textos continha dados astronômicos. Ele enviou cópias destes textos a seu colega J. Epping, que ensinava matemática e astronomia em Falkenburg, Holanda. Epping (1835-1894), dessa forma, viria a se tornar o pioneiro no estudo dos textos astronômicos babilônicos. Depois da morte dele, outro colega de Strassmaier, Franz Xaver Kugler (1862-1929), assumiu o trabalho de Epping.

Poucos, se é que houve alguém, contribuíram tanto para o estudo dos textos astronômicos como Kugler. Ele publicou seus resultados em uma série de obras monumentais, tais como *Die Babylonische Mondrechnung* (1901), *Sternkunde und Sterndienst in Babel*, Vol. I e II (1907-1924), e *Von Moses bis Paulus* (1922). Os dois últimos trabalhos incluem estudos detalhados de cronologia antiga, na qual os textos astronômicos são completamente elucidados e estudados a fundo.[1]

Após a morte de Kugler em 1929, alguns dos principais nomes no estudo da astronomia babilônica foram P. J. Schaumberger (falecido em 1955), Otto Neugebauer (1899-1990) e Abraham J. Sachs (1914-1983). Muitos outros estudiosos modernos contribuíram muito para a compreensão dos textos astronômicos, sendo que alguns deles foram consultados para a discussão que segue.

A astronomia antiga

Como se pode deduzir à base das tabuinhas astronômicas babilônicas, um estudo regular e sistemático do céu começou em meados do oitavo século A.E.C., talvez até antes disso. Observadores treinados eram usados especificamente para efetuar uma observação regular das posições e movimentos do sol, da lua e dos planetas, e registrar diariamente os fenômenos observados.

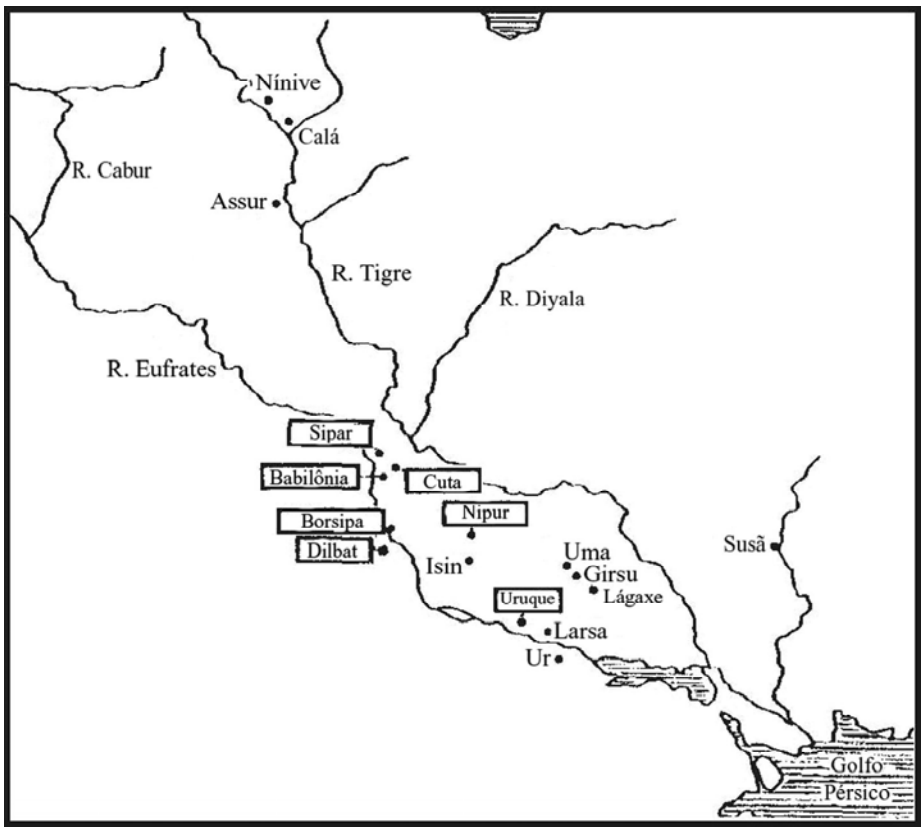
Esta atividade regular era executada em vários locais de observação na Mesopotâmia, situados nas cidades de Babilônia, Uruque, Nipur, Sipar, Borsipa, Cuta, e Dilbat.[2] (Veja o mapa acompanhante.)

Em resultado desta atividade, os estudiosos babilônicos reconheceram em uma fase inicial os vários ciclos do sol, da lua e dos cinco planetas visíveis a olho nu (Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, e Saturno), o que os permitiu predizer certos fenômenos, tais como eclipses lunares.

---

[1] Os resultados de Kugler são de valor duradouro. O Dr. Schaumberger afirma que Kugler "fixou a cronologia para os últimos séculos antes de Cristo em todos os aspectos essenciais, tendo prestado assim um serviço inestimável à ciência histórica". — "Drei babylonische Planetentafeln der Seleukidenzeit", P. J. Schaumberger, *Orientalia*, Vol. 2, Nova Series (Roma, 1933), pág. 99.

[2] Na época assíria, tais observações eram também feitas nas cidades de Assur e Nínive. Possivelmente as observações em Babilônia eram feitas do topo de torres-templos, ou *zigurates*, tais como o zigurate de Etemenanki, em Babilônia.



Locais de Observação Astronômica em Babilônia

Finalmente, nas eras persa e selêucida, eles tinham desenvolvido um nível muito alto de astronomia científica e matemática que jamais tinha sido alcançado por qualquer outra civilização antiga.[3]

[3] Tem sido mencionado com freqüência que o interesse babilônico no céu tinha em grande medida uma motivação *astrológica*. Embora isto seja verdade, o Professor Otto Neugebauer indica que o principal objetivo dos astrônomos babilônicos não era a astrologia, e sim o estudo de problemas do calendário. (Otto Neugebauer, *Astronomia e História. Ensaios selecionados.* Nova Iorque: Springer-Verlag, 1983, pág. 55 em inglês.) Para comentários adicionais sobre a motivação astrológica, veja o Apêndice ao Capítulo 4, Seção 1: "A astrologia como uma razão para a astronomia babilônica."

*A natureza dos textos astronômicos babilônicos**

Embora também se tenham encontrado textos cuneiformes astronômicos nas ruínas de Nínive e Uruque, a maior parte deles — aproximadamente 1.600 — veio de um arquivo astronômico de algum lugar da cidade de Babilônia.

O arquivo foi encontrado e esvaziado por habitantes locais de aldeias próximas, e o local exato em que foi encontrado dentro da cidade não é conhecido hoje. A maioria dos textos foi obtida para o Museu Britânico por meio de negociantes na última parte do século dezenove.

Cerca de 300 dos textos dizem respeito à astronomia matemática científica e são dos últimos quatro séculos A.E.C. A maior parte deles consiste em *efemérides*, ou seja, tabelas que contêm cálculos das posições da lua e dos cinco planetas visíveis a olho nu.

Todavia, a maior parte dos textos restantes, cerca de 1.300, não se compõe de textos matemáticos e sim de natureza *observacional*. As observações datam desde aproximadamente 750 A.E.C. até o primeiro século da Era Cristã.[4] O grande número de textos observacionais é da mais extrema importância para estabelecer a cronologia absoluta de todo este período.

Com respeito ao conteúdo, os textos não matemáticos podem ser subdivididos em várias categorias. De longe, o maior grupo é o dos chamados *"diários" astronômicos*. Estes registram regularmente um grande número de fenômenos, incluindo as posições da lua e dos planetas. Geralmente se aceita que tais "diários" foram mantidos continuamente de meados do oitavo século A.E.C. em diante. As outras categorias de textos, que incluem *almanaques* (cada um

---

* Uma abordagem de evidência astronômica envolve necessariamente muitos dados técnicos. Alguns leitores podem preferir pular isto e ir direto ao resumo no fim deste capítulo. De qualquer maneira, os dados técnicos encontram-se lá para confirmação.

[4] "Matemática, Astrologia e Astronomia Babilônica", Asger Aaboe, *História Antiga - Universidade de Cambridge*, Vol. III:2 (Cambridge: Editora da Universidade de Cambridge, 1991), págs. 277-78, em inglês. Os textos referentes a observações podem também conter ocasionalmente descrições de eclipses calculados com antecedência.

registrando dados astronômicos para um ano babilônico específico), textos com *observações planetárias* (sendo que cada um fornece dados para um planeta específico) e textos que registram *eclipses lunares*, eram aparentemente trechos dos "diários".

Assim, embora só reste um punhado de diários dos últimos quatro séculos A.E.C., um grande número de observações registradas nos outros diários compilados neste período primitivo foi preservado nestes trechos.

Um exame rigoroso de todos os textos não matemáticos foi iniciado há várias décadas pelo Dr. A. J. Sachs, que dedicou os últimos trinta anos de sua vida ao estudo destes textos.[5] Depois da morte dele em 1983, o trabalho de Sachs foi continuado pelo Professor Hermann Hunger (de Viena, Áustria), que é hoje o principal perito em textos de observações astronômicas. Estas duas autoridades foram consultadas para a discussão que segue.

A. OS DIÁRIOS ASTRONÔMICOS

Um "diário" normalmente abrange os seis ou sete meses da primeira ou segunda metade de um ano babilônico específico e registra, com freqüência em base diária, as posições da lua e dos planetas em relação a certas estrelas e constelações, fornecendo também detalhes de eclipses lunares e solares. Acrescentam-se muitas informações, tais como eventos meteorológicos, terremotos, preços de mercado e dados similares. Às vezes se registram também eventos históricos.[6] Como

[5] Os vários tipos de textos foram classificados por A. J. Sachs na *Revista de Estudos Cuneiformes*, Vol. 2 (1948), págs. 271-90, em inglês. Na obra *A Astronomia Babilônica Antiga e Textos Relacionados* (em inglês - Providence, Rhode Island: Editora da Universidade Brown, 1955), Sachs apresenta um catálogo extenso dos textos cuneiformes astronômicos, astrológicos, e matemáticos, a maioria dos quais compilados por T. G. Pinches e J. N. Strassmaier, no final do século dezenove. O catálogo alista 1.520 textos astronômicos, mas foram descobertos muitos outros desde então.

[6] Evidentemente os escribas mantiveram registros contínuos de suas observações, como se pode ver à base de tabuinhas menores que abrangem muitos períodos mais curtos, às vezes de apenas alguns dias. Com base nestes foram compilados os diários mais longos. — *Os Diários Astronômicos de Babilônia e Textos Relacionados*, A. J. Sachs & H. Hunger, Vol. I (Viena: Verlag derÖsterreichischen Akademie der Wissenschaften, 1988), pág. 12.

elas têm mais de 2.000 anos de idade, é só natural que estas tabuinhas de barro muitas vezes sejam fragmentárias.

Foram descobertos mais de 1.200 fragmentos de diários astronômicos de vários tamanhos, mas devido à condição fragmentária deles só cerca de um terço deste número é datável.

A maioria destes abrange o período de 385 a 61 A.E.C. e contém informação astronômica de aproximadamente 180 destes anos, estabelecendo assim firmemente a cronologia deste período.[7]

Seis dos diários são mais antigos. Os dois mais antigos são o *VAT 4956* do sexto século e o *B.M. 32312* do sétimo século A.E.C. Ambos fornecem datas absolutas que estabelecem firmemente a duração do período neobabilônico.

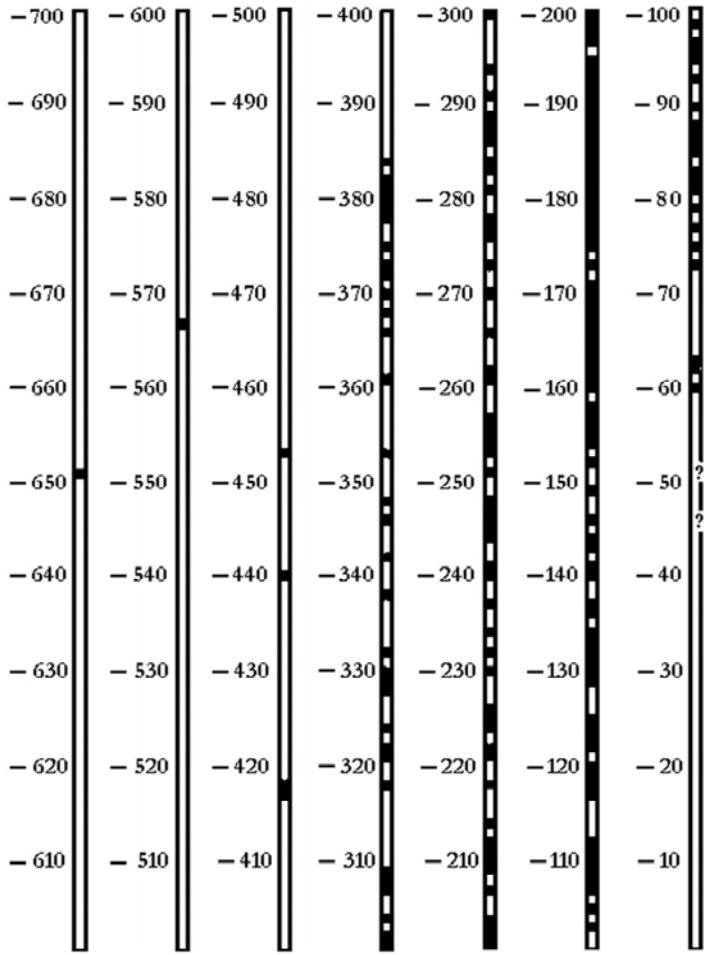
A-1: O diário astronômico VAT 4956

O diário astronômico mais importante para nossa discussão é denominado *VAT 4956* e é mantido no Departamento do Oriente Próximo ("Vorderasiatischen Abteilung") do Museu de Berlim. Este diário é datado de 1º de nisanu do trigésimo sétimo ano do reinado de Nabucodonosor até 1º de nisanu de seu trigésimo oitavo ano, registrando observações de cinco meses do trigésimo sétimo ano dele (meses 1, 2, 3, 11 e 12). A mais recente transcrição e tradução do texto é a de Sachs e Hunger, publicada em 1988.[8]

---

[7] Otto Neugebauer, por exemplo, explica: "Uma vez que os dados planetários e lunares com esta variedade e abundância definem a data de um texto com absoluta precisão — posições lunares em relação a estrelas fixas não permitem sequer 24 horas de incerteza que, de outra maneira estariam envolvidas no caso de datas lunares — temos aqui registros da história selêucida [312-64 A.E.C.] que são muito mais confiáveis do que qualquer outra fonte histórica material que temos à disposição". *Orientalistische Literaturzeitung*, Vol. 52 (1957), pág. 133.

[8] Sachs–Hunger, *op. cit.* (1988), págs. 46-53. A primeira tradução do texto, que também inclui um extenso comentário é a de P. V. Neugebauer e Ernst F. Weidner, "Ein astronomischer Beobachtungstext aus dem 37. Jahre Nebukadnezars II. (–567/66)", em *Berichte über die Verhandlungen der Königl. Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften zu Leipzig: Philologisch-Historische Klasse*, Band 67:2, 1915, págs. 29-89.



Os diários astronômicos datáveis existentes

O diário mais antigo é de 652/51 A.E.C. Em seguida vem o VAT 4956 de 568/67 A.E.C. A maioria abrange o período de 385 a 61 A.E.C., contendo informação astronômica de cerca de 180 destes anos. – O quadro é reproduzido com base em "A astronomia observacional babilônica", de A. J. Sachs, em *O Lugar da Astronomia no Mundo Antigo,* de F. R. Hodson, (Londres: Editora da Universidade de Oxford, 1974), pág. 47, em inglês.

Entre as muitas posições observadas, registradas no VAT 4956, há cerca de trinta descritas de modo tão exato que os astrônomos modernos podem estabelecer facilmente as datas precisas em que elas foram vistas. Procedendo assim eles puderam mostrar que todas estas observações (da lua e os cinco planetas então conhecidos) foram feitas durante o ano de 568/67 A.E.C.

Se o trigésimo sétimo ano do reinado de Nabucodonosor foi 568/67 A.E.C., segue-se que o primeiro ano dele foi 604/03 A.E.C., e o décimo oitavo ano dele, durante o qual ele devastou Jerusalém, foi 587/86 A.E.C.[9] Esta é a mesma data indicada por todas as *sete linhas de evidência* discutidas no capítulo anterior!

Poderiam todas essas observações ter sido feitas vinte anos antes, em 588/87 A.E.C., data que segundo a cronologia do dicionário bíblico da Sociedade de Vigia *Estudo Perspicaz das Escrituras*, correspondeu ao trigésimo sétimo do reinado de Nabucodonosor?[10] O mesmo dicionário (página 610 do Vol. 1, onde se faz uma óbvia referência ao VAT 4956) reconhece que "Cronologistas hodiernos salientam que tal combinação de posições astronômicas não se repetiria em milhares de anos."

Consideremos um exemplo. Segundo este diário, em 1º de nisanu do trigésimo sétimo ano de Nabucodonosor, o planeta Saturno pôde ser observado "em frente à Andorinha", a "Andorinha" (*SIM*) referindo-se à parte sudoeste da constelação de Peixes (Pisces) do Zodíaco.[11] Como Saturno tem uma órbita de aproximadamente 29,5 anos, ele se move pelo Zodíaco inteiro em 29,5 anos. Isto significa que pode ser observado em cada uma das doze constelações do Zodíaco por aproximadamente 2,5 anos. Significa também que Saturno poderia ter

---

[9] O diário atesta claramente que as observações foram feitas durante o trigésimo sétimo ano de Nabucodonosor. O texto começa com as palavras: "Ano 37 de Nabucodonosor, rei de Babilônia". A última data, encontrada perto do fim do texto, é: "Ano 38 de Nabucodonosor, 1º do mês I". — Sachs–Hunger, *op. cit.*, págs. 47, 53.

[10] *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 3 (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1992), pág. 54, debaixo do subtítulo "Toma Tiro".

[11] Sachs-Hunger, *op. cit.*, págs. 46-49. A expressão "em frente de", no texto, refere-se à rotação diária da esfera celeste em direção ao oeste e significa "para o oeste de." (*Ibid.*, pág. 22) Para uma abordagem dos nomes babilônicos das constelações, veja *Despertar da Ciência*, Bartel L. van der Waerden, Vol. II (em inglês - Nova Iorque: Editora da Universidade de Oxford, 1974), págs. 71-74, 97.

sido visto "em frente à Andorinha" 29,5 anos antes de 568/67 A.E.C., ou seja, em 597/96 A.E.C., mas com certeza não *20 anos* antes, em 588/87 A.E.C., a data que a Torre de Vigia gostaria de assinalar para o trigésimo sétimo ano de reinado de Nabucodonosor. Isso é simplesmente uma impossibilidade astronômica, mesmo no caso deste único planeta. Mas há *cinco planetas* que aparecem nas observações astronômicas do diário.

Adicione-se, portanto, as órbitas diferentes dos *outros quatro planetas*, cujas posições são especificadas várias vezes no texto, juntamente com as posições fornecidas para a *lua* em vários momentos do ano, e torna-se facilmente compreensível por que tal *combinação* de observações não se repetiria em milhares de anos. As observações registradas no VAT 4956 foram obrigatoriamente feitas no ano de 568/67 A.E.C., porque elas não se ajustam a qualquer outra situação que tenha ocorrido milhares de anos antes ou depois daquela data!

Assim o VAT 4956 dá mui forte apoio à cronologia da era neobabilônica estabelecida pelos historiadores. Tentando neutralizar esta evidência, a Sociedade Torre de Vigia prossegue dizendo no supracitado dicionário bíblico que, "Embora, para alguns, isso talvez pareça ser evidência incontestável, há fatores que reduzem grandemente o seu peso."

Quais são estes fatores? E será que eles reduzem realmente o peso da evidência presente nesta tabuinha antiga?

> (a) O primeiro é que as observações feitas em Babilônia podem ter contido erros. Os astrônomos babilônios mostraram a maior preocupação com eventos ou fenômenos celestes que ocorriam perto do horizonte, ao nascer ou ao pôr da lua ou do sol. No entanto, o horizonte, conforme visto de Babilônia, freqüentemente é obscurecido por tempestades de areia.

Daí, cita-se o Professor Otto Neugebauer como dizendo que Ptolomeu se queixou da "falta de observações planetárias fidedignas [da antiga Babilônia]".[12]

Todavia, muitas das observações registradas nos diários não foram feitas perto do horizonte, e sim mais para o alto no céu. Ademais, os astrônomos babilônicos tinham vários meios de lidar com condições de tempo desfavoráveis.

---

[12] *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1, pág. 610.

Conforme já foi mencionado, as observações eram feitas em *vários* locais da Mesopotâmia. O que não podia ser observado em um lugar devido a nuvens ou tempestades de areia, poderia provavelmente ser observado de algum outro local.[13]

Um método usado para superar a dificuldade de observar estrelas próximas do horizonte, devido à poeira, era observar, em vez disso, "a ocorrência simultânea de outras estrelas, as chamadas estrelas-*ziqpu*", ou seja, estrelas que cruzavam o meridiano mais para o alto no céu quando estavam em seu ponto culminante.[14]

Por fim, o horizonte visível de Babilônia não era obscurecido por tempestades de areia todos os dias, e alguns eventos planetários podiam ser observados por muitos dias ou semanas seguidas, também mais para o alto no céu, como por exemplo a posição de Saturno, o qual, segundo o texto, podia ser observado "em frente à Andorinha [a parte sudoeste da constelação de Peixes]." Conforme se indicou acima, Saturno pode ser observado em cada uma das doze constelações do Zodíaco por aproximadamente 2,5 anos em média.

Portanto, a posição de Saturno poderia ter sido observada próxima do lado sul da constelação de Peixes por vários meses seguidos, o que impossibilitaria que os astrônomos babilônicos, em suas observações regulares dos planetas, tivessem cometido algum erro quanto a onde este planeta poderia ser visto durante o trigésimo sétimo ano de Nabucodonosor, *apesar das freqüentes tempestades de areia*. Na realidade, o texto afirma diretamente que Saturno não só foi observado "em frente à Andorinha" em primeiro de nisanu (o primeiro mês), como também em primeiro de ayaru (o segundo mês)!

---

[13] Veja os comentários de Hermann Hunger (ed.) em *Relatórios Astrológicos para os Reis Assírios* (Helsinque: Editora da Universidade de Helsinque, 1992), pág. XXII.

[14] B. L. van der Waerden, *op. cit.*, págs. 77, 78. *Ziqpu* é o termo técnico babilônico para ponto culminante. O procedimento é explicado no famoso compêndio astronômico babilônico MUL.APIN do sétimo século A.E.C., aproximadamente (van der Waerden, *Ibid*.)

Diário Astronômico VAT 4956

O VAT 4956, agora no "Vorderasiatischen Abteilung" do Museu de Berlim, dá detalhes sobre 30 posições da lua e dos cinco planetas conhecidos na época do 37º ano de Nabucodonosor (568/67 A.E.C.), *estabelecendo esse ano como a data absoluta mais confiável do sexto século A.E.C.* — Reproduzido de *Os Diários Astronômicos de Babilônia e Textos Relacionados*, de A. J. Sachs & H. Hunger, Vol. I (Viena: Verlag der österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1988), Figura 3. Foto usada por cortesia do Museu Vorderasiatisches de Berlim.

Que as observações registradas no VAT 4956 estão substancialmente corretas pode-se ver à base do fato de que todas elas (com exceção de um ou dois erros de grafia contidos no diário) ajustam-se ao mesmo ano. Este não seria o caso se as observações estivessem erradas.[15]

O próximo fator trazido à atenção no dicionário bíblico da Sociedade Torre de Vigia, com a pretensão de reduzir a força do VAT 4956, é o fato de alguns diários não serem documentos originais e sim cópias posteriores:

> (b) Segundo, é fato que a grande maioria dos diários astronômicos encontrados não foram escritos na época dos impérios neobabilônicos ou persas, mas no período selêucida (312-65 A.E.C.), embora contenham dados relacionados com aqueles períodos anteriores. Os historiadores presumem que se trata de cópias de documentos anteriores.

Não há nada que mostre que a maioria dos diários são cópias posteriores, mas *alguns* são, conforme indicado por convenções tipográficas usadas no texto. Os diários mais antigos freqüentemente refletem a luta dos copistas para entender os documentos antigos que estavam copiando, alguns dos quais estavam quebrados ou de alguma maneira danificados, e muitas vezes os documentos usavam uma terminologia arcaica que os copistas tentavam "modernizar". É evidente que isto é verdade no caso do VAT 4956 também. Duas vezes no texto o copista acrescentou o comentário "quebrado", indicando que ele não conseguiu decifrar uma palavra na cópia. O texto reflete

---

[15] Alguns eventos registrados nos diários não são realmente observações, e sim eventos calculados com antecedência. Assim, o VAT 4956 registra um *eclipse da lua* que ocorreu no dia 15 do mês de simanu (o terceiro mês). Que este eclipse tinha sido calculado com antecedência é evidente a partir da expressão AN-KUlo *sin* (também transcrita *atalû Sin*) que denota um eclipse lunar predito. Menciona-se mais adiante no texto que o eclipse "foi omitido" (literalmente, "passado por alto"), ou seja, foi invisível em Babilônia. (Sachs-Hunger, *op. cit.*, Vol. I, 1988, págs. 23, 48, 49) Isto não significa que a predição falhou. A expressão quis dizer que *não se esperava que o eclipse fosse visto*. Segundo cálculos modernos, o eclipse ocorreu no dia 4 de julho de 568 A.E.C. (calendário juliano), mas, como ocorreu à tarde, não foi visível em Babilônia. O método que pode ter sido usado pelos astrônomos babilônicos para predizer este eclipse é abordado pelo Professor Peter Huber em B. L. van der Waerden (*op. cit.*, nota de rodapé 11 deste capítulo), págs. 117-120.

também sua tentativa de mudar a terminologia arcaica. Mas será que ele mudou também o *conteúdo* do texto?

A respeito disso os primeiros tradutores do texto, P. V. Neugebauer e E. F. Weidner, concluíram: "Até onde o conteúdo interessa, a cópia é naturalmente uma reprodução fiel do original"[16] Outros estudiosos que examinaram o documento desde então, concordam. O Professor Peter Huber declara:

> Só está preservado em uma cópia de data muito posterior, mas que parece ser uma cópia fiel (um pouco modernizada ortograficamente) de um original da época de NABUCODONOSOR.[17]

Suponhamos que alguma parte do material das cerca de trinta observações completas registradas no VAT 4956 tenha sido distorcida por copistas posteriores. Quão grande é a possibilidade de *todas* estas observações "distorcidas" se ajustarem a um único ano — exatamente aquele que é corroborado por Beroso, pelo Cânon Real, pelas crônicas, pelas inscrições reais, pelas tabuinhas comerciais, pela lista de reis de Uruque, e por muitos outros documentos — isto é, o trigésimo sétimo ano do reinado de Nabucodonosor? Erros acidentais deste tipo não "cooperam" a tal ponto extremo. Assim não há qualquer motivo razoável para duvidarmos de que as observações originais foram preservadas corretamente na cópia.

> (c) Finalmente, como no caso de Ptolomeu, embora as informações astronômicas (como agora interpretadas e entendidas) nos textos descobertos sejam basicamente exatas, isto não prova que a informação histórica acompanhante seja exata. Assim como Ptolomeu usou os reinados de reis antigos (conforme ele os entendia) simplesmente como estrutura em que colocar seus dados astronômicos, assim também os escritores (ou copistas) dos textos astronômicos do período selêucida

[16] P. V. Neugebauer e E. F. Weidner, *op. cit.* (veja a nota de rodapé 8 deste capítulo), pág. 39.
[17] Peter Huber em B. L. van der Waerden, *op. cit.*, pág. 96.

> talvez simplesmente inserissem nos seus textos astronômicos aquilo que então era a cronologia aceita, ou "popular", daquele tempo.[18]

O que a organização Torre de Vigia está sugerindo é que os copistas posteriores alteraram as datas encontradas nos "diários" com o fim de adaptá-las aos seus próprios conceitos sobre as antigas cronologias babilônica e persa. Assim, um escritor da revista *Despertai!* imagina que "o copista da 'VAT 4956' poderia, em harmonia com a cronologia aceita em seu tempo, ter inserido o 'trigésimo sétimo ano de Nabucodonosor'".[19] É plausível essa teoria?

Conforme foi mencionado acima, o VAT 4956 é datado de 1º de nisanu do trigésimo sétimo ano de Nabucodonosor a 1º de nisanu do trigésimo oitavo ano dele. Ademais, quase todos os eventos mencionados no texto são datados, com o *mês*, o *dia* e — quando necessário — o *período do dia* mencionado. Aproximadamente *quarenta* datas deste tipo são fornecidas no texto, embora o ano, naturalmente, não esteja repetido em todos estes lugares. Todos os diários conhecidos são datados de modo semelhante.

Para mudar os anos no texto, os copistas teriam sido obrigados a mudar também o nome do rei reinante. Por quê? Nabucodonosor morreu no quadragésimo terceiro ano de seu reinado. Se o trigésimo sétimo ano dele tivesse sido 588/87 A.E.C., como a Sociedade Torre de Vigia defende, ele deveria estar morto há muitos anos em 568/67 A.E.C., quando foram feitas as observações do VAT 4956.

É realmente provável que os copistas selêucidas tenham se empenhado em tais amplas falsificações? O que sabemos sobre a cronologia "popular" do tempo deles que é apontada na publicação da Torre de Vigia como sendo o motivo para esta fraude deliberada?

A cronologia da era neobabilônica elaborada por Beroso no início do período selêucida representa evidentemente o conceito

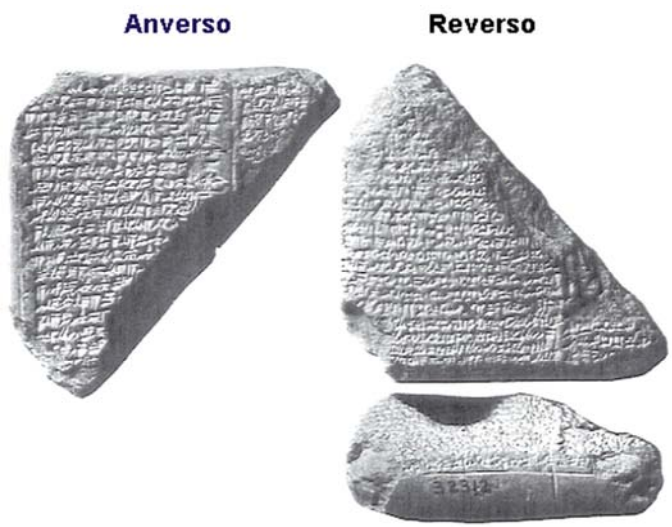
---

[18] *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1, pág. 610. Conforme foi indicado no Capítulo 3 deste livro (seção A-2), o chamado "Cânon de Ptolomeu" (ou, Cânon Real) não foi elaborado por Cláudio Ptolomeu. Ademais, uma vez que suas citações dos antigos textos astronômicos babilônicos que lhe estavam disponíveis mostram que estes já estavam datados para anos específicos de reinados de reis antigos, ele não poderia ter usado o cânon "como estrutura em que colocar seus dados astronômicos".

[19] *Despertai!* de 8 novembro de 1972, página 28.

contemporâneo "popular" de cronologia neobabilônica.[20] Se contarmos para trás a partir da queda de Babilônia em 539 A.E.C., os números que Beroso apresenta para os reinados dos reis neobabilônicos situam o trigésimo sétimo ano de Nabucodonosor em 568/67 A.E.C. como faz o VAT 4956.

Mais importante, conforme já se mostrou no Capítulo 3, a cronologia neobabilônica de Beroso *tem a mesma duração que a fornecida por muitos documentos contemporâneos à própria era neobabilônica*, tais como crônicas, inscrições reais, documentos comerciais, bem como documentos egípcios contemporâneos!



Diário astronômico B.M. 32312

Este diário fornece detalhes sobre as posições de Mercúrio, Saturno e Marte, que permitem datá-lo no ano de 652/51 A.E.C. Essa informação histórica é também repetida na *Crônica de Akitu,* sendo que nesta o fato é datado no 16º ano de Samas-sum-iuquin, estabelecendo que esse ano foi 652/51 A.E.C., o que impede qualquer acréscimo anterior à era neobabilônica. Foto usada como cortesia dos curadores do Museu Britânico.

[20] Conforme se explicou no Capítulo 3 deste livro (seção A-1), a cronologia de Beroso foi elaborada por volta de 281 A.E.C. A era selêucida começou em 312 A.E.C.

De modo que a cronologia neobabilônica "popular", conforme se apresentava na era selêucida, não era algo baseado em mera suposição, mas possui as qualificações de uma cronologia verdadeira e correta e não havia qualquer necessidade de os copistas alterarem os documentos antigos para adaptá-los a ela. Logo, a teoria de que eles falsificaram estes documentos não tem base. Além do que ela é completamente refutada por outros textos astronômicos, incluindo o próximo diário a ser discutido.

A-2: O diário astronômico B.M. 32312

Em um artigo publicado em 1974, o Professor Abraham J. Sachs faz uma breve apresentação dos diários astronômicos. Ao mencionar que o diário datável mais antigo contém observações do ano de 652 A.E.C., ele explica como conseguiu estabelecer sua data:

> Na primeira vez que tentei datar este texto, descobri que o conteúdo astronômico mal era adequado para tornar esta data praticamente certa. Foi um grande alívio quando consegui confirmar a data por encontrar uma combinação entre a observação histórica no diário e a declaração correspondente para – 651 em uma crônica histórica bem datada.[21]

Como este diário parecia ser de grande importância para a questão da cronologia babilônica, escrevi ao Professor Sachs lá em 1980 e formulei duas perguntas:

1. Que informação no diário torna a data – 651 [=652 A.E.C.], "praticamente certa?"
2. Que tipo de observação histórica no diário combina com qual declaração da crônica bem datada?

Em sua resposta o Professor Sachs incluiu uma cópia de uma fotografia do diário em questão, o *B.M. 32312*, e acrescentou informação que respondeu plenamente minhas duas perguntas. O conteúdo astronômico do diário estabelece claramente que as

---

[21] "Astronomia observacional babilônica", de A. J. Sachs, em *O Lugar da Astronomia no Mundo Antigo,* de F. R. Hodson (*Transações Filosóficas da Real Sociedade de Londres*, ser. A. 276, Londres: Editora da Universidade de Oxford, 1974), pág. 48, em inglês. – Com a finalidade de facilitar computações astronômicas, o ano que precede 1 E.C. é chamado de 0 em vez de 1 A.E.C. e o ano que precede 0 é chamado de –1 em vez de 2 A.E.C. Desse modo, o ano 652 A.E.C. é escrito astronomicamente como –651.

observações foram feitas no ano de 652/51 A.E.C. Sachs escreve que "os eventos astronômicos preservados (o último aparecimento de Mercúrio a leste, por trás da constelação de Peixes, o último aparecimento de Saturno por trás da constelação de Peixes, ambos por volta do dia 14 do mês I; o ponto estacionário de Marte na constelação de Escorpião no dia 17 do mês I; o primeiro aparecimento de Mercúrio na constelação de Peixes no dia 6 do mês XII) *determinam a data de maneira exclusiva*."[22]

É interessante que não se pode alegar que este diário foi redigido por copistas posteriores, porque o nome do rei, seu ano de reinado e os nomes dos meses estão faltantes. Mas estes dados podem ser providos de maneira justificada devido a uma observação histórica no fim do diário. Para "o dia 27" do mês (cujo nome não aparece) o diário diz que no local de "Hiritu na província de Sipar as tropas de Babilônia e da Assíria lu[taram] entre si, e as tropas de Babilônia bateram em retirada e foram pesadamente derrotadas."[23] Felizmente, é possível situar o momento desta batalha uma vez que ela é também mencionada em uma famosa crônica babilônica.

A crônica é a chamada Crônica de Akitu, *B.M. 86379* que abrange uma parte do reinado de Samas-sum-iuquin, especialmente os últimos cinco anos dele (do décimo sexto ao vigésimo). A batalha em Hiritu é datada de seu décimo sexto ano como segue:

> Décimo sexto ano de Samas-sum-iuquin:... No dia vinte e sete de adaru [o 12º mês] os exércitos de Assíria e de Acade [Babilônia] batalharam em Hirit.

---

[22] Carta de Sachs a Jonsson, datada de 10 de fevereiro de 1980. O diário foi publicado desde então em Sachs-Hunger, *op. cit.*, Vol. I (1988; veja a nota de rodapé 6 deste capítulo), págs. 42-47. Acerca dos dois primeiros eventos, o escriba diz: "Não fiz observação porque os dias estavam nublados". (*Ibid*., pág. 43) Esta declaração não torna as datas astronomicamente fixadas das posições menos certas. Conforme já se indicou, os estudiosos babilônicos não só conheciam os vários ciclos dos planetas visíveis, como também observavam regularmente seus movimentos diários bem como suas posições em relação a certas estrelas fixas ou constelações ao longo da eclíptica. Assim, mesmo que um planeta não pudesse ser observado por alguns dias devido a nuvens, sua posição podia ser facilmente deduzida com base no ponto em que estava quando foi visto pela última vez.

[23] Sachs-Hunger, *op. cit.*, pág. 45. Para uma discussão sobre esta batalha, veja *Babilônia 689-627 A.C.*, de Grant Frame (Leiden: Nederlands Historisch-Archaeologisch Institut te Istambul, 1992), págs. 144-45, 289-92.

> O exército de Acade se retirou do campo de batalha e uma grande derrota foi infligida sobre eles.[24]

Os eventos astronômicos descritos no diário fixam a batalha de Hiritu em 27 de adaru de 651 A.E.C.[25] A Crônica de Akitu mostra que esta batalha, neste dia e lugar, foi travada no décimo sexto ano de Samas-sum-iuquin. Assim o décimo sexto ano de Samas-sum-iuquin foi 652/51 A.E.C. Portanto, seu reinado completo de vinte anos pode ser datado de 667/66 – 648/47 A.E.C.

Ora, este é o modo como os historiadores têm datado o reinado de Samas-sum-iuquin por muito tempo, e é por isso que o Professor Sachs concluiu sua carta dizendo: "Talvez eu deva acrescentar que a cronologia absoluta do reinado de Samas-sum-iuquin nunca esteve em dúvida, e está sendo apenas confirmada mais uma vez pelo diário astronômico."

O reinado de Samas-sum-iuquin era conhecido, por exemplo, por meio do Cânon Real que dá vinte anos a ele e vinte e dois anos ao seu sucessor, Kandalanu. Depois disso Nabopolassar, o pai de Nabucodonosor, ascendeu ao trono.[26] Estes números concordam de perto com as antigas fontes cuneiformes. Documentos comerciais, bem como a Crônica de Akitu, mostram que Samas-sum-iuquin reinou por vinte anos. Documentos comerciais, apoiados pela Lista de Reis de Uruque, mostram também que do primeiro ano de Kandalanu ao primeiro ano de Nabopolassar decorreu um período de vinte e dois anos. Desse modo, a cronologia dessa era, suprida por estas fontes, é a seguinte:

Samas-sum-iuquin	20 anos	667 - 648 A.E.C.
Kandalanu	22 anos	647 - 626 A.E.C.
Nabopolassar	21 anos	625 - 605 A.E.C.
Nabucodonosor	43 anos	604 - 562 A.E.C.

[24] *Crônicas Assírias e Babilônicas*, A. K. Grayson (em inglês - Locust Valley, Nova Iorque: J. J. Augustin Publisher, 1975), págs. 131-32.

[25] Uma vez que o primeiro mês, nisanu, começou em março ou abril de 652 A.E.C., o décimo segundo mês, adaru, começou em fevereiro ou março de 651 A.E.C.

[26] Que Kandalanu foi sucedido por Nabopolassar é declarado diretamente na Crônica de Akitu: "Depois de Kandalanu, no ano de ascensão de Nabopolassar". — Grayson, *op. cit.*, pág. 132.

Embora o diário B.M. 32312 estabeleça uma data *anterior* ao período neobabilônico (que começou com Nabopolassar), mais uma vez está em harmonia com esta era e ajuda a confirmar sua cronologia.

De modo que este diário acrescenta ainda outra testemunha à quantidade crescente de evidência contra a data 607 A.E.C. Uma mudança do décimo oitavo ano de Nabucodonosor de 587 para 607 A.E.C. mudaria também o décimo sexto ano de Samas-sum-iuquin de 652 para 672 A.E.C. Mas o diário B.M. 32312 não permite essa alteração.

E, conforme já se mostrou, ninguém pode alegar que copistas posteriores inseriram "16º ano de Samas-sum-iuquin" neste diário, porque o texto está danificado neste ponto e esse dado está faltando! É a exclusiva informação histórica no texto, informação esta repetida na Crônica de Akitu, que estabelece que o diário é do décimo sexto ano de Samas-sum-iuquin.

De forma que este diário pode ser considerado como uma testemunha independente que apóia a autenticidade das datas fornecidas no VAT 4956 e em outros diários.[27]

---

[27] Um catálogo de documentos comerciais compilado por J. A. Brinkman e D. A. Kennedy, que inclui os reinados de Samas-sum-iuquin e Kandalanu está publicado na *Revista de Estudos Cuneiformes* (sigla em inglês: JCS), Vol. 35, 1983, págs. 25-52. (Cf. também JCS 36, 1984, págs. 1-6, e a tabela de G. Frame, *op. cit.*, págs. 263-68.) Textos cuneiformes mostram que Kandalanu morreu evidentemente em seu vigésimo primeiro ano de reinado, após o que vários pretendentes ao trono lutaram pelo poder, até que Nabopolassar conseguiu ascender ao trono. Alguns documentos comerciais alongam o período entre reinados por prolongarem artificialmente o reinado de Kandalanu até depois da morte dele, sendo o último desses documentos (B.M. 40039) datado do "22º ano" dele ("dia 2 de arasamnu [o 8º mês] do 22º ano *após Kandalanu*"). Este método é também usado pelo Cânon Real, que dá a Kandalanu um reinado de vinte e dois anos. Outros documentos ampliam o período de modo diferente. A Lista de Reis de Uruque dá a Kandalanu vinte e um anos, e dá o ano entre reinados a dois dos contendores, Sin-shum-lishir e Sin-shar-ishkun. (Veja o Capítulo 3 deste livro, seção B-1-b.) A crônica babilônica B.M. 25127 diz sobre o mesmo ano: "Por um ano não houve qualquer rei na terra". (Grayson, *op. cit.*, pág. 88) Entretanto, todos os documentos estão de acordo no que se refere à duração total do período de Samas-sum-iuquin a Nabopolassar. (Para detalhes adicionais sobre o reinado de Kandalanu, veja a abordagem de G. Frame, *op. cit.*, págs. 191-96, 209-13, 284-88.)

B. A TABUINHA DE SATURNO (B.M. 76738 + B.M. 76813)

Um dos textos astronômicos mais importantes do sétimo século A.E.C. é a tabuinha de Saturno, do reinado do rei babilônico Kandalanu (647-626 A.E.C.), antecessor de Nabopolassar, o pai de Nabucodonosor.

Este texto consiste de dois fragmentos, B.M. 76738 e B.M. 76813.[28] O texto foi descrito pela primeira vez por C. B. F. Walker em 1983 no *Boletim da Sociedade para Estudos Mesopotâmicos*.[29] Uma transcrição e tradução com uma abordagem completa do texto feita pelo Sr. C. B. F. Walker foi publicada recentemente.[30]

Como já foi explicado (na seção A-1 deste capítulo), o planeta Saturno tem uma órbita de aproximadamente 29,5 anos. Devido à órbita da terra em torno do sol, Saturno desaparece atrás do sol por alguns semanas e reaparece novamente em intervalos regulares de 378 dias.

A tabuinha de Saturno fornece as datas (ano de reinado, mês e dia no calendário babilônico) e as posições do planeta Saturno em seus primeiros e últimos aparecimentos por um período de quatorze anos sucessivos, especificamente os primeiros quatorze anos do reinado de Kandalanu (647-634 A.E.C.). O nome do rei, dado apenas na primeira linha, está parcialmente danificado, mas pode ser restaurado como [Kand]alanu. O nome do planeta não é mencionado em parte alguma no texto, mas as observações se ajustam a Saturno e a nenhum outro planeta.

Conforme o Sr. Walker explica:

> O nome do planeta Saturno não é fornecido na tabuinha, e o nome de Kandalanu é apenas uma restauração com base em poucos traços na primeira linha. Todavia, é certeza que estamos lidando com Saturno e Kandalanu. Saturno tem a movimentação mais lenta dos planetas visíveis, e só Saturno se

---

[28] Alistados como AH 83-1-18, 2109+2185 no *Catálogo das Tabuinhas Babilônicas no Museu Britânico*, E. Leichty et al, Vol. VIII (em inglês - Londres: Publicações do Museu Britânico Ltd, 1988), pág. 70.

[29] "Episódios na História da Astronomia Babilônica", de C. B. F. Walker, *Boletim da Sociedade para Estudos Mesopotâmicos*, Vol. 5 (Toronto, maio de 1983), págs. 20, 21, em inglês.

[30] "Observações babilônicas de Saturno durante o reinado de Kandalanu", C. B. F. Walker, em *Astronomia Antiga e Divinação Celestial,* de N. M. Swerdlow, (em inglês - Cambridge, Massachusetts e Londres: Editora do MIT, 2000), págs. 61-76.

> moveria nas distâncias indicadas entre os primeiros aparecimentos sucessivos.[31]

O texto está danificado em vários lugares, e muitos dos *números referentes a anos* são ilegíveis. Todavia, os anos 2, 3, 6, 7, 8 e 13 não estão danificados.

Além disso, cada ano é abrangido por duas linhas no texto, uma para o último aparecimento do planeta e a outra para o primeiro, sendo então de vinte e oito o número total de linhas que abrangem os quatorze anos. Com esta estrutura não há qualquer problema em restaurar os números referentes a ano que estão danificados.

A maioria das *posições* fornecidas para Saturno em seu primeiro ou último aparecimento estão legíveis.[32] O registro para o oitavo ano, que está quase completamente preservado é citado aqui como exemplo:

> Ano 8, mês 6, dia 5, atrás de Furrow[*] (α+ Virgem), último aparecimento.
>
> [Ano 8], mês 7, dia 5, 'entre' Furrow (α+ Virgem) e Balança (Libra), primeiro aparecimento.[33]

Qual é a implicação desta tabuinha astronômica para a cronologia da era neobabilônica? Conforme foi mencionado, Saturno tem uma órbita de 29,5 anos, o que também significa que o planeta se move pela eclíptica inteira neste período.

Mas, para o planeta ser visto novamente em um ponto específico (próximo a certa estrela fixa, por exemplo) da eclíptica *na mesma época do ano*, temos de esperar por 59 anos *solares* (2 x 29,5). Na verdade, este intervalo é muito mais longo no calendário *lunar* babilônico. Conforme C. B. F. Walker explica:

---

[31] Walker, *ibid*., pág. 63.

[32] Em três casos, as datas fornecidas para o primeiro ou último aparecimento são seguidas pelo comentário "não observado", sendo as nuvens mencionadas como razão impeditiva em dois casos; enquanto se diz no outro caso que o aparecimento foi "computado" (pela mesma razão). Conforme sugerido por Walker, "nestes casos as datas do primeiro ou do último aparecimento hipotético foram deduzidas com base na posição do planeta quando ele foi realmente visto pela primeira ou última vez". — *Ibid.*, págs. 64, 65, 74.

[*] ***NOTA DO TRADUTOR***: Até o momento desta tradução não existe o nome oficial em português para esta estrela nos círculos astronômicos. Algumas sugestões que damos aqui são "sulco" e "caule de cevada".

[33] *Ibid.*, pág. 65.

> Um ciclo completo de fenômenos de Saturno em relação às estrelas leva 59 anos. Mas, quando esse ciclo tem de ser ajustado ao calendário lunar de 29 ou 30 dias então ciclos idênticos repetem-se periodicamente em intervalos um tanto maiores que 17 séculos. Assim não há qualquer dificuldade em determinar a data deste texto.[34]

Em outras palavras, a cronologia absoluta do reinado de Kandalanu é definitivamente estabelecida pela tabuinha de Saturno, porque o padrão de posições descrito no texto e associado a datas específicas no calendário lunar babilônico *não se repete em mais de dezessete séculos!* Desse modo, os primeiros quatorze anos do reinado dele mencionados no documento são fixados em 647-634 A.E.C. Uma vez que o reinado completo de Kandalanu pode ser contado cronologicamente como sendo de vinte e dois anos (vinte e um anos mais um ano "após Kandalanu"; veja a seção A-2 deste capítulo), a tabuinha estabelece a cronologia absoluta do reinado dele como sendo 647-626 A.E.C.[35]

Assim como o texto anterior, já considerado, (B.M. 32312), a tabuinha de Saturno anula definitivamente as tentativas de alongar a cronologia do período neobabilônico. Se vinte anos fossem acrescentados a este período, o reinado de Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, teria de ser recuado de 625-605 para 645-625 A.E.C., e isto significaria recuar também o reinado do antecessor dele, Kandalanu, de 647-626 para 667-646 A.E.C. Os dados astronômicos na tabuinha de Saturno impossibilitam completamente tais mudanças.

C. AS TABUINHAS DE ECLIPSE LUNAR

Muitas das tabuinhas astronômicas babilônicas contêm relatos de eclipses lunares sucessivos, especificando o ano do rei reinante, o mês e com freqüência também o dia. Cerca de quarenta textos deste tipo, registrando várias centenas de eclipses lunares, de 747 até por volta de

---

[34] *Ibid.*, pág. 63.

[35] Em sua discussão anterior sobre a tabuinha, Walker mostra que o padrão de fenômenos de Saturno descrito neste texto, datado em termos da fase da lua, "ocorrerá na realidade a cada 1770 anos aproximadamente". — "Episódios na História da Astronomia Babilônica", de C. B. F. Walker, *Boletim da Sociedade para Estudos Mesopotâmicos*, Vol. 5 (em inglês - Toronto, maio de 1983), pág. 20.

50 A.E.C., foram catalogados por Abraham J. Sachs em 1955.[36]

Em cerca de um terço dos textos, os eclipses são organizados em grupos de 18 anos, evidentemente porque os babilônios sabiam que o padrão de eclipses lunares se repete em intervalos de aproximadamente 18 anos e 11 dias, ou exatamente 223 meses lunares (= 6.585 1/3 dias). Este ciclo era usado pelos astrônomos babilônicos "para predizer as datas de possíveis eclipses desde pelo menos o meio do 6º século A.C. e bem provavelmente muito antes disso".[37]

Como os eruditos modernos chamam este ciclo de *Saros*, os textos referentes aos períodos de 18 anos são freqüentemente chamados de *textos de ciclos Saros*.[38] Alguns destes textos registram séries de intervalos de 18 anos que se estendem por vários séculos.

A maioria dos textos referentes a eclipses lunares foi compilada durante a era selêucida (312-64 A.E.C.). Há evidência de que os registros de eclipses foram extraídos de diários astronômicos pelos astrônomos babilônicos, que evidentemente tiveram acesso a grande número de diários de séculos anteriores.[39] Assim, ainda que a maioria dos diários de séculos anteriores tenha se perdido, muitos dos registros sobre eclipses que eles continham foram preservados nestes trechos.

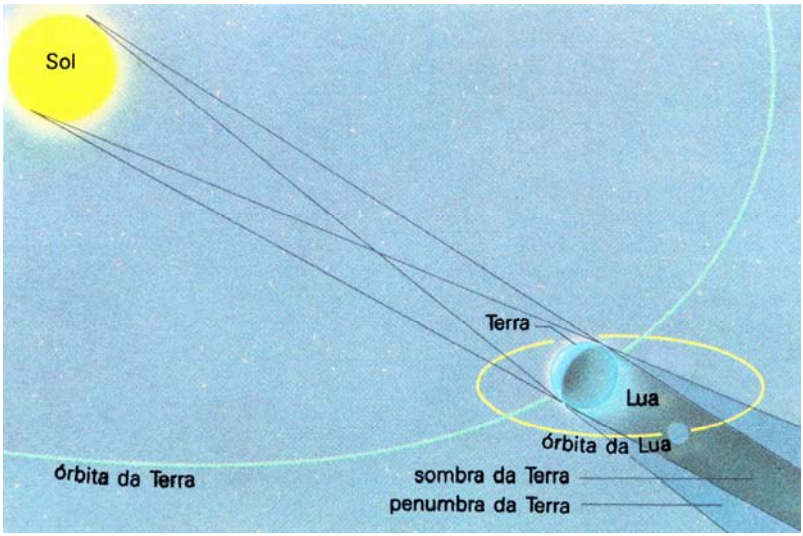
---

[36] *Antigos Textos Astronômicos Babilônicos e Textos Relacionados,* Abraham J. Sachs (em inglês - Providence, Rhode Island: Editora da Universidade Brown, 1955), págs. xxxi-xxxiii. Veja os de números 1413-30, 1432, 1435-52, e 1456-57. Para traduções da maior parte destes, veja *Os Diários Astronômicos de Babilônia e Textos Relacionados* (sigla em inglês: ADT), H. Hunger et al, Vol. V (Viena, 2001).

[37] "Rituais para uma possibilidade de eclipse no 8º ano de Ciro", Paul-Alain Beaulieu e John P. Britton, na *Revista de Estudos Cuneiformes*, Vol. 46 (1994), pág. 83, em inglês.

[38] A palavra grega *saros* é derivada da palavra babilônica *SAR*, a qual na realidade significava um período de 3.600 anos. "O uso do termo 'Saros' com o sentido dum ciclo de eclipse de 223 meses é um anacronismo moderno que se originou com Edmund Halley [*Phil. Trans*. (1691) 535-40]... O nome babilônico para este intervalo era simplesmente '18 anos'." — Beaulieu & Britton, *op. cit*., pág. 78, nota 11.

[39] "É quase certo que estes registros de eclipses só podem ter sido extraídos dos diários astronômicos". — "Astronomia observacional babilônica", A. J. Sachs, em *O Lugar da Astronomia no Mundo Antigo,* F. R. Hodson (*Transações Filosóficas da Real Sociedade de Londres*, ser. A. 276, 1974), pág. 44, em inglês. Veja também os comentários de F. Richard Stephenson e Louay J. Fatoohi, "Épocas de eclipses lunares registrados na história babilônica", no *Diário para a História da Astronomia*, Vol. 24:4, nº. 77 (1993), pág. 256, em inglês.



Eclipse Lunar

Eclipses lunares só são possíveis com lua cheia, quando a terra está entre a lua e o sol e a lua fica à sombra da terra. Isto ocorreria em toda lua cheia se o plano orbital da lua fosse o mesmo que o da terra (a *eclíptica*). Mas como o plano orbital da lua é inclinado aproximadamente 5° em relação à eclíptica, os eclipses lunares só podem ocorrer quando a lua, ao se aproximar de sua fase cheia, estiver perto de um dos dois pontos (*nós*) em que sua órbita cruza com a eclíptica. Isto ocorre em média a cada oito luas cheias, o que significa que ocorrem aproximadamente 1,5 eclipses lunares por ano, embora não aconteçam em intervalos de tempo uniformes. (Imagem da *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, Vol. 11, pág. 2044)

Muitos dos textos sobre eclipse foram compilados por T. G. Pinches e J. N. Strassmaier na parte final do século dezenove, e estas cópias foram publicadas por A. Sachs em 1955.[40] Traduções de alguns dos textos foram impressas em 1991.[41] Os demais textos, traduzidos por H.

[40] A. J. Sachs, *op. cit.* (1955; veja a nota de rodapé 36 deste capítulo), págs. 223 e seguintes.

[41] "Datas de Ciclos Saros e Textos Astronômicos Babilônicos Relacionados", A. Aaboe, J. P. Britton, J. A. Henderson, O. Neugebauer e A. J. Sachs, em *Transações da Sociedade Filosófica Americana*, Vol. 81:6 (1991), págs. 1-75, em inglês. Os textos de ciclos Saros publicados são os designados como LBAT 1422, 1423, 1424, 1425 e 1428 no catálogo de Sachs. Como estes textos pertencem a um pequeno grupo à parte de textos *teóricos*, nenhum deles é usado neste livro. (Veja J. M. Steele em ADT V, de H. Hunger, 2001, pág. 390.)

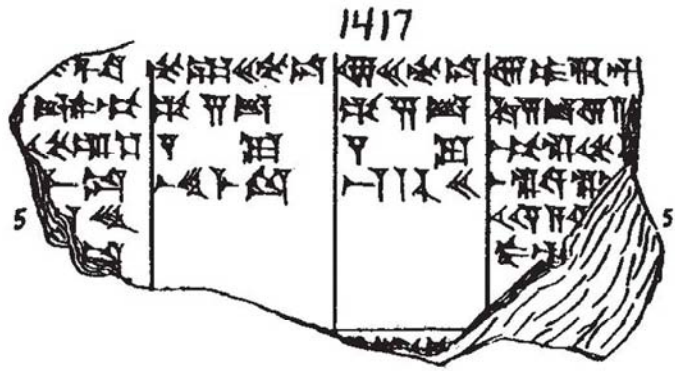
Hunger, foram publicados em ADT V, 2001. (Veja a nota de rodapé 36 deste capítulo.)

Um texto datilografado preliminar com transliterações e traduções da maioria dos textos de eclipses lunares foi preparado em 1973 pelo Professor Peter Huber, mas ele nunca aprontou este texto para publicação, embora por muito tempo ele tenha circulado extra-oficialmente entre eruditos. Os registros de Huber foram consultados para a discussão que segue, mas todo trecho usado foi conferido e em diversos casos foi melhorado ou corrigido pelo Professor Hermann Hunger, que depois publicou as transliterações e traduções destes textos.

Os textos que registram os eclipses lunares mais antigos são LBAT 1413 – 1421 do catálogo de Sachs. Só os últimos quatro destes, os de números 1418 a 1421, contêm eclipses do período neobabilônico. Mas como o LBAT 1417 contém eclipses dos reinados de Samas-sum-iuquin e Kandalanu, os últimos dois reis babilônicos antes do período neobabilônico (cf. seções A-2 e B deste capítulo), este texto é também uma testemunha importante no que se refere à duração do período neobabilônico.

Uma discussão de quatro destes textos e suas conseqüências para cronologia neobabilônica da Sociedade Torre de Vigia é apresentada na seção que segue.[42]

[42] Não se inclui aqui uma discussão do LBAT 1418, uma vez que este é um dos textos teóricos mencionados na nota 41 acima. Ele não contém qualquer nome real, apenas números referentes a ano. (Nomes reais geralmente só são mencionados no primeiro ano do rei.) Ainda assim, conforme indicado pelo Professor Hermann Hunger, "os registros de eclipses lunares são detalhados o suficiente para serem datados". A parte preservada do texto fornece anos e meses de possíveis eclipses lunares em intervalos de 18 anos, de 647 a 574 A.E.C. Os eclipses datados no texto em intervalos de 18 anos para os anos "2", "20", "16" e "13", por exemplo, correspondem aos eclipses nos anos "2" e "20" de Kandalanu (646/45 e 628/27 A.E.C.), ano "16" de Nabopolassar (610/09) e ano "13" de Nabucodonosor (592/91). Assim, o LBAT 1418 apóia fortemente a cronologia estabelecida para os reinados destes reis. — Uma transliteração e tradução desta tabuinha foi publicada por Hunger, em ADT V (2001), págs. 88, 89, em inglês.



Tabuinha de eclipse lunar LBAT 1417

A tabuinha registra quatro eclipses lunares em intervalos de 18 anos datados do 3º ano de Senaqueribe, do ano de ascensão e do 18º ano de Samas-sum-iuquin e do 16º ano de Kandalanu. Pode-se comprovar que os quatro eclipses ocorreram no dia 22 de abril de 686; 2 de maio de 668; 13 de maio de 650 e 23 de maio de 632 A.E.C. Publicado por A. J. Sachs, *Antigos Textos Astronômicos Babilônicos e Textos Relacionados* (em inglês - Providence, Rhode Island: Editora da Universidade Brown, 1955), pág. 223.

C-1: A tabuinha de eclipse lunar LBAT 1417

A LBAT 1417 registra quatro eclipses lunares em intervalos de 18 anos de 686 a 632 A.E.C. Ela parece ser parte da mesma tabuinha em que estão os dois textos anteriores na série, LBAT 1415 e 1416. A primeira entrada registra um eclipse do terceiro ano do reinado de Senaqueribe em Babilônia[43], que pode ser identificado com o eclipse que ocorreu no dia 22 de abril de 686 A.E.C. Infelizmente, o número do ano está danificado e só é parcialmente legível.

[43] As crônicas e as listas de reis babilônicas mostram que, em dois períodos, o rei assírio Senaqueribe foi também o verdadeiro governante de Babilônia, a primeira vez por dois anos (datados de 704-703 A.E.C.), e a segunda vez por oito anos (datados de 688-681 A.E.C.). O texto refere-se evidentemente ao segundo período.

O próximo registro, datado ao ano de ascensão de Samas-sum-iuquin, dá esta informação:

> Ano de ascensão de Samas-sum-iuquin,
> Ayaru, 5 meses,
> que passou.
> A 40º após o nascer do sol.

À primeira vista este relatório parece dar muito pouca informação. Mas nas poucas breves linhas há mais do que alguém poderia possivelmente imaginar.

Os astrônomos babilônicos desenvolveram uma terminologia técnica tão abreviada para descrever os vários fenômenos celestes, que os relatórios deles assumiram um caráter quase estenográfico. A frase acadiana traduzida por "que passou" (*shá DIB*), por exemplo, era usada com relação a um eclipse *predito* para indicar que ele *não seria visível*.

Conforme Hermann Hunger explica, "o eclipse era conhecido pelos babilônios como ocorrendo num momento em que a lua não podia ser observada. Isso *não* significa que eles procuravam um eclipse e se desapontavam por ele não ter ocorrido".[44] Os babilônios não só computavam este eclipse com alguma antecedência por meio de um ciclo conhecido (talvez o ciclo Saros); a computação deles mostrava também que ele não seria visível no horizonte babilônico.

Isto também se deduz com base na próxima linha, "A 40º depois do nascer do sol". 40º é uma referência ao movimento da esfera celeste, a qual, devido à rotação da terra, é vista fazendo um giro completo em 24 horas. Os babilônios dividiram este período em 360 unidades de tempo (graus) chamadas *USH*, cada uma das quais correspondendo a quatro minutos em nossa contagem. De modo que o texto nos diz que o eclipse foi calculado para ter início 160 minutos (40 USH x 4) depois do nascer do sol, o que significa que ele ocorreria de dia e assim não seria visível em Babilônia.

Modernos cálculos astronômicos confirmam isto. Se o primeiro ano de Samas-sum-iuquin foi 667/66 A.E.C. como geralmente se sustenta

---

[44] Carta de Hunger a Jonsson, datada de 21 de outubro de 1989. (Conforme também a nota de rodapé 15 deste capítulo.) Em uma carta posterior (datada de 26 de junho de 1990) Hunger acrescenta: "A expressão técnica referente ao observador esperar um eclipse e constatar que este não ocorre é 'não foi visto quando se esperava'."

(veja a seção A-2 deste capítulo), seu ano de ascensão foi 668/67. O eclipse é datado em ayaru, o segundo mês, que começou em abril ou maio. (Os "5 meses" indicam o intervalo de tempo passado desde o eclipse anterior.)

Será que houve um eclipse do tipo descrito no texto, naquele momento do ano de 668 A.E.C.? Sim, houve.

Catálogos modernos de eclipses lunares mostram que um eclipse assim ocorreu no dia 2 de maio de 668 A.E.C. (calendário juliano). Começou por volta das 9:20, hora local*, o que concorda aproximadamente com a computação babilônica, segundo a qual ele começaria 160 minutos — 2 horas e 40 minutos — depois do nascer do sol. Como o sol nasceu aproximadamente às 5:20, o erro de cálculo foi de aproximadamente 1 hora e 20 minutos.[45]

Na cronologia da Sociedade Torre de Vigia, o ano de ascensão de Samas-sum-iuquin é recuado vinte anos para 688/87 A.E.C. Nenhum eclipse lunar ocorreu em abril ou maio desse ano, mas houve um eclipse total no dia 10 de junho de 688 A.E.C. Todavia, contrário ao eclipse registrado no texto, este aqui *foi visível* em Babilônia. Ele é, portanto, uma alternativa impossível.

O próximo registro no texto é datado no décimo oitavo ano de Samas-sum-iuquin, ou seja, 650/49 A.E.C. Este eclipse também foi um calculado, predito para "passar" no segundo mês. Começaria

---

* Nota: As horas alistadas nesta discussão estão de acordo com o formato de 24 horas, em vez de 12 horas no formato "da manhã" (em inglês: a.m.) / "da tarde" (em inglês: p.m.).

[45] Veja *Cânon de Eclipses Lunares 1500 A.C. — 3000 D.C.* de Bao-Lin e Alan D. Fiala, (em inglês - Richmond, Virgínia: Willman-Bell, Inc., 1992), pág. 66, nº. 2010. Como se demonstrou no estudo detalhado que o Dr. J. M. Steele fez dos eclipses lunares babilônicos, a precisão das cronometragens babilônicas dos eclipses *observados* estava dentro de aproximadamente meia hora em comparação com os cálculos modernos, enquanto que a precisão das cronometragens de eclipses *preditos* normalmente estava em cerca de uma hora e meia. Deve-se notar que antes de por volta de 570 A.E.C. os babilônios também arredondaram suas cronometragens o mais próximo de 5-10 USH (20-40 minutos). Embora aproximadas, estas cronometragens são suficientes para que os eclipses sejam identificados. (Veja *Observações e Predições de Épocas de Eclipses por Astrônomos Antigos*, de John M. Steele, Dordrecht, etc.: Publicadores Acadêmicos Kluwer, 2000, págs. 57-75, 231-235.) Para comentários adicionais sobre a identificação de eclipses lunares antigos, veja o Apêndice ao Capítulo 4: "Alguns comentários sobre antigos eclipses lunares."

aproximadamente quatro horas (60 USH) "antes do pôr-do-sol." Segundo cálculos modernos o eclipse ocorreu no dia 13 de maio de 650 A.E.C. O cânon de Liu e Fiala mostra que ele começou às 16:25 e terminou às 18:19, cerca de meia hora antes do pôr-do-sol nessa época do ano.[46]

Segundo a cronologia da Sociedade Torre de Vigia, este eclipse ocorreu vinte anos antes, em 670 A.E.C. Nenhum eclipse lunar ocorreu em abril ou maio desse ano, mas houve um eclipse total no dia 22 de junho de 670 A.E.C. Porém, ele *não ocorreu* "antes de pôr-do-sol", como o registrado no texto, mas de manhã cedo, começando aproximadamente às 7:30. Assim, mais uma vez, ele não se ajusta.

O próximo e último registro do LBAT 1417 é datado no décimo sexto ano de Kandalanu. O eclipse registrado foi observado em Babilônia e são dados vários detalhes importantes:

> (Ano) 16 de Kandalanu
> (mês) simanu, 5 meses, dia 15. 2 Dedos (?)
> no lado nordeste coberto (?)
> No norte ele tornou-se brilhante. O vento norte [soprou]
> 20º começo, fase máxima, [e clareando.]
> Atrás de Antares (α Escorpião) [foi eclipsada.]

Conforme indicado pelos pontos de interrogação e colchetes, o texto está um tanto danificado em alguns lugares, mas a informação preservada é suficiente para identificar o eclipse. Ocorreu no "dia 15" de simanu, o terceiro mês, que começou em maio ou junho. "2 dedos" significa que ele foi parcial, com apenas dois doze avos do diâmetro da lua sendo eclipsados. A duração total do eclipse foi 20º, isto é, 80 minutos.

Se o décimo sexto ano de Kandalanu começou em 1º de nisã de 632 A.E.C., como geralmente se defende (compare com as seções A-2 e B deste capítulo), a questão é saber se houve um eclipse lunar deste tipo no terceiro mês daquele ano.

Cálculos modernos mostram que houve. Segundo o cânon de eclipses de Liu e Fiala, um eclipse começou no dia 23 de maio de 632 A.E.C. às 23:51 e durou até 1:07 do dia 24 de maio, o que significa que sua duração total foi de aproximadamente 76 minutos, ou seja, muito

[46] Liu/Fiala, *op. cit*., pág. 67, nº. 2056. O cálculo de Steele mostra que ele começou às 16:45.

próximo do período alistado no texto. O mesmo cânon dá a magnitude como sendo de 0.114.[47]

Estes dados estão em ampla harmonia com o registro antigo. Na cronologia da Sociedade Torre de Vigia, porém, este eclipse deveria ser procurado vinte anos antes, em maio, junho ou possivelmente julho de 652 A.E.C. É verdade que houve um eclipse no dia 2 de julho desse ano, mas em contraste com o *parcial*, registrado no texto, este foi *total*. Porém, como ele começou aproximadamente às 15:00, nenhuma fase dele foi visível em Babilônia.

Em resumo, a LBAT 1417 registra quatro eclipses lunares em intervalos sucessivos de 18 anos (18 anos e quase 11 dias) todos os quais podendo ser identificados facilmente com os que ocorreram em 21 de abril de 686, 2 de maio de 668, 13 de maio de 650 e 23 de maio de 632 A.E.C. Os quatro registros de eclipse são entrelaçados pelos sucessivos ciclos de Saros em um padrão que não se ajusta a qualquer outra seqüência de anos no sétimo século A.E.C.[48]

Desse modo, as últimas três datas são estabelecidas como sendo as datas absolutas do ano de ascensão e décimo oitavo ano de Samas-sum-iuquin e do décimo sexto ano de Kandalanu, respectivamente. A tentativa da Sociedade Torre de Vigia de acrescentar vinte anos à era neobabilônica, recuando assim em vinte anos os reinados dos reis, é mais uma vez impedida efetivamente por uma tabuinha astronômica babilônica, desta vez pelo texto de eclipse lunar LBAT 1417.

C-2: A tabuinha de eclipse lunar LBAT 1419

A LBAT 1419 registra uma série ininterrupta de eclipses lunares em intervalos de 18 anos de 609/08 a 447/46 A.E.C. Os primeiros registros, que evidentemente alistaram eclipses que ocorreram em setembro de 609 e março de 591 A.E.C., estão danificados. Nomes

---

[47] Liu/Fiala, *op. cit*., pág. 68, nº. 2103.

[48] Deve-se notar que o ciclo Saros não abrange um *mesmo* número de dias; ele consiste em 6.585 1/3 dias. A terça parte extra de um dia (ou cerca de 7,5 horas) dá a entender que os eclipses subseqüentes na série não se repetem *no mesmo período do dia*, e sim aproximadamente 7,5 horas depois, em cada ciclo sucessivo. A duração e a magnitude também variam de um eclipse para o seguinte no ciclo. Desse modo, não há como confundir um eclipse com o anterior ou com o seguinte na série. — Veja a discussão feita por Beaulieu e Britton, *op. cit.* (na nota de rodapé 37 deste capítulo), págs. 78-84.

reais e números de ano estão ilegíveis. Todavia, dois dos registros seguintes datam evidentemente do reinado de Nabucodonosor (as palavras entre parênteses são acrescentadas para elucidar os relatos lacônicos):

> 14º (ano de) Nebukadnezar,
> mês VI, (eclipse) que foi omitido [literalmente, "passou"]
> ao nascer do sol,
> .....
> 32º (ano de) Nebukadnezar,
> mês VI, (eclipse) que foi omitido.
> A 35º (= 35 USH, ou seja, 140 minutos) antes do pôr-do-sol.

O nome real no texto original está grafado como "Kudurri" que é uma abreviatura de *Nabu-kudurri-usur*, a forma transcrita de Nabucodonosor em acadiano.

O décimo quarto e o trigésimo segundo ano de Nabucodonosor são normalmente datados em 591/90 e 573/72 A.E.C., respectivamente. Os dois eclipses registrados, um ciclo de Saros à parte, ocorreram ambos no sexto mês (ululu) que começou em agosto ou setembro. Ambos foram calculados com antecedência, e os babilônios sabiam que nenhum dos dois seria visível em Babilônia. O primeiro eclipse começou "ao nascer do sol", o segundo, 140 minutos (35 USH) "antes do pôr-do-sol". Assim ambos ocorreram à luz do dia em Babilônia.

Isto é confirmado por cálculos modernos. O primeiro eclipse ocorreu no dia 15 de setembro de 591 A.E.C. Ele começou aproximadamente às 6:00. O segundo ocorreu na tarde do dia 25 de setembro de 573 A.E.C.[49] De modo que ambos os eclipses se ajustam muito bem à cronologia estabelecida para o reinado de Nabucodonosor.

Na cronologia da Sociedade Torre de Vigia, porém, os dois eclipses deveriam ser procurados vinte anos antes, em 611 e 593 A.E.C. Mas nenhum eclipse que se ajuste a esses descritos no texto ocorreu no

[49] Liu e Fiala, *op. cit.*, págs. 69-70, nºs. 2210 e 2256. Os registros também relatam eclipses no décimo segundo mês de ambos os anos, mas o texto está gravemente danificado em ambos os locais.

outono de qualquer um desses anos.[50]

O próximo registro, que relata o eclipse subseqüente no ciclo de 18 anos dá a seguinte informação detalhada:

> Dia 13 do 7º mês, a 17° no lado oriental,
> tudo (da lua) estava coberto. 28° fase máxima.
> A 20° clareou do leste ao oeste.
> Seu eclipse foi vermelho.
> Por trás da anca de Áries foi eclipsado.
> Durante o começo, o vento do norte soprou, durante o clarear, soprou o vento ocidental.
> A 55° antes do nascer do sol.

Como se declara no texto, este eclipse ocorreu no dia treze do sétimo mês (tasritu) que começou em setembro ou outubro. Infelizmente o nome real e o número do ano estão faltando.

Porém, conforme indica o Professor Hunger, "apesar disso o eclipse pode ser identificado com certeza devido às observações fornecidas".[51] Os vários detalhes sobre o eclipse — sua *magnitude* (total), *duração* (a fase total durando 112 minutos) e *posição* (por trás da anca de Áries) — identificam-no claramente com o eclipse que ocorreu na noite 6-7 de outubro de 555 A.E.C.[52]

Segundo a cronologia geralmente estabelecida para o período neobabilônico, este eclipse ocorreu no primeiro ano de Nabonido, que começou em 1º de nisã de 555 A.E.C. Embora o nome real e o número do ano estejam faltando, é de extrema importância notar que o texto

---

[50] No dia 26 de setembro de 611 e no dia 7 de outubro de 593 A.E.C. ocorreram eclipses chamados *penumbrosos*, ou seja, nos quais a lua atravessou à meia-sombra (*penumbra*) do lado de fora da sombra (*umbra*) da terra. (Liu & Fiala, *op. cit.*, págs. 68-69, nºs. 2158 e 2205.) Dificilmente tais passagens são visíveis, mesmo à noite, e os babilônios evidentemente os registraram como "passados". O primeiro eclipse (26 de setembro de 611 A.E.C.) começou *bem depois do pôr-do-sol*, *não ao nascer do sol* como se declara explicitamente no texto. A fase penumbrosa do segundo eclipse (7 de outubro de 593 A.E.C.) começou *bem antes do nascer do sol, não antes do pôr-do-sol* como se declara no texto. Portanto, de qualquer maneira, ambas as alternativas estão definitivamente fora de cogitação.

[51] Carta de Hunger a Jonsson, datada de 21 de outubro de 1989.

[52] Segundo os cálculos de Liu e Fiala o eclipse, que foi total, começou no dia 6 de outubro às 21:21 e terminou no dia 7 de outubro à 1:10. A fase total durou das 22:27 à 0:04, ou seja, por 97 minutos, o que não está longe do número apresentado no texto, 28 USH (112 minutos). — Liu e Fiala, *op. cit.*, pág. 70, nº. 2301.

situa este eclipse *um ciclo Saros depois* do eclipse ocorrido *no trigésimo segundo ano de Nabucodonosor*. Como este último eclipse pode ser datado com certeza em 555 A.E.C., isto fixa definitivamente o trigésimo segundo ano de Nabucodonosor dezoito anos antes, em 573 A.E.C.

Por conseguinte, todos os três eclipses no texto estabelecem conjuntamente 591 e 573 A.E.C. como as datas absolutas do 14º e 32º ano de reinado de Nabucodonosor, respectivamente.

Desse modo, o texto de ciclo Saros LBAT 1419 provê ainda outra evidência independente contra a data de 607 A.E.C. como o décimo oitavo ano de Nabucodonosor. Se, como é estabelecido pelo texto, o trigésimo segundo ano dele foi 573/72 A.E.C. e seu décimo quarto ano foi 591/90 A.E.C., então o primeiro ano dele foi 604/03, e seu décimo oitavo ano, no qual ele devastou Jerusalém, foi 587/86 A.E.C.

C-3: A tabuinha de eclipse lunar LBAT 1420

Em vez de registrar eclipses em intervalos de 18 anos, a LBAT 1420 contém relatórios *anuais* de eclipses. Todos os eclipses no texto são do reinado de Nabucodonosor, datando do primeiro ano dele (604/03 A.E.C.) até pelo menos seu vigésimo nono ano (576/75 A.E.C.).

O primeiro registro, que relata dois eclipses que "passaram" (ou seja, embora corretamente preditos, não seriam visíveis), está danificado e o número de ano é ilegível. Mas a última parte do nome de Nabucodonosor está preservada:

> [(Ano) 1 Nebuchadn]*ezzar*, (mês) *simanu*.

O nome do rei não se repete nos registros subseqüentes, indicando que se trata do mesmo rei durante o período inteiro. Isto é também confirmado pela série contínua de números de ano em ordem crescente até o último ano preservado no texto, "(Ano) 29".

Os registros que falam sobre eclipses no período 603-595 A.E.C. estão também muito danificados, e faltam os números referentes a anos para este período. O primeiro registro no qual o número de ano está preservado relata dois eclipses do décimo primeiro ano:

> (Ano) 11, (mês) ayaru [... ...] 10 (?) USH após o pôr-do-sol e foi total. 10 [+x...] (Mês) arasamnu, que passou. $Adaru_2$.

O décimo primeiro ano de Nabucodonosor começou em 1º de nisã de 594 A.E.C. "Adaru$_2$" é incluído para indicar que havia um mês intercalar ao término do ano.

Não há qualquer problema em localizarmos estes dois eclipses. Ayaru, o segundo mês, começava em abril ou maio e arasamnu, o oitavo mês, começava em outubro ou novembro. O primeiro eclipse ocorreu no dia 23 de maio, e o segundo no dia 17 de novembro. O cânon de eclipses de Liu e Fiala confirma que o primeiro eclipse foi total e visível em Babilônia, conforme se declara no texto. Começou às 20:11 e terminou às 23:48. O segundo eclipse "passou" (não foi visível) uma vez que ocorreu durante o dia. Segundo o cânon de Liu e Fiala ele começou às 7.08 e terminou às 9:50.[53]

A maioria dos números de anos do décimo segundo ao décimo sétimo ano (593/92-588/87 A.E.C.) é legível.[54] Treze eclipses lunares são descritos e datados neste período, oito dos quais "passaram" e cinco que foram observados. Cálculos modernos confirmam que todos estes eclipses ocorreram no período 593–588 A.E.C.

Depois do décimo sétimo ano há uma brecha no registro até o vigésimo quarto ano. O registro para esse ano relata dois eclipses, mas o texto está danificado e na maior parte ilegível. A partir deste ponto, porém, os números de anos e também a maior parte do texto está bem preservada.

Estes registros contêm relatórios anuais de um total de nove eclipses (cinco visíveis e quatro que "passaram") datando do vigésimo quinto ao vigésimo nono ano (580/79-576/75 A.E.C.). Não há qualquer dificuldade na identificação de algum destes eclipses. Todos ocorreram no período 580–575 A.E.C. Seria cansativo e desnecessário expor o leitor a um exame detalhado de todos estes relatórios. O registro para o ano "25" pode bastar como exemplo:

> (Ano) 25, (mês) abu, 1 1/2 *beru* após o pôr-do-sol.
> (Mês) shabatu, ocorreu na vigília da noite.

---

[53] Liu & Fiala, *op. cit.*, pág. 69, nºs 2201 e 2202.

[54] Nos registros para o décimo quarto e décimo quinto ano, os números referentes a ano estão danificados e só parcialmente legíveis. Mas como estes registros estão entre os dos anos "13" e "16", os números danificados eram obviamente "14" e "15".

Abu, o quinto mês babilônico, começava em julho ou agosto. Os babilônios dividiam nosso dia de 24 horas em doze partes chamadas *beru*. Então, um *beru* equivalia a duas horas. Diz-se que o primeiro eclipse ocorreu 1 1/2 *beru*, ou seja, três horas, após o pôr-do-sol. Como o vigésimo quinto ano de Nabucodonosor é datado em 580/79 A.E.C., este eclipse deveria ser localizado em julho ou agosto daquele ano, aproximadamente três horas após o pôr-do-sol.

O eclipse não é difícil de identificar. Segundo o cânon de Liu e Fiala foi um eclipse total que começou no dia 14 de agosto de 580 A.E.C. às 21:58 e terminou à 1:31 do dia 15 de agosto.[55]

O próximo eclipse ocorreu seis meses depois, em shabatu, o décimo primeiro mês, que começava em janeiro ou fevereiro. Diz-se que ocorreu "na vigília da noite" (a primeira das três vigílias do período da noite).

Este eclipse é também fácil de localizar. Ocorreu no dia 8 de fevereiro de 579 A.E.C. e durou das 18:08 às 20:22, segundo o cânon de Liu e Fiala.[56]

Na cronologia da Sociedade Torre de Vigia o vigésimo quinto ano de Nabucodonosor é datado vinte anos antes, em 600/599 A.E.C. Mas nenhum eclipse lunar visível em Babilônia ocorreu em 600 A.E.C. E embora tenha havido um eclipse na noite de 19-20 de fevereiro de 599 A.E.C., ele não ocorreu "na vigília da noite" como o relatado no texto.[57]

Detalhes sobre umas *duas dúzias de eclipses lunares*, datados em anos e meses específicos do reinado de Nabucodonosor, estão preservados na LBAT 1420. Nem sequer um destes está de acordo com a cronologia da Sociedade Torre de Vigia para o reinado de Nabucodonosor.

Juntos, estes eclipses lunares formam um padrão irregular, porém muito distinto de eventos distribuídos ao longo dos primeiros vinte e nove anos do reinado de Nabucodonosor. Só na hipótese de o reinado dele ter começado em 604 A.E.C. é que podemos encontrar uma

---

[55] Liu & Fiala, *op. cit.*, pág. 69, nº. 2238. O pôr-do-sol ocorreu por volta das 19 horas.

[56] *Ibid.*, pág. 69, nº. 2239.

[57] *Ibid.*, pág. 69, nº. 2188. O eclipse começou às 23:30 e terminou às 2:25. Houve quatro eclipses em 600 A.E.C. (Liu & Fiala, nºs. 2184-87), mas todos estes foram *penumbrosos* e, sendo assim, não visíveis (veja a nota de rodapé 50 deste capítulo).

correspondência abrangente entre este padrão e os eventos celestes que deram origem a ele. Mas se o reinado de Nabucodonosor for recuado um, dois, cinco, dez, ou vinte anos, esta correlação entre os registros e a realidade *prontamente se desfaz*. De forma que, apenas a LBAT 1420 já é suficiente para contestar totalmente a idéia de que o décimo oitavo ano de Nabucodonosor deveria ser datado em 607 A.E.C.

C-4: A tabuinha de eclipse lunar LBAT 1421

A parte preservada da LBAT 1421 registra dois eclipses observados em Babilônia no sexto e no décimo segundo mês do ano "42", evidentemente do reinado de Nabucodonosor:

> (Ano) 42, (mês) ululu, (dia) 14. Ela surgiu eclipsada [...] e ficou luminosa. 6 (USH) para tornar-se luminosa.
> A 35° [antes do pôr-do-sol].
> (Mês) adaru, (dia) 15, 1,30^{o} após o pôr-do-sol [...].
> 25° duração da fase máxima. Em 18° ela [ficou luminosa.]
> Ocidental (vento) se foi. 2 côvados abaixo de γ Virgem eclipsada [... ...]

Considerando-se que estes eclipses tenham ocorrido no quadragésimo segundo ano de Nabucodonosor — e não houve qualquer outro rei babilônico que tenha governado por tanto tempo assim no sexto, sétimo ou oitavo séculos A.E.C. — eles deveriam ser procurados em 563/62 A.E.C. E não há qualquer dificuldade em identificá-los: O primeiro, datado no sexto mês, ocorreu no dia 5 de setembro de 563 A.E.C. e o segundo, datado no décimo segundo mês, ocorreu no dia 2-3 de março de 562 A.E.C.

No primeiro a lua "surgiu eclipsada", o que significa que ele teve início algum tempo antes do pôr-do-sol, de modo que quando a lua surgiu (aproximadamente às 18:30 naquela época do ano), ela já estava eclipsada. Isto está de acordo com cálculos modernos, que mostram que o eclipse começou aproximadamente às 17:00 e durou até por volta das 19:00.[58]

[58] Liu & Fiala, *op. cit.*, pág. 70, nº. 2281.

Tabuinha de eclipse lunar LBAT 1421

A tabuinha registra dois eclipses lunares datados para os meses seis e doze do ano "42", evidentemente de Nabucodonosor. Os detalhes fornecidos ajudam a identificá-los com os eclipses que ocorreram nos dias 5 de setembro de 563 e 2-3 de março de 562 A.E.C., respectivamente. — *Antigos Textos Astronômicos Babilônicos e Textos Relacionados*, A. J. Sachs (em inglês - Providence, Rhode Island: Editora da Universidade Brown, 1955), pág. 223.

O cânon de Liu e Fiala confirma que o segundo eclipse foi total. "1,30º [seis horas] após o pôr-do-sol" refere-se provavelmente ao começo da fase total, que começou depois da meia-noite, à 0:19 e durou até 2:03, ou seja, por 104 minutos.[59] Isto concorda de perto com o texto, que dá a duração da fase máxima como 25 USH, ou seja, 100 minutos.

Na cronologia da Sociedade Torre de Vigia, o quadragésimo segundo ano de Nabucodonosor é datado em 583/82 A.E.C. Mas nenhum eclipse do tipo descrito no texto ocorreu durante aquele ano.

Uma alternativa para o primeiro poderia ser o de 16 de outubro de 583 A.E.C., caso ele não tivesse começado muito tarde — às 19:45, segundo Liu e Fiala — para ser observado ao nascer da lua (que

[59] *Ibid.*, pág. 70, nº. 2282. O pôr-do-sol começou por volta das 18 horas.

ocorreu por volta das 17:30). De qualquer modo, quanto ao segundo caso, não houve qualquer eclipse que poderia ter sido observado em Babilônia em 582 A.E.C.[60]

Os textos de eclipse lunares apresentados até aqui fornecem quatro evidências independentes adicionais para a duração do período neobabilônico.

O primeiro texto (LBAT 1417) registra eclipses lunares do ano de ascensão, do décimo oitavo ano de Samas-sum-iuquin e do décimo sexto ano de Kandalanu, convertendo estes anos em datas absolutas que impedem efetivamente qualquer tentativa de acrescentar um único ano que seja ao período neobabilônico, muito menos vinte.

Os outros três textos (LBAT 1419, 1420 e 1421) registram dúzias de eclipses lunares datados em vários anos dentro do reinado de Nabucodonosor, convertendo assim vez após vez o reinado dele em uma cronologia absoluta. Isso é o mesmo que prender um quadro numa parede com dúzias de pregos por todo ele, muito embora apenas um fosse suficiente.

Similarmente, teria sido suficiente estabelecer um único dos anos de reinado de Nabucodonosor como data absoluta para derrubar a idéia de que o décimo oitavo ano dele começou em 607 A.E.C.

Antes de concluir esta seção sobre os textos de eclipses lunares, parece necessário evitar antecipadamente uma objeção à evidência provida por estes textos. Como os astrônomos babilônicos já no sétimo século A.E.C. puderam *calcular antecipadamente* certos eventos astronômicos tais como eclipses, não poderia ser também o caso de, na era selêucida posterior, eles serem capazes de *calcular retroativamente* eclipses lunares, adaptando-os à cronologia estabelecida para os séculos anteriores? Não poderia ser o caso de os textos de eclipses

[60] Em 582 A.E.C. houve quatro eclipses lunares, mas todos foram penumbrosos. — Liu & Fiala, *op. cit.*, pág. 69, nos. 2231-34.

lunares serem simplesmente resultantes de tal procedimento? [61]

É certamente verdade que os vários ciclos usados pelos babilônios para *predizer* eclipses poderiam muito bem ser usados para, da mesma maneira, *calcular retroativamente* eclipses, e há um pequeno grupo específico de tabuinhas que mostram que os astrônomos selêucidas extrapolaram tais ciclos para períodos anteriores.[62]

Todavia, os textos baseados em observações registram vários fenômenos que os babilônios não poderiam ter predito ou calculado retroativamente. Acerca dos registros nos diários e textos planetários, o Professor N. M. Swerdlow indica que, embora as distâncias entre planetas e estrelas normais pudessem ser preditas, "Conjunções de planetas com a lua e outros planetas, juntamente com suas distâncias, não poderiam ser calculadas por efemérides nem ser preditas com base em periodicidades".[63] No que se refere aos eclipses lunares, os babilônios podiam predizer e calcular retroativamente suas

---

[61] Esta idéia foi defendida por A. T. Olmstead, que em um artigo publicado lá em 1937 (em *Filologia Clássica*, Vol. XXXII, págs. 5 e seguintes, em inglês.) criticou o uso que Kugler fez de alguns dos textos de eclipses. Conforme explicado depois por A. J. Sachs, Olmstead "entendeu de maneira completamente errônea a natureza de um grupo de textos astronômicos babilônicos que Kugler usou. Ele estava influenciado pelo mal-entendido de que eles foram *calculados* em uma data posterior, tendo assim valor histórico duvidoso; na realidade, eles são compilações de extratos tirados diretamente de autênticos diários astronômicos contemporâneos, devendo, portanto, ser manuseados com grande respeito". — "Uma Lista de Reis Babilônica do Período Helenístico" (em inglês), A. J. Sachs & D. J. Wiseman, *Iraq*, Vol. XVI (1954), pág. 207, nota 1.

[62] Estes textos não registram observações de espécie alguma, sendo, portanto, classificados como *textos teóricos*. Eles são bem diferentes dos diários e dos textos de eclipses discutidos acima. Cinco de tais textos teóricos são conhecidos, quatro dos quais tendo sido publicados por Aaboe *et al* em 1991 (veja a nota de rodapé 41 deste capítulo). Dois destes são conhecidos como "Cânon Saros" (LBAT 1428) e o "Saros Solar" (LBAT 1430). A quinta tabuinha é a LBAT 1418, descrita na nota de rodapé 42 deste capítulo. — Veja J. M. Steele em ADT V (2001), Hunger, pág. 390.

[63] *A Teoria Babilônica dos Planetas*, N. M. Swerdlow (em inglês - Editora da Universidade de Princeton, 1998), págs. 23, 173. — Os diários registram também diversos outros fenômenos que não poderiam ser calculados, tais como halos solares, níveis de rios e mau tempo — nuvens, chuva, nevoeiro, neblina, granizo, relâmpago, ventos, etc. Alguns dados nos diários foram calculados devido ao mau tempo, mas a maioria é resultante de observações. Isto se evidencia também com base no nome acadiano dos diários, gravado no final das bordas deles: *natsaru sha ginê*, "observação regular".

ocorrências, "mas nenhum dos métodos babilônicos poderia tê-los habilitado a calcular circunstâncias tais como a direção da sombra do eclipse, a visibilidade dos planetas e com certeza nem a direção do vento durante o eclipse, assim como encontramos em relatórios antigos".[64]

Assim, embora os babilônios fossem capazes de calcular certos fenômenos astronômicos, os textos baseados em observações registram diversos detalhes relacionados com as observações que eles não poderiam ter predito ou calculado retroativamente. Isto contesta terminantemente a idéia proposta por alguns de que os dados podem ter sido calculados retroativamente num período posterior.

RESUMO E CONCLUSÃO

No capítulo anterior a duração da era neobabilônica foi firmemente estabelecida por sete linhas de evidência diferentes. Todas se basearam em antigos textos cuneiformes babilônicos, tais como crônicas, listas de reis, inscrições reais e dezenas de milhares de documentos comerciais, administrativos e jurídicos do período neobabilônico.

Neste capítulo foram apresentadas *outras sete evidências independentes*. Todas se baseiam em antigos textos *astronômicos* babilônicos que fornecem toda uma série de datas absolutas do sexto e sétimos séculos A.E.C. Estas tabuinhas estabelecem — vez após vez — a *cronologia absoluta* da era neobabilônica:

1) O diário astronômico VAT 4956

O diário VAT 4956 contém aproximadamente trinta posições astronômicas totalmente verificadas, observadas no trigésimo sétimo ano do reinado de Nabucodonosor.

Essa combinação de posições astronômicas não se repete em milhares de anos. Conseqüentemente, só há um ano que se ajusta a esta situação: 568/67 A.E.C.

Se este foi o trigésimo sétimo do reinado de Nabucodonosor, como se declara duas vezes nesta tabuinha, então 587/86 A.E.C. foi

[64] Comunicação de J. M. Steele a Jonsson, datada de 27 de março de 2003. Conforme se mencionou na nota de rodapé 45 deste capítulo, há também uma diferença evidente de precisão entre as cronometragens fornecidas para eclipses observados e calculados.

obrigatoriamente o décimo oitavo ano dele, no qual ele devastou Jerusalém.

(2) O diário astronômico B.M. 32312

O B.M. 32312 é *o mais antigo diário astronômico preservado*. Registra observações astronômicas que permitem aos estudiosos datar esta tabuinha em 652/51 A.E.C.

Uma observação histórica no texto, repetida na crônica babilônica B.M. 86379 (a "Crônica de Akitu") mostra que este foi o décimo sexto ano de Samas-sum-iuquin. Assim, o diário fixa o reinado de vinte anos deste rei em 667-648 A.E.C., o reinado de vinte e dois anos do sucessor dele, Kandalanu em 647-626, o reinado de vinte e um anos de Nabopolassar em 625-605 e o reinado de quarenta e três anos de Nabucodonosor em 604-562 A.E.C.

Isto fixa outra vez o décimo oitavo ano de Nabucodonosor e a destruição de Jerusalém em 587/86 A.E.C.

(3) A tabuinha de Saturno B.M. 76738+76813

A tabuinha de Saturno registra *uma série contínua de posições do planeta Saturno em seus primeiros e últimos aparecimentos*, datada dos primeiros quatorze anos de Kandalanu. Esse padrão de posições, associado a datas específicas do calendário lunar babilônico, não se repete por mais de dezessete séculos.

De forma que este texto fixa novamente o reinado de vinte e dois anos de Kandalanu em 647-626 A.E.C., o reinado de vinte e um anos de Nabopolassar em 625-605 e o reinado Nabucodonosor em 604-562 A.E.C.

(4) A tabuinha de eclipse lunar LBAT 1417

A LBAT 1417 registra *quatro eclipses lunares*, cada um ocorrendo após o anterior em intervalos de 18 anos e aproximadamente 11 dias, um período de eclipse conhecido como *ciclo de Saros*.

Os eclipses são datados no terceiro ano do reinado de Senaqueribe em Babilônia, no ano de ascensão e décimo oitavo ano de Samas-sum-iuquin, e no décimo sexto ano de Kandalanu, respectivamente.

Os quatro eclipses inter-relacionados podem ser identificados claramente com uma série de eclipses que ocorreram em 686, 668, 650

e 632 A.E.C. Logo, esta tabuinha fixa novamente a cronologia absoluta para os reinados de Samas-sum-iuquin e Kandalanu e também — indiretamente — para os reinados de Nabopolassar e Nabucodonosor.

(5) A tabuinha de eclipse lunar LBAT 1419

A LBAT 1419 contém relatórios de uma série ininterrupta de eclipses lunares em intervalos de 18 anos *diretamente da própria era neobabilônica*.

Dois dos eclipses são datados do décimo quarto e do trigésimo segundo ano de Nabucodonosor. Eles podem ser associados com os eclipses que ocorreram em 591 e 573 A.E.C., respectivamente, confirmando novamente a cronologia estabelecida do reinado deste rei para estes dois anos.

Embora o nome real e número do ano estejam faltando no relatório sobre o próximo eclipse do ciclo de 18 anos, a informação bem detalhada facilita que o identifiquemos com o eclipse que ocorreu no dia 6-7 de outubro de 555 A.E.C. Esta data, portanto, confirma e acrescenta força adicional às duas datas anteriores do ciclo, a saber, 573 e 591 A.E.C.

Como estes anos correspondem respectivamente ao trigésimo segundo e ao décimo quarto ano de Nabucodonosor, o décimo oitavo ano dele é, naturalmente, fixado mais uma vez por esta tabuinha em 587/86 A.E.C.

(6) A tabuinha de eclipse lunar LBAT 1420

A LBAT 1420 fornece um *registro anual de eclipses lunares* do primeiro ao vigésimo nono ano de Nabucodonosor, com exceção de uma lacuna entre o décimo oitavo e o vigésimo terceiro ano dele. Os registros nos quais os números de ano de reinado estão preservados — cerca de uma dúzia — dão detalhes sobre umas *duas dúzias de eclipses*, sendo que todos estes se situam exatamente nos anos A.E.C. que já foram estabelecidos como sendo os anos de reinado mencionados no texto.

Uma vez que esta combinação específica de eclipses lunares datados não confere com qualquer série correspondente de eclipses que tenham ocorrido nas décadas imediatamente precedentes, somente esta

tabuinha já é suficiente para estabelecer a cronologia absoluta do reinado de Nabucodonosor.[65]

(7) A tabuinha de eclipse lunar LBAT 1421

A LBAT 1421 registra dois eclipses datados no sexto e décimo segundo meses do ano "42", evidentemente de Nabucodonosor, usualmente datado em 563/62 A.E.C. E, de fato, ambos os eclipses são também localizados nestes meses daquele ano. Mas nenhum eclipse do tipo registrado no texto ocorreu em 583/82 A.E.C. — a data do quadragésimo segundo ano de Nabucodonosor segundo a cronologia da Sociedade Torre de Vigia. De modo que esta tabuinha fornece uma prova adicional da falsidade dessa cronologia.

(8-11) Outras quatro tabuinhas astronômicas

Os sete textos astronômicos discutidos acima fornecem evidência mais que suficiente contra a data de 607 A.E.C da Sociedade Torre de Vigia. E isto ainda não é tudo. Outros quatro textos que foram publicados recentemente serão apenas descritos brevemente aqui. Traduções de três deles estão publicadas em ADT V, de Hunger (2001).

O primeiro é o LBAT 1415 que, conforme se mencionou na página 205 deste capítulo, faz parte da mesma tabuinha que a do LBAT 1417. Registra eclipses lunares datados no 1º ano de Bel-ibni (702 A.E.C.), no 5º ano, evidentemente de Senaqueribe (684 A.E.C.) e no 2º ano, evidentemente de Samas-sum-iuquin (666 A.E.C.).

O segundo é o texto de eclipse lunar nº. 5 em ADT V, de Hunger. Está bem danificado e o nome real está ausente, mas algumas notas históricas no texto mostram que ele é do reinado de Nabopolassar. Um dos eclipses descrito é datado no ano 16 e pode ser identificado com o eclipse de 15 de setembro de 610 A.E.C.

O terceiro texto é o nº. 52 em ADT V, de Hunger. Este é um texto planetário que contém mais de uma dúzia de registros legíveis das posições de Saturno, Marte e Mercúrio, datados nos anos 14, 17 e 19 de Samas-sum-iuquin (654, 651 e 649 A.E.C.), nos anos 1, 12 e 16 de Kandalanu (647, 636 e 632 A.E.C.), e nos anos 7, 12, 13 e 14 de Nabopolassar (619, 614, 613 e 612 A.E.C.). Como ocorre com alguns

[65] Esta tabuinha "provavelmente foi compilada logo após -575 [576 AEC]" — J. M. Steele em ADT V, Hunger, pág. 391.

dos textos já discutidos acima, estes três textos impedem efetivamente qualquer tentativa de alongar a cronologia do período neobabilônico.

O quarto é uma tabuinha planetária, SBTU IV 171, que registra os primeiros e últimos aparecimentos e pontos estacionários de Saturno nos anos 28, 29, 30 e 31 de um rei desconhecido.[66] Todavia, conforme o Professor Hermann Hunger demonstrou, os números referentes a anos combinados com a posição de Saturno na constelação de Pabilsag (mais ou menos em Sagitário) excluem todas as alternativas no primeiro milênio A.E.C. exceto os anos 28-31 de Nabucodonosor, fixando-os em 577/76 – 574/73 A.E.C. Novamente, isto estabelece o 18º ano dele como sendo 587/86 A.E.C.

Conforme se viu claramente, a interpretação da Sociedade Torre de Vigia dos "tempos dos gentios" requer que estes tenham se iniciado em 607 A.E.C., a data em que eles alegam que ocorreu a queda de Jerusalém. Uma vez que esse evento ocorreu no décimo oitavo ano de Nabucodonosor, esse ano de reinado também deve ser datado a partir de 607 A.E.C. Isto abre uma brecha de vinte anos quando se faz a comparação com todos os antigos registros históricos existentes, uma vez que estes situam o início do décimo oitavo ano de Nabucodonosor em 587 A.E.C. Como é possível explicar essa disparidade de vinte anos?

Neste capítulo foi comprovado que os dez textos astronômicos apresentados estabelecem a cronologia absoluta do período neobabilônico em diversos momentos, especialmente dentro do reinado de 43 anos de Nabucodonosor. O testemunho conjunto destes textos prova, além de qualquer dúvida razoável, que o reinado dele não pode ser recuado no tempo nem mesmo um ano, muito menos vinte.

De forma que, juntamente com a evidência apresentada no Capítulo 3, temos agora *dezessete evidências diferentes*, as quais, cada uma a seu próprio modo, derrubam a data 607 A.E.C., que a Sociedade Torre de Vigia atribui ao décimo oitavo ano de Nabucodonosor e provam que ele teve início vinte anos depois, ou seja, em 587 A.E.C.

Realmente, poucos reinos na história antiga podem ser datados desse modo tão conclusivo como o do rei neobabilônico Nabucodonosor.

---

[66] "Saturnbeobachtungen aus der Zeit Nebukadnezars II", Hermann Hunger, *Assyriologica et Semitica* (=AOAT, Band 252), (Münster: Ugarit-Verlag, 2000), págs. 189-192.

Suponhamos por um momento que os números de Beroso para os reinados do reis neobabilônicos contenham um erro de vinte anos, como requer a cronologia da Sociedade Torre de Vigia. Então o(s) compilador(es) do Cânon Real deve(m) ter cometido exatamente o mesmo engano, evidentemente de maneira independente de Beroso!

Entretanto, poder-se-ia argumentar que ambos simplesmente repetiram um erro contido nas *fontes* que eles usaram, particularmente as crônicas Neobabilônicas. Então os escribas de Nabonido, que possivelmente usaram as mesmas fontes, teriam também eliminado vinte anos do reinado do mesmo rei (ou reis) quando fizeram as inscrições da *Estela de Hila* e da *Estela de Adade-Gupi*.

Mas, será possível que esses escribas, que *assentaram corretamente os registros durante a era neobabilônica*, não sabiam as durações dos reinados dos reis sob os quais viviam, especialmente levando-se em conta que esses reinados serviam também como anos civis por meio dos quais eles datavam diferentes eventos?

Se eles realmente cometeram tal erro estranho, como é possível que os escribas contemporâneos *do Egito* tenham também cometido o mesmo erro, eliminando o mesmo período de vinte anos ao fazerem inscrições em lápides tumulares e outros documentos?

Curiosamente então, os astrônomos babilônicos também devem ter cometido regularmente "erros" similares quando dataram as observações registradas no VAT 4956, LBAT 1420, SBTU IV 171, bem como em outras tabuinhas das quais os astrônomos posteriores abstraíram seus *registros de ciclos de eclipses Saros* — a menos, é claro, que as mudanças tenham sido feitas propositalmente por copistas da era selêucida, como a Sociedade Torre de Vigia argumenta.

Ainda mais incrível é a idéia de que os escribas e astrônomos puderam remover vinte anos da era neobabilônica vários anos *antes* daquela era — conforme se mostra à base do diário mais antigo, *B.M. 32312*, bem como das tabuinhas de eclipse lunar *LBAT 1415+1416+1417* e *ADT V*, *nº. 5*, da *tabuinha de Saturno B.M. 76738+76813*, e da tabuinha planetária *ADT V, nº. 52*. — sendo que todas as cinco anulam inexoravelmente qualquer tentativa de alongar o período neobabilônico.

Mas a "coincidência" mais notável é esta: Foram escavadas dezenas de milhares de documentos comerciais, administrativos e jurídicos datados no período neobabilônico, abrangendo todos os anos deste

período — exceto, como a Sociedade Torre de Vigia diria, os de um período de vinte anos para os quais *nem sequer uma tabuinha foi encontrada*.

Mais uma vez, mui curiosamente segundo esta lógica, ocorre que esse período é exatamente igual àquele período perdido devido a muitos outros "erros" de escribas de Babilônia e do Egito e de copistas e historiadores posteriores.

Ou houve uma conspiração internacional por vários séculos para apagar este período de vinte anos da história registrada do mundo — ou tal período jamais existiu! Se esse "complô" internacional ocorreu alguma vez, ele foi tão bem-sucedido que em todas as dezenas de milhares de documentos da era neobabilônica descobertos não há nenhum, *nem mesmo uma linha em qualquer deles*, que indique a existência desse período de vinte anos. De maneira que podemos concluir com certeza, que a cronologia da Sociedade Torre de Vigia está inquestionavelmente errada.

Mas se é esta a conclusão de nosso estudo, como podemos harmonizar este fato com a profecia bíblica sobre os setenta anos, durante os quais as terras de Judá e Jerusalém permaneceriam desoladas, conforme ensina a Sociedade Torre de Vigia? E como podemos encarar o ano de 1914, a suposta data de encerramento dos tempos dos gentios, segundo a escala cronológica da Sociedade Torre de Vigia? Não mostram claramente os eventos do mundo que as profecias bíblicas se cumpriram a partir daquele ano? Estas perguntas serão consideradas nos próximos capítulos.

5

OS SETENTA ANOS PARA BABILÔNIA

> *Assim fala o SENHOR: Quando se completarem para Babilônia setenta anos, eu me ocuparei de vós e cumprirei as minhas promessas relativas ao vosso retorno a este lugar.* — Jeremias 29:10*, TEB*

A DATA 607 A.E.C., apresentada pelos cronologistas da Torre de Vigia como o momento da destruição de Jerusalém e de seu templo pelos babilônios, é determinada somando-se os setenta anos preditos por Jeremias a 537 A.E.C., data em que se supõe que o restante judaico retornou do exílio. Afirma-se que estes setenta anos foram um período de *desolação completa* de Judá e Jerusalém:

> A profecia bíblica não permite a aplicação desse período de 70 anos a qualquer outro tempo, senão ao situado entre a desolação de Judá, acompanhada pela destruição de Jerusalém, e o retorno dos exilados judaicos à sua pátria, em resultado do decreto de Ciro. Especifica claramente que os 70 anos seriam anos de *devastação da terra de Judá.*[1]

Se a profecia bíblica não admite qualquer outro entendimento do período de 70 anos, então uma escolha deve ser feita entre a data determinada por esta aplicação e a que é estabelecida por pelo menos dezessete linhas de evidência histórica.

Quando certa interpretação de uma profecia bíblica contradiz a evidência histórica, isto quer dizer que ou a profecia falhou ou a interpretação está errada. É verdade que uma determinada aplicação parece às vezes muito convincente, a ponto de nenhuma outra parecer plausível. O leitor pode até achar que ela provém da própria Bíblia. Em

[1] *Estudo Perspicaz da Escrituras*, Vol. 1 (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1990), pág. 617.

um caso assim, rejeitar a evidência histórica e "apegar-se simplesmente ao que a Bíblia diz" pode parecer também ser uma resoluta posição cristã.

Todavia, aqueles que tomam esta posição freqüentemente deixam de levar em conta que o cumprimento de uma profecia não pode ser comprovado *à parte da História*, porque somente a História pode mostrar se, quando e como ela se cumpriu. Na realidade, geralmente uma profecia só é entendida depois de estar cumprida historicamente através dos eventos da época. Erros graves foram às vezes cometidos por estudiosos da Bíblia sinceros porque a evidência histórica *contrária* a certa aplicação ou interpretação foi rejeitada. Um exemplo será dado a seguir para ilustrar este fato.

A História e as profecias cronológicas — uma lição

A maioria dos comentaristas concorda que a profecia de Daniel acerca das "setenta semanas" (Daniel 9:24-27) refere-se a um período de 490 anos. Mas várias opiniões foram defendidas com respeito ao *ponto inicial* deste período. Embora Daniel 9:25 diga que "desde a saída da palavra para se restaurar e reconstruir Jerusalém até o Messias, o Líder, haverá sete semanas, também sessenta e duas semanas" (*TNM*), diversas interpretações foram defendidas no que se refere a quando e por quem esta "palavra" foi proferida.[2]

Se nos "apegarmos apenas à Bíblia", ela parece apontar para o rei persa Ciro. Em Isaías 44:28 Jeová "diz a Ciro: "Você governará em meu nome e fará o que eu quero. Você ordenará que Jerusalém seja reconstruída e que sejam postos os alicerces do novo Templo."" (*BLH*) E diz adicionalmente, no capítulo 45, versículo 13: "Eu é que despertei alguém em justiça e endireitarei todos os seus caminhos. *É ele quem construirá a minha cidade* e soltará os meus que estão no exílio, não por um preço nem por suborno", disse Jeová dos exércitos." (*TNM*).

Dessa forma, pareceria claro que, segundo a própria Bíblia "a palavra para restaurar e reconstruir Jerusalém" seria proferida por Ciro. Todavia, esta aplicação limita o período que vai do decreto de Ciro (Esdras 1:1-4) até o Messias em 483 anos ("sete semanas, também

[2] As principais interpretações são defendidas por Edward J. Young em *A Profecia de Daniel* (em inglês - Grand Rapids: Companhia Editora de Wm. B. Eerdman, 1949), págs. 192-195.

sessenta e duas semanas"). Se este período terminou por ocasião do batismo de Cristo, o qual geralmente se data em algum momento entre 26 e 29 E.C., então o primeiro ano de Ciro como rei de Babilônia teria de ser datado no período 458-455 A.E.C., em vez de 538, que é a data historicamente reconhecida.

Contrário a toda a evidência histórica, diversos comentaristas cristãos do passado escolheram esta aplicação e alguns expositores ainda se apegam a ela. A idéia foi popularizada no século passado por Martin Anstey em sua obra *O Romance da Cronologia Bíblica* (em inglês), Londres, 1913.[3] O Dr. E. W. Bullinger (1837-1913) adotou a mesma posição, como se pode ver no Apêndice 91 (págs. 131-32) de sua *The Companion Bible*.

O raciocínio por trás dessa posição anti-histórica é claramente demonstrado por um de seus seguidores, George Storrs, um estudioso da Bíblia do século 19 e editor do periódico *Examinador da Bíblia* (em inglês). Num artigo que abordou o assunto das setenta semanas, ele declara:

> Examinado este ponto, não temos nada que ver com a cronologia profana, ou a cronologia dos historiadores. A Bíblia é que deve resolver a questão e se a cronologia profana não está de acordo com ela, temos o direito de concluir que tal cronologia é falsa e indigna de confiança.[4]

Storrs, assim como outros expositores anteriores e posteriores a ele, tentou eliminar quase 100 anos do período persa, alegando que diversos reis persas mencionados no "Cânon de Ptolomeu" (Cânon Real) e em outras fontes históricas jamais existiram! Com certeza George Storrs foi um estudioso cristão da Bíblia honesto e sincero, mas a rejeição das fontes históricas por parte dele (e de outros) provou

---

[3] Publicado novamente em 1973 pela Kregel Publicações sob o título *A Cronologia do Velho Testamento* (em inglês). Veja a página 20 sobre os 490 anos. Entre os mais recentes comentaristas bíblicos, o Dr. David L. Cooper, fundador da *Sociedade de Pesquisa Bíblica* e editor do *Mensário de Pesquisa Bíblica*, defendeu esta mesma tese em seu artigo *As Setenta Semanas de Daniel* (em inglês - Los Angeles: Sociedade de Pesquisa Bíblica, 1941).

[4] George Storrs (ed.), *Examinador da Bíblia* (em inglês - publicado em Brooklin, Nova Iorque), abril de 1863, pág. 120.

ser um erro grave. [5]

Que os reis persas mencionados no Cânon Real existiram realmente, pode ser provado além que qualquer dúvida pelos achados arqueológicos dos tempos modernos.[6] Esta é uma instrutiva ilustração da necessidade de se considerar a evidência histórica quando se trata

---

[5] O antigo escritor cristão Tertuliano (c. 160 – c.225 E.C.), em sua obra *Contra os Judeus*, contou os 490 anos desde o primeiro ano de "Dario, o medo" (Dan. 9:1, 2) até a destruição do segundo templo pelos romanos em 70 E.C.. Isto faria o primeiro ano de "Dario, o medo" cair em 421 A.E.C. em vez de em 538. Os rabinos judaicos no Talmude (*Seder Olam Rabbah*) contaram os 490 anos desde a destruição do primeiro templo pelos babilônios até a destruição do segundo templo pelos romanos, o que faria a destruição do primeiro templo cair em 421 A.E.C., em vez de em 587. ("Daniel 9 e a Data da Vinda do Messias na Contagem Essênia, Helenística, Farisaica, Zelote e dos Primitivos Cristãos" [em inglês], R. T. Beckwith, no *Revue de Qumran*, Vol. 10: 40, 1981, págs. 531-32, 539-40]. Embora as descobertas modernas tornem essas aplicações totalmente insustentáveis, elas ainda encontram seguidores. Veja, por exemplo, o Rabino Tovia Singer em *Judaísmo Especializado, Manual para a Série de Fitas "Let's Get Biblical!", Live!* (em inglês - Monsey, Nova Iorque: Judaísmo Especializado, 1995), págs. 40-41.

[6] Durante os anos de 1931 a 1940, relevos, tumbas e inscrições de reis que esses expositores pensavam nunca terem existido foram escavados na Pérsia. (*A Pérsia e a Bíblia*, Edwin M. Yamauchi. Grand Rapids: Baker Book House, 1990, págs. 368-70, em inglês). Que o Cânon Real coloca esses reis na ordem correta é também comprovado pela inscrição descoberta nas paredes de um palácio de Artaxerxes III (358-337 A.E.C.), na qual lemos: "Diz Artaxerxes o grande rei, rei dos reis, rei dos países, rei de sua terra: Eu (sou) filho de Artaxerxes (II), o rei: Artaxerxes (foi) filho de Dario (II), o rei; Dario (foi) filho de Artaxerxes (I), o rei; Artaxerxes (foi) filho de Xerxes, o rei; Xerxes (foi) filho de Dario (I), o rei; Dario foi filho de Histaspes por nome." (*Persépolis I*, E. F. Schmidt, Chicago: Editora da Universidade de Chicago, 1953, pág. 224, em inglês). A cronologia absoluta dos reis persas posteriores, os quais se pensava não terem existido é hoje firmemente estabelecida por numerosos textos astronômicos cuneiformes preservados deste período. Diga-se de passagem, a aplicação que a Sociedade Torre de Vigia faz do período de 490 anos tem, na prática, tão pouca base histórica quanto as aplicações de outros períodos mencionados nesta seção. A datação do 20º ano de Artaxerxes I em 455 A.E.C. em vez de em 445 está em conflito direto com muitas fontes históricas, incluindo vários textos astronômicos. Desse modo, quando *A Sentinela* de 15 de julho de 1994, pág. 30, afirma que "a história secular exata estabelece 455 A.E.C como este ano.", isto é grosseiramente enganoso. (Compare isso com uma declaração enganosa similar na *Despertai!* de 22 de junho de 1995, pág. 8) Nenhum historiador secular da atualidade dataria o 20º ano de Artaxerxes I em 455 A.E.C. (Para uma refutação desta idéia, veja o ensaio mencionado no capítulo 2 deste livro, nota de rodapé 14).

de profecias bíblicas relacionadas com cronologia. Embora esta aplicação especial das setenta semanas parecesse *bem bíblica* e convincente, foi refutada pelos fatos históricos e, portanto, não podia estar correta.

O mesmo vale para a aplicação da profecia dos setenta anos que a Sociedade Torre de Vigia faz. Embora superficialmente ela pareça ser apoiada por certas passagens bíblicas, deve ser abandonada por ser incompatível com os fatos históricos estabelecidos por uma multiplicidade de descobertas modernas.

Será que é possível, então, encontrar uma aplicação dos setenta anos que esteja em harmonia com a evidência histórica? Sim, e um exame atento dos textos bíblicos que tratam dos setenta anos demonstrará que não há qualquer conflito real entre a Bíblia e a história secular quanto a isso. Como se mostrará a seguir, *a aplicação feita pela Sociedade Torre de Vigia é que está em conflito, não só com a história secular, como também com a própria Bíblia.*

Há sete textos bíblicos referentes ao intervalo de setenta anos que a Sociedade Torre de Vigia aplica ao mesmo período: Jeremias 25:10-12; 29:10; Daniel 9:1-2; 2 Crônicas 36:20-23; Zacarias 1:7-12; 7:1-7 e Isaías 23:15-18. Estes serão agora examinados um por um, em ordem cronológica.[7]

A. JEREMIAS 25:10-12

A predição original é a que se encontra em Jeremias 25:10-12, sendo datada no "quarto ano de Jeoiaquim, filho de Josias, rei de Judá, isto é, no primeiro ano de Nabucodorosor, rei de Babilônia" (versículo 1). Jeoiaquim reinou por onze anos e foi sucedido por seu filho Joaquim, que governou por três meses. Joaquim, por sua vez, foi sucedido por seu tio Zedequias, e no décimo primeiro ano deste Jerusalém foi desolada. Isso quer dizer que a profecia de Jeremias foi proferida dezoito anos antes da destruição de Jerusalém.

---

[7] Os setenta anos de Tiro mencionados em Isaías 23:15-18 não serão abordados aqui, pois não há como provar que eles se referem ao período da supremacia neobabilônica. Na verdade, alguns eruditos aplicam este período a por volta de 700-630 A.E.C., quando Tiro foi controlada pela Assíria. Veja, por exemplo, *O Jugo de Babilônia* (= *Coniectanea Biblica*. *Coleção do Velho Testamento 4*), do Dr. Seth Erlandsson (Lund, Suécia: CWK Gleerup, 1970), págs. 97-102, em inglês.

Jeremias 25:10-12:

"E eu vou destruir dentre eles o som de exultação e o som de alegria, a voz do noivo e a voz da noiva, o som do moinho manual e a luz da lâmpada. E toda esta terra terá de tornar-se um lugar devastado, um assombro, *e estas nações terão de servir ao rei de Babilônia por setenta anos*." "' 'E terá de acontecer que*, quando tiverem cumprido setenta anos, ajustarei contas com o rei de Babilônia e com aquela nação'*, é a pronunciação de Jeová, 'pelo seu erro, sim, com a terra dos caldeus, e vou fazer dela baldios desolados por tempo indefinido." (*TNM*)[8]

[8] A citação é da *Tradução do Novo Mundo* (*TNM*), que é baseada no texto hebraico massorético (M). A versão grega *Septuaginta* (LXX), diz: "e eles servirão entre as nações", em vez de: "e estas nações terão de servir ao rei de Babilônia." Por alguma razão desconhecida, todas as referências a Babilônia e ao rei Nabucodonosor são omitidas em Jeremias 25:1-12 na LXX. Há muitas diferenças entre o texto do livro de Jeremias no M (Jer-M) e o texto na LXX (Jer-LXX). Jer-LXX é aproximadamente um sétimo mais curto que Jer-M, sendo que este contém 3.097 palavras a mais que Jer-LXX. Muitos eruditos modernos sustentam que Jer-LXX foi traduzido de um texto hebraico que já existia antes do texto tradicionalmente representado por Jer-M, argumentando que Jer-M é uma revisão ampliada posterior do texto original, feita ou pelo próprio Jeremias, ou por seu secretário Baruque, ou ainda por certo(s) editor(es) posteriores. De modo que, com respeito à predição de Jeremias de que o rei babilônio Nabucodonosor atacaria e destruiria o reino de Judá, estes eruditos com freqüência acham difícil crer que Jeremias tenha sido capaz de fornecer tais previsões concretas e específicas. Eles acham mais fácil aceitar o fraseado mais genérico e vago de Jer-LXX como representativo da predição original, com todas as referências a Babilônia e ao rei Nabucodonosor deixadas de fora. Todavia, alguns dos eruditos que adotaram este ponto de vista admitem que isso gera problemas. Se a profecia original de Jeremias 25:1-12, que foi proferida no quarto ano de Jeoiaquim, sendo apresentada ao rei poucos meses depois (Jeremias 36:1-32), não continha quaisquer referências a Babilônia e ao rei Nabucodonosor, como poderia então Jeoiaquim, após ter ouvido e queimado por completo o rolo da profecia, perguntar a Jeremias: "Por que é que escreveste nele, dizendo: "*O rei de Babilônia virá sem falta e certamente arruinará esta terra e fará cessar nela homem e animal*"?" (Jeremias 36:29, *TNM*) Uma vez que a mesma pergunta é encontrada *tanto em Jer-M como em Jer-LXX*, a profecia original deve ter mencionado explicitamente o rei de Babilônia. O professor Norman K. Gottwald cita este versículo e diz: "Se o profeta não tivesse identificado abertamente Babilônia como a invasora em algum lugar de seu rolo, seria difícil explicar a réplica brusca do rei.". (*Todos os Reinos da Terra*, N. K. Gottwald, Nova Iorque, Evanston e Londres: Harper & Row, Editores, 1964, pág. 251, em inglês). Isto dá forte indicação de que Jer-M representa aqui o texto original. Deve-se ter em mente que a LXX é uma *tradução* feita centenas de anos depois da época de Jeremias, com base num texto hebraico que está agora perdido, e, como os editores da *Versão Septuaginta do Velho Testamento* [em inglês] de Bagster indicam na "Introdução", alguns dos tradutores da LXX não foram competentes em sua tarefa e com freqüência inseriram suas próprias interpretações e tradições. A maioria dos eruditos concorda com essa observação. A Sociedade Torre de Vigia também enfatiza que "a tradução grega deste livro [Jeremias] é deficiente, mas isto não reduz a fidedignidade do texto hebraico.". – *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 2, 1991, pág. 514. Para uma defesa completa da superioridade do texto M de Jeremias, veja *O Texto Grego de Jeremias* (=*Revista Para o Estudo do Velho Testamento*) do Dr. Sven Soderlund, Supplement Series 47), Sheffield, Inglaterra: Editora da JSOT, 1985, em inglês.

Três coisas são preditas nessa profecia:

(1) A terra de Judá se tornaria um "lugar devastado".
(2) "Estas nações" serviriam "ao rei de Babilônia por setenta anos".
(3) Quando os setenta anos se "cumprissem" Deus ajustaria "contas com o rei de Babilônia e com aquela nação... pelo seu erro, sim, com a terra dos caldeus..."

O que este trecho nos diz realmente sobre os "setenta anos"?

A-1: Desolação ou servidão – qual?

Embora se tenha predito no trecho que a terra de Judá tornar-se-ia um lugar devastado, deve-se notar que esta "devastação" não é igualada ou associada ao período dos setenta anos. Tudo o que o texto diz, de maneira clara e sem ambigüidade é que "estas nações terão de *servir ao rei de Babilônia* por setenta anos". A frase "estas nações" é uma referência ao anterior versículo 9, no qual se prediz que Nabucodonosor viria contra "contra esta terra [ou seja, Judá] e contra os seus habitantes, *e contra todas estas nações ao redor*".

Portanto, os setenta anos devem ser entendidos como significando anos de *servidão* para estas nações. Essa conclusão é tão óbvia que a Sociedade Torre de Vigia, no cabeçalho da página 826 de sua edição de tipos grandes da *Tradução do Novo Mundo* (1971 em inglês), descreve automaticamente os setenta anos como "70 anos de *servidão*".[9]

No entanto, em suas discussões deste texto, os escritores da Torre de Vigia nunca destacam que Jeremias falou de setenta anos de *servidão*, ou que esta servidão se relacionava com *as nações ao redor de Judá*. Eles sempre tentam dar a impressão de que os setenta anos se referem a Judá, e apenas a Judá, e sempre descrevem os setenta anos como um período em que Judá sofreu *completa desolação*, "*sem*

[9] Como se chamou atenção para este cabeçalho na versão original deste trabalho (enviado à sede da Torre de Vigia em 1977) e também na edição publicada de 1983, não foi surpresa que o cabeçalho tenha sido mudado na edição de tipos grandes da TNM Com Referências de 1986. Agora o cabeçalho (página 937) diz: "Preditos 70 anos de *exílio* em Babilônia".

habitante".[10] É assim que supõem que ocorreu no caso da destruição de Jerusalém e de seu templo. Mas esta aplicação que fazem está em conflito direto com a terminologia exata da predição de Jeremias, e só pode ser defendida ignorando-se o que o texto realmente diz.

A "servidão" neste caso não deve ser entendida como significando a mesma coisa que desolação e exílio. Para as nações ao redor de Judá a

[10] A palavra hebraica para "desolação", *chorbah* é também usada no versículo 18, onde se diz que Jerusalém e as cidades de Judá tornar-se-iam "um lugar devastado (*chorbah*),... *assim como no dia de hoje*". Como observa o Dr. J. A. Thompson, "A frase *assim como no dia de hoje,* sugere que na época da escrita pelo menos alguns aspectos deste julgamento eram evidentes." (*O Livro de Jeremias,* Grand Rapids: Eerdmans, 1980 pág. 516, em inglês) A profecia foi proferida e escrita "no quarto ano de Jeoiaquim,..., isto é, no primeiro ano de Nabucodorosor" (Jer. 25:1; 36 1-4). Porém, como aquele rolo foi queimado por Jeoiaquim alguns meses depois, no nono mês de seu quinto ano (Jer 36:9-25), outro rolo teve de ser escrito (Jer 36:32). Nessa época os exércitos de Nabucodonosor já tinham invadido e devastado a terra de Judá. Portanto, no momento da escrita, a frase "assim como no dia de hoje" foi provavelmente acrescentada como resultado desta desolação. Que a palavra *chorbah* não significa necessariamente um estado de *total* desolação "sem habitante" pode-se ver em outros textos que usam a palavra, por exemplo Ezequiel 33:24, 27 ("os *habitantes* desses *lugares devastados*") e Neemias 2:17. Durante a época de Neemias, Jerusalém era habitada, e ainda sim foi dito que estava "devastada (*chorbah*)". A frase "baldio desolado, *sem habitante"* é encontrada em Jeremias 9:11 e 34:22. Embora isto se refira a Jerusalém e às cidades de Judá, em nenhum lugar se iguala esse período com os setenta anos. Conforme indicado pelo professor Arthur Jeffrey na *Bíblia do Intérprete* (Vol. 6, pág. 485, em inglês), a palavra *chorbah* é "freqüentemente usada para descrever o estado de uma terra devastada, após a passagem de exércitos inimigos (Levítico 26:31, 33; Isaías 49:19; Jeremias 44:22; Ezequiel 36:34; Malaquias 1:4; 1 Macabeus 1:39)." Não seria inexato, portanto, falar de Judá como *chorbah* dezoito anos antes de seu despovoamento, *se a terra tinha sido devastada pelo exército de um inimigo naquela época*. Inscrições da Assíria e de Babilônia mostram que, para abater rapidamente o poder e o moral de um rebelde, o exército imperial tentaria arruinar o potencial econômico "destruindo instalações não fortificadas, ceifando plantações e devastando campos." – "Sobre Operação Bélica e Controle Militar nos Antigos Impérios do Oriente Próximo", Israel Eph'al, em *História, Historiografia e Interpretação*, H. Tadmor & M. Weinfield (Jerusalém: The Magnes Press, 1984), pág. 97, em inglês.

servidão antes de qualquer coisa significou *vassalagem*.[11] Embora Judá também tenha sido subjugada por Babilônia, vez após vez revoltou-se e tentou se livrar do jugo de Babilônia, o que resultou em onda após onda de devastadoras ações militares e deportações até que o país ficou por fim desolado e despovoado após a destruição de Jerusalém em 587 A.E.C. Que esse destino não é a mesma coisa que servidão, mas viria como punição para qualquer nação que *se recusasse a servir* ao rei de Babilônia, tinha sido claramente predito por Jeremias, no capítulo 27, versículos 7, 8 e 11:

> "E todas as nações terão de servir mesmo a ele, e a seu filho, e a seu neto, até que venha mesmo o tempo da sua própria terra, e muitas nações e grandes reis terão de explorá-lo como servo."
>
> "E terá de acontecer que *a nação e o reino que não o servirem*, sim, a Nabucodonosor, rei de Babilônia, e aquela que não puser seu pescoço sob o jugo do rei de Babilônia, *para tal nação voltarei a minha atenção com a espada, e com a fome, e com a pestilência*', é a pronunciação de Jeová, '*até que eu tenha dado cabo deles pela sua mão*'".
>
> *"E quanto à nação que puser seu pescoço sob o jugo do rei de Babilônia e realmente o servir, também eu vou deixá-la descansar sobre o seu solo',* é a pronunciação de Jeová, *'e ela o cultivará e morará sobre ele'*." *(TNM)*

À base destes versículos fica bastante claro o que *servir* ao rei de Babilônia significava para uma nação. Significava aceitar o jugo de Babilônia como vassalo e por isso ser poupada da desolação e deportação. A servidão, portanto, *era exatamente o contrário de*

[11] Como consta em qualquer dicionário de hebraico, o verbo hebraico *'abad*, "trabalhar, servir", poderia significar também servir como um subordinado ou vassalo, pagando tributo, por exemplo. O substantivo correspondente *'ebed*, "escravo, servo", aplica-se com freqüência a estados vassalos ou nações tributárias. Aliás, o termo técnico para "vassalo" em hebraico era precisamente *'ebed*. – Veja "Alguns Aspectos da Terminologia de Tratado na Bíblia", *Quarto Congresso Mundial de Estudos Judaicos: Documentos*, Dr. Jonas C. Greenfield, Vol. I, 1967, págs. 117-119, em inglês; e também "O Uso de *'ebed* como Termo Diplomático em Jeremias", *Revista de Literatura Bíblica*, Dr. Ziony Zevit, Vol. 88, 1969, págs. 74-77, em inglês.

revolta, desolação, deportação e exílio.[12] Foi por isso que Jeremias advertiu o povo contra tentar se livrar do jugo de Babilônia e os admoestou: "Servi o rei de Babilônia e continuai vivendo. Por que se devia esta cidade tornar um lugar devastado?" – Jeremias 27:17, *TNM*

Assim, as nações que aceitassem o jugo de Babilônia *serviriam* ao rei de Babilônia por setenta anos. Mas as nações que *se recusassem a servir* ao rei de Babilônia seriam *devastadas*. Esse destino finalmente sobreveio a Judá após cerca de dezoito anos de servidão, interrompida por repetidas rebeliões. Portanto, os setenta anos de servidão preditos por Jeremias não se aplicaram a Judá como nação, mas somente às nações que se submeteram ao rei de Babilônia. Como Judá se recusou a submeter-se, teve de enfrentar a punição — com desolação e exílio — exatamente como havia sido predito em Jeremias 25:11. Naturalmente, os judeus exilados tiveram de executar vários tipos de "serviço" em Babilônia. Isto, porém, não era o serviço de um estado *vassalo*, e sim o serviço de escravos *capturados* e *deportados*.[13]

---

[12] A diferença é mencionada pelo Dr. John Hill em sua análise de Jeremias 25: 10, 11: "Nos vv. 10-11 há um enunciado em duas partes da punição decretada no v. 9. A primeira parte do enunciado está nos vv 10-11a que mencionam a dominação e a devastação de Judá. A segunda parte está no v. 11b que faz referência à dominação das nações vizinhas de Judá. De modo que os vv 10-11 fazem distinção entre o destino de Judá e o de seus vizinhos, que é o de serem dominados. O destino de Judá é sofrer a devastação de sua terra." – *Amigo ou Inimigo? A Figura de Babilônia no Livro de Jeremias M*, J. Hill (em inglês - Brill: Leiden etc., 1999, pág. 110, nota 42.)

[13] Outras nações que também se recusaram a aceitar o jugo de Babilônia, foram desoladas, e os cativos foram levados para Babilônia. Por exemplo, segundo a Crônica Babilônica BM 21946, uma das cidades-estado filistéias, provavelmente *Ascalom* (o nome está parcialmente ilegível), foi "pilhada e saqueada" e "transformada... em um monte de ruína". Esta destruição, predita por Jeremias em Jeremias 47:5-7, ocorreu no mês de quislimu (9º mês) do primeiro ano de Nabucodonosor, segundo a crônica, isto é, em novembro ou dezembro de 604 A.E.C. (*Crônicas Assírias e Babilônicas*, A. K. Grayson, Locust Valley, Nova Iorque: Augustin Publisher, 1975, pág. 100, em inglês). Que Ascalom foi arruinada está agora confirmado por escavações. Em 1922, Lawrence E. Stager desenterrou em Ascalom a evidência arqueológica desta destruição babilônica. – Veja "A Fúria de Babilônia: Ascalom e a Arqueologia da Destruição", L. E. Stager, *Recensão de Arqueologia Bíblica*, Vol. 22:1 (1996), págs. 56-69, 76-77, em inglês.

A-2: Quando terminariam os setenta anos?

A predição de que "estas nações terão de servir ao rei de Babilônia por setenta anos." (Jeremias 25:11) significa que haveria uma mudança na posição de supremacia babilônica ao fim do período de setenta anos. Esta mudança é descrita no versículo 12 do capítulo 25 de Jeremias:

> "E terá de acontecer que, *quando tiverem cumprido setenta anos*, ajustarei contas com o rei de Babilônia e com aquela nação', é a pronunciação de Jeová, 'pelo seu erro, sim, com a terra dos caldeus, e vou fazer dela baldios desolados por tempo indefinido." (*TNM*)

Todos os historiadores, e também a Sociedade Torre de Vigia, concordam que o Império Neobabilônico findou em 539 A.E.C. Em 12 de outubro daquele ano (segundo o calendário juliano) a cidade de Babilônia foi capturada pelos exércitos do rei persa Ciro. Segundo o livro de Daniel, capítulo 5, versículo 30, Belsazar, filho do rei Nabonido, foi morto. O próprio Nabonido foi aprisionado e exilado em Carmânia, ao oeste, onde, segundo Beroso, passou o resto de sua vida como governador daquela província.[14]

Portanto, o ano em que Jeová ajustaria "contas com o rei de Babilônia e com aquela nação.... pelo seu erro, sim, com a terra dos caldeus....", foi evidentemente 539 A.E.C. Naquele momento os setenta anos tinham se "cumprido", conforme a profecia de Jeremias. A conquista de Babilônia pelos persas em 539 A.E.C. pôs fim definitivo à supremacia babilônica sobre as nações que lhe tinham servido como vassalos até aquele ano. Depois daquele ano era impossível "servir ao rei de Babilônia" em qualquer sentido, seja como vassalos ou como exilados cativos em Babilônia. Daquele ano em diante, estas pessoas estariam servindo ao rei da Pérsia, não ao rei de Babilônia.[15] De modo que os setenta anos de servidão terminaram definitivamente em 539 A.E.C., *não depois.*

---

[14] Veja os comentários de Paul-Alain Beaulieu em *O Reinado de Nabonido, Rei de Babilônia, 556-539 A.C.* (em inglês - New Haven e Londres: Editora da Universidade de Yale, 1989), págs. 230, 231.

[15] De acordo com isto, 2 Crôn. 36:20 declara que os judeus exilados "vieram a ser servos dele [Nabucodonosor] e dos seus filhos *até o começo do reinado da realeza da Pérsia*" (*TNM*), ou seja, até o outono setentrional de 539 A.E.C., *mas não depois disso*.

Note-se, portanto, que a profecia de Jeremias é claramente incompatível com a idéia de que os setenta anos se referem a um período *de desolação de Judá e de Jerusalém*. Por quê? Porque essa desolação não terminou em 539 A.E.C., mas depois, quando um restante de judeus exilados retornou a Judá em resultado do decreto de Ciro. (Esdras 1:1 – 3:1) Segundo a Torre de Vigia isso aconteceu *dois anos depois* da queda de Babilônia, ou seja, em 537 A.E.C.. Eles sustentam que os setenta anos terminaram naquele ano. Mas como foi que Jeová ajustou "contas *com o rei de Babilônia e com aquela nação...* pelo seu erro" em 537 A.E.C., dois anos *depois* de seu destronamento e da queda de Babilônia? As publicações da Sociedade Torre de Vigia jamais apresentaram uma solução para este problema.

A-3: *A fixação histórica da profecia dos setenta anos*

Se os setenta anos terminaram em 539 A.E.C., quando foi que começaram? Claramente, eles não podem ser contados a partir do ano da desolação de Jerusalém. O período entre a data estabelecida de 587 A.E.C. e 539 foi de apenas quarenta e oito anos. Todavia, uma vez que, como se mostrou, os setenta anos se referem ao período de *submissão a Babilônia*, e não ao período de desolação de Jerusalém, a pergunta correta a se fazer é: Quando foi que o período de *servidão* teve início?

Primeiro de tudo, é importante estabelecer o fundo histórico no qual esta profecia foi feita. Conforme já se destacou, ela foi proferida dezoito anos antes da destruição de Jerusalém e de seu templo, "no quarto ano de Jeoiaquim" (Jeremias 25:1), ou seja, em 605 A.E.C..

Naquele ano ocorreu um evento muito importante, com conseqüências momentosas para Judá e suas nações vizinhas. Este foi o ano da bem conhecida *Batalha de Carquemis* (junto ao rio Eufrates ao norte da Síria), quando Nabucodonosor derrotou de forma decisiva o Faraó egípcio Neco e sua força militar. Esta importante vitória abriu ao rei de Babilônia o caminho para áreas do oeste, a Síria e a Palestina, as quais, nos poucos anos anteriores (609-605 A.E.C.) tinham sido controladas pelo Egito. Esta famosa batalha é também mencionada, e datada, em Jeremias 46:2:

> "Para o Egito, referente à força militar de Faraó Neco, rei do Egito, que veio a estar junto ao rio Eufrates, em Carquemis, a quem Nabucodorosor, rei de Babilônia, derrotou no quarto ano de Jeoiaquim, filho de Josias, rei de Judá:" (*TNM*)

De modo que a profecia dos setenta anos foi dada num momento crucial do tempo. Poderia ser o caso de Judá e seus vizinhos serem feitos vassalos e começarem a servir ao rei de Babilônia naquele ano? A pesquisa apresenta evidência mostrando que Judá e várias nações circunvizinhas *começaram a ser submetidas ao rei de Babilônia logo depois da Batalha de Carquemis, no quarto ano de Jeoiaquim e daí em diante*.

Em 1956 o Professor D. J. Wiseman publicou uma tradução da Crônica Babilônica *B.M. 21946*, que abrange o período do último (21º) ano de Nabopolassar até (e incluindo) o décimo ano de seu filho e sucessor, Nabucodonosor.[16] Esta tabuinha começa com uma descrição concisa da Batalha de Carquemis e os eventos posteriores. O trecho de abertura é citado aqui na íntegra devido à sua importância para o nosso exame:[17]

> [Vigésimo primeiro ano]: O rei de Acade ficou em casa (enquanto) Nabucodonosor (II), seu filho mais velho (e) príncipe coroado, reuniu [o exército de Acade]. Ele assumiu o comando de seu exército e marchou para Carquemis que se encontra às margens do Eufrates. Ele atravessou o rio [*para encontrar o exército do Egito*] que estava acampado em Carquemis. [...] Eles batalharam entre si. O exército egípcio bateu em retirada diante dele. Ele infligiu uma [derrota] sobre eles (e) os destruiu completamente. No distrito de Hamate o exército de Acade alcançou o restante do exército do [Egito que] conseguira escapar [da] derrota e que não tinha sido vencido. Eles (o exército de Acade) infligiram uma derrota sobre eles (de tal modo que) nem um único homem (egípcio) [voltou] para casa. Nessa época Nabucodonosor (II) conquistou completamente Ha[ma]te.[18]

---

[16] *Crônicas dos Reis Caldeus*, D. J. Wiseman (em inglês - Londres: Curadores do Museu Britânico, 1961), págs. 66-75.

[17] As citações que seguem são extraídas da mais recente tradução das crônicas que A. K. Grayson fez em sua obra *Crônicas Assírias e Babilônicas* (em inglês - Locust Valley, Nova Iorque: J. J. Augustin Publisher, 1975), págs. 99, 100.

[18] *Hamate* era um distrito próximo ao rio Orontes, na Síria, onde o Faraó Neco havia estabelecido quartéis generais egípcios, num lugar chamado Ribla. Depois da derrota do exército egípcio, Nabucodonosor escolheu o mesmo local como base para suas operações no oeste. – Veja 2 Reis 23:31-35; 25:6, 20, 21; Jeremias 39:5-7; 52:9-27.

Nabucodonosor II (604-562 A.E.C.)

O único retrato de Nabucodonosor II existente é encontrado neste camafeu, que está agora no Museu de Berlim. Provavelmente foi gravado por um grego a serviço do grande rei. A inscrição cuneiforme ao redor diz: "Para Marduque seu senhor, Nabucodonosor, rei de Babilônia, por sua vida fez isto." A figura do camafeu, ao qual se deu o número de inventário VA 1628, é usada aqui por cortesia do Museu do Antigo Oriente Próximo, em Berlim.

Por vinte e um anos Nabopolassar reinou em Babilônia. No dia oito do mês de ab ele morreu. No mês de elul Nabucodonosor (II) retornou para Babilônia e no primeiro dia do mês de elul ele ascendeu ao trono real em Babilônia.[19]

[19] A morte de Nabopolassar em 8 de abu corresponde a 16 de agosto de 605 A.E.C. (calendário juliano). Nabucodonosor ascendeu ao trono em 1º de ululu (7 de setembro de 605). A Batalha de Carquemis em maio de 605, portanto, aconteceu no mesmo *ano de ascensão* dele. Seu primeiro ano de reinado começou na primavera seguinte, em 1º de nisã de 604 A.E.C. A razão porque a Bíblia data a batalha no *primeiro ano* de Nabucodonosor (conforme Jeremias 46:2 e 25:1) parece ser que os reis judaicos aplicaram o sistema de ano não-ascensional, no qual o ano de ascensão de um rei já era contado como seu primeiro ano. Veja o Apêndice ao Capítulo 2: "Métodos de contagem de anos de reinado".

> Em seu ano de ascensão, Nabucodonosor (II) voltou para Hatu. Até o mês de sebate ele marchou vitoriosamente em Hatu. No mês de sebate ele levou o imenso despojo de Hatu para Babilônia.
>
> Primeiro ano de Nabucodonosor (II): No mês de sivã ele reuniu seu exército e marchou para Hatu. Até o mês de quisleu ele marchou vitoriosamente em Hatu. *Todos os reis de Hatu vieram à sua presença e ele recebeu deles o imenso tributo*.

A crônica torna evidente as conseqüências de longo alcance da derrota egípcia em Carquemis. Logo após a batalha, no verão de 605 A.E.C., Nabucodonosor começou a assumir o controle das áreas a oeste, que eram vassalas do Egito, usando Ribla, em Hamate, na Síria, como sua base militar.

A terrível aniquilação de todo o exército egípcio em Carquemis e Hamate pavimentou o caminho para uma rápida ocupação de toda a região pelos babilônios, e eles não parecem ter encontrado muita resistência. Durante esta campanha vitoriosa, Nabucodonosor soube que seu pai, Nabopolassar, tinha morrido, de modo que ele retornou a Babilônia para assegurar o trono, evidentemente deixando seu exército em Hatu para continuar as operações ali.

Como Wiseman destacou, *Hatu* era um termo geográfico que naquela época abrangia aproximadamente a Síria e o Líbano. Conforme é defendido pelo Dr. J. D. Hawkins em *Reallexikon Assyriologie*, 'em sentido ampliado', incluía também a Palestina e a Fenícia.[20]

Depois de sua entronização em Babilônia (em 7 de setembro de 605), Nabucodonosor voltou rapidamente para o território de Hatu, onde "marchou vitoriosamente por todos os lados" durante alguns meses até "o mês de sebate" (o décimo primeiro mês, que corresponde a fevereiro de 604 A.E.C.). É evidente que muitos países no oeste

---

[20] *Nabucodonosor e Babilônia*, D. J. Wiseman, Oxford: Editora da Universidade de Oxford, 1985, pág. 18, em inglês; *Reallexikon der Assyriologie*, Vol. 4 [editado por D. O. Edzard], 1972-1975, págs. 154-56. É razoável que Jeoiaquim tenha sido um dos "todos os reis de Hatu" que pagaram tributo nesse momento. A respeito disso, J. P. Hyatt diz: "Foi provavelmente em 605, ou no ano seguinte, que Jeoiaquim submeteu-se ao rei de Babilônia, conforme registrado em II Reis 24:1;... e II Reis 24:7 diz que 'o rei de Babilônia tomou tudo o que pertencera ao rei do Egito, desde o arroio do Egito até o Rio Eufrates.'" – "Nova Luz Sobre a História de Nabucodonosor e da Judéia", J. P. Hyatt, *Revista de Literatura Bíblica*], 75 (1956), pág. 280, em inglês.

ficaram naquele momento sob o controle de Babilônia, e ele poderia, portanto, levar um pesado tributo para Babilônia, o qual, como logo se mostrará a seguir, incluía prisioneiros de Judá e das nações adjacentes.

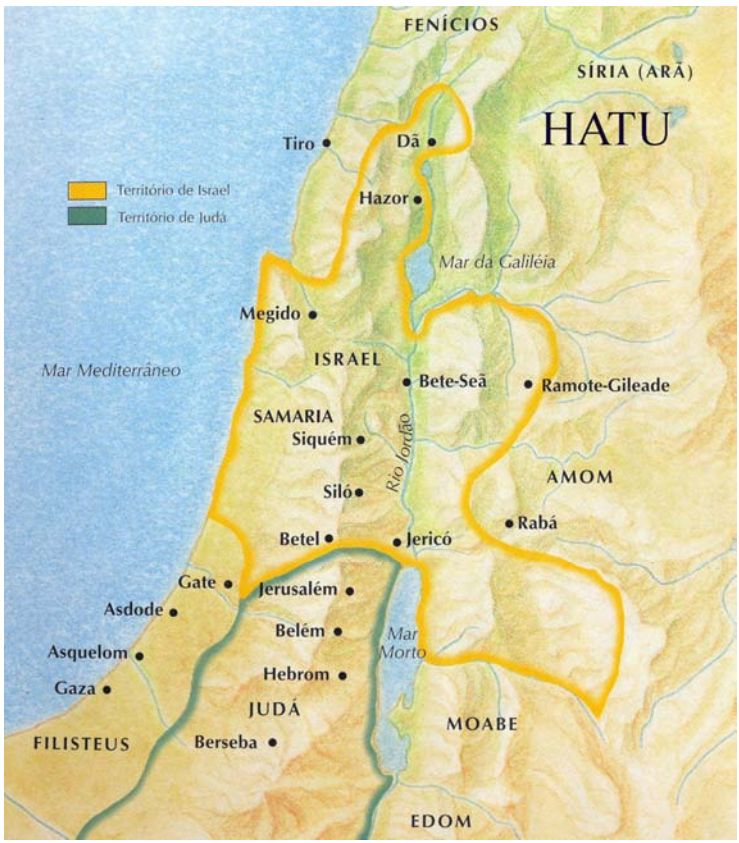
No início de seu primeiro ano de reinado (em junho de 604 A.E.C.) Nabucodonosor empreendeu outra campanha em Hatu para manter seu domínio sobre os territórios conquistados. Há registros de campanhas similares nos anos seguintes. Claramente, as nações na área de Hatu se tornaram vassalas de Babilônia logo após a Batalha de Carquemis. O curso dos setenta anos de servidão evidentemente já tinha começado.

A-4: A ocupação babilônica de Hatu e Daniel 1:1-6

Nabucodonosor não só subjugou um determinado número de nações circunvizinhas a Judá em 605 A.E.C., como também iniciou um cerco a Jerusalém e levou alguns cativos judeus para Babilônia naquele mesmo ano. Isto fica claro com base em Daniel 1:1-6.

Recordando o evento, Daniel declara que isso ocorreu "no *terceiro* ano do reinado de Jeoiaquim". No entanto o cerco e a deportação ocorreram evidentemente após a Batalha de Carquemis, a qual Jeremias situou "no *quarto* ano de Jeoiaquim". (Jeremias 46:2) Esta aparente contradição tem causado muito debate, e diferentes soluções foram propostas para resolver o problema. Porém, conforme se indicou na nota 19, se os diferentes métodos de contagem de anos de reinado em Judá e Babilônia forem levados em consideração, toda a questão é facilmente esclarecida. É muito natural que Daniel, como judeu exilado vivendo em Babilônia e como oficial da corte babilônica, tenha seguido o sistema calendar babilônico, adotando o método de ano de ascensão, mesmo quando se referia a reis judaicos. Este método de contagem faria o quarto ano de Jeoiaquim ser seu terceiro, de acordo com o sistema de ano de ascensão.

Daniel 1:1, 2 declara que nessa mesma época "veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, a Jerusalém e a sitiou. E o Senhor deu em suas mãos a Jeoiaquim, rei de Judá." (*ALF*). Isto não quer dizer necessariamente que a cidade foi tomada e Jeoiaquim levado cativo a Babilônia. Ser entregue na mão de alguém pode significar simplesmente que a pessoa foi obrigada a se submeter. (Compare com o que diz Juízes 3:10; Jeremias 27:6, 7 e textos similares). A indicação é que Jeoiaquim *se rendeu* e se tornou um *tributário* do rei de Babilônia. Ele



Judá e nações circunvizinhas
(Fonte: *BEG* – Mapa 5 - Adaptado)

evidentemente pagou um tributo a Nabucodonosor naquele momento, na forma de "parte dos utensílios da casa do [verdadeiro] Deus." – Daniel 1:2.

Como isso indica evidentemente que a servidão começou logo no início do reinado de Jeoiaquim, a Sociedade Torre de Vigia elaborou diversos argumentos *contrários* à leitura natural e direta deste texto. Assim, ela afirma que o "terceiro ano" deve ser entendido como o *terceiro ano da vassalagem de Jeoiaquim* a Nabucodonosor, o qual, argumenta-se que foi *seu décimo primeiro e último ano de reinado* (que coincidiu parcialmente com o *sétimo* ano de Nabucodonosor, ou seu *oitavo* ano pelo sistema não-ascensional).

Mas essa explicação contradiz frontalmente Daniel 2:1, que fala de Daniel na corte de Nabucodonosor e interpretando seu sonho da

imagem já no "segundo ano" deste rei. Se Daniel foi levado para Babilônia no *sétimo* ano de Nabucodonosor, como poderia ele estar lá interpretando os sonhos do rei no *segundo* ano deste? Então, para salvar a interpretação deles, este texto também teve de ser modificado e obrigado a dizer algo além do que ele diz *claramente*. Duas explicações diferentes foram oferecidas através dos anos, a última delas sendo que neste versículo Daniel contou os anos de Nabucodonosor a partir do momento da destruição de Jerusalém em seu décimo oitavo ano. O *segundo* ano de Nabucodonosor deve então ser entendido como seu *décimo nono* ano (ou *vigésimo*, de acordo com o sistema não-ascensional)!

Vemos assim, mais uma vez, que a aplicação dos setenta anos defendida pela Sociedade Torre de Vigia contradiz a Bíblia, dessa vez Daniel 1:1, 2 e 2:1. Para manter sua teoria, ela se vê obrigada a rejeitar a leitura mais fácil e direta destes textos.[21]

Que alguns cativos judeus já tinham sido levados para Babilônia no ano da ascensão de Nabucodonosor é também confirmado por Beroso em sua história babilônica escrita no terceiro século A.E.C.. Seu relato dos eventos para aquele ano reza como segue:

> Nabopalassaros, seu pai, soube que o sátrapa que fora designado sobre o Egito, Coele-Síria, e Fenícia, tinha se tornado um rebelde. Não mais estando à altura da tarefa, ele confiou uma parte de seu exército ao seu filho Nabouchodonosoros, que ainda estava no primor da mocidade, e o enviou contra o rebelde. Nabouchodonosoros colocou suas forças em ordem de batalha e combateu o rebelde. Ele o derrotou e submeteu o país novamente ao domínio babilônico. Neste exato momento, Nabopolassaros, seu pai, adoeceu e morreu na cidade dos babilônios depois de ter sido rei por vinte e um anos.
>
> Nabouchodonosoros soube da morte de seu pai logo depois. Depois de por em ordem os assuntos no Egito e no território restante, ele ordenou que alguns de seus amigos trouxessem *judeus, fenícios, sírios e egípcios como prisioneiros juntamente com a maior parte do exército e o resto do despojo para Babilônia*. Ele mesmo partiu com alguns companheiros e cruzando o deserto chegou a Babilônia.[22]

Assim, Beroso dá apoio à declaração de Daniel de que cativos judeus foram levados para Babilônia no ano de ascensão de

---

[21] Para comentários adicionais sobre Daniel 1:1, 2 e 2:1, veja o Apêndice ao Capítulo 5.

[22] *A Babiloníaca de Beroso*, Stanley Mayer Burstein, (em inglês - Malibu: Publicações Undena, 1978), págs. 26, 27.

Nabucodonosor. Esta confirmação de Daniel 1:1 é importante porque, conforme foi mostrado no Capítulo 3, Beroso derivou suas informações das crônicas babilônicas, ou de fontes próximas àqueles documentos, escritos originalmente durante a própria era neobabilônica.[23]

A-5: A servidão conforme expressa em Jeremias, capítulos 27, 28 e 35

Que a servidão de "estas nações" (Jer. 25: 11) teve início muito tempo antes da destruição de Jerusalém em 587 A.E.C. fica também claro à base do que diz Jeremias, capítulos 27, 28 e 35.

No capítulo 27, conforme já foi abordado, Jeremias admoesta Zedequias para que não se rebele, mas que ponha seu pescoço sob o jugo do rei de Babilônia e o sirva. O contexto mostra que isto ocorreu no quarto ano de Zedequias, ou seja, em 595/94 A.E.C.[24] O que ocasionou esta "palavra ... de Jeová" foi que, segundo o versículo 2, mensageiros tinham vindo a Zedequias provenientes de Edom, Moabe, Amom, Tiro e Sídon, evidentemente com o objetivo de aliciá-lo para

---

[23] O relato de Beroso sobre estes eventos tem sido alvo de críticas, mas foi aceito por historiadores como Hugo Winckler, Edgar Goodspeed, James H. Breasted e Friedrich Delitzsch. Veja "O Terceiro Ano de Jeoiaquim", por Albertus Pieters, em *Das Pirâmides a Paulo*, editado por Lewis Gaston Leary (em inglês - Nova Iorque: Thomas Nelson e Filhos, 1935), pág. 191. A descoberta da Crônica Babilônica BM 21946 deu apoio adicional à descrição que Beroso faz da conquista de Nabucodonosor após a Batalha de Carquemis. D. J. Wiseman, o primeiro tradutor desta crônica diz que o relato de Beroso acerca destes eventos "soa como verdadeiro". (*História Antiga – Universidade de Cambridge*, Vol. III:2, J. Boardman *et al,* Cambridge: Editora da Universidade de Cambridge, 1991, págs. 230-231, em inglês). Sobre a descrição que Beroso faz do Faraó Neco como um sátrapa rebelde, o Dr. Menahem Stern diz: "Do ponto de vista daqueles que consideravam o Império Neobabilônico como uma continuação do Império Assírio, a conquista da Coele-Síria e da Fenícia pelo governante egípcio pode ser interpretada como uma violação do território babilônico." – *Autores Gregos e Latinos Sobre os Judeus e o Judaísmo,* M. Stern, Vol. I (Jerusalém, 1974), pág. 59.

[24] No versículo 1 do capítulo 27, esta mensagem é datada no princípio do reinado de "Jeoiaquim", mas uma comparação com os versículos 3 e 12 mostra que a redação original era mui provavelmente "Zedequias". Isto é também confirmado pelo capítulo seguinte, Jeremias 28, datado no versículo 1 como "daquele mesmo ano", que se especifica ser "o quarto ano, no início do reinado de Zedequias, rei de Judá". (*NVI*), isto é, em 595/94 A.E.C.

uma ampla revolta contra o jugo babilônico. Obviamente todas estas nações eram vassalas de Babilônia nesta época, assim como Judá.

Os planos da rebelião despertaram esperanças e entusiasmo infundados entre o povo, e o próprio profeta Hananias predisse que o jugo babilônico seria quebrado dentro de dois anos:

> "Assim disse Jeová dos exércitos, o Deus de Israel: 'Vou quebrar o jugo do rei de Babilônia. Dentro de mais dois anos inteiros trarei de volta a este lugar todos os utensílios da casa de Jeová, que Nabucodonosor, rei de Babilônia, tomou deste lugar para levá-los a Babilônia." Jeremias 28:2, 3, *TNM*.[25]

Naturalmente esta profecia pressupunha que o jugo babilônico já tinha sido colocado sobre o pescoço das nações. Isso explica porque Hananias pôde tirar a canga do pescoço de Jeremias, quebrá-la e dizer: "Assim disse Jeová: 'Exatamente assim quebrarei o jugo de Nabucodonosor, rei de Babilônia, dentro de mais dois anos inteiros, *de cima do pescoço de todas as nações*." (Jeremias 28: 10, 11) Assim, no quarto ano de Zedequias o jugo babilônico estava sobre "o pescoço de todas as nações." A servidão era uma amarga realidade para "todas estas nações" naquele momento e evidentemente tinha sido assim já por vários anos.

A invasão babilônica de Judá logo após a batalha em Carquemis é também mencionada em Jeremias capítulo 35, o qual é datado "nos dias de Jeoiaquim, filho de Josias" (versículo 1) Os recabitas, que normalmente moravam em tendas em obediência à ordem de seu antepassado, Jonadabe, filho de Recabe, viviam em Jerusalém naquela época. Por quê? Eles explicaram a Jeremias:

> Mas, aconteceu que, quando Nabucodorosor, rei de Babilônia, subiu contra o país, começamos a dizer: 'Vinde e entremos em Jerusalém, por causa da força militar dos caldeus e por causa da força militar dos sírios, e moremos em Jerusalém.'" — Jeremias 35: 11, *TNM*.

---

[25] A razão para os planos de rebelião, amplamente difundidos naquele ano, pode ter sido a rebelião no próprio exército de Nabucodonosor em Babilônia, no décimo ano de seu reinado (= 595/94 A.E.C.), segundo a Crônica Babilônica B. M. 21946. — *ABC* de A. K. Grayson (veja a nota de rodapé 17 deste capítulo), pág. 102. O décimo ano de Nabucodonosor coincidiu em parte com o quarto ano de Zedequias. Veja os comentários sobre esta revolta na última seção do Apêndice: "Tabelas cronológicas que abrangem os setenta anos".

Assim, em algum momento do início do reinado de Jeoiaquim, o exército babilônico tinha invadido o território de Judá, obrigando os recabitas a procurar refúgio dentro das muralhas de Jerusalém. Ou esta invasão foi a que se descreve em Daniel 1:1-2, ou foi a que ocorreu no ano seguinte, quando, segundo a crônica babilônica, "todos os reis de Hatu" apresentaram o seu tributo ao rei babilônico como um símbolo de sua vassalagem.

Que Judá se tornou uma nação vassala de Babilônia logo no início do reinado de Jeoiaquim é claramente expresso em 2 Reis 24:1, onde se diz que nos dias de Jeoiaquim "subiu Nabucodonosor, rei de Babilônia, e *Jeoiaquim tornou-se assim seu servo* por três anos. No entanto, recuou e se rebelou contra ele." (*TNM*) Esta rebelião fez com que o rei de Babilônia começasse a "enviar contra ele guerrilhas de caldeus, e guerrilhas de sírios, e guerrilhas de moabitas, e guerrilhas dos filhos de Amom [é óbvio que estas nações estavam então sob o controle do rei de Babilônia], e continuou a enviá-las contra Judá para o destruir" (Versículo 2, *TNM*)

Foi comprovado que a predição de Jeremias acerca dos setenta anos em Jeremias 25:10-12 não se refere a um período de desolação completa de Jerusalém, e sim a um período de *servidão*, não para Judá, e sim para "estas nações", ou seja, as nações circunvizinhas a Judá.

Mostrou-se, além disso, que a Bíblia e as fontes históricas seculares, tais como as crônicas babilônicas e Beroso, concordam entre si que a servidão para estas nações começou muito antes da destruição de Jerusalém em 587 A.E.C. A crônica babilônica B.M. 21946 mostra que Nabucodonosor começou a conquistar estas áreas logo após a Batalha de Carquemis em 605 A.E.C. Daniel 1:1-6 relata que Nabucodonosor, no mesmo ano, sitiou Jerusalém e levou cativos judeus para Babilônia. Beroso confirma o que diz Daniel 1:1-6 com respeito a esta primeira deportação (que provavelmente foi bem pequena). Os capítulos 27, 28 e 35 de Jeremias mostram que Judá e as nações circunvizinhas eram vassalos de Babilônia já no início do reinado de Jeoiaquim, e isto é também evidente à base do que diz 2 Reis 24:1, 2. Para Judá e para várias nações circunvizinhas, a servidão começou evidentemente no mesmo ano em que Jeremias proferiu sua profecia, ou seja, em 605 A.E.C.

Por outro lado, a aplicação dos setenta anos feita pela Sociedade Torre de Vigia está em conflito frontal com a profecia de Jeremias. A

Sociedade aplica os setenta anos apenas a Judá, ignorando o fato de que a profecia de Jeremias se refere a um período de *servidão para várias nações*, e não a uma situação de desolação completa "sem habitante" de Jerusalém e de Judá.

Como veremos, o próximo texto que trata dos setenta anos está igualmente em conflito direto com a aplicação da Sociedade.

B: JEREMIAS 29:10

A segunda referência aos setenta anos no livro de Jeremias é feita numa carta que Jeremias enviou de Jerusalém aos judeus que tinham sido deportados para Babilônia, não apenas aos que tinham sido levados para lá na primeira deportação em 605 A.E.C., mas também àqueles "que Nabucodonosor levara ao exílio, de Jerusalém a Babilônia, *depois de Jeconias* [= Joaquim; compare com 2 Reis 24:10-15]*, o rei, e a senhora, e os oficiais da corte, os príncipes de Judá e de Jerusalém, e os artífices e os construtores de baluartes terem saído de Jerusalém*." — Jeremias 29:1, 2*, TNM.*

Isto dataria a profecia no reinado de Zedequias (versículo 3) e provavelmente por volta da mesma época de que fala o capítulo 28, ou seja, o quarto ano de Zedequias, 595/94 A.E.C. — Jeremias 28:1

O contexto parece ter sido o mesmo em ambos os capítulos: Os divulgados planos de revolta que alimentaram esperanças de libertação do jugo babilônico em Judá e nas nações circunvizinhas chegaram também ao conhecimento dos exilados em Babilônia. Assim como em Judá, surgiram falsos profetas entre os judeus que estavam em Babilônia, prometendo libertação em pouco tempo. (Jeremias 29:8, 9) Foi por isso que nessa época, *vários anos antes da destruição de Jerusalém*, Jeremias enviou uma carta para estes exilados em Babilônia, chamando a atenção deles para a profecia dos setenta anos:

Jeremias 29:8-10:

> Pois assim disse Jeová dos exércitos, o Deus de Israel: "Não vos enganem os vossos profetas que estão no vosso meio, nem os vossos adivinhos, e não escuteis os seus sonhos que estão sonhando. Pois 'é em falsidade que vos profetizam em meu nome. Não os enviei', é a pronunciação de Jeová. Pois assim disse Jeová: 'De acordo com o cumprimento de *setenta anos em Babilônia*, voltarei minha atenção para vós, e vou confirmar para convosco a minha boa palavra por trazer-vos de volta a este lugar. '" (*TNM*)

Estas palavras pressupunham claramente que os setenta anos estavam em progresso nessa ocasião. Se o período não tivesse *começado*, por que Jeremias associaria isto com a permanência dos exilados em Babilônia? Se o período de setenta anos *ainda não estivesse em progresso*, que importância teria a menção de Jeremias a ele? Jeremias não aconselhou os exilados a esperarem até que os setenta anos *começassem*, e sim a esperarem até que o período *se completasse*. Como Jeremias enviou sua mensagem aos exilados uns seis ou sete anos *antes* da destruição de Jerusalém, é óbvio que ele contou o início dos setenta anos a partir de um momento muitos anos *antes* daquele evento.

De modo que o contexto de Jeremias 29:10 dá apoio adicional à conclusão já apresentada, de que os setenta anos devem ser contados a partir de um momento vários anos antes da destruição de Jerusalém.

Todavia, independentemente do contexto, o texto em si mesmo deixa claro que os setenta anos não podem ser aplicados nem ao período da desolação de Jerusalém nem ao período do exílio judaico.

B-1: Setenta anos – "em" Babilônia ou "para" Babilônia?

A maneira como a *Tradução do Novo Mundo* verte Jeremias 29:10 parece descrever os setenta anos como um período de *cativeiro*: "setenta anos *em* Babilônia." Embora seja verdade que a preposição hebraica *l*^{e}, traduzida aqui por "em", possa ter o sentido de localização ("junto a, em"), seu significado geral é "por, para, com respeito a, com referência a", e Jeremias 29:10 é traduzido com este sentido pela maioria das versões modernas.[26]

[26] A idéia de que o significado básico de l^{e} (I) é *local* e *direcional* é rejeitada pelo Professor Ernst Jenni que provavelmente é hoje a maior autoridade em preposições hebraicas. – *Die Hebräischen Präpositionen, Band 3: Die Präposition Lamed*, Ernst Jenni (Stuttgart, etc.: Verlag Kohlhammer, 2000), págs. 134, 135. A obra dedica 350 páginas só para o exame da preposição l^{e}. (É interessante que a *TNM* dinamarquesa de 1985, verte "para Babilônia", e a nova versão sueca revisada da *TNM*, de 2003, também eliminou o "em" usado antigamente e passou a verter "para Babilônia"!)

JEREMIAS 29:10:
"setenta anos ... para Babilônia"

Da ***NVI Interlinear Hebraico-Inglesa do Velho Testamento***, John R. Kohlenberger III (Grand Rapids: Casa Publicadora Zondervan, 1979).

[Tradução literal da frase sublinhada: **para-Babilônia setenta anos**]

Os exemplos seguintes são tirados de algumas das versões mais conhecidas em português:

Tradução Ecumênica (1995): "Quando se completarem *para* Babilônia setenta anos..."

A Bíblia de Jerusalém (2000): "Quando se completarem, *para* a Babilônia, setenta anos..."

Centro Bíblico Católico (1999): "Quando setenta anos tiverem decorridos *para* Babilônia..."

Bíblia, Editora Vozes: "Quando se completarem *para* a Babilônia setenta anos,..."

Almeida Revista e Atualizada no Brasil (1960): "Logo que se cumprirem *para* a Babilônia setenta anos,..."

Outras traduções expressam a mesma idéia em outras palavras:

A Bíblia na Linguagem de Hoje (2000): "Quando os setenta anos *da* Babilônia passarem,..."

Nova Versão Internacional (2005): "Quando se completarem os setenta anos *da* Babilônia,..."

Bíblia Mensagem de Deus (1989): "Quando se cumprirem setenta anos *de* Babilônia,..."

Tradução Oficial da CNBB (2002): "Decorridos setenta anos *da* Babilônia,..."

Bíblia Alfalit (2002): "Quando se completarem setenta anos do reinado *da* Babilônia,..."

Todas estas versões expressam a mesma idéia, a saber, que os setenta anos se referem *à supremacia babilônica*, e não ao cativeiro judaico ou à desolação que se seguiu à destruição de Jerusalém em 587 A.E.C.

Que isto é o que o texto hebraico quis dizer é atestado pelo fato de estar de acordo com a profecia de Jeremias registrada em Jeremias 25:11 a respeito dos setenta anos de *servidão*. Tão logo o rei de Babilônia obteve a supremacia, outras nações tiveram de servi-lo.

Contudo, a *Tradução do Novo Mundo* não é a única Bíblia que verte a preposição *l*^{e} por "em" em Jeremias 29:10. Algumas outras também usam a preposição "em" neste texto. Dentre as versões em inglês, a mais conhecida é a *Versão Rei Jaime*, que foi publicada originalmente em 1611 e permaneceu por mais de três séculos como a *Versão Autorizada* para a Igreja Anglicana e para muitas outras igrejas protestantes[*]. No decorrer do tempo esta tradução granjeou uma autoridade e santidade própria. O mesmo vale para as revisões modernas em inglês da *Rei Jaime*. Um exemplo recente é a *Nova Versão Rei Jaime*, publicada em 1982. Embora a linguagem tenha sido modernizada, os editores têm se esforçado em, tanto quanto possível, manter o venerável texto antigo da versão. O progresso que se fez nos últimos dois séculos, especialmente devido às descobertas de numerosos manuscritos antigos da Bíblia, é mais bem refletido nas notas de rodapé, mas não no texto principal. Portanto, não surpreende que esta versão bem conservadora tenha mantido a preposição "em" na passagem de Jeremias 29:10.

No entanto, é interessante notar que outras revisões em inglês da *Rei Jaime* que não têm toda essa tradição, tais como a *Versão Revisada*, a *Versão Padrão Americana* e a *Versão Padrão Revisada*, substituíram a preposição "em" pela preposição "para" em Jeremias 29:10. E a última revisão deste tipo, a *Nova Versão Padrão Revisada* (1990),

[*] ***NOTA DO TRADUTOR***: Dentre as versões em língua portuguesa, uma das mais conhecidas que traduz dessa maneira é a *ARC*.

substituiu a frase "setenta anos... em Babilônia" que aparece na *Rei Jaime* pela frase "setenta anos de Babilônia".[27]

Por que razão estas e muitas outras versões modernas rejeitam a tradução "em Babilônia" no texto de Jeremias 29:10 em favor de "para Babilônia" ou alguma paráfrase que transmite a mesma idéia? *

B-2: O que dizem os eruditos em hebraico

Os eruditos em hebraico da atualidade concordam em geral que é altamente improvável, ou mesmo impossível que a preposição *l*^{e} tenha o sentido espacial ou de localização em Jeremias 29:10. O Dr. Tor Magnus Amble da Universidade de Oslo, Noruega, por exemplo, diz:

> "A preposição *l*^{e} significa 'para' ('em direção a') ou 'para' ('referente a'). *Exceto em algumas expressões fixas, dificilmente ela tem o sentido de localização, e de qualquer maneira não neste texto.* É muito comum ela introduzir um objeto indireto ('com respeito a', que corresponde a um dativo grego). É assim também que os tradutores da LXX entenderam isto, como o senhor lembra mui corretamente. Assim a tradução deve ser: setenta anos 'para Babel'." – Carta pessoal, datada de 23 de novembro de 1990. (Ênfase acrescentada.)

O hebraísta sueco Dr. Seth Erlandsson é até mesmo mais enfático:

> *"O sentido espacial é impossível em Jer. 29:10.* Também não existe 'em Babilônia' na LXX, e sim o dativo; conseqüentemente é 'para Babilônia'." – Carta pessoal datada de 23 de dezembro de 1990. (Ênfase acrescentada.)

Seria fácil acrescentar muitas outras declarações semelhantes de eruditos em hebraico, mas é suficiente citar aqui o Professor Ernst Jenni, de Basiléia, Suíça. Esta proeminente autoridade na preposição l^{e} (veja a nota de rodapé 26 deste capítulo) diz:

---

[27] Umas poucas traduções modernas que ainda mantêm "em Babilônia" em Jeremias 29:10 podem ter sido influenciadas, direta ou indiretamente, pela *Versão Rei Jaime*. Um de meus amigos, um lingüista dinamarquês, também chamou minha atenção para o fato de que a Vulgata Latina (do 4º século E.C.) apresenta a expressão que corresponde a "em Babilônia" no nosso idioma, a qual, assim como o "em Babilônia" da *Rei Jaime*, é mais uma interpretação do que uma tradução. É bem possível que esta antiga e altamente estimada versão, possa também ter influenciado algumas versões modernas.

* ***NOTA DO TRADUTOR*:** Conforme visto nos exemplos acima, isto ocorre também no caso das versões em língua portuguesa. Na maioria destas, a frase usada em Jeremias 29:10 é "setenta anos *para* Babilônia" ou alguma expressão de sentido equivalente.

> A tradução em todos os comentários e versões modernas é "para Babel" (Babel no sentido de potência mundial, não como cidade ou terra); isto é evidente tanto à base da linguagem, como à base do contexto. Quando o sentido é "localização" deve-se fazer distinção entre onde? (local onde se está, "em", "junto a") e aonde? (local para onde se vai, "para", "em direção a"). O significado básico da preposição *l*^{e} é "com referência a", e quando ela é seguida por uma especificação de local, pode ser entendida como significando "onde" ou "aonde" *somente em certas expressões adverbiais* (tais como a de Num. 11:10 [Clines DCH IV, 481b] "à entrada", cf. *Lamed* págs. 256, 260, cabeçalho 8151).
>
> Quanto às versões: A LXX traduz por "*babylôni*", inquestionavelmente um dativo ("para Babilônia"). Com certeza, só a Vulgata traduz por *in Babylone,* "em Babilônia", assim como a Versão Rei Jaime "at Babylon" [em Babilônia], e provavelmente também a Tradução do Novo Mundo. — Carta enviada pelo Prof. Jenni a Carl O. Jonsson em 1º de outubro de 2003. (Ênfase acrescentada.)

Portanto, uma vez que Jeremias 29:10 fala literalmente de setenta anos "para Babilônia", é claro que eles não podem se referir ao período da desolação de Jerusalém e seu templo, ou mesmo ao período do exílio judaico em Babilônia. Em vez disso, assim como em Jeremias 25:10-12, o que está em evidência é *o período da supremacia babilônica*. Esta é também a conclusão a que chegaram os eruditos que examinaram cuidadosamente o texto. Alguns comentários típicos são citados na caixa acompanhante.

Jeremias 25:10-12 e 29:10 contêm *a profecia* dos setenta anos. Os próximos dois textos que serão discutidos, Daniel 9:2 e 2 Crônicas 36:20,21, são apenas *breves referências* à profecia de Jeremias. Nenhum deles pretende ser uma discussão abrangente da profecia nem dá uma aplicação detalhada do período. Dessa forma, qualquer tentativa de encontrar uma aplicação do período de setenta anos, deve *proceder da profecia*, não das referências a ela. É só a profecia que dá detalhes específicos a respeito dos setenta anos, tais como, (1) que eles se referem a "estas nações", (2) que eles seriam um período de *servidão* para estas nações, (3) que eles se referem ao período da supremacia babilônica e (4) que este período se cumpriria quando o rei de Babilônia fosse punido. Essa informação detalhada não se encontra nas referências posteriores à profecia feitas por Daniel e Esdras. De modo que a discussão destas referências deveria ser sempre feita à luz do que a profecia realmente diz.

Os setenta anos "para Babilônia"

"O sentido do hebraico original poderia realmente ser traduzido assim: 'Depois de setenta anos (de domínio) de Babilônia se cumprirem etc.' Os setenta anos contados aqui evidentemente se referem a Babilônia e *não* aos judeus ou ao seu cativeiro. Eles significam setenta anos de domínio babilônico, ao fim dos quais ocorreria a libertação dos exilados." — "Os Setenta Anos de Babilônia", Dr. Avigdor Orr, *Velho Testamento*, Vol. VI (1956), p. 305 (em inglês).

"É apropriado começar pelas passagens de Jeremias e observar, assim como Orr, que os textos em Jer. 25:11, 12 e 29:10 — sejam eles originais ou não — referem-se a um período de setenta anos de domínio babilônico, e não a um período de setenta anos de cativeiro real." — "Dois problemas históricos do Velho Testamento referentes ao início do período persa", Dr. Peter R. Ackroyd, *Revista de Estudos do Oriente Próximo*, Vol. XVII (1958), p. 23, em inglês.

"Deve-se certamente enfatizar que os setenta anos referem-se primariamente ao período do domínio mundial por Babilônia e não ao período do exílio, como se supõe freqüentemente, de maneira descuidada. Como estimativa do período de dominação babilônica sobre o antigo Oriente Próximo este foi um número notavelmente preciso, visto que da Batalha de Carquemis (605) até a queda de Babilônia diante de Ciro (539) decorreram sessenta e seis anos." — *Todos os Reinos da Terra*, Professor Norman K. Gottwald (em inglês - Nova Iorque, Evanston, Londres: Harper & Row, Publishers, 1964), págs. 265, 266.

"Tem sido indicado com freqüência que o versículo textualmente impecável que inclui a referência aos setenta anos não está considerando a duração do exílio, mas em vez disso a duração do domínio babilônico, o qual, desde seu início até a conquista de Babilônia pela Pérsia pode ser calculado em cerca de sete décadas." — *A us der Spatze it des Alten Testaments,* Dr. Otto Plöger, (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1971), p. 68. (Traduzido do alemão.)

C: DANIEL 9:1-2

O domínio babilônico foi definitivamente rompido quando os exércitos de Ciro, o persa capturaram Babilônia na noite entre 12 e 13 de outubro de 539 A.E.C. (calendário juliano). Anteriormente nessa mesma noite, Belsazar, filho do rei Nabonido e seu co-regente no trono, ficara sabendo que os dias de Babilônia estavam contados. O profeta Daniel, em sua interpretação da escrita milagrosa na parede, disse a ele que "Deus contou [os dias ou anos do] teu reino e acabou com ele." Naquela mesma noite Belsazar foi morto, e o reino foi dado a "Dario, o medo." (Daniel 5:26-31, *TNM*.) É óbvio que os setenta anos concedidos a Babilônia terminaram naquela noite. Este repentino colapso do império babilônico motivou Daniel a voltar sua atenção para a profecia de Jeremias sobre os setenta anos. Ele nos diz:

Daniel 9:1-2:

> No primeiro ano de Dario, filho de Assuero, da descendência dos medos, que fora constituído rei sobre o reino dos caldeus, no primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, compreendi pelos livros o número de anos a respeito dos quais viera a haver a palavra de Jeová para Jeremias, o profeta, para se cumprirem as devastações de Jerusalém, [a saber,] setenta anos. – Daniel 9:1, 2, *TNM*.

É razoável pensar que os "livros" que Daniel consultou podem ter sido uma coleção de rolos que continham as profecias de Jeremias. Mas as fontes de investigação dele podem também ter se limitado às cartas que Jeremias enviara aos exilados em Babilônia cinqüenta e seis anos antes (Jeremias 29:1-32), a primeira das quais tratou dos setenta anos "para Babilônia".[28] Não há dúvida de que estas cartas estavam pelo menos disponíveis para ele. Na realidade, o conteúdo de Daniel 9 e especialmente a oração de Daniel, registrada nos versículos 4 a 19,

[28] A palavra hebraica traduzida por "livros" em Dan. 9:2, *sefarim*, plural de *sefer*, foi usada para designar escritos de vários tipos, incluindo documentos jurídicos e cartas. Assim a palavra *seper* é também aplicada à primeira "carta" de Jeremias aos exilados em Babilônia, registrada em Jeremias 29: 1-23. Os versículos 24 a 32 do mesmo capítulo citam uma segunda carta enviada por Jeremias aos judeus exilados, provavelmente mais adiante no mesmo ano ou no início do ano seguinte.

está intimamente relacionado com o conteúdo das cartas de Jeremias, conforme foi demonstrado em detalhe pelo Dr. Gerald H. Wilson.[29]

C-1: Será que Daniel compreendeu a profecia dos setenta anos?

Quando Daniel diz que 'compreendeu' (*TNM*) nos escritos de Jeremias a profecia dos setenta anos, significa isso que ele 'entendeu' (*BEG, THO*) o sentido desta profecia e percebeu que o período tinha então terminado? Ou ele estava simplesmente dizendo que 'teve sua atenção despertada para' (*CBC*) ou 'estava pensando' (*BLH*) nos setenta anos mencionados por Jeremias e 'procurava compreender' (*BMD*) ou 'se esforçava por entender' (*BJE*) tais? O verbo hebraico usado aqui, *bin*, pode conter todas estas variações de significado. Porém, se Daniel teve qualquer dificuldade em entender o significado deste período de setenta anos, poder-se-ia esperar que a oração que ele fez em resultado de sua leitura contivesse uma súplica pelo entendimento da predição. Mas nem uma vez em sua prolongada oração Daniel menciona os setenta anos. Em vez disso, toda a ênfase de sua oração está nos judeus exilados e nas condições apresentadas na carta de Jeremias para o retorno deles a Jerusalém.[30]

Portanto, parece lógico concluir que Daniel não teve problemas em entender a profecia dos setenta anos. Como judeu, falante de hebraico, ele não teria qualquer dificuldade em entender que o texto hebraico de Jeremias 29:10 fala em setenta anos "para Babilônia", e que esta era uma referência ao período de supremacia babilônica. Com base no fato de que esta supremacia tinha terminado há pouco, Daniel só poderia chegar a uma conclusão: Os setenta anos tinham terminado!

De maior importância para Daniel, porém, era o que o fim dos setenta anos poderia significar para seu próprio povo, os judeus exilados em Babilônia, e para a cidade devastada de Jerusalém e seu templo arruinado. E foi sobre este assunto que Daniel falou em sua oração.

---

[29] Gerald H. Wilson, "A Oração de Daniel 9: Reflexão sobre Jeremias 29", *Revista para o Estudo do Velho Testamento*, número 48, outubro de 1990, págs. 91-99, em inglês.

[30] Compare com a discussão de Gerald H. Wilson, *op. cit.,* págs. 94, 95.

C-2: O objetivo da oração de Daniel

Segundo a carta de Jeremias, Jeová tinha prometido que, "Quando se completarem para Babilônia setenta anos, eu me ocuparei de vós e cumprirei as minhas promessas relativas ao vosso retorno a este lugar. — Jeremias 29:10, *TEB*.

Como os setenta anos "para Babilônia" estavam agora completos e "o primeiro ano" de "Dario, o medo" estava em pleno progresso, por que Jeová não tinha ainda cumprido a promessa dele de trazer os exilados em Babilônia de volta para Jerusalém (o "lugar" do qual eles tinham sido deportados antes, segundo Jeremias 29:1, 20), acabando assim com o estado desolado de sua cidade? Não seria o fim dos setenta anos "para Babilônia" *seguido pelo término do exílio e da desolação de Jerusalém*? *Por que a demora?* A julgar pela oração de Daniel este assunto parece ter sido sua preocupação principal e o verdadeiro motivo da oração.

Em sua carta aos exilados, Jeremias tinha explicado também que o cumprimento da promessa de Jeová de restabelecê-los em Jerusalém após o fim dos setenta anos *dependia de se satisfazerem certas condições*:

> Então me invocareis, e ireis, e orareis a mim, e eu vos ouvirei. Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração. Serei achado de vós, diz o Senhor, e farei voltar os vossos cativos. Congregar-vos-ei de todas as nações, e de todos os lugares para onde vos lancei, diz o Senhor, e tornarei a trazer-vos ao lugar donde vos transportei. — Jeremias 29:12-14, *THO*

De modo que as condições a serem satisfeitas antes de os exilados poderem retornar a Jerusalém, eram eles voltarem para Jeová, por buscá-lo por meio de oração, confessando seus pecados, e começando a escutar sua voz. *E foi precisamente isto que Daniel fez:*

> E passei a pôr a minha face para Jeová, o [verdadeiro] Deus, para [o] procurar com oração e com rogos, com jejum e com serapilheira e cinzas. — Daniel 9:3, *TNM*.

À base da oração de Daniel, registrada nos versículos subseqüentes (4-19), fica claro que o principal interesse dele era buscar o perdão para o seu povo, para que ele pudesse retornar à sua pátria. Ele sabia que as "devastações de Jerusalém" e a desolação da terra eram a maldição predita "na lei de Moisés" (Daniel 9:13; compare com

Levítico 26 e Deuteronômio 28), em resultado de sua violação da lei de Jeová. (Daniel 9:11) Ele sabia que Jeová só os faria voltar à terra deles quando o povo retornasse a Ele e começasse a escutar Sua voz. A consciência desta condição, expressa na lei (Deuteronômio 30:1-6) e repetida e enfatizada na carta de Jeremias, reflete-se na oração de Daniel. Obviamente, o interesse dele na profecia de Jeremias sobre os setenta anos foi motivado pela empolgante descoberta de que o fim da desolação de Jerusalém estava muito próximo, uma vez que os setenta anos "para Babilônia" estavam agora completos.

C-3: A relação entre os setenta anos e "as devastações de Jerusalém"

Assim, em seu exame da carta de Jeremias, Daniel evidentemente teve grande interesse no fato de que o fim dos setenta anos "para Babilônia" tinha relação direta com o fim da desolação de Jerusalém. O fim deste período pressupunha e era dependente do fim daquele:

> Assim diz o SENHOR: Logo que se cumprirem para a Babilônia setenta anos, atentarei para vós outros e cumprirei para convosco a minha boa palavra, tornando a trazer-vos para este lugar [Jerusalém]. — Jeremias 29:10, *ALA.*

Esta era evidentemente a razão por que Daniel, em sua referência à profecia de Jeremias, associou os setenta anos "para Babilônia" com *Jerusalém,* falando deles como "o número de anos... *para se cumprirem as devastações de Jerusalém."* (Daniel 9:2, *TNM*) Estava claro, à base da carta de Jeremias, que a finalização dos setenta anos de Babilônia acarretaria o "cumprimento das desolações de Jerusalém" (devido ao retorno dos exilados), e é nesta conseqüência que Daniel põe ênfase em sua declaração.[31]

Isoladas do contexto, porém, estas palavras poderiam ser facilmente mal-interpretadas como significando que Daniel igualou o período de setenta anos com o período da desolação de Jerusalém. Alguns tradutores da Bíblia entenderam o texto desta maneira. Assim a *Tanakh*, uma tradução em inglês editada pela Sociedade Publicadora Judaica

---

[31] O Dr. C. F. Keil, um dos maiores eruditos em hebraico do século 19, observou em sua análise gramatical o quanto Daniel associou e ainda assim distinguiu os dois períodos, concluindo: "Conseqüentemente, no primeiro ano do reinado de Dario, o Medo, sobre o reino dos caldeus, os setenta anos profetizados por Jeremias estavam agora completos, o período da desolação de Jerusalém determinado por Deus estava quase expirado" – *Comentário Bíblico sobre o Livro de Daniel*, C. F. Keil (em inglês - Edimburgo: Clark, 1872), págs. 321, 322

em 1985, fala do "número de anos que... *seriam o termo da desolação de Jerusalém — setenta anos."* Similarmente, a *NVI* apresenta Daniel dizendo que, "compreendi pelas Escrituras ... que *a desolação de Jerusalém iria durar setenta anos*."

Todavia, estas duas traduções estão *parafraseando* livremente a passagem, a qual nem fala do "termo" da desolação de Jerusalém, nem que ela "iria durar" setenta anos. Nenhuma destas palavras se encontra no texto original. Elas foram adicionadas como tentativa de *interpretar* o texto. Não há qualquer razão que nos obrigue a aceitar esta interpretação, não só por ser derivada de uma paráfrase do texto, como também por estar em conflito direto com a própria profecia de Jeremias.[32]

Deve-se notar que o próprio Daniel não iguala os setenta anos com o período da desolação de Jerusalém. É apenas a *finalização* do período de setenta anos — não o período como um todo — que ele relaciona com o "cumprimento das desolações de Jerusalém." Esta ênfase no *fim* do período está totalmente ausente nas duas traduções citadas acima (*Tanakh* e *NVI*), ambas as quais falham em traduzir a palavra hebraica *l*^{e}*mal'ot* como "cumprimento, cumprir". A maioria das versões (incluindo a *Tradução do Novo Mundo*) está mais de acordo com o texto original neste respeito.[33]

Assim, o que Daniel descobriu ao ler a carta de Jeremias, não foi que a desolação de Jerusalém duraria setenta anos (pois isto não é dito em parte alguma de Jeremias), mas sim que as desolações de Jerusalém não cessariam até que os setenta anos "para Babilônia" tivessem

[32] Vários eruditos críticos, que consideram o livro de Daniel como uma composição posterior do fim do reinado de Antíoco IV Epifânio (175-164 A.E.C.), argumentaram que a profecia original de Jeremias sobre os setenta anos foi repetidamente reinterpretada e reaplicada pelos escritores bíblicos posteriores Esdras, Zacarias e Daniel. Não há qualquer razão para discutir estas teorias aqui, especialmente porque há ampla discordância sobre elas entre estes eruditos.

[33] Foi recebida do lingüista mencionado na nota 27 deste capítulo uma análise gramatical detalhada do texto hebraico de Daniel 9:2, que esclarece passo a passo o significado exato do versículo. Na conclusão, foi proposta a seguinte tradução, que concorda bastante com o texto original: "Em seu primeiro ano de reinado [de Dario] eu, Daniel, verifiquei nos escritos que o número de anos, os quais, segundo a palavra de JHWH a Jeremias o profeta, estariam completamente cumpridos com relação ao estado desolado de Jerusalém, era de setenta anos."

terminado. O foco dos "setenta anos" estava em Babilônia e em seu período de dominação, não em Jerusalém.

Naturalmente, o fim da dominação babilônica abriria, *como conseqüência natural* ou *subproduto*, a perspectiva para o retorno judaico a Jerusalém. Este é o significado mais simples das palavras de Daniel à luz do que foi realmente escrito na carta de Jeremias. Uma vez que a supremacia de Babilônia foi repentinamente substituída pela da Medo-Pérsia e os setenta anos "para Babilônia" e sua dominação internacional tinham agora sido completados, Daniel entendeu – com a ajuda da carta de Jeremias – que era o tempo devido para o fim das devastações de Jerusalém. Esta foi a razão do entusiasmo de Daniel e dos fortes sentimentos que ele expressou em sua oração.

D: 2 CRÔNICAS 36:20-23

Os dois livros das Crônicas registram a história de Israel até o fim do exílio judaico em Babilônia. Logo, estes livros devem ter sido terminados em algum momento depois desse evento. Os últimos versículos do segundo livro das Crônicas associam o cumprimento da profecia de Jeremias sobre os setenta anos com a conquista persa de Babilônia e o fim do cativeiro judaico, como segue:

2 Crônicas 36:20-23:

> **20** Além disso, ele levou cativos a Babilônia os que foram deixados pela espada, e eles vieram a ser servos dele e dos seus filhos até o começo do reinado da realeza da Pérsia; **21** para se cumprir a palavra de Jeová pela boca de Jeremias, *até que a terra tivesse saldado os seus sábados. Todos os dias em que jazia desolada, guardava o sábado*, para cumprir setenta anos. **22** E no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se consumasse a palavra de Jeová pela boca de Jeremias, Jeová despertou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, de modo que fez passar uma proclamação através de todo o seu reino, e também por escrito, dizendo: **23** "Assim disse Ciro, rei da Pérsia: 'Jeová, o Deus dos céus, deu-me todos os reinos da terra, e ele mesmo me comissionou para lhe construir uma casa em Jerusalém, que está em Judá. Quem dentre vós for de todo o seu povo, esteja com ele Jeová, seu Deus. Portanto, que suba!' " (*TNM*)

Pode-se observar que o cronista enfatiza constantemente a *concordância* entre as profecias de Jeremias e seu cumprimento nos eventos que ele registra. Assim a declaração no versículo 20 é uma aplicação de Jeremias 27:7: "E todas as nações *terão de servir mesmo a ele, e a seu filho, e a seu neto, até que venha mesmo o tempo da sua*

própria terra" Este tempo de Babilônia veio, conforme o cronista explica, no "começo do reinado da realeza da Pérsia [ou seja, em 539 A.E.C.], para se cumprir a palavra de Jeová pela boca de Jeremias, . . . para cumprir setenta anos." De modo que isto também cumpriria a predição em Jeremias 25:12, de que o tempo de Babilônia viria "quando tiverem cumprido setenta anos". Assim o cronista parece estar dizendo claramente que os setenta anos se cumpriram no momento da conquista de Babilônia pelos persas.

O que complica o assunto no texto é a declaração (grifada na citação acima) sobre o "descanso sabático" da terra, inserida no meio da referência à profecia de Jeremias. Isto fez com que vários eruditos concluíssem que o cronista *reinterpretou* a profecia de Jeremias, aplicando os setenta anos ao período da desolação de Judá.[34]

Todavia, esse entendimento não só estaria em conflito com a profecia de Jeremias, como também contradiria a própria ênfase do cronista na concordância entre a profecia original e seu cumprimento. Assim, o que quis dizer o cronista com a inserção que fez da declaração sobre o descanso sabático da terra?

D-1: O descanso sabático da terra

Uma leitura superficial do versículo 21 poderia dar a impressão que o cronista afirma que a terra usufruiu um descanso sabático de setenta anos, e que isto fora predito por Jeremias. Mas Jeremias não fala dos setenta anos em termos de possibilitar que a terra saldasse seus anos sabáticos. Na realidade, não há absolutamente qualquer referência a um descanso sabático para a terra no livro dele.

Dessa forma, as palavras de Esdras, "até que a terra tivesse saldado os seus sábados. Todos os dias em que jazia desolada, guardava o sábado", não poderia ser um cumprimento da "palavra de Jeová pela boca de Jeremias." As duas frases sobre o repouso sabático são, como foi observado por comentaristas bíblicos, uma referência a outra predição, encontrada em Levítico, capítulo 26.

Entre outras coisas, este capítulo adverte que, se o povo não obedecesse à *lei dos anos sabáticos* (discutida no capítulo antecedente,

---

[34] Veja, por exemplo, *Vetus Testamentum,* de Avigdor Orr, Vol. VI (1956), pág. 306, e *Interpretação Bíblica no Antigo Israel*, de Michael Fishbane (em inglês - Oxford: Editora Clarendon, 1985) págs. 480-81.

Levítico 25), eles seriam dispersos entre as nações e sua terra seria desolada.[35] Desta maneira a terra poderia "saldar seus sábados":

> "'E naquele tempo *saldará a terra os seus sábados, todos os dias em que jazer desolada*, enquanto estiverdes na terra dos vossos inimigos. Naquele tempo a terra guardará o sábado, visto que tem de saldar os seus sábados. *Guardará o sábado todos os dias em que jazer desolada*, visto que não guardou o sábado nos vossos sábados quando moráveis nela. — Levítico 26:34-35, *TNM*.

Assim como Daniel anteriormente, o escritor das Crônicas entendeu a desolação de Judá como um cumprimento desta maldição predita na lei de Moisés. De modo que ele inseriu esta predição registrada em Levítico 26 para mostrar que ela se cumpriu após a deportação final para Babilônia, exatamente como foi predito por Moisés, "enquanto estiverdes na terra dos vossos inimigos".[36] Ao inserir as duas frases de Levítico 26, o cronista não quis dizer que a terra usufruiu um descanso sabático de *setenta anos*, pois isto não foi predito, nem por Moisés nem por Jeremias. Ele *não disse explicitamente por quanto tempo a terra descansou*, mas apenas que "todos os dias em que jazia

[35] Segundo a lei dos anos sabáticos, a terra desfrutaria de um repouso sabático em todo sétimo ano, ou seja, a terra deveria repousar, sem ser cultivada. (Levítico 25:1-7) Isto "servia para reduzir a quantidade de alcalinos, sódio e cálcio, depositado no solo pelas águas de irrigação." — *Comentário da SPJ: Levítico*, Baruch A. Levine, (em inglês - Filadélfia, Nova Iorque, Jerusalém: Sociedade Publicadora Judaica, 1989), pág. 272. A violação desta lei destruiria gradualmente o solo e reduziria drasticamente o rendimento da colheita.

[36] Alguns tradutores colocaram a citação que o cronista faz de Levítico 26 entre hífens ou entre parênteses (como faz a versão sueca de 1917) com o fim de enfatizar que eles não se referem à profecia de Jeremias.

desolada, guardava o sábado". – 2 Crônicas 36:20.[37]

Como no caso de Daniel, o principal interesse do cronista era o retorno dos exilados, de modo que ele indica que eles tiveram de permanecer em Babilônia até que duas profecias estivessem cumpridas: (1) a de Jeremias sobre os setenta anos de supremacia "para Babilônia", e (2) a de Levítico, sobre a desolação e o repouso sabático para a terra de Judá. Estas profecias não devem ser misturadas ou confundidas, como freqüentemente se faz. Elas não só se referem a períodos de caráter e durações diferentes, como também se referem a nações diferentes. Mas como os dois períodos estavam intimamente associados, de forma tal que o fim de um período era dependente do fim do outro, tanto o cronista como Daniel, fizeram a junção de ambos.

D-2: A profecia de Jeremias sobre o retorno dos exilados

Muitos comentaristas sustentam que o cronista finalizou os setenta anos no primeiro ano de Ciro (538/37 A.E.C.), por causa do que ele diz nos dois últimos versículos:

> E no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se consumasse a palavra de Jeová pela boca de Jeremias, Jeová despertou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, de modo que fez passar uma proclamação através de todo o seu reino, e também por escrito, dizendo:

---

[37] A verdadeira duração do repouso sabático da terra foi 49 anos, desde a desolação final e despovoamento em 587 A.E.C. até o retorno dos exilados em 538. Talvez seja apenas uma coincidência, mas este era também o período máximo em que um hebreu podia ser privado do direito de propriedade de sua herança ancestral, segundo a lei de posse da terra. Se ele ficasse tão pobre a ponto de ter de vender sua terra, esta não poderia ser vendida perpetuamente. Se a terra não pudesse ser comprada de volta, o comprador teria de devolvê-la no jubileu seguinte. — Levítico 25:8-28.

Se os 49 anos de repouso sabático corresponderam ao número exato de anos sabáticos que os israelitas tinham negligenciado, o período inteiro de violação da lei seria 49 x 7 = 343 anos. Se este período estendeu-se até 587 A.E.C., seu início teria sido aproximadamente em 930 A.E.C. É interessante que cronologistas modernos que examinaram cuidadosamente tanto a evidência bíblica como a extrabíblica, geralmente datam a *divisão do reino* em 930 A.E.C. ou próximo disso. (F.X. Kugler, por exemplo, data em 930; E., R. Thiele e K.A. Kitchen datam em 931/30, e W. H. Barnes em 932 A.E.C.) Uma vez que este desastre nacional resultou em uma interrupção geral do culto no templo em Jerusalém por parte da maioria do povo, é razoável pensar que uma ampla negligência em guardar os anos sabáticos tenha também começado nessa época.

> "Assim disse Ciro, rei da Pérsia: 'Jeová, o Deus dos céus, deu-me todos os reinos da terra, e ele mesmo me comissionou para lhe construir uma casa em Jerusalém, que está em Judá. Quem dentre vós for de todo o seu povo, esteja com ele Jeová, seu Deus. Portanto, que suba!'" — 2 Crônicas 36:22, 23, *TNM.*

Se a palavra de Jeová "pela boca de Jeremias" for considerada aqui como outra referência aos setenta anos, isto provaria que Esdras finalizou esse período em 538/37 A.E.C. Mas devido ao fato de que estes versículos realmente abordam o decreto de Ciro, que permitiu aos judeus retornarem à sua pátria, é mais natural entender a menção dele à profecia de Jeremias como uma referência ao que o profeta disse logo depois de sua predição dos setenta anos "para Babilônia" em Jeremias 29:10:

> Assim fala o SENHOR: Quando se completarem para Babilônia setenta anos, *eu me ocuparei de vós e cumprirei as minhas promessas relativas ao vosso retorno a este lugar.* — Jeremias 29:10, *TEB*

Note-se que o profeta não disse que Jeová primeiro se ocuparia dos exilados, fazendo-os voltar a Jerusalém, e que *em resultado disso* terminariam os setenta anos. É assim que a Sociedade Torre de Vigia aplica esta profecia. Pelo contrário, o profeta disse claramente que primeiro os setenta anos terminariam, e *depois de seu cumprimento* Jeová se ocuparia dos exilados e os faria retornar a Jerusalém. De modo que *os setenta anos se cumpririam enquanto os judeus exilados ainda estivessem em Babilônia!*

E assim foi: Babilônia caiu diante de Ciro, o rei da Pérsia, em outubro de 539 A.E.C., cumprindo assim a profecia dos setenta anos "para Babilônia." No ano seguinte Ciro emitiu seu decreto, permitindo que os judeus exilados retornassem a Jerusalém.[38] O fim dos setenta anos com a queda de Babilônia, e o retorno dos judeus um ano depois são dois eventos distintos, e é do último destes que Esdras fala em 2 Crônicas 36:22-23. De modo que a referência dele à palavra "pela boca de Jeremias" nestes versículos, deve ser uma referência à segunda parte do versículo 10 do capítulo 29 de Jeremias.

Constatamos assim que 2 Crônicas 36:20-23, da mesma maneira que Daniel 9:2, pode ser harmonizado com a profecia de Jeremias

[38] Conforme já foi abordado (no Capítulo 3 deste livro, nota de rodapé 2), o restante judaico provavelmente voltou do exílio em 538 A.E.C., não em 537 como a Sociedade Torre de Vigia insiste em afirmar.

sobre os setenta anos. O cronista finaliza o período enquanto os judeus exilados ainda estavam vivendo em Babilônia, no "começo do reinado da realeza da Pérsia" em 539 A.E.C. Ele enfatiza o fato de que os judeus exilados não puderam retornar a Jerusalém até que os setenta anos *de Babilônia* se cumprissem, e a terra tivesse saldado seus sábados. Depois Jeová os fez retornar à sua pátria, no primeiro ano de Ciro, em cumprimento de Jeremias 29:10b. As palavras do cronista, corretamente entendidas, não podem ser encaradas como significando que a desolação de Judá após a destruição de Jerusalém e de seu templo durou setenta anos.

Os dois últimos textos a serem discutidos, Zacarias 1:7-12 e 7:1-5, são às vezes apontados como duas referências adicionais à profecia de Jeremias sobre os setenta anos, e a Sociedade Torre de Vigia sustenta que são. Mas não há qualquer evidência que apóie esta conclusão.

Nenhum dos dois textos contém qualquer referência a Jeremias (como é o caso de Daniel 9:1, 2 e 2 Crônicas 36:20-23) e o *contexto* de ambos indica fortemente que os setenta anos mencionados neles têm uma aplicação diferente. Esta é igualmente a conclusão de muitos comentaristas.[39] Isto também ficará evidente na discussão que segue.

E: ZACARIAS 1:7-12

A primeira declaração sobre um período de setenta anos no livro de Zacarias aparece em uma visão dada a Zacarias "no vigésimo quarto dia do décimo primeiro mês, que é o mês de sebate, no segundo ano de Dario" — Zacarias 1:7.

O segundo ano de reinado de Dario correspondeu a 520/19 A.E.C., e o vigésimo quarto dia do décimo primeiro mês pode ser traduzido

[39] O Dr. Otto Plöger, por exemplo, observa que "os dois textos do livro de Jeremias não são mencionados aqui." – Aus *der Spützeit des Alten Testaments*, O. Ploger (Gottingen: Vandenhoeck k. Ruprecht, 1971), pág.69.

para 15 de fevereiro de 519 A.E.C. no calendário juliano.[40] Embora os judeus tivessem reiniciado o trabalho no templo em Jerusalém cinco meses antes (Ageu 1:1, 14-15), Jerusalém e as cidades de Judá ainda estavam em uma condição lastimável. Foi por isso que o anjo na visão de Zacarias abordou uma questão que indubitavelmente perturbava muitos dos judeus repatriados:

Zacarias 1:12:

> De modo que respondeu o anjo de Jeová e disse: "Ó Jeová dos exércitos, até quando não terás misericórdia com Jerusalém e com as cidades de Judá, que verberaste por estes setenta anos?" (*TNM*)

E-1: Verberação – por setenta anos ou noventa?

Segundo o anjo, Jeová tinha verberado Jerusalém e as cidades de Judá durante setenta anos. A Sociedade Torre de Vigia aplica estes setenta anos de verberação ('indignação', *ALA*; 'ira', *BLH*) ao período 607-537 A.E.C., desta forma colocando-os em pé de igualdade com os setenta anos de Jeremias 25:10-12 e 29:10.[41] Entretanto, parece evidente que a razão por que o anjo fez esta pergunta sobre a verberação foi que no segundo ano de Dario (519 A.E.C.), Jeová ainda não tinha mostrado misericórdia para com as cidades de Judá. Ou será que o anjo quis dizer que Jeová tinha verberado Jerusalém e as cidades de Judá por setenta anos até 537 A.E.C., e então continuou mostrando hostilidade para com elas por aproximadamente dezoito anos adicionais, até 519? Se fosse assim, isto faria o período de hostilidade

---

[40] *Cronologia Babilônica 626 A.C. – 75 A.D.,* R. A. Parker & W. H. Dubberstein, (em inglês - Providence, Rhode Island: Editora da Universidade Brown, 1956), pág. 30. Isto pressupõe que a data é determinada de acordo com o sistema persa de ano de ascensão. Se Zacarias aplica o sistema judaico de ano não-ascensional, a data cairia aproximadamente um ano antes, em fevereiro de 520 A.E.C. (Veja a abordagem de E. J. Bickerman sobre este problema na *Revue Biblique*, Vol. 88, 1981, págs. 19-28). A Sociedade Torre de Vigia aceita a datação secular do reinado de Dario, como se vê, por exemplo, na página 124 do livro *O Paraíso Restabelecido para a Humanidade — Pela Teocracia!* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, publicado em português em 1974).

[41] *O Paraíso Restabelecido Para a Humanidade — Pela Teocracia!, págs.* 131-134

durar quase *noventa anos*, não setenta.[42]

Mas a "indignação" ou "ira" refere-se evidentemente à condição devastada das cidades de Judá, incluindo Jerusalém e seu templo, que começou depois da destruição de Jerusalém, em 587 A.E.C. Esta condição ainda prevalecia, como se pode ver à base da resposta que Jeová deu à pergunta do anjo:

> "Portanto, assim disse Jeová: '"Certamente retornarei a Jerusalém com misericórdias. Minha própria casa será construída nela", é a pronunciação de Jeová dos exércitos, "e estender-se-á sobre Jerusalém o próprio cordel de medir".' "Clama mais, dizendo: 'Assim disse Jeová dos exércitos: "Minhas cidades ainda transbordarão de bondade; e Jeová ainda há de sentir lástima de Sião e realmente ainda escolherá Jerusalém."'" — Zacarias 1:16, 17, *TNM*.

Contando-se a partir de 587 A.E.C. a indignação tinha durado por quase setenta anos em 519, ou sessenta e oito anos para sermos precisos. E se contarmos desde o *início* do sítio em 27 de janeiro de 589 A.E.C. (2 Reis 25:1; Ezequiel 24:1, 2; Jeremias 52:4), a indignação tinha durado por quase setenta anos exatos no dia 15 de fevereiro de 519. Mas apenas dois meses antes o trabalho de fundação do templo tinha sido concluído. (Ageu 2:18) Dessa época em diante Jeová começou a remover sua indignação: "A partir deste dia concederei bênção." — Ageu 2;19, *TNM*.

Assim, parece claro que os setenta anos mencionados neste texto não se referem à profecia de Jeremias, mas simplesmente ao período

---

[42] A Sociedade Torre de Vigia tenta explicar esta contradição argumentando que Jeová tinha verberado as cidades de Judá por 70 anos até 537 A.E.C., mas permitiu que as nações gentias continuassem a verberação até o tempo de Zacarias, fazendo *parecer* que ele ainda estava verberando as cidades de Judá! – *Ibid.,* pág. 133 § 25. Também de um ponto de vista gramatical é difícil defender a idéia de que os setenta anos aqui se referem a um período que tinha terminado muitos anos antes. O pronome demonstrativo "estes" (*zeh,* em hebraico) denota algo próximo, no tempo ou no espaço. Comentando a expressão "estes setenta anos" em Zac. 1:12, o hebraísta sueco Dr. Seth Erlandsson explica: "Literalmente o texto diz 'estes 70 anos', da mesma forma que em 7:5, o que equivale a 'agora por 70 anos'" (Carta de Erlandsson a Carl Olof Jonsson, datada de 23 de dezembro de 1990.) Evidentemente é por esta razão que o Professor Hinckley G. Mitchell traduz a frase como "*setenta anos de agora*" em ambos os textos. — H. G. Mitchell em *Comentário Crítico Internacional. Um Comentário Crítico e Exegético de Ageu, Zacarias, Malaquias e Jonas*, S. R. Driver, A. Plummer & C. A. Briggs (em inglês - Edimburgo: T. & T. Clark, 1912), pp. 123-24, 199-200.

que tinha decorrido até 519 A.E.C. contando-se a partir do sítio e destruição de Jerusalém e de seu templo em 589-587 A.E.C.[43]

Que os setenta anos decorreram da destruição do templo em 587 A.E.C. até sua reconstrução nos anos 520-515 é também confirmado pelo próximo texto do livro de Zacarias que será considerado.

F: ZACARIAS 7:1-5

Mais uma vez, o evento registrado nesta passagem é datado com precisão, no "quarto ano de Dario... no quarto [dia] do nono mês." (Zac. 7:1) Esta data corresponde a 7 de dezembro de 518 A.E.C. (calendário juliano).[44]

Zacarias 7:1-5:

> Além disso, sucedeu no quarto ano de Dario, o rei, que veio a haver a palavra de Jeová para Zacarias, no quarto [dia] do nono mês, [quer dizer,] em quisleu. E Betel passou a enviar Sarezer e Regem-Meleque, e seus homens para abrandar a face de Jeová, dizendo aos sacerdotes que pertenciam à casa de Jeová dos exércitos, e aos profetas, sim, dizendo: "Chorarei no quinto mês, observando abstinência, assim como fiz, oh! por tantos anos?" E continuou a vir a haver para mim a palavra de Jeová dos exércitos, dizendo: "Dize a todo o povo da terra e aos sacerdotes: 'Quando jejuastes e houve lamentação no quinto [mês] e no sétimo [mês], *e isto por setenta anos* [literalmente 'estes setenta anos', como em Zac. 1:12)], jejuastes realmente para mim, sim, para mim? *(TNM)*

F-1: Jejum e lamentação — por setenta anos ou por noventa?

Por que razão "todo o povo da terra" jejuava e lamentava no quinto mês e no sétimo mês? Falando sobre o jejum no quinto mês a Sociedade Torre de Vigia admite:

---

[43] Esta é também a conclusão de muitos comentaristas modernos. J. A. Thompson, por exemplo, diz: "Em Zac. 1:12 isso parece denotar o intervalo entre a destruição do templo em 587 A.C. e sua reconstrução em 520-515 A.C." (*O Livro de Jeremias.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Cia., 1980, pág. 514, em inglês.) O Dr. Carroll Stuhlmueller observa que, "se tabularmos do princípio dos planos de Babilônia para o primeiro sítio de Jerusalém (590/589; 2 Reis. 24:10) até o momento desta visão (520), os setenta anos se evidenciam de modo notavelmente preciso" — *Reconstruindo com Esperança. Um Comentário dos Livros de Ageu e Zacarias*, Stuhlmueller (em inglês - Grand Rapids: Cia. Publicadora Wm. B. Eerdmans, 1988), pág. 64.

[44] Parker & Dubberstein, *op. cit.* (na nota de rodapé 40 deste capítulo), pág. 30.

> Observava-se evidentemente no décimo dia daquele mês (abe), a fim de comemorar que naquele dia Nebuzaradã, chefe da guarda pessoal de Nabucodonosor, depois de dois dias de inspeção, havia queimado a cidade de Jerusalém e seu templo. (Jeremias 52:12, 13; 2 Reis 25:8, 9)[45]

Em seguida admite-se que o jejum no sétimo mês era "para comemorar o assassinato do Governador Gedalias, que era da casa real do Rei Davi, e a quem Nabucodonosor constituíra como governador do país, para os judeus pobres que se permitiu que permanecessem depois da destruição de Jerusalém. (2 Reis 25:22-25; Jeremias 40:13 a 41:10)"[46]

Por quanto tempo os judeus tinham jejuado nestes meses em memória da destruição de Jerusalém e de seu templo e do assassinato de Gedalias? Por "setenta anos", segundo Zacarias 7:5. O ano 518/17 foi o septuagésimo ano a partir de 587 A.E.C.![47]

Que os judeus ainda mantinham estes jejuns em 518 A.E.C., no quinto e no sétimo mês, fica claro à base do fato de que os homens de Betel tinham vindo perguntar se "agora que o restante fiel dos judeus estava reconstruindo o templo de Jeová em Jerusalém e já havia feito quase a metade, deviam ... continuar a realizar tal jejum"[48]

Se a destruição de Jerusalém e de seu templo for datada em 607 A.E.C. em vez de em 587, isto novamente faria o tempo de observação destes jejuns ser de noventa anos em vez de setenta. Isto é realmente

---

[45] *O Paraíso Restabelecido Para a Humanidade — Pela Teocracia!, pág.* 235.

[46] *Ibid.* — Zacarias 8:19 mostra que foram mantidos dias de jejum e pranto em memória de vários eventos fatídicos durante o sítio e destruição de Jerusalém em quatro diferentes meses: (1) *no décimo mês* (por causa do início do sítio de Jerusalém em janeiro de 589 A.E.C., 2 Reis 25:1, 2); (2) *no quarto mês* (por causa da captura de Jerusalém em julho de 587 A.E.C., 2 Reis 25:2-4; Jer. 52: 6,7); (3) *no quinto mês* (por causa da queima do templo em agosto de 587 A.E.C., 2 Reis 25:8, 9); e (4) *no sétimo mês* (por causa do assassinato de Gedalias em outubro de 587 A.E.C., 2 Reis 25:22-25).

[47] Do fim de agosto de 587 A.E.C., quando o templo foi queimado, até dezembro de 518 decorreram aproximadamente sessenta e nove anos e quatro meses. De outubro de 587, quando os judeus restantes fugiram para o Egito e deixaram Judá desolada, até dezembro de 518 decorreram aproximadamente sessenta e nove anos e dois meses.

[48] *O Paraíso Restabelecido Para a Humanidade - Pela Teocracia!,* pág. 235.

admitido pela Sociedade Torre de Vigia no livro citado acima, mas não se dá qualquer explicação satisfatória para esta discrepância.[49]

Assim, tanto Zacarias 1:7-12 como Zacarias 7:1-5 dão apoio muito forte ao ano 587 A.E.C. como a data correta da destruição de Jerusalém. Como no caso de Jeremias 25:10-12; 29:10; Daniel 1:1, 2 e 2:1, observa-se que a leitura mais fácil e mais direta de Zacarias 1:7-12 e 7:1-7, está também em franco conflito com a interpretação que a Sociedade Torre de Vigia dá aos setenta anos.

G: A APLICAÇÃO DOS SETENTA ANOS DE SERVIDÃO

À base de um exame atento dos textos que tratam dos setenta anos, foram estabelecidos certos fatos que não podem ser ignorados em qualquer tentativa que se faça para encontrar uma aplicação do período de setenta anos que esteja em harmonia com a Bíblia e também com os fatos históricos:

(1) os setenta anos se referem a *muitas nações*, não apenas a Judá: Jeremias 25:11.

(2) os setenta anos se referem a um período de *servidão* para estas nações, ou seja, à vassalagem delas a Babilônia: Jeremias 25:11.

(3) os setenta anos se referem ao período de *supremacia babilônica*, "setenta anos para Babilônia": Jeremias 29:10.

(4) os setenta anos terminaram *quando o rei babilônico e sua nação foram punidos*, ou seja, em 539 A.E.C.: Jeremias 25:12.

(5) Os setenta anos de servidão começaram *muitos anos antes da destruição de Jerusalém*: Jeremias capítulos 27, 28 e 35; Daniel 1:1-4; 2:1; 2 Reis 24: 1-7; as crônicas babilônicas e Beroso.

(6) *Zacarias 1:7-12 e 7:1-5 não são referências à profecia de Jeremias*, mas se referem ao período que decorreu do sítio e

[49] "Quando os judeus exilados jejuavam durante os setenta anos da desolação da terra de Judá *e também durante todos estes anos desde o retorno do restante deles à sua pátria*, estavam realmente jejuando para Jeová?" — *O Paraíso Restabelecido Para a Humanidade — Pela Teocracia!,* pág. 237. (Ênfase acrescentada.)

destruição de Jerusalém nos anos 589-587 até a reconstrução do templo nos anos 520-515 A.E.C.

Observa-se que a aplicação que a Sociedade Torre de Vigia dá à profecia dos setenta anos, segundo a qual ela se refere apenas a Judá e ao período de desolação completa da terra, "sem habitante", após a destruição de Jerusalém e de seu templo, está em conflito direto com cada um dos fatos estabelecidos pela Bíblia e pela história, que apresentamos até aqui.

Não há como uma aplicação que está em conflito evidente com a Bíblia e com tais fatos históricos ter alguma coisa que ver com a realidade. Em uma discussão séria sobre possíveis aplicações dos setenta anos, esta alternativa *é a primeira que deve ser rejeitada*. Ela é mantida pela Sociedade Torre de Vigia, não porque possa ser confirmada pela Bíblia e pelos fatos históricos, mas porque é um pré-requisito necessário para o seu cálculo dos supostos 2.520 anos dos tempos dos Gentios: 607 A.E.C. — 1914 E.C.

Se a aplicação que eles fazem dos setenta anos for descartada, o cálculo dos tempos dos gentios que conduz a 1914 E.C. revela-se imediatamente falso, juntamente com todas as reivindicações proféticas e especulações associadas a ele.

G-1: O uso de "setenta" como um número "redondo"

A conclusão a que se chegou na consideração acima é que Judá e várias nações circunvizinhas se tornaram vassalas do rei de Babilônia logo após a Batalha de Carquemis em 605 A.E.C. Significa isto que o período de setenta anos "para Babilônia" deve ser aplicado ao período 605-539 A.E.C.? É muito natural que se conteste esta sugestão, por se argumentar que a duração deste período não é setenta, mas pouco mais de sessenta e seis anos, o que é verdade, naturalmente.

Todavia, muitos eruditos argumentam que o numeral "70" na Bíblia parece ser freqüentemente usado como "um número redondo". Isto ocorre em cinqüenta e dois casos independentes no Velho Testamento, sendo usado numa variedade de significados diferentes — para pesos, grandezas métricas, números de pessoas, períodos de tempo e assim

por diante.[50] Numa discussão do uso bíblico do numeral "70", que inclui também ocorrências extrabíblicas, o Dr. F. C. Fensham conclui:

> É bem provável que seja usado como um tipo de figura simbólica, assim como o sete. Com o uso de sete e setenta os antigos semitas tentaram estabelecer uma diferença entre uma figura simbólica menor e uma maior.[51]

Quando usado em períodos de tempo, o setenta pode ter sido usado como um período apropriado de punição. Em uma inscrição num monumento do rei assírio Esar-Hadom (680-667 A.E.C.), declara-se que a desolação de Babilônia depois de sua destruição por Senaqueribe em 689 A.E.C. deveria ter durado setenta anos, mas o deus Marduque mudou misericordiosamente o período para onze anos.[52] Poucas décadas antes, Isaías havia predito: "Tiro terá de ser esquecida por setenta anos, *igual aos dias de um só rei*". (Isaías 23:15) A explicação que os setenta anos deveriam ser entendidos como "igual aos dias de um só rei" é freqüentemente interpretada como significando a duração normal da vida de um rei, ou "o período completo da vida humana", conforme o Salmo 90:10, no qual é evidente que o número setenta não deve ser visto como um número exato.

Assim, é bem possível e talvez provável que os setenta anos de servidão preditos por Jeremias foram apresentados como um número

---

[50] Alguns exemplos são *70 anos* (Gên. 5:12; 11:26; Sal. 90:10); *70 dias* (Gên. 50:3); *70 descendentes de Jacó* (Gên. 46; Êxo. 1:5; Deut. 10:22); *70 palmeiras* (Êxo. 15:27); *70 anciãos* (Êxo. 24: 1; Num. 11: 16; Eze. 8:11); *70 reis cananeus subjugados* (Juí. 1:7); *70 filhos* (Juí. 8:30; 12:14; 2 Reis 10:1).

[51] "O Numeral Setenta no Velho Testamento e a Família de Jerubaal, Acabe, Panammuwa e Atirate", F. C. Fensham, *Exploração da Palestina - Publicação Trimestral*, julho-dezembro de 1977, págs. 113-115, em inglês. Cf. também "O Número Setenta em Semítico", Eric Burrows, *Orientalia*, Vol. V, 1936, págs. 389-92, em inglês.

[52] A inscrição diz: "Setenta anos como o período de sua desolação escreveu ele (no Livro do Destino). Mas o misericordioso Marduque — sua ira durou só por um momento — virou (o Livro do Destino) de cabeça para baixo e ordenou sua restauração no décimo primeiro ano." – D. D. Luckenbill, *Registros Antigos da Assíria e Babilônia*, Vol. II (em inglês - Chicago: Editora da Universidade de Chicago, 1927), pág. 243. Conforme indicado por Luckenbill, "o numeral babilônico '70', virado de cabeça para baixo ou invertido, torna-se '11', exatamente como nosso '9' grafado de cabeça para baixo, torna-se '6'" (*Ibid.,* pág. 242. Cf. também R. Borger na *Revista de Estudos do Oriente Próximo*, Vol. XVII, 1958, pág. 74, em inglês.) Foi assim que Esar-Hadom "explicou" sua decisão de restaurar Babilônia depois da morte de seu pai, Senaqueribe, em 681 A.E.C.

redondo. Esse entendimento poderia também se basear no fato de que nem todas as nações circunvizinhas de Judá (algumas das quais são obviamente enumeradas em Jeremias 25:19-26) parecem ter se tornado vassalas do rei de Babilônia ao mesmo tempo, em 605 A.E.C. Algumas parecem ter sido submetidas pouco depois. De modo que o período de servidão não teve exatamente a mesma duração para todas estas nações. Ainda assim o profeta disse que todas serviriam ao rei de Babilônia por "setenta anos".

G-2: Os setenta anos "para Babilônia": 609 – 539 A.E.C.

Embora seja verdade que o período de servidão de várias nações tenha sido um tanto menor que setenta anos, a profecia não dá a entender claramente que os setenta anos "para Babilônia" deveriam ser contados a partir de 605 A.E.C. Deve-se lembrar que a predição foi que todas as nações se tornariam servas de Babilônia: "*todas as nações* terão de servir mesmo a ele, e a seu filho, e a seu neto"[53] (Jeremias 27:7, *TNM*) Algumas nações haviam sido submetidas a Babilônia *antes mesmo* da Batalha de Carquemis em 605 A.E.C. Se os setenta anos "para Babilônia" forem contados a partir do momento em que Babilônia esmagou o Império Assírio, dando assim o primeiro passo para ser o poder político dominante, isso possibilita uma aplicação até mais exata dos setenta anos. Uma breve revisão dos últimos anos da Assíria tornará isto claro.

[53] O filho e sucessor de Nabucodonosor foi Evil-Merodaque. O neto dele foi evidentemente Belsazar, filho de Nabonido que, segundo R. P. Dougherty, casou-se com Nitócris, filha de Nabucodonosor. – *Nabonido e Belsazar*, R. P. Dougherty (em inglês - New Haven: Editora da Universidade de Yale, 1929), págs. 30-32, 79. Veja também os comentários de D. J. Wiseman em *Nabucodonosor e Babilônia* (em inglês - Oxford: Editora da Universidade de Oxford, 1985), págs. 11-12.

CRONOLOGIA ASSIRO-BABILÔNICA, 680-609 A.E.C.

ASSÍRIA	*A.C.*	*A.C.*	*BABILÔNIA*
Esar-Hadom (12 anos)	*680*	*680*	Esar-Hadom (12 + 1) anos
	669	*668*	
	668	*667*	
			Samas-sum-iuquin (20 anos)
Assurbanipal (42 anos)		*648*	
		647	
			Kandalanu (21 + 1) anos
	627		
Assur-etilu-ilani (4 anos?)	*626*	*626*	
		625	
Sinshar-ishkun (11 anos?)	*612*		
Assur-Ubalit (2 anos)	*611-610*		Nabopolassar (21 anos)
Assíria esmagada	*609*		
		605	

Até 627 A.E.C. a Assíria manteve a hegemonia sobre muitos países, incluindo Babilônia e a área de Hatu. Mas após a morte de Assurbanipal naquele ano, o poder da Assíria começou a declinar. Nabopolassar, o governador de Babilônia ao sul, expulsou os assírios de Babilônia em 626 e ocupou o trono. Nos anos seguintes ele foi bem-sucedido em estabelecer a independência babilônica.

A fonte de informação mais importante sobre a história dos anos finais do Império Assírio é a crônica babilônica *B.M. 21901*, a qual descreve os eventos desde o décimo ano de Nabopolassar até o começo de seu décimo oitavo ano de reinado, isto é, de 616 a 608 A.E.C.

Em 616, Nabopolassar atacou os assírios e os derrotou, mas um exército egípcio liderado por Psamético veio ajudar o rei assírio (Sinshar-ishkun) e Nabopolassar preferiu retirar-se para Babilônia.

Por volta desta época os medos também começaram a atacar a Assíria e em 614 eles tomaram Assur, a antiga capital assíria. Depois que a cidade tinha caído, Nabopolassar, cujo exército chegou muito tarde para ajudar os medos, fez um tratado com o rei medo, Ciaxares.

Em 612, os dois aliados atacaram a capital assíria, Nínive, capturando-a e destruindo-a. O rei assírio, Sinshar-ishkun, morreu nas chamas. O sucessor dele, Assur-Ubalit II, fugiu para a capital provinciana de Harã onde estabeleceu seu governo, reivindicando ainda a soberania sobre a Assíria.

Durante os anos seguintes Nabopolassar efetuou campanhas bem-sucedidas na Assíria e ao fim de 610 ele marchou contra Harã, juntamente com forças medas.[54] Assur-Ubalit fugiu e a cidade foi capturada e saqueada no fim de 610 ou no início de 609 A.E.C.[55] Tardiamente no verão setentrional de 609 Assur-Ubalit, apoiado por uma grande força egípcia liderada pelo Faraó Neco, fez uma última tentativa de recapturar Harã, mas fracassou. Isto pôs um fim definitivo ao Império Assírio.

Que 609 A.E.C. marca o fim definitivo do Império Assírio é a opinião que prevalece entre as principais autoridades atualmente. Algumas declarações típicas, provenientes de diversos países, são citadas na caixa seguinte:

[54] O termo usado para os medos na crônica, "Uman-manda", foi freqüentemente entendido como se referindo, ou pelo menos incluindo, os *citas*. Esta hipótese parece insustentável à luz da pesquisa recente. Veja a abordagem extensa de Stefan Zawadzki em *A Queda da Assíria e as Relações Medo-Babilônicas à Luz da Crônica de Nabopolassar* (Poznan: Editora da Universidade Adam Mickiewicz, 1988), págs. 64-98.

[55] Segundo a crônica babilônica BM 21901, os dois exércitos investiram contra Harã em *arasamnu*, o oitavo mês, que correspondeu a por volta de novembro de 610 A.E.C. no calendário juliano. Após a captura da cidade eles voltaram para casa em adaru, o décimo segundo mês, que correspondeu a por volta de março do ano seguinte, 609 A.E.C. De modo que é bem provável que a cidade tenha sido capturada no início de 609 A.E.C. – *Crônicas Assírias e Babilônicas,* A. K. Grayson (em inglês - Locust Valley, Nova Iorque: J. J. Augustin Publisher, 1975), págs. 95, 96.

A QUEDA DA ASSÍRIA — 609 A.E.C.

"Fim da Assíria. –... depois da queda de Nínive em 612, da queda de Harã em 610 e da tentativa de reconquistá-la mais tarde em 609, a Assíria deixou de existir." – *Encyclopedia Britannica*, Chicago, EUA, 1964, págs. 966, 967.

"Em 610 os babilônios e seus aliados tomaram Harã, e Assur-Ubalit, com os destroços de suas forças, retirou-se pelo Eufrates para os braços dos egípcios. Uma tentativa (em 609) de retomar Harã falhou miseravelmente. Foi o fim da Assíria." – *Uma História de Israel*, Professor John Bright, 3ª ed. em inglês (Filadélfia, EUA: Editora Westminster, 1981), pág. 316.

Em 609 A.E.C. "a Assíria deixou de existir e seu território foi conquistado pelos babilônios." – *Novo Dicionário da Bíblia*, professor D.J. Wiseman, editado por J. D. Douglas, 2ª ed. em inglês (Leicester, Inglaterra: Editora Inter-Varsity, 1982), pág. 101.

"609. – Derrota definitiva do último rei assírio... A ruína do império assírio permitiu que os caldeus estendessem o seu domínio à Síria e à Palestina." – *As Grandes Datas da Antiguidade*, Portugal, 1984, Publicações Europa-América, págs. 37, 38.

"O fim da Assíria (609)... O Egito,... correu em socorro de Assurbalit, mas já era muito tarde. A cidade de Harran não pôde ser reconquistada. O império neo-assírio estava vencido." – *Israel e Judá*, Textos do Antigo Oriente Médio, São Paulo, Brasil, Edições Paulinas, 1985, pág. 81.

"Em 609 a Assíria foi mencionada pela última vez como uma ainda existente, porém marginal localidade a noroeste da Mesopotâmia. Depois daquele ano a Assíria deixou de existir." – *A Queda da Assíria*, Stefan Zawadzki (Poznan, Polônia: Editora da Universidade Adam Mickiewicz, 1988), pág. 16.

"Em 609, os babilônios finalmente derrotaram os assírios e começaram a estabelecer seu controle sobre a Fenícia, a Síria e a Palestina." – *A História da Humanidade*, M. A. Dandamaev (assiriologista russo), Vol. III, editado por J. Herrman & E. Zürcher (em inglês – Paris, Londres e Nova Iorque: UNESCO, 1996), pág. 117.

"[O] último rei [assírio], Assurballit II, foi definitivamente derrotado em 609 a.C. Sobre as ruínas da Assíria ergueu-se o último dos grandes impérios semitas do Oriente, o Novo Império Babilónio,..." – *Dicionário de História Universal*, de Mario Matos e Lemos, Portugal, Editorial Inquérito, 2001, verbete "Assíria", págs. 102, 103.

"Os assírios foram definitivamente derrotados em 609 a.C. e a Assíria desapareceu da história." – *Dicionário Bíblico*, John L. Mackenzie, São Paulo, Brasil, 2001, Editora Paulus, pág. 90.

"609 a.C. - Babilônia aniquila o reino assírio e retoma a liderança política." – Revista *História Viva*, Edição Temática nº. 6, Duetto Editorial, São Paulo, Brasil, 2004, pág. 7.

Assim, os setenta anos "para Babilônia" podem também ser contados a partir de 609 A.E.C. Daquele ano em diante o rei babilônico considerava-se como o legítimo sucessor do rei da Assíria e nos anos seguintes ele gradualmente assumiu o controle dos territórios restantes, começando com uma série de campanhas nas montanhas armênias, ao norte da Assíria.

O Faraó egípcio, Neco, após a fracassada tentativa de recapturar Harã em 609, conseguiu manter o controle das áreas a oeste, incluindo a Palestina, por cerca de quatro anos, embora seu controle sobre estas áreas pareça ter sido bem disperso e fraco.[56] Mas a Batalha de Carquemis em 605 A.E.C. pôs fim a esta breve presença egípcia no oeste. (Jeremias 46:2) Depois de uma série de campanhas bem-sucedidas em "Hatu", Nabucodonosor deixou claro a Neco que ele era o verdadeiro herdeiro do Império Assírio, "e o rei do Egito nunca mais saiu da sua terra, porque o rei de Babilônia tinha tomado tudo o que viera a pertencer ao rei do Egito, desde o vale da torrente do Egito até o rio Eufrates." – 2 Reis 24: 7, *TNM*.[57]

Se a supremacia babilônica for contada a partir de 609 A.E.C., o ano que marcou o fim definitivo do Império assírio, então decorreram exatamente setenta anos até a queda de Babilônia em 539 A.E.C. Este

[56] Compare com 2 Reis 23:29-34; 2 Crônicas 35:20-36:4. Sobre o controle "disperso e fraco" de Neco sobre as regiões do oeste, veja os comentários de T. G. H. James em *História Antiga – Universidade de Cambridge*, Vol. III:2, pág. 716, em inglês. (veja também a nota 23 deste capítulo)

[57] Ross E. Winkle também conclui que "a derrota da Assíria é a escolha óbvia para o início real dos setenta anos. Isto se deve ao fato de que, com a Assíria fora do caminho, Babilônia passou a ser verdadeiramente o poder dominante no norte." — "Os setenta anos para Babilônia de Jeremias: uma reavaliação", R. E. Winkle, *Estudos Seminaristas da Universidade de Andrews* (sigla em inglês: AUSS), Vol. 25:3 (1987), pág. 296. A abordagem de Winkle sobre os textos que tratam dos setenta anos (em AUSS 25:2, págs. 201-213, e 25:3, págs. 289-299) é notavelmente similar à discussão que foi publicada na primeira edição deste livro em 1983. Winkle, porém, não faz referência a ela e é bem possível que ele não tenha tomado conhecimento dessa discussão.

período pode ser considerado como os "setenta anos para Babilônia." (Jeremias 29:10)[58]

Uma vez que nem todas as nações anteriormente dominadas pela Assíria foram submetidas ao jugo babilônico naquele mesmo ano, os "setenta anos" de servidão vieram a ser na realidade um número redondo para nações individuais.[59]

[58] Vários historiadores e eruditos bíblicos têm ficado espantados com a exatidão com que a predição de Jeremias se cumpriu. Alguns eruditos tentaram explicar isto sugerindo que as passagens em Jer. 25:11 e 29:10 foram acrescentadas ao livro de Jeremias *após* o exílio judaico. Entretanto, não há qualquer evidência que apóie esta teoria. O professor John Bright, por exemplo, ao comentar Jeremias 29:10, diz: "Ninguém é capaz de explicar razoavelmente por que Jeremias estava tão convicto de que o domínio de Babilônia seria relativamente curto. Mas não há qualquer razão para considerar o versículo como um *vaticinium ex eventu* [uma 'profecia' feita após o evento]; podemos apenas registrar o fato de que a predição mostrou-se aproximadamente correta (o que pode ser a razão de escritores posteriores terem criado tanta questão sobre isto). Da queda de Nínive (612) até a queda de Babilônia (539) decorreram setenta e três anos; da ascensão de Nabucodonosor (605) até a queda de Babilônia decorreram sessenta e seis anos." — John Bright, *A Bíblia Âncora: Jeremias* (em inglês - Garden City, Nova Iorque: Doubleday e Companhia, Inc., 2ª ed. 1986), págs. 208-09.

[59] É interessante que os próprios redatores da Torre de Vigia parecem ter finalmente percebido isto. Comentando sobre os 70 anos em que a cidade de Tiro seria esquecida, conforme Isaías 23:15-17 – um período que eles igualam aos 70 anos para Babilônia – o recente comentário deles sobre o livro de Isaías diz: "É verdade que a ilha-cidade de Tiro não ficou sujeita a Babilônia por 70 anos completos, visto que o Império Babilônico caiu em 539 AEC. Evidentemente, os 70 anos representavam o período do maior domínio de Babilônia . . . Diferentes nações viriam a estar sob esse domínio em diferentes épocas. Mas, no fim dos 70 anos, esse domínio desmoronaria." *(Profecia de Isaías — Uma Luz Para Toda a Humanidade,* Vol. 1, 2000, pág. 253) Estas notáveis declarações são mais ou menos uma reversão de interpretações anteriores.

6

OS “SETE TEMPOS” DE DANIEL 4

NO CAPÍTULO ANTERIOR foi mostrado que é possível dar uma aplicação à profecia dos setenta anos que está de pleno acordo com a datação da desolação de Jerusalém em 587 A.E.C. Significa isso, então, que o período de 2.520 anos dos tempos dos gentios começou em 587 A.E.C. e terminou — não em 1914 — e sim em 1934 E.C.? Ou poderia ser o caso de o cálculo de 2.520 anos não ter forte base bíblica, afinal de contas? Se não tem, que significado deve-se atribuir ao irrompimento da guerra em 1914 — um ano que foi marcado com décadas de antecedência?

Estas são as questões discutidas neste capítulo. Primeiramente faremos uma breve consideração das tentativas que se fizeram para finalizar os tempos dos gentios em 1934.

A. A PROFECIA DE 1934

Finalizar os tempos dos gentios em 1934 não é uma nova idéia. Já em 1886 o expositor britânico Dr. Henry Grattan Guinness apontou para 1934 em seu livro *Luz Para os Últimos Dias*.[1] O Dr. Guinness usou três calendários diferentes para seus cálculos, obtendo assim três períodos de durações diferentes para os tempos dos gentios: 2.520, 2.484 e 2.445 anos, respectivamente. Além disso, ele usou também vários pontos de partida, o primeiro em 747 e o último em 587 A.E.C.[2] Isto resultou numa série de datas finais, estendendo-se de 1774 E.C. a 1934 E.C., sendo que todas foram consideradas como datas importantes no cronograma profético de Deus.

Com a data 1934, porém, terminariam definitivamente os tempos dos gentios, contando-se segundo o período mais longo do Dr. Guinness e a partir de seu último ponto de partida. As quatro datas mais importantes no esquema dele eram 1915, 1917, 1923 e 1934.

[1] *Luz Para os Últimos Dias*, H. Grattan Guinness (em inglês - Londres, 1886).
[2] Os outros eram 741, 738, 727, 713, 676, 650-647 e 598.

O Dr. Guinness havia predito que o ano de 1917 seria talvez o ano mais importante na terminação do pisoteamento de Jerusalém. Quando o general britânico Edmund Allenby capturou Jerusalém no dia 9 de dezembro daquele ano e livrou a Palestina da dominação turca, isto foi visto por muitos como uma confirmação da cronologia dele. Grande número de pessoas interessadas em profecias começou a esperar 1934 com grande expectativa.[3] Entre estes estavam também alguns dos seguidores do Pastor Charles Taze Russell.

A-1: A cronologia do Pastor Russell é revisada

Ao clímax da crise organizacional na Sociedade Torre de Vigia que se seguiu à morte de Russell em 1916, muitos Estudantes da Bíblia deixaram o movimento original e formaram os *Estudantes da Bíblia Associados*, constituídos em 1918 como *Instituto Bíblico Pastoral*.[4]

No mesmo ano, Paulo S. L. Johnson rompeu com este grupo e formou o *Movimento Missionário da Casa dos Leigos*, hoje um dos mais fortes grupos originários do movimento dos Estudantes da Bíblia à parte da organização original.

No início da década de 1920 o Instituto Bíblico Pastoral *mudou* a aplicação de Russell dos tempos dos gentios, o que causou um interessante debate entre este movimento, o Movimento Missionário da Casa dos Leigos e a Sociedade Torre de Vigia.

Um artigo intitulado "Vigia, Como Está a Noite?" publicado no periódico do Instituto Bíblico Pastoral *O Arauto do Reino de Cristo* (em inglês), de 15 de abril de 1921, assinalou um rompimento significativo com o esquema cronológico do Pastor Russell. O principal responsável por esta revisão foi R. E. Streeter, um dos cinco editores do *Arauto*. Os pontos de vista dele, aceitos pelos outros editores, refletiam uma preocupação crescente por parte de muitos Estudantes da Bíblia (como atestam as cartas recebidas de quase todas

---

[3] A maioria destes expositores parecia desperceber o fato de que o próprio Guinness já tinha revisado sua cronologia em 1909, em seu livro *Sobre a Rocha* (em inglês), e "tinha calculado que o fim ocorreria em 1945 em vez de 1934". — *Armagedom Agora!*, Dwight Wilson (em inglês - Tyler, Texas: Instituto de Economia Cristã, 1991), págs. 90-91.

[4] O Instituto Bíblico Pastoral (sigla em inglês: P.B.I.) era liderado por ex-membros da diretoria da Sociedade Torre de Vigia, que tinham sido demitidos ilegalmente por J. F. Rutherford em 1917, juntamente com outros membros proeminentes.

as partes do mundo) que tinham experimentado profunda perplexidade "com a aparente falha de muitas das esperanças e de muito do que seria realizado em favor do povo do Senhor nesta época."[5] Algumas das questões que tinham surgido eram:

> Por que a Igreja não se deu conta de sua libertação final e recompensa nessa época? . . . Por que o tempo de tribulação não acabou agora — por que a velha ordem de coisas não findou, e por que o Reino não foi estabelecido em poder antes disto? Não é possível que possa haver um erro na cronologia?[6]

Chamando atenção para o fato de que as predições do Pastor Russell para 1914 não tinham se cumprido, concluiu-se que evidentemente havia um erro na contagem anterior. Explicou-se que este erro se encontrava no cálculo dos tempos dos gentios:

> Cuidadosa investigação resultou em localizarmos o ponto de dificuldade ou discrepância no que consideramos nossa grande série de cronologia. Descobriu-se que ele tem relação com o início dos 'Tempos dos Gentios'.[7]

Primeiro, argumentou-se que os setenta anos, anteriormente referidos como um período de desolação, deveriam ser chamados mais apropriadamente de "setenta anos de servidão". (Jeremias 25:11) Daí, referindo-se a Daniel 2:1, 37-38, mencionou-se que Nabucodonosor já era a "cabeça de ouro" em seu segundo ano de reinado, e de fato dominou as outras nações incluindo Judá, iniciando tal domínio logo no seu primeiro ano, segundo Daniel 1:1. Conseqüentemente, o período dos setenta anos começou de dezoito a dezenove anos *antes* da destruição de Jerusalém. Assim, esta destruição teve de ser adiantada aproximadamente dezenove anos, de 606 para 587 A.E.C.

Mas a data de 606 A.E.C. poderia ainda ser retida como ponto inicial dos tempos dos gentios, pois se argumentou que a *transferência do poder* para os gentios começou com a ascensão de Nabucodonosor ao domínio mundial. Assim 1914 marcou o fim da *transferência do poder*, mas não necessariamente o fim completo do *exercício do poder*, nem a completa queda dos governos gentios, da mesma forma que o reino de Judá só caiu e só foi derrubado no pleno sentido da palavra quando Zedequias, um rei vassalo sob Nabucodonosor, foi feito cativo

[5] *O Arauto do Reino de Cristo*, 15 de abril de 1921, pág., 115.
[6] *Ibid.*, págs. 115, 116.
[7] *Ibid.*, pág. 118.

dezenove anos depois de o período de servidão ter começado. Os editores do *Arauto* concluíram:

> Concordemente foi em 587 A.C. quando Zedequias foi levado como cativo, e não em 606 A.C., e conseqüentemente, ao passo que os 2520 anos da cessão de poder aos gentios, com início no primeiro ano de Nabucodonosor, 606 A.C., durariam até 1914; da mesma maneira o pleno fim dos Tempos dos Gentios e a queda completa dos governos gentios só é indicado como ocorrendo dezenove anos depois, ou por volta de 1934.[8]

Assim o que se poderia esperar que ocorresse em 1934? *O Arauto do Reino de Cristo* indicou:

> A dedução razoável é que as grandes mudanças e eventos que esperávamos que ocorressem em 1914 seriam, devido ao precedente, logicamente esperados para estarem em evidência em algum momento por volta de 1934.[9]

Outros artigos apareceram posteriormente nos números de 15 de maio e 1 de junho do *Arauto*, dando evidência adicional para a necessidade destas mudanças e respondendo a perguntas dos leitores. As mudanças geraram muito interesse entre os Estudantes da Bíblia:

> Muitos nos escreveram espontaneamente dizendo que aceitaram de bom grado as conclusões a que se chegou. . . .
>
> Foi de especial interesse para nós receber notificação de irmãos em vários quadrantes diferentes que contam como por alguns meses ou anos antes de receber nossa recente abordagem do assunto, eles tinham sido levados a fazer um exame exaustivo da cronologia e tinham chegado exatamente às mesmas conclusões que as apresentadas no ARAUTO com respeito à diferença de 19 anos no início dos tempos dos gentios, descobrindo que todas as evidências mostravam que o reino universal de Nabucodonosor começou no primeiro ano dele em vez de em seu décimo nono ano.[10]

---

[8] *Ibid.*, pág. 120.

[9] *Ibid.*

[10] *Arauto do Reino de Cristo*, 1 de junho de 1921, pág. 163. É interessante que o número de 1 de novembro de 1921 do *Arauto* publicou um artigo preparado por outro Estudante da Bíblia em 1915 no qual ele apresentou evidência e conclusões praticamente idênticas às de R. E. Streeter, embora ele tenha datado a destruição de Jerusalém em 588 em vez de 587 A.E.C. A data 588 foi adotada pelo I.B.P. em números subseqüentes do Arauto. Como este homem não tinha qualquer conexão com o I.B.P., ele preferiu ficar anônimo, assinando o artigo com as iniciais J.A.D. O *Instituto Bíblico Bereano*, um grupo de Estudantes da Bíblia com sede em Melbourne, Austrália, também aceitou as conclusões dos editores do I.B.P. como se pode ver à base de seu periódico *Jornal do Povo* (em inglês) de 1 de julho e 1 de setembro de 1921, págs. 52, 68.

A-2: A controvérsia entre os Estudantes da Bíblia acerca da cronologia dos tempos dos gentios

A maioria dos grupos de Estudantes da Bíblia, porém, rejeitou as conclusões do Instituto Bíblico Pastoral. O primeiro contra-ataque veio de P. S. L. Johnson, o fundador do Movimento Missionário da Casa dos Leigos e editor de seu periódico *A Verdade Presente*.

No número de 1º de junho de 1921, ele publicou um artigo crítico intitulado "'Vigia, como está a noite?' — Examinado" (páginas 87-93), no qual defendeu o entendimento que o Pastor Russell tinha sobre Daniel 1:1 e 2:1 e sobre os setenta anos de desolação, acrescentando também alguns argumentos de sua própria autoria. Este foi seguido por outros artigos nos números de 1º de julho e 1º de setembro.[11]

Em 1922, a Sociedade Torre de Vigia também entrou no debate. Evidentemente as mudanças cronológicas feitas no *Arauto* chegaram rapidamente ao conhecimento de muitos Estudantes da Bíblia de diferentes quadrantes, e parecem também ter causado não pouca agitação entre os leitores da revista *A Torre de Vigia*. Isto foi admitido abertamente no primeiro artigo sobre o assunto, "Os Tempos dos Gentios", publicado no número de 1º de maio de 1922 de *A Torre de Vigia*:

> Há aproximadamente um ano começou alguma agitação referente à cronologia, o ponto crucial do argumento sendo que o irmão Russell estava errado sobre a cronologia e particularmente errado em relação aos tempos dos gentios. . . .
>
> A agitação relacionada ao erro na cronologia continuou a aumentar no decorrer do ano e alguns manifestaram oposição ativa ao que foi escrito. Isto resultou em algumas das queridas ovelhas de Deus ficarem com as mentes

[11] "'O Ano de Jubileu do Antigo Israel' Examinado", no número de 1º de julho de 1921 de *A Verdade Presente*, págs. 100-104 (em inglês) e "A Cronologia Suplementar do I.B.P. Examinada", no número de 1º de setembro, págs. 134-136 (em inglês).

Periódicos publicados pelos três principais grupos de Estudantes da Bíblia envolvidos na controvérsia do início da década de 1920 acerca da aplicação dos tempos dos gentios.

> perturbadas, fazendo-as indagar, Por que A TORRE DE VIGIA não diz alguma coisa?[12]

Por conseguinte, começando por este artigo, a Sociedade Torre de Vigia deu início a uma série em defesa da cronologia do Pastor Russell. O segundo artigo, intitulado "Cronologia", publicado em *A Torre de Vigia* de 15 de maio de 1922, abriu com uma reafirmação da crença nas datas de Russell e acrescentou a data 1925:

> Não temos qualquer dúvida que seja com respeito à cronologia relacionada com as datas de 1874, 1914, 1918 e 1925. Alguns alegam ter encontrado nova luz com relação ao período de "setenta anos de desolação" e do cativeiro de Israel em Babilônia, e estão procurando zelosamente fazer outros acreditar que o irmão Russell estava errado.

Os argumentos apresentados neste e em artigos subseqüentes eram muito parecidos aos publicados anteriormente por Paul S. L. Johnson. Johnson, que involuntariamente teve de se alinhar com a Sociedade Torre de Vigia nesta "batalha", apoiou *A Torre de Vigia* com uma série de novos artigos no periódico *A Verdade Presente*, em paralelo com os artigos de *A Torre de Vigia*.[13]

Estas defesas não ficaram sem resposta por muito tempo. O *Arauto* de 15 de junho de 1922, continha o artigo "A Validade de Nossas Deduções Cronológicas", que era uma refutação dos argumentos apresentados em defesa da interpretação do Pastor Russell sobre Daniel 1:1 e 2:1. No número de 1º de julho, um segundo artigo "Outro Testemunho Cronológico" considerou a evidência de Zacarias 7:5, e o número de 15 de julho continha um terceiro sobre o período de desolação, assinado novamente por J.A.D. (Veja a nota de rodapé 10.)

---

[12] *A Torre de Vigia*, 1º de maio de 1922, págs. 131-132. Outros artigos publicados durante 1922 foram "Cronologia" (15 de maio, págs. 147-150), "Setenta Anos de Desolação (Parte I)" (1º de junho, págs. 163-168), "Setenta Anos de Desolação (Parte II)" (15 de junho, págs. 183-187), "O Cabo Forte da Cronologia" (15 de julho, págs. 217-219), "Cartas interessantes: Erros de Ptolomeu, o Historiador Gentio" (15 de agosto, págs. 253-254; que foi escrito por Morton Edgar), e "Paralelismos Cronológicos Dados por Deus (Parte I)" (15 de novembro, págs. 355-360).

[13] *A Verdade Presente*, 1º de junho de 1922: "Alguns Ensinos Recentes do I.B.P. Examinados" (págs. 84-87); 1º de julho: "Alguns Ensinos Recentes do I.B.P. Examinados" (págs. 102-108); 1º de agosto: "Exame Adicional da Cronologia do I.B.P." (págs. 117-122); 1º de novembro: "Alguns Erros no Cânon de Ptolomeu" (págs. 166-168).

Gradualmente o debate diminuiu. Os editores do Instituto Bíblico Pastoral resumiram seus argumentos e os publicaram em um número duplo especial do *Arauto,* em 1º-15 de agosto de 1925 e novamente, no número de 15 de maio de 1926. Daí eles esperaram para ver o que o ano de 1934 traria.

Com 1934 se aproximado, os editores do Instituto adotaram uma atitude muito cautelosa:

> Se a idéia fosse que os dezenove anos indicavam a duração exata da finalização dos Tempos dos Gentios, contando-se a partir de 1915, então isso nos levaria a por volta de 1933-1934; mas não *sabemos* se isto foi planejado dessa forma, nem temos evidência positiva quanto à duração exata da liquidação dos Tempos dos gentios além do ano de 1915.[14]

Esta cautela provou ser sábia e quando 1934 passou, eles puderam afirmar:

> Os irmãos que leram com detida atenção as páginas desta revista estão bem apercebidos de que se incentivou muita cautela e conservadorismo em relação a tudo o que tenha relação com estabelecimento de datas e fixação de tempo para várias ocorrências e eventos; e isto continua sendo a política editorial do 'Arauto'.[15]

Sobre a pergunta por que 1934 não viu o fim das nações gentias, explicou-se que 1934 deveria ser visto como uma data *aproximada*, e que "acreditamos que o progresso de eventos e todos os fatos, conforme os vemos se desenrolando diante de nós neste dia do Senhor, levam-nos a esperar ficar sem a ordem atual mais em graus ou fases do que por um colapso repentino e fim de todas as coisas em determinado momento do tempo, como o apóstolo Paulo sugere — 'Como as dores de aflição sobre uma mulher'."[16] A piora da situação do mundo que

[14] *O Arauto do Reino de Cristo*, 1º de maio de 1930, pág., 137.
[15] *O Arauto do Reino de Cristo*, maio de 1935, pág. 68.
[16] *Ibid.*, pág. 69.

conduziu à Segunda Guerra Mundial parecia dar apoio a este ponto de vista.[17]

Os anos de 1914 e 1934 vieram e se foram e as nações gentias ainda estão dominando a terra. Na realidade, o número de nações independentes *triplicou* desde 1914, de 66 naquele ano para cerca de 200 no momento. Assim, em vez de *terminarem* em 1914, os tempos para a maioria das nações hoje na terra *começaram* depois daquele ano!

Com certeza, algumas perguntas apropriadas a se fazer agora são: É o período de 2.520 anos realmente um cálculo bíblico bem fundamentado? Foi a menção de Jesus aos "tempos dos gentios" em Lucas 21:24 uma referência aos "sete tempos" de loucura de Nabucodonosor? E devem estes "sete tempos" ser convertidos em 2.520 anos?

B. SÃO OS TEMPOS DOS GENTIOS "SETE TEMPOS" DE 2.520 ANOS?

Quando Jesus, em Lucas 21:24, fez referência aos "tempos dos gentios", ou, segundo a *Tradução do Novo Mundo*, "os tempos designados das nações", será que ele estava pensando nos "sete tempos" de loucura que atingiram o rei babilônico Nabucodonosor, em cumprimento do sonho dele sobre a árvore derrubada, conforme registrado no livro de Daniel capítulo quatro? E significa isto que estes "sete tempos" de loucura teriam um cumprimento maior além do que tiveram sobre Nabucodonosor, representando um período de 2.520 anos de domínio gentio?

Apesar dos muitos argumentos apresentados em defesa destas conjecturas, falta prova definitiva e algumas objeções sérias podem ser levantadas contra eles. Um exame crítico dos argumentos principais da

[17] O ano de 1934 ainda foi mantido como uma data importante, ocupando "um lugar proeminente na profecia cronológica". Em defesa desta conclusão, os editores do I.B.P. fizeram referência a uma declaração feita por Edwin C. Colina, um repórter de renome internacional, no sentido de que "o ano de 1934 tinha sido o mais notável. Tinha havido muitas ocorrências e desenvolvimentos importantes, disse ele, que afetaram os destinos de todas as nações da terra e que marcaram o ano como *um dos mais significativos da história*". — *O Arauto do Reino de Cristo*, maio de 1935, págs. 71-72. (Ênfase acrescentada)

Sociedade Torre de Vigia, conforme apresentados em seu dicionário bíblico *Estudo Perspicaz das Escrituras*, tornará isto claro.[18]

B-1: A suposta conexão entre Lucas 21:24 e Daniel 4

É verdade que em sua última grande profecia (Mateus 24-25; Lucas 21 e Marcos 13), Jesus se referiu "pelo menos duas vezes" ao livro de Daniel.[19]

Assim, ao mencionar a "coisa repugnante que causa desolação" (*TNM*) ele diz diretamente que isto foi "falado por intermédio de Daniel, o profeta". (Mateus 24:15; Daniel 9:27; 11:31 e 12:11) E ao falar sobre a "grande tribulação [*thlípsis*, em grego] tal como nunca ocorreu desde o princípio do mundo até agora" (Mateus 24:21, *TNM*), ele evidentemente cita de Daniel 12:1: "E certamente virá a haver um tempo de aflição [as mais antigas traduções gregas — a versão Septuaginta e a versão de Teodocião — usam a palavra *thlípsis*, da mesma maneira que em Mateus 24:21] tal como nunca se fez ocorrer, desde que veio a haver nação até esse tempo." (*TNM*)

Todavia, *não se pode encontrar qualquer referência clara deste tipo ao capítulo quatro de Daniel em Lucas 21:24.* A palavra "tempos" (do grego *kairoí*, a forma plural de *kairós*) neste texto não é uma referência clara aos "sete tempos" de Daniel 4, como defende a Sociedade Torre de Vigia.[20]

Esta palavra comum ocorre muitas vezes em ambas as formas singular e plural nas Escrituras Gregas, e cerca de 300 vezes na versão *Septuaginta* grega das Escrituras Hebraicas. Em Daniel 4 e em Lucas 21 a palavra "tempos" é aplicada explicitamente a dois períodos bem diferentes — os "sete tempos" ao período da loucura de Nabucodonosor, e os "tempos dos gentios" ao período do pisoteamento de Jerusalém — e os dois períodos só podem ser igualados se lhes dermos uma aplicação maior, além daquela que os próprios textos dão. Desse modo, a suposta conexão entre os "tempos dos gentios" em Lucas 21:24 e os "sete tempos" em Daniel 4:16, 23, 25 e 32 parece ser nada mais que uma conjectura.

---

[18] Veja o verbete "Tempos Designados das Nações", em *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 3 (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1992), págs. 687-691.

[19] *Ibid*., pág. 689.

[20] *Ibid*.

B-2: A aplicação maior dos "sete tempos"

A Sociedade Torre de Vigia propõe vários argumentos para apoiar a conclusão de que os "sete tempos" de loucura de Nabucodonosor prefiguraram o período de dominação gentia até o estabelecimento do Reino de Cristo, a saber, a) o *elemento destacado do tempo* no livro de Daniel; b) a *época* na qual a visão da árvore derrubada foi dada; c) a *pessoa* a quem ela foi dada, e d) o *tema* da visão. Consideremos atentamente estes argumentos.

a) O elemento tempo no livro de Daniel

Para provar que os "sete tempos" de Daniel 4 têm relação com os "tempos dos gentios", a Sociedade Torre de Vigia argumenta que "um exame do inteiro livro de Daniel revela que, em toda a parte, o elemento tempo tem destaque em suas visões e profecias", e que "o livro repetidas vezes aponta para a conclusão que constitui o tema de suas profecias: o estabelecimento do Reino universal e eterno de Deus, exercido mediante a regência do "filho de homem."[21]

Embora isto seja verdade no caso de *algumas* das visões no livro de Daniel, não é verdade no caso de todas. E até onde se possa ver, não há qualquer outra visão ou profecia neste livro que tenha mais de *um* cumprimento.[22] Nada indica, seja no livro de Daniel ou em qualquer outra parte da Bíblia, que o sonho de Nabucodonosor sobre a árvore

---

[21] *Ibid.*, pág. 690.

[22] Quando Jesus, em sua profecia sobre a desolação de Jerusalém, fez duas referências às profecias de Daniel (Mateus 24:15, 21), ele não deu a tais profecias um segundo e "maior" cumprimento. Sua primeira referência foi à "coisa repugnante que causa desolação", uma frase encontrada em Daniel 9:27; 11:31 e 12:11. O texto original é o de Daniel 9:27, o qual contextualmente (versículo 26) parece apontar para a crise que culminou com a desolação de Jerusalém em 70 E.C. O mesmo vale para a referência dele à "grande tribulação" de Daniel 12:1. Jesus aplicou, e não *reaplicou*, ambas estas profecias à tribulação sobre a nação judaica em 67-70 E.C. Com freqüência, frases e expressões usadas por profetas antigos, são também usadas ou referidas por profetas posteriores, não porque estes tenham feito uma segunda e maior aplicação a uma profecia anterior, já cumprida, e sim porque eles reutilizaram prontamente a "linguagem profética" de profetas mais antigos, usando frases, expressões, idéias, símbolos, metáforas, etc. similares, em suas profecias de eventos por vir. Assim, por exemplo, indicou-se freqüentemente que o apóstolo Paulo, em sua descrição do "homem que é contra a lei" (2 Tessalonicenses 2:3-5), tomou emprestadas algumas das expressões usadas por Daniel, em suas profecias sobre as atividades de Antíoco IV Epifânio (cf. Daniel 8:10-11; 11:36-37).

derrubada em Daniel 4 tenha mais de um cumprimento. Daniel diz claramente que a profecia se cumpriu em Nabucodonosor: "Tudo isso sobreveio a Nabucodonosor, o rei" (Daniel 4:28, *TNM*). E mais adiante, no versículo 33: "Naquele instante cumpriu-se a própria palavra em Nabucodonosor". (*TNM*) O Dr. Edward J. Young comenta:

> lit., *foi terminada*, i.e., chegou ao fim no qual foi completada ou cumprida *com respeito a* Nabucodonosor."[23]

Na realidade, a maioria dos capítulos do livro de Daniel *não* contém matéria sobre a qual se poderia dizer que aponta para "estabelecimento do Reino universal e eterno de Deus, exercido mediante a regência do "filho de homem.": O *capítulo 1* fala sobre Daniel e seus companheiros na corte babilônica; o *capítulo 3* conta a história dos três hebreus na fornalha de fogo ardente; o *capítulo 5* trata do banquete de Belsazar que terminou com a queda de Babilônia; o *capítulo 6* conta a história de Daniel na cova dos leões e o *capítulo 8* contém a visão do carneiro e do bode que culmina com o fim do reinado tirânico de Antíoco IV no segundo século antes da vinda de Cristo.[24]

E embora a profecia das "setenta semanas" no *capítulo 9* aponte para a vinda do Messias, ela não diz coisa alguma sobre o estabelecimento do reino dele. Nem mesmo a longa profecia nos capítulos finais, *Daniel 10-12*, a qual termina com a "grande tribulação" e a ressurreição de "muitos dos adormecidos no solo de pó"

---

[23] *A Profecia de Daniel*, Edward J. Young (em inglês - Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publ. Co., 1949), pág. 110.

[24] Esta é a maneira como a visão é entendida pela maioria dos comentaristas. As declarações em Daniel 8:17 e 19 de que "a visão é para o tempo do fim" não deve ser entendida automaticamente como uma referência ao final, ao "Fim dos Tempos" escatológico. No Velho Testamento as palavras e frases tais como "o dia do Senhor", "fim" (*qetz*, em hebraico) e "tempo do fim" (compare com Amós 5:18-20, Ezequiel 7:1-6; 21:25, 29; Daniel 11:13, 27, 35, 40) "não se referem ao Fim dos Tempos e sim a uma crise divinamente apontada, um momento decisivo na história, isto é, um ponto dentro do período histórico e não a uma data pós ou supra-histórica". (*Estudos Literários na Bíblia Hebraica*, Shemaryahu Talmon, Jerusalém-Leiden: The Magnes Press, 1993, pág. 171, em inglês) A tentativa que Antíoco IV fez de destruir a religião judaica, conforme predito em Daniel 8:9-14, 23-26, foi certamente tal "crise" e foi freqüentemente descrita como um "momento decisivo na história". Veja, por exemplo, os comentários de Al Walters em *Publicação Trimestral Bíblica Católica*, Vol. 55:4, 1993, págs. 688-89, em inglês.

(Daniel 12:1-3), faz uma conexão explícita disto com o estabelecimento do reino de Cristo.

O fato é que as únicas referências *claras* e *diretas* ao estabelecimento do reino de Deus são encontradas nos capítulos 2 e 7 (Daniel 2:44-45 e 7:13-14, 18, 22, 27).[25]

Assim qualquer precedente que nos levaria a dar um aplicação maior aos "sete tempos" de loucura de Nabucodonosor simplesmente não existe.

b) A época da visão

Se, como se alega, a *época* na qual esta visão foi dada indicaria um cumprimento maior, apontando para uma interrupção de 2.520 anos na dinastia real de Davi, ela deveria ter sido dada próximo a, ou preferivelmente no mesmo ano da deposição de Zedequias. Freqüentemente, quando a *época* de determinada profecia é importante e tem conexão com seu cumprimento, a profecia é datada. Este é, por exemplo, o caso da profecia dos setenta anos. (Jeremias 25:1)[26] As visões e profecias no livro de Daniel são geralmente datadas: o sonho da imagem no *segundo ano* de Nabucodonosor (Daniel 2:1), a visão dos quatro animais no *primeiro ano* de Belsazar (Daniel 7:1), a visão do carneiro e do bode no *terceiro ano* de Belsazar (Daniel 8:1), a profecia das setenta semanas no *primeiro ano* de Dario, o medo

[25] Compare com o estudo cuidadoso que o Dr. Reinhard Gregor Kratz fez desta questão, "*Reich Gottes und Gesetz im Danielbuch und im werdenden Judendom*", em *O Livro de Daniel à Luz das Novas Descobertas*, editado por A. S. van der Woude (em inglês - Louvain, Bélgica: Editora da Universidade de Louvain, 1993), págs. 433-479. (Veja especialmente as págs. 441-442, e 448.)

[26] Veja o capítulo 5 deste livro, seção A-3.

(Daniel 9:1), e a última profecia no *terceiro ano* de Ciro (Daniel 10:1).[27]

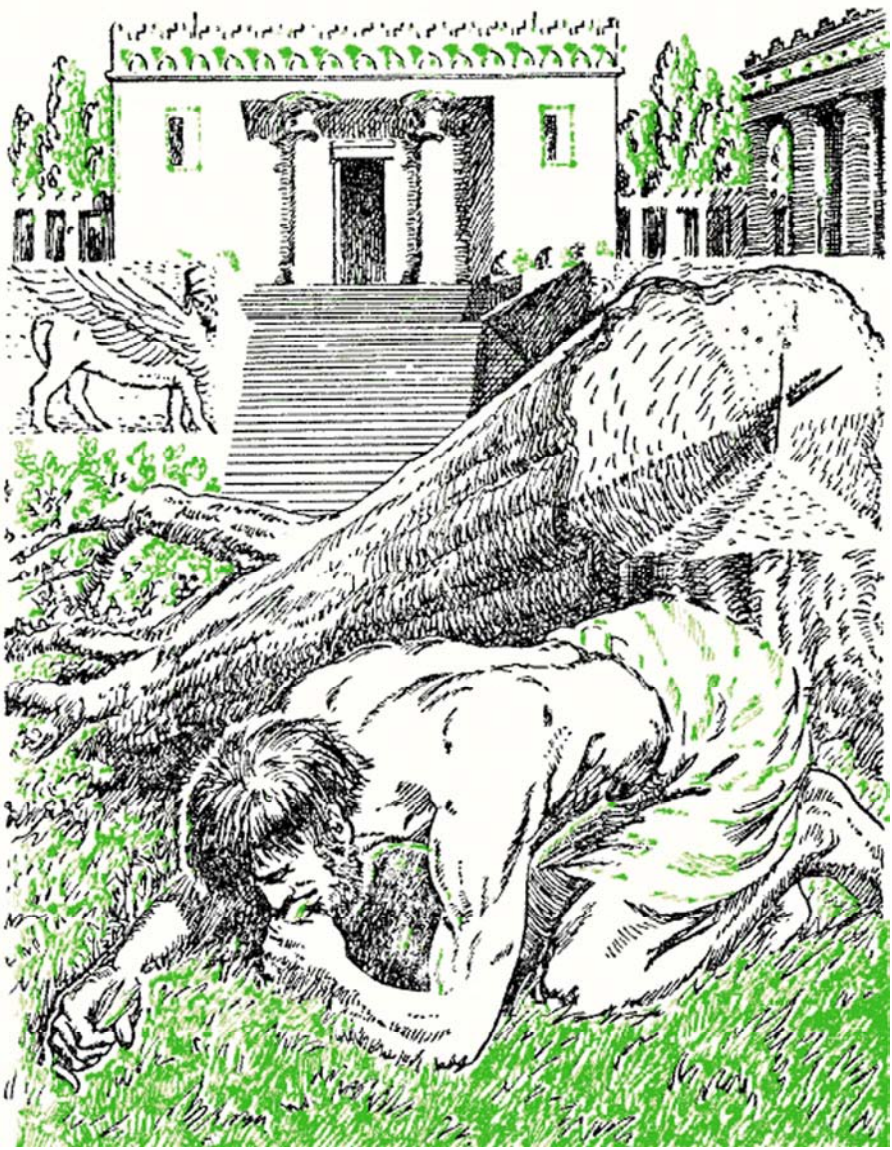
Porém, nenhuma data deste tipo é fornecida para a visão da árvore derrubada em Daniel 4, o que logicamente deveria ter sido feito, caso isto fosse importante. A única informação referente a tempo é dada no versículo 29, onde se declara que o cumprimento do sonho ocorreu doze meses depois. Embora não se forneça qualquer ano de reinado, parece provável que os "sete tempos" de loucura de Nabucodonosor ocorreram em algum momento perto do fim de seu longo reinado. A razão para esta conclusão é a declaração orgulhosa que desencadeou o cumprimento do sonho dele:

> Não é esta Babilônia, a Grande, que eu mesmo construí para a casa real com o poderio da minha potência e para a dignidade da minha majestade? — Daniel 4:30, *TNM*.

Em que momento poderia Nabucodonosor ter proferido estas palavras? Durante a maior parte de seu longo reinado ele se empenhou em numerosos projetos de construção na cidade de Babilônia e muitas outras cidades na terra de Babilônia. As inscrições cuneiformes demonstram que Nabucodonosor foi principalmente um construtor,

---

[27] Que pelo menos algumas datas fornecidas para as visões de Daniel são intimamente relacionadas com os conteúdos destas visões pode-se ver à base dos capítulos 7 e 8, datados do 1º e do 3º ano de Belsazar, respectivamente. Segundo o "Relato Versificado de Nabonido" (B.M. 38299), Nabonido "confiou o reinado" ao seu filho Belsazar "quando o terceiro ano estava prestes a começar." (*Antigos Textos do Oriente Próximo Relacionados Com o Velho Testamento*, J. B. Pritchard, Princeton, Nova Jersey: Editora da Universidade de Princeton, 1950, págs. 312-13, em inglês). Uma vez que o 1º ano de Nabonido foi 555/54 AEC, seu 3º ano foi 553/52 AEC, sendo este o 1º ano de Belsazar. Agora, segundo o *Cilindro de Sipar*, foi neste mesmíssimo ano, o 3º de Nabonido, que o deus Marduque "despertou" Ciro em uma rebelião contra seu suserano medo, o rei Astíages. Conforme se declara na *Crônica de Nabonido*, Astíages foi finalmente derrotado três anos depois, no 6º ano de Nabonido, isto é, em 550/49 AEC. Seria muita coincidência que pouco antes disso, no 3º ano de Belsazar (Daniel 8:1), ou seja, em 551/50 AEC, Daniel tenha sido transferido em visão a Susã, futura capital administrativa da Pérsia, para lhe ser mostrado o surgimento do Império Medo-Persa na forma de um carneiro de dois chifres "dando marradas para o oeste, e para o norte, e para o sul". (Daniel 8:1-4, 20) Desse modo, a visão dele provavelmente começou a se cumprir apenas alguns meses após ter sido recebida!



A demência de Nabucodonosor

conforme representada no livro "*A Verdade Vos Tornará Livres*" (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, publicado em português em 1946), página 237.

não um guerreiro. Ele renovou e restabeleceu dezesseis templos em Babilônia inclusive os dois templos de Marduque, completou os dois grandes muros da cidade, construiu uma rede de canais pela cidade, embelezou as ruas de Babilônia, reconstruiu o palácio de Nabopolassar, seu pai, e construiu outro palácio para seu próprio uso, o qual foi terminado por volta de 570 A.E.C., além de muitas outras realizações arquitetônicas.[28]

Evidentemente foi ao fim desta atividade de construção que a visão da árvore derrubada foi dada, como é indicado pelas palavras orgulhosas de Nabucodonosor em Daniel 4:30. Isto aponta em direção ao fim de seu longo reinado de quarenta e três anos, e conseqüentemente muitos anos *depois* da destruição de Jerusalém em seu décimo oitavo ano de reinado.

Uma profecia é, por definição, um olhar *à frente*. Como poderia então a *época* na qual a visão foi dada indicar qualquer coisa sobre um cumprimento maior, um que tenha começado com o destronamento de Zedequias muitos anos *antes*? Não deveria o *cumprimento* de uma profecia começar, não antes, e sim *após* a época na qual ela foi proferida? De modo que a *época* deste sonho particular, não só parece ser irrelevante, devido à profecia não ser datada, como também pode de fato ser usado como um argumento *contrário* à aplicação dela a um período que começa com a destruição de Jerusalém, uma vez que o sonho foi evidentemente dado muitos anos *depois* desse evento.

c) A pessoa a quem a visão foi dada

Será que a *pessoa* a quem esta visão foi dada, isto é, Nabucodonosor, indica que tal visão tem de ser aplicada a uma suposta interrupção de 2.520 anos na dinastia real de Davi?

É verdade que Nabucodonosor foi o instrumento que causou a interrupção desta dinastia. Mas é provável que o exercício opressivo da soberania de Nabucodonosor seria um símbolo da soberania de Jeová expressa pela dinastia davídica, ao passo que concomitantemente, durante os "sete tempos" de loucura, a total ausência dele do poder seria um símbolo do exercício do domínio mundial por nações gentias? Ou será que ele assumiu *dois* papéis durante os "sete tempos" de sua

[28] *Nabucodonosor e Babilônia*, D. J. Wiseman (em inglês - Oxford: Editora da Universidade de Oxford, 1985), págs. 42-80.

loucura — (1) sua *ausência do poder*, representando a interrupção na dinastia de Davi durante o período de 2.520 anos; e (2) sua *condição animalesca* retratando o domínio gentio da terra?

Como se pode ver, os paralelos entre o cumprimento literal e a alegada aplicação maior são forçados, e, desta forma, a aplicação maior é totalmente complicada e confusa. Não seria esta aplicação mais provável se a visão tivesse sido dada a um dos últimos reis de *Judá* em vez de a Nabucodonosor? Não seria um rei da dinastia de Davi um representante mais *natural* dessa dinastia, e os "sete tempos" da perda de poder experimentada por tal rei uma representação mais natural da perda da soberania da linhagem davídica?

Assim, é evidente que a *pessoa* a quem se deu a visão não fornece qualquer indicação clara de outra aplicação além daquela dada diretamente pelo profeta Daniel.

d) O tema da visão

O *tema* da visão da árvore derrubada é expresso em Daniel 4:17, a saber, "*para que os viventes saibam que o Altíssimo é Governante no reino da humanidade e que ele o dá a quem quiser, e estabelece nele até mesmo o mais humilde da humanidade.*"

Será que este propósito declarado da visão indica que ela aponta para o futuro tempo do estabelecimento do Reino de Deus, por seu Cristo?[29]

Tirar tal conclusão seria ler mais nesta declaração do que ela de fato diz. Jeová sempre foi o governante supremo no reino da humanidade, embora a supremacia dele nem sempre tenha sido reconhecida por todos. Mas Davi apercebeu-se disto, ao dizer:

> Jeová é que estabeleceu firmemente seu trono nos próprios céus; e seu próprio reinado tem mantido domínio *sobre tudo*. — Salmos 103:19, *TNM*.
>
> Teu reinado é um reinado *por todos os tempos indefinidos*, e teu domínio é durante todas as gerações sucessivas. — Salmos 145:13, *TNM*.

De modo que Jeová sempre exerceu controle sobre a história da humanidade e manobrou os eventos de acordo com sua própria vontade:

[29] *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 3 (1992), pág. 690.

> E ele muda os tempos e as épocas, removendo reis e estabelecendo reis, dando sabedoria aos sábios e conhecimento aos que têm discernimento. Daniel 2:21, *TNM*.

Esta foi uma lição que Nabucodonosor — bem como os que reinaram antes e depois dele — tiveram de aprender. O período que se seguiu à desolação de Judá e Jerusalém por Nabucodonosor não representou qualquer exceção ou interrupção no reinado supremo de Jeová, apesar da interrupção na dinastia real de Davi. As nações gentias não regeram soberanamente durante este período. Jeová tomou ação contra o Império Babilônico suscitando Ciro para capturar Babilônia em 539 A.E.C. (Isaías 45:1) e depois Alexandre, o Grande destruiu o Império Persa.

Além do mais, a expressão "mais humilde da humanidade" em Daniel 4:17 não é alguma indicação clara que Jesus Cristo como se alega, uma vez que, em seus procedimentos com a humanidade, Jeová muitas vezes derrubou reis poderosos e arrogantes e enalteceu humildes.[30] Isto foi indicado fortemente séculos depois por Maria, a mãe de Jesus:

> Ele [Deus] tem agido valorosamente com o seu braço, tem espalhado os que são soberbos na intenção dos seus corações. Tem derrubado de tronos homens de poder e *tem enaltecido humildes.* — Lucas 1:51-52, *TNM*.

De modo que, quando o vigilante santo no sonho de Nabucodonosor anunciou que "o Altíssimo é Governante no reino da humanidade e que ele o dá a quem quiser, e estabelece nele até mesmo o mais humilde da humanidade," ele parece simplesmente ter declarado um *princípio universal* nos tratos de Jeová com a humanidade. Não há qualquer indicação de que ele está emitindo uma profecia relativa ao estabelecimento do reino messiânico com Jesus Cristo no trono. O *tema* desta visão — que o Altíssimo é Governante no reino da humanidade — é demonstrado pela maneira como Jeová lidou como o arrogante Nabucodonosor, o qual, através de sua experiência, veio a aperceber-se deste princípio universal. (Daniel 4:3, 34-37) Ao lerem sobre esta humilhante experiência de Nabucodonosor, as pessoas que vivem em todas as gerações podem vir a aprender esta mesma verdade.

---

[30] Comentando a declaração em Daniel 4:17 de que Deus dá o reino "a quem quiser", a Sociedade Torre de Vigia declara: "Sabemos que este, a "quem" o Altíssimo escolhe dar o "reino" é Cristo Jesus." — *Verdadeira Paz e Segurança — De Que Fonte?* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1973), pág. 74.

B-3: O colapso da fundação do cálculo dos 2.520 anos

Conforme se mostrou no Capítulo 1, o cálculo segundo o qual os "sete tempos" representaram um período de 2.520 anos baseia-se no chamado "princípio ano-dia".

Este conceito não é mais aceito como um *princípio geral* pela Sociedade Torre de Vigia. O Pastor Russell o extraiu dos Segundo Adventistas, mas ele foi abandonado pelo segundo presidente da Sociedade, J. F. Rutherford, na década de 1920 e no início da década de 1930.[31] As 2.300 noitinhas e manhãs (Dan. 8:14), e os 1.260, 1.290 e 1.335 dias (Daniel 12:7, 11, 12; Revelação 11:2, 3; 12:6, 14), que antes se dizia serem *anos*, foram desde então interpretados como significando apenas *dias*.

Os dois textos na Bíblia que anteriormente eram citados como prova do princípio ano-dia (Números 14:34 e Ezequiel 4:6) não são mais entendidos como declarando um *princípio universal* de interpretação, embora eles ainda sejam citados em defesa deste cálculo particular de 2.520 anos. Conforme se mostrou no Capítulo 1, nota de rodapé 2, não é nem mesmo provável que a regra de ano-dia deva ser aplicada às "setenta semanas" de Daniel 9:24-27. Essa profecia não fala em dias, e sim em "semanas" ou, literalmente, "grupos de sete". Assim, em vez de estabelecer uma conversão das "semanas" em dias e aplicar então um "princípio ano-dia", a conexão contextual com os "setenta anos" no versículo 2 apóia fortemente a conclusão prevalecente de que o anjo estava simplesmente multiplicando esses setenta anos por sete: "Sete vezes [ou: o sétuplo de] setenta [anos] são decretados."

Até mesmo os próprios partidários da teoria do ano-dia acham impossível serem consistentes em sua aplicação do "princípio" de que em profecias bíblicas cronológicas os *dias* sempre significam *anos*. Por exemplo, quando Deus disse a Noé que "daqui a sete dias, farei chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noites" (Gênesis 7:4, *NVI*), eles não interpretam isso como significando que "daqui a sete *anos*, farei chover sobre a terra quarenta *anos*". Ou quando Jonas disse aos habitantes de Nínive que "apenas mais quarenta dias e Nínive será

[31] Para uma refutação completa do conceito de ano-dia, veja as págs. 111-126 de *Observações Sobre as Visões Proféticas no Livro de Daniel*, de Samuel P. Tregelles, publicado originalmente em 1852. A referência aqui é à sétima edição (em inglês - Londres: Testemunho da Graça Soberana do Advento, 1965).

subvertida." (Jonas 3:4), eles não entendem isto como significando que Nínive deveria ser subvertida após quarenta *anos*. Muitos outros exemplos poderiam ser dados.[32]

De forma que a aplicação do princípio ano-dia aos "sete tempos" de Daniel 4 é evidentemente muito arbitrária, e isto é especialmente verdadeiro se considerarmos que aqueles que fazem tal aplicação já não fazem o mesmo no caso de outros períodos de tempo proféticos.

Assim como outros partidários do cálculo de 2.520 anos, a Sociedade Torre de Vigia argumenta que os "sete tempos" (o período de demência de Nabucodonosor) equivalem a 2.520 dias, porque em Revelação 12:6, 14 "um tempo e tempos e metade de um tempo" (3 1/2 tempos) são equiparados a 1.260 dias. (A validade deste raciocínio será discutida na próxima seção.) Porém, ao passo que os 2.520 dias são interpretados como significando um período de 2.520 anos, os 1.260 dias são entendidos como significando apenas 1.260 *dias* literais. Uma vez que a interpretação dos "sete tempos" é derivada dos três tempos e meio (1.260 dias), por que não se dá uma interpretação consistente a ambos os períodos? Como sabemos que os supostos 2.520 dias significam *anos*, mas que este não é o caso dos 1.260 dias?[33]

Obviamente não há qualquer base real para a conclusão de que os "sete tempos" significam 2.520 *anos*.

B-4: Foram os "sete tempos" realmente sete anos?

Os "sete tempos" de loucura de Nabucodonosor são freqüentemente entendidos como um período de sete *anos*. Porém, qualquer pessoa que esteja familiarizada com o reinado de Nabucodonosor sabe que há grandes problemas com este entendimento. É difícil encontrar um período de sete anos dentro do seu reinado de 43 anos no qual ele tenha estado ausente do trono ou inativo como rei.

---

[32] Para exemplos adicionais, veja *Hermenêutica Bíblica*, de Milton S. Terry, (em inglês - Grand Rapids: Academie Books, 1974; reimpressão da edição de 1883), págs. 386-90.

[33] C. T. Russell era pelo menos consistente em ensinar que ambos os períodos se referiam a *anos*, "pois se três tempos e meio são 1260 dias (anos), sete tempos serão exatamente o dobro, 2520 anos". — *Estudos das Escrituras*, Vol. II (publicado originalmente em inglês em 1889), pág. 91.

Onde, então, durante os 43 anos do reinado de Nabucodonosor, podemos encontrar um período de sete anos em que ele esteve ausente do trono e não envolvido em atividades reais de qualquer tipo? A tabela abaixo alista os anos em que as fontes bíblicas e extrabíblicas mostram Nabucodonosor ainda regendo ativamente em seu trono.

Atividade documentada do reinado de Nabucodonosor

Eventos	*Referências*	*Nabucodonosor no trono*	*Anos A.E.C.*
Batalha de Carquemis	**Jer. 46:2; Jer. 25:1; Dan. 1:1 em diante**	**Ano de ascensão**	**605**
Invasão de Judá e as primeiras deportações	**BM 21946**	**Ano de ascensão**	**605/604**
Campanha de Hatu	**BM 21946**	**1º ano**	**604/603**
O sonho da imagem por Nabucodonosor	**Dan 2:1 em diante**	**2º ano**	**603/602**
Campanhas em Hatu	**BM 21946**	**2º ao 6º anos**	**603 – 599/598**
Atividade de construção de Nabucodonosor	**Inscrição real (Berger, AOAT 4:1; pág. 108)***	**7º ano**	**598/597**
Segunda deportação. Jeoiaquim trazido a Babilônia	**2 Reis 24:11,12; 2 Crôn. 36:10; Jer. 52:28; BM 21946**	**7º ano**	**597**
Campanhas em Hatu e Tigre	**BM 21946**	**8º e 9º anos**	**597 - 596/595**
Rebelião no exército de Nabucodonosor. Planos de revolta entre os exilados espalham-se a Judá. Cartas de Jeremias aos exilados. Nabucodonosor marcha para Hatu.	**BM 21946; Jer. 28:1 em diante; Jer. 29:1-3; 4-30**	**10º ano**	**595/594**
Campanha de Hatu	**BM 21946**	**11º ano**	**594/593**
Atividade de construção de Nabucodonosor	**Inscrição real (Berger, AOAT 4:1; pág. 108)***	**12º ano**	**593/592**
Jerusalém sitiada por 2,5 anos, desolada. Terceira deportação.	**2 Reis 25:1 em diante; Jer. 32:1-2; 52:4-16**	**15º ao 18º anos**	**589-587**
Ezequiel prediz sítio de Tiro	**Eze 26: 1, 7**	**18º ano**	**587**
Nabucodonosor sitia Tiro por 13 anos	***Antiguidades* de Josefo X:xi,1: Ap. I:21**	**19º - 32º anos**	**586 – 573/572**
Ezequiel confirma o término do sítio	**Eze. 29:17-18**	**33º ano**	**572/571**
Nabucodonosor ataca o Egito, conforme predito	**BM 33041 (Jer. 43:10 em diante; Eze 29:1-16,19-20)**	**37º ano**	**568/567**
Nabucodonosor morre. Ano de ascensão de Evil-Merodaque.	**Jer. 52:31-34; 2 Reis 25:27-30**	**43º ano**	**562/561**

*** AOAT 4:1 – *Alter Orient und Altes Testament* Vol. 4:1 (Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1973.)**

Como se pode ver, as atividades documentadas de Nabucodonosor parecem excluir uma ausência do trono durante algum período de sete anos. O período mais longo para o qual não temos qualquer evidência de sua atividade, vai do trigésimo sétimo ao quadragésimo terceiro ano dele (que foi o último), um período de aproximadamente seis anos. Este período terminou com sua morte. Deve-se lembrar, porém, que após seus "sete tempos" de loucura, Nabucodonosor foi restabelecido em seu trono e evidentemente governou durante algum tempo depois disso. — Daniel 4:26, 36.

Assim, o que dizer dos "sete tempos?" Referem-se eles necessariamente a *anos*, como freqüentemente se alega?

Na verdade, a palavra para "tempos" no texto aramaico original de Daniel (singular: *'iddan*) significa geralmente "tempo, período, época" e pode se referir a qualquer período fixo e definido de tempo.[34] Admitidamente, a idéia de que os versículos 16, 23, 25 e 32 de Daniel capítulo quatro se referem a anos, não se restringe à Sociedade Torre de Vigia. Este entendimento pode ser encontrado em fontes antigas.

Assim, a Versão *Septuaginta* (LXX) de Daniel traduziu a palavra como "anos" e o mesmo faz Josefo em *Antigüidades* X:x,6. Mas o texto da versão LXX de Daniel foi rejeitado pelos primitivos cristãos em preferência à versão grega de *Teodocião* (normalmente datada por volta de 180 E.C.) que em Daniel capítulo quatro diz "tempos" (do grego *kairoi*), não "anos".[35]

Que alguns judeus em uma fase inicial interpretavam os "tempos" de Daniel capítulo quatro como "anos" pode-se ver também à base da chamada "Oração de Nabonido", um documento fragmentário

---

[34] Compare o uso da mesma palavra em Daniel 2:8 ("estais querendo ganhar *tempo*"), 2:9 ("até que se mude o próprio *tempo*"), 2:21 ("ele muda os *tempos* e as épocas"), 3:5, 15 ("ao *tempo* em que ouvirdes o som" [tradução livre da *TNM* em inglês]), 7:12 ("foi-lhes dado prolongamento de vida por um tempo e uma *época*") e 7:25 ("serão entregues à sua mão por um tempo, e tempos e metade de um tempo").

[35] Como várias citações de Daniel no Novo Testamento concordam com o texto grego de Teodocião de Daniel contra o texto da LXX, pensa-se que a tradução de Teodocião baseou-se em uma tradição textual pré-cristã anterior, a qual pode ter sido ou uma revisão da LXX ou uma versão independente dela. — *Daniel*, de John J. Collins, (em inglês - Mineápolis: Editora Fortress, 1993), págs. 2-11. Veja também "Outra consideração da loucura de Nabucodonosor", de Peter W. Coxon, em A. S. van der Woude, *op. cit.* (veja a nota de rodapé 25 deste capítulo), págs. 213-14, em inglês.

aramaico encontrado entre os rolos do Mar Morto na Caverna 4 de Qumran, e datando de aproximadamente 75-50 A.E.C. Este documento diz que Nabonido foi acometido por uma "inflamação perniciosa . . . por sete anos" no oásis de Temã.[36]

Quais são as alternativas? Percebendo que o sentido literal da palavra aramaica *'iddan* não é "ano" e sim "período" ou "época", Hipólito, do terceiro século, diz que alguns viam um "tempo" como uma das quatro estações do ano. Desse modo "sete estações" seriam menos de dois anos. Todavia, o bispo Teodoreto do quinto século, indicou que os povos dos tempos antigos, tais como os babilônios e persas, falavam de apenas *duas* estações num ano, verão e inverno, estações seca e chuvosa.[37] Este era também o costume entre os hebreus. Na Bíblia não há qualquer referência à primavera e ao outono, apenas às estações do verão e do inverno. Segundo esta linha de raciocínio, as "sete estações" da loucura de Nabucodonosor equivaleriam a três anos e meio.

Alguns dos mais bem conceituados eruditos bíblicos conservadores de épocas recentes, tais como Carl F. Keil e Edward J. Young, ou rejeitam ou nutrem sérias duvidas sobre a teoria de que os "sete tempos" de Daniel capítulo quatro se referem a sete *anos*. O assiriologista Donald J. Wiseman sugere até que os "sete tempos"

---

[36] Para uma recente reconstituição e tradução do texto, veja *O Contexto da Bíblia*, Vol. I, de Baruch A. Levine e Anne Robertson, editado por William W. Hallo (em inglês - Leiden: Brill, 1997), págs. 285-86. A maioria dos eruditos supõe que a história sobre os "sete tempos" de loucura relacionados originalmente com Nabonido e a "Oração de Nabonido" refletem uma situação anterior da tradição. Alega-se que o livro de Daniel atribui a experiência a Nabucodonosor porque ele era mais bem conhecido entre os judeus. Não há, porém, qualquer evidência em defesa desta teoria e é muito mais provável que a "Oração de Nabonido" seja uma versão distorcida posterior da narrativa de Daniel, — Compare com os comentários feitos por D. J. Wiseman, *op. cit.* (veja a nota de rodapé 28 deste capítulo), págs. 103-105.

[37] E. J. Young, *op. cit.* (veja a nota 23 deste capítulo), pág. 105. O Dr. H. Neumann confirma que na Mesopotâmia só há duas estações: "um verão seco e sem nuvens de maio a outubro, e um inverno nublado e chuvoso de novembro a abril". — Heinz Neumann em *Wiener Zeitschrift für die Kunde des Morgenlandes*, Vol. 85 (Viena 1995), pág. 242.

deveriam ser entendidos como "sete meses".[38] Qualquer destes pontos de vista aqui mencionados estaria razoavelmente de acordo com a informação que temos sobre o reinado de Nabucodonosor.

Naturalmente, alguns indicarão Revelação capítulo doze, argumentando que, uma vez que os 3 1/2 "tempos" no versículo 14 correspondem aos 1.260 dias (= 3 1/2 anos) do versículo 6, sete tempos devem então equivaler a 2520 dias, ou sete anos.

Todavia, não há qualquer razão para concluir que o modo como o termo "tempos" é usado em Revelação capítulo doze deva também aplicar-se automaticamente a outros contextos. Permanece o fato de que, uma vez que a palavra aramaica *'iddan* significa simplesmente "tempo, período, época", ela pode se referir a períodos de duração diferente. Ela não se refere ao mesmo intervalo fixo em todos os lugares em que é usada. O contexto é que deve sempre decidir seu significado. E mesmo que se pudesse provar que a expressão "tempo, e tempos e metade de um tempo" que aparece em Daniel capítulo sete, versículo 25, significa três anos e meio, isto ainda não provaria que os "sete tempos" ou "períodos" (*TEB*) de Daniel capítulo quatro, versículos 16, 23, 25 e 32, significam "sete anos". Os dois capítulos tratam de dois eventos e períodos muito diferentes e, dessa maneira, não devem ser confundidos.

Na consideração feita até aqui, mostrou-se que não há prova que os tempos dos gentios de Lucas 21:24 sejam uma alusão aos "sete tempos" de Daniel 4. Nem há qualquer evidência mostrando que os "sete tempos" de loucura de Nabucodonosor prefiguravam outro período, que se refira a 2.520 anos de dominação gentia. Finalmente, demonstrou-se que nem mesmo se pode provar que os "sete tempos" equivalem a sete *anos*. Estas identificações são obviamente nada mais que conjeturas sem base sólida na própria Bíblia.

---

[38] Donald J. Wiseman em *Novo Dicionário Bíblico*, editado por J. D. Douglas, 2ª edição em inglês (Leicester, Inglaterra: Editora Intervarsity, 1982), pág. 821. O Dr. Wiseman explica que este entendimento de *'iddan* em Daniel 4 "surgiu à base de minha idéia de que um 'mês' poderia ser um 'período' apropriado, dada a natureza da enfermidade de Nabucodonosor ... é bem improvável que ela tenha sido recorrente". — Carta de Wiseman a Jonsson, datada de 28 de maio de 1987. Compare com a discussão de Wiseman sobre a doença de Nabucodonosor em *A Medicina e a Bíblia*, editado por B. Palmer (em inglês - Exeter: Editora Paternoster, 1986), págs. 26-27.

C. O ESTABELECIMENTO DO REINO DE CRISTO

Conforme se indicou no Capítulo 1 deste livro, as predições do Pastor Russell para 1914 não se cumpriram. Quando a Primeira Guerra Mundial terminou, as nações gentias ainda dominavam a terra em lugar do Reino de Cristo, e Jerusalém, na Palestina, ainda estava ocupada por uma nação gentia. Evidentemente, a *época* para os eventos esperados não podia estar certa. Mas chegar a esta conclusão simples não era algo fácil. Além do mais, *alguma coisa* tinha acontecido: a Guerra Mundial. Desse modo, achava-se que a época estava certa afinal de contas. Por isso, os seguidores de Russell concluíram que estavam esperando "a coisa errada na época certa".[39]

C-1: Expectativas fracassadas — coisas erradas na época certa?

Gradualmente emergiu um novo padrão apocalíptico. A Guerra mundial, com as muitas crises que se seguiram a ela, veio a ser considerada simplesmente como um *princípio* da derrubada das nações gentias. Em 1922, J. F. Rutherford, o novo presidente da Sociedade, explicou:

> Deus concedeu aos gentios uma permissão de domínio por um intervalo de 2.520 anos, intervalo ou permissão esses que terminaram por volta de agosto de 1914. Então veio o Senhor, o governante legal (Ezequiel 21:27), e começou os procedimentos de expulsão. *Não se deve esperar que ele repentinamente removesse tudo da existência*, pois este não é o modo de Deus fazer as coisas; e sim que ele dominaria os elementos contendores, fazendo-os destruir a ordem presente; e que enquanto isto prosseguisse, ele teria seus seguidores fiéis dando um tremendo testemunho mundial.[40]

Isto nos faz lembrar as explicações posteriores para o fracasso de 1934 dadas pelos editores do Instituto Bíblico Pastoral, abordadas neste capítulo. O estabelecimento do reino de Cristo tinha sido visto antes como um processo iniciado em 1878 e que culminaria em 1914

---

[39] *A Fé em Marcha*, A. H. Macmillan (em inglês - Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, Inc., 1957), págs. 48-49.

[40] *A Torre de Vigia*, 1º de maio de 1922, pág. 139, em inglês; publicado também no folheto *O Que Diz a Bíblia Sobre o Retorno de Nosso Senhor* (em inglês - Brooklyn, N.I.: Associação Internacional dos Estudantes da Bíblia, 1922), págs. 93-94. Ênfase acrescentada.

com a destruição das nações gentias.[41] Mas em 1922 o ponto inicial deste processo foi adiantado para 1914 e a derrubada das nações gentias passou a ser esperada para o futuro próximo. Esta nova idéia foi apresentada por J. F. Rutherford no Congresso de Cedar Point de 5 a 13 de setembro de 1922 em seu discurso, "Está Próximo o Reino do Céu".

Três anos depois, no artigo "O Nascimento da Nação", em *A Torre de Vigia* de 1º de março de 1925, apresentou-se uma nova interpretação de Revelação 12:1-6, de acordo com o novo entendimento acerca do estabelecimento do reino de Cristo, segundo o qual esse reino teria "nascido" no céu em 1914. Naquele ano, Jesus Cristo "assumiu seu grande poder e começou a reinar: as nações ficaram furiosas, e começou o dia da ira de Deus. — Ezequiel 21:27; Revelação 11:17, 18."[42]

C-2: O "pisoteamento" da cidade de Jerusalém é mudado

Mas o que dizer do pisoteamento de Jerusalém pelos gentios? Ao fim de 1914 a cidade de Jerusalém ainda estava ocupada por uma nação gentia, o Império Turco. Numa tentativa de "explicar" este fato embaraçoso, o Pastor Russell argumentou que a perseguição dos judeus parecia ter praticamente parado em todo o mundo naquele momento, e ele viu nisto uma confirmação de sua convicção de que os tempos dos gentios tinham expirado.[43]

Todavia, em dezembro de 1917, mais de um ano após a morte de Russell, aconteceu uma coisa interessante. No dia 9 de dezembro de 1917, os britânicos comandados pelo General Allenby, em aliança com os árabes, capturaram Jerusalém, pondo fim a quase sete séculos de ocupação turca. Este evento foi encarado por muitos cristãos como um

---

[41] Veja o artigo "O Estabelecimento do Reino de Cristo" em *A Torre de Vigia* de 1º de junho de 1922 (em inglês), onde ainda aparece a data 1878.

[42] *O Que diz a Bíblia Sobre o Retorno de Nosso Senhor* (em inglês - 1922), pág. 93.

[43] *A Torre de Vigia*, 1º de novembro de 1914 (em inglês), págs. 329-30; *Reimpressões*, pág., 5568.

sinal dos tempos muito importante.[44]

A libertação de Jerusalém dos turcos em 1917, juntamente com a chamada Declaração Balfour de 2 de novembro de 1917, a qual proclamou que o governo britânico apoiava o estabelecimento de uma nação judaica na Palestina, acelerou drasticamente a imigração judaica para a Palestina. Assim, de outubro de 1922 à primavera setentrional de 1929 a população judaica da Palestina dobrou de 83.794 para cerca de 165.000.

Naquele momento a Palestina ainda era administrada por uma nação não-judaica ou gentia (a Inglaterra) e os judeus ainda constituíam apenas uma minoria (aproximadamente vinte por cento) da população na Palestina. Para todos os efeitos, a Palestina e a cidade de Jerusalém ainda eram controladas pelos gentios. Contudo, o presidente da Sociedade Torre de Vigia, J. F. Rutherford, em seu livro *Vida*, publicado em 1929, insistiu que os tempos dos gentios mencionados por Jesus em Lucas 21:24 tinham expirado em 1914, argumentando que a acelerada imigração judia para a Palestina era a prova tangível em apoio da conclusão de que esta profecia tinha sido cumprida.

Porém, logo após a publicação do livro *Vida*, esta idéia foi completamente abandonada; o retorno dos judeus à Terra Prometida não era mais visto como um cumprimento de profecias bíblicas. Desde

---

[44] Os comentaristas cristãos de várias denominações diferentes consideraram este evento como um sinal dos tempos. Deve-se lembrar que já em 1823, John A. Brown, em sua obra *O Anoitecer* (em inglês) tinha finalizado os "sete tempos" em 1917. Na opinião dele 1917 veria "a plena glória do reino de Israel ... aperfeiçoada". (Vol. 1, págs. xiii e seguintes.) Depois, no mesmo século, o expositor britânico Dr. Henry Grattan Guinness também apontou para 1917 como uma data muito importante: "Não pode haver qualquer dúvida de que os que viverem para ver este ano de 1917 terão alcançado um dos mais importantes, talvez o mais momentoso destes anos finais de crise". — *Luz Para os Últimos Dias* (em inglês), Londres, 1886, págs. 342-46. Apercebidos destas predições, oito famosos clérigos ingleses, entre os quais o Dr. G. Campbell Morgan e o Dr. G. B. Meyer, lançaram um manifesto que, entre outras coisas, declarou: "PRIMEIRO. Que a crise presente aponta para o fim das tempos dos gentios. . . . QUINTO. Que todos os esquemas humanos de reconstrução devem ser subsidiários à segunda vinda de nosso Senhor, porque todas as nações serão submetidas ao seu reino." O manifesto foi publicado na revista londrina *Opinião Atual*, de fevereiro de 1918 e posteriormente republicado em outros documentos através do mundo. Embora este manifesto tenha sido citado várias vezes nas publicações da Torre de Vigia em defesa da data de 1914, ele havia sido realmente lançado em defesa da data de 1917, em resultado da "libertação" de Jerusalém por Allenby no ano anterior.

1931 tais profecias tem sido aplicadas ao Israel *espiritual*.[45] A conseqüência lógica desta mudança só poderia ser que o fim do pisoteamento de Jerusalém não era mais aplicável à cidade *literal* de Jerusalém:

> A atual cidade de Jerusalém na Palestina não é a cidade do Grande Rei Jeová Deus, muito embora a cristandade chame certos lugares dela de "sagrados". Aquela cidade está condenada à destruição no fim deste mundo. Mas a verdadeira Jerusalém permanecerá para sempre como capital da organização universal de Jeová. Referimo-nos à Nova Jerusalém, sobre a qual Jesus Cristo deu uma visão simbólica ao apóstolo João na ilha de Patmos. . . .
>
> Jesus Cristo é o "Rei dos reis e Senhor dos senhores" sobre essa verdadeira Jerusalém. Ao fim dos tempos dos gentios em 1914 ele foi empossado como governante em exercício na "cidade do grande Rei", Jeová. Assim, depois de uma interrupção de 2.520 anos pelos poderes gentios, o Governo Teocrático sobre a terra subiu novamente ao poder na Nova Jerusalém, para nunca mais ser pisado pelos gentios.[46]

O que era, exatamente, esta "Nova Jerusalém"? O livro da Torre de Vigia *Seja Feita a Tua Vontade na Terra* (publicado em português em 1962) explica na página 84:

> Lá em 607 A.C., a Jerusalém que foi derrubada representara o reino de Deus, porque tivera o trono típico de Jeová, no qual se assentava o ungido de Jeová como o seu rei. Do mesmo modo, a Jerusalém que está sendo pisada pelas nações mundanas representa o reino de Deus. ... Portanto, o fim do tempo de se pisar Jerusalém, no cumprimento completo dos "tempos designados das nações" significaria o ressurgimento da Jerusalém simbólica, a saber, *o reino de Deus*.

Assim, o fim do pisoteamento de Jerusalém foi interpretado como significando a instalação de Jesus Cristo no trono de Jeová na Jerusalém *celestial* em 1914.[47] Mas esta mudança do "pisoteamento de Jerusalém" da terra para o céu criou outras questões, discutidas a seguir, que nunca foram respondidas satisfatoriamente.

---

[45] *A Torre de Vigia*, 1931, págs. 253-54; *Vindicação* - Vol. II, J. F. Rutherford (em inglês - Brooklyn, N.I.: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1932), págs. 258, 267-69.

[46] *A Sentinela* (em inglês) de 1º de novembro de 1949, págs. 330-31.

[47] Veja *"Caiu Babilônia, a Grande!" O Reino de Deus Já Domina!* (Brooklyn, N.I.: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1963), págs. 452-453 (da edição em inglês); *"As Nações Terão de Saber que Eu Sou Jeová" — Como?* (publicado em português em 1973), págs. 214 a 217; *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 3 (1992), págs. 687-689.

C-3: Foram estabelecidos dois "reinos de Cristo"?

Enfatiza-se constantemente nas publicações da Sociedade Torre de Vigia que Jesus Cristo foi "entronizado" e seu reino foi "estabelecido" no céu ao fim dos tempos dos gentios em 1914. Afirma-se que naquele momento ele começou a reinar "no meio dos seus inimigos" em cumprimento do Salmo 110:1-2. A idéia é que, depois disso, como ação inicial contra estes inimigos, Jesus Cristo expulsou Satanás e seus demônios do céu para o domínio terrestre, em cumprimento de Revelação 12:1-10.[48]

Um problema com este cenário é que vários textos bíblicos mostram claramente que Jesus Cristo foi empossado no céu já no momento de sua ressurreição e exaltação. Por exemplo, em sua revelação ao apóstolo João, Jesus disse:

> Àquele que vencer, concederei assentar-se comigo no meu trono, *assim como eu venci e me assentei com o meu Pai no seu trono*. — Revelação 3:21, *TNM*.

Que o reino de Cristo já existia lá no primeiro século é também confirmado pelo apóstolo Paulo, que em sua carta aos cristãos em Colossos declarou:

> Ele [o Pai] nos livrou da autoridade da escuridão e nos *transferiu para o reino do Filho do seu amor*, mediante quem temos o nosso livramento por meio de resgate, o perdão dos nossos pecados. — Colossenses 1:13-14, *TNM*.

Se Jesus Cristo foi entronizado na época de sua ressurreição e exaltação e tem governado em seu reino celestial desde então, como é possível alegar que ele foi entronizado e seu reino foi estabelecido *em 1914*?

Para solucionar este problema a Sociedade Torre de Vigia foi obrigada a concluir que dois reinos de Cristo foram estabelecidos: 1) o "Reino do Filho do Seu Amor" (Colossenses 1:13), estabelecido na época da ressurreição e exaltação de Cristo e 2) o "Reino de Nosso Deus e do Seu Cristo" (Revelação 11:15) que se afirma ter sido estabelecido em 1914.

---

[48] Apresentações recentes destas idéias podem ser encontradas, por exemplo, nos livros *Poderá Viver Para Sempre no Paraíso na Terra* (1982), págs. 134-41, e *Conhecimento Que Conduz à Vida Eterna* (1995), págs. 90-97. Ambos são publicados pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Nova Iorque, Inc.

Observe como a Sociedade Torre de Vigia, em seu dicionário bíblico *Estudo Perspicaz das Escrituras*, tenta mostrar a diferença entre estes dois "reinos de Cristo". Comentando a declaração de Paulo em Colossenses 1:13-14 citada acima, este dicionário declara:

> O reino de Cristo, a partir de Pentecostes de 33 EC, tem sido espiritual, governando sobre o Israel espiritual, cristãos que foram gerados pelo espírito de Deus para tornar-se filhos espirituais de Deus. (Jo 3:3, 5, 6) [49]

Desse modo, explica-se que este *primeiro* reino de Cristo foi um reino *limitado*, com Jesus Cristo governando apenas sobre sua congregação de seguidores de Pentecostes em diante.

Por outro lado, o *segundo* reino de Cristo é de *alcance muito maior* e só foi estabelecido em 1914. Em defesa deste ponto de vista, o dicionário supracitado faz referência a Revelação 11:15, onde se diz que o apóstolo João ouviu vozes altas no céu proclamando que "O reino do mundo tornou-se o reino de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre." (*TNM*) Explicando esta visão, o dicionário da Sociedade declara:

> Este Reino é de proporções e dimensões maiores do que "o reino do Filho do seu amor", mencionado em Colossenses 1:13. "O reino do Filho do seu amor" teve início em Pentecostes de 33 EC e tem dominado sobre os discípulos ungidos de Cristo; "o reino de nosso Senhor e do seu Cristo" é estabelecido no fim dos "tempos designados das nações" e domina sobre toda a humanidade na terra.[50]

Mas, mesmo supondo-se que o reino de Cristo de Pentecostes em diante limitou-se ao domínio dele sobre seus discípulos ungidos (o "Israel espiritual"), como a Sociedade Torre de Vigia defende, a conseqüência deste ponto de vista é que, desde Pentecostes em diante, Cristo, como herdeiro legal do trono de Davi, tem estado sentado no trono de Jeová (Revelação 3:21) na Jerusalém *celestial*, reinando sobre o Israel *espiritual*, assim como se dizia que Davi e seu filho Salomão

---

[49] *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 3 (1992), pág. 412.

[50] *Ibid*., pág. 412. Similarmente, na página 136 do livro *Poderá Viver Sempre no Paraíso na Terra* (1982), a Sociedade Torre de Vigia faz referência ao "reino do Filho do seu amor [de Deus]" mencionado em Colossenses 1:13 e afirma: "Mas este domínio ou "reino" sobre cristãos com esperança de vida celestial *não é o governo do Reino pelo qual Jesus ensinou seus seguidores a orar*." (Ênfase acrescentada.)

estavam sentados no "trono de Jeová" na Jerusalém *terrestre*, reinando sobre o Israel carnal.[51]

Devido a esta restauração do "reino de Davi" no primeiro século, *como é possível afirmar que "Jerusalém", que se entende ser o Reino de Deus, continuou a ser pisada pelas nações gentias da terra durante todo o período subseqüente, de Pentecostes até 1914*?

É claro que as nações gentias não puderam "ascender ao céu" (João 3:13) para interferir no domínio de Cristo durante este período. Nem pode o pisoteamento de "Jerusalém" referir-se à perseguição do "Israel espiritual" (os seguidores de Cristo), uma vez que essa perseguição não parou em 1914. Assim, o que significou realmente o pisoteamento de "Jerusalém" e de que modo ele parou em 1914? Apesar da teoria dos dois reinos de Cristo, esta pergunta ainda está à espera de resposta.

C-4: O domínio universal do Cristo ressuscitado

Será que a Bíblia apóia realmente a idéia de que há *dois* reinos de Cristo, confiados a ele em duas ocasiões distintas? Foi o "primeiro" reino de Cristo limitado a um governo sobre seus discípulos ungidos de Pentecostes em diante?

Esta idéia parece ser contradita claramente por diversas passagens bíblicas que enfatizam o alcance *universal* da autoridade dada a Jesus Cristo no momento de sua ressurreição e exaltação. Até mesmo algum tempo antes de sua ascensão, Jesus declarou aos seus discípulos:

> Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. — Mateus 28:18, *TNM*.

---

[51] O anjo Gabriel disse a Maria que o filho que ela daria à luz "será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi". (Lucas 1:32, *NVI*) Que "o trono de seu pai Davi" foi dado a Cristo por ocasião de sua ressurreição e exaltação foi depois confirmado por Tiago, meio-irmão de Jesus, quando ele explicou aos seus concrentes em Atos 15:13-18 que "a barraca de Davi, que está caída" tinha sido erguida novamente, em cumprimento da profecia de Amós 9:11 e versículos seguintes. Conforme indicado pelo Dr. F. F. Bruce, "a aplicação que Tiago faz da profecia, associa o cumprimento da primeira parte dela (o reerguimento da barraca de Davi) com a ressurreição e exaltação de Cristo, o Filho de Davi e a reconstituição de seus discípulos como o novo Israel, e o cumprimento da segunda parte dela com a presença dos crentes gentios em igualdade com os crentes judeus na Igreja". — *Comentário ao Livro de Atos*, F. F. Bruce (em inglês - Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., reimpressão de 1980), pág. 310.

O uso do verbo no pretérito, “foi-me dada”, mostra que Jesus Cristo *já naquele momento estava de posse de toda a autoridade ou poder no céu e na terra*. Que poder adicional, então, poderia possivelmente restar para ser dado a ele em 1914? A posição suprema de Jesus após sua ressurreição foi também acentuada pelo apóstolo Paulo em Efésios 1:20-23:

> ... ele [Deus] o levantou dentre os mortos e o assentou à sua direita nos lugares celestiais, *muito acima de todo governo, e autoridade, e poder, e senhorio, e todo nome dado, não só neste sistema de coisas, mas também no que há de vir. Sujeitou também todas as coisas debaixo dos pés dele*, e o fez cabeça sobre todas as coisas para a congregação, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que em tudo preenche todas as coisas. (*TNM*)

Observe que nesta passagem Paulo declara que o domínio de Cristo naquele momento não estava limitado apenas a um reino sobre sua congregação, mas abrangia “todas as coisas”, “todo governo, e autoridade, e senhorio, e todo nome dado”. Similarmente, em Colossenses 2:10 Paulo declara que Cristo é “a cabeça de todo governo e autoridade.” (*TNM*). E em Revelação 1:5 o apóstolo João enviou saudações “às sete congregações que estão no [distrito da] Ásia” da parte de Jesus Cristo, “*o Governante dos reis da terra*” (*TNM*).

Por incrível que pareça, a Sociedade Torre de Vigia, no verbete “Jesus Cristo” de seu dicionário bíblico *Estudo Perspicaz das Escrituras*, parece *contradizer* sua idéia de um reino limitado de Cristo de Pentecostes em diante, declarando que desde sua ressurreição ele *“encabeça um governo de expressão universal”*. Observe estas notáveis declarações na página 543 do Volume 2:

> Depois da sua ressurreição, Jesus informou a seus discípulos: “Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra”, mostrando assim que ele *encabeça um governo de expressão universal*. (Mt 28:18) O apóstolo Paulo tornou claro que o Pai de Jesus ‘não deixou nada que não ficasse sujeito [a Jesus]’, com a evidente exceção ‘daquele que lhe sujeitou todas as coisas’, isto é, Jeová, o Deus Soberano. (1Co 15:27; He 1:1-14; 2:8) O “nome” de Jesus Cristo, portanto, é mais excelente do que o dos anjos de Deus, no sentido de que seu nome abrange ou representa *a ampla autoridade executiva que Jeová lhe concedeu*. (He 1:3, 4) [Ênfase acrescentada.]

Se já por ocasião de sua ressurreição e exaltação tinha sido dada a Jesus Cristo “toda a autoridade no céu e na terra”, e se ele foi desde então “a cabeça de todo governo e autoridade” e “o Governante dos reis da terra” e a partir dali “encabeça um governo de expressão

universal" como até mesmo a Sociedade Torre de Vigia reconhece, então como se pode alegar que o reino de Cristo de Pentecostes em diante limitou-se a um domínio sobre sua congregação de seguidores, e que o "reino do mundo" só se tornou "o reino de nosso Deus e do seu Cristo" no ano de 1914?

C-5: Esperando "à direita de Deus" — para quê?

No último dia de sua vida terrestre, Jesus explicou aos membros do Sinédrio, o supremo tribunal judaico, que seu domínio no reino estava prestes a começar, declarando que, "doravante o Filho do homem estará sentado à destra poderosa de Deus." — Lucas 22:69, *TNM*.[52]

Que após sua ressurreição Cristo foi elevado "à destra de Deus" é enfatizado repetidamente pelos escritores do Novo Testamento. A frase "sentado à destra poderosa de Deus" é uma referência ao Salmo 110:1, um texto citado ou referido no Novo Testamento com mais freqüência do que qualquer outra passagem do Velho Testamento.[53] Este salmo é consistentemente interpretado pelos escritores do Novo Testamento como uma descrição da exaltação de Cristo ao trono de Deus depois de

[52] A passagem paralela de Mateus 26:64 acrescenta outra particularidade à declaração de Jesus: "Doravante vereis o Filho do homem sentado à destra de poder e *vindo nas nuvens do céu*." (Compare com Marcos 14:62) A última parte da declaração é uma alusão a Daniel 7:13-14, onde, segundo a visão de Daniel "chegou com as nuvens dos céus alguém semelhante a um filho de homem; e ele obteve acesso ao Antigo de Dias, e fizeram-no chegar perto perante Este. E foi-lhe dado domínio, e dignidade, e um reino," Deve-se notar que nesta visão o "filho de homem" não veio do céu para a terra. Em vez disso, a "chegada" dele é na direção oposta, até o "Antigo de Dias" no trono celestial, para receber domínio, dignidade e um reino. De modo que esta passagem não parece estar tratando da segunda vinda de Cristo, e sim de sua entronização por ocasião de sua ressurreição e exaltação.

[53] O Professor Martin Hengel descobriu que o Salmo 110:1 é usado em vinte e uma passagens do Novo Testamento, sete das quais sendo citações diretas. As passagens são: Mat. 22:44; 26:64; Marcos 12:36; 14:62; 16:19; Lucas 20:42 em diante.; 22:69; Atos 2:33; 2:34 em diante.; 5:31; 7:55 em diante; Rom. 8:34; 1 Cor. 15:25; Efé. 1:20; Col. 3:1; Heb. 1:3, 13; 8:1; 10:12 em diante; 12:2; e 1 Ped 3:22. —*Estudos de Cristologia Primitiva*, M. Hengel (em inglês - Edimburgo: T&T Clark Ltd, 1995), pág. 133.

sua ressurreição.[54] Os dois primeiros versículos dizem:

> A pronunciação de Jeová a meu Senhor é: "Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos como escabelo para os teus pés." Jeová enviará de Sião o bastão da tua força, [dizendo:] "Subjuga no meio dos teus inimigos." — Salmo 110:1-2, *TNM*.

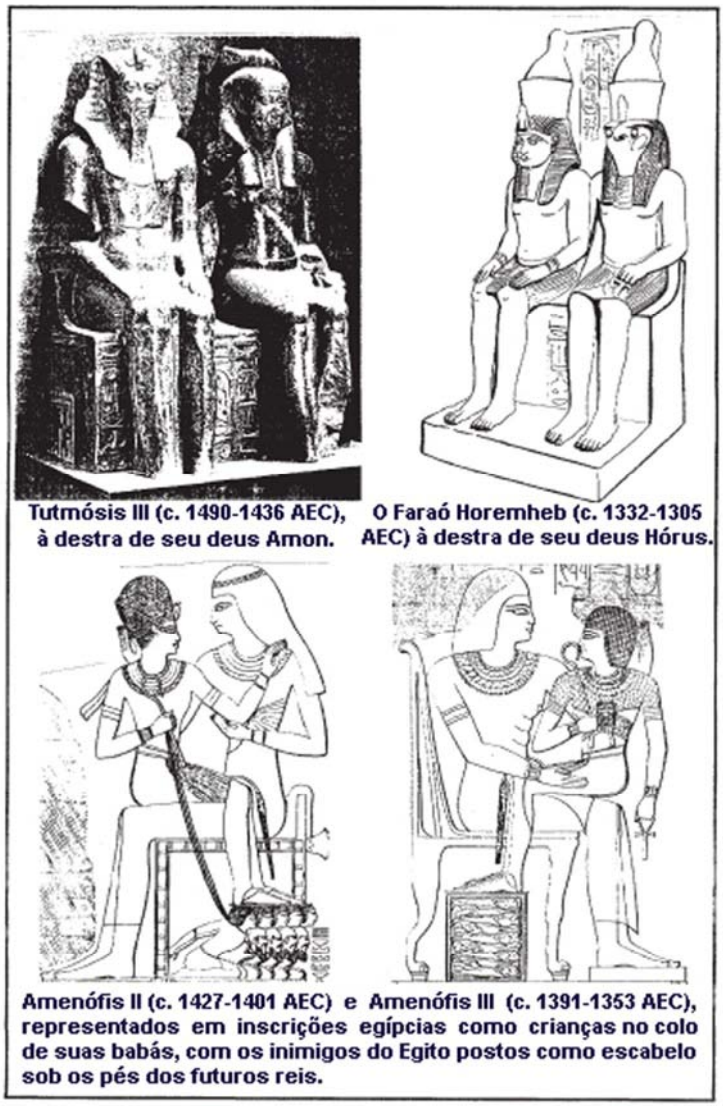
Para neutralizar o problema criado pela evidência bíblica de que o domínio universal de Cristo "no meio de seus inimigos" começou no momento da ressurreição e exaltação dele, a Sociedade Torre de Vigia explica que esse sentar-se Cristo "à destra de Deus" não significa que ele tem *reinado* dali em diante, e sim que ele está sentado lá, *esperando que seu reino tenha início*. Acredita-se que a maneira como Hebreus 10:12-13 faz referência ao Salmo 110:1-2 dá apoio a esta idéia:

> Quando Cristo retornou ao céu após sua ressurreição, não foi então que começou a dominar qual Rei do governo de Deus. Em vez disso, havia de ocorrer um tempo de espera, conforme explica o apóstolo Paulo: "Este homem [Jesus Cristo] ofereceu um só sacrifício pelos pecados, perpetuamente, e se assentou à direita de Deus, *daí em diante esperando* até que os seus inimigos sejam postos por escabelo dos seus pés." (Hebreus 10:12, 13) Quando chegou o tempo para Cristo começar a dominar, Jeová disse-lhe: "Subjuga [ou, conquista] no meio dos teus inimigos."[55]

---

[54] É óbvio que sentar-se "à destra de Deus" significa sentar-se com Deus em seu trono, tendo em vista a declaração de Jesus em Rev. 3:21. Esta entronização de Cristo não é invalidada pelo fato de a carta aos Hebreus o apresentar duas vezes como sentado "à direita *do trono* de Deus". (Heb. 8:1; 12:2) É claro que a linguagem usada aqui é figurativa. Deus não está sentado em um trono literal. Em Mateus 5:34 Jesus diz que o *céu* . . . "é o "trono de Deus". Um "trono" é um símbolo de *domínio*. Independentemente de Cristo ser representado como estando sentado no trono de Deus ou num trono separado à direita dele, o significado é o mesmo, isto é, que ele está *reinando*. Ademais, conforme argumenta o Professor Hengel, o sentido dos textos de Heb. 8:1 e 12:2 é "à destra de *Deus em seu trono*", em vez de "*à direita do trono de Deus*". — M. Hengel, *op. cit*., págs. 142, 148-49. Compare também com Revelação 22:1, 3 que fala do "trono de Deus e do Cordeiro" como apenas um único trono.

[55] *Poderá Viver Para Sempre no Paraíso na Terra* (1982), págs. 136-37. De maneira similar, o livro mais recente *Conhecimento Que Conduz à Vida Eterna* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Nova Iorque, Inc., 1995), explica que estar Cristo sentado à destra de Deus "indica que o governo de Jesus *não começaria logo após a sua ascensão ao céu*. Em vez disso, ele teria de esperar" pelo começo de seu governo, isto é, até 1914. (Páginas 96, 97. Ênfase acrescentada.)



A imagem de um rei como que se sentando no trono de seu deus era também usada nos tempos bíblicos fora da Bíblia, da mesma forma que a imagem de inimigos subjugados sendo postos como escabelo sob os seus pés. – *Denkmäler aus Aegypten und Aetiophlen*, R. Lepsius (Berlim 1849-58), Vol. 5, Bl. 62 e 69a; *Statuen und Statuetten von Königen und Privatleuten*, L. Borchardt (Berlim, 1925), Bl. 93:554; *O Simbolismo do Mundo Bíblico*, O. Keel (em inglês - Winona Lake: Eisenbrauns, 1997, págs. 255, 263.

Todavia, esta explicação da palavra "esperando" em Hebreus 10:12-13 cria outros problemas. Em seu esboço sobre o reinado de Cristo em 1 Coríntios 15:24-28, o apóstolo Paulo concluiu dizendo que "quando todas as coisas lhe tiverem sido sujeitas [isto é, a Cristo], então o próprio Filho também se sujeitará Àquele que lhe sujeitou todas as coisas, para que Deus seja todas as coisas para com todos." Esta declaração faz surgir a seguinte pergunta:

1. Se Cristo teria de esperar até que Deus tivesse posto todos os seus inimigos sob seus pés *antes de seu domínio começar*, e se então, "quando todas as coisas lhe tiverem sido sujeitas", ele entregaria o reino a Deus, *o que seria do reinado dele*? Quando viesse o tempo para ele começar a reinar, já estaria na hora de ele entregar o reino a Deus!

Outra pergunta gerada pela explicação da Sociedade Torre de Vigia é esta:

2. Se Cristo só poderia *começar a governar* quando Deus tivesse colocado todos os seus inimigos como escabelo para os pés dele, e se o reino de Cristo começou em 1914, como é possível afirmar que todos os inimigos —incluindo "o último inimigo, a morte" (1 Coríntios 15:25) — foram colocados sob seus pés naquele momento?

Estranhamente, a Sociedade Torre de Vigia admite que estes inimigos *ainda estavam ativos* no momento da entronização de Cristo em 1914, de forma que o governo dele começou "no meio de seus inimigos". De fato, afirma-se que a primeiríssima ação dele como rei foi atacar seus principais inimigos, Satanás e seus anjos, os quais se supõem terem sido expulsos do céu em 1914![56]

De modo que uma terceira pergunta a se fazer é:

3. Se Cristo não podia *começar a reinar* até que Deus lhe tivesse posto todos os inimigos *sob seus pés*, como pôde o reino dele ter começado "no meio de seus inimigos", e por que teve ele de iniciar este governo travando uma guerra contra eles?

É óbvio que uma interpretação que é tão flagrantemente inconsistente assim, não pode estar correta. A "espera" de Cristo à destra de Deus não pode ser uma espera pelo *início* de seu domínio. Em vez disso, conforme é mostrado por outras passagens paralelas, ela

[56] *Poderá Viver Para Sempre no Paraíso na Terra* (1982), págs. 136-38, 141.

tem sido uma espera pelo *fim* do reino dele "no meio de seus inimigos", para atingir sua fase conclusiva.

Estar Cristo sentando à destra de Deus não pode ter sido um período de espera passiva por Deus colocar os inimigos sob seus pés. É verdade que Deus é repetidamente apresentado como aquele que põe os inimigos sob os pés de Cristo. Porém, conforme já se mostrou no Salmo 110:1-2, é o próprio Cristo que toma ação contra estes inimigos, embora no poder dado a ele por Deus. O convite de Jeová para que ele se sente à sua destra é seguido pelas palavras:

> Jeová enviará de Sião o bastão da tua força, [dizendo:] "*Subjuga no meio dos teus inimigos*."

O texto indica claramente que esta regência ativa no meio dos inimigos começaria assim que Cristo tivesse se sentado à direita de Deus, não depois de um período de espera de cerca de 1900 anos. Desse modo, a "espera" de Cristo é mais bem explicada como sendo *aguardar com expectativa ansiosa o resultado final de seu próprio exercício de governo ativo*, a vitória final e completa sobre seus inimigos.[57]

Esta é evidentemente a maneira como o apóstolo Paulo entendeu Cristo estar sentado à direita de Deus, a saber, como um período de sua regência ativa até que ele pusesse todos os inimigos sob seus pés. Em sua primeira carta aos coríntios, Paulo explica:

> A seguir, chegará o fim, quando Cristo entregar o reino a Deus Pai, *depois de ter destruído todo principado, toda autoridade, todo poder. Pois é preciso que ele reine, até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés*. — 1 Coríntios 15:24, 25, *BEP*.

Observe que Paulo está dizendo que Cristo deve reinar *até que* — não *a partir do momento em que* — os inimigos sejam postos debaixo de seus pés. Segundo Paulo, Cristo tem governado como rei desde sua ressurreição e exaltação. É claro que os inimigos de Cristo existiam também naquela época. Desse modo, o reinado dele, daquele momento em diante, tem sido necessariamente um reino "no meio de seus inimigos".

---

[57] A palavra grega para "esperando" em Hebreus 10:13, *ekdechomai*, significa "esperar, esperar por, espera". — *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. 2, editado por Colin Brown (em inglês - Exeter: Editora Paternoster, 1976), págs. 244-245.

A declaração de Paulo indica que o propósito básico do reinado de Cristo é conquistar e subjugar estes inimigos. Quando este propósito estiver cumprido, ele entregará o reino a Deus. Conforme observa aptamente o comentarista bíblico T. C. Edwards em seu comentário sobre esta passagem:

> Este versículo significa que Cristo reina até que Ele tenha posto todos os inimigos sob Seus pés, depois de prolongada guerra. Dessa forma, o reinado de Cristo não é um milênio de paz, e sim um conflito perpétuo que termina num glorioso final.[58]

Assim, investido com "toda a autoridade no céu e na terra", Cristo tem *governado* e até "*subjugado* no meio de seus inimigos", desde o momento de sua ressurreição e exaltação ao trono de Deus. Quem são estes "inimigos" e de que modo Cristo os tem "subjugado" desde então?

C-6: Reinando "no meio de seus inimigos"

No Salmo 110:5-6 os inimigos a serem subjugados são retratados como reis da terra e nações:

> O próprio Jeová, à tua direita, há de despedaçar reis no dia da sua ira. Executará julgamento entre as nações; causará uma plenitude de corpos mortos. Ele há de despedaçar aquele que é cabeça sobre uma terra populosa.[59]

Todavia, no Novo Testamento a atenção se volta dos inimigos visíveis para os poderes hostis do mundo espiritual. Sem dúvida, a

---

[58] *Comentário à Primeira aos Coríntios*, T. C. Edwards (em inglês - Mineápolis: Klock e Klock, 1979; reimpressão da edição de 1885), pág. 417.

[59] Ao explicar o sonho da imagem que Nabucodonosor teve, Daniel também representa os inimigos do reino de Deus como reinos terrestres. Explica-se que os quatro metais da imagem significam quatro reinos ou impérios sucessivos, começando com o próprio reino de Nabucodonosor. (Dan. 2:36-43) Daí, no versículo 44 Daniel afirma que o reino de Deus seria estabelecido "nos dias *daqueles* reis". Contextualmente, "aqueles reis" só podem ser uma referência aos reis que existissem na época do *quarto* reino descrito nos versículos precedentes (40-43). Isto apóia a identificação do quarto reino com *Roma*, que mantinha o poder na época do estabelecimento do reino de Cristo. Conforme Daniel explica mais adiante, o Reino de Deus então 'esmagaria e poria termo a todos estes reinos'. Uma vez que isto evidentemente é paralelo a Cristo "subjugar no meio de seus inimigos" após sua entronização à direita de Deus, conforme descrito no Salmo 110 e no Novo Testamento, o "esmagamento" dos reinos deve ser entendido como uma guerra *prolongada*.

razão para isto é que a destruição de reis da terra e nações hostis ao reino de Cristo não livrará o universo dos verdadeiros inimigos — os poderes espirituais, que por meio do pecado e de sua conseqüência, a morte, mantêm os homens em escravidão. Conforme Paulo explica, nossa pugna é "não contra sangue e carne, mas contra *os governos, contra as autoridades, contra os governantes mundiais desta escuridão, contra as forças espirituais iníquas nos lugares celestiais*." — Efésios 6:12, *TNM*.

São estes poderes espirituais que os escritores do Novo Testamento, em 1 Coríntios 15:24-26 e em qualquer passagem, identificam como os principais inimigos de Cristo, os quais ele tem combatido e aos quais finalmente reduzirá "a nada".[60]

É claro que, investido com "toda a autoridade no céu e na terra" seria uma tarefa simples para Cristo reduzir imediatamente a nada todos estes poderes hostis. Algumas passagens bíblicas realmente apresentam a guerra como já ganha no momento da ressurreição e exaltação de Cristo, e os poderes como já conquistados e subjugados. (Colossenses 2:15; 1 Pedro 3:22) Porém, essa linguagem é usada evidentemente para descrever o poder de amplo alcance e a elevada posição de Cristo desde sua ressurreição, "muito acima de todo governo, e autoridade, e poder." (Efésios 1:21-22) Como o autor da carta aos Hebreus esclarece, há mais envolvido, uma vez que "ainda não vemos todas as coisas sujeitas a ele". — Hebreus 2:8, *TNM*.

Se os principais inimigos de Cristo são os poderes espirituais hostis, a "subjugação" de Cristo no meio deles dificilmente significaria que ele os está subjugando em uma prolongada guerra *física* ou *literal*. Conforme explicado pelo apóstolo Paulo, Satanás, "o governante da autoridade do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência", é capaz de manter os homens em escravidão por causa das falhas e pecados deles. (Efésios 2:1-2, *TNM*) Através da morte de Cristo, porém, Deus proveu um "livramento por meio de resgate, o

[60] Segundo Colossenses 1:15-16, os poderes espirituais foram criados originalmente por meio de Cristo. Depois, vários deles, encabeçados por Satanás, "o governante da autoridade do ar", "não conservaram a sua posição original" mas se tornaram inimigos de Deus. (Judas, versículo 6). — Compare com a discussão que o Dr. G. Delling faz sobre estes poderes no *Dicionário Teológico do Novo Testamento*, Vol. 1, editado por G. Kittel (em inglês - Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publ. Co., 1964), págs. 482-84.

perdão dos nossos pecados" por meio do qual se possibilitou que o homem fosse 'livrado da autoridade da escuridão e ... transferido para o reino do Filho do seu amor'. — Colossenses 1:13-14, *TNM*.

Através dos séculos, milhões e milhões de pessoas, por meio de sua fé em Cristo, têm sido livradas da "autoridade da escuridão". Por tais conquistas "no meio de seus inimigos" o reino de Cristo tem aumentado e realmente provado ser vitorioso.

Assim, a Bíblia apresenta a morte de Cristo pelos nossos pecados como um momento decisivo para a humanidade e como uma vitória decisiva sobre Satanás, o líder dos poderes hostis do mundo espiritual. (Hebreus 2:14-15) Embora ainda ativos, o poder e a influência deles têm sido restrito e controlado desde então. Eles não conseguiram impedir que as boas novas sobre Jesus Cristo alcançassem um crescente número de pessoas ao redor do mundo, tornando possível que elas fossem libertas da "autoridade da escuridão" e trazidas sob a autoridade de Cristo.

C-7: A "expulsão" de Satanás

Na linguagem figurativa da Bíblia, a elevação de uma pessoa a uma alta posição pode ser comparada com tal pessoa ser "exaltada ao céu" ou "aos céus" onde ela pode ser comparada a uma estrela.[61] De maneira correspondente, a humilhação de uma pessoa, sua derrota ou queda de uma alta posição, podem ser comparadas a tal pessoa ser lançada para baixo ou cair "do céu".[62] Em sua predição da queda do orgulhoso e arrogante rei de Babilônia, o profeta Isaías usou esta imagem retórica:

> "Como caíste do céu, ó tu brilhante, filho da alva! . . . No que se refere a ti, disseste no teu coração: 'Subirei aos céus. Enaltecerei o meu trono acima das estrelas de Deus e assentar-me-ei no monte de reunião, nas partes mais remotas do norte. Subirei acima dos altos das nuvens; assemelhar-me-ei ao

[61] Similarmente, no idioma português podemos falar de uma pessoa ser "colocada nas alturas" [correspondente em inglês: "praised to the skies" ("exaltada aos céus")].

[62] As mesmas metáforas são encontradas em fontes extrabíblicas dos tempos antigos. Por exemplo, tanto Cícero como Horácio (1º século A.E.C.) compararam a queda de uma alta posição política com "cair do céu". — Veja *O Livro de Isaías*, Edward J. Young (em inglês - Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publ. Co., 2º ed. 1972), pág. 440, nota 77.

Altíssimo.’“Todavia, no Seol serás precipitado, nas partes mais remotas do poço. — Isaías 14:12-15, *TNM*.[63]

Jesus também usou uma linguagem similar ao falar sobre a cidade de Cafarnaum, que ele tinha escolhido como sua moradia e onde ele tinha executado muitos de seus milagres. (Mateus 4:13-16) Esta, porém, não haveria de ser uma razão para a cidade se orgulhar:

E tu, Cafarnaum, serás por acaso enaltecida ao céu? Até o Hades descerás! — Lucas 10:15, *TNM*.

Outro exemplo deste modo de discursar é encontrado nos versículos subseqüentes, que falam dos setenta discípulos enviados por Jesus e que então retornavam com alegria dizendo: “Senhor, até mesmo os demônios nos ficam sujeitos pelo uso do teu nome.” O alegre relatório deles foi evidentemente devido ao seu sucesso em expulsar demônios, graças ao poder que lhes foi conferido por Jesus ao enviá-los. (Lucas 10:1, 19) Em resposta, Jesus disse: “Comecei a observar Satanás já caído como relâmpago do céu.” — Lucas 10:17-18, *TNM*.

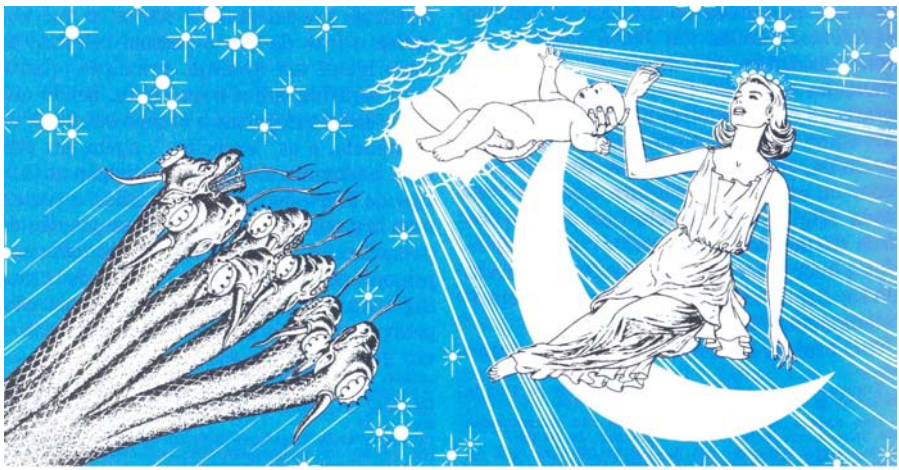
Não parece provável que Jesus quis dizer que viu Satanás caindo literalmente do céu. Em vez disso, sua declaração expressou vividamente a excitação que ele sentiu diante do relatório dos discípulos, pois ele sabia que o ministério bem-sucedido deles (assim como o seu próprio) pressagiava a iminente queda de Satanás de sua posição de poder.

Que a morte, ressurreição e exaltação de Jesus Cristo significariam uma derrota decisiva para Satanás é também indicado pelo que ele disse aos judeus quando chegou a Jerusalém, alguns dias antes de sua morte:

Agora há um julgamento deste mundo; agora será lançado fora o governante deste mundo. — João 12:31, *TNM*.

Evidentemente é esta vitória sobre Satanás e seus anjos que é descrita num cenário simbólico em Revelação 12:1-12. Em uma visão o apóstolo João viu “no céu” uma mulher grávida, “vestida do sol e

[63] Compare com Daniel 8:9-12, que usa a mesma linguagem figurativa para descrever as ações presunçosas do “chifre pequeno”, que geralmente se entende ser uma referência à tentativa do rei selêucida Antíoco IV Epifânio (175-164 A.E.C.) de eliminar a adoração de Jeová no templo judaico.



20 A SENTINELA — 1.º DE NOVEMBRO DE 1981

A mulher vestida do sol, o dragão de sete cabeças, e o filho arrebatado para o trono de Deus, conforme representados na revista A Sentinela de 1º de novembro de 1981, página 20. Segundo o ensino atual da Torre de Vigia, este cenário profético se cumpriu em 1914, momento em que se afirma que o reino de Cristo (o filho) foi estabelecido (nasceu) da "organização celestial de Deus" (a mulher), apesar dos esforços de Satanás (o dragão) para impedir a entronização de Cristo.

tendo a lua debaixo dos seus pés, e na sua cabeça havia uma coroa de doze estrelas". Um grande dragão com sete cabeças, identificado depois como "a serpente original, o chamado Diabo e Satanás", foi visto parado diante da mulher, pronto a devorar seu filho. A mulher "deu à luz um filho, um varão, que há de pastorear todas as nações com vara de ferro. E o filho dela *foi arrebatado para Deus e para o seu trono*." — Revelação 12:1-5, *TNM*.

Não é possível que isso represente o estabelecimento do reino de Cristo no céu *em 1914*, como defende a Sociedade Torre de Vigia. Como poderia o reino de Cristo estar tão frágil em 1914, a ponto de correr o risco de ser devorado por Satanás, tendo de ser "arrebatado" das mandíbulas dele para o trono de Deus? Esta idéia está no mais gritante contraste com o ensino do Novo Testamento segundo o qual, desde sua ressurreição, Cristo está de posse de "toda a autoridade no céu e na terra" e está exaltado "muito acima de todo governo, e autoridade, e poder". — Mateus 28:18; Efésios 1:21, *TNM*.

Houve apenas uma vez em que Jesus Cristo esteve evidentemente em uma situação tão vulnerável que Satanás achou que poderia "devorá-lo", e isso foi durante a vida terrestre dele. Foi durante este período que Satanás tentou frustrar o "nascimento" de Cristo como rei do mundo. Desde os infanticídios em Belém até a execução final dele sob Pôncio Pilatos, Jesus foi seu alvo principal. Todavia, Satanás não foi bem-sucedido, pois Cristo foi ressuscitado e "arrebatado para Deus e para o seu trono".

Conforme já se observou freqüentemente, a apresentação da entronização de Cristo como um "nascimento" em Revelação 12:5 é uma alusão ao Salmo 2:6-9:

> "Eu é que empossei o meu rei em Sião, meu santo monte." Cite eu o decreto de Jeová; Ele me disse: "Tu és meu filho; hoje eu me tornei teu pai. Pede-me, para que eu te dê nações por tua herança e os confins da terra por tua propriedade. Tu as quebrantarás com um cetro de ferro, espatifá-las-ás como se fossem um vaso de oleiro." (*TNM*)

Os escritores do Novo Testamento aplicam repetidamente este salmo à exaltação de Cristo à destra de Deus. (Atos 13:32-33; Romanos 1:4; Hebreus 1:5; 5:5)[64] Da mesma forma que Revelação 12:5, este salmo messiânico também fala de Cristo como tendo recebido o poder para quebrantar as nações "com um cetro de ferro".[65]

Em Revelação 12:7-12, outro cenário "no céu" é apresentado a João, um cenário de guerra: "Miguel e os seus anjos batalhavam com o dragão, e o dragão e os seus anjos batalhavam" com eles. A batalha terminou com uma completa derrota para Satanás e seus anjos:

> Assim foi lançado para baixo o grande dragão, a serpente original, o chamado Diabo e Satanás, que está desencaminhando toda a terra habitada; ele foi lançado para baixo, à terra, e os seus anjos foram lançados para baixo junto com ele. E ouvi uma voz alta no céu dizer: "Agora se realizou a

---

[64] Observe também como o "alvoroço" dos "reis da terra" contra "Jeová e contra o seu ungido" mencionado no Salmo 2:1-3 é aplicado diretamente pelo apóstolo Pedro em Atos 4:25-28 às ações que as autoridades judaicas e romanas tomaram contra Jesus. Faz-se também referência à mesma passagem em Revelação 11:15-18, que primeiro fala sobre o início do reinado universal de Cristo no meio dos inimigos furiosos dele e então sobre a 'fúria' de Deus contra estes inimigos.

[65] Conforme Cristo explicou à congregação em Tiatira, ele já estava naquele momento de posse desta "vara de ferro" e, desta forma, podia prometer compartilhar sua "autoridade sobre as nações" com "aquele que vencer e observar as minhas ações até o fim". — Revelação 2:26-27, *TNM*.

> salvação, e o poder, e o reino de nosso Deus, e a autoridade do seu Cristo, porque foi lançado para baixo o acusador dos nossos irmãos, o qual os acusa dia e noite perante o nosso Deus!" — Revelação 12:9-10, *TNM*.

A exclamação que se segue à "expulsão" de Satanás e seus anjos, segundo a qual "agora se realizou a salvação, e o poder, e o reino de nosso Deus, e a autoridade do seu Cristo" aponta claramente para o tempo da morte, ressurreição e exaltação de Cristo, a quem havia sido dada naquele momento toda a autoridade no céu e na terra.

Que a "guerra no céu" dificilmente poderia ser entendida como uma guerra *literal* é indicado pelos versículos seguintes. Quando Satanás foi lançado à terra, ele perseguiu a "mulher" celestial e então "foi travar guerra com os remanescentes da sua semente" que "têm a obra de dar testemunho de Jesus" (Revelação 12:13-17). O versículo 11 declara que os seguidores de Cristo que se tornaram os mártires nesta guerra "o venceram [isto é, a Satanás] por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do seu testemunho".

Isto explica a natureza da "guerra": Por meio de sua morte como cordeiro sacrificial, Cristo venceu Satanás e provocou sua "queda do céu." Os mártires cristãos são apresentados como participantes nesta vitória, sendo habilitados a vencer Satanás "por causa do sangue do Cordeiro". Satanás, o "acusador", não é mais capaz de acusá-los "dia e noite perante o nosso Deus" porque, através da morte de Cristo, os pecados deles são perdoados. Ou seja, para todos os efeitos, a "guerra no céu" é uma representação figurativa da vitória de Cristo sobre Satanás por meio de sua morte sacrificial como Cordeiro. É óbvio que esta "guerra" não tem nada que ver com o ano de 1914.

Conforme se mostrou até aqui, a predição fracassada de que o pisoteamento de Jerusalém terminaria em 1914 necessitou de uma reinterpretação. Quando o ano de 1914 passou e a cidade de Jerusalém continuava a ser controlada por nações gentias, a Sociedade Torre de Vigia finalmente mudou o local para a Jerusalém *celestial*, argumentando que o pisoteamento teve fim com o estabelecimento do reino de Cristo *no céu* em 1914.

Todavia, mostrou-se que esta idéia está em contradição com diversos textos bíblicos, os quais estabelecem incontestavelmente que o reino universal de Cristo foi estabelecido na época da ressurreição e exaltação dele, momento em que ele começou também a reinar "no meio de seus inimigos".

Finalmente, a alegação de que Satanás foi expulso do céu em 1914 foi examinada e revelada como biblicamente insustentável. A Bíblia mostra claramente que a "queda de Satanás" foi ocasionada pela morte e ressurreição de Cristo.

Assim, diversos eventos que a Sociedade Torre de Vigia alega terem ocorrido em 1914, ocorreram na verdade na época da morte, ressurreição e exaltação de Cristo, segundo a Bíblia.

O que dizer, então, de 1914? Tem este ano qualquer significado profético, afinal de contas?

D. 1914 EM PERSPECTIVA

Conforme foi abordado no Capítulo 1 deste livro, as revoluções na Europa e em outras partes do mundo, provocadas pela Revolução Francesa e pelas Guerras Napoleônicas, levaram muitos a acreditar que o "tempo do fim" tinha começado em 1798 ou por volta daquele ano, e que Cristo retornaria antes do fim daquela geração. Numerosas programações para os eventos do fim dos tempos foram apresentadas, as quais tiveram de ser depois abandonadas ou revisadas.

Quando finalmente o século dezenove passou e os eventos caóticos que haviam inaugurado aquele século ficaram cada vez mais distantes no passado, a significação profética que havia sido associada ao período esvaziou-se e foi logo esquecida pela maioria das pessoas.

Os eventos caóticos de 1914-18 também pertencem agora à parte inicial do século passado. É possível que as interpretações associadas à data 1914 também se esvaziem e sejam finalmente abandonadas e esquecidas? Há razões para acreditar que esta data não será abandonada tão facilmente assim.

Não é apenas uma questão de uma cronologia estar errada e precisar ser corrigida. As reivindicações peculiares ao movimento da Torre de Vigia estão firmemente conectadas com o ano de 1914.

Se os líderes da organização Torre de Vigia admitissem que o reino de Cristo *não foi* estabelecido em 1914 e que Cristo *não voltou* invisivelmente naquele ano, teriam de admitir também que Cristo *não fez* qualquer inspeção específica das denominações cristãs naquele momento e *não designou* os membros do movimento russelita "sobre os seus domésticos" em 1919. Então teriam de admitir que sua alegação de serem o "canal" e "porta-voz" exclusivos de Deus na terra

é falsa, e que por quase todo um século mantiveram-se no cenário mundial *num falso papel com uma falsa mensagem*.

A identidade da organização está tão "investida" na data 1914, que seria um tremendo passo admitir que o sofisticado sistema de explicações proféticas embutido nessa data nada mais é que um produto da imaginação. Confessar isto abertamente requereria uma grande dose de coragem e humildade. Não parece provável que os líderes atuais da organização estejam dispostos a invalidar desta maneira uma data a que se atribui tanto significado profético.

Ademais, a Sociedade Torre de Vigia insiste que não apenas sua *cronologia*, mas também os *acontecimentos* desde 1914 provam que esta data marcou o início do "tempo do fim".[66] Referindo-se à profecia de Jesus em Mateus 24, afirma-se que as guerras, fomes, pestilências, terremotos, crimes e outras calamidades desde 1914 constituem o "sinal" da "presença invisível" de Cristo a partir daquele ano. Embora admita que as gerações anteriores também tiveram seu quinhão de tais calamidades, a Sociedade Torre de Vigia alega que elas aumentaram *numa escala sem precedentes* desde 1914. É isto verdadeiro?

Para conferir se esta afirmação é correta, é necessário verificar a extensão destas calamidades em séculos anteriores, algo que até agora nunca foi feito nas publicações da Torre de Vigia. Como o passado é obscuro para a maioria das pessoas, geralmente é fácil convencê-las de que o período desde 1914 tem sido mais calamitoso do que períodos anteriores. A maioria das pessoas pode achar difícil de acreditar que esta conclusão *é refutada pelo cuidadoso exame da amplitude das calamidades no passado*.

Um exame da história mostra que a maioria das calamidades mencionadas por Jesus em Mateus 24 *não aumentou* desde 1914, e que algumas delas, tais como fomes e pestilências, até mesmo *diminuíram notavelmente* desde aquele ano! A evidência histórica disto é abordada na obra *O Sinal dos Últimos Dias — Quando?* [67]

---

[66] Na pág. 110 do livro *Raciocínios à Base das Escrituras* (1985), a Sociedade Torre de Vigia resume estas "duas linhas de evidência" como segue: "Por que afirmam as Testemunhas de Jeová que o Reino de Deus foi estabelecido em 1914? *Duas linhas de evidência indicam aquele ano:* (1) A cronologia bíblica e (2) os acontecimentos desde 1914 que cumprem profecias."

[67] *O Sinal dos Últimos Dias — Quando*?, C. O. Jonsson & W. Herbst (em inglês - Atlanta: Commentary Press, 1987. Primeira edição em português, 2008).

Se 1914 não marcou o fim dos tempos dos gentios, nem o início da presença invisível de Cristo, por que a Primeira Guerra Mundial irrompeu numa data predita com trinta e nove anos de antecedência? Isto pode parecer muito notável. Todavia, deve-se lembrar em primeiro lugar que nenhuma das coisas preditas para ocorrerem naquela data ocorreu de fato. Em segundo lugar, numerosas datas haviam sido marcadas para a segunda vinda de Cristo e também para o fim dos tempos dos gentios. Às vezes ocorre de uma data predita coincidir *acidentalmente* com algum importante evento histórico, embora o próprio evento não tenha sido predito. Uma coincidência desse tipo pode ser quase inevitável se *praticamente todos os anos* durante determinado período forem apontados com antecedência por vários expositores!

Das muitas datas marcadas para o final dos tempos dos gentios, algumas estavam muito próximas de 1914: 1915 (Guinness, em 1886), 1917 (J. A. Brown, em 1823), 1918 (Bickersteth, em 1850), 1919 (Habershon, em 1844), 1922 (*Os Tempos Proféticos*, dezembro de 1870, em inglês) e 1923 (Guinness, em 1886).[68]

A Sociedade Torre de Vigia fez muitas predições referentes a 1914, mas o irrompimento de uma guerra de vulto na Europa não foi uma delas. Esta guerra não conduziu à "anarquia universal" que *tinha* sido predita. O fato de um evento de vulto ter ocorrido naquele ano não é algo notável. Um tanto mais notável é quando uma data predita ocasiona um evento que tem certa relação aparente com os eventos preditos para a data em questão. Isto ocorreu também. Por exemplo, segundo disse John Aquila Brown em 1823, "a plena glória do reino de Israel ... seria completada" em 1917.[69] Embora isto não tenha ocorrido em 1917, foi dado um passo importante naquele ano para o

[68] Veja a Tabela 2 do Capítulo 1.
[69] Veja o Capítulo 1, nota de rodapé 24.

estabelecimento do Estado de Israel.[70]

Mais notável ainda foi a predição de Robert Fleming de que a monarquia francesa cairia perto do fim do século dezoito, uma predição feita *quase cem anos antes desse evento*!

O livro de Fleming, *A Ascensão e a Queda do Papado*, foi publicado originalmente em inglês em 1701. Comentando sobre a quarta tigela, mencionada em Revelação 16:8-9, ele identifica o "sol" com o Papado, sendo a França o instrumento que despejaria a quarta tigela. Depois disso, a própria França seria humilhada:

> É justo supormos que *a monarquia francesa*, após ter abrasado outros, irá consumir-se mais ou menos assim — sua chama, e aquilo que é o combustível que a mantém, esbanjado estupidamente, até que seja exaurido perto do fim deste século.[71]
>
> Eu só espero que alguma nova humilhação dos principais apoiadores do Anticristo ocorra em seguida; e talvez a monarquia francesa possa começar a ser consideravelmente humilhada por volta dessa época; que enquanto o atual rei francês toma o sol como seu emblema, e "Nec pluribus impar" ["Não inferior a muitos"] como sua divisa, ele, ou melhor, seus sucessores, e a *própria monarquia* (*pelo menos antes do ano de 1794*) seja finalmente obrigado a reconhecer que, com respeito aos potentados vizinhos, ele é realmente "Singulis impar" ["Inferior a todos"]. Mas no que se refere à finalização desta tigela, temo que só venha no ano de 1794.[72]

Logo após a proclamação da República em 1792, quando os horrores da Revolução Francesa estavam em seu auge e Luís XVI estava prestes a morrer no cadafalso, as notáveis "predições" de

---

[70] Veja a nota de rodapé 44 deste capítulo. Outro exemplo são as predições que apontavam para o ano de 1941 como a culminação do "tempo de tribulação". Vários expositores de profecias, incluindo John Bacon (em 1799), George Stanley Faber (em 1811), Edward D. Griffin (em 1813), Joseph Emerson (em 1818), George Duffield (em 1842) e E. B. Elliott (em 1862), finalizaram os 1260 anos-dias em 1866 e os 1335 anos-dias em 1941, argumentando que o "tempo do fim" era um período de 75 anos (a diferença entre 1335 e 1260). Este "tempo de tribulação" culminaria em 1941 e seria seguido pelo milênio. 1941 foi certamente um "tempo de tribulação" uma vez que foi neste ano que os Estados Unidos entraram na guerra que tinha começado em 1939 e se tornara uma guerra mundial. O milênio, porém, não ocorreu. — Veja *A Fé Profética de Nossos Pais*, Vol. III, LeRoy Edwin Froom (em inglês - Washington, D.C.: Review and Herald, 1946), págs. 721-22; Vol. IV (1954), págs. 73, 105-06, 174, 262, 337.

[71] *A Ascensão e a Queda do Papado*, Robert Fleming, Jr. (em inglês - Londres, 1849; reimpressão da edição de 1701), pág. 68. Ênfase acrescentada.

[72] *Ibid*., pág. 64. Ênfase acrescentada.

Fleming foram relembradas. Assim o livro dele começou a ser reimpresso tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos. A sensação produzida por suas predições foi grande e causou muita excitação; sendo o cumprimento (parcial) delas um forte incentivo para o incrementado estudo das profecias bíblicas após a Revolução Francesa.

O cálculo de Fleming dos 1.260 anos-dias (552-1794) foi adotado por muitos outros, embora a data de encerramento destes tenha sido logo mudada por muitos de 1794 para 1798, ano em que o Papa foi deposto como governante dos Estados Papais e banido pelas tropas francesas.

Foi assim que 1798 veio a ser considerado pelos grupos adventistas como a data que marcava o início do "tempo do fim". O cálculo foi depois adotado também por C. T. Russell e seus seguidores, sendo mudado ligeiramente (na década de 1880) para o ano seguinte, 1799. Os Adventistas do Sétimo Dia ainda crêem que o "tempo do fim" começou em 1798. Não deveriam predições "cumpridas" desta espécie ajudar-nos a ter um ponto de vista mais sóbrio sobre a data 1914?

Nos Capítulos 3 e 4 deste livro apresentou-se mui forte evidência contra a data 607 A.E.C. como o ano da destruição de Jerusalém e ponto inicial do cálculo de 2.520 anos para os tempos dos gentios.

No Capítulo 5 demonstrou-se que a profecia dos setenta anos harmoniza-se bastante com a data 587 A.E.C. para a queda de Jerusalém diante de Nabucodonosor. Portanto, os 2.520 anos *não podem ter terminado em 1914*.

Daí, neste capítulo, mostrou-se que uma mudança da data de finalização desses tempos de 1914 para 1934 resultou apenas em mais uma profecia fracassada. Em seguida, levantou-se a questão: "É o cálculo dos 2.520 anos realmente um cálculo bíblico bem fundamentado?" O exame que se seguiu demonstrou que não. Por fim, a reavaliação do significado da data 1914 nas publicações da Torre de Vigia desde 1922 foi examinada e revelada como deficiente.

Por todas estas razões, não deveria a data 1914 ser completa e inteiramente descartada como o ponto central na aplicação de profecias bíblicas à nossa época? A resposta deveria ser evidente.

E. ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE OS "TEMPOS DOS GENTIOS" DE LUCAS 21:24

O que dizer, então, do período chamado de "tempos do gentios?" Se não se refere a um intervalo de 2.520 anos, a que período poderia esta expressão se referir?

A frase "tempos dos gentios" ("tempos designados das nações", *TNM*) aparece na longa profecia de Jesus conhecida como *Discurso do Monte das Oliveiras*. Este discurso é registrado por todos os três Evangelhos Sinópticos (Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21). Porém, só Lucas usa a expressão "tempos dos gentios" (*kairoí ethnôn*). A frase é usada com referência à predição de Jesus sobre o então futuro julgamento de Jerusalém e da nação judaica. Declarando que haveria "grande angústia na terra e furor contra este povo", Jesus prosseguiu explicando como este "furor" se abateria sobre o povo:

> Cairão pela espada, e serão levados como prisioneiros para todas as nações. Até que *os tempos dos gentios* (*kairoí ethnôn*) se completem, Jerusalém será pisada por eles. — Lucas 21:24, *ALF*

De acordo com o padrão da língua inglesa, os tradutores normalmente utilizaram o artigo definido ao verterem *kairoí ethnôn* como "*os* tempos dos gentios"[*]. Em grego, o uso do artigo definido indicaria um período definido e bem conhecido. Todavia, uma vez que o artigo definido não se encontra no texto grego, a frase "tempos dos gentios" pode se referir a um período indeterminado, em vez de um período específico já conhecido dos leitores (ou ouvintes).

As palavras *kairoí ethnôn* têm sido interpretadas de maneira variada através dos séculos. O comentarista bíblico Dr. Alfred Plummer observou:

> Não é possível interpretar com certeza a expressão "épocas dos gentios" ou "oportunidades dos gentios". Ela pode significar (1) *Épocas* para a execução de julgamentos divinos; ou (2) para dominar sobre Israel; ou (3) para existir como gentios; ou (4) para eles próprios se tornarem alvos dos julgamentos divinos; ou (5) *Oportunidades* de voltarem para Deus; ou (6) de

[*] ***NOTA DO TRADUTOR*: Este é também o padrão da língua portuguesa.**

> adquirirem os privilégios que os judeus perderam. A primeira e a última destas opções são as melhores, e elas não são mutuamente exclusivas.[73]

Alguns comentários podem ser necessários para esclarecer as implicações de cada uma destas alternativas:

(1) Épocas para a execução de julgamentos divinos

Vários expositores entendem que os "tempos dos gentios" são o período atribuído aos exércitos gentios de Roma para executar o julgamento divino na nação judaica e sua capital. Como o período necessário para esmagar a rebelião judaica e recapturar Jerusalém durou aproximadamente três anos e meio — desde a chegada dos exércitos de Vespasiano à Galiléia, na primavera setentrional de 67, até a desolação de Jerusalém pelos exércitos de Tito, no outono setentrional de 70 E.C. — estes expositores geralmente igualam também os "tempos dos gentios" com os "42 meses" de Revelação 11:2, período no qual os gentios "pisariam a cidade santa".[74]

(2) Épocas para dominar sobre Israel

Sob este ponto de vista os "tempos dos gentios" são entendidos como uma referência ao período de dominação gentia sobre Jerusalém, datando ou a partir de 70 E.C. ou a partir de um momento anterior.

É certamente verdade que, após a destruição da cidade no ano 70 E.C., Jerusalém foi controlada por um número sucessivo de nações não-judaicas: Roma (até 614 E.C.), Pérsia (até 628 E.C.), o Império Bizantino (até 638 E.C.), o Império Sarraceno (até 1073 E.C.), os Seljuques (até 1099), o Reino Cruzado Cristão (até 1291 E.C., interrompido por breves intervalos de controle egípcio), Egito (até 1517 E.C.), Turquia (até 1917 E.C.), Grã Bretanha (até 1948 E.C.), e

---

[73] *Um Comentário Crítico e Exegético do Evangelho Segundo S. Lucas*, Alfred Plummer, Comentário Crítico Internacional (em inglês - Edimburgo: T. & T. Clark, 1896), pág. 483.

[74] Por exemplo, o Dr. Milton S. Terry, que adotou este ponto de vista, declara: "Estes 'tempos dos gentios' são obviamente o período atribuído aos gentios para pisotearem Jerusalém, e esses tempos se cumprem assim que as nações terminarem seu trabalho de pisar a cidade santa". — *Apocalíptica Bíblica*, M. S. Terry (em inglês - Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1988. Reimpressão da edição de 1898), pág. 367.

Jordânia (até 1967, quando Israel obteve o controle da antiga cidade murada de Jerusalém).[75]

Muitos expositores consideram este longo período de dominação gentia como os "tempos dos gentios", ou pelo menos como uma parte deste período, argumentando que a restauração do estado de Israel assinala o fim dos "tempos dos gentios". Por isso, muitos destes expositores crêem que os "tempos dos gentios" terminaram em 1948 ou em 1967.[76]

(3) Épocas para existir como gentios

Segundo este ponto de vista, Jesus estava dizendo que Jerusalém seria pisoteada por nações gentias enquanto houvesse qualquer nação gentia na terra. Considera-se que os "tempos dos gentios" referem-se simplesmente ao período inteiro da história humana durante o qual houve e haverá nações na terra.

Se podemos afirmar que os judeus retomaram o pleno controle de Jerusalém em 1967, deve-se concluir que as nações gentias continuaram a existir na terra após o fim dos "tempos dos gentios". Isto naturalmente invalidaria o ponto de vista em discussão.

Todavia, pode-se argumentar também que, embora os judeus estejam controlando Jerusalém desde 1967, a parte mais central da cidade, o local do antigo templo, ainda está nas mãos dos árabes e este local ainda está ocupado pelo edifício muçulmano chamado "Zimbório da Rocha". Por isso, pode-se afirmar que Jerusalém ainda está sendo "pisoteada" ou profanada pelos "gentios."

---

[75] Uma história detalhada do longo período de controle estrangeiro sobre Jerusalém está incluída em *Jerusalém. Uma Cidade, Três Fés*, Karen Armstrong, (em inglês - Nova Iorque: Alfred A. Knopf, Inc., 1996).

[76] Um excelente apanhado das aplicações de Lucas 21:24 e outras profecias bíblicas, feitas por vários expositores à conquista de Jerusalém por Israel em 1967 e os eventos posteriores, é encontrada em *Armagedom Agora!*, Dwight Wilson (em inglês - Tyler, Texas: Instituto de Economia Cristã, 1991; reimpressão da edição de 1977), págs. 188-214. Uma atualização desde 1977 foi incluída no Prefácio, nas págs. xxv-xlii. Uma discussão muito abrangente dos vários aspectos do significado de Jerusalém na profecia de Jesus pode ser encontrada no livro *Jesus e a Cidade Santa*, de P. W. L. Walker (em inglês - Grand Rapids: Eerdmann's, 1996).

(4) Épocas para os gentios se tornarem alvos dos julgamentos divinos

Os defensores deste ponto de vista argumentam que os "tempos dos gentios" referem-se ao período de julgamento das nações gentias. Dessa forma, este período ainda é futuro. Assim como a guerra romana contra os judeus no período 67-70 E.C. foi uma época de julgamento da nação judaica, haverá também uma época de julgamento das nações gentias. Enquanto estes "tempos dos gentios" não chegarem, eles continuarão pisoteando Jerusalém.[77]

(5) Oportunidades de voltar para Deus

Os defensores desta idéia associam os "tempos dos gentios" com a declaração de Paulo em Romanos 11:25, segundo a qual "Israel experimentou um endurecimento em parte, até que chegue *a plenitude dos gentios*. (*NVI*). Argumenta-se que os "tempos dos gentios" têm relação com esta "plenitude dos gentios" e referem-se aos tempos da missão gentia. Este entendimento significa evidentemente que os "tempos dos gentios" começaram com a conversão de Cornélio. (Atos 10:1-48) Da mesma forma que os tempos de pisoteamento de Jerusalém por nações gentias, estes tempos da missão gentia continuarão "até que chegue a plenitude dos gentios".[78]

(6) Oportunidades de adquirir os privilégios que os judeus perderam

Esta idéia tem relação com a anterior. Devido à falta de fé, a nação judaica foi julgada e os privilégios foram tirados dos judeus e oferecidos ao gentios. (Mateus 21:43) O período durante o qual estes privilégios estão disponíveis aos gentios é considerado como os "tempos dos gentios."

---

[77] Para uma exposição recente desta idéia, veja *Lucas 18:35-24:53*. Word Biblical Commentary 35c, Dr. John Nolland (em inglês - Dallas: Word Books, 1993), págs. 1002-1003.

[78] A nota para Lucas 21:24 na *Bíblia do Peregrino* reflete esta idéia: "Pisada por pagãos (Lm 1, 10). A etapa dos pagãos: a) com valor positivo, a etapa em que vão se convertendo, segundo a teologia de Paulo (Rm 11, 25-26), apoiado no plural grego "estações" (*kairoi*); b) com valor negativo, até que chegue a hora deles. (Lm 1, 21-22; Sl 75, 3; Jr 51, 33). A nota temporal indica pausa longa, depois da qual chegará o desenlace." Compare também com *Lucas*, Vol. 2, Darrell L. Bock (em inglês - Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 1996), págs. 1680-1681.

Como se pode ver, há várias interpretações possíveis da frase "tempos dos gentios", mesmo sem a aplicação do "princípio ano-dia" ao período. Deve-se reconhecer que a frase em si mesma aparece na Bíblia sem qualquer qualificação específica acompanhante. Determinar qual(is) idéia(s) dá(ão) maior evidência de validade requereria uma discussão detalhada e extensa de cada uma das várias alternativas. Tal análise está além do escopo deste trabalho, uma vez que o propósito principal aqui foi examinar a interpretação da Sociedade Torre de Vigia acerca dos "tempos dos gentios" e demonstrar por que essa interpretação é tanto histórica como biblicamente insustentável. De modo que qualquer discussão adicional dos fatores envolvidos no significado da frase "tempos dos gentios", terá de ser reservada para outra ocasião.

7

TENTATIVAS DE NEUTRALIZAR A EVIDÊNCIA

CONFORME SE RELATOU na *Introdução*, o manuscrito original deste trabalho foi apresentado originalmente à Sociedade Torre de Vigia em 1977. Durante a correspondência posterior com a sede dessa organização, apresentaram-se linhas adicionais de evidência, que foram depois incluídas na edição publicada do trabalho em 1983.

De posse de toda esta informação, seria de esperar que o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová na sede em Brooklyn, estaria disposto a reavaliar o seu cálculo dos tempos dos gentios de acordo com seu declarado interesse na verdade bíblica e nos fatos históricos. Eles, ao contrário, optaram por manter e defender a data 607 A.E.C. e as interpretações baseadas nela.[1]

[1] Vários anos antes de o tratado ser enviado à sede em Brooklyn, alguns membros do pessoal da redação tinham começado a perceber a fragilidade das interpretações proféticas ligadas à data 1914. Estes incluíam Edward Dunlap, ex-Secretário da Escola de Gileade, e o membro do Corpo Governante Raymond Franz. Por isso, estes pesquisadores puderam concordar com a conclusão de que a data 607 A.E.C. para a destruição de Jerusalém é cronologicamente insustentável. Alguns outros do pessoal da redação, que também leram o tratado, vieram a perceber que a data 607 A.E.C. tinha uma grave falta de base histórica e começaram a sentir sérias dúvidas quanto à data. (O pessoal da redação incluía cerca de 18 membros na época.) Até mesmo o membro do Corpo Governante Lyman Swingle expressou-se diante dos demais membros do Corpo, em relação ao fato de a organização Torre de Vigia ter obtido sua data 1914 (que depende da data 607 A.E.C.) dos Segundo Adventistas, com "armas, bagagens e munição". Todavia, as tentativas de Raymond Franz e de Lyman Swingle de apresentar a evidência para ser discutida pelo Corpo Governante tiveram resposta desfavorável. Os outros membros do Corpo não acharam conveniente discutir o assunto, mas decidiram continuar defendendo a data 1914. — Veja *Crise de Consciência*, Raymond Franz, (São Paulo, Brasil: Editora Hagnos, 1ª Edição, 2002), págs. 177-180, 256-261.

A. O APÊNDICE AO LIVRO "VENHA O TEU REINO" DA SOCIEDADE TORRE DE VIGIA

A nova defesa da data 607 A.E.C. surgiu num livro publicado em 1981, intitulado "*Venha o Teu Reino*". No capítulo 14 (páginas 127-140) do livro, apresenta-se outra consideração do cálculo dos tempos dos gentios, que essencialmente não difere de discussões anteriores sobre o assunto nas publicações da Torre de Vigia. Mas em um "Apêndice ao Capítulo 14", à parte, no fim do livro, algumas das linhas de evidência contrárias à data 607 A.E.C. são desta vez brevemente discutidas — e rejeitadas.[2] A discussão, porém, apresenta grave falta de objetividade e nada mais é que uma fraca tentativa de esconder fatos.

No campo da pesquisa histórica, um evento é geralmente considerado um "fato histórico" se for testificado por pelo menos duas testemunhas independentes. Reconhecemos esta regra com base na Bíblia: "Pela boca de *duas ou três testemunhas*, todo assunto seja estabelecido". (Mateus 18:16) No Capítulo 2 da primeira edição deste trabalho foram apresentadas *sete* "testemunhas" históricas contra a data 607 A.E.C., sendo que pelo menos quatro delas evidentemente se qualificam como testemunhas independentes. A maior parte dos registros que dão este testemunho sétuplo, encontra-se em documentos preservados da própria era neobabilônica. Estes incluem inscrições reais, documentos comerciais e a Estela de Ápis, da dinastia egípcia saítica contemporânea. Só os diários astronômicos, a cronologia neobabilônica de Beroso e a lista de reis do Cânon Real ("Cânon de Ptolomeu") são encontrados em documentos posteriores, mas observou-se que estes registros foram copiados de outros anteriores que — direta ou indiretamente — remontam à era neobabilônica.

(continua na página 339)

[2] *"Venha o Teu Reino"* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1981), págs. 186-190. O livro foi escrito pelo membro do Corpo Governante Lloyd Barry. Todavia, o "Apêndice ao Capítulo 14" foi escrito por outra pessoa, possivelmente Gene Smalley, um membro do pessoal de redação. O "trabalho preliminar" provavelmente foi feito por John Albu, uma Testemunha erudita de Nova Iorque. Segundo Raymond Franz, Albu especializou-se em cronologia neobabilônica em favor da Sociedade Torre de Vigia e fez alguma pesquisa relacionada com meu tratado, a pedido do Departamento de Redação.

"Apêndice ao Capítulo 14", no livro da Sociedade Torre de Vigia *"Venha o Teu Reino"* (1981), páginas 186-190:

APÊNDICE AO CAPíTULO 14

Os historiadores sustentam que Babilônia caiu diante do exército de Ciro em outubro de 539 A.E.C. O rei era então Nabonido, mas seu filho Belsazar era co-regente de Babilônia. Alguns eruditos elaboraram uma lista de reis neobabilônicos e da duração de seus reinados, remontando desde o último ano de Nabonido até o pai de Nabucodonosor, Nabopolassar.

De acordo com essa cronologia neobabilônica, o príncipe herdeiro, Nabucodonosor, derrotou os egípcios na batalha de Carquemis, em 605 A.E.C. (Jeremias 46:1, 2) Depois de Nabopolassar falecer, Nabucodonosor voltou a Babilônia para ascender ao trono. Seu primeiro ano de reinado iniciou-se na primavera seguinte (604 A.E.C.).

A Bíblia relata que os babilônios sob Nabucodonosor destruíram Jerusalém no seu 18.º ano *de reinado* (19.º quando se inclui o ano de ascensão). (Jeremias 52:5, 12, 13, 29) Assim, caso se aceite esta cronologia neobabilônica, então a desolação de Jerusalém ocorreu no ano 587/6 A.E.C. Mas em que se baseia esta cronologia secular, e como se compara ela com a cronologia da Bíblia?

Algumas evidências principais desta cronologia secular são:

O Cânon de Ptolomeu: Cláudio Ptolomeu era astrônomo grego, que viveu no segundo século E.C. Seu Cânon, ou lista de reis, relacionava-se com uma obra sobre astronomia, produzida por ele. A maioria dos historiadores modernos aceita a informação de Ptolomeu sobre os reis neobabilônicos e a duração de seus reinados (embora Ptolomeu omita o reinado de Labashi-Marduque). Ptolomeu evidentemente baseou sua informação histórica em fontes que datavam do período selêucida, o qual começou mais de 250 anos depois de Ciro ter capturado Babilônia. Portanto, não surpreende que as cifras de Ptolomeu concordem com as de Beroso, sacerdote babilônico do período selêucida.

Estela de Nabonido, de Harã (NABON H 1, B): Esta estela ou coluna contemporânea com uma inscrição foi descoberta em 1956. Menciona os reinados dos reis neobabilônicos Nabucodonosor, Evil-Merodaque e Neriglissar. As cifras para estes três concordam com as do Cânon de Ptolomeu.

VAT 4956: Trata-se duma tabuinha cuneiforme que fornece informações astronômicas datando até 568 A.E.C. Diz que as observações eram desde o 37.º ano de Nabucodonosor. Isto corresponderia à cronologia que coloca seu 18.º ano de reinado em

587/6 A.E.C. Todavia, essa tabuinha é admitidamente uma cópia feita no terceiro século A.E.C., de modo que é possível que sua informação histórica seja simplesmente a que era aceita no período selêucida.

Tabuinhas comerciais: Milhares de tabuinhas cuneiformes, neobabilônicas, contemporâneas, foram encontradas com simples registros de transações comerciais, mencionando o ano do rei babilônico em que ocorreu a respectiva transação. Tabuinhas desta espécie foram encontradas para todos os anos de reinado dos reis neobabilônicos conhecidos na cronologia aceita do período.

Do ponto de vista secular, tais tipos de evidência talvez pareçam confirmar a cronologia neobabilônica que fixa o 18.° ano de Nabucodonosor (e a destruição de Jerusalém) em 587/6 A.E.C. No entanto, nenhum historiador pode negar a possibilidade de que o atual quadro da história babilônica pode ser enganoso ou errado. Por exemplo, sabe-se que os antigos sacerdotes e reis às vezes alteravam os registros para os seus próprios fins. Ou mesmo quando a evidência descoberta é exata, poderá ser interpretada mal pelos eruditos modernos ou ser incompleta, a ponto de que matéria ainda a ser descoberta poderá alterar drasticamente a cronologia do período em questão.

Evidentemente por reconhecer tais fatos, o Professor Edward F. Campbell Jr. apresentou uma tabela que inclui cronologia neobabilônica com a cautela: "Nem se precisa dizer que estas listas são provisórias. Quanto mais se estuda a complexidade dos problemas cronológicos no antigo Oriente Próximo, tanto menos se está inclinado a pensar numa apresentação como sendo definitiva. Por este motivo, o termo *circa* [cerca de] poderia ser usado ainda mais liberalmente do que é." — *The Bible and the Ancient Near East* (ed. 1965.), p. 281.

Os cristãos, que crêem na Bíblia, têm vez após vez encontrado que a palavra dela suporta a prova de muita crítica e tem-se mostrado exata e fidedigna. Reconhecem que, sendo a Palavra inspirada de Deus, ela pode ser usada como medidor na avaliação da história e dos conceitos seculares. (2 Timóteo 3:16, 17) Por exemplo, embora a Bíblia falasse sobre Belsazar como governante de Babilônia, os eruditos, durante séculos, estavam confusos sobre ele, porque não existia nenhum documento secular que falasse de sua existência, identidade ou posição. Finalmente, porém, os arqueólogos descobriram registros seculares

que confirmaram a Bíblia. Sim, a harmonia interna da Bíblia e o cuidado exercido pelos seus escritores até mesmo em questões de cronologia, recomendam-na tão fortemente ao cristão, que ele coloca a autoridade dela acima das opiniões de historiadores seculares, que sempre mudam.

Mas, como nos ajuda a Bíblia a saber quando Jerusalém foi destruída, e como se compara isso com a cronologia secular?

O profeta Jeremias predisse que os babilônios destruiriam Jerusalém, e transformariam a cidade e o país numa desolação. (Jeremias 25:8, 9) Ele acrescentou: "E toda esta terra terá de tornar-se um lugar devastado, um assombro, e estas nações terão de servir ao rei de Babilônia por setenta anos." (Jeremias 25:11) Os 70 anos expiraram quando Ciro, o Grande, no seu primeiro ano, libertou os judeus e estes voltaram à sua pátria. (2 Crônicas 36:17-23) Cremos que a leitura mais direta de Jeremias 25:11 e de outros textos é que os 70 anos contam desde quando os babilônios destruíram Jerusalém e deixaram a terra de Judá desolada. — Jeremias 52:12-15, 24-27; 36:29-31.

Todavia, os que se estribam principalmente na informação secular quanto à cronologia daquele período dão-se conta de que, se Jerusalém tivesse sido destruída em 587/6 A.E.C., certamente não se teriam passado 70 anos até Babilônia ser conquistada e Ciro deixar os judeus voltar à sua pátria. Na tentativa de harmonizar as questões, afirmam que a profecia de Jeremias começou a cumprir-se em 605 A.E.C. Escritores posteriores citam Beroso como dizendo que Nabucodonosor, após a batalha de Carquemis, estendeu a influência babilônica sobre toda a Síria-Palestina, e que, quando voltou a Babilônia (no seu ano de ascensão, 605 A.E.C.), levou cativos judaicos ao exílio. Assim calculam os 70 anos como período de servidão a Babilônia, começando em 605 A.E.C. Isto significaria que o período de 70 anos expiraria em 535 A.E.C.

Mas, esta interpretação traz vários problemas grandes:

Embora Beroso afirme que Nabucodonosor levou cativos judaicos no seu ano de ascensão, não há nenhum documento cuneiforme que confirme isso. O que é ainda mais significativo, Jeremias 52:28-30 relata cuidadosamente que Nabucodonosor levou cativos judaicos no seu sétimo ano, no seu 18.° ano e no seu 23.° ano, *não* no seu ano de ascensão. Também, o historiador judaico Josefo declara que, no ano da batalha de Carquemis, Nabucodonosor conquistou toda a Síria-Palestina, "exceto a Judéia", contradi-

zendo assim Beroso e entrando em conflito com a afirmação de que os 70 anos de servidão judaica começaram no ano de ascensão de Nabucodonosor. — *Antiquities of the Jews* X, vi, 1.

Além disso, em outro lugar, Josefo descreve a destruição de Jerusalém pelos babilônios e diz então que "toda a Judéia e Jerusalém, e o templo, continuaram a ser um deserto por setenta anos". (*Antiquities of the Jews* X, ix, 7) Declarou especificamente que "nossa cidade ficou *desolada* durante o intervalo de setenta anos, até os dias de Ciro". (*Against Apion* I, 19) Isto concorda com 2 Crônicas 36:21 e Daniel 9:2, de que os preditos 70 anos foram 70 anos de desolação total do país. O escritor Teófilo de Antioquia, do segundo século (E.C.), também mostra que os 70 anos começaram com a destruição do templo, após o reinado de 11 anos de Zedequias. — Veja também 2 Reis 24:18 a 25:21.

Mas a própria Bíblia fornece evidência ainda mais marcante contra a alegação de que os 70 anos começaram em 605 A.E.C. e que Jerusalém foi destruída em 587/6 A.E.C. Conforme já mencionado, se fôssemos contar a partir de 605 A.E.C., os 70 anos chegariam a 535 A.E.C. Mas, o inspirado escritor bíblico Esdras relatou que os 70 anos se estenderam até o "primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia", que emitiu o decreto que permitiu aos judeus voltar à sua pátria. (Esdras 1:1-4; 2 Crônicas 36:21-23) Os historiadores aceitam que Ciro conquistou Babilônia no outubro de 539 A.E.C. e que o primeiro ano de reinado de Ciro começou na primavera (setentrional) de 538 A.E.C. Se o decreto de Ciro foi emitido mais para o fim de seu primeiro ano de reinado, os judeus podiam ter estado facilmente de volta na sua pátria por volta do sétimo mês (tisri), conforme diz Esdras 3:1; isto seria em outubro de 537 A.E.C.

Todavia, *não há maneira razoável* de esticar o primeiro ano de Ciro de 538 até 535 A.E.C. Alguns tentaram eliminar o problema de modo forçado alegando que Esdras e Daniel, ao falarem do "primeiro ano de Ciro", estavam usando algum conceito *judaico* peculiar, que diferia da contagem oficial do reinado de Ciro. Mas isto não pode ser sustentado, porque tanto um governador não-judaico como um documento dos arquivos persas concordam em que o decreto foi emitido no primeiro ano de Ciro, assim como os escritores bíblicos relatam com cuidado e especificamente. — Esdras 5:6, 13; 6:1-3; Daniel 1:21; 9:1-3.

A "boa palavra" de Jeová está relacionada com o período predito de 70 anos, porque Deus disse:

190 "VENHA O TEU REINO"

"Assim disse Jeová: 'De acordo com o cumprimento de setenta anos em Babilônia, voltarei minha atenção para vós, e vou confirmar para convosco a minha boa palavra por trazer-vos de volta a este lugar.'" (Jeremias 29:10)

Daniel estribou-se nesta palavra, confiando em que os 70 anos não fossem um 'número redondo', mas uma cifra exata em que se podia confiar. (Daniel 9:1, 2) E assim veio a ser.

De maneira similar, estamos dispostos a ser guiados principalmente pela Palavra de Deus, em vez de por uma cronologia que se baseia primariamente em evidência secular ou que discorda das Escrituras. Parece evidente que o entendimento mais fácil e mais direto das diversas declarações bíblicas é que os 70 anos começaram com a desolação completa de Judá, depois de Jerusalém ter sido destruída. (Jeremias 25:8-11; 2 Crônicas 36:20-23; Daniel 9:2) Assim, contando para trás 70 anos a partir de quando os judeus voltaram à sua pátria em 537 A.E.C., chegamos a 607 A.E.C. como data em que Nabucodonosor, no seu 18.° ano de reinado, destruiu Jerusalém, tirou Zedequias do trono e acabou com a linhagem de reis judeus no trono, na Jerusalém terrestre. — Ezequiel 21:19-27.

Nos capítulos 3 e 4 desta edição atualizada da obra, as sete linhas de evidência originais foram ampliadas para *dezessete*. As linhas de evidência acrescentadas incluem evidência prosopográfica, junções de interligação cronológica e diversos textos astronômicos adicionais (três tabuinhas planetárias e cinco textos de eclipses lunares). A evidência contra a data 607 A.E.C. é, portanto, sobrepujante, e bem poucos reinados na história antiga podem ser estabelecidos dessa maneira tão conclusiva como o de Nabucodonosor II (604-562 A.E.C.).

A-1: Deturpações da evidência histórica

Em seu "Apêndice ao Capítulo 14", a Sociedade Torre de Vigia menciona brevemente *algumas* das linhas de evidência contra a data 607 A.E.C., incluindo o "Cânon de Ptolomeu" e a lista de reis de Beroso, mas *deixa de mencionar* que estas duas listas de reis se baseiam em fontes do próprio período neobabilônico. Em vez disso, a publicação da Torre de Vigia alega que a origem das datas dessas listas é proveniente da era selêucida, ou seja, cerca de três séculos depois.[3] Ademais, a Sociedade Torre de Vigia menciona pela primeira vez a *Estela de Nabonido de Harã* (Nabon. H 1, B), um documento *contemporâneo* que estabelece a duração de toda a era neobabilônica até o nono ano de Nabonido. Mas a Sociedade Torre de Vigia *deixa de mencionar outra estela contemporânea* ao reinado de Nabonido, a *Estela de Hila*, que também estabelece a duração de toda a era neobabilônica, *incluindo* o reinado de Nabonido!

Em terceiro lugar, menciona-se o diário astronômico VAT 4956. Fazendo referência ao fato de ele ser uma cópia de um texto original do reinado de Nabucodonosor, alegadamente feita durante a era selêucida, a Sociedade repete a teoria de que "é possível que sua informação histórica seja simplesmente a que era aceita no período selêucida."[4] Todavia, este raciocínio é completamente falacioso, pois isso foi desmentido por outro diário astronômico, B.M. 32312, fato sobre o qual a Sociedade não faz qualquer comentário, embora esteja bem ciente dele.[5]

---

[3] "*Venha o Teu Reino*" (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1981), pág. 186.

[4] *Ibid*., pág. 187.

[5] O diário astronômico B.M. 32312 é considerado no Capítulo 4 deste livro, seção A-2. Na primeira edição em inglês (1983), a discussão encontra-se nas págs. 83-86.

Por fim, a Sociedade menciona as *tabuinhas comerciais*, admitindo que estes milhares de documentos *contemporâneos* mencionam os reinados de *todos* os reis neobabilônicos, e que as durações dos reinados dados por estes documentos *estão de acordo* com todas as outras linhas de evidência que foram mencionadas — o Cânon Real, a cronologia de Beroso, as inscrições reais de Nabonido e os diários astronômicos.[6] Todavia, *não se menciona* que essa concordância refuta a idéia de que a informação do VAT 4956 poderia ter sido inventada durante o período selêucida. Além das já mencionadas, outra forte linha de evidência contra a data 607 A.E.C. é também completamente desconsiderada, a saber, *os sincronismos com a cronologia egípcia, que é contemporânea e estabelecida de maneira independente*.

Por omitir cerca de metade das sete linhas de evidência abordadas na primeira edição deste trabalho (a Estela de Hila, o diário B.M. 32312 e os documentos egípcios contemporâneos) e por deturpar algumas das outras, *são omitidos os fatos* com respeito à força e validade da cronologia neobabilônica estabelecida. Partindo desta base, os eruditos da Torre de Vigia passam a fazer uma avaliação crítica da limitada evidência apresentada. Eles dizem:

> No entanto, nenhum historiador pode negar a possibilidade de que o atual quadro da história babilônica pode ser enganoso ou errado. Por exemplo, sabe-se que os antigos sacerdotes e reis às vezes alteravam os registros para os seus próprios fins.[7]

De novo, os fatos são omitidos. Embora seja verdade que os antigos escribas às vezes distorciam a história para glorificar seus reis e deuses, os eruditos concordam que, embora essa distorção seja encontrada nas inscrições reais e em outros documentos *assírios*, *os escribas neobabilônicos não distorceram a história desta maneira*. Isto foi também enfatizado no Capítulo 3 (seção B-1-b) deste livro, onde A. K. Grayson, uma bem conhecida autoridade em registros históricos babilônicos, foi citado como tendo dito:

> Ao contrário dos escribas assírios os babilônicos não deixam de mencionar as derrotas babilônicas nem tentam transformá-las em vitórias.[8]

---

[6] "*Venha o Teu Reino*", pág. 187.
[7] *Ibid.*, pág. 187.
[8] A. K. Grayson, "Assíria e Babilônia" (em inglês), *Orientalia*, Vol. 49:2, 1980, pág. 171.

Sobre as *crônicas* neobabilônicas, Grayson diz que "contêm um registro razoavelmente confiável e representativo dos eventos importantes de cada período considerado", e "dentro dos limites de seu interesse, os escritores são bem objetivos e imparciais".[9] Sobre as *inscrições reais* babilônicas (como a Estela de Nabonido), Grayson comenta que são "primariamente registros de atividade de construção e no geral parecem ser confiáveis".[10]

Portanto, a distorção da história pelos escribas refere-se à história assíria, não à neobabilônica, um fato que é *omitido* no "Apêndice" do livro *"Venha o Teu Reino"*, da Sociedade Torre de Vigia.

O próximo argumento apresentado pela Sociedade no "Apêndice" é que, "mesmo quando a evidência descoberta é exata, poderá ser interpretada mal pelos eruditos modernos ou ser incompleta, a ponto de que *matéria ainda a ser descoberta poderá alterar drasticamente a cronologia do período em questão*."[11]

Evidentemente, os eruditos da Torre de Vigia percebem que toda a evidência descoberta desde meados do século 19 aponta unanimemente para 587 A.E.C. em vez de 607 como o décimo oitavo ano de Nabucodonosor. Entre as dezenas de milhares de documentos descobertos da era neobabilônica, eles não conseguiram encontrar o menor indício de apoio para sua data 607 A.E.C. — daí a referência a *"matéria ainda a ser descoberta."* Uma cronologia que tem de se basear em "matéria *ainda a ser descoberta*", por ser refutada pela matéria *descoberta*, está realmente assentada numa base frágil. Se uma idéia, refutada por uma quantidade esmagadora de evidência *descoberta*, deve ser mantida na esperança de que "matéria ainda a ser descoberta" irá apoiá-la, então *qualquer* idéia, por mais falsa que seja, poderia ser mantida com base nesse mesmo princípio. Mas deve-se lembrar que esse tipo de fé não se fundamenta na "demonstração evidente de realidades, embora não observadas" (Hebreus 11:1); baseia-se unicamente no desejo de acreditar.

Se realmente fosse verdade que (1) "nenhum historiador pode negar a possibilidade de que o atual quadro da história babilônica pode ser enganoso ou errado", que (2) "sacerdotes e reis às vezes alteravam" os registros históricos neobabilônicos, que (3) "mesmo quando a

---

[9] *Ibid.*, págs. 170, 171.
[10] *Ibid.*, pág. 175.
[11] *"Venha o Teu Reino"*, pág. 187.

evidência descoberta é exata, poderá ser interpretada mal pelos eruditos modernos ou ser incompleta" e que (4) "matéria ainda a ser descoberta poderá alterar drasticamente a cronologia do período", que razão temos para aceitar *qualquer* data da era neobabilônica estabelecida pelos historiadores — por exemplo, 539 A.E.C. como a data para a queda de Babilônia? Esta data também foi determinada *unicamente* por meio de documentos seculares do mesmo tipo dos que se usaram para estabelecer 587 A.E.C. como o décimo oitavo ano de Nabucodonosor. E das duas datas, 587 tem muito maior apoio que 539 A.E.C.![12]

Se 587 A.E.C. deve ser rejeitado pelas razões mencionadas acima, então a data 539 A.E.C. também deveria ser rejeitada pelas mesmas razões, ou por razões mais fortes. No entanto, a Sociedade Torre de Vigia não só aceita 539 A.E.C. como uma data segura, como também deposita tanta confiança nela a ponto de torná-la *a própria base de sua cronologia bíblica*![13] Se as razões para rejeitar a data 587 A.E.C. são válidas, então são igualmente válidas para a data 539 A.E.C. Rejeitar uma data e manter a outra não é apenas inconsistente; é também um triste exemplo de erudição desonesta.

A-2: Deturpação das palavras dos eruditos

Como apoio às suas razões para rejeitar a cronologia neobabilônica estabelecida pelos historiadores, cita-se uma bem conhecida autoridade em história do Oriente Próximo.

"Evidentemente por reconhecer tais fatos," — que o atual quadro da história babilônica pode ser errado, que antigos sacerdotes e reis podem ter alterado os registros neobabilônicos antigos, e que matéria

[12] Isto já foi amplamente demonstrado no Capítulo 2.

[13] Conforme já mencionado no Capítulo 2, de 1955 até por volta de 1971, o ano de 539 era chamado de "data absoluta" nas publicações da Torre de Vigia. Quando se descobriu que esta data não tinha o apoio que os eruditos da Torre de Vigia imaginavam, eles descartaram este termo. Em *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, página 385 (= *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1, pág. 613), 539 é chamado de "ponto fixo". E em "*Venha o Teu Reino*", afirma-se apenas que "os historiadores calculam", "sustentam" ou "aceitam" que Babilônia caiu em outubro de 539 A.E.C. (págs. 136, 186, 189). No entanto, a Sociedade ainda baseia toda a sua "cronologia bíblica" nesta data.

ainda a ser descoberta poderia alterar drasticamente a cronologia do período:

> "o Professor Edward F. Campbell Jr. apresentou uma tabela que inclui cronologia neobabilônica com a cautela: "Nem se precisa dizer que estas listas são provisórias. Quanto mais se estuda a complexidade dos problemas cronológicos no antigo Oriente Próximo, tanto menos se está inclinado a pensar numa apresentação como sendo definitiva. Por este motivo, o termo *circa* [cerca de] poderia ser usado ainda mais liberalmente do que é.""[14]

Esta citação é tirada de um capítulo escrito por Edward F. Campbell Jr., que apareceu originalmente em *A Bíblia e o Antigo Oriente Próximo* (sigla em inglês: *BANE*), uma obra editada por G. Ernest Wright e publicada por Routledge e Kegan Paul, de Londres, em 1961. Entretanto, a Sociedade Torre de Vigia não mencionou que a tabela referida nesta obra abrange as cronologias do Egito, Palestina, Síria, Ásia Menor, Assíria e Babilônia, *desde aproximadamente 3800 A.E.C. até a morte de Alexandre o Grande, em 323 A.E.C.*, e embora o termo *circa* seja colocado antes de muitos dos reinados apresentados nas listas deste longo período, *nenhum circa é colocado antes de qualquer dos reinados alistados para os reis do período neobabilônico*!

A questão é: Quando o Professor Campbell, em cooperação com o Professor David N. Freedman, elaborou as listas cronológicas na obra *A Bíblia e o Antigo Oriente Próximo*, será que ele achava que "o atual quadro da história babilônica pode ser enganoso ou errado" no que se refere à era *neobabilônica*? Será que ele pensava haver alguma possibilidade de que "antigos sacerdotes e reis às vezes alteravam" os registros *neobabilônicos* "para os seus próprios fins"? Será que ele estava, por algum motivo, disposto a colocar o termo *circa* antes de qualquer dos reinados dos reis *neobabilônicos*? Em outras palavras, será que a Sociedade Torre de Vigia apresenta corretamente as opiniões de Campbell e Freedman?

Quando estas questões foram colocadas ao Dr. Campbell, ele escreveu em resposta:

> Conforme talvez já tenha concluído, estou consternado com o uso que a Sociedade Torre de Vigia fez das listas cronológicas de Noel Freedman e minhas. Receio que algumas pessoas extremosas procurarão qualquer insignificância para apoiar suas conclusões preconcebidas. Com toda a certeza este é um caso em que se fez exatamente isso.

[14] "*Venha o Teu Reino*", pág. 187.

> Deixe-me primeiro explicar que na divisão de responsabilidade pelas tabelas cronológicas no *BANE* fiquei encarregado da maior parte da cronologia do Oriente Próximo, ficando as datas bíblicas a cargo do Professor David Noel Freedman, agora na Universidade de Michigan. Nós realmente falamos sobre os *avisos* que colocamos antes de nossas tabelas, mas não houve absolutamente qualquer intenção de sugerir que havia essa defasagem de vinte anos nas datas relacionadas com Babilônia e Judá. Tenho boa dose de certeza de que o Dr. Freedman torna claro em algum lugar na matéria do capítulo do *BANE*, que a data 587/6 não pode estar errada em mais de um ano, e que a data 597 é uma das pouquíssimas datas *seguras* em todo o nosso repertório cronológico. Sei que ele continua convencido disto, assim como eu. Que eu saiba, não há a mínima evidência que sequer sugira a possibilidade de as datas na Crônica Babilônica terem sido alteradas por sacerdotes ou reis, por razões piedosas. Estou de pleno acordo com Grayson.[15]

O Dr. Campbell encaminhou as perguntas que lhe foram feitas ao Dr. Freedman, para dar a este uma oportunidade de expressar seus pontos de vista. Freedman teve a dizer o seguinte sobre o assunto:

> . . . Concordo plenamente com tudo o que o Dr. Campbell lhe escreveu. É verdade que há algumas incertezas sobre a cronologia bíblica para este período, mas essas incertezas provêm da informação confusa e talvez conflitante da Bíblia, e nada têm que ver com a informação e evidência cronológica para o período neobabilônico proveniente de inscrições cuneiformes e outras fontes não bíblicas. Este é um dos períodos mais bem conhecidos do mundo antigo e podemos estar certos de que as datas estão corretas, com margem de erro de um ano ou por volta disso, e muitas das datas são exatas em termos de dia e mês. Não há, portanto, qualquer justificativa para os comentários ou julgamentos feitos pela Sociedade Torre de Vigia com base em uma declaração específica acerca de nossa incerteza. O

[15] Carta recebida do Dr. Edward F. Campbell, Jr., datada de 9 de agosto de 1981. O motivo da incerteza entre os eruditos quanto a se Jerusalém foi desolada em 587 ou em 586 A.E.C. provém da Bíblia, não das fontes extrabíblicas. Todos os eruditos concordam em datar o décimo oitavo ano do reinado de Nabucodonosor em 587/86 A.E.C. (de nisã a nisã). A Bíblia data a desolação no *décimo nono ano* de reinado de Nabucodonosor em 2 Reis 25:8 e em Jeremias 52:12 (sendo esta passagem uma repetição quase literal daquela), mas Jeremias 52:29 diz que foi no *décimo oitavo ano*. Esta discrepância pode ser resolvida se admitirmos um sistema não-ascensional para os reis de Judá. (Veja a seção "Métodos de contagem de anos de reinado", no Apêndice ao Capítulo 2 deste livro). A data 597 A.E.C. para a captura anterior de Jerusalém e a deportação de Joaquim, diz o Dr. Campbell, é uma das pouquíssimas datas históricas seguras reconhecidas pelos eruditos. A razão é o sincronismo exato que existe entre a Bíblia e a Crônica Babilônica neste ponto. — Veja as duas seções "O 'terceiro ano de Jeoiaquim' (Daniel 1:1-2)" e "Tabelas cronológicas abrangendo os setenta anos", no Apêndice ao Capítulo 5 deste livro.

> que eu tinha especificamente em mente era o desacordo entre os eruditos quanto a se a queda de Jerusalém deve ser datada em 587 ou 586. Eruditos eminentes discordam neste ponto e infelizmente não temos a crônica babilônica para esse episódio como temos para a captura de Jerusalém em 597 (essa data está agora fixada com exatidão). Mas esse é só um debate sobre um ano no máximo (587 ou 586), não tendo qualquer relação com as opiniões das Testemunhas de Jeová que aparentemente querem reescrever toda a história da época e mudar drasticamente as datas. Não existe qualquer justificativa para isso.[16]

Assim, a Sociedade Torre de Vigia, em sua tentativa de encontrar apoio para a data 607 A.E.C., deturpou as opiniões do Dr. Campbell e do Dr. Freedman. Nenhum dos dois acredita que os antigos sacerdotes ou reis podem ter "alterado os registros" do período neobabilônico, ou que "matéria ainda a ser descoberta poderá alterar drasticamente a cronologia do período". E nenhum dos dois está disposto a colocar o termo *circa* antes de algum dos reinados apresentados em suas listas para os reis da era neobabilônica.

A única incerteza que eles apontam é se a data da desolação de Jerusalém deve ser fixada em 587 ou em 586 A.E.C., e esta incerteza não provém de quaisquer erros ou obscuridades nas fontes extrabíblicas, e sim dos números aparentemente conflitantes apresentados na Bíblia, evidentemente as referências à destruição de Jerusalém, a qual Jeremias 52:28, 29 diz que ocorreu no décimo oitavo ano de Nabucodonosor, enquanto 2 Reis 25:8 diz que foi no décimo nono ano do reinado dele.

A-3: Deturpação das palavras dos escritores antigos

As últimas três páginas do "Apêndice" do "*Venha o Teu Reino*" são dedicadas a uma discussão da profecia de Jeremias sobre os setenta anos.[17] Todos os argumentos apresentados nestas páginas foram completamente refutados no Capítulo 5 deste livro, intitulado "Os Setenta Anos para Babilônia" (que corresponde ao capítulo 3 da primeira edição), para o qual encaminhamos o leitor. Discutiremos apenas alguns pontos aqui.

Contra a declaração de Beroso, segundo a qual Nabucodonosor levou judeus como cativos no seu ano de ascensão, logo após a Batalha

---

[16] Carta recebida do Dr. David N. Freedman, datada de 16 de agosto de 1981.
[17] "*Venha o Teu Reino*", págs. 188-190.

de Carquemis (veja o Capítulo 5, seção A-4), argumenta-se que "não há nenhum documento cuneiforme que confirme isso."[18] Mas a Sociedade Torre de Vigia *deixa de mencionar que a declaração de Beroso é apoiada claramente pela leitura mais direta de Daniel 1:1-6.*[19]

Daniel relata que "no terceiro ano do reinado de Jeoiaquim" (que corresponde ao ano de ascensão de Nabucodonosor; veja Jeremias 25:1) Nabucodonosor levou um tributo de Judá, consistindo em utensílios do templo e também "alguns dos filhos de Israel, e da descendência real, e dos nobres," trazendo-os para Babilônia. (Daniel 1:1-3, *TNM*) É verdade que a Crônica Babilônica não menciona especificamente estes cativos judaicos. Todavia, ela menciona que Nabucodonosor, em seu ano de ascensão, "marchou vitoriosamente por todos os lados em Hatu," e que "*ele levou o imenso despojo de Hatu para Babilônia.*"[20] É bem provável que os cativos do território de Hatu estavam incluídos neste "imenso despojo", conforme é indicado pelo Professor Gerhard Larsson:

> É certo que este "pesado tributo" consistia, não só em tesouro, *como também em prisioneiros dos países conquistados*. Refrear-se de fazer isto teria sido completamente estranho aos costumes dos reis de Babilônia e da Assíria.[21]

Assim, embora a Crônica Babilônica não mencione especificamente a deportação judaica (provavelmente bem pequena) no ano de ascensão de Nabucodonosor, ela indica fortemente que isso ocorreu, estando de acordo com as declarações *diretas* de Daniel e Beroso.

Ademais, devemos notar que a mesma crônica babilônica (BM 21946) fala do imenso despojo levado para Babilônia no *sétimo* ano de Nabucodonosor em termos lacônicos similares. Embora seja conhecido, com base na Bíblia (2 Reis 24:10-17; Jeremias 52:28), que este despojo incluía *milhares de cativos judaicos*, a crônica não menciona nada sobre isto, mas diz apenas:

---

[18] *Ibid*., pág. 188.

[19] Veja a seção "O 'terceiro ano de Jeoiaquim' (Daniel 1:1-2)" no Apêndice ao Capítulo 5 deste livro.

[20] *Crônicas Assírias e Babilônicas*, A. K. Grayson, (em inglês - Locust Valley, Nova Iorque: J. J. Augustin Publisher, 1975), pág. 100.

[21] "Quando Começou o Cativeiro Babilônico?", Gerhard Larsson, *Revista de Estudos Teológicos*, Vol. 18, (em inglês - 1967), pág. 420.

> Um rei de sua própria escolha ele [Nabucodonosor] designou na cidade (e) *tomando o imenso tributo ele o trouxe a Babilônia*.[22]

Portanto, se, como o "Apêndice" do livro "*Venha o Teu Reino*" dá a entender, o silêncio dos documentos cuneiformes acerca da deportação dos cativos judaicos no ano *de ascensão* de Nabucodonosor indica que ela não ocorreu, então o silêncio acerca da deportação no *sétimo ano* dele indicaria que esta também não ocorreu. Entretanto, como a Bíblia menciona ambas as deportações, a crônica babilônica evidentemente as inclui no "vasto despojo" ou tributo levado para Babilônia em ambas as ocasiões.

A Sociedade encontra outro argumento contra a deportação no ano de ascensão de Nabucodonosor no texto de Jeremias 52:28-30:

> O que é ainda mais significativo, Jeremias 52:28-30 relata cuidadosamente que Nabucodonosor levou cativos judaicos no seu sétimo ano, no seu 18° ano e no seu 23° ano, *não* no seu ano de ascensão.[23]

Todavia, este argumento pressupõe que Jeremias 52:28-30 contém um registro *completo* das deportações, o que evidentemente não é o caso. O total geral dos cativos judaicos levados nas três deportações mencionadas na passagem é dado no versículo 30 como "quatro mil e seiscentas". Contudo, 2 Reis 24:14 diz que o número dos deportados em *apenas uma dessas deportações* foi de "dez mil" (e talvez mais 8.000 no versículo 16, se estes não estiverem incluídos no número anterior)!

Propuseram-se diversas teorias para explicar esta discrepância, mas nenhuma delas pode ser encarada como mais do que uma suposição. O dicionário bíblico da Sociedade Torre de Vigia, *Estudo Perspicaz das Escrituras*, por exemplo, afirma que os números em Jeremias 52:28-30 "refere-se, pelo que parece, aos de certa categoria, ou aos que eram cabeças de famílias".[24] A obra *Novo Dicionário Bíblico* (em inglês) sustenta que "a diferença nos números deve-se, sem dúvida, a diferentes categorias de cativos sendo consideradas."[25] Todos concordam que Jeremias 52:28-30 não fornece um número completo

---

[22] A. K. Grayson, *op. cit.*, pág. 102. (Ênfase acrescentada.)
[23] "*Venha o Teu Reino*", pág. 188.
[24] *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1 (1990), pág. 467.
[25] *Novo Dicionário Bíblico*, 2ª edição em inglês, ed. por J. D. Douglas et al (Leicester, Inglaterra: Editora Inter-Varsity, 1982), pág. 630.

dos que foram deportados, e alguns comentaristas sugerem também que nem todas as deportações são mencionadas no texto.[26]

Pelo menos a deportação no ano de ascensão de Nabucodonosor, descrita por Daniel, não é mencionada por Jeremias — o que não prova que ela não ocorreu. É bem provável que a razão de não estar incluída entre as deportações enumeradas em Jeremias 52:28-30 é por ter sido apenas uma deportação pequena, consistindo em judeus escolhidos "da descendência real, e dos nobres" com a intenção de usá-los como servos no palácio real. (Daniel 1:3-4) O importante é que Daniel, *independentemente de Beroso*, menciona esta deportação no ano de ascensão de Nabucodonosor.

Contra as declarações claras de Daniel e de Beroso, a Sociedade Torre de Vigia faz referência ao historiador judaico Josefo, que afirma que no ano da Batalha de Carquemis (durante o ano de ascensão de Nabucodonosor), Nabucodonosor conquistou toda a Siro-Palestina "exceto a Judéia".[27] A publicação da Sociedade Torre de Vigia argumenta que isto entra em conflito com a afirmação de que os 70 anos de servidão começaram no ano de ascensão. Josefo escreveu isto mais de 600 anos depois de Daniel e quase 400 anos depois de Beroso. Mesmo que ele estivesse certo, isto não contradiria a conclusão de que a *servidão* das nações circunvizinhas de Judá começou no ano de ascensão de Nabucodonosor. A profecia de Jeremias aplica claramente a servidão, não aos judeus, e sim a "estas nações" (Jeremias 25:11), isto é, às nações circunvizinhas de Judá. (Veja o Capítulo 5 deste livro, seção A-1.) Na verdade, Josefo até *apóia* a conclusão de que estas nações se tornaram submissas a Nabucodonosor em seu ano de ascensão, pois ele afirma que o rei de Babilônia nessa época "*tomou toda a Síria, até Pelúsio,* exceto a Judéia." Pelúsio fica na fronteira com o Egito.

Todavia, não há motivo para acreditar que a declaração de Josefo seja mais confiável do que a informação dada por Daniel e Beroso. Josefo evidentemente apresenta aqui uma conclusão pessoal, baseada numa má compreensão de 2 Reis 24:1. O Dr. E. W. Hengstenberg, em sua consideração abrangente de Daniel 1:1, faz o seguinte comentário

---

[26] Veja a discussão de Albertus Pieters em *Das Pirâmides a Paulo* (em inglês - Nova Iorque: Thomas Nelson e Filhos, 1935), págs. 184-189.

[27] "*Venha o Teu Reino*", pág. 188, citando *Antiguidades Judaicas* X, vi, 1, de Josefo.

sobre a expressão "exceto a Judéia", que aparece em *Antiguidades* X, vi, 1:

> Não se deve pensar que Josefo obteve a expressão *parex tes loudaias* [exceto a Judéia] de uma fonte que não está mais à nossa disposição. O que vem em seguida mostra claramente que ele a derivou de uma má compreensão da passagem de 2 Reis 24:1. Por ter entendido erroneamente os três anos mencionados ali como sendo o intervalo entre as duas invasões, ele achou que não se podia admitir qualquer invasão antes do 8º ano de Jeoiaquim.[28]

Assim, a declaração de Josefo tem pouco peso em comparação com o testemunho de Beroso, que evidentemente, ao contrário de Josefo, obteve sua informação de fontes preservadas do próprio período neobabilônico, e com o testemunho de Daniel, que esteve pessoalmente envolvido na deportação que ele mesmo descreve.

Em seguida, a Sociedade Torre de Vigia cita duas passagens das obras de Josefo, nas quais os setenta anos são descritos como setenta anos de *desolação* (*Antiguidades* X, ix, 7, e *Contra Apião*, I, 19).[29] Mas eles omitem o fato de que Josefo, em sua última referência ao período da desolação de Jerusalém, declara que *a desolação durou cinqüenta anos, não setenta*! A declaração encontra-se na obra *Contra Apião*, I, 21, onde Josefo cita a declaração de Beroso sobre os reinados neobabilônicos, e diz:

> Esta declaração tanto é correta como está em harmonia com nossos livros [isto é, as Escrituras Sagradas]. Pois nestes está registrado que Nabucodonosor, no décimo oitavo ano de seu reinado, devastou o nosso templo, que *por cinqüenta anos este deixou de existir*, que no segundo ano de Ciro as fundações foram lançadas, e por fim que no segundo ano do reinado

---

[28] *Die Authentie des Daniels und die Integrität des Sacharjah*, Ernst Wilhelm Hengstenberg (Berlim, 1831), pág. 57. Traduzido do alemão.

[29] Josefo menciona os setenta anos cinco vezes em suas obras, ou seja, em *Antiguidades Judaicas* X, 7, 3; X, 9, 7; XI, 1, 1; XX, 10, 2; e em *Contra Apião*, I, 19. Nestas passagens os setenta anos são referidos alternadamente como um período de escravidão, cativeiro, ou desolação, estendendo-se da destruição de Jerusalém ao primeiro ano de Ciro.

de Dario foi terminado.[30]

Para apoiar esta declaração Josefo cita não só os números de Beroso, como também os registros dos fenícios, que dão a mesma duração para este período. Assim, nesta passagem Josefo contradiz e refuta suas afirmações anteriores sobre a duração do período de desolação. Será que é realmente honesto citar Josefo para apoiar a idéia de que a desolação durou setenta anos, mas omitir o fato de ele,

[30] *Contra Apião* I, 21, de Josefo, é citado aqui a partir da tradução de H. St. Thackeray, publicada no Loeb Classical Library (Cambridge, Massachusetts, e Londres, Inglaterra: Editora da Universidade de Harvard, reimpressão de 1993 da edição de 1926), págs. 224-225. Alguns defensores da cronologia da Sociedade Torre de Vigia alegam que existe um problema textual com a expressão "cinqüenta anos", apontando que alguns manuscritos rezam "sete anos" em vez de "cinqüenta", em I, 21, que alguns eruditos anteriores teriam pensado ser uma corrupção de "setenta". Todavia, críticos textuais da atualidade demonstraram que tal conclusão está errada. Mostrou-se que todos os manuscritos gregos de *Contra Apião* existentes são cópias posteriores de um manuscrito grego do século 12 E.C., *Laurentianus* 69, 22. Todos os eruditos modernos concordam que o número "sete" está corrompido nestes manuscritos. Ademais, é defendido universalmente por todos os críticos textuais modernos que as melhores e mais confiáveis testemunhas do texto original de *Contra Apião* encontram-se nas citações dele feitas pelos Pais da Igreja, especialmente por Eusébio, que cita extensivamente as obras de Josefo, e geralmente de maneira literal e fiel. *Contra Apião* I, 21 é citado em duas das obras de Eusébio: (1) em sua *Preparação para o Evangelho*, I, 550, 18-22, e (2) em sua *Crônica* (preservada apenas em uma versão armênia), 24,29 - 25,5. Estas duas obras rezam "50 anos" em I, 21. A mais importante destas duas obras é a primeira, da qual foram preservados vários manuscritos do décimo século E.C. em diante. Todas as edições críticas modernas do texto grego de *Contra Apião* apresentam "cinqüenta" (em grego: pentêkonta) em *Contra Apião* I, 21, incluindo as de B. Niese (1889), S. A. Naber (1896), H. St. Thackeray (1926) e T. Reinach & L. Blum (1930). A edição crítica de Niese do texto grego de *Contra Apião* é ainda considerada como a edição padrão e todas as edições posteriores são aprimoramentos baseados no texto dele. Uma nova edição crítica textual de todas as obras de Josefo está atualmente sendo elaborada pelo Dr. Heintz Schreckenberg, mas provavelmente ainda levará muitos anos até que ela esteja pronta para publicação. Finalmente, deve-se notar que a declaração de Josefo acerca dos "cinqüenta anos" em *Contra Apião* I, 21, é precedida por sua apresentação dos números de Beroso referentes aos reinados dos reis neobabilônicos, e estes números mostram que do 18º ano de Nabucodonosor até o segundo ano de Ciro, houve um período de *cinqüenta anos, não setenta*. O próprio Josefo enfatiza que os números de Beroso "tanto são corretos como estão em harmonia com nossos livros." Portanto, o contexto também exige a expressão "cinqüenta anos" em *Contra Apião* I, 21.

em sua última declaração sobre a duração do período, argumentar que ela durou cinqüenta anos? É bem possível, até mesmo provável, que nesta última passagem ele tenha *retificado* suas afirmações anteriores sobre a duração do período.

William Whiston, tradutor da obra de Josefo, escreveu uma dissertação especial sobre a cronologia de Josefo, intitulada "Sobre a Cronologia de Josefo" (em inglês), que incluiu em sua publicação das obras completas de Josefo como *Apêndice V*.[31] Neste estudo cuidadoso, Whiston indica que nas partes finais de suas obras, Josefo freqüentemente tentou *corrigir* seus números anteriores. Assim, ele demonstra que Josefo primeiro diz que a duração do período desde o Êxodo até a construção do templo foi de 592 anos, número este que ele depois mudou para 612.[32] Quanto ao período seguinte, desde a construção do templo até sua destruição, primeiro ele diz que durou 466 anos, número que depois "corrigiu" para 470.[33]

Acerca dos setenta anos, que Josefo inicialmente conta desde a destruição do templo até o retorno dos exilados judaicos no primeiro ano de Ciro, Whiston afirma que "é certamente um cálculo do próprio Josefo," e que os 50 anos para este período, apresentados em *Contra Apião* I, 21, "podem provavelmente ser sua própria correção em sua idade avançada."[34]

Se este for o caso, então Josefo pode até ser citado como argumento *contrário* à aplicação dos setenta anos feita pela Sociedade Torre de Vigia. De qualquer maneira, parece óbvio que as declarações dele sobre os setenta anos não podem ser usadas como argumento contra Beroso, do jeito que a Sociedade faz. O último número de Josefo para o período de desolação *concorda plenamente com a cronologia de Beroso e Josefo até enfatiza esta concordância*![35]

Além de Josefo, a Sociedade Torre de Vigia faz também referência a *Teófilo de Antioquia*, que escreveu uma defesa do cristianismo perto do fim do segundo século E.C. Como a Sociedade indica, ele inicia os

---

[31] *Obras Completas de Josefo*, traduzido por William Whiston (em inglês - Grand Rapids: Publicações Kregel, 1978), págs. 678-708. A tradução de Whiston foi originalmente publicada em 1737.
[32] *Ibid*., pág. 684, § 14.
[33] *Ibid*., pág. 686, § 19.
[34] *Ibid*., págs. 688, 689, § 23.
[35] *Contra Apião* I, 20-21.

setenta anos a partir da destruição do templo.[36] Mas os escritores da Sociedade Torre de Vigia *omitem* o fato de que Teófilo estava confuso quanto ao *fim* do período, pois ele primeiro o situa no "segundo ano" de Ciro (537/36 A.E.C.) e depois diz que foi no "segundo ano ... de Dario" (520/19 A.E.C.).[37]

Outros escritores primitivos, incluindo o contemporâneo de Teófilo, *Clemente de Alexandria* (c. 150-215 E.C.), também finalizaram os setenta anos "no segundo ano de Dario Histaspes" (520/19 A.E.C.), o que situaria a desolação de Jerusalém por volta de 590/89 A.E.C.[38]

Eusébio, em sua crônica (publicada por volta de 303 E.C.) adotou a opinião de Clemente, mas também tenta outra aplicação, começando pelo ano em que Jeremias iniciou sua atividade, quarenta anos antes da desolação de Jerusalém, e ele finaliza os setenta anos no primeiro ano de Ciro, que fixa por volta de 560 A.E.C. *Júlio Africano*, por volta de 221 E.C., aplica os setenta anos ao período de desolação de Jerusalém, cujo fim ele, assim como Eusébio depois, fixa erroneamente por volta de 560 A.E.C. É bem óbvio que estes primitivos escritores cristãos não tinham acesso a fontes que poderiam tê-los ajudado a estabelecer uma cronologia exata para este período antigo.

Assim, o uso que a Sociedade Torre de Vigia faz de escritores antigos é comprovadamente muito seletivo. Eles citam Josefo no tocante aos setenta anos de desolação ao mesmo tempo em que omitem o fato de ele ter por fim estabelecido cinqüenta anos para este período. A referência que fazem a Teófilo reflete os mesmos métodos: Citam-no, não porque ele realmente apresente evidência que os apóie, mas

---

[36] "*Venha o Teu Reino*", pág. 189.

[37] Sobre a aplicação que Teófilo faz dos setenta anos, veja *Os Pais Antenicenos*, de A. Roberts e J. Donaldson, eds., Vol. 2 (em inglês - Grand Rapids: Wm. Eerdmans Publishing Co., reimpresso em 1979), pág. 119. Provavelmente Teófilo baseou sua data para o fim dos setenta anos em Esdras 4:24, confundindo Dario Histaspes com o "Dario o medo" de Daniel 5:31 e 9:1, 2.

[38] *Ibid*., pág. 329. Esta aplicação dos setenta anos pode ter sido influenciada por idéias rabínicas. Fazendo referência à crônica rabínica *Seder Olam Rabbah* (SOR), o Dr. Jeremy Hughes indica que "a tradição judaica posterior contava 52 anos para o exílio babilônico (SOR 27) e 70 anos como o intervalo entre a destruição do primeiro templo e a fundação do segundo templo, sendo este evento datado no segundo ano de *Dario* (SOR 28; cf. Zac 1:12)." O período de 70 anos foi "dividido em 52 anos de exílio e 18 anos desde o retorno até a fundação do segundo templo (SOR 29)." — *Segredos dos Tempos*, Jeremy Hughes, (em inglês - Sheffield: JSOT Press, 1990), págs. 41 e 257.

porque o cálculo de Teófilo concorda até certo ponto com o deles. Outros escritores cristãos contemporâneos, cujos cálculos diferem do deles, são desconsiderados. Este procedimento é uma clara manipulação do conjunto de evidência proveniente de vários escritores antigos que discutiram este assunto.

A-4: Deturpação da evidência bíblica

Na seqüência de sua discussão dos setenta anos, a Sociedade Torre de Vigia tenta mostrar que, mesmo que a evidência histórica esteja contra a aplicação que fazem deste período, a Bíblia está do lado deles. Em primeiro lugar, no meio da página 188 do "*Venha o Teu Reino*", eles afirmam categoricamente que "cremos que a leitura mais direta de Jeremias 25:11 e de outros textos é que os 70 anos contam desde quando os babilônios destruíram Jerusalém e deixaram a terra de Judá desolada."

A verdade simples, porém, é que a Sociedade recusa-se terminantemente a aceitar o entendimento mais natural de Jeremias 25:11 e de vários outros textos relacionados com este assunto.[39] Conforme foi abordado no Capítulo 5, a leitura mais direta de Jeremias 25:11 mostra que os setenta anos são um período de *servidão, não de desolação*: "Estas nações *servirão* o rei de Babilônia durante setenta anos." (*BJE*) Além disso foi indicado que o outro texto de Jeremias que menciona os setenta anos, Jeremias 29:10, confirma este entendimento. A leitura mais direta da tradução melhor e mais literal deste texto mostra que aqueles "setenta anos" eram referentes ao domínio babilônico: "Quando setenta anos tiverem decorridos *para Babilônia...*" (*CBC*) Ambos os textos se referem claramente a Babilônia, não a Jerusalém.

Se, como estes versículos mostram, os setenta anos se referem ao *domínio babilônico*, este período terminou com a queda de Babilônia em 539 A.E.C.; e isto é declarado diretamente em Jeremias 25:12: "Quando se completarem os setenta anos, castigarei o rei da Babilônia e a sua nação." (*NVI*). Como esta punição ocorreu em 539 A.E.C., o fim dos setenta anos não pode ser estendido além dessa data, nem para

[39] Como se mostra no Apêndice ao Capítulo 5, "O 'terceiro ano de Jeoiaquim' (Daniel 1:1-2)", estes textos incluem também Daniel 1:1, 2 e 2:1.

537 A.E.C. nem para qualquer outra data, pois isso estaria em contradição com uma leitura direta de Jeremias 25:12.[40]

Não pode haver qualquer dúvida razoável sobre o assunto: A leitura mais direta da profecia de Jeremias (Jeremias 25:11,12 e 29:10) está em evidente conflito com a aplicação que a Sociedade Torre de Vigia dá aos 70 anos. Apesar disto, eles declaram audaciosamente:

> Mas a própria Bíblia fornece evidência ainda mais marcante contra a alegação de que os 70 anos começaram em 605 A.E.C. e que Jerusalém foi destruída em 587/6 A.E.C.[41]

Que "evidência ainda mais marcante"? Esta:

> Conforme já mencionado, se fôssemos contar a partir de 605 A.E.C., os 70 anos chegariam a 535 A.E.C. Mas, o inspirado escritor bíblico Esdras relatou que os 70 anos se estenderam até o "primeiro ano de Ciro, Rei da Pérsia", que emitiu o decreto que permitiu aos judeus voltar à sua pátria.[42]

Mas será que Esdras relatou mesmo isso? Conforme se mostrou na análise de 2 Crônicas 36:21-23, no Capítulo 5, Esdras *não* indica claramente que os setenta anos terminaram no "primeiro ano de Ciro," ou em 537, como sustenta a Sociedade Torre de Vigia. Pelo contrário, esse entendimento das palavras dele estaria em contradição direta com Jeremias 25:12, onde os setenta anos são finalizados em 539 A.E.C.! Este texto fornece a evidência mais marcante *contra* a alegação de que os setenta anos terminaram em 537 A.E.C. ou em qualquer outro ano posterior a 539.

É verdade que no manuscrito original de *Os Tempos dos Gentios Reconsiderados* (enviado à Sociedade em 1977), uma das possíveis aplicações dos setenta anos consideradas foi a de que eles poderiam ser contados de 605 a 536/35 A.E.C. Mas esta aplicação foi apresentada como uma alternativa menos provável. Nas edições publicadas da obra, esta sugestão foi omitida porque, assim como a aplicação do período defendida pela Sociedade Torre de Vigia, ela mostrou estar em contradição direta com a profecia de Jeremias. Ao considerar esta aplicação, a Sociedade argumenta que "não há maneira razoável de

---

[40] Para uma análise completa dos textos que tratam dos setenta anos, veja o Capítulo 5 deste livro.

[41] "*Venha o Teu Reino*", pág. 189.

[42] *Ibid*., pág. 189.

esticar o primeiro ano de Ciro de 538 até 535 A.E.C."[43] Como a aplicação considerada não dava a entender isso, e como não tenho conhecimento de qualquer outro comentarista moderno que tente esticar o primeiro ano de Ciro "até 535 A.E.C.", essa frase parece ser nada mais que um "espantalho" criado pela própria Sociedade Torre de Vigia, com o fim de despistar. Embora um argumento dirigido contra esse "espantalho" possa derrubá-lo facilmente, o argumento erra completamente o verdadeiro alvo.[44]

Por fim, a Sociedade Torre de Vigia alega:

> . . . estamos dispostos a ser guiados principalmente pela Palavra de Deus, em vez de por uma cronologia que se baseia primariamente em evidência secular ou que discorda das Escrituras. Parece evidente que o entendimento mais fácil e mais direto das diversas declarações bíblicas é que os 70 anos começaram com a desolação completa de Judá, depois de Jerusalém ter sido destruída.[45]

Mais uma vez, estas declarações tendem a dar a impressão de que há um conflito entre a Bíblia e a evidência secular acerca dos setenta anos, e que a Sociedade Torre de Vigia apóia fielmente a Bíblia contra a evidência secular. Mas nada poderia estar mais longe da verdade. Pelo contrário, há bastante concordância entre os dados bíblicos e históricos com respeito ao período em discussão. Aqui, as descobertas históricas e arqueológicas, como em muitos outros casos, *apóiam e confirmam* as declarações bíblicas. Por outro lado, a interpretação do período de setenta anos apresentada pela Sociedade Torre de Vigia *está* em conflito com fatos estabelecidos pela evidência secular. Como foi claramente demonstrado neste capítulo e no Capítulo 5, ela está também em conflito frontal com o "o entendimento mais fácil e mais direto das diversas declarações bíblicas" sobre os setenta anos, tais

---

[43] *Ibid*.

[44] A maioria dos comentaristas finaliza os setenta anos com a queda de Babilônia em 539 A.E.C., com o decreto de Ciro em 538, com o regresso do primeiro restante judaico à Palestina em 538 ou 537 (Esdras 3:1, 2), ou com o início da reconstrução do templo em 536 (Esdras 3:8-10). (*Enciclopédia de Profecia Bíblica*, Professor J. Barton Payne, Grand Rapids: Baker Books, reimpressão de 1980 da edição de 1973, pág. 339, em inglês.) Curiosamente, estas alternativas (exceto a própria data 537 A.E.C. da Sociedade Torre de Vigia) não são sequer mencionadas no "Apêndice" ao "*Venha o Teu Reino*"!

[45] "*Venha o Teu Reino*", pág. 190.

como Jeremias 25:11, 12; 29:10; Daniel 1:1-6; 2:1; e Zacarias 1:7, 12 e 7:1-5.

Portanto, o *verdadeiro* conflito não é entre a Bíblia e a evidência secular, e sim entre a Bíblia e a evidência secular de um lado, e a Sociedade Torre de Vigia do outro. Uma vez que sua aplicação dos setenta anos está em conflito tanto com a Bíblia como com os fatos históricos, ela não tem nada que ver com a realidade e *merece rejeição por parte de todos os cristãos sinceros.*

RESUMO

Foi demonstrado amplamente neste capítulo que a Sociedade Torre de Vigia, em seu "Apêndice" ao livro "*Venha o Teu Reino*", não faz uma apresentação justa da evidência contra sua data 607 A.E.C.:

(1) Seus escritores deturpam a *evidência histórica* por omitirem de sua discussão cerca de metade da evidência apresentada na primeira edição deste livro (a Estela de Hila, o diário BM 32312, e documentos egípcios contemporâneos) e por darem a algumas das outras linhas de evidência apenas uma abordagem parcial e distorcida. Eles indicam erroneamente que sacerdotes e reis podem ter alterado documentos históricos (crônicas, inscrições reais, etc.) da era neobabilônica, apesar do fato de toda a evidência disponível indicar o contrário.

(2) Eles deturpam *autoridades em historiografia antiga*, por citá-las fora do contexto e por atribuir-lhes opiniões e dúvidas que elas não têm.

(3) Eles deturpam *escritores antigos*, por omitirem o fato de que Beroso é apoiado pela leitura mais direta de Daniel 1:1-6, por citarem Josefo quando ele fala de setenta anos de desolação sem mencionarem que no seu último trabalho ele mudou a duração do período para *cinqüenta* anos, e por se referirem à opinião do bispo do segundo século, Teófilo, sem mencionarem que ele finaliza os setenta anos, não só no segundo ano de Ciro, como também no segundo ano de Dario Histaspes (do mesmo modo que seu contemporâneo Clemente de Alexandria e outros), confundindo assim os dois reis.

Finalmente, (4) eles deturpam a *evidência bíblica* por esconderem o fato de que a leitura mais direta das passagens que tratam dos setenta anos mostra que esses anos são o período do domínio neobabilônico, não o período da desolação de Jerusalém. Este entendimento concorda plenamente com a evidência histórica, mas está em flagrante conflito

com a aplicação que lhe é dada pela Sociedade Torre de Vigia. É verdadeiramente aflitivo descobrir que indivíduos em cuja orientação espiritual milhões de pessoas confiam, lidam de maneira tão negligente e desonesta com os fatos. O "Apêndice" do livro "*Venha o Teu Reino*", que defende a cronologia deles, é nada mais que um exercício esperto na arte de esconder a verdade.

Pode-se perguntar: Por que os líderes de uma organização que enfatiza constantemente seu interesse na "Verdade", acham necessário na realidade suprimir a verdade e até mesmo opor-se a ela?

A razão óbvia é que eles não têm outra escolha, *enquanto insistirem que sua organização foi designada no ano de 1919 como o único canal e porta-voz de Deus na terra*. Se o cálculo 607 A.E.C. — 1914 E.C. for abandonado, esta reivindicação cairá por terra. Então estes líderes terão de admitir, pelo menos tacitamente, que sua organização, nos últimos cem anos, apareceu no cenário mundial num falso papel com uma falsa mensagem.

Quando o questionamento da data 607 A.E.C. tem sido ocasionalmente comentado nas publicações da Torre de Vigia em anos recentes, a única defesa tem sido uma referência ao "Apêndice" de 1981. Na revista *A Sentinela* de 1º de novembro de 1986, por exemplo, alega-se que "as Testemunhas de Jeová publicaram em 1981 *evidência convincente* em apoio da data de 607 AEC." Daí o leitor é encaminhado para o livro "*Venha o Teu Reino*", páginas 127-40, 186-90.[46]

Uma vez que o "Apêndice" da Sociedade só contém uma série de tentativas frustradas de minar a evidência *contra* a data 607 A.E.C., e como a única "evidência convincente" apresentada *a favor* da data é uma referência a "matéria ainda a ser descoberta", os escritores da Torre de Vigia estão evidentemente confiantes de que a maioria das Testemunhas desconhece completamente os fatos. E os líderes da Sociedade Torre de Vigia querem que fique assim. Isto é evidente à base dos avisos que se dão repetidamente nas publicações da Torre de Vigia contra ler literatura de ex-Testemunhas que conhecem os fatos sobre sua cronologia. Os líderes da Sociedade Torre de Vigia

[46] *A Sentinela* de 1º de novembro de 1986, pág. 6. (Ênfase acrescentada.) Uma referência similar ao "Apêndice" encontra-se na *Sentinela* de 15 de março de 1989, pág. 22.

Quando Terminaram Realmente os "Sete Tempos"?

Alguns argumentam que, mesmo que os "sete tempos" sejam proféticos e mesmo que tenham durado 2.520 anos, as Testemunhas de Jeová ainda assim estão enganadas sobre a importância de 1914, porque usam o ponto de partida errado. Afirmam que Jerusalém foi destruída em 587/6 AEC, não em 607 AEC. Se isto fosse verdade, transferiria o começo do "tempo do fim" em uns 20 anos. Entretanto, as Testemunhas de Jeová publicaram em 1981 evidência convincente em apoio da data de 607 AEC. ("Venha o Teu Reino", páginas 127-40, 186-90.) Além disso, será que os que procuram tirar de 1914 a sua importância bíblica podem provar que 1934 — ou, quanto a isso, qualquer outro ano — tenha tido um impacto mais profundo, mais dramático e mais espetacular na história do mundo do que 1914?

A Sentinela de 1º de novembro de 1986, página 6.

evidentemente temem que se permitirem que as Testemunhas se exponham a estes fatos, elas podem descobrir que as reivindicações proféticas do movimento baseiam-se em nada mais que especulações cronológicas sem fundamento, antibíblicas e anti-históricas.

Assim, embora a organização Torre de Vigia provavelmente use a palavra "Verdade" com mais freqüência do que a maioria das outras organizações na terra, o fato é que a verdade se tornou um inimigo do movimento. Por isso a organização tem de se opor à verdade e escondê-la.

É claro que qualquer um, seja um indivíduo ou uma organização, tem todo o direito de acreditar no que quiser, desde que isso não prejudique outras pessoas — que discos voadores existem, que a terra é plana, ou, neste caso, que Jerusalém, contrário a toda a evidência, foi

desolada em 607 A.E.C., e que, em algum lugar pode haver "matéria ainda a ser descoberta" para apoiar essas idéias.

Todavia, se esses "crentes" não estão dispostos a conceder a outros o direito de discordar de suas teorias, e em vez disso classificam como apóstatas sem Deus aqueles que já não mantêm o ponto de vista deles, condenam-nos à Geena se não mudarem de idéia, obrigam seus amigos e parentes a encará-los como criminosos iníquos sem Deus que têm de ser evitados, ostracizados e até odiados, explicando que Deus em breve vai exterminá-los para sempre junto com o resto da humanidade — então já é hora de tais "crentes" serem responsabilizados por suas opiniões, atitudes e ações. Qualquer fé que resulte em tais conseqüências graves para outras pessoas deve primeiro comprovar que está solidamente baseada na realidade, e não apenas em especulações insustentáveis que só podem ser apoiadas por "matéria ainda a ser descoberta."

B. DEFESAS NÃO OFICIAIS ESCRITAS POR TESTEMUNHAS DE JEOVÁ ERUDITAS

O "Apêndice" de 1981 é até agora a única tentativa oficial feita pela Sociedade Torre de Vigia para neutralizar as linhas de evidência contra a data 607 A.E.C. apresentadas em *Os Tempos dos Gentios Reconsiderados*. Evidentemente reconhecendo que a defesa da Sociedade é irremediavelmente inadequada, algumas Testemunhas de Jeová eruditas e membros de outros grupos de Estudantes da Bíblia começaram a elaborar por conta própria tratados em defesa da cronologia dos tempos dos Gentios. Vieram à minha atenção cerca de meia dúzia de tais escritos. A maioria deles foi enviada por Testemunhas de Jeová que os leram e queriam saber minha opinião sobre eles.

Uma característica comum destes escritos é sua falta de objetividade. Todos começam com uma idéia preconcebida que tem de ser defendida a todo o custo. Outra característica comum é que vez após vez os tratados refletem pesquisa inadequada, resultando com freqüência em erros graves. Infelizmente, alguns dos escritos também recorrem repetidamente a linguagem difamatória. Em publicações eruditas os autores geralmente se tratam com respeito, e escritos críticos são encarados como contribuições construtivas para o progresso do debate. Não seria de esperar que os cristãos também se

refreassem de usar linguagem depreciativa e desonrosa quando se referem a críticos sinceros? Classificá-los como "detratores", "ridicularizadores", e assim por diante, é exatamente o contrário da atitude recomendada pelo apóstolo Pedro em 1 Pedro 3:15.

Como os argumentos mais importantes apresentados nos tratados que vieram à minha atenção já foram considerados em seus devidos contextos nesta obra, não há necessidade de abordá-los novamente aqui. Uma breve descrição dos tratados elaborados por dois dos mais qualificados defensores da cronologia da Sociedade Torre de Vigia pode ser de interesse para os leitores e é apresentada a seguir.[47]

Rolf Furuli é uma Testemunha de Jeová que vive em Oslo, Noruega. Ele é ex-superintendente de distrito e é encarado pelas Testemunhas norueguesas como o principal apologista dos ensinos da Torre de Vigia naquele país, e as Testemunhas recorrem freqüentemente a ele com seus problemas doutrinais. Portanto, não surpreende que ele tenha achado ser uma tarefa importante "refutar" meu trabalho sobre a cronologia dos tempos dos gentios da Sociedade Torre de Vigia.

A primeira tentativa desse tipo feita por Furuli, um tratado de mais de cem páginas, intitulado "*Den nybabyloniske kronologi og Bibelen*" ("*A Cronologia Neobabilônica e a Bíblia*"), foi-me enviado por Testemunhas da Noruega em 1987. Da mesma forma que a Sociedade Torre de Vigia faz em seu "Apêndice", Furuli tentou minar a credibilidade das fontes históricas para a cronologia neobabilônica apresentadas em meu trabalho. Para satisfazer o desejo das Testemunhas norueguesas (que tinham entrado em contato comigo secretamente), resolvi escrever uma resposta ao tratado de Furuli.

As primeiras 31 páginas da minha resposta (que ao final chegou a 93 páginas) foram enviadas na primavera de 1987 para as Testemunhas norueguesas, que logo forneceram uma cópia a Rolf Furuli também. Furuli percebeu rapidamente que sua discussão fora exposta como insustentável e que se ele continuasse a circular seu tratado, minha resposta circularia também. Para impedir isto, ele escreveu-me uma

[47] Segundo a informação que tenho, John Albu, de Nova Iorque, era provavelmente o cronologista da Torre de Vigia mais versado na história neobabilônica. Há alguns anos disseram-me que ele tinha preparado alguma matéria em defesa da data 607 A.E.C., mas até agora nenhuma parte dela foi trazida à minha atenção. Albu morreu em 2004.

carta, datada de 23 de abril de 1987, na qual descreveu seu tratado como apenas "anotações pessoais" que não representavam suas "opiniões atuais" em "todos os detalhes", mas eram apenas uma expressão da informação que lhe estava disponível no momento em que foram escritas. Ele pediu-me que destruísse minha cópia de seu tratado e que nunca mais o citasse novamente.[48]

Três anos depois Furuli elaborou um segundo tratado destinado a derrubar a evidência apresentada em meu trabalho. Por algum tempo Furuli estivera estudando hebraico na universidade em Oslo, e em seu novo tratado de 36 páginas (datado de 1º de fevereiro de 1990) ele tentou argumentar que minha discussão dos setenta anos "para Babilônia" estava em contradição com o texto hebraico original.

Era evidente, porém, que o conhecimento que Furuli tinha do hebraico na época era muito deficiente. Tendo consultado vários proeminentes hebraístas escandinavos, escrevi uma resposta de 69 páginas, demonstrando detalhadamente que os argumentos no tratado dele eram baseados numa má compreensão da língua hebraica. Como Furuli, em sua discussão, tinha questionado a credibilidade do texto massorético hebraico (MT) do livro de Jeremias, minha resposta incluía também uma defesa deste texto contra o texto da Septuaginta Grega (LXX).

Em 2003 Furuli publicou um livro de 250 páginas sobre a cronologia *persa* que é basicamente uma defesa da datação errônea que a Torre de Vigia faz do reinado de Artaxerxes I. Inclui também uma seção de 18 páginas que contêm outra discussão lingüisticamente insustentável das passagens bíblicas sobre os 70 anos.[49]

Philip Couture, uma Testemunha de Jeová que reside na Califórnia, EUA, tem sido um membro do movimento da Torre de Vigia desde 1947. Durante anos ele tem feito pesquisa sobre história e cronologia

---

[48] Como descobri depois que Furuli continuou a compartilhar o tratado dele com Testemunhas que tinham começado a questionar a cronologia da Sociedade, não vi motivo para parar a circulação de minha resposta a ele. Um ponto principal na argumentação de Furuli era que as datas em alguns documentos cuneiformes da era neobabilônica geram "sobreposições" de alguns *meses* entre certos reinados, o que ele encarou como prova de que *anos* extras deveriam ser adicionados a estes reinados. Estas "sobreposições" são consideradas no Apêndice ao capítulo 3 deste livro.

[49] *A Cronologia Persa e a Duração do Exílio Babilônico dos Judeus*, Rolf Furuli (Oslo: R Furuli A/S, 2003). Para uma análise crítica do livro, veja o Apêndice.

neobabilônica, evidentemente com o objetivo de encontrar algum apoio para a data 607 A.E.C.

No outono de 1989 um amigo em Nova Jersey, EUA, enviou-me uma cópia de um tratado de 72 páginas (que incluía uma seção com páginas copiadas de vários trabalhos) intitulado *Um Estudo da Cronologia Neobabilônica da Torre de Vigia à Luz das Fontes Antigas* (em inglês). Foi escrito por um apologista anônimo da Torre de Vigia, e só muito tempo depois notei que meu amigo tinha incluído um pedaço de papel dizendo que o autor era Philip Couture.[50]

Embora Couture evite cuidadosamente mencionar meu trabalho, ele repetidamente faz citações dele ou referências a seu conteúdo. O motivo é, evidentemente, que não é admissível que ele tenha lido o que as publicações da Torre de Vigia classificam como "literatura apóstata." O único crítico que Couture menciona por nome é um Adventista do Sétimo Dia, William MacCarty, que lá em 1975 escreveu um folheto sobre o cálculo dos tempos dos gentios da Sociedade Torre de Vigia.[51]

Assim como o primeiro tratado de Furuli, o tratado de Couture é uma tentativa de minar a credibilidade das fontes históricas para a cronologia neobabilônica. Todavia, apesar de seus esforços, ele não consegue apresentar um único argumento válido que possa mover o peso da evidência contra a data 607 A.E.C. A razão para isto é que, não importa quão hábil e capaz uma pessoa possa ser, no fim será impossível que ela encontre qualquer apoio real e válido para uma idéia que é falsa e por isso basicamente insustentável.

Cerca de metade do tratado de Couture aborda *astronomia* e sua relação com a cronologia neobabilônica. Infelizmente, esta é uma área com a qual Couture, pelo menos na época em que escreveu o tratado, não estava muito familiarizado. Assim, embora uma seção separada de seu tratado contenha uma "palavra de cautela" com respeito ao "uso e abuso de eclipses", ele próprio cai repetidamente nas mesmas

[50] Isto me foi também confirmado pelo Professor John A. Brinkman da Universidade de Chicago, autor de uma carta dirigida a Couture que tinha sido incluída no tratado (com o nome do destinatário removido).

[51] *1914 e a Segunda Vinda de Cristo*, William MacCarty (em inglês - Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1975).

armadilhas contra as quais avisa.[52]

Como este e outros pontos importantes levantados por Couture foram abordados nas várias seções deste livro, não se fazem aqui mais comentários sobre seu tratado.[53] Não sei se Couture ainda está disposto a defender sua posição.

Alguns dos outros tratados que me foram enviados apresentam considerações das passagens bíblicas sobre os setenta anos, mas desconsideram a evidência histórica contra a data 607 A.E.C.[54] Esse tipo de consideração não é, como o autor do tratado talvez dê a entender, uma tentativa de defender a Bíblia contra ataques baseados em fontes seculares. Em vez disso, é uma tentativa de forçar o significado de textos bíblicos para adaptá-los a uma *teoria* que está em flagrante conflito com todas as fontes históricas do período neobabilônico. A escolha em tais discussões não é realmente entre a Bíblia e as fontes seculares; é entre uma teoria estimada e a evidência histórica. Quando a realidade histórica é ignorada, essas discussões nada mais são que exercícios fúteis de escapismo ou do simples desejo de acreditar.

---

[52] Um exemplo disto é sua discussão do eclipse lunar de 13 de ululu do segundo ano de Nabonido, descrito na inscrição real Nabon. No. 18, que os astrônomos modernos identificaram com o que ocorreu em 26 de setembro de 554 A.E.C. (Este eclipse é abordado no Capítulo 3 deste livro, seção B-1-c.) Na página 11 de seu tratado, Couture alega que "no intervalo de poucos anos em qualquer direção existem outros eclipses *lunares* que são igualmente possíveis." Mas em *nenhum* dos seis eclipses alternativos apresentados por Couture (datando de 563 a 543 A.E.C.) a lua se posicionou heliacamente (isto é, nenhum destes seis eclipses ocorreu num momento em que a lua se punha no oeste, ao mesmo tempo em que o sol nascia no leste), como se declara explicitamente na inscrição e três deles *nem sequer foram visíveis* em Babilônia! Erros desse tipo mostram que Couture, pelo menos na época em que escreveu seu tratado, não sabia como calcular e identificar antigos eclipses lunares.

[53] Para os que leram o tratado de Couture e estão interessados em minha resposta, uma detalhada refutação à parte está disponível por uma quantia para cobrir custos de cópia e postagem.

[54] Um exemplo disto é um livro de 136 páginas escrito por Charles F. Redeker, *Os 70 Anos Bíblicos. Um Olhar Sobre os Períodos do Exílio e da Desolação* (em inglês - Southfield, Michigan: A Torre de Sião da Manhã, 1993). Redeker é membro dos Estudantes da Bíblia da Aurora, uma ramificação conservadora de Estudantes da Bíblia, dissidente da organização Torre de Vigia, formada no início da década de 1930 em reação às muitas mudanças nos ensinos de Russell introduzidas pelo segundo presidente da Sociedade Torre de Vigia, Joseph F. Rutherford.

É de se esperar que continuem as tentativas de neutralizar a evidência histórica contra a data 607 A.E.C. apresentada neste trabalho. Provavelmente aparecerão novas discussões no futuro elaboradas pela Sociedade Torre de Vigia e/ou por outros defensores do cálculo 607 A.E.C. — 1914 E.C. Se, pelo menos superficialmente, alguns argumentos apresentados nessas discussões parecerem ter alguma força, terão de ser criticamente examinados e avaliados. Se houver necessidade, um informe sobre tais discussões será disponibilizado na Internet.

APÊNDICE

Ao Capítulo Um:

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS SOBRE O MOVIMENTO DO SEGUNDO ADVENTO

Conforme se mencionou nas páginas 49 e 50 deste livro, juntamente com o intenso interesse em profecias cronológicas, o movimento do Segundo Advento caracterizou-se também por diversos outros fatores distintivos.

Muitos dos grupos dissidentes do Segundo Adventismo que se ramificaram dos Mileritas originais rejeitavam as doutrinas da alma imortal e do inferno de fogo (e até mesmo a doutrina da trindade). Isto foi em grande parte devido aos artigos e tratados publicados nas décadas de 1820, 1830 e 1840 por um ex-pastor batista, *Henry Grew* de Hartford, Connecticut e depois de Filadélfia, Pensilvânia.[1]

A doutrina da "imortalidade condicional" foi introduzida originalmente entre o Mileritas por George Storrs. Foi a leitura de um dos tratados de Grew em 1837 que fez Storrs se voltar contra as doutrinas da alma imortal e do inferno de fogo, e depois se tornar o principal defensor do condicionalismo nos Estados Unidos.

Típico de muitos periódicos Segundo Adventistas, o *Crise Mundial* (em inglês) defendia o condicionalismo, a doutrina da imortalidade

[1] *A Fé Condicionalista de Nossos Pais* (em inglês), LeRoy Edwin Froom, Washington D.C.: Review and Herald, 1965, págs. 300-315. A posição anti-trinitarista de Grew foi também adotada pela maior parte dos Segundo Adventistas, incluindo os três principais grupos adventistas que se ramificaram dos adventistas "originais": 1) os Adventistas do Sétimo Dia, 2) os Cristãos do Advento e 3) os Adventistas da "era vindoura". Em 1898 a Igreja ASD, sob a autoridade de Ellen G. White, a "profetisa" deste movimento, mudou sua posição na questão. (Erwin Roy Gane, *As Idéias Arianas ou Antitrinitárias Encontradas na Literatura Adventista do Sétimo Dia e a Resposta de Ellen G. White,* tese de doutorado não publicada, Universidade de Andrews, junho de 1963, págs. 1-110, em inglês). Algumas décadas depois, a Igreja Cristã do Advento, também, começou a reconsiderar sua posição antitrinitária. — Veja *Ecos do Grito da Meia-noite: A Herança Milerita na Apologética da Denominação Cristã do Advento, 1860-1960*, David Arnold Dean (dissertação de mestrado não publicada, Seminário Teológico de Westminster, 1976) págs. 406-416, em inglês.

condicional — não inerente — da alma humana, com o dogma conseqüente de que o destino dos rejeitados por Deus é a destruição ou aniquilamento, e não o tormento consciente. O *Crise Mundial* tinha defendido a data de 1854 para a segunda vinda de Cristo e quando, assim como todas as datas anteriores, esta falhou, a "questão da imortalidade" ficou fortemente em evidência e causou uma segunda divisão importante dentro do movimento original.

Embora a doutrina da imortalidade condicional tenha sido por fim adotada pela maioria dos Segundo Adventistas, ela nunca foi aceita pela *liderança* do movimento original, que começou a condená-la cada vez mais como heresia em seu periódico, o *Arauto do Advento*. Finalmente, em 1858, os Segundo Adventistas originais, ou "Adventistas Evangélicos", como eles então se autodenominavam, romperam abertamente com os adventistas "condicionalistas" e formaram uma organização separada, a *Conferência Americana Evangélica do Advento*. Os Adventistas Evangélicos, porém, logo se tornaram minoria, uma vez que um número crescente de seus membros passou a apoiar os adventistas "condicionalistas". A associação finalmente deixou de existir nos primeiros anos do século 20.[2]

Depois do rompimento com os Adventistas Evangélicos, os apoiadores do periódico *Crise Mundial* também, formaram uma denominação separada em 1860, a *Associação Cristã do Advento* (depois "Igreja Cristã do Advento"), que é hoje a mais importante denominação adventista ao lado dos Adventistas do Sétimo Dia e das

[2] *"Saí de Babilônia": Um Estudo do Separatismo e Denominacionalismo Milerita, 1840-1865"*, David Tallmadge Arthur (em inglês - dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Rochester, 1970), págs. 291-306; *História da Segunda Mensagem do Advento*, Isaac C. Wellcome (em inglês - Yarmouth [Maine], Boston, Nova Iorque, Londres, 1874), págs. 597-600, 609, 610. Veja também a excelente análise de D. A. Dean, *op. cit.*, págs. 122-129. Até mesmo *Joshua V. Himes,* editor do *Arauto de Advento* e o líder mais influente no movimento original depois da morte de Miller em 1849, adotou a posição "condicionalista" em 1862 e deixou os Adventistas Evangélicos.

Testemunhas de Jeová.[3]

Todavia, muitos adventistas "condicionalistas" não se juntaram a esta associação, em parte porque se opunham fortemente a todas as formas de organização estruturada de igreja e não aceitariam qualquer nome para sua igreja, a não ser "Igreja de Deus", e em parte devido às suas idéias distintivas sobre a "era vindoura", ou seja, que os judeus seriam restabelecidos na Palestina antes da vinda de Cristo, que a vinda dele daria início ao milênio, e que os santos reinariam com Cristo por mil anos, período esse no qual o reino dele seria estabelecido na terra. No início da década de 1860, estes adventistas se separaram dos Cristãos do Advento.[4]

Em 1863 outro grupo de adventistas "condicionalistas", encabeçado por Rufus Wendell, George Storrs, R. E. Ladd, W. S. Campbell e outros, rompeu com a Associação Cristã do Advento e formou uma nova denominação, a *União da Vida e do Advento*. Este grupo promulgou a idéia de que só os justos seriam ressuscitados na vinda de Cristo. Os iníquos mortos permaneceriam em seus túmulos para sempre. Eles negavam também a personalidade do Espírito Santo e até mesmo do Diabo. Para promover estes ensinos, eles iniciaram um novo periódico, o *Arauto da Vida e do Reino Vindouro* (em inglês), sendo

---

[3] Numericamente, a associação desta igreja permaneceu com algo entre 30.000 e 50.000 membros ao longo de sua história. Os dois líderes e escritores mais influentes na formação da associação foram H. L. Hastings e Miles Grant, tendo sido este último o editor de *Crise Mundial* de 1856 a 1876. Hastings deixou a associação em 1865 e permaneceu independente de toda associação pelo resto de sua vida, embora ele tenha continuado a defender o condicionalismo e outros ensinos da denominação Cristã do Advento. (Veja Dean, *op. cit.*, págs. 133-135, 142, 210-294.)

[4] O principal defensor destes pontos de vista foi *Joseph Marsh*, de Rochester, Nova Iorque, editor do *Precursor do Advento e Defensor da Bíblia* (em inglês - nome mudado em 1854 para *Expositor Profético e Defensor da Bíblia,* também em inglês). Veja também D. T. Arthur, *op. cit.*, págs. 224-227, 352-371. Tanto Henry Grew como o tradutor bíblico Benjamim Wilson associaram-se com este grupo. (*Marcos Históricos da Igreja de Deus*, Oregon, Illinois: Conferência Geral da Igreja de Deus, 1976, págs. 51-53, em inglês) Devido à sua oposição a toda igreja organizada, os adventistas da "era vindoura" associavam-se de modo muito vago. Uma organização mais estável só foi formada em 1921, quando a *Igreja de Deus da Fé Abraâmica* foi organizada com sede em Oregon, Illinois. – D. T. Arthur, *op. cit.*, pág. 371.

Storrs o editor.[5] Depois Storrs mudou seu ponto de vista sobre a ressurreição e deixou o grupo em 1871, voltando a publicar sua antiga revista, *Examinador da Bíblia*.

Ao Capítulo Dois:

MÉTODOS DE CONTAGEM DE ANOS DE REINADO

Os sistemas ascensional e não-ascensional

Babilônia, e posteriormente a Medo-Pérsia, aplicaram o *sistema de ano de ascensão*, no qual o ano em que um rei assumia o poder era considerado como seu ano de ascensão, e o próximo ano, que começava em 1º de nisã (primavera setentrional), era considerado como seu primeiro ano de reinado.

No Egito aplicava-se o método oposto: o ano em que um rei assumia o poder já era contado como seu primeiro ano de reinado. Há evidência de que este último método, o *sistema não-ascensional*, era também aplicado no reino de Judá. A evidência é a seguinte:

1. Jeremias 46:2 declara que a Batalha de Carquemis em 605 A.E.C., na qual o exército do Faraó Neco do Egito foi derrotado por Nabucodonosor, ocorreu "no *quarto* ano de Jeoiaquim filho de Josias, rei de Judá". Segundo Jeremias 25:1, "o quarto ano de Jeoiaquim ... foi o *primeiro* ano de Nabucodonosor." Mas a *Crônica 5* neobabilônica (B.M. 21946) diz claramente que esta batalha ocorreu *no ano de ascensão* de Nabucodonosor, não em seu primeiro ano.[6] A razão por que Jeremias contou o ano de ascensão de Nabucodonosor como o primeiro ano dele parece ser que Judá não aplicava o sistema de ano de ascensão. Desse modo, Jeremias aplicou o sistema judaico não-ascensional não só a Jeoiaquim, mas também a Nabucodonosor.

2. Tanto 2 Reis 24:12; 25:8, como Jeremias 52:12 dizem que a deportação de Joaquim e a destruição de Jerusalém ocorreram no

[5] D. A. Dean, *op. cit.*, págs. 135-138; D. T. Arthur, *op. cit.*, págs. 349-351. A União da Vida e do Advento manteve-se ativa até 1964, quando se fundiu novamente com a Igreja Cristã do Advento.

[6] As crônicas neobabilônicas são abordadas no Capítulo 3, seção B-1.

oitavo e no *décimo nono* ano do reinado de Nabucodonosor, enquanto Jeremias 52:28-30 parece colocar estes eventos no *sétimo* e *décimo oitavo* ano de Nabucodonosor, respectivamente. A diferença em ambos os casos é de um ano. A *Crônica 5* neobabilônica está de acordo com Jeremias 52:28, declarando que Nabucodonosor sitiou Jerusalém e capturou Joaquim em seu sétimo ano.

Há evidência de que o último capítulo de Jeremias, o capítulo 52, não foi da autoria do próprio Jeremias. Isto é indicado claramente pela declaração final do capítulo precedente (Jeremias 51:64): "Até aqui são as palavras de Jeremias." Na realidade, o capítulo 52 é extraído quase que palavra por palavra de 2 Reis 24:18 a 25:30, *a única exceção sendo Jeremias 52:28-30*, os versículos que apresentam a divergência de um ano na referência aos anos do reinado de Nabucodonosor.[7] Com toda a probabilidade o professor Albertus Pieters dá a explicação correta desta diferença ao declarar:

> Pode-se explicar perfeitamente esta diferença se admitirmos que a seção em questão foi acrescentada às profecias de Jeremias por alguém em Babilônia que teve acesso a um relatório ou registro oficial no qual a data estaria naturalmente fixada de acordo com o sistema de contagem babilônico.[8]

De modo que o compilador de Jeremias 52 reproduziu fielmente as datas encontradas em suas duas fontes, ainda que essas fontes refletissem dois modos diferentes de contar anos de reinado: o sistema de ano de ascensão usado pelos babilônios, e o sistema não-ascensional usado pelos judeus.

Os últimos quatro versículos do capítulo 52 de Jeremias (versículos 31-34), embora extraídos literalmente de 2 Reis 25:27-30, refletem também o sistema de ano de ascensão, o que pode ser explicado pelo

---

[7] Não se pode determinar se o capítulo 52 foi adicionado pelo próprio Jeremias, por seu secretário Baruque, ou por alguma outra pessoa. A razão da inclusão desta seção de 2 Reis pode ter sido "mostrar como as profecias de Jeremias se cumpriram." – *O Livro de Jeremias*, Dr. J. A. Thompson (em inglês - Grand Rapids: Wm. B. Eerdman's Publishing Co., 1980), págs. 773, 774.

[8] "O Terceiro Ano de Jeoiaquim", Albertus Pieters em *Das Pirâmides a Paulo*, editado por Lewis Gaston Leary (em inglês - Nova Iorque: Thomas Nelson e Filhos, 1935), pág. 186. A idéia de que a informação em Jeremias 52:28-30 pode ter sido acrescentada ao livro de Jeremias *em Babilônia* é também apoiada pelo fato de que a versão de Jeremias da *Septuaginta* grega (*LXX*), que foi produzida *no Egito* (talvez com base em um manuscrito preservado pelos judeus naquele país), não inclui estes versículos.

fato de que a passagem reproduz informação que deve ter sido recebida originalmente de Babilônia. Como se declara nesta passagem, Evil-Merodaque (Avil-Marduque), "no ano em que se tornou rei", libertou o rei judaico Joaquim da prisão no 37º ano de seu exílio. Segundo o Professor Pieters, a frase "no ano em que se tornou rei" (Jeremias 52:31) "é o termo tecnicamente correto para o ano da ascensão do monarca"[9] e os documentos babilônicos usam uma expressão semelhante ao fazerem referência ao ano de ascensão.

Que o escritor do trecho de Jeremias 52:28-34 usou o sistema de ano de ascensão é, desta maneira, a conclusão de vários eruditos bíblicos modernos.[10]

3. É bem provável que o sistema de ano de ascensão foi também usado pelo profeta Daniel em Daniel 1:1, onde ele data a primeira deportação de exilados judaicos no "*terceiro* ano" de Jeoiaquim. Todavia, esta deportação deve ter sido após a Batalha de Carquemis, cuja vitória pavimentou o caminho para Nabucodonosor invadir e conquistar os países no oeste, incluindo Judá.

Conforme se mencionou acima, esta batalha é datada em Jeremias 46:2 no "*quarto* ano" de Jeoiaquim, não no terceiro. Por isso, a maioria dos comentaristas prefere considerar o "terceiro ano" mencionado em Daniel 1:1 como um crasso erro histórico do autor do livro, e como uma indicação de que ele não era contemporâneo ao evento, mas escreveu centenas de anos depois do ocorrido. Alguns, incluindo a Sociedade Torre de Vigia, argumentam que a deportação mencionada no texto era a mesma que ocorreu oito anos depois, após o fim do 11º ano do reinado de Jeoiaquim, quando seu filho e sucessor, Joaquim, foi mandado para o exílio em Babilônia.[11]

Porém, se levarmos em conta que Daniel vivia em Babilônia no período neobabilônico e ocupava um alto posto em sua administração, seria natural ele aplicar o calendário babilônico e o sistema deles de

---

[9] Pieters, *op. cit.*, pág. 184.

[10] Veja, por exemplo, *A Bíblia Âncora: Jeremias*, John Bright (em inglês - Nova Iorque.: Doubleday, 1965), pág. 369; J. A. Thompson, *op. cit.*, pág. 782, e Nova Luz Sobre Nabucodonosor e a História Judaica", J. Philip Hyatt, *Revista de Literatura Bíblica*, Vol. 75 (1956), pág. 278.

[11] *Estudo Perspicaz das Escrituras,* Vol. 2 (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1991), pág. 489. Um exame detalhado desta teoria é apresentado no Apêndice ao Capítulo 5: "O 'terceiro ano de Jeoiaquim' (Daniel 1:1, 2)."

computar anos de reinado, procedendo assim até mesmo quando se referia a reinados de reis não babilônicos, incluindo Jeoiaquim, da mesma forma que Jeremias, vivendo na Judéia, tinha aplicado por sua vez o sistema judaico não-ascensional ao se referir ao reinado de Nabucodonosor.

4. O calendário babilônico foi também usado (juntamente com o calendário civil egípcio) pela colônia judaica em Elefantina, ao sul do Egito, do 5º século em diante, como foi confirmado pelo Dr. Bezalel Porten e por outros. O Dr. Sacha Stern conclui que, calendários "não-judaicos ou 'oficiais' foram usados rotineiramente pelos judeus da Diáspora durante toda a Antigüidade."[12]

Vários problemas difíceis da cronologia bíblica são facilmente solucionados se levarmos em consideração os sistemas de ano de ascensão e não-ascensional. Um estudo das tabelas cronológicas na seção final deste Apêndice ("Tabelas cronológicas que abrangem os setenta anos") deixará isto claro.

Anos nisã e tisri

É bem estabelecido que os calendários assírio, babilônico e persa começavam em 1º de nisã (o primeiro dia do mês de nisã, na primavera, hemisfério norte) que era também o início dos anos de reinado. Em períodos posteriores, os judeus, tinham dois começos de seus anos civis: 1º de nisã, na primavera setentrional e 1º de tisri, seis meses depois, no outono setentrional — sendo 1º de tisri o dia de ano-novo posterior.[13] Embora nisã fosse o começo do calendário *sagrado*, e os meses sempre fossem numerados a partir dele,[14] tisri foi mantido como o início do calendário *secular*.

---

[12] "O Calendário Babilônico em Elefantina", Sacha Stern, *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, Band 130 (2000), pág. 159.

[13] *Novo Dicionário Bíblico*, editado por J. D. Douglas, 2ª ed. em inglês (Leicester, Inglaterra: Inter-Varsity Press, 1982), pág. 159; compare com *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1, pág. 403.

[14] "Nas Escrituras Hebraicas os meses são numerados a partir de nisã, apesar de a contagem do ano ter sido de primavera a outono." – *Os Misteriosos Números dos Reis Hebreus*, Edwin R. Thiele, edição revisada em inglês (Grand Rapids: Casa Publicadora Zondervan, 1983), pág. 52. Na nota de rodapé 11 da mesma página ele dá muitos exemplos disto.

A questão é: Será que os reis de Judá seguiam o costume de Babilônia e de outros países de contar os anos de reinado a partir de 1º de nisã, ou eles consideravam tisri como o começo de seu ano secular? Embora os eruditos discordem nisto, a evidência mostra que os reis de Judá contavam seus anos de reinado de tisri a tisri.

1. Jeremias 1:3 declara que, após a desolação da cidade, os habitantes de Jerusalém, "fo[ram] ao exílio no *quinto* mês" o que também está de acordo com o registro em 2 Reis 25:8-12. Diz ainda que este quinto mês foi no "*fim* do décimo primeiro ano do reinado de Sedecias [Zedequias]."[15] Só se os anos de reinado fossem considerados como começando em tisri (o sétimo mês) poder-se-ia dizer que o quinto mês foi no "fim" do décimo primeiro ano do reinado de Zedequias, o qual terminou no mês seguinte, elul, o sexto mês.

2. Conforme 2 Reis 22:3-10, o Rei Josias de Judá deu início aos consertos no templo de Jerusalém, em seu *décimo oitavo* ano. Durante estes consertos o sumo sacerdote Hilquias achou "o livro da lei" no templo.[16] Esta descoberta resultou em uma extensiva campanha contra a idolatria no país inteiro. Depois Josias reinstituiu a Páscoa em 14 de nisã, duas semanas após o início do novo ano segundo o calendário sagrado. É muito interessante que se diz que essa páscoa foi celebrada "no *décimo oitavo* ano do Rei Josias." (2 Reis 23:21-23) Uma vez que os consertos do templo, a eliminação da idolatria no país e muitas outras coisas registradas em 2 Reis 22:3 — 23:23 não poderiam ter razoavelmente ocorrido dentro de apenas duas semanas, parece óbvio que o décimo oitavo ano do reinado de Josias não foi contado a partir de 1º de nisã, e sim a partir de 1º de tisri.

3. Outra indicação de uma contagem de anos de reinado em Judá a partir de tisri é dada em Jeremias 36. No "*quarto* ano de Jeoiaquim" (versículo 1), Iavé disse a Jeremias que escrevesse num livro todas as

---

[15] *BJE, ALA, BEP* e outras versões. A *Tradução do Novo Mundo* (*TNM*) usa a palavra "término": "até o *término* do décimo primeiro ano de Zedequias, filho de Josias, rei de Judá, até que Jerusalém foi ao exílio, no quinto mês."

[16] Conforme argumentam muitos comentaristas, o "livro da lei" era provavelmente o livro de Deuteronômio, que pode ter estado perdido durante algum tempo mas que agora havia sido reencontrado. Cf. *1 e 2 Reis*, Professor Donald J. Wiseman, (em inglês - Leicester: Editora Inter-Varsity, 1993), págs. 294-296.

palavras que ele tinha falado a Jeremias contra Israel, Judá, e todas as nações (versículo 2). Jeremias fez isto por meio de Baruque, seu secretário (versículo 4). Quando Baruque terminou o trabalho, Jeremias lhe pediu para "[ir] e [ler] para o povo do rolo que escreveste, ditado por mim, todas as palavras de Iahweh, na casa de Iahweh, no dia de jejum." (Jeremias 36:5, 6, *BJE*). Que jejum?

Era evidentemente um jejum especial proclamado por alguma razão não especificada. Mui provavelmente a razão era a Batalha de Carquemis em maio-junho daquele mesmo ano, "no *quarto* ano de Jeoiaquim" (Jeremias 46:2), e os eventos subseqüentes, incluindo o sítio erguido contra Jerusalém no mesmo ano, segundo Daniel 1:1. Embora Nabucodonosor tivesse retornado a Babilônia naquele momento, devido à morte do pai dele, (conforme registrado na *Crônica 5* neobabilônica), os judeus tinham boas razões para temer que ele logo voltaria e continuaria suas operações em Judá e nas áreas circunvizinhas. Tendo em vista este contexto, uma "convoca[ção de] um jejum diante de Yahweh, para todo o povo de Jerusalém e para todo o povo que vinha das cidades de Judá" (Jeremias 36:9, *BJE*) é bem compreensível. É muito interessante que este jejum a respeito do qual Baruque leria em voz alta no rolo de papel que ele tinha escrito, ocorreu "no *quinto* ano de Jeoiaquim, filho de Josias, rei de Judá, *no nono mês*", segundo o mesmo versículo.

Se os anos de reinado de Jeoiaquim foram contados a partir de nisã, o primeiro mês, Baruque começou a registrar as profecias de Jeremias cerca de um ano antes deste jejum. Além disso, ele parece ter sido *proclamado* já no quarto ano de Jeoiaquim (versos 1, 6), ou seja, cerca de nove meses antes de ser feito. Tudo isso seria muito improvável. Mas se os anos de reinado de Jeoiaquim foram contados a partir de tisri, o sétimo mês, o quarto ano dele terminou em elul, o sexto mês (correspondendo a partes de agosto e setembro de 605 A.E.C.), com o jejum no nono mês (partes de novembro e dezembro de 605 A.E.C.) ocorrendo pouco mais de dois meses após o início do quinto ano de Jeoiaquim.

De modo que o registro que Baruque fez das profecias de Jeremias, só levou alguns meses, o que é o mais provável, e o jejum pode ter sido proclamado apenas dois meses antes de ser realizado, e não muito depois da Batalha de Carquemis e das subseqüentes operações

babilônicas na Síria e na Palestina, no verão e no outono de 605 A.E.C.[17]

4. Há também evidência de que, pelo menos em algumas referências a reis estrangeiros, os escritores judaicos contaram os anos de reinado deles segundo o ano tisri. Isto foi feito, por exemplo, por Neemias. Em Neemias 1:1 ele faz referência ao mês de quisleu (novembro-dezembro) do *vigésimo* ano de Artaxerxes. Mas o mês de nisã do ano seguinte ainda é chamado de *vigésimo* ano de reinado de Artaxerxes. (Neemias 2:1) Se Neemias tivesse computado os anos de reinado de Artaxerxes a partir de 1º de nisã, ele deveria ter escrito *vigésimo primeiro* ano no capítulo 2, versículo 1. De modo que Neemias obviamente contou os anos de reinado do rei persa Artaxerxes segundo o calendário judaico, de tisri a tisri e não segundo a contagem persa, de nisã a nisã. Isto é também defendido no dicionário bíblico da Sociedade Torre de Vigia, *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 3 (1992), página 77.[18]

Que Judá seguiu uma contagem de anos de reinado de tisri a tisri, pelo menos neste período de sua história, é a conclusão de alguns dos mais competentes eruditos e estudantes de cronologia bíblica, como por exemplo, Sigmund Mowinckel, Julian Morgenstern, Friedrich Karl

[17] Segundo a *Crônica 5* neobabilônica, Nabucodonosor foi entronizado em Babilônia "no primeiro dia do mês de elul", correspondendo a 7 de setembro de 605, segundo o calendário juliano. Depois disso, e ainda em seu ano de ascensão, "Nabucodonosor retornou a Hatu [a área da Siro-Palestina, a oeste]. Até o mês de sebate [partes de janeiro e fevereiro de 604 A.E.C.] ele marchou vitorioso por toda a parte em Hatu." – *Crônicas Assírias e Babilônicas*, A. K. Grayson (em inglês - Locust Valley, Nova Iorque: J.J. Augustin Publisher, 1975), pág. 100. Assim Nabucodonosor poderia já ter retornado à área de Hatu no momento do jejum, em novembro ou dezembro de 605 A.E.C. O perigo de outra invasão de Judá teria, pois, parecido iminente.

[18] Poucos eruditos parecem concordar que no sétimo e no sexto séculos Judá fez uso de uma combinação de *ambos* os sistemas: o sistema não-ascensional *e* a contagem de anos de reinado de tisri a tisri, como se defende neste livro. Os que normalmente optam pelo sistema não-ascensional geralmente afirmam que Judá aplicou a contagem de nisã a nisã, e os que argumentam que foi utilizada a contagem de anos de reinado de tisri a tisri geralmente crêem que foi usado o sistema de ano de ascensão.

Kienitz, Abraham Malamat, e Edwin R. Thiele.[19] Embora esta maneira de contar anos de reinado torne os sincronismos entre a cronologia de Judá e de Babilônia um pouco mais complicados, ela esclarece muitos problemas quando é aplicada. Nas tabelas cronológicas das páginas 410-412 deste livro, ambos os tipos de anos de reinado são colocados em paralelo com o nosso calendário moderno.

Ao Capítulo Três:

ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE ERROS DE CÓPIA, LEITURA E ESCRITA EM TABUINHAS CUNEIFORMES

Se vinte anos devem ser acrescentados à Era Neobabilônica, deveria ter sido encontrado *um número considerável* de textos datados para *cada um* destes anos. Tal acréscimo jamais resultaria de um ou dois documentos dessa era, datados de maneira estranha. Assim como os escriturários, secretários e guarda-livros da atualidade, os escribas babilônicos às vezes cometiam erros de escrita. Como a escrita era feita enquanto a tabuinha de argila estava mole, alguns erros podiam ser corrigidos antes que ela secasse. Muitas tabuinhas apresentam indícios de riscos e correções. Geralmente os erros encontrados nas tabuinhas têm que ver com detalhes de menor importância, repetições, omissões, etc. Embora os erros às vezes se refiram também à data, é notável que a maioria das datas estranhas encontradas em catálogos modernos das tabuinhas babilônicas é resultante de erros *modernos* de

[19] Veja por exemplo a crítica que J. Morgenstern faz da *Cronologia Babilônica 626 A.C. - 75 A.D.* de Parker e Dubberstein na *Revista de Estudos do Oriente Próximo*, Vol. 2 em inglês (1943), págs. 125-130, e o artigo do Dr. A. Malamat, "O Crepúsculo de Judá: No Redemoinho Egípcio-Babilônico", em *Suplementos ao Velho Testamento*, Vol. XXVII (em inglês - Leiden: E.J. Brill, 1975), pág. 124, incluindo a nota 2; também "As Datas em Ezequiel em Relação às Fontes Bíblicas, Babilônicas e Egípcias", de K. S. Freedy e D. B. Redford, *Revista da Sociedade Oriental Americana*, Vol. 90 (em inglês - 1970), págs. 464, 465. O Dr. Edwin R. Thiele, porém, presume que enquanto os livros dos Reis computam os anos de reinado a partir de tisri, Jeremias e Ezequiel computam-nos a partir de nisã. (*Os Misteriosos Números dos Reis Hebreus*, E. R. Thiele, Grand Rapids: Casa Publicadora Zondervan, 1983, págs. 51-53, 182-191, em inglês.) Esta é, ao que parece, uma especulação bem forçada e desnecessária, se admitirmos que durante este período utilizaram-se tanto os anos de reinado tisri, como o sistema não-ascensional.

leitura, cópia e impressão, incluindo leitura ou tipografia errada de nomes de reis.

Em sua tentativa de defender a cronologia da Sociedade Torre de Vigia, algumas Testemunhas, tanto nos Estados Unidos como na Noruega, têm explorado não apenas tais erros de cópia, leitura e escrita nos textos cuneiformes, mas também as datas em alguns documentos, que parecem criar sobreposições de algumas semanas ou meses entre os reinados de alguns dos reis neobabilônicos. Por esta razão, parece necessário examinar atentamente estes problemas.

Erros modernos de cópia e leitura

Conforme indica o Sr. C. B. F. Walker, do Museu Britânico, "leitores modernos com freqüência leram errado os nomes e os números dos meses em tabuinhas babilônicas."[20] Nomes de reis são às vezes lidos também de maneira incorreta por eruditos modernos. Uma vez que a datação dentro do período babilônico é baseada em *anos de reinado* (em vez de ser baseada em *períodos*) o nome do rei em questão é obviamente crucial.

Desse modo, a tradução publicada dum texto fez referência ao "*4º ano de Labashi-Marduque*"[21], um governante babilônico. Depois os eruditos perceberam que o texto se referia na verdade ao rei assírio *Samas-sum-iuquin*.[22] (Há uma enorme diferença em nossa ortografia *alfabética* dos dois nomes, mas devemos lembrar que estes foram escritos em *sinais cuneiformes* os quais, neste caso, davam bem maior margem a erro.) Um erro de leitura similar em outra tabuinha resultou

---

[20] Carta de Walker a Jonsson, 1º de outubro de 1987. Isto se reflete também nos catálogos *CBT* na coleção de Sipar do Museu Britânico, mencionada no capítulo 3 deste livro, nota de rodapé 60, a qual lista uns 40.000 textos. Um bom número de datas estranhas são apenas erros de impressão, enquanto muitas outras na coleção são resultantes de erros de leitura. Uma lista com correções e acréscimos é mantida no museu pelo Sr. Walker.

[21] *Um Catálogo de Antigas Tabuinhas Babilônicas na Biblioteca Bodleian, Oxford IV*, R. Campbell Thompson (em inglês - Londres: Luzac e Co., 1927), tabuinha nº. A 83.

[22] Carta do Dr. D. J. Wiseman a Jonsson, 19 de junho de 1987.

na referência ao 21º ano de Sin-shar-ishkun, o penúltimo rei assírio.[23] Um reexame posterior desta seção danificada levou à conclusão de que mais provavelmente a referência era ao rei babilônico Nabu-apla-usur (Nabopolassar).[24]

Erros de escrita

Todavia, nem todas as datas divergentes constituem erros modernos. É bem estabelecido que o rei persa Cambises, filho de Ciro, governou durante oito anos (529/28-522/21 A.E.C.). Ainda assim, um texto do reinado dele (BM 30650) parecia ser datado no "*11º ano*" de Cambises. A princípio o texto causou muita discussão entre os eruditos, mas finalmente se concluiu que ele se refere ao *primeiro* ano de Cambises. O número "1" tinha sido escrito em cima de um "10" original, que o escriba não tinha conseguido apagar completamente, resultando em um número que facilmente poderia ser lido incorretamente como "11".[25]

---

[23] *Textes Cunéiformes, Tome XII, Contrats Néo-Babyloniens*, I, G. Contenau (Paris: Librarie Orientaliste, 1927), pág. 2 + Pl. X, tabuinha nº 16; *Archiv für Orientforschung*, Vol. 16, 1952-53, pág. 308; *Journal of Cunéiform Studies*, Vol. 35:1-2, 1983, pág. 59.

[24] Carta da Dra. Béatrice André, do Museu do Louvre, para C. O. Jonsson, 20 de março de 1990. Como Nabopolassar, o pai de Nabucodonosor, reinou durante 21 anos, esta leitura do nome do rei não gera qualquer problema. Nos primórdios da Assiriologia a leitura dos nomes dos reis era uma tarefa muito mais árdua. Em 1877, por exemplo, Wt. St. Chad Boscawen encontrou duas tabuinhas no arquivo da casa comercial babilônica de Egibi, que pareciam mencionar dois reis neobabilônicos anteriormente desconhecidos: *Marduk-shar-uzur* e *La-khab-ba-si-kudur*. Todavia, mostrou-se depois que os dois nomes eram leituras incorretas de *Nergal-shar-uzur* [Neriglissar] e *Labashi-Marduque*. Segundo o banqueiro Bosanquet, que financiou o trabalho de Boscawen nas tabuinhas, havia também uma tabuinha no arquivo de Egibi, datada no 11º ano de Nergal-shar-uzur. Todavia, nenhuma tabuinha assim foi encontrada desde então na coleção do Museu Britânico. Mui provavelmente era outra leitura incorreta, e o próprio Bosanquet não fez mais referência a isso, quando apresentou depois sua própria cronologia da Era Neobabilônica, a qual era totalmente insustentável e especulativa. — *Transações da Sociedade de Arqueologia Bíblica*, Vol. 6 (em inglês - Londres 1878), págs. 11, 78, 92, 93, 108-111, 262, 263; "George Smith e as "Tabuinhas de Egibi"", S. M. Evers, *Iraque*, Vol. LV em inglês, 1993, pág. 110.

[25] *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft*, F. H. Weissbach, Vol. LV em inglês, 1901, págs. 209, 210, com referências.

Outro documento foi datado no *"10º ano" de Ciro*, embora se saiba à base de todas as fontes antigas que Ciro só reinou nove anos. O problema foi logo resolvido. No período em questão, os escribas geralmente faziam duplicatas de um acordo, uma para cada parte. Foram encontradas várias de tais duplicatas, incluindo uma para este texto. Porém, em vez de estar datada no *décimo ano* de Ciro, esta cópia está datada no "*2º ano*" de Ciro. Evidentemente a primeira cópia continha um erro de escrita.[26]

Os dois exemplos citados acima são do período persa. O que dizer do período neobabilônico?

Encontraram-se uns poucos documentos desta era com datas incomuns, que geram alguns problemas. É notável, porém, que os problemas relacionam-se apenas com *números referentes a mês*, *não com números de ano*. Em seu extremo esforço de encontrar pelo menos algum apoio para sua posição, alguns defensores da cronologia da Torre de Vigia têm procurado transformar de maneira ilógica estas sobreposições de *meses* numa prova de que há diferenças que envolvem *anos*. Como a evidência mostrará, nenhum dos documentos serve para questionar de modo válido a cronologia do período.

Uma sobreposição entre Nabucodonosor e Amel-Marduque?

Duas das tabuinhas que contêm datas problemáticas são do ano de ascensão de Amel-Marduque, filho e sucessor de Nabucodonosor.

O último documento do reinado de Nabucodonosor é datado em 26/VI/43 (dia 26, mês 6, ano 43, correspondendo a 8 de outubro de 562 A.E.C.). Segundo a obra *Cronologia Babilônica*, de Parker & Dubberstein, publicada em inglês em 1956, o primeiro texto do reinado de seu filho e sucessor, Evil-Merodaque, é datado em 26/VI/asc. (dia 26, mês 6, ano de ascensão), ou seja, *no mesmo dia*.[27]

Todavia, desde 1956 foram encontradas duas tabuinhas em Sipar que são datadas *um mês antes* no ano de ascensão de Evil-Merodaque, ou seja, *no quinto mês*. Em uma das tabuinhas (BM 58872) o número do dia está danificado e ilegível, mas a outra tabuinha (BM 75322) está

[26] Weissbach, *Ibid.*, pág. 210.

[27] *Cronologia Babilônica: 626 A.C. – 75 A.D.*, R. A. Parker e W. H. Dubberstein (em inglês - Providence: Editora da Universidade Brown, 1956), pág. 12.

claramente datada em 20/V/asc.[28] De modo que estes textos indicam que havia uma sobreposição de mais de um mês entre os reinados dos dois reis:

43° ano de Nabucodonosor			**Último texto: 26/VI/43**		
Meses	*4° mês*	*5° mês*	*6° mês*	*7° mês*	
Ano de asc. de Evil-Merodaque: primeiro texto: 20/V/asc.					

Uma explicação para esta sobreposição é que Nabucodonosor pode ter morrido antes de outubro (o sexto mês do ano civil babilônico, que incluía parte de outubro) e alguns escribas continuaram datando documentos no reinado dele durante algumas semanas, até ficar plenamente claro quem seria o sucessor. Beroso declara que o filho e sucessor dele Amel-Marduque "manobrou os assuntos de maneira ilegal e ultrajante", e então "enfrentou conspiração e foi morto por Neriglisaros [Neriglissar], marido da irmã dele", depois de apenas dois anos de reinado.[29] Conforme abordado pelo assiriologista polonês Stefan Zawadzki, provavelmente o mau caráter de Evil-Merodaque já era evidente antes de ele tornar-se rei, o que pode ter provocado oposição a que ele assumisse o trono em alguns círculos influentes. Esta pode ter sido a razão por que durante algumas semanas alguns escribas continuaram datando seus documentos no reinado do falecido

---

[28] Uma tradução do primeiro texto (BM 58872) foi publicada por R. H. Sack em 1972 (Nº. 79 em *Amel-Marduk 562-560 A.C.*, Ronald H. Sack, Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1972, págs. 3, 106, em inglês). Para o segundo texto (BM 75322), veja *CBT* (cf. a pág. 376 deste Apêndice, nota 20), Vol. VIII, pág. 31. Dois outros textos publicados por Sack (numerados como 56 e 70 na obra dele) parecem ser datados no "4º mês" do ano de ascensão de Evil-Merodaque, o que significaria uma sobreposição de *dois meses* com o reinado do pai dele. Todavia, o Sr. Walker, na citação, confirmou que o nº. 56 (BM 80920) está datado no "7º mês", como se mostra também em *CBT* VIII, pág. 245. Em Sack nº. 70 (UCBC 378), o mês está também danificado, e talvez seja 7 em vez de 4". (Citação do Prof. Niek Veldhuis, de Berkeley, Califórnia, em 2 de outubro de 2007.) Além disso, no BM 65270 (alistado em *CBT* VII) o nome do mês é difícil de ser lido, e "talvez seja mais provável que o mês é 7 em vez de 4." — Carta de Walker a Jonsson, 13 de novembro de 1990. Cf. também *Nabucodonosor e Babilônia*, D. J. Wiseman (em inglês - Oxford: Editora da Universidade de Oxford, 1985), págs. 113, 114.

[29] *A Babiloníaca de Beroso. Fontes do Antigo Oriente Próximo*, Stanley Mayer Burstein, Vol. 1, fascículo 5 (em inglês - Malibu, Califórnia.: Publicações Undena, 1978), pág. 28.

pai dele.[30] (Já se indicou que Nabonido evidentemente encarava Evil-Merodaque como um usurpador.)

Com o objetivo de acrescentar alguns anos ao período neobabilônico, alguém poderia argumentar, como fez uma fonte norueguesa, que as datas acima, em vez de indicarem uma sobreposição, mostram que o quadragésimo terceiro ano de Nabucodonosor não coincidiu com o ano de ascensão de Evil-Merodaque e que ou Nabucodonosor reinou por mais de quarenta e três anos ou houve outro rei desconhecido entre eles.

Todavia, tais suposições são refutadas pela própria Bíblia. Uma comparação de 2 Reis 24:12 e 2 Crônicas 36:10 com Jeremias 52:28 mostra que o exílio de Joaquim começou perto do fim do sétimo ano de reinado de Nabucodonosor. Isto significaria que no momento da morte de Nabucodonosor em seu quadragésimo terceiro ano, Joaquim tinha passado quase trinta e seis anos no exílio (43-7=36), e que o *trigésimo sétimo* ano de exílio começou naquele mesmo ano, isto é, o ano de ascensão de Amel-Marduque (Evil-Merodaque). E esta é *exatamente* a informação que se dá em Jeremias 52:31:

> Mas no trigésimo sétimo ano da deportação de Joaquin, rei de Judá, no décimo segundo mês, no vigésimo quinto (dia) do mês, Evil-Merodac, rei da Babilônia, no ano em que começou a reinar, concedeu graça a Joaquin, rei de Judá, e o fez sair do cárcere. — *BJE*. (Compare com 2 Reis 25:27.)

---

[30] "A Situação Política em Babilônia Durante o Reinado de Amel-Marduque", Stefan Zawadzki em *Shulmu IV: O Cotidiano no Antigo Oriente Próximo: Documentos Apresentados na Conferência Internacional, Poznan, 19-22 de setembro de 1989*, editado por J. Zablocka e S. Zawadzki (em inglês - Poznan: Editora da Universidade Adam Mickiewicz, 1993), págs. 309-317. Que Nabucodonosor provavelmente morreu antes do sexto mês de seu 43º ano é também apoiado por um texto neobabilônico de Uruque, YBC 4071, datado no dia 15 de abu (o quinto mês), do 43º ano da "Dama de Uruque, Rei de Babilônia" (sendo a "Dama de Uruque" Istar, a deusa de guerra e do amor, cujo grande templo situava-se em Uruque). O Dr. David B. Weisberg, que publicou este texto em 1980, conclui que Nabucodonosor evidentemente estava morto neste momento, embora "escribas cautelosos continuassem a datar para ele mesmo após sua morte, esperando prudentemente para ver quem seria seu sucessor. Todavia, alguém pode ter preferido a opção de datar para A Dama de Uruque, 'Rei' de Babilônia". — *Textos da Época de Nabucodonosor*, D. B. Weisberg, Séries Orientais de Yale, Vol. XVII (em inglês - New Haven e Londres: Editora da Universidade de Yale, 1980), pág. xix. Cf. Zawadzki, *op. cit.*, pág. 312.

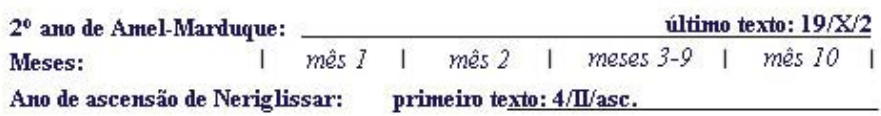
É evidente que a Bíblia não admite qualquer ano adicional entre o quadragésimo terceiro ano de Nabucodonosor e o ano de ascensão de Amel-Marduque.

Uma sobreposição entre Amel-Marduque e Neriglissar?

Antes da publicação dos catálogos *CBT* em 1986-88 (veja a pág. 376, nota de rodapé 20), a última das tabuinhas conhecidas do reinado de Amel-Marduque era datada em 17/V/2 (7 de agosto de 560 A.E.C.), enquanto a primeira tabuinha do reinado do sucessor dele, Neriglissar, era datada em 21/V/asc. (11 de agosto de 560 A.E.C.). Ou seja, apenas quatro dias separavam a última tabuinha do reinado de Amel-Marduque da primeira tabuinha datada para Neriglissar.[31]

Nos catálogos *CBT*, porém, há dois textos que parecem criar uma considerável sobreposição entre os reinados de Amel-Marduque e Neriglissar. O primeiro (BM 61325) é do reinado de Amel-Marduque e é datado no *décimo* mês do segundo ano do reinado dele (19/X/2), ou aproximadamente *cinco meses depois* da última tabuinha do reinado dele que se conhecia anteriormente.[32]

Esta sobreposição de cinco meses com o reinado de Neriglissar é prolongada ainda mais pelo segundo texto, BM 75489 que é datado no *segundo* mês do ano de ascensão de Neriglissar (4/II/asc.), ou *aproximadamente três meses e meio antes* da mais antiga tabuinha anteriormente conhecida do reinado dele.[33] Juntos, estes dois textos parecem criar uma sobreposição de oito meses e meio:



[31] "Nergal-sharra-usur, Rei de Babilônia, conforme visto em fontes cuneiformes, gregas, latinas e hebraicas", Ronald H. Sack, *Zeitschrift für Assyriologie*, Vol. 68 (Berlim, 1978), pág. 132.

[32] *CBT* VII, pág. 36. No catálogo consta dia "17", que está corrigido para "19" na lista de Walker.

[33] *CBT* VIII, pág. 35. Walker, que confrontou ambas as tabuinhas em várias ocasiões, indica que "os meses estão registrados com muita clareza em ambos os casos". — Carta de Walker a Jonsson, 26 de outubro de 1990.

Como se pode explicar esta sobreposição? Mais uma vez, alguém poderia argumentar que as datas acima, em vez de mostrarem uma sobreposição, indicam que o segundo ano de Amel-Marduque *não* foi o mesmo que o ano de ascensão de Neriglissar, e que ou ele reinou por *mais* de dois anos ou houve *outro*, *um regente desconhecido* entre os dois.

Todavia, não há qualquer evidência que apóie essas suposições. Deve-se ter em mente que cada um dos anos de reinado *conhecidos* deles é abrangido por numerosas tabuinhas datadas, publicadas ou não. Se Amel-Marduque tivesse reinado mais de dois anos, teríamos um grande número de tabuinhas, comerciais e de outros tipos, datadas para cada um desses anos adicionais.

É de considerável interesse nesta conexão que a *Lista de Reis de Uruque* (abordada no Capítulo 3, seção B-1b) especifica o reinado de Neriglissar como "'3' (anos) e 8 meses". Uma vez que o reinado de Neriglissar terminou no primeiro mês (nisanu) de seu quarto ano (veja abaixo), ele ascendeu ao trono no quinto mês (abu) três anos e oito meses antes, segundo esta lista de reis. *Este é o mesmo mês que já havia sido estabelecido para a ascensão dele, antes de as duas datas estranhas mencionadas acima terem sido descobertas*.

Há boas razões para crer que a informação dada na Lista de Reis de Uruque baseou-se em fontes que remontam ao próprio período neobabilônico, incluindo as crônicas. Os números preservados concordam de perto com esses estabelecidos pelos documentos contemporâneos. Isto parece verdadeiro até mesmo quando — em dois casos — o número de *meses* é fornecido.

Assim a Lista de Reis de Uruque dá a Labashi-Marduque um reinado de apenas três meses, e os contratos de Uruque datados para o reinado dele, mostram também que ele foi reconhecido naquela cidade como rei por (partes de) três meses. Desse modo, quando a mesma lista de reis indica que Neriglissar ascendeu ao trono no mês de abu, isto também pode muito bem estar correto. Neste momento ele tinha estabelecido firmemente seu reinado e era reconhecido como rei na

maior parte dos locais de Babilônia.[34]

Se as duas datas estranhas já mencionadas não são simplesmente erros de escrita, a razão para a sobreposição que elas criam no término do reinado de Amel-Marduque pode ser a mesma que a sugerida acima para a sobreposição no *início* do reinado dele, a saber, a prevalecente oposição ao reinado dele que culminou com a tomada do poder por Neriglissar através de um *golpe de estado*. Esta explicação foi recentemente proposta com algum detalhe por R. H. Sack em seu livro *Neriglissar - Rei de Babilônia* (em inglês).[35]

Uma sobreposição entre Neriglissar e Labashi-Marduque?

As duas últimas tabuinhas conhecidas do reinado de Neriglissar são datadas em 2/I/4 (12 de abril de 556 A.E.C.) e 6/I?/4 (16 de abril). A primeira tabuinha conhecida do reinado de seu filho e sucessor, Labashi-Marduque, NBC 4534, é datada em 23/I/asc. (3 de maio de 556 A.E.C.), ou seja, vinte e um, ou possivelmente apenas dezessete dias depois. Estas datas não criam qualquer sobreposição entre os dois.

Uma sobreposição entre Labashi-Marduque e Nabonido?

A última tabuinha conhecida do reinado de Labashi-Marduque é datada em 12/III/asc. (20 de junho de 556 A.E.C.), enquanto a primeira tabuinha conhecida do reinado de seu sucessor, Nabonido, é datada um

---

[34] Documentos de Uruque mostram que Labashi-Marduque foi reconhecido como rei nessa cidade nos meses de nisanu, ayaru e simanu. — *O Reinado de Nabonido, Rei de Babilônia 556-539 A.C.*, Paul-Alain Beaulieu (em inglês - New Haven e Londres: Editora da Universidade de Yale, 1989), págs. 86-88. Os comentários críticos sobre a Lista de Reis de Uruque que Ronald H. Sack faz na página 3 de seu trabalho, *Neriglissar - Rei de Babilônia* (= *Alter Orient und Altes Testament*, Band 236, Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1994), estão errados, uma vez que são baseados em uma apresentação inadequada da lista, a qual também está em desacordo com as fontes mencionadas em sua nota de rodapé.

[35] R. H. Sack, *op. cit.*, págs. 25-31. Há alguma evidência de que Neriglissar, antes de tomar o poder, mantinha o cargo mais alto (*qipu*) no templo de Ebabara em Sipar, e que sua rebelião começou naquela cidade. Isto explicaria por que os mais antigos textos datados no reinado dele são de Sipar, indicando que ele foi reconhecido primeiro naquela área, enquanto Amel-Marduque ainda era reconhecido nos demais locais por vários meses. — S. Zawadzki, *op. cit*. (nota de rodapé 30 deste capítulo), também J. MacGinnis na *Revista da Sociedade Oriental Americana*, Vol. 120:I (em inglês - 2000), pág. 64.

mês antes, 15/II/asc. (25 de maio de 556 A.E.C.). Esta sobreposição de pouco menos de um mês é real.

Todavia, ela pode ser explicada facilmente, por meio das *circunstâncias* que conduziram Nabonido ao trono. Conforme explicado por Beroso, Labashi-Marduque era "só uma criança" na época da morte de Neriglissar. "Devido à iniqüidade dele ter se tornado evidente de muitos modos, formou-se uma conspiração e ele foi brutalmente assassinado por seus amigos. Depois que ele tinha sido morto, os conspiradores se reuniram e conferiram conjuntamente o reino a Nabonnedus [Nabonido], um babilônio e membro da conspiração".[36] Este relato está de acordo com a Estela de Hila, na qual Nabonido dá uma descrição semelhante do caráter de Labashi-Marduque e de sua própria entronização.[37]

A evidência é que a rebelião que trouxe Nabonido ao poder irrompeu quase imediatamente após a ascensão de Labashi-Marduque, e que ambos reinaram simultaneamente durante algumas semanas, *mas em lugares diferentes*. Deve-se notar que todas as tabuinhas conhecidas do reinado de Labashi-Marduque são de apenas três cidades: Babilônia, Uruque e Sipar, e que não havia qualquer sobreposição entre os dois reinados em alguma destas cidades:

	Nipur	**Babilônia**	**Uruque**	**Sipar**
Labashi-Marduque, última tabuinha:	—	1º de junho	19 de junho	*20 de junho*
Nabonido, primeira tabuinha:	*25 de maio*	14 de julho?	1º de julho	26 de junho

O Dr. Paul-Alain Beaulieu aborda com certa profundidade os dados disponíveis, concluindo que, "Considerando-se toda esta evidência, a reconstituição usual da ascensão de Nabonido parece correta.

---

[36] Burstein, *op. cit.*, pág. 28.

[37] *Antigos Textos do Oriente Próximo Relativos ao Velho Testamento* [sigla em inglês: ANET], editado por James B. Pritchard (em inglês - Princeton, Nova Jersey: Editora da Universidade de Princeton, 1950), pág. 309. Para detalhes adicionais, veja o Capítulo 3 deste livro, seção B-4-e.

Provavelmente ele foi reconhecido como rei já em 25 de maio na Babilônia central (Babilônia e Nipur), mas as regiões afastadas teriam reconhecido Labashi-Marduque até o final de junho."[38]

Assim, há uma explicação bem fundamentada para a breve sobreposição entre os reinados de Labashi-Marduque e Nabonido. A ascensão do jovem e — pelo menos em alguns círculos influentes — impopular Labashi-Marduque causou uma rebelião e Nabonido, fortemente apoiado por camadas influentes em Babilônia, tomou o poder e estabeleceu uma realeza rival. Por um breve período houve uma realeza dupla, embora em diferentes locais do reino, até Labashi-Marduque ser finalmente assassinado e Nabonido poder ser oficialmente coroado como rei.

Em conclusão, as datas estranhas em algumas tabuinhas do período neobabilônico não geram qualquer problema importante. Nenhuma delas acrescenta quaisquer *anos* ao período, uma vez que as "sobreposições" criadas pelas datas estranhas dizem respeito a *meses apenas, não a anos*. E conforme se mostrou acima, é possível encontrar explicações razoáveis para todas as três sobreposições, sem curvar-se a teorias forçadas e comprovadamente insustentáveis sobre

[38] Paul-Alain Beaulieu, *op. cit.* (nota 34 deste capítulo), págs. 86-88. Cf. também W. Röllig em *Reallexikon der Assyriologie und vorderasiatischen Archäologie*, editado por D. O. Edzard, Vol. VI (Berlim e Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1980), pág. 409.

anos e reis adicionais durante o período.[39]

COMENTÁRIOS ADICIONAIS SOBRE AS INSCRIÇÕES REAIS

A Estela de Hila (Nabon. Nº. 8)

Segundo a Estela de Hila, cinqüenta e quatro anos se passaram desde a desolação do templo Ehulhul em Harã, no décimo sexto ano de Nabopolassar (610/609 A.E.C.), até o ano de ascensão de Nabonido (556/555 A.E.C.).

Numa tentativa de minar a credibilidade desta informação, pelo menos um dos defensores da cronologia da Sociedade Torre de Vigia alegou que os cinqüenta e quatro anos referiram-se ao período de *desolação* do templo de Ehulhul, e que Nabonido declara que ele foi reconstruído imediatamente após o fim deste período. Como a reconstrução do templo não foi realmente completada até vários anos depois de a Estela de Hila ter sido inscrita, alegou-se que o período de cinqüenta e quatro anos é fictício.

---

[39] Se os defensores da cronologia da Sociedade Torre de Vigia insistem que tal "sobreposição" de alguns meses entre dois reis neobabilônicos indica que houve anos adicionais ou talvez até mesmo um rei adicional entre os dois, eles deveriam — a bem da consistência — dar a mesma explicação para "sobreposições" semelhantes encontradas entre reis do período *persa*. Por exemplo, a última das tabuinhas do reinado de Ciro é datada em 20/VIII/9 (5 de dezembro de 530 A.E.C.), enquanto o primeiro dos textos do reinado de seu sucessor, Cambises, é datado em 12/VI/asc. (31 de agosto de 530 A.E.C.). Isto significaria que houve uma sobreposição de mais de três meses entre os dois reis! ("Ciro 'rei de países', Cambises 'rei de Babilônia': a co-regência contestada", Jerome Peat, *Revista de Estudos Cuneiformes*, Vol. 41/2, outono de 1989, pág. 210 em inglês; *Iranianos na Babilônia Aquemênida*, M. A. Dandamaev, Cosa Mesa, Califórnia e Nova Iorque: Mazda Publishers, 1992, págs. 92, 93 em inglês.) Como a Sociedade Torre de Vigia data a queda de Babilônia em 539 A.E.C. *por contar para trás a partir do reinado de Cambises*, ela certamente não gostaria de ter qualquer ano adicional inserido entre Ciro e Cambises, uma vez que isso recuaria a data da queda de Babilônia em muitos anos! (Veja *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1, 1990, pág., 607.) Dandamaev (*op. cit.*, 1992, pág. 93) dá a seguinte explicação muito plausível para a sobreposição: "Parece que Ciro designou Cambises como rei adjunto antes de sua expedição contra os Massagetas". Isto está de acordo com a declaração de Heródoto (VII, 3) de que era o costume dos reis persas designar seus sucessores no trono antes de partirem para uma guerra, na qual poderiam ser mortos nas batalhas.

Tal interpretação da estela é uma grosseira distorção do assunto. Embora seja verdade que o templo permanecera desolado por cinqüenta e quatro anos quando Nabonido, em seu ano de ascensão, concluiu que os deuses tinham lhe ordenado que o reconstruísse, ele não diz que foi reconstruído *imediatamente*. Conforme é indicado por vários textos, a restauração do templo foi evidentemente um prolongado processo que durou vários anos, talvez até o décimo terceiro ano de Nabonido.

Por outro lado, os cinqüenta e quatro anos terminaram evidentemente no ano de ascensão de Nabonido, quando, segundo a inscrição de Adade-Gupi, "a ira do coração dele [do deus Sin] acalmou-se. Para com E-hul-hul, o templo de Sin que (fica) em Harã, o domicílio do deleite do coração dele, ele foi reconciliado, teve consideração. Sin, o rei dos deuses, olhou por mim e por Nabonido (meu) filho único, o fruto do meu ventre, para a realeza ele chamou".[40]

A declaração na Estela de Hila, segundo a qual Sin "voltou ao seu lugar" neste momento não deve ser entendida como significando que o templo foi reconstruído neste momento. Em vez disso, pode significar quer Sin, o deus-lua, "retornou ao seu lugar" *no céu*, conforme sugerido por Tadmor. Os babilônios não só sabiam que os fenômenos lunares tais como eclipses ocorriam freqüentemente a cada período de dezoito anos (o chamado "ciclo Saros"), como também que eles ocorriam, e com um grau muito maior de confiabilidade, a cada período de *cinqüenta e quatro anos* (três "ciclos Saros"). Os astrônomos babilônicos até mesmo usaram estes e outros ciclos para predizer eclipses lunares. Na época em que Nabonido ascendeu ao trono, um ciclo completo da lua tinha passado desde a destruição do templo da lua em Harã, e Nabonido pode ter visto isto como uma notável coincidência e um presságio favorável. Uma vez que Sin tinha agora "voltado ao seu lugar" no céu, não teria chegado o tempo para ele voltar também ao domicílio terrestre dele em Harã? Assim

[40] "As Inscrições de Nabonido em Harã", C. J. Gadd, *Estudos Anatolianos*, Vol. VIII, 1958, págs. 47-49.

Nabonido concluiu que o templo tinha de ser reconstruído.[41]

A inscrição de Adade-Gupi (Nabon. Nº. 24)

É bem conhecido que a inscrição de Adade-Gupi contém um *erro de cálculo* em certo ponto. Como os defensores da cronologia da Sociedade Torre de Vigia enfatizam este erro numa tentativa de diminuir o valor da inscrição, parece necessário fazer alguns comentários sobre o problema.

Acredita-se geralmente que Assurbanipal tenha começado seu reinado na Assíria em 668 A.E.C. Seu vigésimo ano, é, então, datado em 649/48 A.E.C. Se Adade-Gupi nasceu nesse ano, e se ela continuou viva até o começo do nono ano de Nabonido, 547 A.E.C., ela teria 101 ou 102 anos de idade por ocasião de sua morte, não 104 anos como diz a inscrição. Peritos que examinaram a inscrição, concluíram então que a estela contém um erro de contagem de aproximadamente dois anos. "Todos concordam neste ponto", dizem os peritos P. Garelli e V. Nikiprowetsky.[42]

Mais adiante, a inscrição parece dar ao rei assírio Assur-etil-ili um reinado de três anos, o que foi considerado como um problema, uma vez que há uma tabuinha de contrato datada no quarto ano deste rei.[43] Desde que C. J. Gadd publicou sua tradução do texto, outros peritos examinaram estes problemas. O Dr. Joan Oates propõe uma solução que foi aceita por outros peritos como sendo provavelmente a mais correta:[44]

Como é evidente à base da inscrição, Adade-Gupi viveu primeiro em território assírio (talvez em Harã) servindo sob os reis assírios até o

---

[41] "As Inscrições de Nabonido: Arranjo Histórico", Hayim Tadmor em *Estudos em Honra de Benno Landsberger Pelo Seu Septuagésimo Quinto Aniversário* [Estudos Assiriológicos, No. 16], editado por H. Güterbock & T. Jacobsen (em inglês - Chicago: Editora da Universidade de Chicago, 1965), pág. 355. — Em relação à superioridade do ciclo de 54 anos, veja "Períodos de Eclipse e a Predição de um Eclipse Solar por Tales. Verdade histórica e Mito Moderno", Dr. W. Hartner em *Centaurus*, Vol. 14, 1969, págs. 60-71 em inglês.

[42] *Le Proche-Orient Asiatique*, P. Garelli e V. Nikiprowetsky (Paris: Presses Universitaires de France, 1974), pág. 241. Uma exceção é M. Gerber em ZA 88:1 (1998), págs. 72-93.

[43] C. J. Gadd, *op. cit.*, págs. 70 e seguintes.

[44] "Cronologia Assíria", 631-612 A.C.", Joan Oates, *Iraq*, Vol. 27, 1965, págs. 135-159 (em inglês).

terceiro ano de Assur-etil-ili, quando ela se mudou para Babilônia, servindo sob os reis babilônicos a partir de então. Como explica Oates, isto não significa que o terceiro ano de Assur-etil-ili foi seu último. Se Assur-etil-ili começou a reinar na Assíria depois da morte de seu pai em 627 A.E.C., o terceiro ano dele foi 624/23 A.E.C. Desse modo, seu segundo e terceiro anos de reinado na Assíria coincidiram com o primeiro e segundo anos de Nabopolassar em Babilônia (625/24 e 624/23 A.E.C.). Ao calcular a idade de Adade-Gupi, Nabonido (ou o escriba que fez a inscrição) simplesmente somou os anos de reinado sem levar em conta esta sobreposição do reinado de Assur-etil-ili com o de Nabopolassar.[45]

A solução de Oates foi apoiada em 1983 por Erle Leichty. Discutindo uma nova inscrição do reinado de Assur-etil-ili, ele mostrou que concorda com a conclusão de Oates de que "o terceiro ano de Assur-etilli-ilani é o mesmo que o segundo ano de Nabopolassar", acrescentando, "acredito que a cronologia de Oates provavelmente voltará a ser a correta, mas o julgamento final tem de esperar pelo resto da evidência".[46]

Qualquer que seja o caso, o erro na inscrição é um problema secundário que não afeta os reinados dos reis *neobabilônicos* conforme fornecidos na inscrição de Adade-Gupi. Ela surgiu da tentativa de estabelecer a idade de Adade-Gupi, a qual teve de ser calculada, porque, conforme indicado por Rykle Borger, os babilônios (assim como as Testemunhas de Jeová hoje!) "nunca celebravam seus aniversários, e dificilmente sabiam sua própria idade".[47]

---

[45] Evidentemente o Dr. Paul-Alain Beaulieu, em sua discussão destes problemas, não tinha conhecimento da solução de Oates. Desse modo, seus comentários são confusos e o questionamento que ele faz da precisão dos dados cronológicos da estela é claramente não comprovado. — *O Reinado de Nabonido, Rei de Babilônia 556-539 B.C.*, Paul-Alain Beaulieu (em inglês - New Haven e Londres: Editora da Universidade de Yale, 1989), págs. 139, 140.

[46] Erie Leichty na *Revista da Sociedade Oriental Americana*, Vol. 103, 1983, pág. 220, nota 2.

[47] "Mespotamien in den Jahren 629-621 v. Chr.", Rykle Borger, *Wiener Zeitscchrift für die Kunde des Morgenlandes,* Vol. 55, 1959, pág. 73.

Ao Capítulo Quatro:

1. A ASTROLOGIA COMO RAZÃO PARA A ASTRONOMIA BABILÔNICA

Com o objetivo de depreciar o valor dos textos astronômicos, alguns defensores da cronologia da Torre de Vigia enfatizaram que o interesse dos babilônios em fenômenos celestes era motivado pela astrologia. Embora seja verdade que este era um motivo importante para o estudo que faziam do céu, isto na verdade contribuiu para a exatidão das observações.

Na grande coleção de presságios antigos chamada *Enuma Anu Enlil* (cuja forma final data do período Neo-Assírio) é dada a seguinte instrução ao observador:

> Quando a Lua for eclipsada *observarás com exatidão o mês, o dia, a vigília noturna, o vento, o curso e a posição das estrelas em cujo reino o eclipse ocorre*. Indicarás os presságios relativos ao mês, ao dia, à vigília noturna, ao vento, ao curso e às estrelas deste eclipse.

Para os "astrólogos" babilônicos os eclipses desempenhavam o papel mais proeminente, e, desse modo, todos os detalhes eram da máxima importância. O Dr. A. Pannekoek conclui que "a motivação astrológica, por exigir muita atenção na observação da lua, forneceu a melhor base para a cronologia".[48]

Ademais, seria um engano pensar que a "astrologia" no sentido que esta palavra tem hoje, era praticada no período Neobabilônico ou antes disso. A idéia de que o destino de uma pessoa é determinado pelas posições das estrelas e planetas na data de seu nascimento ou concepção originou-se bem mais tarde, durante o período persa. O mais antigo horóscopo descoberto data de 410 A.E.C.[49] Conforme é indicado por B. L. van der Waerden, a astrologia primitiva "tinha um caráter bem diferente: ela auxiliava em *predições de alcance limitado de eventos públicos em geral*, tais como guerras e colheitas, à base de *fenômenos notáveis* tais como eclipses, nuvens, surgimento e desaparecimento anuais de planetas, enquanto que os [posteriores]

---

[48] *Uma História da Astronomia*, A. Pannekoek (em inglês - Londres: George Allen & Unwin Ltd, 1961), págs. 43, 44.

[49] "Horóscopos Babilônicos", A. J. Sachs, *Diário de Estudos Cuneiformes*, Vol. 6 (1952), pág. 49, em inglês.

'caldeus' helenísticos prediziam *destinos individuais* com base nas *posições de planetas e signos do zodíaco* na data do *nascimento ou da concepção*".[50]

Desse modo, o professor Otto Neugebauer explica que "a 'astrologia' mesopotâmica está muito mais para a previsão do tempo com base em fenômenos observados nos céus do que para a astrologia no sentido moderno da palavra". Ele enfatiza também que a origem da astronomia não foi a astrologia e sim as questões do calendário: "A determinação da estação do ano, a contagem do tempo, os festivais lunares — estas são as questões que orientaram o desenvolvimento da astronomia por muitos séculos" e "até mesmo a última fase da astronomia da Mesopotâmia ... foi dedicada principalmente às questões do calendário lunar".[51]

2. ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE ECLIPSES LUNARES ANTIGOS

Quão confiáveis são as identificações modernas de eclipses lunares descritos nos antigos textos astronômicos babilônicos do oitavo século A.E.C. em diante? Enfatizando uma das armadilhas, a Sociedade Torre de Vigia cita *The Encyclopædia Britannica* como dizendo que qualquer vila ou cidade tinha em média cerca de 40 eclipses lunares num período de 50 anos.[52] Embora isto seja verdade, a freqüência de eclipses que caíam num mês específico é muito mais baixa. Outros fatores também limitam as alternativas.

Até mesmo quando um eclipse lunar volta a ocorrer no mesmo mês do ano seguinte, ele não ocorrerá exatamente *no mesmo período do dia* nem terá *a mesma magnitude*. Se ele acontecer durante as horas da luz do dia, será naturalmente invisível naquela parte da terra. Uma vez que os astrônomos babilônicos fornecem com freqüência os dados

---

[50] "História do Zodíaco", B. L. van der Waerden, *Archiv für Orientforschung*, Vol. 16 (1952/53), pág. 224.

[51] *Astronomia e História. Ensaios Selecionados*, Otto Neugebauer (em inglês - Nova Iorque: Springer-Verlag, 1983), pág. 55. — Para uma abordagem extensiva sobre a natureza da astrologia babilônica, veja *Aspectos da Divinação Celestial Babilônica: As Tabuinhas de Eclipse Lunar de Enuma Anu Enlil*, Francesca Rochberg-Halton (= *Archiv für Orientforschung*, Beiheft 22), (Horn, Áustria: Verlag Ferdinand Berger & Söhne Gesellschaft M.B.H., 1988), págs. 2-17.

[52] *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1, pág. 609.

específicos dos eclipses lunares, tais como a data (dia, mês e ano de reinado),[53] o momento do início dele em relação ao nascer ou pôr-do-sol, a duração das fases parcial e total e às vezes também a magnitude e a posição em relação a estrelas ou constelações, a identificação dos eclipses descritos em tais textos normalmente não gera qualquer problema, contanto que os textos estejam bem preservados.

A Sentinela de 15 de setembro de 1969, páginas 568 em diante, faz referência a outro fator que, conforme ela diz, torna difícil identificar eclipses antigos. Enfatiza-se que por muito tempo (séculos, na verdade) os astrônomos têm estado cientes do fato de que as marés produzidas pela lua e pelo sol nos oceanos e massas terrestres geram um retardamento na rotação da terra, causando um gradual alongamento do dia. Isto, diz o artigo, afeta os registros antigos.

Todavia, quando se trata de identificar antigos eclipses lunares do oitavo século A.E.C. em diante, este não é um problema importante hoje. Na realidade, o grande número de observações registradas em tabuinhas cuneiformes habilitou os astrônomos modernos a medirem a taxa exata desta mudança da rotação da terra. Sabe-se hoje que a duração do dia aumenta a uma taxa de 1,7 milissegundos por século. Assim, o dia na época da antiga Babilônia era aproximadamente 43-44 milissegundos mais curto do que na atualidade.[54]

Naturalmente, os astrônomos da atualidade levam em conta a variação na rotação da terra em seus cálculos das datas de eclipses antigos. O artigo da *Sentinela* abordou apenas eclipses *solares*. Porém, uma vez que muito poucas observações confiáveis de eclipses *solares* dos tempos antigos estão preservadas, e como nenhum deles tem conexão com a cronologia do período neobabilônico, são irrelevantes para nossa discussão.

Já que eu queria saber como os registros antigos de eclipses *lunares* são afetados por este aumento na duração do dia solar, escrevi ao Professor Robert R. Newton, que naquele momento (em 1981) era uma

---

[53] O número do dia é freqüentemente omitido nos textos, porque, como todos os meses babilônicos começavam na lua nova, a lua cheia, assim como também qualquer possível eclipse lunar sempre caía no meio do mês, ou próximo disso.

[54] Este valor mais recente é resultante da pesquisa muito cuidadosa efetuada por Richard Stephenson, da Universidade de Durham e por Leslie Morrison, anteriormente do Observatório Real de Greenwich, em Cambridge. — Veja a revista *New Scientist* de 30 de janeiro de 1999, págs. 30-33.

das principais autoridades nesta questão.[55] Eu quis saber até que ponto o alongamento do dia solar afetou os registros antigos de eclipses lunares e se nós ainda podíamos confiar nas tabelas mais antigas de cálculos de eclipses lunares publicadas por Oppolzer em 1887 e por Ginzel em 1899.

Em sua resposta, Newton disse:

> Eu não utilizei muito o cânon de Ginzel, e não posso falar especificamente sobre os erros contidos nele. Acredito, porém, que os erros dele sejam aproximadamente iguais aos encontrados no *Canon der Finsternisse*, de Oppolzer, que eu usei extensivamente. Por exemplo, o mais recente eclipse lunar no cânon dele é o de 21 de abril de 1206, que ocorreu às 20H e 17M, Hora de Greenwich, com uma magnitude de 2,6 dígitos, segundo os cálculos dele. Segundo meus cálculos, ele ocorreu naquela data às 20H e 32M, com uma magnitude de 2,4 dígitos. *De forma que é perfeitamente seguro usar o Cânon de Oppolzer na identificação de eclipses antigos; provavelmente os maiores erros dele são de aproximadamente meia hora.*[56]

Assim, em se tratando de eclipses *lunares*, o argumento de que o alongamento do dia solar causado pelas marés dificulta a identificação de eclipses antigos não é válido. É claro que em catálogos modernos de eclipses, os erros nos cânones de Oppolzer e Ginzel foram corrigidos.[57]

---

[55] A pesquisa de Newton nesta área foi melhorada desde então por outros peritos. Veja, a propósito, a abordagem exaustiva feita por F. Richard Stephenson em *Os Eclipses Históricos e a Rotação da Terra* (em inglês - Cambridge: Editora da Universidade de Cambridge, 1997).

[56] Carta de Newton a Jonsson, datada de 11 de maio de 1981. Outros peritos concordam. Jean Meeus & Hermann Mucke, por exemplo, em seu *Canon de Eclipses Lunares — 2002 a + 2526* (Viena: Astronomisches Büro, 1979), página XII, explicam que o monumental trabalho de Oppolzer "é preciso o suficiente para a pesquisa histórica". Isto se refere, é claro, aos eclipses *lunares* antigos, não aos *solares*, nos quais o Cânon está longe de ser correto. Veja, por exemplo, os comentários de Willy Hartner em *Centaurus*, Vol. 14 (1969), pág. 65.

[57] Veja, por exemplo, *Cânon de Eclipses Lunares 1500 A.C. — 3000 A.D.*, Bao-Lin Liu e Alan D. Fiala (em inglês - Richmond, Virginia: Willman-Bell, Inc., 1992).

Ao Capítulo Cinco:

O "TERCEIRO ANO DE JEOIAQUIM" (DANIEL 1:1, 2)

Daniel 1:1 em diante data a primeira deportação de prisioneiros judaicos por Nabucodonosor no "terceiro ano do reinado de Jeoiaquim". Conforme se mostrou no apêndice ao capítulo dois ("Métodos de Contagem de Anos de Reinado"), neste trecho Daniel parece seguir o método babilônico de contar anos de reinado, atribuindo um ano de ascensão até mesmo para os reis fora de Babilônia, incluindo Jeoiaquim. Isto faz o quarto ano de Jeoiaquim (Jeremias 46:2) ser o terceiro ano dele no sistema de ano de ascensão, e este terceiro ano de Jeoiaquim por sua vez corresponder ao ano de ascensão de Nabucodonosor.

Desse modo, pode-se constatar que esta primeira deportação ocorreu no mesmo ano da famosa Batalha de Carquemis, e evidentemente logo depois dessa batalha, no ano 605 A.E.C. Assim, Daniel 1:1 em diante apóia fortemente a conclusão de que Judá se tornou um vassalo de Babilônia dezoito anos antes da destruição de Jerusalém em 587 A.E.C., confirmando a conclusão de que os setenta anos (Jeremias 25:11; 29:10) devem ser entendidos como um período de *servidão*, não de desolação.

Reinterpretações do "terceiro ano de Jeoiaquim"

Para minar a força de Daniel 1:1, vários argumentos foram propostos nas publicações da Sociedade Torre de Vigia contra uma leitura natural deste texto. Já em 1896 o Pastor Charles T. Russell, escrevendo na *Torre de Vigia de Sião* de 15 de maio, página 106 (*Reimpressões*, págs. 1975-76) pronunciou-se contra aqueles que citavam Daniel 1:1 em defesa das datas seculares para o reinado de Nabucodonosor:

> Por exemplo, eles adotam a data secular incerta para o início do reinado de Nabucodonosor; e recorrendo então a Dan. 1:1, fixam *assim* a data do reinado de Jeoiaquim e alteram outros assuntos para que se adaptem a isso. Daí novamente, eles aplicam os "setenta anos" como sendo anos de *cativeiro* e os iniciam no terceiro ano de Jeoiaquim; considerando que a Bíblia declara inequivocamente, e de modo repetido, que esses foram anos de "desolação da terra", "sem habitante". (Jer. 25:11, 12; 29:10; 2 Crôn. 36:21; Dan. 9:2.)

Vários anos depois, dois membros proeminentes do movimento de Russell, os irmãos escoceses John e Morton Edgar, publicaram a obra

de dois volumes *As Passagens da Grande Pirâmide* (em inglês).[58] Na página 31 do Volume II, eles resumem seus argumentos contra uma leitura natural de Daniel 1:1:

> [1] Não se pode admitir que os 70 anos de desolação de Jerusalém e da terra começaram no 3º ano de Jeoiaquim, pois, segundo as Escrituras, "desolação" significa "sem habitante", e Jerusalém e a terra só ficaram sem habitantes depois do destronamento de Zedequias. . . .
>
> [2] [Uma leitura natural de Daniel 1:1] entra em conflito com Daniel 2:1. A leitura do 1º capítulo de Daniel faria parecer que os filhos dos hebreus foram levados cativos por Nabucodonosor no 3º ano de Jeoiaquim. Eles foram treinados na erudição e na língua dos caldeus por três anos (versículos 4 e 5), e ainda, segundo Dan. 2:1, 25, eles foram trazidos à presença de Nabucodonosor no segundo ano dele ou antes, embora o versículo 18 do 1º capítulo mostre que os três anos haviam expirado definitivamente.

Como, então, Daniel 1:1 deveria ser entendido? Os irmãos Edgar enfatizaram que "vários comentaristas sugerem que o 3º ano de Jeoiaquim em Daniel 1:1 deve ser entendido como significando o 3º ano da vassalagem dele a Nabucodonosor", o que na realidade foi o décimo primeiro e último ano do reinado dele.[59] Deste modo a deportação de Daniel e de outros cativos hebreus foi igualada com a deportação de Joaquim no *sétimo ano de Nabucodonosor*.

Mas esta explicação não elimina o evidente conflito com Daniel 2:1, que data o sonho da imagem que Nabucodonosor teve no segundo ano dele; na realidade aumenta esse conflito. Se Daniel só foi deportado para Babilônia no *sétimo* ano de Nabucodonosor, como

---

[58] *As Passagens da Grande Pirâmide*, John e Morton Edgar (em inglês - Londres: The Marshall Press, Ltd., 1923-24). A primeira edição foi publicada em 1912 e 1913 e foi distribuída pela Sociedade Torre de Vigia. Ela foi reeditada com algumas adições em 1923 e 1924 por Morton Edgar que também acrescentou um Vol. III. (O irmão dele, John Edgar, morreu em 1910.) As citações aqui são da edição de 1924 do Vol. II.

[59] *Ibid.*, Vol. II, págs. 29 (nota de rodapé 4) e 31. Esta "solução", que já se encontrava em *Antiguidades* X, 6:1-3 de Josefo, foi adotada por vários escritores posteriores. O Dr. E. W. Hengstenberg faz referência a ela em sua obra *Die Authentie des Daniel und die Integrität des Sacharjah* (Berlim, 1831), pág. 54. Hengstenberg rejeita a idéia porque (1) não há qualquer evidência indicando que os anos de reinado de Jeoiaquim tenham sido contados desta maneira curiosa, (2) a idéia de que o primeiro sítio de Jerusalém por Nabucodonosor ocorreu no oitavo ano de Jeoiaquim é uma hipótese infundada, sem qualquer apoio na Bíblia ou em parte alguma, e (3) a "solução" está em conflito insolúvel com Daniel 2:1.

poderia estar na corte babilônica, interpretando os sonhos do rei no *segundo* ano dele, cinco anos antes?

Assim, além da interpretação atribuída a Daniel 1:1 para explicar sua referência ao terceiro ano de Jeoiaquim, era necessário também outra interpretação de Daniel 2:1 para explicar sua referência ao segundo ano de Nabucodonosor. Os irmãos Edgar sugeriram que o número "2" era um erro que "originou-se evidentemente do número 12".[60] Posteriormente estes argumentos foram adotados pela Sociedade Torre de Vigia. Eles foram incorporados, por exemplo, na edição de 1922 do folheto *O Que Diz a Bíblia Sobre o Retorno de Nosso Senhor*, páginas 84-88 (em inglês).

Mas a explicação de que Daniel 1:1 se refere ao terceiro ano da *vassalagem* de Jeoiaquim a Nabucodonosor, correspondendo ao sétimo ano do reinado de Nabucodonosor, gera ainda outro problema.

Se esta vassalagem terminou no sétimo ano de Nabucodonosor, ela deve ter começado *três anos antes* conforme 2 Reis 24:1, ou no *quarto* ano de Nabucodonosor, que foi o oitavo ano de Jeoiaquim. Conforme se declara em 2 Reis 23:34-37, Jeoiaquim era um rei tributário *do Egito* antes de se tornar um vassalo de Babilônia. Se aceitarmos a explicação da Torre de Vigia, isto significaria que a vassalagem dele ao Egito continuou até seu oitavo ano. Mas tanto Jeremias 46:2 como a crônica babilônica B.M. 21946 indicam que a vassalagem de Jeoiaquim mudou do Egito para Babilônia no mesmo ano da Batalha de Carquemis, ou seja, no *quarto* ano de Jeoiaquim.

No livro *Equipado Para Tôda Boa Obra* (publicado em português pela Sociedade Torre de Vigia em 1952), os argumentos contra uma leitura natural de Daniel 1:1 são repetidos nas páginas 225 a 228. Mas de forma interessante, a vassalagem egípcia é agora abordada:

> Jeoiaquim fora pôsto no trono por um decreto egípcio e foi por vários anos tributário do Egito, mas *quando Babilônia derrotou o Egito Jeoiaquim passou*

[60] John e Morton Edgar, *op. cit.*, Vol. II, pág. 32. Esta é também uma idéia antiga, sugerida, por exemplo, por Crisóstomo no quarto século. Um manuscrito antigo da versão LXX de Daniel (o Papiro 967), datado do início do terceiro século E.C. também reza "décimo segundo" em Dan. 2:1. Explica-se cuidadosamente que o registro é uma "correção" de escrita. — *Daniel*, John J. Collins (em inglês - Mineápolis: Fortress Press, 1993), pág. 154.

> *ao contrôle babilônico e permaneceu assim por três anos*, depois do qual período de três anos como tributário de Babilônia o rei judeu se rebelou.[61]

Aqui se admite que a vassalagem de Jeoiaquim mudou do Egito para Babilônia no momento em que Babilônia derrotou o Egito. Porém, o verdadeiro problema é escondido, pois não se menciona que o Egito foi derrotado no *quarto* ano de Jeoiaquim (Jeremias 46:2), e não no *oitavo* ano dele, como a explicação de Torre de Vigia exigiria!

Pode-se notar também outra mudança interessante no *Equipado Para Tôda Boa Obra*. Em vez de defender a suposição anterior de que o "segundo ano" em Daniel 2:1 rezava originalmente "décimo segundo ano", apresenta-se a seguinte interpretação:

> O tempo dêste sonho e sua interpretação é declarado como sendo o segundo ano do reinado de Nabucodonosor. . . . No ano dezenove do seu reinado Nabucodonosor foi usado como executor de Deus para destruir a infiel Jerusalém e terminar a história de Israel como nação teocrática independente. Nabucodonosor começou então a reinar duma maneira única, ou seja, como o primeiro dos regentes mundanos dos tempos dos gentios . No segundo ano do seu reinado *nesta capacidade especial* Nabucodonosor teve o sonho que mostrava o fim da organização e regência de Satanás e a tomada do poder pelo reino de Cristo, conforme registado no capítulo 2.[62]

De acordo com esta explicação, o "segundo ano" de Daniel 2:1, ou o segundo ano dos tempos dos gentios, contados a partir de 607 A.E.C., foi de fato o *vigésimo* ano do reinado de Nabucodonosor! Por que usaria Daniel esta maneira estranha de contar os anos de reinado somente neste trecho do livro dele? Não se propõe qualquer outro argumento em favor desta nova posição, a não ser a seguinte declaração:

> Aqui de novo, como em Daniel 1:1, demonstra-se o modo peculiar do escritor do livro de fazer uma contagem secundária dos anos do reinado dum rei. Êle faz o cálculo começando a contar dum evento destacado durante o reinado que coloca o rei numa nova relação.[63]

---

[61] *Equipado Para Tôda Boa Obra* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, publicado em português em 1952), pág. 226.

[62] *Ibid*., pág. 227. Esta era também uma idéia antiga, já sugerida no Talmude judaico (*Seder 'Olam Rabbah*; veja John J. Collins, *op. cit.*, pág. 154). Hengstenberg (*op. cit.*, pág. 54) rejeita isso porque "não há o menor indício" desse tipo de contagem dos anos de reinado de Nabucodonosor em parte alguma.

[63] *Equipado Para Tôda Boa Obra*, págs. 227 e 228.

Dificilmente poderia haver um exemplo mais óbvio de raciocínio circular.

A data da rebelião de Jeoiaquim

A mais recente consideração destes problemas encontra-se no dicionário bíblico da Sociedade Torre de Vigia, *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 2 (1991), página 489. Daniel 1:1 é ainda interpretado como significando o terceiro ano da *vassalagem* de Jeoiaquim a Babilônia, começando no final de seu oitavo ano de reinado e terminando no décimo primeiro e último ano dele. Na página 53 do Vol. 3 da mesma obra, faz-se uma tentativa de encontrar apoio para isto na Crônica Babilônica B.M. 21946. Depois de registrar a Batalha de Carquemis no ano de ascensão de Nabucodonosor, esta crônica faz referência a várias campanhas sucessivas que Nabucodonosor empreendeu na área de Hatu, no seu primeiro, segundo, terceiro e quarto anos. Ao mencionar estas campanhas, o dicionário da Sociedade diz que "evidentemente, no quarto ano, fez do rei Jeoiaquim, de Judá, seu vassalo. (2Rs 24:1)"

Todavia, esta conclusão *não* é apoiada pela Crônica Babilônica. Pelo contrário, esta crônica indica que a vassalagem de Jeoiaquim a Babilônia começou no ano de ascensão de Nabucodonosor, ou possivelmente no primeiro ano dele, e que no quarto ano Jeoiaquim já estava em franca revolta contra Babilônia. Para demonstrar isto, é necessário citar as partes importantes da Crônica Babilônica, desde o ano de ascensão até o quarto ano de Nabucodonosor:

Eventos de c. setembro/outubro de 605 a janeiro/fevereiro de 604 A.E.C.:

> "Em (seu) ano de ascensão Nabucodonosor (II) voltou a Hatu. Até o mês de sebate ele marchou vitoriosamente em Hatu. No mês de sebate ele levou o enorme despojo de Hatu para Babilônia."

De maio/junho a novembro/dezembro de 604:

> "Primeiro ano de Nabucodonosor (II): No mês de sivã ele reuniu seu exército e marchou para Hatu. Até o mês de quisleu ele marchou vitoriosamente por Hatu. Todos os reis de Hatu vieram à sua presença e ele recebeu deles o vasto despojo".

De abril/maio de 603 em diante:

"Se[gundo ano]: No mês de iyyar o rei de Acade fortaleceu seu grande exército e [*marchou para Hatu*]. Ele se acampou [. . .] . . . grandes torres de sítio ele se moveu atr[avés... ... do mês] de iyyar até o mês [. . . *ele marchou vitoriosamente por Hatu*]."

Em 602:

"[Terceiro ano: No mês. . ., no dia] treze Nabu-shumu-lishir [. . .] [*No mês* ... o rei de Aca]de reuniu seu exército e [marchou] para Hatu. [. . . . .] Ele trouxe o vasto [*despojo*] de Hatu para Acade."

Em 601 (marcha contra o Egito em quisleu = novembro/dezembro):

"Quarto ano: O rei de Acade reuniu seu exército e marchou para Hatu. [Ele marchou vitoriosamente por] Hatu. No mês de quisleu ele assumiu o comando de seu exército e marchou para o Egito. [Quando] o rei do Egito ouviu (as notícias) ele *r*[*euniu*] seu exército. Eles lutaram um contra o outro no campo de batalha e ambos os lados sofreram severas perdas (literalmente, eles infligiram uma grande derrota um ao outro). O rei de Acade e seu exército [voltaram] para Babilônia."[64]

À base desta crônica pode-se ver que o inteiro território de Hatu (que abrangia primariamente a Síria-Líbano, mas se estendia à Fenícia e Palestina) veio a ser tributário de Nabucodonosor a partir de seu ano de ascensão. E no primeiro ano de Nabucodonosor declara-se explicitamente que "todos os reis de Hatu" eram seus tributários, o que não pode ter razoavelmente excluído Jeoiaquim.

Muitos eruditos concluem que o quarto ano de Nabucodonosor no qual o livro *Estudo Perspicaz das Escrituras* supõe que a vassalagem babilônica de Jeoiaquim *teve início*, foi provavelmente o ano no qual Jeoiaquim se *rebelou* contra Nabucodonosor, porque nesse ano Nabucodonosor lutou contra o Egito, e ambos parecem ter sofrido grandes perdas. Nabucodonosor teve de voltar a Babilônia onde permaneceu no quinto ano e "reequipou seus numerosos cavalos e carros de guerra".[65] Esta malograda batalha contra o Egito pode ter

---

[64] *Crônicas Assírias e Babilônicas*, A. K. Grayson (em inglês - Nova Iorque: J.J. Augustin Publisher, 1975), págs. 100-101. Os colchetes indicam áreas danificadas no texto.

[65] *Ibid.*, pág. 101.

encorajado Jeoiaquim a romper com o jugo babilônico, terminando assim seus três anos de submissão a Babilônia.[66]

O texto de 2 Reis 24:1-7 parece apoiar à conclusão acima. O versículo 1 declara que "nos seus dias (de Jeoiaquim) subiu Nabucodonosor, rei de Babilônia, e Jeoiaquim tornou-se assim seu servo por três anos. No entanto, recuou e se rebelou contra ele.". Em resultado disso, Jeová (por meio de Nabucodonosor) "começou a enviar contra ele guerrilhas de caldeus, e guerrilhas de sírios, e guerrilhas de moabitas, e guerrilhas dos filhos de Amom, e continuou a enviá-las contra Judá para o destruir, segundo a palavra de Jeová, que ele falara por intermédio dos seus servos, os profetas." – 2 Reis 24:1, 2, *TNM*.

O teor desta passagem indica que estas guerrilhas continuaram invadindo o território de Judá por um bom tempo, evidentemente durante alguns anos. Jeová "começou" a enviá-las, e, segundo a *Tradução do Novo Mundo*, "ele *continuou* a enviá-las" contra Judá. Este não foi apenas um ataque, como o mencionado em Daniel 1:1, mas evidentemente veio contra Judá em ondas sucessivas. Por conseguinte, elas não poderiam ter iniciado estes ataques no último ano do reinado de Jeoiaquim, o que também requer logicamente que a rebelião de Jeoiaquim tenha se iniciado tempos antes disso.

As três deportações para Babilônia

Outra linha de evidência que apóia uma leitura natural de Daniel 1:1, é que, conforme 2 Crônicas, capítulo 36, versículos 7, 10 e 18, os utensílios do templo foram levados para Babilônia em *três* episódios sucessivos:

---

[66] "Esta batalha", diz J. P. Hyatt, "deve ter motivado a mudança na submissão de Jeoiaquim, quando ele reteve tributo de Babilônia, fazendo provavelmente uma aliança com o Egito". ("Nova Luz Sobre Nabucodonosor e a História Judaica", *Revista de Literatura Bíblica*, Vol. 75, 1956, pág. 281 em inglês.) É possível também que esta mudança de submissão tenha ocorrido *algum tempo antes* da guerra de Nabucodonosor contra o Egito. A decisão de Nabucodonosor de marchar para o Egito em 601 A.E.C. pode ter sido *motivada* pela aliança entre os egípcios e Jeoiaquim. – Veja "Daniel 1:1 e os três anos da servidão de Jeoiaquim", Mark K. Mercer, *Estudos Seminaristas da Universidade de Andrews*, Vol. 27:3 (outono de 1989), págs. 188-191 em inglês.

(1) Na primeira vez, durante o reinado *de Jeoiaquim*, "*alguns*" dos utensílios foram levados para Babilônia. (Versículo 7)

(2) Na segunda vez, juntamente com *Joaquim*, os objetos "*desejáveis*" (*TNM*) ou "*de valor*" (*NVI*) foram levados para Babilônia. (Versículo 10)

(3) Na terceira vez, juntamente com *Zedequias*, "*todos*" os utensílios foram levados para Babilônia. (Versículo 18)

À base destes textos podemos ver que *alguns* dos utensílios foram levados para Babilônia *durante o reinado de Jeoiaquim*, os utensílios *valiosos* foram levados *na deportação de Joaquim*, e *todo o resto* dos utensílios foi levado para Babilônia *no fim do reinado de Zedequias*. Das três deportações de utensílios, a primeira é mencionada claramente em Daniel 1:1, 2, uma vez que este texto declara que durante o terceiro ano de Jeoiaquim uma "*parte*" dos utensílios foi levada para Babilônia.[67]

Mais uma vez, isto indica que Daniel 1:1, 2 faz referência a uma deportação *diferente e anterior* à que ocorreu ao término do curto reinado de Joaquim. Isto dá apoio adicional à conclusão de que a frase "terceiro ano do reinado de Jeoiaquim" significa exatamente o que diz — o terceiro ano do reinado de Jeoiaquim, não seu décimo primeiro ano.

Por fim, se a deportação mencionada em Daniel 1:1-4 for igualada àquela que ocorreu ao término dos três meses de reinado de Joaquim, por que diz Daniel que "Jeová entregou-lhe na mão *Jeoiaquim*", em vez de *Joaquim*? (Daniel 1:2) Quando Joaquim foi levado cativo, Jeoiaquim já tinha morrido há mais de três meses. (2 Reis 24:8-17; 2 Crônicas 36:9-10) Há até mesmo evidência mostrando que Jeoiaquim já estava morto quando Nabucodonosor, em seu sétimo ano, saiu de Babilônia para fazer o sítio de Jerusalém que resultou na deportação de Joaquim. A evidência é a seguinte:

---

[67] É interessante notar que nesta primeira deportação Nabucodonosor só trouxe "alguns" dos utensílios do templo de Jerusalém para Babilônia, e estes não eram nem mesmo os utensílios "de valor". Isto apóia fortemente a conclusão de que o sítio de Jerusalém nesta ocasião não terminou com a captura da cidade. Se tivesse sido assim, por que ele não levou os utensílios *valiosos* do templo? Por outro lado, se o sítio foi interrompido porque Jeoiaquim se rendeu e pagou um tributo a Nabucodonosor, é bem compreensível que Jeoiaquim não tenha incluído os utensílios mais valiosos no tributo.

O sítio de Jerusalém por Nabucodonosor durante o reinado de Joaquim é também descrito na Crônica Babilônica B.M. 21946. Sobre o sétimo ano de Nabucodonosor esta crônica diz:

De dezembro de 598 (ou janeiro de 597) a março de 597 A.E.C.:

> "Sétimo ano: No mês de quisleu, o rei de Acade reuniu seu exército e marchou para Hatu. Ele se acampou contra a cidade de Judá e no dia dois do mês de adar ele capturou a cidade (e) aprisionou (seu) rei. Um rei de sua própria escolha ele designou na cidade (e) tomando o vasto tributo ele o levou para Babilônia."[68]

O exército de Nabucodonosor partiu de Babilônia "no mês de quisleu" que era o *nono* mês e capturou Joaquim "no dia dois do mês de adar", isto é, o *décimo segundo* mês.[69] Isto quer dizer que mesmo que o exército tivesse partido de Babilônia no *início* de quisleu (que naquele ano começou no dia 18 de dezembro de 598 A.E.C., segundo o calendário juliano), o intervalo entre o dia da partida de Babilônia até o momento em que a cidade foi tomada e seu rei (Joaquim) capturado, em dois de adar (correspondente a 16 de março de 597), foi de *três meses no máximo*.[70]

Como Joaquim reinou por "três meses e dez dias" (2 Crônicas 36:9), ele evidentemente já estivera reinando por alguns dias *quando Nabucodonosor partiu de Babilônia no mês de quisleu*! Se o sítio de

---

[68] A. K. Grayson, *op. cit.*, pág. 102. A crônica está de pleno acordo com a descrição que a Bíblia faz deste sítio. (2 Reis 24:8-17; 2 Crônicas 36:9-10.)

[69] Os babilônios tiveram um segundo ululu (um mês intercalar) no sétimo ano de Nabucodonosor, desse modo fazendo de quisleu e adar o décimo e o décimo terceiro dos meses do ano, respectivamente, embora eles normalmente fossem o nono e o décimo segundo meses civis. Este fato não afeta a discussão acima.

[70] Se o exército babilônico partiu de Babilônia algum tempo depois que Joaquim tinha ascendido ao trono, o sítio foi de muito curta duração, dois meses no máximo e provavelmente menos, pois o tempo necessário para o exército marchar de Babilônia a Jerusalém tem de ser subtraído dos três meses de quisleu a adar. Essa marcha levou pelo menos um mês. Todavia, é possível que uma parte do exército tenha partido de Babilônia antes, uma vez que 2 Reis 24:10-11 indica que Nabucodonosor chegou a Jerusalém algum tempo depois de o sítio ter começado. O motivo da curta duração do sítio foi a rendição de Joaquim a Nabucodonosor no dia 2 de adar ou 16 de março de 597 A.E.C., calendário juliano. (2 Reis 24:12) Para uma excelente abordagem deste sítio, veja "A Crônica de Nabucodonosor e a Data da Destruição de Laquis III", William H. Shea, em *Publicação Trimestral de Exploração da Palestina*, No 111 (1979), págs. 113 e seguintes, em inglês.

Jerusalém descrito em Daniel 1:1 em diante refere-se a este sítio durante o reinado de Joaquim, como é que se pode dizer que ele ocorreu *durante o reinado de Jeoiaquim* (Daniel 1:1), que Nabucodonosor veio "contra *ele*" (2 Crônicas 36:6), e que "Jeová entregou-lhe na mão *Jeoiaquim*" (Daniel 1:2), se Jeoiaquim já estava morto quando Nabucodonosor partiu de Babilônia?

Igualar o sítio descrito em Daniel 1:1 em diante com o que ocorreu durante o reinado de Joaquim (2 Reis 24:10-12; 2 Crônicas 36:10) é claramente impossível. Tanto Daniel como o cronista em 2 Crônicas 36:6 descrevem um sítio *anterior* e uma deportação *anterior*, obviamente durante o reinado de *Jeoiaquim*. Não há qualquer razão para acreditar que o "terceiro ano" de Daniel 1:1 significa outra coisa senão o terceiro ano de reinado dele. Não há absolutamente qualquer evidência, seja no livro de Daniel, seja nos outros livros da Bíblia ou nos textos históricos neobabilônicos contemporâneos, de que anos de reinado tenham sido contados a partir do momento da vassalagem de um rei, ou da elevação de Nabucodonosor ao domínio mundial. Tais teorias são nada mais que suposições sem fundamento, adotadas apenas como tentativa de defender uma aplicação errônea dos setenta anos de servidão preditos por Jeremias.

Os três anos de treinamento

Mas o que dizer dos três anos de treinamento mencionados em Daniel 1:5, 18, que parecem estar em conflito com uma leitura natural de Daniel 1:1 e 2:1? Será que não há algum modo mais simples de resolver este conflito a não ser supor que em Daniel 1:1 o profeta tenha contado os anos de reinado de Jeoiaquim desde o princípio de sua *vassalagem* a Babilônia, e os anos de reinado de Nabucodonosor em Daniel 2:1 a partir do ano da *ascensão dele ao domínio mundial*? Por que deveria Daniel contar os anos de reinado destes dois reis dessa maneira confusa e anormal se sabia que seus leitores com certeza o entenderiam mal? E por que ele não contou os anos de reinado desta maneira estranha em *qualquer outra parte* do livro dele, como por exemplo nos versículos 7:1, 8:1, 9:1, e 10:1, onde ele segue o método habitual de contar anos de reinado? Antes de adotar tais explicações forçadas, não seria melhor buscar uma solução mais simples e mais natural?

Já se demonstrou no apêndice ao capítulo dois ("Métodos de Contagem de Anos de Reinado") que não há qualquer discrepância real entre o *terceiro* ano de Jeoiaquim em Daniel 1:1, e o *quarto* ano dele em Jeremias 25:1 e 46:2. Quando se leva em conta a existência dos sistemas ascensional e não-ascensional, esta diferença de um ano é facilmente compreensível.[71]

Esta solução tem também relevância no aparente conflito entre os três anos de treinamento e Daniel 2:1. Se Daniel 1:1 se refere ao ano de ascensão de Nabucodonosor (em harmonia com a Crônica Babilônica), o "segundo ano" dele mencionado em Daniel 2:1 pode ser considerado como o terceiro ano de treinamento dos cativos judaicos. Segundo o modo hebraico de contar períodos de tempo, pelo qual períodos fracionários eram considerados como unidades completas, isto daria três anos.[72] Os três anos não são necessariamente três anos completos. O Dr. Young apresenta a seguinte tabela:[73]

---

[71] Uma brilhante abordagem deste problema pode ser encontrada no artigo do Professor Albertus Pieters, "O Terceiro Ano de Jeoiaquim", em *Das Pirâmides a Paulo*, uma miscelânea em honra do Dr. G. L. Robinson (em inglês - Nova Iorque: Thomas Nelson e Filhos, 1935), págs. 180-193. Pieters conclui: "O 'terceiro ano' de Jeoiaquim em Dan. 1:1 equivale ao 'quarto ano' de Jeoiaquim em Jer. 25:1 e 46:2, sendo o primeiro contado de acordo com o método babilônico e o segundo de acordo com o método palestino de computar os anos de reinado do rei." — *Ibid.*, pág. 181.

[72] Este modo de contar períodos de tempo é freqüentemente denominado "contagem inclusiva". O melhor exemplo é o período da morte de Jesus, da tarde de sexta-feira até a ressurreição dele no domingo de manhã. Embora, cronologicamente, este período tenha sido de pouco mais de duas noites e um dia, os escritores da Bíblia se referem a ele como "três dias" (Mat. 27:63; Mar. 10:34), e até mesmo como "três dias e três noites". (Mat. 12:40) A Sociedade Torre de Vigia o aplica corretamente como significando "partes de três dias". (*Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1, pág. 709) Outro exemplo é o período do sítio de Samaria, que 2 Reis 18:9, 10 declara ter durado do sétimo ao nono ano de Oséias; dizendo ao mesmo tempo que o sítio durou "três anos". Para exemplos adicionais, veja *Os Misteriosos Números dos Reis Hebreus*, Edwin R. Thiele, nova edição revisada (em inglês - Grand Rapids: Editora Zondervan, 1983), pág. 52, nota de rodapé 12.

[73] *A Profecia de Daniel*, Edward J. Young (em inglês - Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949), págs. 55-56; cf. págs. 267-70.

Anos de treinamento:	*Nabucodonosor:*
Primeiro ano	Ano de ascensão
Segundo ano	Primeiro ano
Terceiro ano	Segundo ano

A aplicação deste método simples e bíblico resolve o aparente conflito, sem necessidade de se recorrer a teorias infundadas e explicações estranhas. Muitos eruditos bíblicos modernos que consideram autêntico o livro de Daniel adotaram esta solução simples. Um deles, Gerhard F. Hasel, diz:

> Não é mais necessário explicar a dificuldade entre Dan. 2:1 e 1:1, 18 através de emenda textual (H. Ewald, A. Kamphausen, J. D. Prince, K. Marti, e J. Jahn) ou contagem dupla (C. B. Michaelis, G. Behrmann). A prática da contagem inclusiva, juntamente com o reconhecimento da prática babilônica de não contar o ano de ascensão do rei, elimina todas as dificuldades.[74]

TABELAS CRONOLÓGICAS QUE ABRANGEM OS SETENTA ANOS

As tabelas que seguem foram desenvolvidas para facilitar o exame dos argumentos apresentados neste trabalho. Os anos de reinado babilônicos e persas, de nisã a nisã, e os anos de reinado judaicos, de tisri a tisri foram ajustados ao nosso calendário moderno. Foram também devidamente levados em consideração os anos de ascensão babilônicos e os anos não-ascensionais judaicos. O princípio básico foi considerar as datas bíblicas conforme estão expressas, se nada mais for indicado pelo contexto. O objetivo das tabelas é demonstrar como as diferentes datas bíblicas se harmonizam naturalmente entre si e também com as crônicas babilônicas. Alguns pontos requerem comentários especiais:

A. A morte de Josias em Megido, no verão de 609 (2 Reis 23:29)

Conforme se relatou no Capítulo 5 deste livro (seção G-2), a cidade de Harã, o último baluarte assírio, foi capturada e saqueada por forças babilônicas e medas, em fins de 610 ou no início de 609 A.E.C. Assur-Ubalit, o último rei assírio, fugiu. No verão de 609 uma grande força

---

[74] Gerhard F. Hasel em *Estudos de Seminaristas da Universidade de Andrews* (em inglês), Vol. XV, Nº. 2, 1977, pág. 167.

egípcia comandada pelo Faraó Neco marchou até o Eufrates para ajudar Assur-Ubalit a recapturar Harã. Por alguma razão desconhecida, o rei judaico Josias tentou deter as forças egípcias em Megido, mas foi derrotado e ferido mortalmente. — 2 Reis 23:29-30; 2 Crônicas 35:20-25.

Certa vez se debateu se a morte de Josias ocorreu em 609 ou 608 A.E.C.[75] Esta questão está agora resolvida, pois a crônica babilônica B.M. 22047 (publicada originalmente por D. J. Wiseman, em 1956) mostra que a malograda tentativa de recapturar Harã ocorreu entre tamuz e elul (aproximadamente entre julho e setembro) no décimo sétimo ano de reinado de Nabopolassar (609/08).[76] Como o exército egípcio precisou de quase um mês para viajar de Megido até o Eufrates, a batalha em Megido e a morte de Josias ocorreram no início do verão setentrional de 609 A.E.C.[77]

Como se pode ver à base das tabelas, esta data está em boa harmonia com o método judaico de contar anos de reinado de tisri a tisri.

B. Os três meses de reinado de Jeoacaz e a sucessão de Jeoiaquim

Depois da morte de Josias, os judeus fizeram seu filho Jeoacaz rei em Jerusalém. (2 Crônicas 36:1) Depois de apenas três meses de reinado, o Faraó Neco, ao retornar do Eufrates, afastou Jeoacaz e pôs seu irmão Jeoiaquim no trono em Jerusalém. Dali em diante Judá era um reino vassalo do Egito. Como a fracassada tentativa egípcio-assíria de recapturar Harã terminou em elul (agosto-setembro) e a retirada egípcia de Harã para Jerusalém levou quase um mês, a remoção de Jeoacaz e entronização de Jeoiaquim devem ter ocorrido no mês seguinte, tisri (setembro-outubro).

---

[75] *Os Misteriosos Números dos Reis Hebreus*, Edwin R. Thiele, Nova Edição Revisada em inglês (Grand Rapids, Michigan: The Zondervan Corporation, 1983), págs. 205-206.

[76] *Crônicas dos Reis Caldeus*, D. J. Wiseman, (em inglês - Londres: Curadores do Museu Britânico, 1961; publicado originalmente em 1956), págs. 63-67. Veja também o artigo de Hayim Tadmor "A Cronologia dos Últimos Reis de Judá" na *Revista de Estudos do Oriente Próximo*, Vol. XV (1956), pág. 228 em inglês.

[77] "O Crepúsculo de Judá: No Redemoinho Egípcio-Babilônico", A. Malamat, em *Supplements to Vetus Testamentum*, Vol. XXVIII (Leiden: E.J. Brill, 1975), pág. 125, nota de rodapé 5.

Segundo o sistema judaico não-ascensional, o primeiro ano de reinado de Jeoiaquim, deve então ser contado a partir de 1º de tisri de 609 A.E.C. Os três meses de reinado de Jeoacaz foram evidentemente incluídos no reinado de 31 anos de Josias, em vez de serem contados como um ano de reinado à parte. (Os três meses de reinado de Joaquim, que terminaram em 16 de março de 597 A.E.C., foram evidentemente tratados de modo similar, sendo contados como parte do primeiro ano do reinado de Zedequias.)

C. O primeiro ano de Zedequias, 598/97 A.E.C.

Conforme se mostrou na primeira seção do Apêndice ao Capítulo 5, "O 'terceiro ano de Jeoiaquim' (Daniel 1:1-2)", a Crônica Babilônica B.M. 21946 data a remoção de Joaquim do trono no dia dois de adar do sétimo ano do reinado de Nabucodonosor, que corresponde a 16 de março de 597, segundo o calendário juliano, depois do qual Zedequias foi empossado como rei. Seguindo o sistema não-ascensional, o primeiro ano de Zedequias, foi então contado de tisri de 598, a tisri de 597 A.E.C. O primeiro ano do reinado de Zedequias coincidiu com o primeiro ano do *exílio* de Joaquim, como se pode ver através de uma comparação de Ezequiel 24:1-2 (as datas em Ezequiel referem-se às do exílio de Joaquim) com 2 Reis 25:1.

Isto é muito natural, uma vez que os três meses de reinado de Joaquim começaram depois de tisri de 598. Desse modo, seu primeiro ano de reinado teria sido contado a partir de 1º de tisri de 598, caso ele não tivesse sido removido do trono. Assim, os três meses dele tiveram de ser incluídos no primeiro ano do reinado de Zedequias.

D. A "profecia" de Hananias em julho-agosto de 594 A.E.C. (Jeremias 28:1)

No décimo ano de Nabucodonosor irrompeu uma rebelião no exército dele, do mês de quisleu até o mês de tebete (c. novembro de 595 – janeiro de 594 A.E.C.), segundo a Crônica Babilônica B.M. 21946.[78] Se esta rebelião motivou os planos de revolta entre os exilados judaicos, os quais se espalharam também em Judá, conforme se reflete em Jeremias, capítulos 27 a 29, tais planos devem ter se desenvolvido

[78] Wiseman, *op. cit.*, pág. 73. Cf. *Crônicas Assírias e Babilônicas*, A. K. Grayson, (em inglês - Locust Valley, Nova Iorque: J.J. Augustin Publisher, 1975), pág. 102.

logo após a rebelião babilônica. A "profecia" de Hananias de que o jugo de Babilônia seria quebrado e os exilados retornariam dentro de dois anos, é datada no *quinto* mês do *quarto* ano de Zedequias. (Jeremias 28:1-4) Este quinto mês (ab, que corresponde a julho-agosto), deve ter caído, então, em julho-agosto de 594 A.E.C., alguns meses depois que Nabucodonosor esmagou a rebelião. Um exame da tabela mostra que o quinto mês do quarto ano de Zedequias caiu de fato em julho-agosto de 594 A.E.C., indicando assim que o esquema cronológico apresentado nas tabelas está correto.

E. O sítio de Jerusalém, 589-587 A.E.C.

Tem sido debatido se o sítio durou dezoito meses, ou cerca de dois anos e meio.[79] Segundo a contagem de anos de reinado de nisã a nisã, o sítio durou dezoito meses (2 Reis 25:1-4), mas isto está em conflito com a declaração em Ezequiel 33:21, que diz que um fugitivo da destruição de Jerusalém chegou até Ezequiel "no *décimo segundo ano*, no décimo mês, no quinto dia do mês". Isto significaria que o fugitivo veio a Ezequiel com a mensagem de que a cidade tinha sido golpeada cerca de *um ano e meio depois* da destruição de Jerusalém. Isto parece incrível.

Desse modo, argumenta-se freqüentemente que Ezequiel 33:21 rezava originalmente "*décimo primeiro* ano", o que é apoiado pela Versão Siríaca, pela Versão *Septuaginta* grega, e por alguns manuscritos hebraicos.[80] Mas se for aplicada a contagem de anos de reinado de tisri a tisri, pode-se manter a bem confirmada versão "décimo segundo ano", com o fugitivo vindo a Ezequiel cerca de seis meses depois da captura de Jerusalém, o que parece mais natural. Ademais, esta contagem mostra que o sítio durou cerca de dois anos e meio, em vez de dezoito meses.

---

[79] *"As Nações Terão de Saber Que Eu Sou Jeová" — Como?* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, publicado em português em 1973), págs. 263-265, argumenta em favor de um sítio de dezoito meses.

[80] *Ibid*., pág. 264.

F. O 37º ano de exílio de Joaquim, 562/61 A.E.C.

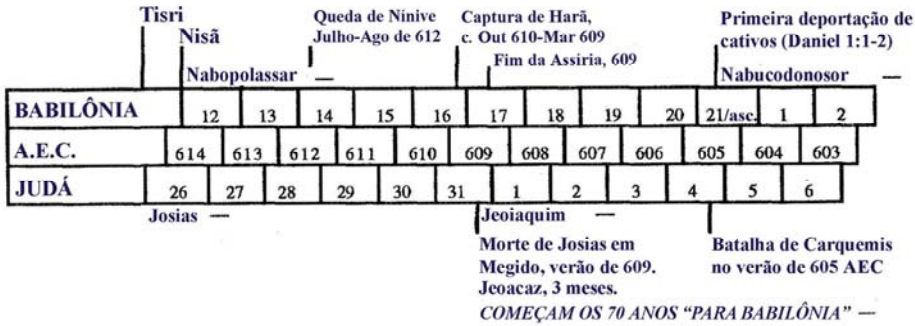
Em 2 Reis 25:27 (= Jeremias 52:31), o 37º ano do exílio de Joaquim é igualado ao ano de ascensão de Evil-Merodaque. Temos aqui uma excelente confirmação da conclusão que os reis judaicos aplicavam uma contagem de anos de reinado de tisri a tisri.

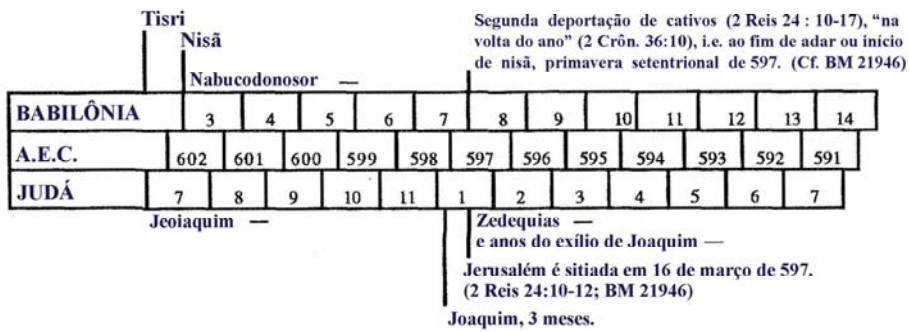
Evil-Merodaque ascendeu ao trono no outono de 562 A.E.C., e seu ano de ascensão durou até nisã de 561 A.E.C. A libertação de Joaquim da prisão ocorreu no *décimo segundo* mês do ano de ascensão de Evil-Merodaque (Jeremias 52:31), no vigésimo quinto dia. Isto correspondeu a 30 de março de 561 A.E.C. (calendário juliano).

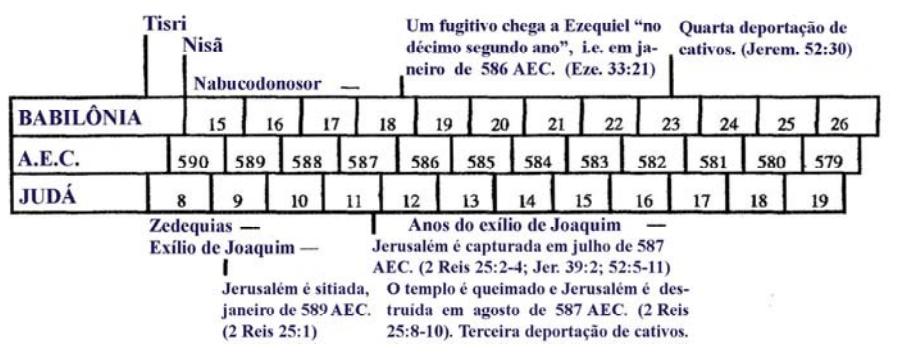
Se forem aplicados anos de reinado de nisã a nisã ao exílio de Joaquim, o 37º ano deste exílio não pode ser contado a partir de nisã de 561 A.E.C., pois este mês caiu *depois* de sua libertação da prisão. Mas se o 37º ano do exílio dele for contado a partir de 562 A.E.C. para manter o sincronismo com o ano de ascensão de Evil-Merodaque, seu *primeiro* ano de exílio tem de ser contado de nisã de 598 a nisã de 597 A.E.C. É isto provável?

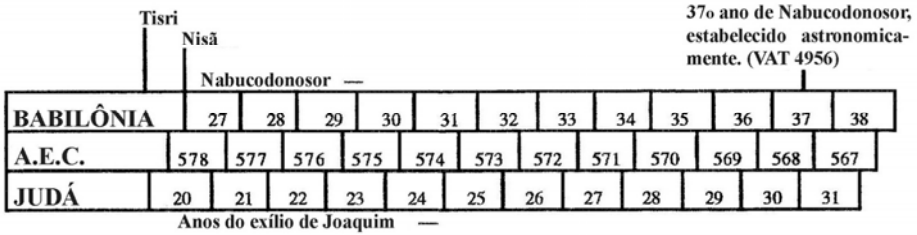
Uma vez que a deportação dele ocorreu por volta de 1º de nisã de 597 A.E.C. (2 Reis 24:10-17; 2 Crônicas 36:10, e a Crônica Babilônica B.M. 21946: 11-13), isto significaria que seu primeiro ano de exílio caiu quase exatamente um ano antes de ele ter sido deportado! Como isto é impossível, os anos do exílio dele devem ter sido contados conforme os anos de tisri a tisri.

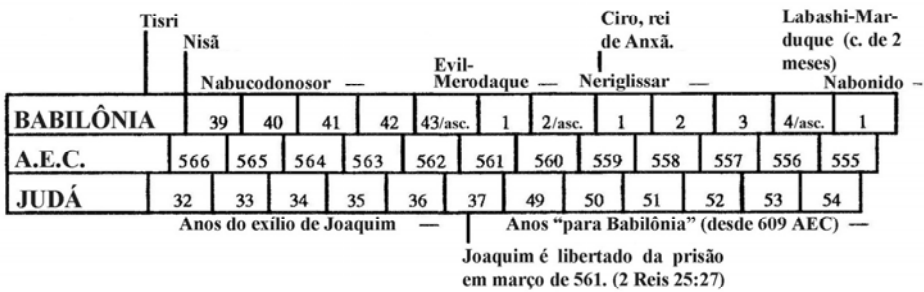
A CRONOLOGIA DOS SETENTA ANOS

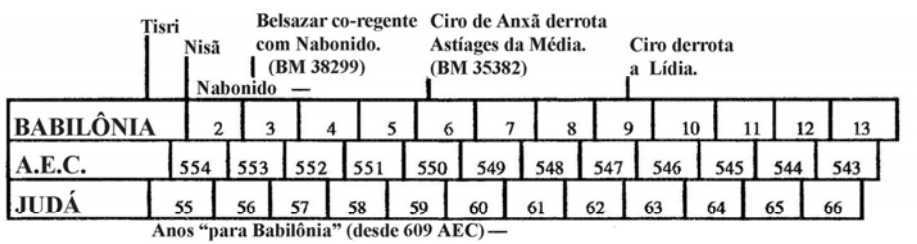


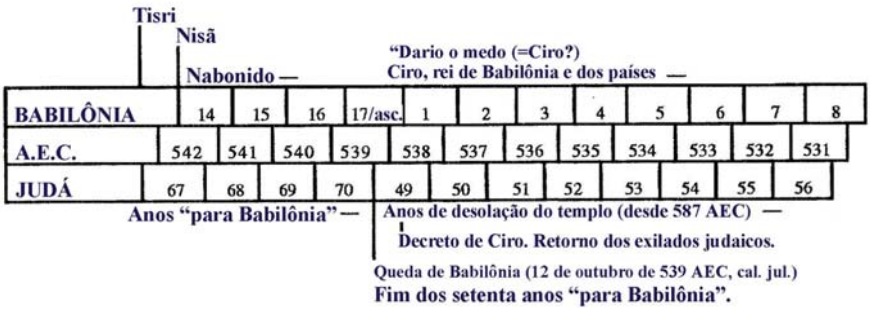


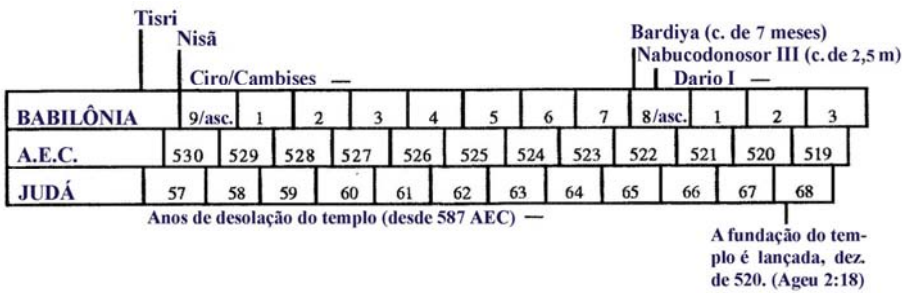



Tisri
Nisã
Nabucodonosor —
37o ano de Nabucodonosor, estabelecido astronomicamente. (VAT 4956)
BABILÔNIA 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38
A.E.C. 578 577 576 575 574 573 572 571 570 569 568 567
JUDÁ 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31
Anos do exílio de Joaquim —


Tisri
Nisã
Nabucodonosor —
Evil-Merodaque —
Ciro, rei de Anxã.
Neriglissar —
Labashi-Marduque (c. de 2 meses)
Nabonido —
BABILÔNIA 39 40 41 42 43/asc. 1 2/asc. 1 2 3 4/asc. 1
A.E.C. 566 565 564 563 562 561 560 559 558 557 556 555
JUDÁ 32 33 34 35 36 37 49 50 51 52 53 54
Anos do exílio de Joaquim —
Anos "para Babilônia" (desde 609 AEC) —
Joaquim é libertado da prisão em março de 561. (2 Reis 25:27)


Tisri
Nisã
Nabonido —
Belsazar co-regente com Nabonido. (BM 38299)
Ciro de Anxã derrota Astíages da Média. (BM 35382)
Ciro derrota a Lídia.
BABILÔNIA 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13
A.E.C. 554 553 552 551 550 549 548 547 546 545 544 543
JUDÁ 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66
Anos "para Babilônia" (desde 609 AEC) —


Tisri
Nisã
Nabonido —
"Dario o medo (=Ciro?)
Ciro, rei de Babilônia e dos países —
BABILÔNIA 14 15 16 17/asc. 1 2 3 4 5 6 7 8
A.E.C. 542 541 540 539 538 537 536 535 534 533 532 531
JUDÁ 67 68 69 70 49 50 51 52 53 54 55 56
Anos "para Babilônia" —
Anos de desolação do templo (desde 587 AEC) —
Decreto de Ciro. Retorno dos exilados judaicos.
Queda de Babilônia (12 de outubro de 539 AEC, cal. jul.)
Fim dos setenta anos "para Babilônia".


Tisri
Nisã
Ciro/Cambises —
Bardiya (c. de 7 meses)
Nabucodonosor III (c. de 2,5 m)
Dario I —
BABILÔNIA 9/asc. 1 2 3 4 5 6 7 8/asc. 1 2 3
A.E.C. 530 529 528 527 526 525 524 523 522 521 520 519
JUDÁ 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68
Anos de desolação do templo (desde 587 AEC) —
A fundação do templo é lançada, dez. de 520. (Ageu 2:18)

Tisri
Nisã
Dario I —
BABILÔNIA 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15
A.E.C. 518 517 516 515 514 513 512 511 510 509 508 507
JUDÁ 69 70 71 72
70º ano de jejuns desde 587 AEC. (Zac. 7:1-5)
O templo é concluído em março de 515 AEC. (Esd. 6:15)

Ao Capítulo Sete:

ANÁLISE CRÍTICA:

A CRONOLOGIA PERSA E A DURAÇÃO DO EXÍLIO BABILÔNICO DOS JUDEUS, ROLF FURULI, (OSLO: ROLF FURULI A/S, 2003)

A Cronologia Persa e a Duração do Exílio Babilônico dos Judeus (em inglês) é o primeiro de dois volumes nos quais Rolf Furuli tenta revisar a cronologia tradicional dos períodos neobabilônico e persa. Furuli afirma que a razão para este empreendimento é que esta cronologia está em conflito com a Bíblia. Ele insiste que a Bíblia mostra "inequivocamente", "explicitamente" e "definitivamente" que Jerusalém e a terra de Judá permaneceram desoladas por 70 anos, até o momento em que os exilados judaicos em Babilônia retornaram a Judá como resultado do decreto que Ciro emitiu no primeiro ano de seu reinado, 538/37 A.E.C. (págs. 17, 89 e 91, em inglês). Isto dá a entender que a desolação de Jerusalém no 18º ano do reinado de Nabucodonosor ocorreu 70 anos antes, em 607 A.E.C. Conforme foi amplamente documentado neste livro, isto contraria a moderna pesquisa histórica, que fixou o 18º ano de Nabucodonosor em 587/86 A.E.C. Furuli não menciona explicitamente a data 607 A.E.C. neste volume, talvez porque uma abordagem mais detalhada da cronologia neobabilônica está reservada para o segundo volume dele, ainda não publicado.

Desse modo, a maior parte dos dez capítulos deste primeiro volume contém um exame crítico dos reinados dos reis persas desde Ciro até Dario II. A principal alegação desta discussão é que o primeiro ano de Artaxerxes I deve ser recuado 10 anos, de 464 para 474 A.E.C. Furuli não menciona que esta é uma idéia antiga, que pode ser remontada ao famoso teólogo jesuíta Denis Petau, mais conhecido como Dionísio Petávio, o qual apresentou isto pela primeira vez em um trabalho publicado em 1627. A revisão de Petávio tinha base teológica, porque, se as "setenta semanas [de anos]", ou 490 anos, de Daniel 9:24-27 devem ser contadas desde o 20º ano do reinado de Artaxerxes (Neemias 2:1 e versículos seguintes) até 36 E.C. (a data que Dionísio apresentou como fim do período), o 20º ano de Artaxerxes tem de ser

recuado de 445 para 455 A.E.C. Furuli nada diz sobre este motivo subjacente para a revisão que propõe.

A agenda secreta

Furuli publicou este livro à sua própria custa. Na contracapa do livro ele se apresenta desta maneira:

> Rolf Furuli é conferencista em línguas semíticas na Universidade de Oslo. Ele está trabalhando em uma tese de doutorado que propõe um novo entendimento do sistema verbal do Hebraico Clássico. Trabalhou por muitos anos com teoria de tradução, e publicou dois livros sobre tradução bíblica; tendo também experiência como tradutor. Este livro é resultante do estudo de mais de duas décadas que ele fez sobre a cronologia do Mundo Antigo.

Furuli não menciona que é Testemunha de Jeová, e que por muito tempo produziu textos apologéticos para defender a interpretação da Torre de Vigia contra a crítica. Seus dois livros sobre tradução bíblica nada mais são que defesas da *Tradução do Novo Mundo*, a versão bíblica das Testemunhas. Ele não menciona que por muitos anos vem tentando defender a cronologia da Torre de Vigia e que sua cronologia revisada é basicamente uma defesa da cronologia tradicional da Sociedade Torre de Vigia. (Veja as páginas 360 e 361 deste livro.) Ele descreve sua cronologia como "nova", chamando-a de "Cronologia de Oslo", (pág. 14) quando na verdade a data 607 A.E.C. para a destruição de Jerusalém é a base cronológica para as alegações e mensagens apocalípticas da organização Torre de Vigia, e a data 455 A.E.C. para o 20º ano de Artaxerxes I é o ponto de partida tradicional para o cálculo que a Torre de Vigia faz das "setenta semanas" de Daniel 9:24-27.

Apesar destes fatos, Furuli jamais menciona a Sociedade Torre de Vigia ou a cronologia dela em qualquer parte de seu livro. Nem menciona minha refutação detalhada desta cronologia em várias edições do livro *Os Tempos dos Gentios Reconsiderados* (TGR), publicado originalmente em inglês em 1983, apesar do fato de que em "coleções organizadas de anotações" que pôs em circulação, ele tentou refutar as conclusões apresentadas em edições anteriores de meu livro. O silêncio de Furuli quanto ao TGR é notório porque ele faz uma discussão do estudo sobre o período bíblico de 70 anos que R. E. Winkle fez em 1987, o qual apresenta na maior parte os mesmos argumentos e conclusões que se encontram na primeira edição de TGR

(1983). (Veja o Capítulo 5 deste livro, nota de rodapé 57.) Como Testemunha de Jeová, Furuli é proibido de interagir com ex-membros de sua organização. Se é este o motivo de fingir desconhecer a existência de meu estudo, ele está agindo como Testemunha leal – não como acadêmico.

É evidente que Furuli tem uma agenda, e ele a está escondendo.

TENTATIVAS DE REVISAR A CRONOLOGIA NEOBABILÔNICA

Embora o Volume I da obra de Furuli seja principalmente uma tentativa de revisar a cronologia persa, algumas partes dele contêm também argumentos em favor de um alongamento da cronologia neobabilônica:

(A) No capítulo 6, Furuli alega que existem tabuinhas comerciais datadas do 17º ano do reinado de Nabonido que se sobrepõem ao reinado de Ciro, as quais, se estiverem corretas, "sugerem que Nabonido reinou por mais tempo" (pág. 132).

(B) Uma vez que a cronologia do período neobabilônico é estabelecida por várias tabuinhas astronômicas, Furuli dedica muito espaço à tentativa de minar a credibilidade destas tabuinhas, incluindo o diário astronômico VAT 4956, que especifica o 37º ano de Nabucodonosor. No Capítulo 1 ele alega que só existem duas fontes astronômicas principais para a cronologia dos períodos neobabilônico e persa. No mesmo capítulo ele descreve nove "fontes potenciais de erro" nas tabuinhas astronômicas babilônicas.

(C) No Capítulo 2, Furuli argumenta ser provável que os textos astronômicos contenham principalmente, não observações em primeira mão, e sim cálculos posteriores efetuados durante a era selêucida (após 312 A.E.C.).

(D) Por fim, no Capítulo 4, Furuli aborda a profecia de Jeremias acerca dos 70 anos, argumentando que os escritores de Daniel 9:2 e 2 Crônicas 36:21 "inequivocamente" aplicaram os 70 anos ao período da condição desolada de Jerusalém.

Nesta revisão examinarei criticamente estas alegações, uma por uma. Como a cronologia persa não é o assunto tratado neste livro, a revisão cronológica que Furuli fez daquele período não será examinada

aqui. Uma análise mais detalhada (em inglês) do livro de Furuli, que inclui comentários sobre sua cronologia persa revisada, encontra-se no seguinte site:

http://user.tninet.se/~oof408u/fkf/english/furulirev.htm.

Para algumas obras às quais se fazem freqüentes referências na discussão que segue, são usadas as seguintes abreviaturas em inglês:

ADT *Diários Astronômicos de Babilônia e Textos Relacionados*, Abraham J. Sachs e Hermann Hunger (Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften. Vol. I – 1988, II – 1989, III – 1996, V – 2001).

CBT *Catálogo das Tabuinhas Babilônicas no Museu Britânico*, Erle Leichty et al, Vols. 6, 7 e 8 (1986, 1987 e 1988). Estes volumes listam as tabuinhas de Sipar mantidas no Museu Britânico.

LBAT *Antigos Textos Astronômicos Babilônicos e Textos Relacionados*. *Compilados por T. G. Pinches e J. N. Strassmaier*, editado por Abraham J. Sachs (Providence, Rhode Island: Editora da Universidade Brown, 1955).

PD *Cronologia Babilônica 626 A.C. – 75 A.D.*, Richard A. Parker e Waldo H. Dubberstein, (Providence, Rhode Island: Editora da Universidade Brown, 1956).

(A) A suposta "sobreposição" entre os reinados de Nabonido e Ciro

Um argumento usado repetidamente por Furuli é que a existência de documentos comerciais datados que apresentam "sobreposições" cronológicas de alguns dias, semanas ou meses entre um rei e seu sucessor prova que "há algo errado com nosso esquema cronológico. Nesse caso é provável que o sucessor não tenha sucedido o rei anterior no ano em que este morreu. Pode haver um ou mais anos intermediários ou mesmo outro rei entre os dois em questão. Testar uma cronologia desta maneira é muito importante porque há discrepâncias entre todos os reis do Novo Império Babilônico e em vários dos primeiros reis do Império Persa." (pág. 132)

Este argumento é examinado criticamente e contestado no Apêndice deste livro onde as supostas "sobreposições" entre os reinados de todos os reis do período neobabilônico são examinadas em detalhes. (Veja as págs. 375-386 deste livro.) A única "sobreposição" não discutida é a que se sugere ter existido entre o 17º ano de Nabonido e o ano de ascensão de Ciro. A razão para isto não é só por não existir qualquer texto datado que comprove essa sobreposição entre os dois reinados, mas também porque há várias tabuinhas provando definitivamente que Ciro sucedeu Nabonido em seu 17º ano. Cinco de tais textos são abordados neste livro, nas páginas 158-163.

Apesar disso, Furuli alega que algumas tabuinhas comerciais mostram uma sobreposição entre o 17º ano de Nabonido e o ano de ascensão de Ciro. A "Tabela 18", na pág. 132 do livro dele, mostra que a tabuinha mais antiga que existe do reinado de Ciro (CT 57:717) é datada no dia 19, mês VII (tisri) do ano de ascensão dele, ou seja, três dias depois da queda de Babilônia. Esta data é correta. Todavia Furuli dá seqüência à tabela dele apresentando três tabuinhas que parecem ser datadas no reinado de Nabonido *depois* da tabuinha mais antiga do reinado de Ciro, indicando uma sobreposição de cinco meses entre os dois reis:

Dia - mês - ano:	Rei:
19 -- VII -- asc.	Ciro
10 -- VIII -- 17	Nabonido
xx -- IX -- 17	Nabonido
19 -- XII -- 17	Nabonido

Furuli conclui:

> Se uma ou mais das três tabuinhas datadas nos meses 8 e 12 de Nabonido estiverem corretas, isto sugere que Nabonido reinou por mais de 17 anos. (pág. 132)

Mas nenhuma das três "sobreposições de datas" é verdadeira.

(A-1) Nabonido "10 – VIII – 17" (BM 74972):

Conforme Furuli explica, PD rejeitou esta data porque na cópia do texto de J. N. Strassmaier, publicado em 1889, "o símbolo do mês está

sombreado".[81] Eles tiveram boas razões para fazer isto porque F. H. Weissbach, que conferiu a tabuinha em 1908, explicou que o nome do mês era altamente incerto e "de qualquer modo não era arasamnu" (o mês VIII).[82]

Na verdade, há até mesmo um erro mais grave com a data. Lá em 1990 pedi a C. B. F. Walker, do Museu Britânico, que verificasse novamente a data na tabuinha original. Ele fez isto juntamente com outros dois assiriologistas. Todos concordaram que o ano é 16, não 17. Walker diz:

> Acerca do texto Nabonido nº. 1054, mencionado por Parker e Dubberstein, pág. 13 e por Kugler, em SSB II 388, eu conferi essa tabuinha (BM 74972) e fiquei convencido de que o ano é 16, não 17. Ela foi também conferida pelo Dr. G. Van Driel e pelo Sr. Bongenaar, e ambos concordam comigo.[83]

(A-2) Nabonido "xx – IX – 17" (Nº. 1055 em Nabonido, de Strassmaier):

Este texto não fornece qualquer número referente a dia, sendo a data acima apresentada simplesmente como "Kislimu [= mês IX], ano 17 de Nabonido". Na realidade, o texto contém quatro diferentes datas deste tipo, não ordenadas cronologicamente, da seguinte maneira: Meses IX, I, XII e VI do "ano 17 de Nabonido". Nenhuma destas datas se refere à época em que a tabuinha foi redigida. Uma data deste tipo está realmente ausente na tabuinha. Conforme F. X. Kugler explicou, a tabuinha pertence a uma categoria de textos que contém datas de prestação ou de entrega (*mashshartum*).[84] Tais datas eram determinadas com pelo menos um mês, e freqüentemente com vários meses de antecedência. Esta é a razão por que PD declara (na pág. 14) que "esta tabuinha é inútil para fins de datação." Conforme é mostrado por seus conteúdos, o Nº. 1055 é um texto administrativo que

---

[81] PD (*Cronologia Babilônica*, Parker & Dubberstein, 1956), pág. 13 em inglês. A tabuinha está listada como Nº. 1054 em *Inschriften von Nabonidus, König von Babylon*, de J. N. Strassmaier, (Leipzig, 1889).

[82] Veja *Sternkunde und Sterndienst in Babel* [SSB], de F. X. Kugler, Vol. II:2 (1912), pág. 388.

[83] Carta de Walker a Jonsson, 13 de novembro de 1990.

[84] SSB II:2, F. X. Kugler (1912), págs. 388, 389.

estabelece as datas para entregas de certas quantias de cevada no 17º ano de Nabonido.[85]

(A-3) "19 – XII – 17" de Nabonido (BM 55694):

Esta tabuinha foi compilada por T. G. Pinches na década de 1890 e foi finalmente publicada em 1982 como CT 57:168.[86] Ela é também alistada em CBT 6, pág. 184, onde a data é especificada como "Nb(-) 19/12/13+" (= dia 19, mês 12, ano 13+).[87] Evidentemente o nome do rei e o número do ano estão ambos danificados e apenas parcialmente legíveis. "Nb(-)" quer dizer que o nome do rei começa com "Nabu-". Isto pode se referir a Nabopolassar, Nabucodonosor ou Nabonido. Se for Nabonido, o número do ano danificado "13+", pode se referir a qualquer ano entre o 13º e o 17º ano dele. Talvez um exame da tabuinha original poderia dar algumas pistas.

Assim, nenhuma das três tabuinhas alistadas por Furuli pode ser usada para provar que o 17º ano de Nabonido coincidiu com o ano de ascensão de Ciro, sugerindo que "Nabonido reinou por mais de 17 anos."

(B) Tentativas de minar a credibilidade das tabuinhas astronômicas

(B-1) Somente três fontes principais para a cronologia do mundo antigo?

Furuli está bem ciente de que a evidência mais prejudicial contra o que ele chama de "Cronologia de Oslo" é fornecida pelas tabuinhas cuneiformes astronômicas. De modo que ele se esforça em depreciar a importância da maioria destas tabuinhas, declarando que há apenas duas fontes astronômicas principais nas quais a cronologia dos períodos neobabilônico e persa podem se basear. (Páginas 15, 24 e 45) Ele alega que pelo menos uma destas contradiz a terceira fonte cronológica principal – a Bíblia:

---

[85] P. A. Beaulieu na *Revista de Estudos do Oriente Próximo*, Vol. 52:4 (em inglês - 1993), págs. 256, 258.

[86] CT 57:168 = Textos Cuneiformes de Tabuinhas Babilônicas no Museu Britânico, Parte 57 (1982), Nº. 168, em inglês.

[87] *Catálogo das Tabuinhas Babilônicas no Museu Britânico*, Erle Leichty (CBT), Vol. 6 (1986), pág. 184 (82-7-14, 51), em inglês.

> Há três fontes principais com informação referente à cronologia dos reis neobabilônicos e persas, a saber, *Strm Kambys 400*, *VAT 4956* e a Bíblia. As informações contidas nestas três fontes não se harmonizam. (pág. 21)

Furuli sabe, é claro, que para a fixação da data absoluta da queda de Babilônia em 539 A.E.C., há necessidade de pelo menos um texto astronômico. Como o diário *VAT 4956* é desastroso para sua Cronologia de Oslo, ele é obrigado a escolher o *Strm Kambys 400* para este fim, alegando que esta é "a tabuinha que é a mais importante para a cronologia persa" (pág. 128) e "a única fonte à base da qual se pode estabelecer uma cronologia absoluta referente ao ano em que Ciro conquistou Babilônia." (pág. 134)

A baixa qualidade desta tabuinha já foi enfatizada neste livro. Como já foi mencionado por F. X. Kugler em 1903, ela é provavelmente a menos confiável de todas as tabuinhas astronômicas. (Veja as páginas 98 a 102 deste livro.) Eruditos modernos até mesmo questionam se ela contém alguma observação. O Dr. John M. Steele, por exemplo, explica:

> É também imprudente basear qualquer conclusão referente aos registros babilônicos apenas nesta tabuinha, uma vez que ela não se enquadra em qualquer das categorias comuns de texto. Em particular, não há certeza se este texto contém observações ou cálculos dos fenômenos que registra. Pelo menos alguns dos dados devem ter sido calculados. Por exemplo, o registro completo de seis cronometragens lunares para o 7º ano de Cambises não pode ter sido todo medido; com certeza as nuvens teriam impedido sua observação em pelo menos algumas ocasiões. Desse modo, os seis dados lunares devem ter sido todos calculados, conforme sugerido por Kugler (1907: 61-72), ou então uma mistura de observações e cálculos. Há também debate quanto a se os dois eclipses lunares foram observados ou calculados.[88]

O fato é que a cronologia das eras neobabilônica e persa é fixada por meio de quase 50 tabuinhas de observações astronômicas (diários, textos de eclipse e textos planetários). Muitos deles são bem extensos e detalhados e servem como fontes principais para a cronologia absoluta

---

[88] *Observações e Predições de Períodos de Eclipse por Astrônomos Antigos*, John M. Steele (em inglês - Dordrecht-Boston-Londres: Publicadores Acadêmicos Kluwer, 2000), pág. 98. C. B. F. Walker, por exemplo, faz referência à magnitude inexata registrada para um dos dois eclipses no texto, "mas", ele acrescenta, "o texto de Cambises é agora entendido como contendo uma série de previsões em vez de observações." – Walker em *A Mesopotâmia no Período Persa*, de John Curtis (em inglês - Londres: Curadores do Museu Britânico, 1997), pág. 18.

deste período. A maior parte destas tabuinhas está publicada nos volumes I e V do ADT de Sachs & Hunger.[89] Por exemplo, há cerca de 25 diários do reinado de Artaxerxes II (404-359 AEC), 11 dos quais têm o nome do rei e as datas de reinado preservadas. A maioria, senão todos, aparentam ser, não cópias posteriores, e sim compilações originais do reinado de 46 anos de Artaxerxes II.[90] Portanto, para fixar a cronologia absoluta do reinado de Artaxerxes II ou de qualquer outro rei persa, o *Strm Kambys 400* é desnecessário e irrelevante. Ele nem é necessário para estabelecer os reinados de Cambises e de Ciro, os quais podem ser fixados de modo mais seguro por meio de outros textos.

(B-2) "Fontes de erros" potenciais nas tabuinhas astronômicas babilônicas

Numa tentativa de enfraquecer adicionalmente a credibilidade dos textos astronômicos, nas páginas 29-37 Furuli descreve nove "fontes potenciais de erro" que poderiam minar a confiabilidade das tabuinhas que estão em conflito com sua Cronologia de Oslo, tais como o *VAT 4956*. Num exame mais atento, porém, as supostas "fontes de erro" revelam-se como (a) triviais e sem importância, (b) não aplicáveis às tabuinhas usadas para fixar a cronologia neobabilônica e persa, sendo, portanto, irrelevantes, (c) meros produtos da imaginação. Todas as "fontes potenciais de erros" de Furuli enquadram-se numa destas três categorias. Alguns exemplos são apresentados abaixo.

(B-2a) Fontes de erro triviais e irrelevantes:

Um exemplo do tipo (a) é a descrição que Furuli faz do "processo de transcrição dos dados." A discussão dele sobre isto se concentra no diário astronômico VAT 4956, datado do 37º ano do reinado de Nabucodonosor. Furuli explica:

> A própria tabuinha é uma cópia feita muito tempo depois de a original ter sido feita, mas até mesmo a original não foi feita na ocasião em que as observações foram efetuadas. A tabuinha abrange um ano inteiro, e uma vez que o barro dificilmente se mantém úmido por 12 meses, as observações

[89] ADT = Sigla em inglês para *Diários Astronômicos da Babilônia e Textos Relacionados*.

[90] Comunicação de H. Hunger a C. O. Jonsson, datada de 26 de janeiro de 2001.

> devem ter sido escritas em muitas tabuinhas menores, que foram copiadas quando a original foi feita. (págs. 30 e 31)

No que se refere ao procedimento de cópia e compilação, a descrição de Furuli é correta e bem conhecida pelos assiriologistas. Erros de cópia existem de fato, mas eles normalmente criam poucos problemas em tabuinhas que estejam razoavelmente bem preservadas e detalhadas o suficiente para serem úteis para fins cronológicos. Conforme discutido no capítulo 4 deste livro (na pág. 191), as posições lunares e planetárias datadas que estão registradas no VAT 4956 contêm evidentemente um par de erros de escrita. Estes erros, porém, são secundários e facilmente detectáveis por meio de cálculos modernos das observações registradas.

Assim, no lado anverso (frontal), linha 3, lê-se dia "9", o qual P.V. Neugebauer e E. F. Weidner apontaram como um erro de escrita para dia "8".[91] Similarmente, na linha 14 do anverso lê-se dia "5", o que é obviamente um erro de escrita para o dia "4". Os registros legíveis remanescentes das posições lunares e planetárias observadas, que são aproximadamente 30, estão corretos, como se demonstra por meio de cálculos modernos. Em seu recente exame do VAT 4956, o professor F. R. Stephenson e o Dr. D. M. Willis concluem:

> As observações analisadas aqui são suficientemente diversas e precisas para tornar a data aceita da tabuinha — isto é, 568-567 A.C. — *seguramente confirmada*.[92]

(B-2b) "Fontes de erro" inaplicáveis e, portanto, irrelevantes:

Um exemplo de (b) é a referência de Furuli à mudança gradual na velocidade de rotação da terra. (pág. 33) Conforme se indica neste livro (na pág. 392), isto não é problema para o período em questão, pois a taxa de diminuição na rotação da terra foi estabelecida para o intervalo anterior ao período neobabilônico, até mesmo por mais de um século antes. Desse modo, de meados do 8º século A.E.C. em diante, estamos em "terra firme" com relação a esta fonte de erro.

---

[91] Uma tradução e discussão da tabuinha feitas por Neugebauer & Weidner foi publicada em 1915. Veja a pág. 185 deste livro, nota 8.

[92] *Sob Um Céu. Astronomia e Matemática no Antigo Oriente Próximo*, F. R. Stephenson & D. M. Willis em J. M. Steele & A. Imhausen [eds.] (Münster: Ugarit-Verlag, 2002), págs. 423-428 em inglês. (Ênfase acrescentada)

(B-2c) "Fonte de erro" imaginária nº. 1:

Um exemplo de (c) é a referência de Furuli à suposta "rusticidade das observações" registradas nas tabuinhas astronômicas. Na página 32 (em inglês) ele alega:

> Um problema é a rusticidade das observações. Como as tabuinhas provavelmente foram feitas por razões astrológicas, era suficiente saber o signo do zodíaco no qual a lua ou certo planeta se encontrava em determinado momento. Isto não produz observações particularmente precisas.

Através desta declaração, Furuli cria a falsa impressão de que as posições lunares e planetárias registradas nas tabelas astronômicas babilônicas eram fornecidas *apenas* em relação aos signos do zodíaco, de 30 graus cada.

Ele apóia isto citando um erudito, Curtis Wilson, que fez uma alegação deste tipo numa resenha de um livro de R. R. Newton, declarando que, "A posição do planeta só é especificada dentro de um intervalo de 30º."[93]

Todavia, qualquer pessoa que tenha mesmo um conhecimento elementar sobre as tabuinhas astronômicas babilônicas sabe que a alegação de Wilson – repetida por Furuli – é falsa. Embora seja verdade que muitas posições registradas nas tabuinhas são determinadas em relação às constelações ao longo do cinturão zodiacal, a grande maioria das posições, até mesmo nos diários mais antigos, é determinada em relação a estrelas ou planetas. A divisão do cinturão zodiacal em signos de 30 graus cada foi feita depois, durante o período persa, e é só "perto do fim do 3º século A.C." que "os diários começam a registrar as datas no momento em que um planeta se moveu de um signo do zodíaco para outro."[94] Durante todo o período de 800 anos, de aproximadamente 750 AEC até por volta de 75 EC, os astrônomos babilônicos usaram diversas estrelas próximas à eclíptica como pontos de referência. Conforme explica o Professor Hermann Hunger num trabalho também usado por Furuli:

---

[93] C. Wilson na *Revista da História da Astronomia* 15:1 (em inglês - 1984), pág. 40.

[94] H. Hunger em *Astronomia Antiga e Divinação Celestial*, editado por N. M. Swerdlow (em inglês - Londres: Editora do MIT, 1999), pág. 77. Cf. "História do Zodíaco", B. L. Van der Waerden, *Archiv für Orientforschung* 16 (1952/1953), págs. 216-230.

> Para determinar a posição da lua e dos planetas, *usam-se várias estrelas próximas à eclíptica como referência*. Estas foram chamadas "Normalsterne" [*Estrelas Normais*] por Epping, e o termo permaneceu em uso desde então. (ADT, Vol. I, pág. 17; ênfase acrescentada.)

Nas páginas 17-19 do mesmo trabalho, Hunger alista 32 de tais estrelas normais conhecidas à base das tabuinhas. Noel Swerdlow declara: "Sem dúvida o maior número de observações de planetas nos diários são aquelas feitas à base de suas distâncias 'acima de' ou 'abaixo de' e 'em frente a' ou 'atrás de' estrelas normais, bem como de distâncias de um planeta em relação a outro, medidas em côvados e dedos."[95]

Tais observações detalhadas são mostradas pelo *VAT 4956*, no qual cerca de dois terços das posições lunares e planetárias registradas são determinadas *em relação a estrelas normais e planetas*. E, em contraste com posições relacionadas a constelações, nas quais se diz simplesmente que a lua ou um planeta encontra-se "em frente a", "atrás de", "acima de", "abaixo de" ou "em" determinada constelação, os registros de posições em relação a estrelas normais dão também as distâncias destas estrelas em "côvados" (de aproximadamente 2–2.5 graus cada) e em "dedos" (1/24 do côvado), como mostra Swerdlow. Embora comprovadamente as medidas não sejam matematicamente exatas, elas são consideravelmente mais precisas do que apenas posições relativas a constelações.

Ao analisar todos os diários astronômicos representados nos primeiros dois volumes do ADT de Sachs/Hunger, o Professor Gerd Grasshoff "obteve descrições de 3285 eventos, dos quais 2781 estão completos, sem palavras ilegíveis ou gravuras fragmentadas. Entre estes, 1882 são ocorrências topográficas [i.e., posições relativas a estrelas e planetas], 604 são observações lunares chamadas *Lunar Seis* … e 295 são localizações de um objeto celestial numa constelação."[96] Assim, dois terços das posições são relativas a estrelas ou planetas, enquanto que só aproximadamente 10 por cento são relativas a constelações.

---

[95] *A Teoria Babilônica dos Planetas*, N. M. Swerdlow (em inglês - Princeton, Nova Jersey, 1998), pág. 39.

[96] "Estrelas Normais em Antigos Diários Astronômicos Babilônicos", Gerd Grasshoff, em *Astronomia Antiga e Divinação Celestial*, editado por Noel M. Swerdlow (em inglês - Londres: Editora do MIT, 1999), pág. 107.

(B-2c) "Fonte de erro" imaginária, nº. 2:

Outro exemplo de (c) é a alegação de Furuli de que a cordilheira a leste de Babilônia, com altitudes chegando a até cerca de 4.000 metros, poderia impedir ou comprometer as observações:

> Ao leste de Babilônia há uma cordilheira com altitudes que chegam a até cerca de 4.000 metros acima do nível do mar, enquanto a área a oeste da cidade é um deserto plano. … é óbvio que as altas montanhas ao leste de Babilônia poderiam impedir algumas observações. (pág. 29)

Mas os Montes Zagros, ao leste de Babilônia, não criam qualquer problema sério. Os pontos mais altos da cordilheira começam a uns 230 quilômetros ao leste de Babilônia com *Kuh-e Varzarin*, que tem uma altitude de aproximadamente 3.150 metros acima do nível do mar. Montanhas com "cerca de 4.000 metros acima do nível do mar" estão consideravelmente mais distantes. Devido à distância e à curvatura da terra, os Montes Zagros não são visíveis de Babilônia, pelo menos não do nível do solo, como pode ser constatado por qualquer um que tenha estado lá. O Professor Hermann Hunger, por exemplo, diz:

> Estive lá [no Iraque] durante três anos, dos quais dois meses foram passados em Babilônia. Não há qualquer montanha visível de Babilônia.[97]

Naturalmente, é possível que um observador postado no alto do zigurate de 90 metros de Etemenanki, em Babilônia (caso as observações pudessem ter sido feitas de lá) poderia ver uma linha muito tênue e irregular de montanhas bem longe a leste, embora isto também seja duvidoso. Isto poderia ter afetado a *arcus visionis* até certo ponto (a pequena distância angular do sol abaixo do horizonte no primeiro ou no último momento de visibilidade de um corpo celeste acima do horizonte), que poderia, por sua vez, mudar em um dia ou dois a data da primeira e da última visibilidade de um corpo celeste.

Deve-se enfatizar que possivelmente isto poderia ser um problema no caso dos textos astronômicos que relatam apenas fenômenos próximos ao horizonte. Isso não afetaria as observações de posições lunares e planetárias em relação a estrelas e constelações específicas que se encontrassem mais alto no céu, e estas é que são geralmente as mais úteis para fins cronológicos. A maioria das cerca de 30 posições

[97] Comunicação de Hunger a Jonsson, 4 de dezembro de 2003.

lunares e planetárias registradas na tabuinha astronômica *VAT 4956* pertencem a esta categoria.

Nenhuma das "fontes potenciais de erro" de Furuli enfraquece a credibilidade do VAT 4956. Conheço apenas um erudito que tentou neutralizar a evidência provida por este diário, a saber, E. W. Faulstich, fundador e diretor do Instituto de Pesquisa Histórico-Cronológica em Spencer, Iowa, EUA. Faulstich acredita ser possível estabelecer uma cronologia absoluta da Bíblia sem a ajuda de fontes extrabíblicas, com base unicamente nos fenômenos cíclicos da Lei Mosaica (dias sabáticos, anos sabáticos e anos de jubileu) e o ciclo das 24 divisões do sacerdócio levítico. Uma conseqüência da teoria dele é que todo o Período Neobabilônico tem de ser recuado um ano. Como isso está em conflito com a datação absoluta do período com base nas tabuinhas astronômicas, Faulstich argumenta que o *VAT 4956* contém informações de dois anos diferentes reunidas em um. Todavia, esta idéia é baseada em erros graves. Eu refutei totalmente a tese de Faulstich no artigo "Uma crítica à cronologia neobabilônica de E. W. Faulstich" (1999), que disponibilizo a quem me pedir.

(C) Será que a maior parte das posições astronômicas é calculada em vez de observada?

O "problema mais agudo na elaboração de uma cronologia absoluta baseada em tabuinhas astronômicas", segundo alega Furuli, é que muitas, "talvez a maioria das posições dos corpos celestes descritas em tais tabuinhas é calculada em vez de observada." (pág. 15) É isto verdadeiro?

Conforme foi abordado no capítulo 4 deste livro (págs. 181-184), os astrônomos babilônicos em uma fase inicial eram capazes de predizer certos fenômenos astronômicos, tais como ocorrências de eclipses lunares e certas posições planetárias. Estes cálculos pressupõem que eles tinham desenvolvido teorias para datar e localizar tais fenômenos. Na realidade, foram encontrados cerca de 300 textos que contêm listas de posições lunares e planetárias em intervalos regulares. (Veja a pág. 183 deste livro.) Tais tabuinhas aritméticas foram chamadas de "efemérides" pelo Professor Otto Neugebauer, que publicou todas as existentes deste tipo em sua obra de três volumes, *Textos Astronômicos Cuneiformes* (1955). Todas estas tabuinhas são antigas, quase todas datando do 3º ao 1º séculos A.E.C. Então, será que isto significa que

todos ou a maioria dos fenômenos registrados nas tabuinhas astronômicas poderiam ter sido calculados em vez de observados, como alega Furuli? Eram os astrônomos babilônicos capazes de fazer isto? Será que nos dados registrados há indicações de que eles fizeram apenas isso?

(C-1) Fenômenos que os astrônomos babilônicos não poderiam ter calculado

Embora os astrônomos babilônicos pudessem calcular e predizer certos eventos astronômicos, os textos observacionais, diários, textos planetários e textos de eclipse continham relatórios de vários fenômenos e circunstâncias associadas com as observações que não poderiam ter sido calculadas.

Que os diários normalmente registram *observações reais* é mostrado por seus relatórios de fenômenos climatológicos. Por exemplo, os escribas relatam repetidamente quando o mau tempo *impedia* as observações astronômicas. Encontramos freqüentemente relatórios sobre "nuvens e chuva de vários tipos, descritas em detalhes através de numerosos termos técnicos, bem como nevoeiro, neblina, granizo, trovão, raio, ventos de todas as direções, freqüentemente frio, e freqüente *'pisan dib'*, de significado desconhecido, mas sempre associado com chuva."[98] Outros fenômenos registrados eram arco-íris, halos solares e níveis de rio. Nenhum destes poderia ter sido calculado retroativamente muito tempo depois. O que dizer, então, dos fenômenos astronômicos?

Conforme abordado no capítulo 4 deste livro (págs. 218 e 219), havia vários *fenômenos planetários* registrados nos textos que os astrônomos babilônicos não poderiam calcular. Estes incluíam conjunções de planetas com a lua e com outros planetas, juntamente com suas distâncias. O *VAT 4956* registra vários de tais fenômenos que os astrônomos babilônicos não poderiam predizer ou calcular. Com respeito aos *eclipses lunares*, os astrônomos babilônicos podiam certamente predizer e calcular retroativamente as ocorrências de eclipses lunares, mas eles não podiam predizer ou calcular diversos detalhes importantes sobre tais eclipses. (Veja a pág. 218 deste livro)

---

[98] *A Teoria Babilônica dos Planetas*, N. M. Swerdlow (em inglês - 1998), pág.18.

Isto foi abordado em detalhes pelo Dr. John M. Steele.[99] Comentando a alegação de que os registros de eclipse nas tabuinhas de eclipses lunares poderiam ser cálculos retroativos feitos por astrônomos babilônicos da era selêucida, Steele explica:

> Você está absolutamente certo ao argumentar que os babilônios não poderiam ter calculado retroativamente os registros de eclipses antigos. O ciclo de Saros poderia ter sido usado para determinar a data de eclipses, até mesmo com séculos de antecedência, mas nenhum dos métodos babilônicos permitiria que eles calculassem circunstâncias tais como a direção da sombra do eclipse, a visibilidade de planetas durante o eclipse, e certamente não a direção do vento durante o eclipse, como encontramos em relatos antigos...
>
> Embora os babilônios pudessem calcular a época dos eclipses, eles não podiam fazê-lo com o mesmo nível de precisão permitido pelas observações – há uma evidente diferença de precisão entre os eclipses que eles disseram que foram observados e os que eles dizem que foram preditos (isto é abordado em meu livro), o que prova que os eclipses "observados" foram realmente observados.[100]

(C-2) A maior parte do conteúdo dos textos observacionais é composta por observações

Embora os textos observacionais contenham ocasionalmente eventos calculados, devido a circunstâncias particulares tais como mau tempo, a maioria dos registros baseia-se evidentemente em observações reais. Que este é o caso dos diários é indicado diretamente pelo nome acadiano gravado no fim e nas bordas destas tabuinhas: *natsaru sha ginê*, que significa "observação normal." (ADT, Vol. I, pág. 11)

Os peritos que examinaram detalhadamente estas tabuinhas concordam que elas contêm na maior parte observações genuínas. O Professor Hermann Hunger faz a seguinte descrição dos vários tipos de dados astronômicos registrados nos diários:

> Lunar Seis [i.e., as diferenças de intervalo entre o pôr e o nascer do sol e da lua logo antes e logo depois da conjunção e da oposição]; fases planetárias, tais como a primeira e a última visibilidade … conjunções entre os planetas e as chamadas Estrelas Normais … eclipses; solstícios e equinócios;

---

[99] *Observações e Predições de Épocas de Eclipse Feitas por Antigos Astrônomos*, John M. Steele (em inglês - Dortrecht-Boston-Londres: Editores Acadêmicos Kluwer, 2000); também em seu artigo, "Previsão de Eclipse na Mesopotâmia", *Arquivo para a História das Ciências Exatas*, Vol. 54 (2000), págs. 421-454, em inglês.

[100] Comunicação de Steele a Jonsson em 27 de março de 2003.

> fenômenos de Sirius. Perto do fim do 3º século A.C., os diários começam a registrar as datas em que um planeta se moveu de um signo do zodíaco para outro. O resto do conteúdo dos diários compõe-se de dados não astronômicos.

Hunger acrescenta:

> *Quase todos estes itens são observações.* As exceções são os solstícios, equinócios e os dados de Sirius que foram calculados segundo um esquema... ademais, em muitos casos, apesar de os Lunares Seis, eclipses lunares ou solares, ou fases planetárias não poderem ser observados, uma data ou hora é fornecida, especificando-se que não houve observação. Passagens esperadas de Estrelas Normais pela lua são às vezes registradas como perdidas devido a mau tempo, mas nunca se fornece uma distância calculada entre a lua e uma Estrela Normal.[101]

Em resumo, a alegação de Furuli de que "talvez a maioria das posições dos corpos celestes em tais tabuinhas sejam calculadas em vez de observadas" não tem fundamento. Ela é refutada por declarações nas próprias tabuinhas e pelo fato de estas conterem dados que os babilônios não poderiam ter calculado. Tais circunstâncias são diametralmente opostas à sugestão de que os dados contidos no diário astronômico *VAT 4956* poderiam ter sido calculados, já que possivelmente "nunca houve um 'tabuinha original'." (Furuli, pág. 30)

(C-3) Uma teoria do desespero

Se os registros nas tabuinhas observacionais – diários e tabuinhas lunares e planetárias – mostram na maior parte observações comprovadamente genuínas e se os astrônomos babilônicos não tinham como calcular retroativamente muitos dos dados astronômicos e de outros tipos que estão registrados, como é possível, então, alguém se esquivar da evidência fornecida por estas tabuinhas?

Como as tabuinhas contêm freqüentemente tantas observações detalhadas e datadas em anos de reinado específicos que podem ser atribuídas com segurança a determinados anos julianos, a única escapatória é questionar a autenticidade dos *números referentes a anos de reinado* que se encontram nas tabuinhas.

É isto que Furuli faz. Ele imagina que "um escriba do 2º século poderia elaborar uma tabuinha baseada parcialmente em alguns

---

[101] H. Hunger em *Astronomia Antiga e Divinação Celestial,* editado por Swerdlow (1999), págs. 77, 78, em inglês. (Ênfase acrescentada)

fenômenos que abrangessem muitos anos, parcialmente na teoria (os três esquemas) e parcialmente nas tabuinhas de uma biblioteca" que mostrasse observações genuínas. Daí, se constatasse que as datas nas tabuinhas da biblioteca conflitassem com os dados teóricos, "estes dados errôneos poderiam ser usados para "corrigir" os dados corretos de sua tabuinha da biblioteca, resultando em a tabuinha que ele estava elaborando conter dados errados de anos de reinado". (Furuli, pág. 41)

Furuli indica que não apenas as datas nas tabuinhas lunares e planetárias, mas também as datas nos diários poderiam ter sido alteradas da mesma maneira pelos eruditos do período selêucida. Referindo-se novamente ao fato de os diários mais antigos que existem serem cópias, ele diz:

> Mas o que dizer do(s) ano(s) de reinado de um rei que esteja(m) registrado(s) em tais tabuinhas? Será que eles foram ajustados para se adequar a um esquema cronológico teórico incorreto, ou foram copiados corretamente? (Furuli, pág., 42)

Furuli se apercebe, é claro, que sua Cronologia de Oslo é completamente refutada pelas tabuinhas astronômicas babilônicas. É isto que o faz propor, como último recurso, a teoria de que estas tabuinhas poderiam ter sido manipuladas pelos eruditos do período selêucida, para fazê-las concordar com a suposta cronologia teórica que eles tinham para períodos anteriores. É este cenário provável? Qual é a implicação disto?

(C-4) A extensão das supostas revisões cronológicas selêucidas

Até que ponto a Cronologia de Oslo de Furuli difere da cronologia tradicional? Numa tabela cronológica nas páginas 219-225, que abrange os 208 anos do período persa (539–331 AEC), Furuli mostra, reinado por reinado, a diferença entre a cronologia dele e a tradicional. A tabela revela que a única concordância entre as duas é a datação dos reinados de Ciro e Cambises – o intervalo da queda de Babilônia (539 AEC) até 522 AEC, um período de 17 anos. Por dar ao usurpador Bardiya um ano completo de reinado após Cambises, Furuli adianta em um ano o inteiro reinado de 36 anos de Dario I. Daí, ele recua em 10 anos os reinados dos sucessores de Dario, Xerxes e Artaxerxes I, acrescentando 10 anos ao reinado deste último, criando uma co-regência de 11 anos entre Dario I e Xerxes.

Mas Furuli também atribui um reinado de um ano ao usurpador Sogdiano entre Artaxerxes I e seu sucessor Dario II. O efeito disto é que os reinados restantes até 331 AEC são todos adiantados em um ano. O resultado final é que a Cronologia de Oslo de Furuli diverge da cronologia tradicional para o período persa em 191 de seus 208 anos, ou seja, em 92 por cento do período.

Mas isto não é tudo. Conforme se menciona na introdução, Furuli quer acrescentar outros 20 anos em algum ponto do período neobabilônico depois do reinado de Nabucodonosor – entre 562 e 539 AEC. O resultado disto – que Furuli chama de "efeito dominó" – é que não só o reinado de Nabucodonosor, mas todos os reinados de seus antecessores são recuados em 20 anos.

Como o arquivo astronômico babilônico começa com o reinado de Nabonassar, 747-734 AEC, a Cronologia de Oslo de Furuli está em desacordo com a cronologia tradicional para a maior parte, senão para todo o período babilônico de 747 a 539 AEC. Isto significa que a desarmonia entre as duas chega a *mais de 90 por cento* do período de 416 anos, de 747 a 331 AEC. Isto significa também que a Cronologia de Oslo é contradita por mais de 90 por cento dos textos referentes a observações astronômicas – diários, textos de eclipse e textos planetários – datados neste período. Como estas tabuinhas registram milhares de observações datadas em dias, meses e anos de reinado específicos dentro deste período, começamos a ter alguma idéia do alcance das revisões cronológicas nas quais os eruditos selêucidas devem ter estado envolvidos, segundo a teoria de Furuli. Ademais, esta é apenas uma fração do conjunto completo de revisões necessárias.

(C-5) A extensão do arquivo astronômico original

Deve-se lembrar que o arquivo existente, de cerca de 1300 tabuinhas astronômicas cuneiformes não matemáticas e principalmente observacionais é apenas uma fração da extensão do arquivo original disponível aos eruditos selêucidas. Em uma palestra dada numa conferência em 1994, o Professor Hunger explicou:

> Para lhes dar uma idéia de quanto continha originalmente aquele arquivo, e quanto ainda está preservado, fiz algumas estimativas aproximadas. Com base em diários bem preservados, encontrei registradas aproximadamente 15 posições lunares e 5 planetárias por mês, ambas em relação a Estrelas Normais. Os chamados Lunar Seis estão também registrados para todos os

> meses. Em adição, cada ano contem 3 fases de Sirius, 2 solstícios e 2 equinócios, pelo menos 4 possibilidades de eclipse ou eclipses, e aproximadamente 25 fases planetárias. Junto, isto resulta em aproximadamente 350 observações astronômicas por ano. Em 600 anos, 210.000 observações estão acumuladas. Agora eu não sei se o arquivo já estava completo até este ponto. Às vezes cópias de diários mais antigos indicam que estavam faltando dados no original. *Mas, no geral, este é o grau de magnitude.* Contando o número de meses razoavelmente preservados (ou seja, não por completo, porém mais da metade), eu cheguei a cerca de 400 meses preservados nos diários datados (fragmentos não datados não atendem aos propósitos desta conferência). Se compararmos isto com a duração de 600 anos do arquivo, vemos que temos preservados cerca de *5% dos meses nos diários*.[102]

Se apenas cinco por cento do arquivo astronômico babilônico original está preservado hoje, a extensão das revisões cronológicas na qual Furuli acha que os copistas selêucidas estavam envolvidos fica evidente. Para harmonizar o arquivo inteiro deles com a suposta cronologia teórica de Furuli, eles teriam de mudar as datas de milhares de tabuinhas e dezenas de milhares de observações. Será provável que eles acreditassem tão firmemente numa suposta cronologia teórica a ponto de terem o trabalho de mudar as datas de quatro séculos de arquivos que continham milhares de tabuinhas? A idéia é absurda.

Podemos também nos perguntar por que os eruditos selêucidas desenvolveriam uma cronologia teórica para séculos anteriores se uma cronologia confiável para todo o período remontando a meados do 8º século poderia ser facilmente extraída do extenso arquivo astronômico à sua disposição. Não é muito mais realístico concluir que a cronologia deles era exatamente a encontrada no arquivo de tabuinhas herdado, um arquivo que tinha sido estudado e ampliado por gerações sucessivas de eruditos até a deles mesmos, inclusive?

Deve-se notar que, para fazer qualquer alegação que seja quanto às datas em sua Cronologia de Oslo, Furuli tem de confiar na datação das tabuinhas que os eruditos selêucidas supostamente revisaram. Mas se alguém presumir que a cronologia dele é válida, então este deve ser obrigatoriamente o caso das datas registradas nas tabuinhas – o que destrói a alegação dele de que os selêucidas revisaram as tabuinhas.

---

[102] H. Hunger em *Astronomia Antiga e Divinação Celestial,* editado por Swerdlow (1999), pág. 82, em inglês. (Ênfase acrescentada)

Assim, o argumento de Furuli é essencialmente inconsistente e não pode estar correto.

Outro problema é que fim levaram as tabuinhas pré-selêucidas originais. Uma conseqüência necessária da teoria de Furuli é que quase todas as tabuinhas existentes devem refletir apenas cronologia teórica errônea dos eruditos selêucidas, não a que Furuli considera como a original e verdadeira, a Cronologia de Oslo. Desse modo, na visão dele, todas ou quase todas as tabuinhas existentes só podem ser as cópias revisadas recentes dos eruditos selêucidas. Assim, na página 64, ele alega:

> Como no caso dos diários astronômicos em tabuinhas de barro, não temos os autógrafos dos livros bíblicos, mas apenas cópias.

É certamente verdadeiro no caso dos livros bíblicos, mas é isto verdade no caso dos diários astronômicos? Será que há qualquer evidência provando que todas as tabuinhas astronômicas preservadas hoje são apenas cópias do período selêucida?

(C-6) São todas as tabuinhas existentes cópias recentes do período selêucida?

É bem verdade que alguns dos diários mais antigos, incluindo o *VAT 4956*, são cópias posteriores. Conforme foi abordado no capítulo 4 deste livro, elas freqüentemente refletem a luta do copista para entender os documentos antigos que estavam sendo copiados, alguns dos quais estavam fragmentados ou de algum modo danificados. Por exemplo, duas vezes no texto do *VAT 4956*, o copista adicionou o comentário "quebrado", indicando que ele não pôde decifrar alguma palavra no original. Freqüentemente os documentos usavam terminologia arcaica que os copistas tentaram modernizar. O que dizer dos diários de tempos posteriores?

Como um exemplo, há aproximadamente 25 diários do reinado de 46 anos de Artaxerxes II (404-358 A.E.C.), 11 dos quais não só preservam as datas (dia, mês e ano) como também o nome do rei. (ADT, Vol. I, págs. 66-141 em inglês) Alguns deles são extensos e contêm numerosas observações (por exemplo, os de nºs –372 e –366). Nenhuma destas tabuinhas apresenta algum indício de ser cópia posterior, dentre os mencionados acima. É provável, então, que eles, ou pelo menos alguns deles, sejam originais?

Esta pergunta foi enviada ao Professor Hunger há alguns anos. Ele respondeu:

> Em minha opinião, todos os diários da época de Artaxerxes II podem ser do próprio reinado dele. Como você sabe, os diários maiores são todos cópias por serem coleções de tabuinhas menores que abrangiam períodos mais curtos. Mas isso não significa que eles foram copiados muito tempo depois. No meu entender faria mais sentido a idéia de que após cada período de meio ano as notas eram copiadas em um exemplar caprichado. Eu fiz uma rápida verificação na edição e não encontrei quaisquer observações tais como "quebrado", que indiquem que o escriba copiou de um original mais antigo. Assim eu responderia sua pergunta sobre se "é provável" com um "Sim."[103]

Desse modo, estas tabuinhas não refletem qualquer "cronologia teórica", supostamente inventada pelos eruditos selêucidas posteriores. As tabuinhas podem muito bem ser documentos originais. Não se pode garantir que elas sejam cópias posteriores do período selêucida. E o mesmo vale, não só para os diários do reinado de Artaxerxes II, como também para a maioria das tabuinhas observacionais anteriores ao período selêucida. Mesmo que alguns dos diários e outras tabuinhas datadas em séculos primitivos sejam cópias posteriores, geralmente não se sabe quão posteriores estas cópias são, ou se foram copiadas no período selêucida ou antes disso.

Em conclusão, a teoria de que os eruditos selêucidas desenvolveram uma cronologia hipotética errônea para épocas anteriores, à qual incorporaram as tabuinhas astronômicas que estavam copiando, não tem o apoio dos fatos disponíveis. Ela não se baseia na realidade histórica e é uma tentativa desesperada de salvar datas estimadas, porém falsas.

(D) Alegações sem fundamento sobre os 70 anos bíblicos

Conforme é abordado no capítulo 5 deste livro, o profeta Jeremias aplica diretamente os 70 anos *ao período do domínio de Babilônia sobre as nações*, não ao período da desolação de Jerusalém e exílio judaico:

> "... essas nações estarão sujeitas ao rei da Babilônia durante setenta anos." (Jeremias 25:11, NVI)

---

[103] Comunicação de Hunger a Jonsson, 26 de janeiro de 2001.

> "Quando se completarem os setenta anos da Babilônia, eu cumprirei a minha promessa em favor de vocês, de trazê-los de volta para este lugar." (Jeremias 29:10, NVI)

Estes textos aplicam claramente o período de 70 anos a Babilônia, não a Jerusalém. Ao citar os dois versículos da NVI, apresentados acima, o próprio Furuli admite isto, declarando que "o texto não diz explicitamente que isto se refere a um exílio para a nação judaica. Se fizermos uma análise gramatical no 25:11, descobriremos que 'estas nações' é o sujeito gramatical, e no 29:10, 'Babilônia' é o paciente, quer dizer, a nação que deveria experimentar o período de 70 anos." (pág. 75)

(D-1) É o ponto de vista de Furuli sobre os 70 anos realmente apoiado por Daniel e pelo cronista?

Tentando se esquivar desta conclusão indesejável, Furuli se volta para as passagens sobre os 70 anos de Daniel 9:2 e 2 Crônicas 36:20, 21, declarando que "os escritores de Daniel e de 2 Crônicas entenderam as palavras de Jeremias como significando um exílio de 70 anos para a nação judaica." Após citar a versão da NVI para estes dois textos, ele alega:

> Como a análise abaixo mostra, as palavras de Daniel e do cronista são inequívocas. Elas mostram de maneira definitiva que Daniel e o cronista entenderam que Jeremias profetizou acerca de um período de 70 anos para o povo judaico quando a terra estava desolada. (pág. 76)

A discussão das duas passagens no capítulo 5 deste livro (págs. 254-264) mostra que esta alegação não tem base. Ambas as passagens podem ser facilmente harmonizadas com as declarações claras de Jeremias.

Embora Daniel associe ou conecte os 70 anos ao estado desolado de Jerusalém, isto não significa que ele *igualou* os dois períodos. *Associar* e *igualar* são duas coisas diferentes. Isto foi notado, por exemplo, pelo Dr. C. F. Keil, que em sua análise gramatical de Daniel 9:2 concluiu que Daniel associou e ainda assim distinguiu os dois períodos, da mesma maneira que se faz na profecia de Jeremias. Só depois de se completarem os 70 anos "para Babilônia", JHWH visitaria os exilados judaicos e os traria de volta a Jerusalém terminando seu período de desolação. Isto é o que havia sido predito em Jeremias 29:10 e a

declaração de Daniel está de pleno acordo com isto, segundo Keil. (Veja a página 257 deste livro, nota 31.)[104]

Em sua abordagem de 2 Crônicas 36:20, 21 Furuli ignora o versículo 20 e cita apenas o 21:

> para se cumprir a palavra de Jeová pela boca de Jeremias, até que a terra tivesse saldado os seus sábados. Todos os dias em que jazia desolada, guardava o sábado, para cumprir setenta anos.

Deve-se notar que este versículo inicia com uma oração subordinada e, mais especificamente, com uma declaração de finalidade: para se cumprir... . Furuli cita o versículo fora do contexto. Para saber qual evento cumpriria "a palavra de Jeová pela boca de Jeremias", é necessário examinar a oração principal que se encontra no versículo 20. Este versículo diz:

> Além disso, ele [Nabucodonosor] levou cativos a Babilônia os que foram deixados pela espada, e *eles vieram a ser servos dele e dos seus filhos até o começo do reinado da realeza da Pérsia*;

O cronista declara que a servidão aos reis de Babilônia findou no "começo do reinado da realeza da Pérsia." Este evento ocorreu, conforme ele prossegue dizendo no próximo versículo (o 21), "para se cumprir a palavra de Jeová pela boca de Jeremias, . . . para cumprir setenta anos."

O significado óbvio é que o fim da servidão a Babilônia devido à conquista persa em 539 AEC cumpriu a profecia de Jeremias sobre os 70 anos. O cronista não reinterpreta as declarações de Jeremias fazendo-as significar 70 anos de desolação para Jerusalém, como alega Furuli. Pelo contrário, ele adere bem de perto à descrição que Jeremias faz dos 70 anos como um período de servidão sob Babilônia, e ele finaliza este período com a queda de Babilônia, exatamente como Jeremias havia predito em Jeremias 25:12 e 27:7. (Veja o capítulo 5 deste livro, págs. 259, 260.)

---

[104] A tradução da Bíblia bem livre de Eugene H. Peterson expressa bem a distinção que se faz em Jeremias 29:10 entre o fim dos dois períodos, os 70 anos para Babilônia e o período da desolação de Jerusalém: "Assim que os setenta anos de Babilônia se completarem e nem um dia antes, eu me revelarei e cuidarei de vós como prometi e vos trarei de volta para casa. (*A Mensagem*. *Os Profetas,* 2000, pág. 230, em inglês)

(D-2) Jeremias 25:9-12: 70 anos de servidão – para quem?

Voltando à profecia de Jeremias, Furuli primeiro põe em foco Jeremias 25:11 que diz:

> Toda esta terra se tornará uma ruína desolada, e *essas nações estarão sujeitas ao rei da Babilônia durante setenta anos*. (NVI)

Conforme já foi mencionado antes, Furuli inicia sua abordagem da profecia dos 70 anos admitindo que Jeremias aplica os 70 anos a Babilônia, não a Jerusalém. Tendo concluído (erroneamente, conforme foi mostrado acima e no capítulo 5) que Daniel 9:2 e 2 Crônicas 36:21 declaram inequivocamente que Judá e Jerusalém permaneceram desoladas por 70 anos, Furuli se dá conta de que o significado de Jeremias 25:11 tem de ser mudado para concordar com a conclusão dele.

A frase "estas nações terão de servir ao rei de Babilônia por setenta anos" é muito clara em hebraico:

weâbdû	haggôyîm	hâêlleh	et-melech bâbel	shivîm shânâh
e-servirão	nações	estas	rei [de] Babel	setenta ano[s]

Conforme Furuli indica (na pág. 82 de seu livro), a partícula *et* antes de *melech bâbel* ("rei de Babel") é um marcador que indica que *melech bâbel* é o objeto. A ordem das palavras em hebraico é típica: verbo-sujeito-objeto. Não há qualquer problema gramatical com a frase. Ela diz de maneira simples e inequívoca que "estas nações servirão o rei de Babel setenta anos." Furuli também admite que "esta é a tradução mais natural." (pág. 84) Então, como pode Furuli obrigá-la a dizer qualquer coisa diferente?

Primeiro Furuli alega que "o sujeito ('estas nações') é vago e indeterminado". Na verdade não é. O sujeito refere-se simplesmente a "todas estas nações ao redor" mencionadas no anterior versículo 9. Furuli prossegue dizendo que o sujeito na frase não poderia ser "estas nações" no versículo 11 mas "esta terra" (Judá) e "seus habitantes" no versículo 9. Desse modo, o versículo 11 quer dizer realmente que só os habitantes de Judá serviriam ao rei de Babilônia por 70 anos, não "estas nações". Como se pode explicar, então, a ocorrência de "estas nações" na frase? Furuli sugere que elas poderiam fazer parte do objeto, o rei de Babel, que "seria uma especificação de" estas nações. Então a frase poderia ser traduzida assim:

> e eles servirão estas nações, o rei de Babel, setenta anos (pág. 84)

Furuli sugere também que a partícula *et* não pode ser usada aqui como um marcador de objeto e sim como uma preposição com o significado "com." Baseado nesta explicação, a frase poderia até mesmo ser traduzida assim:

> e eles servirão estas nações *junto com* o rei de Babel setenta anos (pág. 84)

Estas releituras não são apoiadas por qualquer tradução da Bíblia. Não só são forçadas, como também são refutadas pelo contexto mais amplo. A predição de que as nações circunvizinhas de Judá serviriam ao rei de Babilônia é repetida em Jeremias 27:7 de uma maneira impossível de ser mal-compreendida:

> E todas as nações terão de servir mesmo a ele, e a seu filho, e a seu neto, até que venha mesmo o tempo da sua própria terra.

O contexto imediato do versículo prova conclusivamente que "as nações" mencionadas incluíam todas as nações não-judaicas do Oriente Próximo. De modo que os malabarismos lingüísticos de Furuli são desnecessários, enganosos, e um caso de argumentação tendenciosa.

A releitura pouco plausível e forçada que Furuli faz do versículo parece ser uma tentativa de fazê-lo concordar com o fraseado da versão Septuaginta (LXX), a qual ele então cita em apoio. (pág. 84) Alguns dos problemas da versão LXX de Jeremias são abordados no capítulo 5 deste livro, nota de rodapé 8, na pág. 231.

(D-3) Jeremias 29:10: O significado dos 70 anos para Babilônia

Jeremias 29:10 é abordado no capítulo 5 deste livro, págs. 247-253. O versículo declara explicitamente que os 70 anos se referem a Babilônia, não a Jerusalém:

> Assim diz o SENHOR: 'Quando se completarem os setenta anos *da Babilônia* [*l^e bâbel*] eu cumprirei a minha promessa em favor de vocês, de trazê-los de volta para este lugar.' [i.e., para Jerusalém]. (NVI)

Furuli se apercebe de que a maioria das traduções de Bíblia verte a preposição *l^e* como "para" ou "da" e que muito poucas traduções (geralmente as mais antigas) vertem-na como "em" ou "na" (Furuli, pág. 85) Dentre estas últimas ele menciona seis: TNM, Rei Jaime, Harkavy, Spurrell, Lamsa e a Bíblia da Igreja Sueca de 1917.

A edição de Alexander Harkavy de 1939 contém o texto em hebraico junto com uma tradução em inglês. Furuli parece não ter percebido a declaração de Harkavy no prefácio de que o texto em inglês é o da *Versão Autorizada*, ou seja, a Versão Rei Jaime. A tradução de George Lamsa tem sido fortemente criticada devido à sua grande dependência da Versão Rei Jaime. Em Jeremias capítulo 29, ele também segue quase servilmente a Rei Jaime. De modo que sua tradução "em Babilônia" não significa coisa alguma. Eu não pude conferir a tradução de Helen Spurrell. Ela foi publicada em Londres em 1885, não em 1985, como alistado erroneamente na bibliografia de Furuli, não sendo, dessa forma, uma tradução moderna.

A Bíblia da Igreja Sueca de 1917 foi "substituída" recentemente por duas novas versões: *Bibel-2000* e *Folkbibeln* (1998). Ambas dizem "para Babilônia" em Jeremias 29:10. Respondendo a minhas perguntas, os tradutores de ambas as versões enfatizaram que *l*^{e}*bâbel* em Jeremias 29:10 significa "para Babilônia", e não "na" ou "em" Babilônia. Notavelmente, até mesmo a nova edição sueca revisada da *TNM* alterou o anterior "em Babilônia" ("i Babylon", em sueco) que aparecia na edição de 1992 para "para Babilônia" ("för Babylon", em sueco) na edição de 2003. (Veja o Capítulo 5, nota de rodapé 26).

Uma vez que a versão "para Babilônia" contradiz a teoria de que os 70 anos se referem ao período da desolação de Jerusalém, Furuli precisa defender a versão notavelmente rara "na" ou "em" Babilônia. Ele alega até mesmo que a preposição "para" dá aos 70 anos "um significado obscuro":

> Se "para" for escolhido, o resultado é obscuro, porque o número 70 perde então todo o sentido específico. Não há qualquer evento particular que marque seu início ou fim, e o foco está também errado, pois está sobre Babilônia em vez de sobre os judeus. (pág. 86)

Esta é uma afirmação inacreditável e outro exemplo da contestação tendenciosa de Furuli. É difícil crer que Furuli desconheça totalmente o fato de que tanto o início como o término da supremacia de Babilônia no Oriente Próximo foram marcados por eventos revolucionários – o início pelo esmagamento final do Império Assírio e o término pela queda da própria Babilônia em 539 AEC. Com certeza ele deve saber que, segundo a cronologia secular, passaram-se exatamente 70 anos entre estes dois eventos. Autoridades modernas na história deste período concordam que o fim definitivo da Assíria

ocorreu em 610/609 AEC. Na caixa que se encontra na página 275 do capítulo 5 deste livro, por exemplo, citam-se quatro eruditos eminentes em se tratando desse assunto, a saber, o Professor John Bright e três assiriologistas proeminentes, Donald J. Wiseman, M. A. Dandamaev e Stefan Zawadzki. Seria fácil ampliar o número. Outro exemplo é o Professor Klas R. Veenhof. Ele descreve como o último rei da Assíria, Assur-Ubalit II, depois da destruição da capital Nínive em 612 AEC, retirou-se para a capital provincial Harã, o último baluarte assírio, onde conseguiu perdurar por mais três anos, apoiado pelo Egito. Veenhof escreve:

> O apoio do Egito à Assíria não trouxe qualquer resultado; os exércitos babilônicos e medos tomaram a cidade em 610 A.C., e no ano seguinte [609] eles repeliram a última tentativa de sua retomada. Com isto dissolveu-se um grande império.[105]

A mesma informação histórica é dada pelo Professor Jack Finegan na página 252 (§430) da nova edição revisada de seu famoso *Manual de Cronologia Bíblica*. Citando Jeremias 29:10 ele conclui:

> Os "setenta anos… para Babilônia", dos quais fala Jeremias são desse modo os setenta anos de domínio babilônico, e o retorno de Judá do exílio depende do fim desse período. Uma vez que a queda final do Império Assírio foi em 609 A.C. (§430), e o Novo Império Babilônico durou desse ponto até o momento em que Ciro o persa tomou Babilônia em 539, o período da dominação babilônica foi na realidade de setenta anos (609 – 539 = 70).[106]

Certamente, ninguém que esteja familiarizado com a história neobabilônica pode alegar honestamente que os 70 anos "para Babilônia" tenham um "significado obscuro" devido a nenhum evento específico marcar o começo e o fim desse período.

(D-4) Jeremias 29:10: As versões Septuaginta e Vulgata

Em seguida Furuli indica que "a Septuaginta apresenta a forma dativa *babylôni*" sendo, porém, "'em Babilônia' o significado mais natural." A afirmação revela uma surpreendente ignorância do grego antigo. Como todo perito em grego indica, o significado natural da forma

---

[105] *Geschichte des Alten Orients bis zur Zeit Alexanders des Grossen*, Klas R. Veenhof (Göttingen, 2001), págs. 275, 276. (Traduzido do alemão)

[106] *Manual de Cronologia Bíblica*, Jack Finegan (em inglês - Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1998), pág. 255.

dativa *babylôni* é "para Babilônia". É uma tradução exata e literal, de *l*^{e}*bâbel* no hebraico original, que significa definitivamente "para Babel" neste texto, conforme é abordado nas págs. 251 e 252 deste livro. É verdade que em Jeremias 29:22 (36:22 na LXX) a forma dativa *babylôni* é usada com o sentido de localização, "em Babel", mas ela só adquire este sentido por causa da preposição grega antecedente *en*, "em":

> E certamente se tomará deles uma invocação do mal, por parte do grupo inteiro dos exilados de Judá, que está em Babilônia (*en babylôni*)

Além disso, Furuli faz referência à maneira como a Vulgata Latina verte *in Babylone*, que significa, como ele explica corretamente, "em Babilônia." Esta tradução mui provavelmente influenciou a Versão Rei Jaime de 1611, a qual por sua vez influenciou várias outras traduções mais recentes. O ponto é que todas as traduções derivadas ou influenciadas pela Vulgata, tais como a Rei Jaime, não são fontes independentes.

(D-5) Jeremias 29:10: A preposição hebraica l^{e} *(lamed)*

A preposição *l*^{e} é a mais comum no Velho Testamento hebraico. Segundo uma recente contagem, ela aparece 20.725 vezes, das quais 1.352 estão no livro de Jeremias.[107] Qual é o sentido dela em Jeremias 29:10? Desde que a primeira edição deste livro foi publicada em 1983, esta pergunta foi feita a dezenas de hebraístas qualificados ao redor do mundo. Eu contatei alguns e o mesmo fizeram alguns de meus correspondentes. Embora alguns poucos hebraístas tenham explicado que em algumas expressões *l*^{e} tenha o sentido de localização ("em, junto a"), na maior parte dos casos isto não ocorre, e eles rejeitam unanimemente este sentido no caso de Jeremias 29:10. Alguns deles são citados no capítulo 5 deste livro, págs. 251 e 252. Furuli discorda do ponto de vista deles. Ele crê que, uma vez que se usa *l*^{e} com o sentido de localização em algumas frases que aparecem em uns poucos lugares, é provável que seja também usada com este sentido em Jeremias 29:10. Ele argumenta:

---

[107] *Die hebräischen Prepositionen. Band 3: Die Präposition Lamed,* Ernst Jenni, (Stuttgart, etc.: Verlag Kohlhammer, 2000), pág. 17.

> Será que ela pode ser realmente usada com o sentido de localização "em, à"? Pode certamente, e *O Dicionário de Hebraico Clássico* alista aproximadamente 30 exemplos deste sentido, um dos quais sendo Números 11:10, "cada homem *à* (*le*) entrada da sua tenda". Assim, em cada caso que *le* for usado, é o contexto que deve decidir seu significado. Por exemplo, em Jeremias 51:2 a frase *lebâbel* significa "a Babilônia", porque o verbo antecedente é "enviar". Mas *lirûshâlâm* [as letras *li* no início da palavra são uma contração de *le+yod*] em Jeremias 3:17, na frase "todas as nações se juntarão *em Jerusalém*", tem o sentido de localização "*em Jerusalém*", e o mesmo é verdade no caso da frase *lîhûdâ* em Jeremias 40:11, na expressão, "o rei de Babilônia tinha deixado um restante *em Judá*." (pág. 86)

Pois bem, mas será que estes exemplos permitem que *l*^{e}*bâbel* em Jeremias 29:10 seja traduzido como "em" ou "na" Babilônia? É esta realmente uma tradução provável? Será que ela é até mesmo possível? Esta pergunta foi enviada ao professor Ernst Jenni, de Basiléia, Suíça, que é incontestavelmente a principal autoridade em preposições hebraicas na atualidade. Até agora, ele escreveu três volumes sobre três das preposições hebraicas mais comuns, a saber, *b*^{e} (beth), *k*^{e} (kaph) e *l*^{e} (lamed). No volume que trata da preposição *l*^{e} (lamed), ele dedica 350 páginas ao exame desta preposição.[108] Vale a pena repetir aqui a resposta que ele deu, em 1º de outubro de 2003, citada na página 252 deste livro:

> Minha abordagem desta passagem encontra-se no livro sobre *Lamed*, página 109 [em inglês] A tradução em todos os comentários e versões modernas é "para Babel" (Babel no sentido de potência mundial, não como cidade ou terra); isto é evidente tanto à base da linguagem, como à base do contexto.
>
> Quando o sentido é "localização" deve-se fazer distinção entre onde? (local onde se está, "em", "junto a") e aonde? (local para onde se vai, "para", "em direção"). O significado básico da preposição *l*^{e} é "com referência a", e quando ela é seguida por uma especificação de local, pode ser entendida como significando "onde" ou "aonde" *somente em certas expressões adverbiais* (tais como a de Num. 11:10 [Clines DCH IV, 481b] "à entrada", cf. *Lamed* págs. 256, 260, cabeçalho 8151). Em Jer. 51:2 *l*^{e} é um dativo pessoal ("e vou enviar a Babilônia [como potência mundial específica] joeireiros que certamente a joeirarão e que lhe esvaziarão sua terra [a terra dos babilônios]" (*Lamed* pág. 84f., 94)). Em Jer. 3:17 "a Jerusalém" (terminativo local), tudo o que é necessário encontra-se em *Lamed* pp. 256, 270 e ZAH 1, 1988, 107-111.

[108] Ernst Jenni, *Ibid.*

> Quanto às versões: A LXX traduz por "*babylôni*", inquestionavelmente um dativo ("para Babilônia"). Com certeza, só a Vulgata traduz por *in Babylone,* "em Babilônia", assim como a Versão Rei Jaime "at Babylon" [em Babilônia], e provavelmente também a Tradução do Novo Mundo.
>
> Espero tê-lo ajudado com estas informações e renovo os melhores cumprimentos,
>
> E. Jenni
>
> [Traduzido do alemão. Ênfase acrescentada.]

Devido a esta informação específica e autoritativa, os argumentos de Furuli em favor de um significado local de l^e em Jeremias 29:10 podem ser com certeza descartados.

(D-6) Que dizer dos 70 anos mencionados em Zacarias 1:12 e 7:5?

Que os textos sobre os 70 anos em Zacarias 1:12 e 7:5 referem-se a um período diferente daquele que é mencionado em Jeremias, Daniel, e 2 Crônicas demonstra-se detalhadamente no capítulo 5 deste livro, págs. 264-269. Não há qualquer necessidade de repetir a argumentação aqui. A tentativa que Furuli faz de igualar os 70 anos em Zacarias com os 70 anos de Jeremias, Daniel e do cronista esquiva-se do verdadeiro problema.

Segundo Zacarias 1:12, Jerusalém e as cidades de Judá haviam sido verberadas durante "estes setenta anos." Se esta verberação terminou quando os judeus retornaram do exílio após a queda de Babilônia, como defende Furuli, por que o texto mostra que as cidades ainda estavam sendo verberadas no segundo ano de Dario, 520/519 AEC? Furuli não tem qualquer explicação para isto e ele prefere não comentar o problema.

O mesmo é verdade no caso de Zacarias 7:4, 5. Como poderiam os 70 anos de jejuns terem terminado em 537 AEC, como alega Furuli, se o texto mostra claramente que estes jejuns ainda estavam sendo celebrados no quarto ano de Dario, 518/517 AEC? Furuli novamente ignora o problema. Ele apenas faz referência ao fato de que os verbos hebraicos para "verberar", "jejuar" e "lamentar" estão todos no tempo perfeito do hebraico, declarando que "Não há nada nos próprios verbos que torne obrigatório que os 70 anos ainda continuassem no momento do discurso". (pág. 88, em inglês) É verdade, mas eles também não requerem o contrário. A forma verbal usada no texto não prova nada.

Mas o contexto prova. Ele mostra claramente que as cidades ainda estavam sendo verberadas "no momento do discurso", em 519 AEC, e que os jejuns ainda eram mantidos "no momento do discurso", em 517 AEC, aproximadamente 70 anos depois do sítio e da destruição de Jerusalém em 589-587 AEC. Foi por isso que esta questão foi levantada em 519 AEC: Por que Jeová *ainda* está irado contra Jerusalém e as cidades? (Zacarias 1:7-12) E foi por isso também que esta questão foi levantada em 517 AEC: Devemos *continuar* a realizar estes jejuns? (Zacarias 7:1-12) A interpretação de Furuli (que faz eco à da Sociedade Torre de Vigia) dá a entender que a verberação das cidades e os jejuns se mantinham por cerca de 90 anos – não 70 – contradizendo frontalmente as declarações no livro de Zacarias.

Resumo

Nesta análise do livro de Furuli, vimos várias dificuldades intransponíveis que sua Cronologia de Oslo gera, não apenas com respeito às fontes históricas extrabíblicas como também com respeito à própria Bíblia.

A quantidade de evidência contrária à cronologia revisada de Furuli, fornecida pelos documentos cuneiformes – em particular as tabuinhas astronômicas – é enorme. As tentativas que Furuli faz para lidar com esta evidência não são de qualquer proveito. A idéia dele de que a maioria, senão todos os dados astronômicos registrados nas tabuinhas poderiam ter sido calculados retroativamente num período posterior é comprovadamente falsa. A teoria final e desesperada que Furuli apresenta, segundo a qual os astrônomos do período selêucida – e houve muitos – mudaram sistematicamente as datas de quase todo o arquivo astronômico que haviam herdado de gerações anteriores de eruditos está distante da realidade.

No que se refere às passagens bíblicas sobre os 70 anos, vimos a que extremos Furuli se vê obrigado a ir, em suas tentativas de fazê-las concordar com sua teoria. Ele não consegue provar sua repetida alegação de que as passagens referentes aos 70 anos em Daniel e 2 Crônicas dizem *inequivocamente* que Jerusalém esteve desolada por 70 anos. Sua interpretação lingüística de 2 Crônicas 36:21 não tem base porque ele ignora a frase principal do versículo 20, que finaliza claramente a servidão no momento da conquista persa de Babilônia em 539 AEC. Não é melhor o caso das releituras lingüísticas que Furuli

faz das passagens de Jeremias. Para harmonizar Jeremias 25:11 com sua teoria, ele admite que tem de desprezar "a tradução mais natural" do versículo. E para fazer Jeremias 29:10 concordar com sua teoria, ele tem de rejeitar a versão quase universal "para Babilônia" em favor das insustentáveis "em Babilônia" ou "na Babilônia", versões estas que são rejeitadas por todos os competentes hebraístas modernos.

Assim, a abordagem de Furuli não é bíblica, como ele alega, e sim *sectária*. Como conservadora Testemunha de Jeová erudita, ele está disposto a ir a qualquer extremo para obrigar as passagens bíblicas e as fontes históricas a concordar com a cronologia dos tempos dos gentios da Sociedade Torre de Vigia – uma cronologia que é o fundamento principal da alegação de autoridade divina que este movimento religioso faz. Como documentei amplamente nesta revisão, esta agenda sectária obriga Furuli a inventar incríveis explicações das fontes pertinentes, tanto bíblicas como extrabíblicas.

Adendo:

Um ensaio crítico escrito pelo autor deste livro acerca da tentativa de Rolf Furuli de revisar a cronologia persa foi publicado em inglês na revista interdisciplinar britânica intitulada *Chronology & Catastrophism Review* (www.knowledge.co.uk/sis/): "Pode a Cronologia Persa Ser Revisada?". A Parte I está publicada nas págs. 25 a 40 do volume de 2006, e a Parte II nas págs. 38 a 57 do volume de 2007.

O segundo volume de Rolf Furuli em defesa da cronologia da organização Torre de Vigia foi publicado em 2007 com o título *Cronologia Assíria, Babilônica e Egípcia* (em inglês – Awatu Publishers, Oslo, Noruega), 368 páginas. Uma crítica em várias partes está sendo publicada na internet:

Parte I: http://goto.glocalnet.net/kf2/review.htm

Parte II: http://goto.glocalnet.net/kf2/review2.htm

e as partes seguintes.

Índice de Assuntos

Números de páginas em **negrito** significam que uma pessoa ou um tema é abordado com algum detalhamento.

"A.E.C.", uso de, **4**, 84, 85, 87
A Jornada Cristã (ed. James Penton), 53
Aaboe, Asger, 183, 203, 218
Abraão ben Hiyya Hanasi, 30
Ackroyd, Peter R., 253
Adade-Gupi, 133-136, 147, **388-389**
Adventistas da "Era Vindoura", 50, 365-368
Adventistas do Sétimo Dia, 46, 49, 365
Adventistas Evangélicos, 366
Africano, Júlio, 94, 97, 98, 168, 352
Ajuda ao Entendimento da Bíblia: artigo sobre "Cronologia", 23, 24
Akiba ben José, 29
Albu, John, 333, 360
Alexander Polistor, 106
Allenby, Edmund, 279, 303
Almagesto (Cláudio Ptolomeu), 115
Amásis: reinado de, 167, **168**, 172,173
Amble, Tor Magnus, 25, 251
Amenófis II e III (imagens), 312
André, Béatrice, 25, 140, 377
"Ano zero", 92, 195
Anos de ascensão, 102, 169, 170, **368-371**, 394
Anos não-ascensionais, veja *Anos de ascensão*
Anos nisã e tisri, **371-375**
Anos sabáticos (e descanso da terra), 260-262
Anos tisri, 371-375
Anstey, Martin, 228
Antíoco IV Epifânio, 258, 288, 289, 318
Antonino Pio, 109, 111
Anxã: cidade e província de, 121
Ápis: culto de, 165; estela de, **165-167**
Apla, filho de Bel-iddina (um escriba), 148
Apóstatas: rejeitam 1914, 5, 6; deve-se odiá-los, 6; vão para a Geena ao morrerem, 5, 6
Apriés (= Hofra): reinado de, **167-172**
Arauto da Manhã (ed. por N. H. Barbour), 52, 54-57, 67, 80
Armstrong, Karen, 329
Arnold de Villanova, 33, 38
Artaxerxes I, 85, 95, 97, 229, 374, 413, 430, 431
Artaxerxes II e III, 229, 421, 433
Arthur, D. T., 45, 49, 366, 367
Ascalom: desolada em 604 AEC, 235
Assur-etil-ili: reinado de, 134, 135, 388, 389
Assur-Ubalit II, 273, 274
Assíria: anos finais da, 272-275, 439, 440
Assur (cidade da Assíria): captura de, 273
Assurbanipal: reinado de, 133, 135, 388
Astíages (rei da Média), 121, 291
Astour, Michael C., 86
Astrologia: babilônica, 182, 183, 390, 391
Astronomia: estudo dos textos babilônicos, 180, 181; locais de observações (com mapa), 181, 182; número e natureza das tabelas, 183, 184; o ano astronômico "0", 195; resumo da evidência, 219-225; confiabilidade das tabelas, **419-426**; cálculos versus observações, 217-219, **426-434**; datas não revisadas na época selêucida, 192-195, **429-434**. Veja também *Diários Astronômicos*, *Tabela de Saturno*, *Textos de Eclipses Lunares*, *Strm. Kambys. 400*
Avil-Marduque: reinado de, 113, 125, 132, 137, 138, 140, 152, 153-156, 370, 378-383, 409
Babilônia: queda de, 93, 102, 104, 252, 262-264, 386, 439
Bacon, John, 325
Barbour, Nelson H., 45, **50-57**, 66, 72, 77, 81
Bardiya, 430
Barnes, W. H., 262
Barry, Lloyd, 8
Barstad, Hans M., 25
Barta, Winfried, 169, 171
Baruque: secretário de Jeremias, 373
Baumbach, H. Dale, 14
Beaulieu, Paul-Alain, 114, 127-132, 162, 163, 202, 236, 383, 385, 389, 419
Beckwith, Roger T., 229
Bell, George, 35, 38
Belsazar: morto em 539 AEC, 88, 236; 1º e 3º ano de, 291

Bengel, Johann A., 43
Berger, Paul-Richard, 126
Beroso, **106-109**, 112, 174, 175, 194, 224, 243, 244, 339, 345-351, 356, 379, 384
Beru, unidade de tempo babilônica (duas horas), 214
Bickerman, Elias J., 96, 105, 112, 265
Bickersteth, Edward, 43
Boas novas: versão das Testemunhas de Jeová, 4, 5
Bock, Darrel L., 330
Borchardt, L., 312
Borger, Rykle, 271, 389
Boscawen, W. St. Chad, 144-146, 159, 377
Bowen, Christopher, 51
Breasted, James Henry, 165, 244
Bright, John, 276, 370, 440
Brinkman, John A., 110, 113, 117, 123, 160, 198, 362
Britton, John P., 202, 203, 209
Brown, John Aquila, **37-42**, 69, 78, 79, 304, 324
Bruce, F. F., 308
Brute, Walter, 32, 38
Bullinger, E. W., 228
Burganger, Karl, 81, 98
Burrows, Eric, 271
Burstein, Stanley Mayer, 107-109, 112, 158, 243, 379, 384
Calment, Jeanne, veja *Longevidade*
Cambises: reinado de, 99, 386; conquista do Egito, 169; "11º ano" de, 377
Campbell, Jr., Edward F., 342-345
Campbell, W. S., 367
Cânon de Oppolzer, 393
"Cânon de Ptolomeu", 106, 109, 110, 111, 112, 127. Veja também *Cânon Real.*
Cânon Real (ou, "Cânon de Ptolomeu"): abordagem do, 106, **109-115**, 111 (imagem), 136, 174, 175, 192, 224, 339
Cânon Saros (LBAT 1428), 218
Carquemis: Batalha de, 172, 237-243, 272, 345, 346, 348, 368, 370
Casa comercial de Egibi, **143-147**, 377
Chorbáh, veja *Desolação*
Ciaxares, rei da Média, 122, 273
Ciclo saros, 202, 203, 209, 387
"Cilindro de Ciro", 105
Cilindro de Sipar, 132, 291
Cinturão zodiacal, 423
Ciro: rei de Anxã, 121; derrota a Média, 121, 122, 291; reinado total de 29 anos, 121; governou Babilônia por 9 anos, 87-92, 94, 95, 386; predito, 227; decreto de, 104, 263; "10º ano" de, 378
Clarke, I. F., 74
Clemente de Alexandria, 352
Collins, John J., 299, 396, 397
Conferências Proféticas de Albury Park, 42, 44
Contabilidade: babilônica, 153; o "livro-razão" *NBC 4897* (com imagem), **153-156**
Contagem inclusiva, 404
Contenau, G., 140, 377
Contra Apião (de Josefo): Jerusalém desolada por *cinqüenta* anos, **349-351**
Cooper, David L., 228
Couture, Philip, 361-363
Cowles, J. P., 49
Coxon, Peter W., 299
Crise Mundial, 49, 52, 365, 366
Crônica de Akitu (BM 86379), 196, 220
Crônica de Nabonido, 93, 94, 120, 136, 159, 162
Crônica Real, 129, 175
Crônicas: Neobabilônicas, **116-123**, 174, 175; natureza das, 116-118; confiabilidade das, 122, 123; *BM 21946*, 118, 119 (imagem), 238-240, 244, 346, 347, 398, 399, 402, 403; *Crônica de Nabonido*, 120 (com imagem); *BM 21901,* 275; *BM 22047,* 406
Cronologia absoluta, **86**, 115, 179
"Cronologia de Oslo" (de Furuli), **413-445**
Cronologia: papel central no ensino da Torre de Vigia, 2, 5; absoluta e relativa, **86-89**; Assiro-Babilônica, 273; Neobabilônica (tabelas), 113, 137, 142, **410-412**. Veja também *Períodos de tempo: 70 anos*
Cummings, Jonathan, 49
Cuneiforme: escritos e tabuinhas, 116
Cuninghame, William, 42
Dandamaev, M. A., 135, 139, 143, 146, 148, 150, 158, 160, 275, 386
Dario I, 87, 123, 146, 229, 352, 430
"Dario, o medo", 88, 91, 229
"Data absoluta": o uso de 539 A.E.C. como, 93, 94
Datas sobrepostas, 361, **378-386, 415-419**
Datas, específicas: **776 AEC**, início da Era Olímpica, 96; **689 AEC**, desolação de

Babilônia por Senaqueribe, 271; **652/651 AEC**, Batalha de Hiritu, 194-198; **610/609 AEC**, captura de Harã e queda da Assíria, 131-133, 273-277, 406; **607 AEC**, desolação de Jerusalém e início dos Tempos dos Gentios na cronologia da Torre de Vigia, 7, 68, 85, 90, 92, 99, 101, 103-106, 114, 212, 226, 268 , 332, 333, 341, 345, 356-364; **606 AEC**, data anterior para o início dos Tempos dos Gentios, 45, 47, 54, 57, 60, 61, 68-72, 91, 92, 280, 281; **605 AEC**, Batalha de Carquemis e ano de ascensão de Nabucodonosor, 24, 81, 237-241, 246, 270-272, 374, 394; **604 AEC**, 1º ano de Nabucodonosor, 69, 81, 114, 145, 187; **597 AEC**, deportação de Joaquim , 344, 345; **589 AEC**, começa o sítio de Jerusalém, 266, 268; **587 AEC**, 18º ano de Nabucodonosor e a desolação de Jerusalém, 7, 59, 91, 95, 99, 114, 133, 150, 172-179, 187, 213, 219-225, 267-269, 278, 280, 278, 341-345; **586 AEC**, data alternativa para a desolação de Jerusalém, 7, 88, 344, 345; **568/567 AEC**, 37º ano de Nabucodonosor, fixado pelo *VAT 4956*, 98, 99, 185-190, 194; **550 AEC**, queda da Média, 121; **539 AEC**, queda de Babilônia, 85, 87, 90-102, 104, 121, 236, 237, 277, 295, 342, 353; **538 AEC**, primeiro ano de Ciro, 89-93, 95, 100; retorno dos exilados judaicos, 105, 262; **537 AEC**, data da Torre de Vigia para o retorno dos exilados, 105, 226, 237; **536 AEC**, fim dos 70 anos na cronologia de Russell, 90-92; **530 AEC**, último ano de Ciro, 99, 100; **455 AEC**, 20º ano de Artaxerxes I na cronologia da Torre de Vigia, 85, 95, 97, 229, 413, 414; **445 AEC**, data correta para o 20º ano de Artaxerxes I, 95, 97, 229, 413, 414; **70 EC**, destruição de Jerusalém pelos romanos, 288, 328, 330; **622**, primeiro ano da era *Hégira*, 40; **1798**, marcado como o início do "tempo do fim" pelos grupos adventistas, 35, 322, 326; mudado para **1799** por C. T. Russell, 326; **1843**, predito como o fim de períodos de tempo proféticos e do segundo advento, 40, 42, 45, 46, 48; mudado depois para **1844**, 40, 42, 45, 46, 49; mudado depois para **1873** por N. H. Barbour, data do segundo advento fixada por N. H. Barbour, 51, 52, 56; mudada depois para **1874**, 17, 50-53, 57, 284; **1914**, data da Torre de Vigia para o início do reinado de Cristo e fim dos tempos dos gentios, 2-6, 46, 47, 50, 54, 55, 58, 61, 68-73, 75-83, 90-92, 270, 278, 280, 284, 286, 302-310, 313, 314, 319-326, 357, 364; fim dos tempos dos gentios mudado para **1934** pelos Estudantes da Bíblia do IBP, 278-286; **1941**, predito como sendo o clímax do "tempo de tribulação", 17, 325. — *Para tabelas sobre aplicações dos 1.260 e 2.520 anos, veja as páginas 38 e 70-71.*
Dean, David Arnold, 365-368
Declaração Balfour, 304
Delaisi, M. Francis, 75
Delitzsch, Friedrich, 244
Delling, G., 316
Depuydt, Leo, 109
Desolação (*chorbáh*) de Judá, 226, 233
Diakonoff, I. M., 122
Diários astronômicos: descrição de, 183-185; tabela de, 186; fotos de, 190, 194; *VAT 4956*, 98-102, **185-194**, 219, 224, 415, 419-422, 426, 427, 429, 433; *BM 32312,* **194-198**, 220, 339-340
Diodoro, 94, 98
Dionísio Exíguo, 85
Dougherty, Raymond Philip, 106
Doutrina da trindade, 50
Drews, Robert, 109
Drummond, Henry, 42, 44, 53
Duffield, George, 52, 325
Dunlap, Edward, 23, 332
Ecbátana, capital da Média, 121
Eclipse solar: *em 585 AEC*, 123
Eclipses lunares: *522 AEC* (no *Strm. Kambys. 400*), 99; *554 AEC,* 128-130, 363; *568 AEC* (no *VAT 4956*), 191; descrição de, 203; discussão sobre textos de eclipses lunares, **201-209**; eclipses *penumbrosos*, 211, 214, 217; cálculo retroativo de, 217-219; e astrologia, 390, 391; identificação de, 391, 392; e a rotação da terra, 392, 393
Edgar, John e Morton, 60, 61, 394, 395
Edwards, T. C., 315
Éhulhul (templo de Sin): destruição do, 131, 132; reconstrução, 132, 386, 387
Elliott, Edward Bishop, 31, 43, 45, 47, 51, 72, 79, 81, 325
Em Busca da Liberdade Cristã (Raymond Franz), 5
Emerson, Joseph, 325
En-nigaldi-Nana, filha de Nabonido, 128

Enuma Anu Enlil, 129, 390, 391
Eph'al, Israel, 233
Epping, J., 180
Era Cristã, 84, 85
Era Olímpica, **96-98**
Eratóstenes, 96
Erlandsson, Seth, 25, 230, 251, 266
Esar-Hadom, 271
"Escravo fiel e discreto", 16, 17
Estela de Adade-Gupi, veja *Inscrições reais*
Estela de Hila, veja *Inscrições reais*
Estudantes da Bíblia Associados, 279
Estudantes da Bíblia da Aurora, 363
Estudantes da Bíblia, 80, 83; periódicos dos, 283
Estudo Perspicaz das Escrituras: corte no artigo sobre "Cronologia", 23; exame crítico do artigo sobre os "Tempos Designados das Nações", **287-297**
Eusébio Pânfilo (de Cesaréia), 94, 98, 106-108, 121, 168, 350, 352
Evans, James, 115
Evers, Sheila M., 91, 144, 145, 377
Evidência prosopográfica, **142-151**, 177
Evil-Merodaque, veja *Amel-Marduque*
Examinador da Bíblia (de George Storrs), 50, 56, 57, 72, 368
Expectativa de vida, veja *Longevidade*
Faber, George Stanley, 325
Fatoohi, Louay J., 202
Faulstich, E. W., 426
Fensham, F. C., 271
Feuerbacher, Alan, 25
Fiala, Alan D., veja *Liu, Bao-Lin*
Finegan, Jack, 440
Fishbane, Michael, 260
Fleming, Jr., Robert, 35, 325, 326
Foxe, John, 34
Frame, Grant, 196, 198
Franz, Frederick W., 5
Franz, Raymond, 5, 20, 23-25, 72, 332, 333
Freedman, David Noel, 343-345
Freedy, K. S., 375
Frere, James Hatley, 41
Froom, Edwin LeRoy, 28, 29, 325, 365
Fry, John, 42, 52
Furuli, Rolf, 360, 361; revisão do livro de, 413-445
Gadd, C. J., 132, 134, 135, 136, 387, 388
Gane, Erwin Roy, 365
Garelli, P., & V. Nikiprowetsky, 388
Gedalias, 268
Geórgio Sincelo, 106, 107
Geração de 1914: mudança da, 2-4
Gerber, M., 388
Gilpin, Robert, 36
Ginzel, F. K., 111, 393
Goodspeed, Edgar, 244
Gottwald, Norman K., 231, 253
Graebner, Theodore, 75, 76
"Grande Desapontamento", 46, 51
"Grande tribulação", 287, 288, 289
Grant, Miles, 367
Grasshof, Gerd, 424
Grayson, A. K., 117, 118, 120, 122, 124, 125, 132, 136, 162, 197, 198, 235, 238, 245, 274, 340, 341, 344, 346, 347, 374, 399, 402, 407
Greenfield, Jonas C., 234
Grew, Henry, 365, 367
Griffin, Edward D., 325
Gruss, Edmund C., 12
Guerra dos Trinta Anos, 36
Guinness, Henry Graham, 278, 279, 304
Hale, Apollos, 49
Hamate, localização de, 238
Hananias: profecia de, 245, 407, 408
Hanson, Bengt, 14, 15
Harã, captura de, 131, 132, 274, 275, 405
Harkavy, A., 438, 439
Hartner, Willy, 388, 393
Hasel, Gerhard F., 405
Hastings, H. L., 367
Hatu: localização de, 240; mapa de, 242; conquista por Nabucodonosor, 240, 241, 346, 374
Hawkins, J. D., 240
Helck, W., & W. Westendorf, 170, 171
Henderson, J. A., 203
Hengel, Martin, 310, 311
Hengstenberg, Ernst Wilhelm, 95, 348, 349, 395, 397
Herbst, Wolfgang, 323
Heródoto: sobre o reinado de Ciro, 121, 386; sobre o reinado de Astíages, 122; sobre os reinados de Amásis e Psamético III, 168
Hill, John, 235
Himes, Joshua V., 366
Hiparco, 112, 115
Hípias, 97
Hipólito: sobre os "sete tempos", 300
Hiritu, Batalha de, 196, 197

Hodson, F. R., 187, 195, 202
Hofra (Jer. 44:30), 164. Veja também *Apriés*
Holmes, W. A. 43
Horemheb (foto), 312
Huber, Peter, 191, 192, 204
Hughes, Jeremy, 352
Hulth, Hasse, 12
Hunger, Hermann, 25, 184, 185, 190, 204, 206, 211, 222, 223, 416, 421-425, 428-434
Hutchinson, Richard, 46
Hyatt, J. P., 240, 370, 400
I Guerra Mundial: "um momento decisivo marcante" 36; expectativas para, 58, 59; expectativas não cumpridas, 64-66, 302; reinterpretação, 66-68; ano da não previsto, 73, 324-326
Iavé, Jeová, 25
Idin-Marduque, filho de Iqisha, 149
Igreja Cristã do Advento, 52, 365-368
Imortalidade condicional, 50, 365-367
Império Romano: o quarto reino, 315
Ina-Esagila-ramât, 149
Inquisição: no passado e no presente, 18, 19
Inscrições reais, neobabilônicas: número das restantes, 126; arranjos das, 128; *Nabon. Nº. 18*, 128-130, 363; *Nabon. Nº. 8* (*Estela de Hila*), 130-133, 224, 339, 386, 387; *Nabon. Nº. 24* (*Nabon. H 1, B*, ou *Estela de Adade-Gupi*), 131-136, 224, 339, 388, 389; resumo, 175-177
Instituto Bíblico Pastoral (PBI, em inglês), 279-286
Israel: divisão do reino, 262; Israel espiritual, 305, 307, 308; veja também *Judeus*
Istar (Eana): estátua de, trazida a Babilônia em 539 AEC, 162
Iti-Marduque-balatu, 145, 146
James, T. G. H., 276
Jeffrey, Arthur, 233
Jejum: setenta anos de, 267, 268
Jenni, Ernst, 25, 248, 251, 252, 441-443
Jeoacaz, reinado de, 406, 407
Jeoiaquim: "terceiro ano" de (Dan. 1:1), 370, 371, **394-404**
Jerusalém: cidade de, 65, 279; período do sítio, 408; Jerusalém celestial, 303-305, 321
Jesus Cristo: entronização de, 306; domínio universal de, 308-310; "esperando" à destra de Deus, **310-315**; reinando "no meio de seus inimigos", **315-317**; expulsa Satanás, **317-322**. Veja também *Reino de Cristo.*
Joaquim de Flora, 31, 32, 38, 68
Joaquim: deportação de, 368, 369, 400-403; 37º ano do exílio, 409
Johnson, Paul S. L., 92, 279, 282, 284
Jonsson, Carl Olof: pesquisa sobre os Tempos dos Gentios, 6-8; correspondência com a sede da Torre de Vigia, 8-11, 14, 15; audiências com, 9, 12, 14; excomunhão de, 18-21
Josefo, Flávio, 107, 108, 299, 348-351, 356, 395. Veja também *Contra Apião*
Josias, morte de, 171, 405, 406
Judeus, judaico: perseguição parou em 1914, 64; imigração para a Palestina, 304; nação, restaurada em 1948, 329
Junções cronológicas, **151-163**, 178
kairoí ethnôn (tempos dos gentios), 327
Kákosy, László, 165
Kandalanu: reinado de, 123-125, 136, 197-201, 204, 205, 208, 209, 217, 219-222
Keel, O., 312
Keil, Carl F., 257, 300, 435, 436
Keith, B. W., 53
Kennedy, D. A., 198
Kienitz, Friedrich Karl, 164, 165, 169, 375
Kitchen, K. A., 262
Kohler, J., e F. E. Peiser, 147
Koldewey, R., 127
Kratz, Reinhard Gregor, 290
Krecher, Joaquim, 146
Kugler, Franz Xaver, 100, 110, 181, 262, 418-420
Laato, Antti, 122
Labashi-Marduque, reinado de, 113, 114, 125, 133, 137, 140, 141, 156-158, 176, 376, 383-385
Ladd, R. E., 367
Lambert, W. G., 130
Lamsa, G., 438, 439
Landsberger, B., 128, 133
Langdon, Stephen, 126, 128, 130
Lápide tumular, 164-168, veja também *Ápis*
Larsson, Gerhard, 346
Leichty, Erle, 139, 199, 416, 419
Lengtat, Reinhard, 23
Lepsius, R., 312
LeQueux, W., 75
Levine, Baruch A., 261, 300
Lewy, Hildegard, 128, 129, 130, 135
Lindén, Ingemar, 25, 49
Lista de Reis de Uruque: sobre Labashi-

Marduque, 114, 125; discussão da, **124-126**; 381, 382
Listas de reis, babilônicos, **123-126**
Liu, Bao-Lin, & Alan D. Fiala: cânon de eclipses, 207-216, 393
Longevidade: no período neobabilônico, 147-150; em nossos dias, 150
Longman III, Tremper, 136
Luckenbill, D. D., 271
MacCarty, William, 12, 362
MacGinnis, J., 384
Macmillan, Alexander H., 66, 302
Maitland, Charles, 31
Malamat, Abraham, 147, 375, 406
Maneto: sobre os reinados de Amásis e Psamético III, 168
Marduque, 271, 291
Mariette, Auguste, 165, 166
Marsh, Joseph, 52
Maspero, G., 167
Matthias, Barnett, 49
Mede, Joseph, 42
Meeus, Jean, & Hermann Mucke: cânon de eclipses de, 393
Megástenes, 106
Meissner, Bruno, 143, 144
Mercer, Mark K., 400
Meyer, Eduard, 110
Meyer, G. B., 304
Milenaristas, milenialistas, 75
Miller, Molly, 122, 170
Miller, William, 45, 46, 48, 51
Mitchell, H. G., 266
Mitchell, T. C., 105
Montes Zagros, 425
Morgan, G. Campbell, 343, 344
Morgenstern, Julian, 374, 375
Morrison, L. V., 392
"Movimento do sétimo mês", 46
Movimento milerita, 37, 45
Movimento Missionário da Casa dos Leigos (LHMM, em inglês), 279, 282-286
Mowinckel, Sigmund, 374
Mulher, no céu, 318, 319 (imagem), 319
Muxezibe-Marduque, 156
Nabon. H 1, B, veja *Inscrições reais*
Nabon. N ºs. *8, 18, 24*, veja *Inscrições reais*
Nabonassar, 108, 109, 111, 112, 117, 433
Nabonido: reinado de, 88, 93, 104, 120-122, 129, 140-142, 146, 159-163, 385, 386, 416-419; exilado para Carmânia, 236; "Relato Versificado" de, 291; "Oração de Nabonido", 299, 300
Nabopolassar: reinado de, 117-120, 125, 127, 131-133, 137, 142, 151, 197, 198, 201, 220; derrota a Assíria, 274; morte de, 239, 240
Nabu-ahê-idina, 145, 152, 158
Nabucodonosor II: reinado de, 85, 88-91, 134, 140, 142, 146, 151-156, 180, 210-225, 378-381; conquista do Egito, 172, 173; 37º ano (no *VAT 4956*), 98-102, **185-194**; reinado fixado por eclipses lunares, **209-218**; derrota Neco em Carquemis, 237-243, 370; conquista Hatu, 240, 241, 345-349; retrato de, 239; "cabeça de ouro", 280; "sete tempos" de, **286-301**, 292 (imagem); atividades de, 291, 293, 297-299, 298 (tabela)
Nahawendi, 30
Napier, John, 34
Nebuzaradã, 268
Neco II: reinado de, 164, 167-172; derrotado em Carquemis, 237-241, 274-276
Nemet-Nejat, K. R., 154-156
Neriglissar: reinado de, 113, 125, 134, 140-142, 146, 156-158, 377, 381-383
Neugebauer, Otto, 86, 110, 181, 182, 185, 203, 391, 426
Neugebauer, P. V., 185, 192, 422
Neumann, H., 300
Newton, Isaac, 91
Newton, Robert R., 115, 393
Nissen, H. J., *et al*, 153
Nolland, John, 330
Nur-Sin (casa comercial), 133, 147, 149
O Arco-Íris (ed. William Leask), 53
O Grito da Meia-Noite (de N. H. Barbour), 52-54
Oates, Joan, 388, 389
Oberhuber, Karl, 161, 162
Olmstead, A.T., 108, 218
Olshansky, S. Jay, 150
Oppenheim, A. Leo, 135, 172, 173
Orr, Avigdor, 253, 260
Palmer, R. R., 36
Pannekoek, A., 390
Parker, R. A., & W. H. Dubberstein: sobre *Cronologia Babilônica*, 114, 140, 265, 267, 375, 378, 416-418
Parker, Richard A., 169
Payne, J. Barton, 355
Peat, Jerome, 160, 386

Pelúsio, 348
Penton, James, 25, 56
Período neobabilônico: definição do, 104, 118
Período saítico: cronologia do, **164-171**
Período selêucida, 191, 194, 202
Períodos de tempo: **3 1/2 dias** (Rev. 11:8), 31; **40 anos-dias** (Núm. 14:34; Ez. 4:6), 28; **390 anos-dias** (Eze. 4:5), 28; **70 semanas** (Dan. 9:24-27), 29; 227-230, 289; **42 meses** (Rev. 11:2), 328; **7 tempos** (Dan. 4), veja *Sete Tempos;* **70 anos**, 88-93, 226, **230-277**, 280, **345-356,** 415, **434-445**; **1242 anos (julianos)**, 38 (tabela); **1260 anos (lunares)**, 37, 38 (tabela), 79; **1260 anos**, 30-37, 38 (tabela), 41, 42, 51, 54, 68, 297, 301, 325; **1290 anos**, 29-34, 38 (tabela), 51, 69, 296; **1335 anos**, 29, 30, 51, 296, 325;
2300 anos, 29, 30, 37, 40, 48; **2450 anos**, 69, 70-71 (tabela); **2452 anos**, 69, 70-71 (tabela); **2520 anos**, 27, 28, 37, 41, 42, 45-48, 50, 54, 55, 57, 60, 61, 69, 70-71 (tabela), 81, 92, 103, 278, 281, 286, 290, 293-297, 301-305, 327, 358; **6000 anos**, 51
Persson, Rud, 25
Petávio, Dionísio, 95, 413
Peterson, E. H., 436
Pieters, Albertus, 244, 348, 369, 404
Pinches, T. G., 159, 164, 184, 203, 419
Ploeger, Charles, 24
Plöger, Otto, 253, 264
Plummer, Alfred, 327, 328
Plutarco, 97
Pognon, H., 133
Polistor, Cornélio Alexandre, 107
Porten, B., 371
Princípio ano-dia, 27-29, **296-297**
Pritchard, James B., 105, 124, 157, 291, 384
Profeta Daniel: idade de, 149, 150; levado para Babilônia em 605 AEC, **241-244**
Psamético I: reinado de, **167-171**; apóia a Assíria em 616 AEC, 273
Psamético II & III, reinados de, 167-171
Psamético, lápide tumular de, 167
Ptolomeu, Cláudio, 91, 109-115, 174, 188
Pym, William, 42
Rashi, rabino, 30
Rassam, Hormuzd, 139
Recabitas, 245, 246
Redeker, Charles F., 363
Redford, D. B., 375
Reino de Cristo, estabelecimento do: em *1844*, 49; a partir de *1878*, 67, 302, 303; em *1914*, 66, 67, **302-308**; na época da ressurreição de Cristo, **306-310**
Reino de Davi: restauração do, 308
Reino de Deus: no livro de Daniel, 288, 289, 294, 295. Veja também *Reino de Cristo*
Ressurreição, celestial: marcada para 1878, 67; mudada para 1918, 67
Revillout, E., 170
Revolução Francesa, 35, 36, 322, 324, 325
Ribla, localização de, 238, 240
Rice, D. S., 134
Rochberg-Halton, Francesca, 391
Röllig, W., 385
Roth, Martha T., 146, 147
Rusk, Fred, 9
Russell, Ann Eliza (Birney), 56
Russell, Charles Taze, 45, 50, 56-68, 70-72, 77, 80, 92, 279, 298
Russell, Filêmon R., 46
Russell, Joseph L., 56
Rutherford, Joseph F., 66, 67, 92, 279, 303-305
Saadia ben José, 30
Sachs, Abraham J., 24, 25, 181, 184-187, 191, 195-197, 202-205, 216, 218, 390, 416
Sack, Ronald H., 106, 127, 138, 152, 156, 379, 381, 383
Saggs, H. W. F., 132
Salomão ben Jeorão, 30
Samas-sum-iuquin, reinado de, 117, 136, 196-198, 206-209, 217, 220, 376
Samuel, Alan E., 96
Satanás: expulso do céu, **317-322**
Saturno, observações de: 187, 189, 199-201, 222, 223
Schaumberger, P. J., 181
Schmidt, E. F., 229
Schmidtke, Friedrich, 112
Schnabel, Paul, 107, 109
Schramm, W., 136
Schreckenberg, Heintz, 350
Schroeder, Albert D., 9, 12, 13
Seder Olam Rabbah, 229, 352, 397
Seeley, Robert, 79
Segundo Adventistas, 49, 365-368
Seiss, Joseph A., 53, 79
Seleuco II, 123
Senaqueribe, 112, 136, 205, 271

Septuaginta (LXX): sobre *Jer. 25:1-12*, 231, 438, 440, 441; sobre *Jer. 29:10*, 251, 252; sobre *Dan. 12:1*, 287; sobre Dan. 4, 299; omite *Jer. 52:28-30,* 369
Sete tempos, 41, 42, 43, 45, 79, 103, **286-301**
Setenta anos, veja *Períodos de tempo: 70 anos*
Shea, William H., 402
Shiff, Laurence Brian, 147
Shula (Sula): chefe da empresa Egibi, 145
Sinal da "presença" de Cristo, 323, 324
Sincronismos: entre Babilônia, Judá e Egito, **163-173**, 178, 179
Smalley, Gene, 333
Smith, George, 91, 144, 145
Snow, Samuel, 49
Sociedade Torre de Vigia: alegações da, 2, 3, 15-18, 21, 22, 322, 323, 356-359
Soderlund, Sven, 231
Sogdiano, 431
Spiegelberg, W., 169
Stager, Lawrence E., 235
Steele, John M., 25, 101, 176, 203, 207, 218, 219, 222, 420, 428
Stephenson, F. Richard, 130, 202, 392
Sterling, Gregory E., 107, 108
Stern, Menahem, 244
Stern, Sacha, 371
Stetson, George, 56
Storrs, George, 56, 57, 228, 365-368
Strassmaier, J. N., 180, 203, 416-418
Streeter, R. E., 279, 281
"Strm. Kambys. 400", **99-102**, 420, 421
Stuhlmueller, Carrol, 267
Svensson, Rolf, 12
Swerdlow, N. M., 423, 424, 427, 429, 432
Swingle, Lyman, 332
Taarca, reinado de, 166
Tabuinha de inventário *SAKF 165*, **160-162**
Tabuinha de Saturno, **199-201**, 220, 224
Tabuinhas comerciais, veja *Textos econômico-administrativos*
Tadmor, Hayim, 128, 388, 406
Talmon, Shemaryahu, 289
"Tempo de tribulação": começará em 1910 e terminará em 1914, 59; terminará *depois* de 1914, 59; "uma luta de classes", 64; início mudado para 1914, 64; culminará em 1941, 325
"Tempo do fim": 1798-1873, 52; não é o "Fim dos Tempos", 289; 1866-1941, 326
"Tempo", do grego *kairós*, 287, 299; do aramaico *iddan*, 299-301
Tempos designados das nações, ver *Tempos dos Gentios*
Tempos dos Gentios, 4, 7, 27, 28, 32-35, 37, 42, 43, 45, 54, 58, 70, 71, 78-82, 90, 92, 103, 270, 278-287, 302-305, 324, **327-331.**
Tempos dos gentios, veja *Tempos dos Gentios*
Tempos Proféticos (ed. J. A. Seiss *et al*), 53, 81
Teodocião: versão de, 299; sobre Dan. 12:1, 287; sobre os sete tempos de Dan. 4, **299**
Teodoreto, sobre os "sete tempos", **300**
Teófilo de Antioquia, 351-353, 356
Terry, Milton S., 297, 328
Tertuliano, 229
Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus (1993): sobre as predições de C. T. Russell para 1914, 72, **78-83**
Texto massorético (MT), de Jeremias: confiabilidade do, 231, 361
Textos de eclipses lunares (textos de ciclos Saros): abordagem do LBAT 1417-1421, **201-223**
Textos econômico-administrativos: discussão sobre, 99-101, **138-142**, 177, 224, 225, 340; números publicados, 139, 140; informação cronológica (tabela), 142; arquivos de, 143; erros de cópia, leitura e escrita, **375-378**
Thackeray, H. St. J., 108, 350
Thiele, Edwin R., 262, 371, 375, 404, 406
Thompson, J. A., 233, 267, 369
Thompson, R. Campbell, 101, 376
Timeus Sicilo, 96
Tiro: setenta anos de, 230, 271
Toomer, G. J., 110, 115
Torrey, R. A., 76
Tregelles, Samuel P., 296
Turner, Joseph, 49
Tutmósis III (imagem), 312
Uman-manda (= medos), 131, 274
Ungnad, Arthur, 145, 146
União da Vida e do Advento, 367, 368
USH, unidade de tempo babilônica (quatro minutos), 206
Ussher, James, 59, 91, 95
van der Waerden, Bartel L., 187, 189, 191, 192, 391, 423
van Dijk, J., 124, 126, 146
van Driel, G., 145, 154-156

VAT 4956, veja *Diários astronômicos*
"Venha o Teu Reino" (1981); defende 607 AEC no "Apêndice ao Capítulo 14", 13, 333-338; exame do Apêndice, **339-356**
Versão Vulgata, 440, 441
"Vinda invisível": em *1844*, 49; em *1874*, 50, 53; por volta de *1875*, 68; em *1914*, 68
Vitorino, 31
Voigtlander, E. N., 117
von Bismarck, Otto, 74
Waddell, W. G., 168
Wagebald, Michael, 75
Walker, C. B. F., 25, 199-201, 376, 379, 381, 418, 420
Walker, P. W. L., 329
Walters, Al, 289
Weidner, Ernst F., 185, 192, 422
Weingort, Saul, 146
Weisberg, David B., 380
Weissbach, F. H., 377, 378, 418
Wellcome, Isaac C., 49, 366
Wendell, Jonas, 52, 56
Wendell, Rufus, 367
Whiston, William, 351
White, Ellen G., 365
Willis, D. M., 422
Wilson, Benjamim, 53, 367
Wilson, Curtis, 423
Wilson, Dwight, 75, 76, 279, 329
Wilson, Gerald H., 255
Winckler, Hugo, 244
Winkle, Ross E., 276, 414
Wiseman, Donald J., 25, 88, 117, 139, 218, 238, 240, 244, 272, 275, 293, 300, 301, 372, 376, 379, 406, 407
Wright, G. Ernest, 343
Wunsch, Cornelia, 149
Xerxes, 95, 229, 430
Yamauchi, Edwin M., 229
Young, Edward J., 227, 289, 300, 317, 404
Zawadzki, Stefan, 160, 274, 275, 379, 380, 383
Zedequias, reinado de, 85, 86, 407
Zevit, Ziony, 234

Referências Bíblicas

Números de páginas em *itálico* indicam que a referência ao texto encontra-se numa nota de rodapé. Números de páginas em **negrito** indicam que a passagem é discutida com algum detalhamento.

Gênesis
5:12 *271*
7:4 296
11:26 *271*
46 *271*
50:3 *271*

Êxodo
1:5 *271*
15:27 *271*
24:1 *271*

Levítico
25:1-7 *261*
25:3, 4, 8, 9 *29*
25:8-28 *262*
26:12-28 42
26:31, 33 *233*
26:34, 35 261

Números
11:16 *271*
14:34 28, 296

Deuteronômio
10:22 *271*
30:1-6 257

Juízes
1:7 *271*
8:30 *271*
12:14 *271*

2 Reis
10:1 *271*
22:3-23:23 372
22:3-10 372
23:21-23 372
23:29 164, 171
23:29, 30 406
23:31-35 *238*
23:34-37 396
24:1, 2 *240*, 246, 348, 349, 396, 398, 400
24:1-7 269, 400
24:7 *240*, 276
24:8-17 *402*
24:10-12 403
24:10-15 247, 346, 409
24:11, 12 298
24:12 153, 368, 380
24:14 347
24:18-25:30 369
25:1 266, 298, 407
25:1, 2 *268*
25:1-4 408
25:2-4 *268*
25:2, 8 85, 102, 105, 180
25:6, 20-21 *238*
25:8 *344*, 345, 368
25:8, 9 *268*
25:8-12 372
25:22-25 *268*
25:27 409
25:27-30 298, 369

2 Crônicas
35:20-25 406
36:1 406
36:6 403
36:7, 10, 18 400, 401
36:9, 10 402, 403
36:10 153, 298, 380, 409
36:20-23 **259-264**
36:20 *236*, **263**
36:20, 21 252, 435, 436
36:21 104, 394
36:21-23 354
36:22, 23 *88*, 104, **262**, ***264***

Esdras
1:1-4 *88*, 92, 104, 227
1:1-3:1 *105*, 237
1:5-2:70 *105*

3:1 *105*
3:1, 2 *355*
3:8-10 *355*
4:24 *352*

Neemias
1:1 374
2:1 374, 413
2:17 *233*

Salmos
2:1-3 *320*
2:6-9 320
90:10 150, 271
103:19 294
110:1, 2 306, 310, 311
110:5, 6 315
145:13 294

Isaías
14:12-15 317, 318
23:15 271
23:15-18 *230*
44:28 227
45:1 295
45:13 227
49:19 *233*

Jeremias
1:3 372
9:11 *233*
25:1 237, *239*, 290, 298, 346, 368, 404
25:1-12 *231*
25:10-12 88-90, 104, **230-241**, 244, 246, 252, 265, 269, 280, 348, 353-356, 394, 434, 435, 437
25:19-26 272
27:1, 3, 12 *244*
27:2 244
27:7 272, 436, 438
27:7-9, 11 234
27:17 235
28:1 *244*, 247, 298
28:1-4 407
28:2, 3 245
28:10, 11 245
29:1, 2 247
29:1, 20 256
29:1-30 298
29:1-32 254
29:8, 9 247
29:10 88, 104, **247-253**, 256 263, 269, 276, 354, 394, 435, 436, 438-443
29:12-14 256
32:1, 2 298
34:22 *233*
35:1 245
35:11 245
36:1-6 372, 373
36:1-32 *231*
36:9 373
36:22 441
36:29 *233*
39:5-7 *238*
40:13-41:10 268
43:10 em diante. 298
44:22 *233*
44:30 164, 172
46:2 164, 172, 237,*239*, 241, 276, 298, 368, 370, 373, 394, 397, 404
47:5-7 *235*
51:64 369
52:4 266
52:4-16 298
52:6, 7 *268*
52:9-27 *239*
52:12 105, *344*, 368
52:12, 13 268
52:28 298, 369, 380
52:28, 29 345
52:28-30 347, 348, 369
52:29 105, *344*
52:31 369, 370, 380, 409
52:31-34 298, 370

Ezequiel
4:6 28, 296
8:11 *271*
21:27 302, 303
24:1, 2 266, 407
26:1, 7 298
29:1-20 298
33:21 408
33:24, 27 *233*
36:34 *233*

Daniel
1:1 244, 280, 282, 284, 298, 370, 373, 403,
1:1, 2 243, 246, 269, *344*, 348, *353*, **394-409**
1:1, 4, 6 149
1:1-4 241, 246, 269, 346, 356, 401
1:2 242
1:3, 4 348
1:21 150
2:1 243, 269, 284, 284, 290, 298, *353*, 356, **395-398**, 403, 404
2:1, 37, 38 280
2:8, 9 *299*
2:21 295, *299*
2:36-44 ***316***
2:44, 45 290
3:5, 15 *299*
4 278, **287-301**
4:3, 34-37 295
4:16, 23, 25, 32 287, 299
4:17 294, 295
4:26, 36 299
4:28 289
4:29 291
4:30 291, 293
4:33 289
5:26-31 *88*, 254
5:30 236
5:31 *353*
6:28 *88*
7:1 290, 403
7:12 *299*
7:13, 14, 18, 22, 27 290, ***310***
7:25 *299*, 301
8:1 290, 403
8:1-4, 20 *291*
8:9-12 *318*
8:9-14, 23-26 *290*
8:10, 11 *288*
8:14 29, 37
9:1,2 **254-259**, *352*
9:2 *29*, *91*, 104, 257, *258*, 394, 435
9:3 218
9:4-19 216, 217
9:11 256
9:13 256
9:24-27 29, *95*, 227, 296, 413, 414
9:24 *29*
9:27 287, *289*
10:1 150, 291, 403
10:2, 3 *29*
11:13, 27, 35, 40 *290*
11:31 287, *288*
11:36, 37 *288*
12:1 287, *288*
12:1-3 290
12:7, 11, 12 296
12:11 *29*, 33, 287, *288*
12:11,12 *29*

Amós
5:18-20 *289*
9:11 em diante *308*

Jonas
3:4 297

Ageu
1:1, 14, 15 265
2:18, 19 266

Zacarias
1:7 264
1:7-12 **264-267**, 269, 356, 444
1:12 *266*, *267,* 443, 444
1:16, 17 266
7:1 267
7:1-5 264, **267-269**, 356
7:5 284, 443, 444
8:19 *268*

Malaquias
1:4 *233*

Mateus
4:13-16 318
5:34 *311*
7:15-23 *13*
18:16 333
18:20 22
21:43 330
24:14 4
24:15 287, *288*
24:21 287, *288*
24:34 2
24:37, 39 53

24:45-47 16
24:47 16
26:64 ***310***
28:18 308, 319

Lucas
1:32 *308*
1:51, 52 295
10:1, 19 318
10:15 318
10:17, 18 318
21:24 4, 27, 32, 42, 68, 79, 103, 286, 287, 301, 304, 327, *329*, *330*
22:69 310

João
3:13 308
6:68 22, 23
9:30, 34-39 22
12:31 318
17:21-23 22

Atos
4:25-28 *320*
10:1-48 330
13:32, 33 320
15:13-18 *308*

Romanos
1:4 320
11:25 330

1 Coríntios
15:24, 25 314
15:24-26 316
15:24-28 313
15:25 313

Efésios
1:20-23 309
1:21, 22 316, 319
2:1, 2 316
6:12 316

Colossenses
1:13, 14 306, 317
1:15, 16 *316*
2:10 309
2:15 316
3:14 22

2 Tessalonicenses
2:3-5 *288*

Hebreus
1:5 320
2:8 316
2:14, 15 317
5:5 320
8:1 *310*
10:12, 13 311
10:13 **313, 314**
11:1 341
12:2 *310*

1 Pedro
3:15 360
3:22 316

1 João
1:3 22

Revelação
1:5 309
2:10 *32*
2:26, 27 *320*
3:21 306, 307, *311*
7:3 60
11:2 32, *41*, 328
11:2, 3 296
11:3 31, 32
11:9 31
11:15 307
11:15-18 *320*
11:17, 18 303
12:1-6 303, 319
12:1-10 306
12:1-12 **318-321**
12:5 320
12:6, 14 33, 34, 297, 301
12:7-12 320
12:9, 10 320, 321
12:13-17 321
16:8, 9 325
22:1, 3 *311*

Os Tempos dos Gentios Reconsiderados, do autor sueco Carl Olof Jonsson, é um tratado erudito, baseado em investigação cuidadosa e extensa, que inclui um estudo excepcionalmente detalhado dos registros históricos assírios e babilônicos relacionados com a data da destruição de Jerusalém pelo conquistador babilônio Nabucodonosor.

Esta publicação traça a história de uma longa série de teorias interpretativas associadas com profecias cronológicas, extraídas dos livros bíblicos de Daniel e Revelação, começando pelas do Judaísmo dos primeiros séculos, passando pelo Catolicismo Medieval, os reformadores e chegando ao Protestantismo Anglo-Americano do século XIX. Revela-se a verdadeira origem da interpretação que por fim produziu a data 1914 como um ano predito para ser o fim dos "tempos dos gentios", uma data adotada e proclamada mundialmente até hoje pelo movimento conhecido como Testemunhas de Jeová. A importância desta data para as pretensões exclusivistas do movimento é repetidamente enfatizada em suas publicações. A revista A Sentinela de 15 de outubro de 1990, por exemplo, diz na página 19:

> "Por 38 anos antes de 1914, os Estudantes da Bíblia, como então se chamavam as Testemunhas de Jeová, apontavam para aquela data como o ano em que os Tempos dos Gentios terminariam. Que notável prova de que eles eram verdadeiros servos de Jeová!"

O livro contém uma valiosa discussão sobre a aplicação da profecia bíblica dos "setenta anos" de domínio babilônico sobre Judá. Os leitores acharão a informação agradavelmente diferente de qualquer outra publicação que aborda este assunto.

Uma [obra] "muito valiosa ... já dirigi a atenção de vários correspondentes para ela."

— Donald J. Wiseman, Professor Emérito de
Assiriologia na Universidade de Londres, Inglaterra

"Um estudo original e profundamente sério. Vez após vez durante minha leitura fui sobrepujado por sentimentos de admiração e profunda satisfação pela maneira como o autor lida com argumentos relacionados com o campo da Assiriologia ... Jonsson demonstra, com a ajuda de argumentos irrefutáveis, que é inválida a teoria das Testemunhas de Jeová segundo a qual 607 A.E.C. foi o ano em que Nabucodonosor II, em seu décimo oitavo ano de reinado, desolou Jerusalém."

— Luigi Cagni, Professor de Assiriologia
na Universidade de Nápoles, Itália
(em seu Prefácio à Edição Italiana)